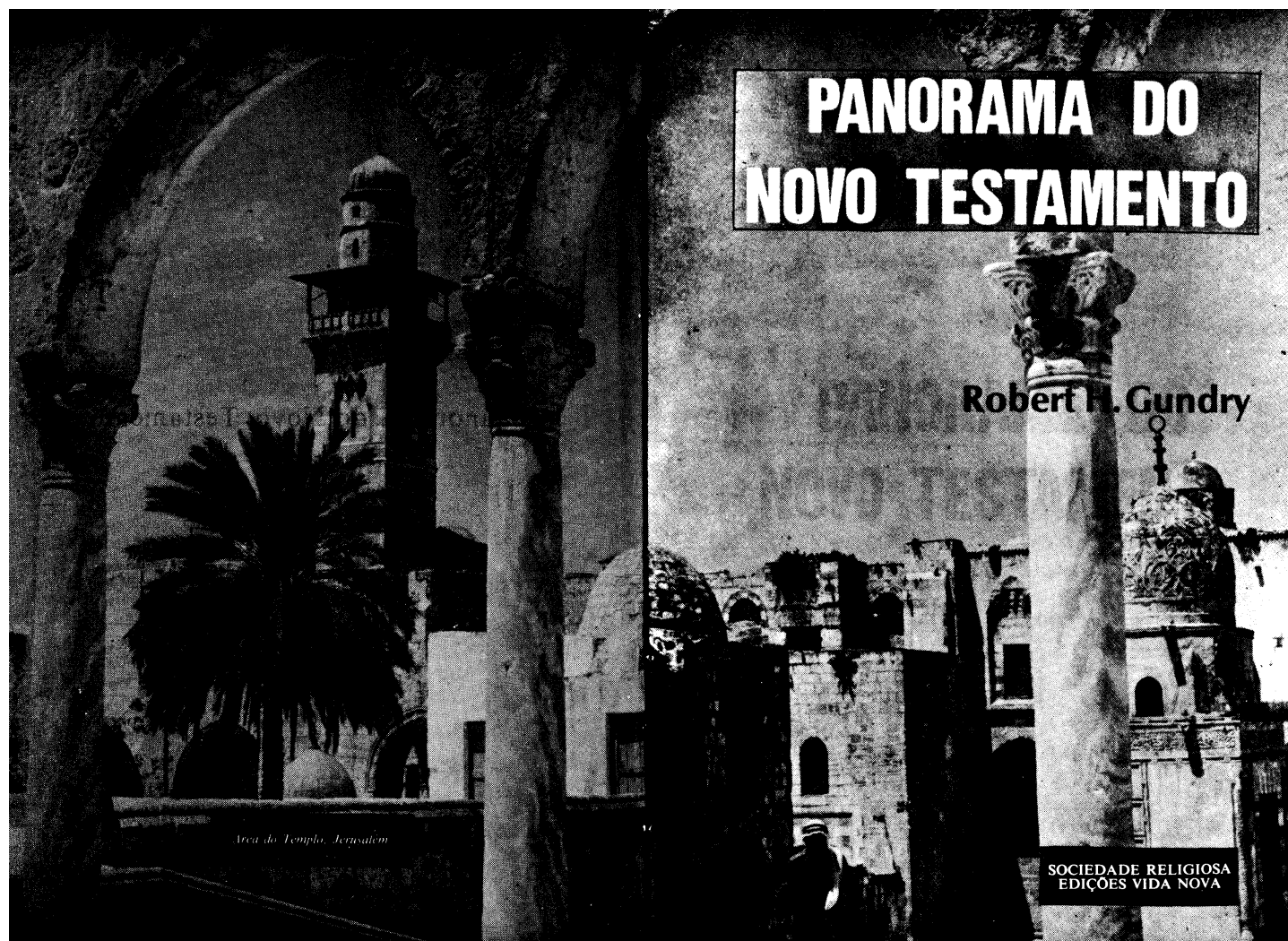


**PANORAMA DO NOVO TESTAMENTO**  
**ROBERT H. GUNDRY**



Copyright © 1970 Zondervan Corporation

Título do original: A Survey of the New Testament

Traduzido da edição publicada pela Zondervan Publishing House - Grand Rapids, Michigan, EUA

Direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21486, São Paulo, SP. 04602-970

1ª edição: 1978

Reimpressões: 1981; 1985; 1987; 1989; 1991; 1996; 1997

2ª edição: 1998

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Tradução • JOÃO MARQUES BENTES

Capa • MELODY PIERATT

Contracapa:

Panorama do Novo Testamento é considerado pelos estudiosos um clássico e vem sendo usado no Brasil há mais de 20 anos como livro de referência em seminários e que oferecem cursos de introdução ao Novo Testamento de alto nível.

A riqueza de informações deste livro torna-o uma poderosa ferramenta de estudos neotestamentários. Por ele, o estudioso é colocado no ambiente em que se formaram os textos do Novo Testamento. Discussões francas e objetivas sobre a composição dos livros (local, autoria, data e autenticidade), sobre os primeiros destinatários e sobre o mundo político e religioso de então são vitais para uma compreensão bem centrada do texto sagrado. Destaque-se ainda o fato de que o autor inclui vasto material sobre o período intertestamentário. Mais de 100 fotos, mapas e gráficos tornam este livro ainda mais prático e valioso.

## **CONTEÚDO**

Ilustrações

Mapas

Gráficos

Prefácio

Abordando o Novo Testamento

### **PARTE I - O CENÁRIO: ANTECEDENTES POLÍTICOS, CULTURAIS E RELIGIOSOS**

1 História Política Intertestamentária e do Novo Testamento

2 O Ambiente Secular do Novo Testamento

3 O Ambiente Religioso do Novo Testamento

4 O Cânon e o Texto do Novo Testamento

### **PARTE II - O EVENTO CRUCIAL: A CARREIRA DE JESUS**

5 A Vida de Jesus

6 Os Quatro Evangelhos

7 Introdução Panorâmica da Vida e do Ministério Público de Jesus

8 Estudo Harmonístico dos Evangelhos: Os Primórdios

9 O Grande Ministério Galileu

10 Ministério Posterior na Judéia e Peréia

11 O Desfecho

### **PARTE III - CONSEQÜÊNCIAS TRIUNFAIS: DE JERUSALÉM A ROMA**

12 Atos do Espírito de Cristo Mediante os Apóstolos, em Jerusalém e Cercanias

13 Atos do Espírito de Cristo por Toda Parte, por Meio de Paulo

### **PARTE IV - A EXPLICAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES: AS EPÍSTOLAS E O APOCALIPSE**

14 As Primeiras Epístolas de Paulo

15 As Epístolas Principais de Paulo

16 As Epístolas Paulinas da Prisão

17 As Epístolas Pastorais de Paulo

18 Hebreus: Jesus, Nosso Grande Sumo Sacerdote

19 Epístolas Católicas ou Gerais

20 Apocalipse: Ele Vem Vindo

21 Em Retrospecto

## **Ilustrações, Mapas, e Gráficos**

### **ILUSTRAÇÕES**

*Alexandre o Grande*, Museu Britânico

*Setuaginta*, Matson Photo Service

*Antíoco Epifânio*, Koninklijk Kabinet van Munten, Penningen en gesneden Stenen, Hague

*Modein*, Matson Photo Service

*Jope*, Matson Photo Service

*Ruínas Termas Hasmoneanas*, Palestine Exploration Fund

*César Augusto*, J.H. Kok

*Nero*, Museu Britânico

*Cesaréia*, Jack Lewis

*Itens da Rebelião de Bar Cochba*, The Department of Antiquities, Jerusalém

*Via Romana*, Matson Photo Service

*Moradias Palestinas*, Three Lions

*Pátio Palestino*, Matson Photo Service

*Vestuário Palestino*, Matson Photo Service

*Estádio Romano*, Levam Photo Service

*Teatro Romano de Amã*, Levam Photo Service

*Delfos*, Grécia, Levant Photo Service

*Santuário de Mitra*, E.M. Blaiklock

*Eleusis*, Grécia, Levant Photo Service

*O Rolo de Isaías*, American School of Oriental Research, Jerusalém

*A Sinagoga de Cafarnaum*, John F. Walvoord

*Área do Templo*, Jerusalém, Levam Photo Service

*Texto Hebraico*, American School of Oriental Research, Jerusalém

*As Cavernas de Qumran*, B. Van Elderen

*Qumran*, Levam Photo Service

*Setuaginta*, British Broadcasting Corporation

*Bíblia de Coverdale*, British and Foreign Bible Society

*Fragmentos de Papiro*, J. H. Kok

*Pella*, Levam Photo Service

*Fragmento do Evangelho de João*, John Rylands Library

*Belém*, Levant Photo Service

*Nazaré*, Consulate General of Israel

*O Rio Jordão*, Levant Photo Service

*O Deserto da Judéia*, Levam Photo Service

*Próximo do Poço de Jacó*, Samaria, Matson Photo Service

*Cafarnaum*. Three Lions

*O Tanque de Betesda*, Levam Photo Service

*Campo de Trigo*. Levam Photo Service

*Chifres de Hattin*, Matson Photo Service

*Agricultor Palestino*, Matson Photo Service

*Pescadores da Galiléia*, Matson Photo Service

*Gerasa*, Levant Photo Service

*Denário de Prata*, Museu Britânico

*Estrada Jerusalém-Jericó*, Levam Photo Service

*Moeda de Bronze da Palestina*, Museu Britânico

*A Jericó do Novo Testamento*, Levant Photo Service  
*Jerusalém*, Levam Photo Service  
*Denário de César Augusto*, Museu Britânico  
*Lâmpadas da Palestina*, Andrews University  
*Getsêmani*, Levam Photo Service  
*O Calvário de Gordon*, Matilda Alexander  
*Igreja do Santo Sepulcro*, Levant Photo Service  
*Túmulo Palestino*, Levant Photo Service  
*A Estrada de Emaús*, Levant Photo Service  
*Os Portões Cilicianos*, Levant Photo Service  
*Monte das Oliveiras*, Levam Photo Service  
*Rua Direita, Damasco*, Matson Photo Service  
*Salamina*, Levam Photo Service  
*Antioquia da Psídia*, B. Van Elderen  
*Derbe*, B. Van Elderen  
*Filipos*, Levam Photo Service  
*Atenas*, Levant Photo Service  
*O Partenon, Atenas*, Ralph W. Harris  
*Templo de Apoio, Corinto*, Levant Photo Service  
*Éfeso*, Levant Photo Service  
*Teatro de Éfeso*, Levam Photo Service  
*Inscrição do Templo de Herodes*, B. Van Elderen  
*Aqueduto Perto de Cesaréia*, Levam Photo Service  
*Via Ápia*, Levant Photo Service  
*O Coliseu de Roma*, Ralph W. Harris  
*Arco de Tito*, Levam Photo Service  
*Cartas Escritas em Papiro*, J.H. Kok  
*Icônio*, Levant Photo Service  
*Arco de Galério, Tessalônica*, Levant Photo Service  
*Canal Perto de Corinto*, Levant Photo Service  
*Ruínas de Sinagoga Perto de Roma*, Keystone Press Agency  
*Portão de São Paulo, Roma*, Levam Photo Service  
*Colossos*, Levant Photo Service  
*Ribeiro Perto de Filipos*, Levam Photo Service  
*Ruínas de Babilônia*, J. Ellwood Evans  
*Forum de Roma*, Levant Photo Service  
*Patmos*, British Broadcastin Corporation  
*Pérgamo*, Levam Photo Service  
*Altar de Zeus*, Staatliche Museen Zu Berlin  
*Sardes*, Levam Photo Service  
*Hierápolis*, Levant Photo Service  
*Planície de Esdrelom*, Matson Photo Service

## **MAPAS**

Impérios Helênicos Reino Hasmoneano  
Império Romano  
Reinos Herodianos  
Área de Qumran  
Palestina ao Tempo de Jesus  
Viagens dos Primeiros anos de Paulo  
Primeira Viagem Missionária de Paulo  
Segunda Viagem Missionária de Paulo

## GRÁFICOS

Lista dos Governadores Romanos da Judéia, 6 D.C. - 70 D.C.

Revisão da História Posterop Veterotestamentária, Intertestamentária e Neotestamentária

Genealogia Parcial da Família Herodiana

Calendário Religioso dos Judeus

Comparação dos Quatro Evangelhos

Viagens Missionárias de Paulo: Sumário das Escalas e dos Eventos Principais em Sincronia com as Epístolas Paulinas

Os Livros do Novo Testamento: Autores, Datas, Origens, Destinatários, Temas e Ênfases

## Prefácio

Um compêndio que se proponha a fazer o levantamento do conteúdo do Novo Testamento deveria reunir em si os pontos mais salientes do pano de fundo, da introdução técnica e dos comentários acerca do Novo Testamento. Sem embargo, quase todas as obras que vistoriam o Novo Testamento sofrem a deficiência de poucos comentários sobre o texto bíblico. Daí resulta que estudos dessa natureza, amiúde, acabam por deixar de lado a leitura do manancial primário e mais importante - o próprio Novo Testamento. Trata-se de séria omissão, mormente porque muitos estudantes principiantes nunca leram o Novo Testamento de modo sistemático ou completo.

Nesta vistoria, foi envidado o esforço para impelir o estudante a examinar o âmago do texto bíblico, mediante um contínuo diálogo com o mesmo, na forma de comentários e referências às porções escriturísticas de leitura pertinente. Por esse intermédio, visto poder acompanhar o fluxo de pensamento de seção para seção, o estudante vê-se capaz de obter o senso de progressão lógica. Outrossim, por esse meio também foi possível transferir do início para as seções finais do livro ao menos parte do material de pano de fundo a respeito da história intertestamentária, do judaísmo e de outros problemas, tudo o que parece tortuoso, difícil, para tantos estudiosos. Isso representa um método superior, visto que reduz a introdução desanimadoramente longa a um típico curso de nível colegial sobre vistoria neotestamentária, que melhor capacita o estudante a ver a relevância do material de pano de fundo como auxílio para interpretação do texto, e acima de tudo, que impede que o compêndio venha a suplantiar o Novo Testamento.

A bem da verdade, tal maneira de proceder forçosamente abrevia o exame da história intertestamentária e da história romana. Mas isso não faz diferença para o estudante iniciante, porquanto ao menos não obscurecemos o quadro principal por não nos demormos sobre os detalhes secundários a respeito das querelas da família dos Hasmoneanos, das intrigas políticas dentro da dinastia dos Herodes e de similares questões incidentais.

Após o necessário material de introdução, os evangelhos são pesquisados tanto em separado quanto em harmonia, a fim de nos valermos das vantagens de ambas essas abordagens. A despeito do fato que não foram esses os primeiros livros do Novo Testamento a serem escritos, os evangelhos são considerados em primeiro lugar porque o seu assunto fornece a base para tudo quanto se lhe segue. Com o propósito de evitar a descontinuidade, o estudo do livro de Atos vem em seguida, sem interrupção. As epístolas de Paulo, Hebreus, as epístolas gerais e o Apocalipse aparecem em prosseguimento, seguindo uma aproximada ordem cronológica (até onde esta pode ser determinada), juntamente com indicações de seu entrosamento com episódios do livro de Atos. Do começo ao fim, os comentários sobre o texto bíblico (em adição às discussões de cunho introdutório) não servem meramente para sumariar ou passar em revista o que por si é auto-evidente, mas concentram a atenção sobre aquilo que não se faz prontamente claro para o leitor desabituaado.

Perguntas bem colocadas introduzem capítulos e seções, como artifícios didáticos que despertam a atitude de expectativa, que induzem o estudante a inquirir corretamente o material,

dirigindo os seus pensamentos aos canais apropriados. Os cabeçalhos das seções e os tópicos postos à margem de parágrafos ou de grupos de parágrafos relacionados entre si, conservam o estudante bem orientado. Esboços sumariadores sistematizam o material repassado. Indagações tendentes a discussões mais profundas ajudam não só a passar em revista o material dado, mas também a utilizar o mesmo e aplicá-lo à vida contemporânea. Sugestões quanto a posteriores investigações (leitura colateral) incluem comentários e outras obras modelares, como antigas fontes informativas primárias, estudos acerca de tópicos variados e outra literatura pertinente.

A perspectiva teológica e crítica deste compêndio é evangélica e ortodoxa. Em uma obra de levantamento, considerações de volume e a própria finalidade da obra eliminam a plena comprovação de pressuposições e de metodologia, além de uma mais completa crítica sobre pontos de vista contrários. Não obstante, fazemos menção freqüente a outras posições; e algumas vezes aparece alguma literatura não-ortodoxa, sempre indicada como tal, entre as sugestões sobre leituras colaterais. Os instrutores poderão guiar seus estudantes a avaliarem mais plenamente essas fontes suplementares.

Na tradução portuguesa da obra temo-nos alicerçado sobre a versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, o que inevitavelmente influencia parte da terminologia teológica, embora tenhamos seguido as nuances do pensamento do autor da presente obra em seu original inglês, sempre que isso se fez necessário para não haver distorções.

Meu preito de gratidão aos professores F. F. Bruce, Clark Pinnock e Marchant King, que fizeram a leitura do manuscrito no seu todo ou em parte, oferecendo gentilmente sugestões para melhoria do mesmo, como igualmente à Sra. Christine Gouldy e à Srta. Jill Dayton, as quais contribuíram para aprimorar o estilo do original em inglês. As deficiências que restarem são de responsabilidade exclusiva do autor. Finalmente, meus alunos do Westmont College merecem o crédito pela inspiração que deram para que se coligisse e escrevesse este material.

ROBERT H. GUNDRY

Santa Bárbara, Califórnia.

## **INTRODUÇÃO**

### **Abordando o Novo Testamento**

O Novo Testamento forma a Parte II da Bíblia. É ele uma antologia de vinte e sete livros de várias dimensões, mas tem somente um terço do volume da Parte I, o Antigo Testamento. (Antigo e Novo Testamento são designações cristãs, e não judaicas, pois os judeus só aceitam como Escritura os livros do Antigo Testamento.) Isso é compreensível, todavia, pois o Antigo Testamento cobre um período de milhares de anos de história, mas o Novo Testamento menos de um século. A fração do século I D. C., coberta pelo Novo Testamento, foi o período crucial durante o qual, em conformidade com as crenças cristãs, começaram a ter cumprimento as profecias messiânicas, foi realizado o divino plano da redenção dos homens, por intermédio do encarnado Filho de Deus, Jesus Cristo, e o novel povo de Deus, a Igreja, se formou e tudo isso estribado sobre o novo pacto, segundo o qual Deus se ofereceu para perdoar os pecados daqueles que crêem em Jesus Cristo, em virtude de Sua morte vicária.

"Novo Testamento" quer dizer, de fato, "Novo Pacto", em contraste com a antiga aliança (de acordo com a qual Deus perdoava transgressões à vista de sacrifícios de animais, à guisa de antecipação provisória daquele verdadeiramente adequado sacrifício de Cristo). O vocábulo "testamento" transmite-nos a idéia de uma última vontade, e um testamento que só passa a ter efeito na eventualidade da morte do testador. Assim é que o novo pacto entrou em vigor em face da morte de Jesus (ver Hebreus 9:15-17).

Escrita originalmente em grego, entre 45-95 D. C., a coleção dos livros do Novo Testamento é tradicionalmente atribuída aos apóstolos Pedro, João, Mateus e Paulo, bem como a outros antigos

autores cristãos, João Marcos, Lucas, Tiago e Judas. Em nossas Bíblias modernas, os livros do Novo Testamento não estão arranjados na ordem cronológica em que foram escritos. Exemplificando, as primeiras epístolas de Paulo foram os primeiros livros do Novo Testamento a ser escritos (com a única exceção possível da epístola de Tiago), e não os evangelhos. E mesmo o arranjo das epístolas paulinas não segue a sua ordem cronológica, porquanto Gálatas (ou talvez I Tessalonicenses) foi a epístola escrita bem antes daquela dirigida aos Romanos, a qual figura em primeiro lugar em nossas Bíblias pelo fato de ser a mais longa das epístolas de Paulo; e entre os evangelhos, o de Marcos, não o de Mateus, parece ter sido aquele que primeiro foi escrito.

A ordem em que esses livros aparecem, por consequência, é uma ordem lógica, derivada somente das tradições cristãs. Os evangelhos estão postos em primeiro lugar porque descrevem os eventos cruciais da carreira de Jesus. Entre os evangelhos, o de Mateus vem apropriadamente antes de todos devido à sua extensão e ao seu íntimo relacionamento com o Antigo Testamento, que o precede imediatamente. (Mateus amiudadas vezes cita o Antigo Testamento e principia com uma genealogia que retrocede ao mesmo.) Ato contínuo encontra-se a triunfal colheita da vida e do ministério de Jesus, no livro de Atos dos Apóstolos, uma envolvente narrativa do bem sucedido surgimento e expansão da Igreja na Palestina e daí por toda a Síria, Ásia Menor, Macedônia, Grécia e até lugares distantes como Roma, na Itália. (No ato mesmo de sua composição, o livro de Atos foi a segunda divisão de uma obra em dois volumes, Lucas-Atos.) Bastam-nos essas idéias quanto aos livros históricos do Novo Testamento.

As epístolas e, finalmente, o livro de Apocalipse, explanam a significação teológica da história da redenção, além de extraírem daí certas implicações éticas. Entre as epístolas, as de Paulo ocupam o primeiro lugar - e entre elas, a ordem em que foram arranjadas segue primariamente a idéia da extensão decrescente, levando-se em conta a grande exceção formada pelas Epístolas Pastorais (I e II Timóteo e Tito), as quais antecedem a Filemom, a mais breve das epístolas paulinas que chegaram até nós. A mais longa das epístolas não-paulinas, aos Hebreus (cujo autor nos é desconhecido), aparece em seguida, depois da qual vêm as epístolas Católicas ou Gerais, escritas por Tiago, Pedro, Judas e João. E por fim, temos o livro que lança os olhos para o futuro retorno de Cristo, o Apocalipse, livro esse que leva o Novo Testamento a um mui apropriado clímax.

Mas, por qual razão estudaríamos tão antigos documentos como esses contidos no Novo Testamento? A razão histórica disso é que, no Novo Testamento, descobrimos a explicação do fenômeno que é o cristianismo. E a razão cultural é que a influência do Novo Testamento tem permeado a civilização ocidental de tal maneira que ninguém poderia ser tido por bem educado a menos que conheça o conteúdo do Novo Testamento. E a razão teológica é que o Novo Testamento é aquela narrativa divinamente inspirada sobre a missão redimidora de Jesus neste mundo, sendo ainda o padrão de crenças e de práticas da Igreja. E, finalmente, a razão devocional é que o Espírito Santo utilizase do Novo Testamento a fim de conduzir pessoas a um vivo e crescente relacionamento com Deus, através de Seu Filho, Jesus Cristo. Todas essas são razões suficientes!

## PARTE I - O Cenário Antecedentes Políticos, Culturais e Religiosos



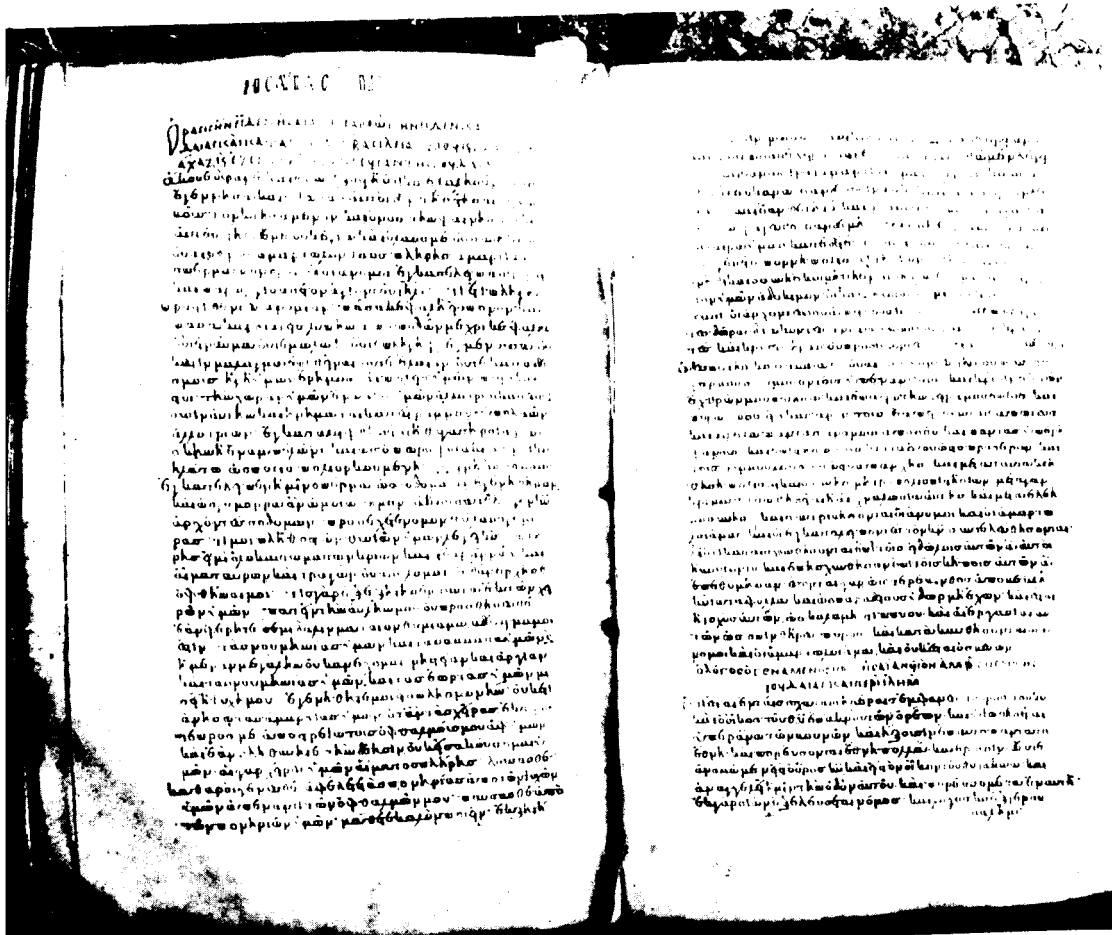
Alexandre o Grandé, *brilhante militar e conquistador, era também um místico. Deu ao mundo um novo conceito de unidade da humanidade.*

### CAPÍTULO 1 - História Política Intertestamentária e do Novo Testamento

*Perguntas Normativas:*

- Que aconteceu no Oriente Próximo desde o fim do período do Antigo Testamento e daí até ao período intertestamentário e ao do Novo Testamento?
- Qual era a situação dos judeus?
- Quais desenvolvimentos culturais tiveram lugar?
- Quais facções entre os judeus foram produzidas pelas pressões políticas, pelas modificações culturais e pelas questões religiosas?
- Quais foram os líderes desses desenvolvimentos, e que contribuição tiveram eles para os sucessos históricos?

A Setuaginta no original grego, em uma página manuscrita de Isaias. Subproduto do helenismo, a tradução para o grego das Escrituras do Antigo Testamento começou no século III A.C.

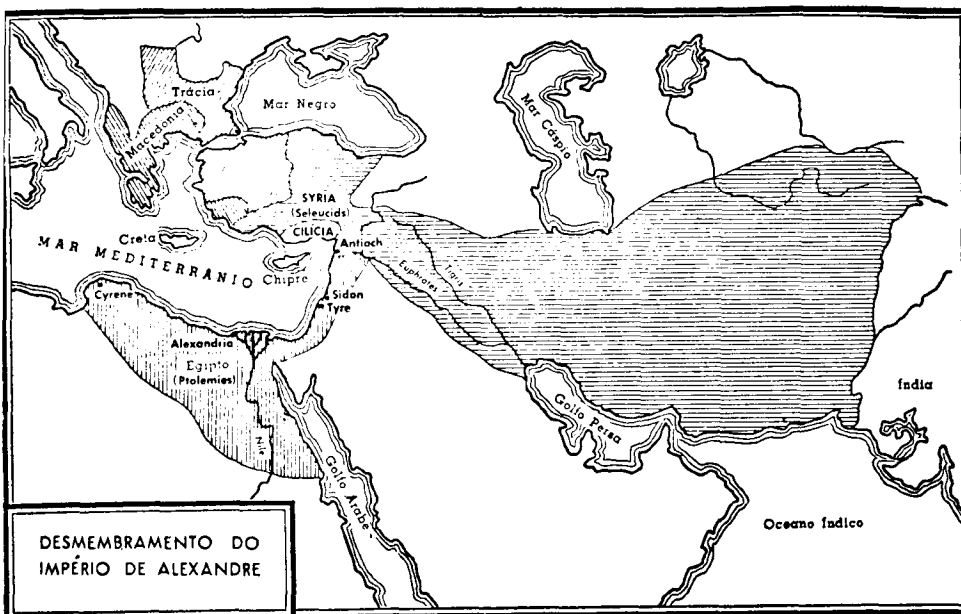


## O PERÍODO GREGO

### Alexandre o Grande

A história do Antigo Testamento se encerrou com o cativoiro que a Assíria impôs ao reino do norte, Israel, com o subsequente cativoiro babilónico do reino do sul, Judá, e com o regresso, à Palestina, de parte dos exilados, quando da hegemonia persa, nos séculos VI e V A.C. Os quatro séculos entre o final

da história do Antigo Testamento e os primórdios da história do Novo Testamento compreendem o período intertestamentário. (ocasionalmente chamados "os quatrocentos anos de silêncio", devido ao hiato, nos registros bíblicos, e ao silenciamento da voz profética). Durante esse hiato é que Alexandre o Grande se tornou senhor do antigo Oriente Médio, ao infligir



Os impérios gregos após a carreira de Alexandre o Grande, continuaram por trezentos anos até os dias do Novo Testamento.



sucessivas derrotas aos persas, quando das batalhas de Granico (334 A. C.), Isso (333 A. C.) e Arbela (331 A. C.).

## Helenização

A cultura grega, intitulada *helenismo*, há tempos se vinha propagando mediante o comércio e a colonização gregos, mas as conquistas de Alexandre proveram um impulso muito maior do que havia antes. O idioma grego tornou-se a *língua franca*, a língua comumente usada no comércio e na diplomacia. Ao aproximar-se a época do Novo Testamento, o grego era a língua comumente falada nas ruas até da própria Roma, onde o proletariado indígena falava o latim, mas onde a grande massa de escravos e de libertos falava o grego. Alexandre fundou setenta cidades, moldando-as conforme o estilo grego. Ele e os seus soldados contraíram matrimônios com mulheres orientais. E assim foram misturadas as culturas grega e oriental.

Ante o falecimento de Alexandre, com a idade de trinta e três anos (323 A. C.), seus principais generais dividiram o império em quatro porções, duas das quais são importantes no pano-de-fundo do desenvolvimento histórico do Novo Testamento, a porção dos Ptolomeus e a dos Selêucidas. O império dos Ptolomeus centralizava-se no Egito, tendo Alexandria por capital. A dinastia governante naquela fatia do império veio a ser conhecida como os *Ptolomeus*. Cleópatra, que morreu no ano 30 A. C., foi o último membro da dinastia dos Ptolomeus. O império selêucida tinha por centro a Síria, e Antioquia era a sua capital. Alguns dentre a casa ali reinante receberam o apodo de *Seleuco*, mas diversos outros foram chamados *Antíoco*. Quando Pompeu tornou a Síria em província romana, em 64 A. C., chegou ao fim o império selêucida.

## Os Ptolomeus.

Premida entre o Egito e a Síria, a Palestina tornou-se vítima das rivalidades entre os Ptolomeus e os Selêucidas. A princípio os Ptolomeus dominaram a Palestina por cento e vinte e dois anos (320-198 A. C.). Os judeus gozaram de boas condições gerais durante esse período. De acordo com uma antiga tradição, foi sob Ptolomeu Filadelfo (285-246 A. C.) que setenta e dois eruditos judeus começaram a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, versão essa que se chamou *Setuaginta*. No começo foi feita a tradução do Pentateuco, e mais tarde foi feita a tradução das porções restantes do Antigo Testamento. A obra foi realizada no Egito, aparentemente em benefício de judeus que compreendiam o grego melhor que o hebraico; e, contrariamente à tradição, provavelmente foi efetuada por egípcios, e não por judeus palestinos. O numeral romano LXX (pois setenta é o número redondo mais próximo de setenta e dois) tornou-se o símbolo comum dessa versão do Antigo Testamento.

## Os Selêucidas.

As tentativas dos Selêucidas para conquista da Palestina, quer por invasão quer por alianças matrimoniais, deram em fracasso, até que Antíoco III derrotou o Egito, em 198 A. C. Entre os judeus surgiram duas facções, "a casa de Onias" (pró-Egito) e "a casa de Tobias" (pró-Síria). Antíoco IV ou Epifânio (175-163 A. C.), rei da Síria, substituiu ao sumo sacerdote judeu Onias III pelo irmão deste, Jasom, helenizante, o qual planejava transformar Jerusalém em uma cidade grega. Foi erigido um ginásio com uma pista de corridas adjacente. Ali rapazes judeus se exercitavam despídos, à moda grega, para ultraje dos judeus piedosos. As competições de corredores eram inauguradas com invocações feitas às divindades pagãs, e até sacerdotes judeus chegaram a participar de tais acontecimentos. O processo de helenização incluía ainda a freqüência aos teatros gregos, a adoção de vestes do estilo grego, a cirurgia que visava à remoção das marcas da circuncisão, e a mudança de nomes hebreus por gregos. E os judeus que se opunham à paganização de sua cultura eram chamados *Hasidim*, "os piedosos", o que a grosso modo equivale a *puritanos*.

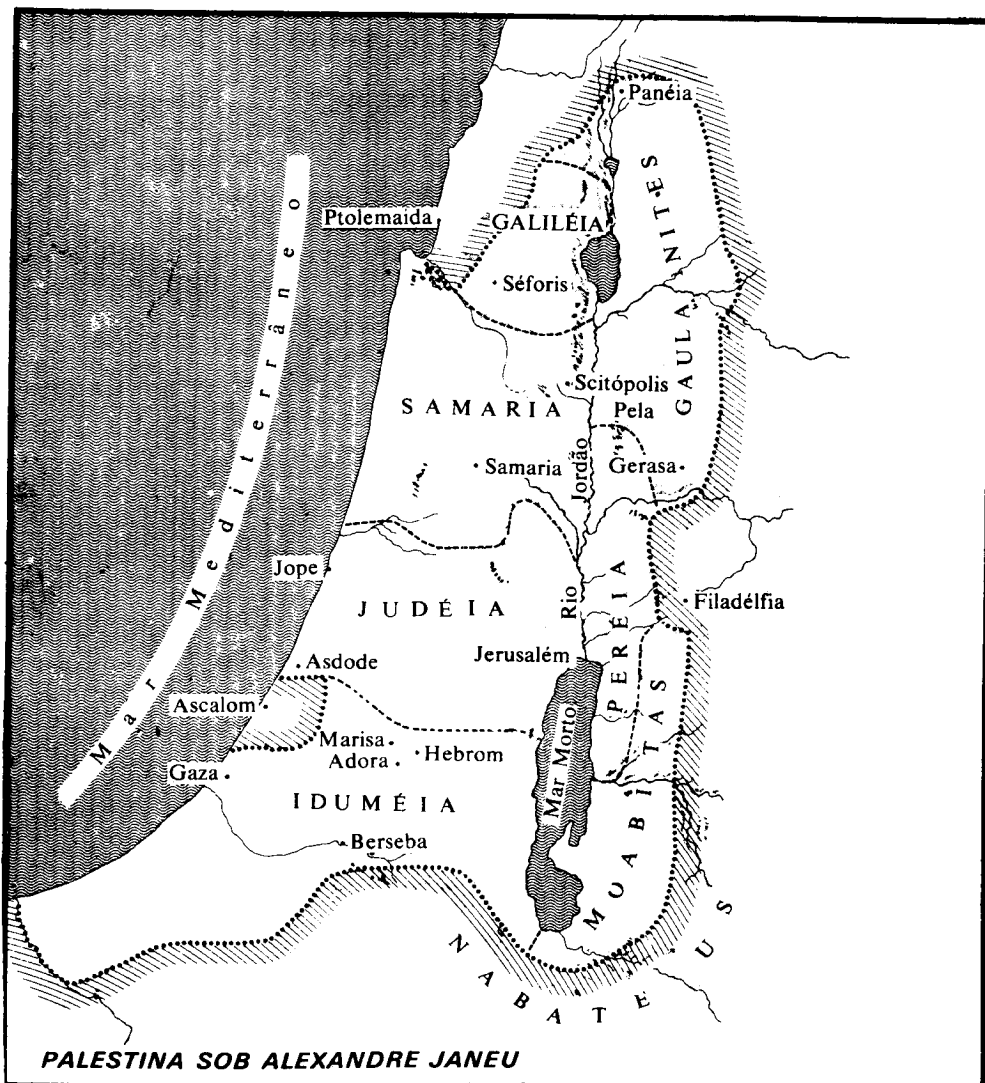
Antíoco IV (Epifânio) é estampado nesta moeda como ele mesmo (esquerda) e como o deus Zeus (direita), uma deliberação tentativa de identificar o culto ao rei com o culto a Zeus.



Antes de desfechar a invasão do Egito, Antiochus Epiphanes fez a substituição de Jasom, seu próprio escolhido para o sumo sacerdócio, por

Menelau, um outro judeu helenizante, o qual oferecera a Antíoco um tributo mais elevado. É possível que Menelau nem tenha pertencido a alguma família sacerdotal. Mui naturalmente, os judeus piedosos se ressentiram da simonia, em que o sagrado ofício sumo sacerdotal foi dado a quem pagava mais.

O Reino Hasmoneano atingiu sua maior expansão sob o reinado de Alexandre Janeu.



Apesar de alguns êxitos iniciais, a tentativa de Antíoco de anexar o Egito terminou falhando. A ambiciosa Roma não desejava que o império selêucida se tornasse mais forte. Fora de Alexandria, por conseguinte, um embaixador romano traçou um círculo no chão, em redor de Antíoco, e exigiu que antes de pisar fora do círculo ele promettesse abandonar o Egito com as suas tropas. Tendo aprendido a respeitar o poderio romano, quando fora refém por doze anos em Roma, tempos antes, Antíoco aquiesceu.

### Perseguição por Antíoco Epifânio.

Entrementes, aos ouvidos de Jasom, o sumo sacerdote, chegaram rumores de que Antíoco fora morto no Egito. Retornando de imediato a Jerusalém, onde chegou

vindo de seu refúgio na Transjordânia, Jasom retirou de Menelau o controle da cidade para si mesmo. O amargurado Antíoco, espicaçado pela derrota psicológica que sofrera às mãos dos romanos, interpretou a atitude de Jasom como uma revolta, e enviou seus soldados para punirem os rebeldes e reintegrarem a Menelau no ofício sumo sacerdotal. Nesse processo, saquearam o templo de Jerusalém e passaram ao fio da espada a muitos de seus habitantes. O próprio Antíoco regressou à Síria. Dois anos mais tarde (168 A.C.), enviou seu general, Apolônio, com um exército de vinte e dois mil homens para coletar tributo, tornar ilegal o judaísmo e estabelecer o paganismo à força, como um meio de consolidar o seu império e de refazer o seu tesouro. Os soldados saquearam Jerusalém, derrubaram suas casas e muralhas e incendiaram a cidade. Varões judeus foram mortos em bom número, mulheres e crianças foram escravizadas. Tornou-se ofensa capital circuncidar, observar o sábado, celebrar as festividades judaicas ou possuir cópias do Antigo Testamento. Muitos manuscritos do Antigo Testamento foram destruídos. Os sacrifícios pagãos tornaram-se compulsórios, tal como os cortejos em honra a Dionísio (ou Baco), o deus grego do vinho. Um altar consagrado a Zeus, e quiçá também uma estátua sua, foram erigidos no templo. Animais execrados pelos preceitos mosaicos foram sacrificados sobre o altar, e a prostituição "sagrada" passou a ser praticada no recinto do templo de Jerusalém.

## O PERÍODO DOS MACABEUS

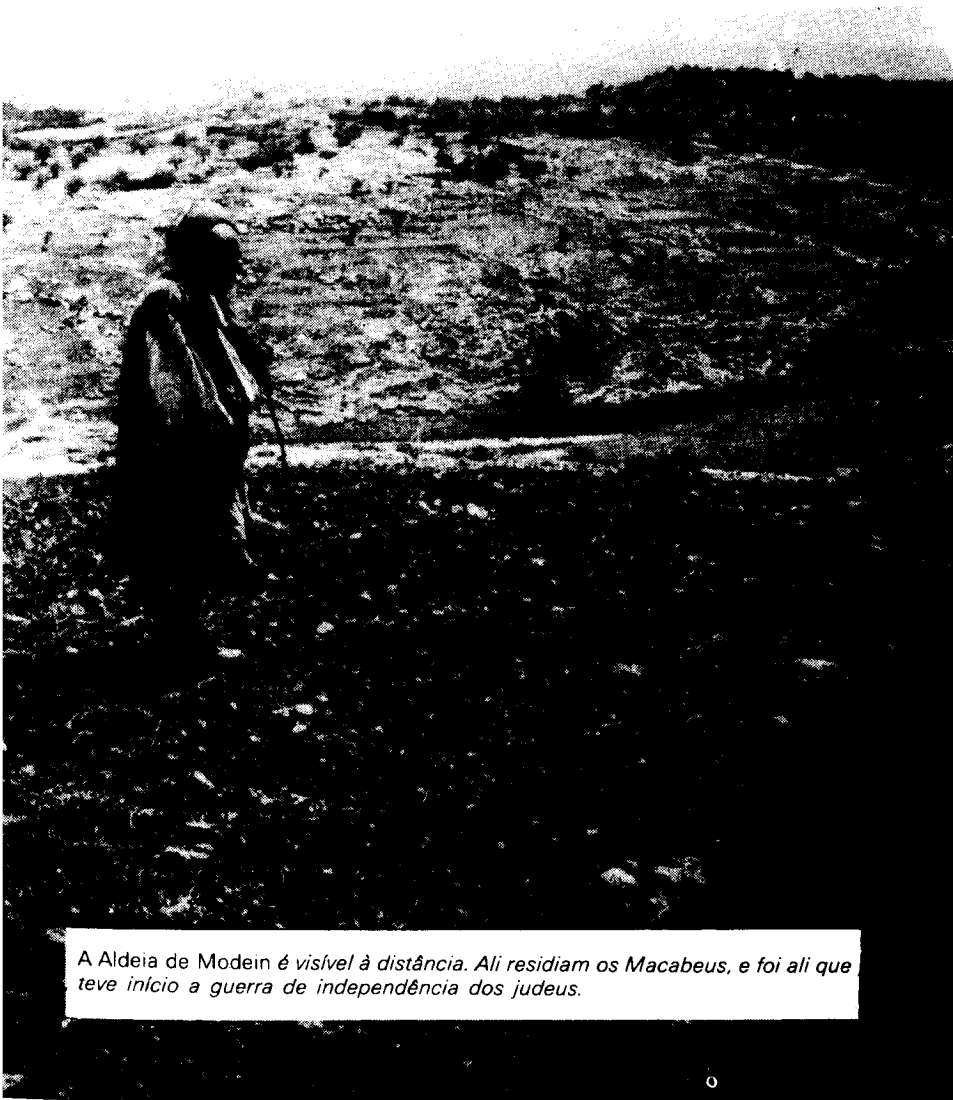
### Revolta dos Macabeus.

A resistência judaica fez-se sentir prontamente. Na aldeia de Modim, um agente real de Antíoco instou com um já idoso sacerdote, de nome Matatias, a que desse exemplo aos habitantes da aldeia oferecendo um sacrifício pagão. Matatias se recusou a tal. E quando um outro judeu deu um passo à frente em anuência, Matatias tirou-lhe a vida, matou o agente real, demoliu o altar e fugiu para a região montanhosa na companhia de cinco de seus filhos e de outros simpatizantes. E foi assim que teve início a Revolta dos Macabeus, em 167 A.C., sob a liderança da família de Matatias, coletivamente chamados de *Hasmoneanos*, por causa de Hasmom, bisavô de Matatias, ou de *Macabeus*, devido ao apelido "Macabeu" ("Martelo"), conferido a Judas, um dos filhos de Matatias.

Judas Macabeu encabeçou uma campanha de guerrilhas de extraordinário sucesso, até que os judeus se viram capazes de derrotar os sírios em campo de batalha regular. A Revolta dos Macabeus, entretanto, foi também uma guerra civil deflagrada entre os judeus pró-helenistas e anti-helenistas. O conflito prosseguiu mesmo após a morte de Antíoco Epifânio (163 A.C.). Finalmente, os Macabeus recuperaram a liberdade religiosa, consagraram novamente o templo, conquistaram a Palestina e expeliram as tropas sírias da cidadela que ocupavam em Jerusalém.

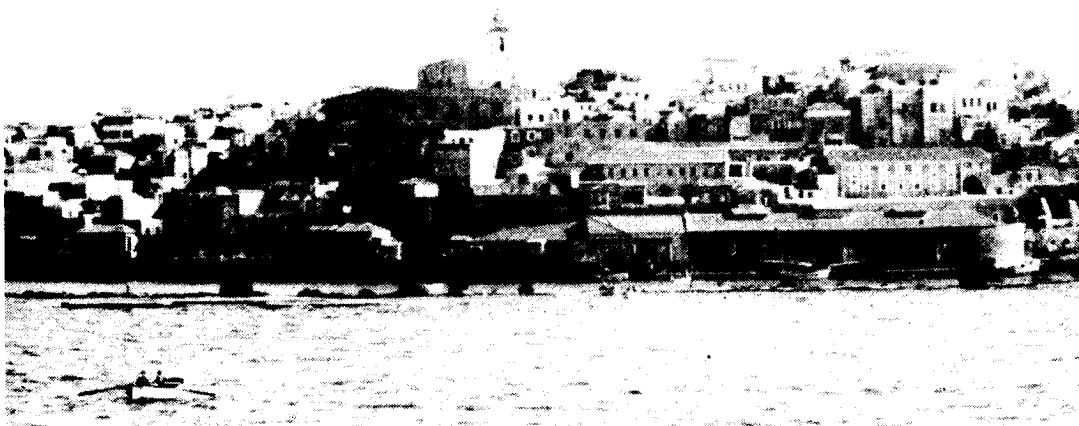
### Independência dos Macabeus.

Depois que Judas Macabeu foi morto em batalha (160 A.C.), seus irmãos, Jônatas, e posteriormente Simão, sucederam-no na liderança. Declarando-se herdeiros presuntivos do trono selêucida, um em oposição ao outro, puderam obter concessões favoráveis aos judeus. Jônatas começou a reconstruir as muralhas danificadas e os edifícios de Jerusalém. Assumiu, igualmente, o ofício sumo sacerdotal. Simão conseguiu o reconhecimento da independência judaica da parte de Demétrio II, um dos que competiam pela coroa dos Selêucidas, tendo renovado um tratado com Roma que originalmente fora firmado por Judas. Tendo sido proclamado como "o grande sumo sacerdote, comandante e líder dos judeus", Simão passou a reunir oficialmente em sua pessoa a liderança religiosa, militar e política do estado judeu.



A Aldeia de Modein é visível à distância. Ali residiam os Macabeus, e foi ali que teve início a guerra de independência dos judeus.

Joaze, no litoral palestino, foi uma das **ciudades-estado dos gregos** atacadas pelos Hasmoneanos. Junto com outras cidades foi revertido o processo de helenização e ela foi reintegrada à comunidade judaica.

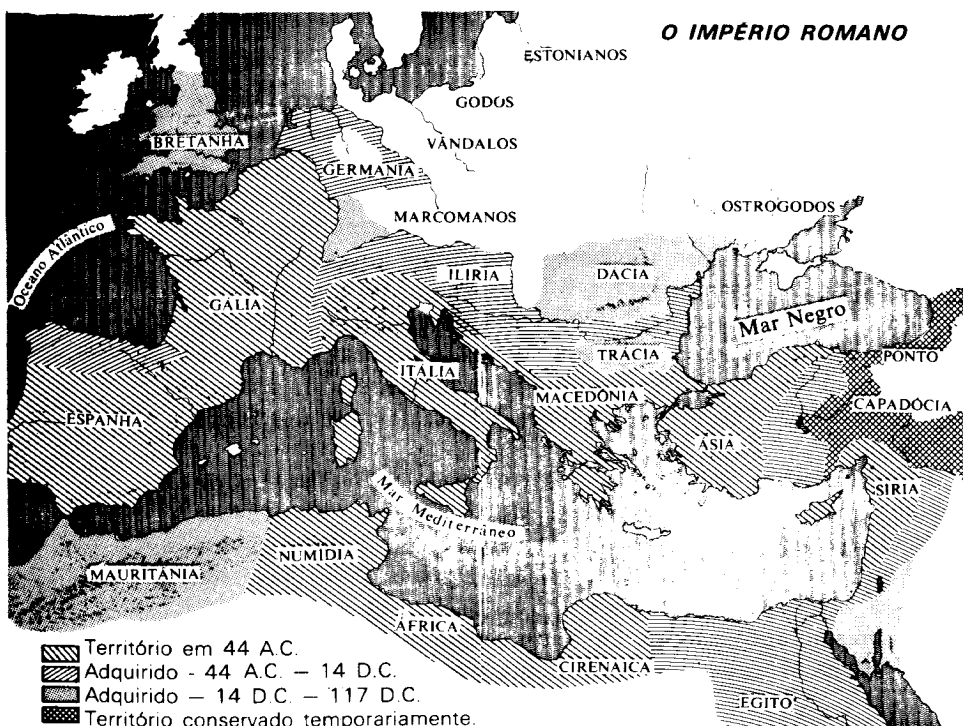




*Termas em ruínas de um castelo macabeu. Embora os Hasmoneanos tivessem atacado as cidades gregas, eles adotaram o estilo das cortes dos reis helênicos.*

A história subsequente da dinastia hasmoneana.(142 - 37 A.C.) consiste de um relato de contendas internas, derivadas da ambição pelo poder. Os propósitos políticos e as intrigas dos Hasmoneanos alienaram muitos dos Hasidim, de inclinações religiosas, os quais vieram a ser mais tarde os fariseus e os essênios, semelhantes àqueles que produziram os Papiros do Mar Morto, estabelecidos em Qumran. Os partidários aristocráticos, de pendores políticos, do sacerdócio hasmoneano, vieram a ser os saduceus. Finalmente, porém, o general romano Pompeu subjugou a Palestina (63 A.C.), de modo que, durante o período do Novo Testamento, a Palestina estava dominada pelo poderio romano.

## O PERÍODO ROMANO



## Expansão romana.

O século VIII AC viu a fundação de Roma, e no século V A.C. houve a organização de uma forma republicana de governo ali sediada. Dois séculos de guerras com a cidade rival de Cartago, na África do Norte, chegaram ao fim com a vitória romana (146 A.C.). As conquistas feitas na extremidade oriental da bacia do Mediterrâneo, sob o comando de Pompeu, como também na Gália, por Júlio César. Expandiram o domínio romano. Após o assassinato de Júlio César, Otávio, que mais tarde veio a ser conhecido como Augusto, derrotou as forças de Antônio e Cleópatra, na batalha naval de Ácio, na Grécia, em 31 A.C., tornando-se então o imperador de Roma. Dessa maneira, pois, Roma passou de um período de expansão territorial para outro, de paz, o que se tornou conhecido como *Pax Romana*. A província da Judéia interrompeu essa tranqüilidade mediante grandes revoltas, que os romanos esmagaram nos anos de 70 e 135 D.C. Contudo, a unidade prevalente e a estabilidade política do mundo civilizado sob a hegemonia de Roma facilitaram a propagação do cristianismo, quando de seu aparecimento.



*César Augusto, um governante sistemático e eficiente, iniciou uma era de paz e estabilidade.*

## Administração romana.

Augusto estabeleceu um sistema provincial de governo, cujo desígnio era impedir que os procônsules administrassem territórios estrangeiros visando ao seu engrandecimento pessoal. Havia dois tipos de províncias, as senatoriais e as imperiais. Os procônsules, nomeados pelo senado romano para governar as províncias senatoriais, usualmente pelo termo de apenas um ano, prestavam contas ao senado. Paralelamente aos procônsules havia os delegados, nomeados pelo imperador, os quais de modo geral se ocupavam de questões

financeiras. Os procuradores governavam as províncias imperiais. Nomeados pelo imperador, os procuradores eram responsáveis perante ele, e exerciam a sua autoridade civil e militar por meio de exércitos permanentes.

## Imperadores romanos

Os imperadores romanos seguintes, alistados com as datas de seus respectivos governos, estão vinculados às narrações do Novo Testamento:

- Augusto (27 A.C. - 14 D.C.), sob quem ocorreram o nascimento de Jesus, o recenseamento ligado ao Seu nascimento, e os primórdios do culto ao imperador;
- Tibério (14-37 D.C.), sob quem Jesus efetuou o Seu ministério público e foi morto;
- Calígula (37-41 D.C.), que exigiu que se lhe prestasse culto e ordenou que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, mas veio a falecer antes que sua ordem fosse cumprida;
- Cláudio (41-54 D.C.), que expulsou de Roma os residentes judeus, entre os quais estavam Áqüila e Priscila, por motivo de distúrbios civis;
- Nero (54-68 D.C.), que perseguiu os cristãos, embora provavelmente somente nas cercanias de Roma, e sob quem Pedro e Paulo foram martirizados;
- Vespasiano (69-79 D.C.), o qual, quando ainda general romano começou a esmagar uma revolta dos judeus, tornou-se imperador e deixou o restante da tarefa ao encargo de seu filho, Tito, numa campanha que atingiu seu clímax com a destruição de Jerusalém e seu templo, em 70 D. C.;

- Domiciano (81-96 D.C.), cuja perseguição contra a Igreja provavelmente serviu de pano-de-fundo para a escrita do Apocalipse, como encorajamento para os cristãos oprimidos.



*Nero era o imperador romano quando Paulo foi aprisionado em Roma. Provavelmente tanto Pedro quanto Paulo foram martirizados durante o seu reinado.*

### **Herodes O Grande.**

Os romanos permitiam a existência de governantes nativos vassallos de Roma, na Palestina. Um desses foi Herodes o Grande, que governou o país, sob os romanos, de 37 a 4 A.C. Seu pai, Antípater, tendo subido ao poder contando com o favor dos romanos, lançara-o numa carreira militar e política. O senado romano aprovou o ofício real de Herodes, mas ele foi forçado a obter o controle da Palestina mediante o poder das armas. Tendo por antepassados os idumeus (descendentes de Edom, ou Esaú), por isso mesmo não era visto com bons olhos pelos judeus. Herodes era indivíduo

astuto, invejoso e cruel; assassinou a duas de suas próprias esposas e pelo menos a três de seus próprios filhos. Foi ele quem ordenou a matança dos infantes de Belém, em consonância com a narrativa da natividade por Mateus. De certa feita Augusto disse que era melhor ser um porco de Herodes que um filho seu (jogo de palavras, porquanto no grego as palavras que significam porco e filho são muito parecidas). Mas Herodes era igualmente um governante eficiente e um consumado político, tendo conseguido sobreviver às lutas pelo poder nas camadas mais altas do governo romano. Por exemplo, ele trocou de lealdade a Marco Antônio e Cleópatra em prol de Augusto, e conseguiu convencer a este último de sua sinceridade. A administração de Herodes se caracterizava por polícia secreta, toque de recolher e pesados impostos, apesar de também ser distribuído cereal gratuito em períodos de fome e vestes grátis quando de outras calamidades. Entre seus muitos projetos de edificação, sua maior contribuição para os judeus foi o embelezamento do templo de Jerusalém. Isso não expressava sua participação na fé judaica (ele não acreditava nela), mas foi uma tentativa de conciliar seus súditos. O templo de Jerusalém, decorado com mármore branco, ouro e pedras preciosas, tornou-se proverbial devido ao seu esplendor: "Quem jamais viu o templo de

Herodes, nunca viu o que é belo."

Herodes o Grande morreu de hidropsia e câncer nos intestinos, em 4 A.C. Ele baixara ordens para que fossem executados determinados líderes judeus por ocasião de seu falecimento, a fim de que, embora não houvesse lamentações por motivo de sua morte, pelo menos as houvesse quando de sua morte. Mas tal ordem pereceu juntamente com ele.

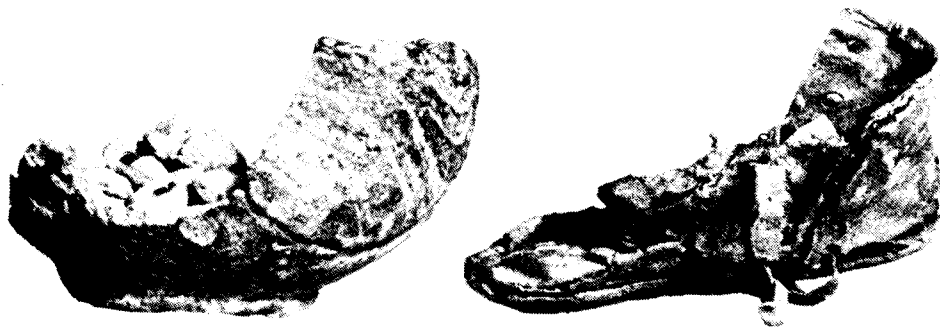
*Cesaréia, cujas ruínas agora beiram o mar, foi edificada por Herodes o Grande. A cidade era o centro administrativo dos romanos na Palestina.*



### **Dinastia de Herodes.**

Destituídos das habilidades e ambições de seu pai, os filhos de Herodes passaram a governar porções separadas da Palestina. Arquelau tornou-se etnarca da Judéia, Samaria e Iduméia; Herodes Filipe, tetrarca da Ituréia, Traconites, Gaulanites, Auranites e Batanéia; e Herodes Antipas tetrarca da Galiléia e Peréia. João Batista repreendeu a Antipas por haver-se divorciado de sua esposa para casar-se com Herodias, esposa de seu meio-irmão. Quando Herodias induziu sua filha dançarina a que pedisse a cabeça de João Batista, Antipas acedeu à horrenda solicitação (vide Marcos 6:17-29 e Mateus 14:3-12). Jesus chamou a Herodes Antipas de "essa raposa" (Lucas 13:32), e mais tarde teve de enfrentar o juízo deste em tribunal (vide Lucas 23:7-12). Herodes Agripa I, neto de Herodes o Grande, executou o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, e também encarcerou Pedro (vide Atos 12). Herodes Agripa II, bisneto de Herodes o Grande, ouviu Paulo em sua auto-defesa (vide Atos 25 e 26).

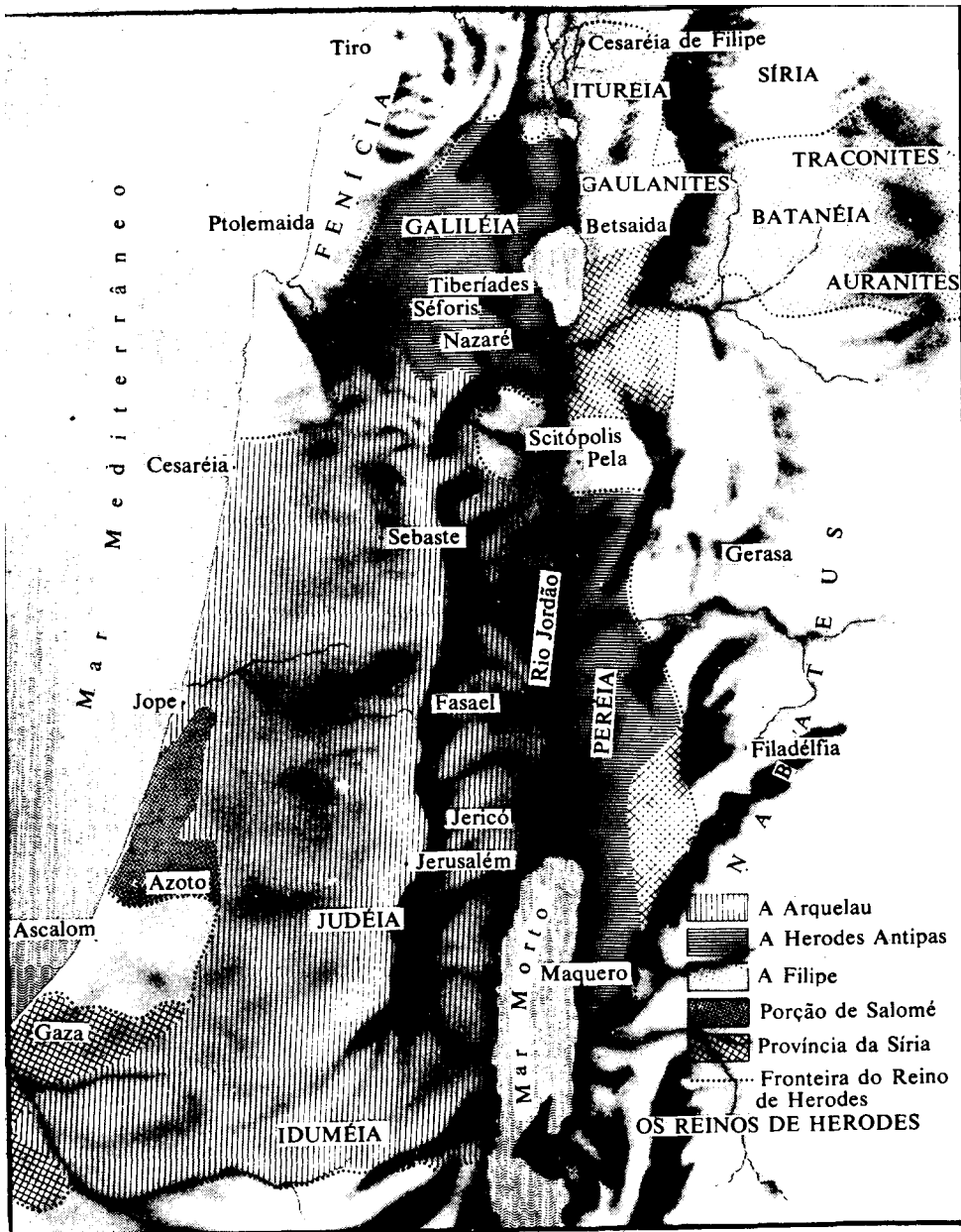
*Vindos da rebelião encabeçada por Bar-Cochba, este vaso de madeira para azeitonas e este sapato de criança estavam entre outros itens achados em cavernas onde os judeus se ocultavam no deserto da Judéia.*



### **Governadores romanos.**

Os desmandos de Arquelau na Judéia, em Samaria e na Iduméia provocaram sua remoção do ofício e seu banimento por ordens de Augusto, em 6 D.C. Esses mesmos desmandos tinham sido a causa pela qual José, Maria e Jesus, ao regressarem do Egito, tiveram de estabelecer-se em Nazaré da Galiléia, ao invés de fazê-lo em Belém da Judéia (vide Mateus 2:21-23). Após a remoção de Arquelau, o território passou a ser dirigido por governadores romanos, exceto por breves períodos. Um desses governadores, Pôncio Pilatos, foi o juiz de Jesus. Os governadores Félix e Festo ouviram a exposição do caso de Paulo (vide Atos 23-26). E quando o governador Floro pilhou o tesouro do templo, isso foi o estopim da revolta dos judeus, em 66-73 D.C. Devemo-nos lembrar, entretanto, que a despeito dos Herodes e dos governadores romanos, o sacerdócio judaico e o Sinédrio (uma modalidade de Tribunal Superior dos Judeus) é que controlavam boa parte das questões locais que afetavam a vida diária.





A Casa reinante de Herodes. Após 6 D.C., o território antes atribuído a Arquelau passou a ser governado por sucessivos procuradores romanos.

## Da Primeira à Segunda guerrada dos Judeus.

A adoração no templo de Jerusalém, com seu sistema de sacrifícios, cessou com a destruição de Jerusalém, em 70 D.C. Como medida substitutiva, os rabinos judeus estabeleceram uma escola na cidade costeira mediterrânea de Jamnia, onde se fizessem estudos mais intensivos da Torá, ou lei do Antigo Testamento. A incerta situação continuou na Palestina até aos dias do imperador Hadriano, o qual mandou erigir um santuário dedicado a Júpiter, deus romano, no local exato em que estivera o templo, além de ter proibido o rito da circuncisão. Os judeus se revoltaram uma vez mais, agora sob a liderança de Bar Cochba, (A segunda parte do nome de Bar Cochba está sujeita a certa variedade de formas.) O qual foi saudado por muitos como se fora o Messias (132 D.C.). Mas os romanos abafaram o levante em 135

D.C., reconstruíram Jerusalém como uma cidade romana e baniram os judeus, proibindo-os de entrar na cidade. Dessa forma, pois, deixou de existir o estado judaico, até que foi reavivado, em 1948.

### Para discussão posterior:

- De que maneiras providenciais os eventos do período intertestamentário constituem uma preparação para a vinda de Cristo e para o surgimento da Igreja?
- Quais paralelos podem ser traçados com razão entre a controvérsia havida entre os judeus helenistas e os judeus hasidim e a controvérsia que tem havido durante a história da Igreja, especialmente na época contemporânea?

## REVISÃO DA HISTÓRIA POSTERIOR VETEROTESTAMENTÁRIA

Século - Poder Dominante - Eventos Importantes

A.C. VIII (700 s) - Assíria - Cativo do reino nortista de Israel, com destruição da capital, Samaria, em 722 A.C.

VII (600s)

VI (500s) - Babilônia - Cativo do reino sulista de Judá, com destruição de Jerusalém em 586 A.C.  
VI (500s) - Pérsia - Retorno de alguns judeus à Palestina, para reconstruir a nação, o templo e Jerusalém, nos começos de 537 A.C.

V (400s)

IV (300s) – Grécia-Macedônia - Conquista por Alexandre o Grande e helenização intensa do Oriente Médio

IV (300s) - Morte de Alexandre o Grande, em 323 A.C. e divisão do seu império.

IV (300s) - Egito - Hegemonia dos Ptolomeus sobre a Palestina, 320-198 AC.

III (200s) - Primórdios da Setuaginta, com tradução do Pentateuco do hebraico para o grego

II (100s) - Síria - Hegemonia dos Selêucidas sobre a Palestina, 198 - 167 A.C.

II (100s) - Desenvolvimento dos partidos helenista e hasidim, dentro do judaísmo

II (100s) - Antíoco Epifânio fracassa em anexar o Egito.

II (100s) - Tentativa violenta de Antíoco Epifânio por forçar a completa helenização ou paganização dos judeus, em 168 A.C.

II (100s) - Irrompimento da revolta dos Macabeus, em 167 A.C., e obtenção da independência judaica, sob a liderança sucessiva de Matatias, Judas Macabeu, Jônatas e Simão.

I (100s) - Independência judaica - Dinastia Hasmoneana, 142 - 17 A.C.

I (99-1) - Inquietações intestinas

I (99-1) - Desenvolvimento das seitas judaicas Saduceus, Fariseus e Essênios.

I (99-1) - Roma - Subjugação da Palestina pelo general romano Pompeu, em 63 A.C.

I (99-1) - Antipater e seu filho, Herodes o Grande, ascendem ao poder na Palestina,

## INTERTESTAMENTÁRIA E NEOTESTAMENTÁRIA

Século - Poder Dominante - Eventos Importantes

I (99-1) – Roma - Assassinato de Júlio César

I (99-1) – Roma - Augusto torna-se imperador romano (27 A.C. - 14 D.C.), às expensas de Marco Antônio e Cleópatra

I (99-1) – Belém - Nascimento de Jesus, cerca de 6 A.C.

I (99-1) – Judéia - Morte de Herodes, o Grande, em 4 A.C.

DC I (1-99) - Roma - Imperador Tibério (14 - 37 D.C.); Pilatos, governador da Judéia.

DC I (1-99) - Ministério público, morte e ressurreição de Jesus (cerca de 27 - 30 D.C.)

DC I (1-99) - Primórdios da Igreja Cristã, sob a liderança de Pedro, Paulo e outros.

DC I (1-99) - Imperadores Calígula e Cláudio (37 - 41 e 41 - 54 D. C., respectivamente)

DC I (1-99) - Expansão da Igreja Cristã

DC I (1-99) - Primórdios da literatura do Novo Testamento

DC I (1-99) - Imperador Nero (54 - 68 D.C.)

DC I (1-99) - Perseguição aos cristãos, em escala limitada

DC I (1-99) - Martírio de Pedro e Paulo (64 - 68 D.C.)

DC I (1-99) - Galba, Oto e Vitélio, imperadores por breve tempo (68 - 69 D.C.)

DC I (1-99) - Imperador Vespasiano (69 - 79 D.C.)

DC I (1-99) - Primeira Guerra dos Judeus (66 - 73 D.C.)

DC I (1-99) - Destruição de Jerusalém e seu Templo por Tito, em 70 D.C.

DC I (1-99) - Imperador Tito (79 - 81 D.C.)

DC I (1-99) - Imperador Domiciano (81 - 96 D.C.)

DC I (1-99) - Reconstituição do Judaísmo em Jamnia, com quase total ênfase sobre a Torá, após a perda do Templo.

DC I (1-99) - Produção final da literatura neotestamentária com os escritos joaninos

DC I (1-99) - Primórdios de outras perseguições dos romanos contra a Igreja

II (100s) - Imperadores Nerva e Trajano (96 - 98 e 98 - 117 D.C., respectivamente)

II (100s) - Imperador Adriano (117 - 138 D.C.)

II (100s) - Segunda Guerra dos judeus, sob o líder rebelde Bar Cochba (132 - 135 D.C.)

II (100s) - Reconstrução de Jerusalém, como cidade romana e banimento dos judeus da cidade.

## LISTAS DOS GOVERNADORES ROMANOS DA JUDÉIA

Do banimento de Arquelau, 6 D.C. à Destruição de Jerusalém, 70 D.C.

(Os nomes daqueles que figuram no Novo Testamento estão em letras maiúsculas)

D.C.

6 - Copônio

10 - M. Ambívio

13 - Anio Rufo

15 - Valério Grato

26 - PONCIO PILATOS

36 - Marcelo

38 - Marilo

(De 41 a 44 D.C., Herodes Agripa I governou como rei da Judéia e da Palestina toda)

44 - Cuspius Fados

46 - Tibério Alexandre

48 - Ventídio Cumano

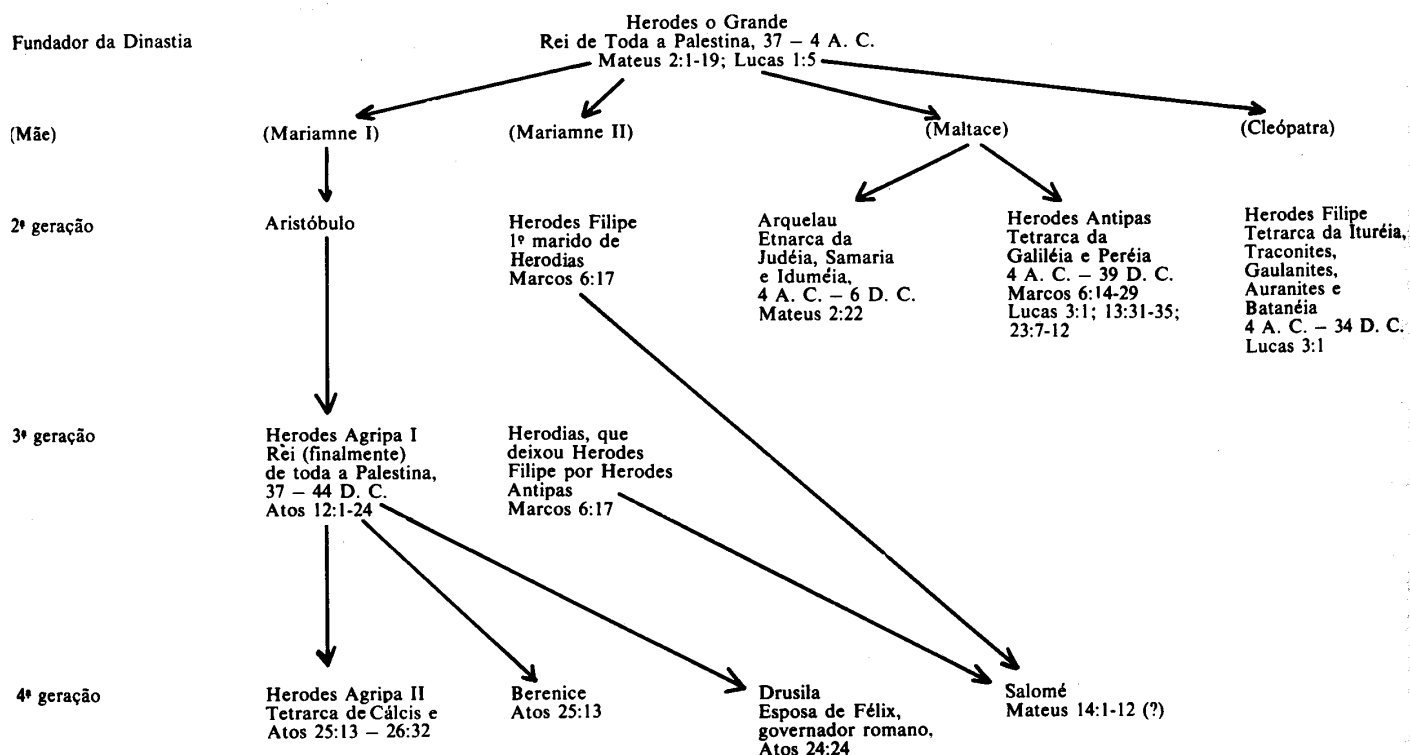
52 - M. Antônio FÉLIX

59 - Pórcio FESTO

61 - Albino

65 - Géssio Floro

## GENEALOGIA PARCIAL DA FAMÍLIA HERODIANA \*



\* O gráfico cobre somente a porção da família Herodiana que envolve a narrativa do Novo Testamento, e assim contém numerosas omissões. Por exemplo, aparecem somente quatro das dez esposas de Herodes o Grande neste quadro.

*Para investigação posterior:*

(Material primário)

Barret, C.K. *The New Testament Background: Selected Documents*. Londres: S.P.C.K., 1958. Mormente as págs. 1-21, 105-138, 190-196, 208-216, 223-226.

I & II Maccabees. Em *The Oxford Annotated Apocrypha*. Editados por B. M. Metzger. Oxford University Press, 1965.

Josefo, *Antiquitates Judaicae*. 2 vols. Loeb Classical Library. Harvard University Press, 1957.

-----, *Bellum Judaicum*. 2 vols. Loeb Classical Library. Harvard University Press, 1956.

Políbio. *Histories* XXIX 27. Sobre o encontro entre Antíoco Epifânio e o enviado romano, fora de Alexandria.

Yadin, Y. *Herod's Fortress and the Zealot's Last Stand*. Nova Iorque: Random, 1967. Quanto a recentes descobertas arqueológicas que confirmam a dramática narrativa de Josefo sobre a luta até o fim dos zelotes, em Masada, no fim da Primeira Guerra Judaica.

-----, *The Finds from the Bar Kokhba Period in the Cave of Letters*. Jerusalém: Israel Exploration Society, 1963. Quanto a uma descrição técnica de uma escavação arqueológica e descobertas em uma caverna que continha cartas de Bar Cochba, durante a Segunda Guerra Judaica.

(Tratados modernos)

Pfeiffer, Charles. *Between the Testaments*. Grand Rapids: Baker, 1959.

Russell, D.S. *Between the Testaments*. Londres: S.C.M., 1960.

Bruce, F.F. *Israel and the Nations*. Grand Rapids: Eerdmans,

Tenney, M.C. *New Testaments Times*. Grand Rapids: Eerdmans, 1956.

## CAPÍTULO 2 - O Ambiente Secular Do Novo Testamento

### *Perguntas Normativas:*

- Como é que as pessoas do primeiro século D.C. viviam, pensavam, falavam, trabalhavam, comiam, vestiam-se, viajavam, estudavam e divertiam-se?
- Quais diferenças havia entre a vida diária dentro e fora da Palestina?

### A POPULAÇÃO JUDAICA

Tem-se calculado que mais de quatro milhões de judeus viviam no Império Romano durante os dias do Novo Testamento, talvez 7% da população total do mundo romano. Mas dificilmente o número de Judeus que viviam na Palestina atingia a setecentos mil. Havia mais judeus em Alexandria, no Egito, do que em Jerusalém; e mais na Síria do que na Palestina! E mesmo em certas porções da Palestina (na Galiléia, onde Jesus se criou, e em Decápolis) os gentios eram mais numerosos do que os judeus.

### IDIOMAS

O latim era a língua oficial do império romano, mas era o idioma usado principalmente no ocidente. No oriente, a língua franca (idioma comum) era o grego. Além do grego, os habitantes da Palestina falavam o aramaico e o hebraico, pelo que também Jesus e os primeiros discípulos provavelmente eram trilingües. (Uma opinião comum, mas provavelmente errada é que Jesus falava quase exclusivamente o aramaico. As evidências arqueológicas e literárias apontam para o trilingüismo. Ver R. H. Gundry, "The Language Milieu of First-Century Palestine", Journal of Biblical Literature. 83 (1964), ps. 404-408.)

### TRANSPORTES, COMÉRCIO E COMUNICAÇÕES



*Estradas romanas pavimentadas cruzavam grande parte do império, eram tão retas quanto possível, e construídas para durar. Os primitivos missionários cristãos tiraram delas o máximo proveito.*

No campo dos transportes, do comércio e das comunicações a Palestina era bem pouco desenvolvida.

Provavelmente o país não possuía estradas pavimentadas, embora houvesse diversas estradas principais. Uma dessas estradas partia de Jerusalém, na direção sudoeste, para Belém e Gaza, e outra partia de

Jerusalém, na direção nordeste, para Betânia, Jericó e Damasco. Paulo estava percorrendo esta última quando teve sua visão de Cristo. A segunda estrada principal se separava da primeira na Transjordânia e atravessava Decápolis até Cafarnaum. A maioria dos judeus percorria essas duas estradas quando de viagem entre a Galiléia e a Judéia, a fim de evitar entrar em Samaria. Uma terceira estrada principal subia pela costa mediterrânea de Gaza a Tiro. Uma estrada secundária, na qual o Cristo ressurreto conversou com dois discípulos, seguia para além de Emaús até Jerusalém. A quarta estrada principal ia desde Jerusalém e seguia direto para o norte, atravessando Samaria e terminando em Cafarnaum. Ao longo dessa estrada foi que Jesus entabulou conversa com a mulher samaritana, à beira do poço de Jacó. Finalmente, a Via Maris (Estrada do Mar) partia de Damasco, atravessava Cafarnaum perto do mar da Galiléia e seguia na direção de Nazaré, prosseguindo até à costa do Mediterrâneo.

Embora na Palestina o sistema de estradas fosse comparativamente deficiente, por quase todo o império romano as rodovias eram famosas com razão. Eram construídas tão retas quanto possível, e muito duráveis. Os primeiros missionários cristãos usaram-nas com grande proveito. O correio imperial transportava despachos governamentais por essas estradas. As empresas particulares tinham seus próprios mensageiros, que levavam suas mensagens. As pessoas viajavam a pé, em lombo de burro, a cavalo ou montadas em mulas, e usavam carruagens ou liteiras. Visto que as hospedarias à beira do caminho eram bastante sujas, as pessoas de posses dependiam de seus amigos para se alojarem. Era possível adquirir-se mapas de turismo em forma de manuscritos, e até havia manuais de orientação para os turistas.

Por água é que se escoavam acima de tudo, os transportes comerciais. Visto que o Egito era o fornecedor de pão do império romano, Alexandria era o porto principal e o escoadouro dos cereais produzidos no Egito. Navios alexandrinos atingiam cerca de 60 m de comprimento, possuíam velas e levavam remos para casos de emergência. Um navio dos grandes podia transportar várias centenas de passageiros, em adição à carga. Paulo estava embarcado em um navio alexandrino quando sofreu naufrágio. Os navios de guerra eram mais leves e mais ligeiros. Escravos de galé brandiam os remos, havendo navios com duas a cinco fileiras de remos, e às vezes nada menos de dez fileiras. Barcaças cruzavam rios e canais.

Estradas, rios e o mar Mediterrâneo proviam as linhas de comunicação. O material de escrita para cartas e outros documentos era o papiro, os óstracos (pedaços quebrados de cerâmica) e tabletes recobertos de cera. Mas no caso de manuscritos importantes era empregado o couro ou o pergaminho. A maior parte das notícias era propagada oralmente pelos arautos ou em notificações públicas, colocadas em quadros de boletim.

## SERVIÇOS PÚBLICOS

Alexandria contava com um bem desenvolvido sistema escolar. A biblioteca da cidade continha acima de um milhão de volumes. As escavações têm demonstrado que a cidade de Antioquia, na Síria, dispunha de dois quilômetros e meio de ruas dotadas de colunas, pavimentadas de mármore e com um completo sistema de iluminação noturna. As principais cidades do império contavam com sistemas de esgotos subterrâneos. Havia banhos públicos para todos: a admissão custava dez centavos. A princípio as pessoas costumavam tomar um banho só por dia; mais tarde, entretanto, alguns já estavam tomando quatro a sete banhos diários. Os banhos de chuveiro desde há muito tinham sido inventados pelos gregos.

## AS MORADIAS

As casas de moradia da porção ocidental do império romano eram construídas de tijolos ou de concreto, pelo menos nas cidades. Os bairros mais pobres e as áreas rurais contavam com casas de madeira ou cabanas. Na porção oriental do império, as casas usualmente eram de estuco e de tijolos cozidos ao sol. Poucas janelas se abriam para a rua, porquanto nas cidades havia falta de um adequado policiamento que impedisse os assaltantes de vaguearem pelas ruas à noite ou penetrarem nas residências através das janelas. As moradias de melhor qualidade dispunham de entradas com portas duplas, algumas vezes com aldravas. Depois da porta havia o vestibulo, além do qual se encontrava um espaçoso pátio central chamado *atrium*. Os telhados eram cobertos de telhas ou de palha. Na cozinha havia uma fornalha aberta, além de um forno de barro ou de pedras, que servia de fogão. Lâmpadas de azeite proviam iluminação. Serviços de encanamento de água e de aquecimento já eram bem desenvolvidos. Algumas casas contavam com uma fornalha central, de onde o ar era bombeado por meio de foles para diversas partes das mesmas. Muitos lavatórios romanos dispunham de água corrente, e as casas de Pompéia eram construídas com pelo menos um banheiro, e às vezes até dois. As paredes eram decoradas com murais. Nas cidades maiores as pessoas das classes média e baixa, freqüentemente, alugavam apartamentos em edifícios de apartamentos.

As cidades e as moradias da Palestina eram um tanto diferentes de suas congêneres greco-romanas, e eram comparativamente atrasadas. A entrada numa cidade se fazia por meio de um portão nas muralhas. Do lado de dentro do portão havia uma praça que provia espaço público para comércio e para atividades sociais e legais. Jesus deve ter pregado com frequência nessas praças citadinas. As casas eram baixas e com cobertura plana, algumas vezes com um quartinho para hóspedes encarapitado no alto. O material de construção usado nessas edificações usualmente consistia de tijolos de barro amassado com palha e ressecados ao sol.



Residências **palestinas** típicas nos tempos bíblicos continuam sendo comuns hoje em dia, como estas casas de Caná da Galiléia.

O habitante típico da Palestina dispunha de um apartamento em algum edifício, o qual contava com muitos apartamentos, todos no nível do chão. Cada apartamento consistia exclusivamente de um aposento. Parte desse aposento era construída em nível

levemente superior à outra parte. Leitos, baús para roupas e utensílios de cozinha estavam localizados no nível levemente superior. Animais de abate e outros animais domésticos ocupavam o nível inferior, ou, quando tais animais eram mantidos do lado de fora, as crianças brincavam nesse nível inferior. Galhos deitados cruzados sobre vigas, emboçados com barro, formavam os eirados planos. A chuva provocava goteiras, pelo que, após cada chuva, tornava-se mister fazer rolar o barro para tapar as fendas. Um parapeito, levantado ao redor da beira do eirado, servia para impedir as pessoas de caírem dali, e um lance de escada, pelo lado de fora da casa, conduzia ao eirado. Esse eirado plano era usado para as pessoas ali dormirem na estação quente, para secar verduras, para amadurecer frutas, e, nos lares devotos, como lugar de oração. O piso consistia de terra batida, ou, nas casas mais bem feitas, de pedras. Os leitos não passavam de um colchão ou de uma colcha estendida no chão. Somente nas casas mais abastadas havia camas armadas. As pessoas dormiam vestidas com as roupas que usavam durante o dia.

## ALIMENTAÇÃO

Os romanos tinham quatro refeições por dia. A dieta do indivíduo médio consistia de pão, mingau de aveia, sopa de lentilhas, leite de cabra, queijo, verduras, frutas, azeitonas, tocinho defumado, lingüiça, peixe e vinho diluído em água. Os judeus costumavam ter somente duas refeições formais, uma ao meio-dia e outra à noite. A dieta dos judeus consistia principalmente de frutas e legumes. Carne, assada ou cozida, usualmente era reservada para dias de festa. Uvas passas, figos, mel e tâmaras supriam os adoçantes, porquanto era desconhecido o açúcar. O peixe era um freqüente substituto da carne. Quando das refeições formais as pessoas costumavam reclinar-se em divãs acolchoados. Nas refeições informais, se assentavam.



## VESTUÁRIO E MODAS

Os homens usavam túnicas, que eram vestes semelhantes a camisas, que se prolongavam dos ombros aos joelhos. Um cinto ou uma faixa, de nome "cinturão" no Novo Testamento, era enrolado em volta da cintura; e também eram usadas sandálias grosseiras nos pés, e um turbante ou chapéu na cabeça. Nos meses frios, uma manta ou capa pesada era usada por cima da túnica, provendo agasalho. As vestes usualmente

eram de cor branca. As mulheres usavam uma túnica curta como roupa de baixo, e algumas vezes usavam uma túnica externa brilhantemente colorida que descia até os pés. As mulheres mais elegantes usavam cosméticos em grande abundância, o que incluía o batom, sombras para os olhos, pintura das sobrancelhas, e, quando se tratava de jóias, usavam brincos e pendentes no nariz. Os penteados femininos mudavam constantemente de estilo, embora as mulheres da Palestina costumassem cobrir a cabeça com um véu (mas nunca cobriam o rosto). Os homens traziam os cabelos curtos, raspados com navalhas. Havia janotas que mandavam encaracolar os cabelos, nos quais aplicavam pródigas quantidades de óleo para cabelos e perfumes. Tanto os homens quanto as mulheres tingiam os cabelos, com freqüência para disfarçar os cabelos grisalhos. Cabelos falsos ajudavam a armar os penteados, e ambos os sexos usavam perucas. Na Palestina os homens deixavam a barba crescer. Seus cabelos eram conservados um pouquinho mais longos do que em outras regiões, mas não tão compridos como se vê nas gravuras que representam pessoas dos tempos bíblicos. A moda, na Palestina, usualmente se mantinha em níveis conservadores para ambos os sexos.

## AS CLASSES SOCIAIS

Na sociedade pagã as camadas sociais eram vigorosamente delineadas. Os aristocráticos proprietários de terras, os contratadores do governo e outros indivíduos viviam no luxo. Não existia uma classe média forte, porquanto os escravos é que perfaziam a maior parte do trabalho manual. Tornando-se mais tarde dependente do sustento dado pelo governo, a classe média de tempos prévios se transformara em uma turba sem lar e sem alimentos nas cidades.



Uma estratificação menor prevalecia na sociedade judaica, por causa da influência niveladora do judaísmo. A grosso modo, no entanto, os principais sacerdotes e os rabinos liderantes formavam a classe mais alta. Fazendeiros, artesãos e pequenos negociantes compreendiam a maior parte da população.

Entre os judeus, os cobradores de impostos (publicanos) tornaram-se objetos de uma especial aversão, como classe. Os demais judeus desprezavam a esses cobradores de impostos, ou, mais acuradamente ainda, cobradores de taxas, e isso devido ao seu necessário contato com superiores gentios. Os romanos leiloavam as vagas para coletores de taxas numa espécie de concorrência pública, a saber, para os que aceitassem as menores taxas de juros como comissão, em contratos de cinco anos. Os coletores de taxas recolhiam não somente as taxas e suas respectivas comissões, mas também tudo quanto pudessem embolsar ilegalmente. Por essa razão, como igualmente devido à sua colaboração com dominadores estrangeiros, os cobradores de taxas geralmente eram odiados. O suborno pago aos cobradores de taxas pelos ricos aumentava ainda mais a carga que recaía sobre os pobres.

No império romano, os escravos quiçá fossem mais numerosos que os homens livres. Era comum condenar criminosos, endividados e prisioneiros de guerra à servidão. Muitas das declarações e parábolas de Jesus dão a entender que a escravidão também existia na cultura hebréia de Seu tempo. As epístolas de Paulo refletem a presença de escravos nos domicílios cristãos. Muitos desses escravos - médicos, contadores, professores, filósofos, gerentes, balconistas, escriturários - eram mais aptos e mais bem educados que seus senhores. Alguns escravos conseguiam sua redenção a dinheiro, ou então recebiam a liberdade da parte de seus senhores.

Originalmente, os escravos que se tivessem tornado criminosos eram os únicos que podiam ser executados por crucificação. Mais tarde, todavia, libertos que houvessem cometido crimes hediondos também passaram a sofrer a crucificação. Durante o assédio de Jerusalém, no ano 70 D. C., Tito crucificou nada menos de quinhentos judeus em um só dia, fora das muralhas da cidade, a plena vista do povo que ainda se encontrava no interior das mesmas. (Josefo, Guerra dos Judeus, V. xi.1.) A execução na fogueira, em que a pessoa viva era amarrada a um poste no meio do combustível, ocasionalmente chegou a ser praticada. Noutras oportunidades, homens condenados foram forçados a lutar como se fossem gladiadores, nas arenas. Grupos inteiros algumas vezes assim se chacinavam, em combates simulados.

## A FAMÍLIA

A unidade social básica era a família. Alguns fatores tendiam por decompor a família, entretanto, como, por exemplo, a predominância, numérica dos escravos e o treinamento de crianças por parte de escravos, em lugar dos próprios pais das crianças. A família greco-romana típica contava com baixa taxa de nascimentos. A fim de encorajar famílias mais numerosas, o governo oferecia concessões especiais aos pais de dois ou mais filhos. Mui provavelmente os solteirões tinham de pagar impostos especiais.

Na Palestina eram comuns as famílias de muitos membros. Havia alegria ante o nascimento de um menino, mas tristeza ante o de uma menina. No oitavo dia de vida, o infante do sexo masculino era circuncidado e recebia o seu nome. A outorga de um nome a uma menina podia esperar pelo espaço de um mês. As famílias não tinham sobrenomes, pelo que pessoas com um mesmo nome eram distinguidas mediante a menção do nome do pai ("Simão, filho de Zebedeu"), mediante a filiação política ("Simão o Zelote"), pela ocupação ("Simão, o curtidor"), ou mediante o lugar de sua residência ("Judas Iscariotes", onde a palavra "Iscariotes" significa "homem de Queriote"). Quando ocorria um falecimento, a família do morto levava a efeito alguma forma de lamentação, como o ato de rasgar as vestes ou o jejum, além de contratar carpideiras profissionais, usualmente mulheres treinadas em soltar lamentações. Em adição a isso, a família podia contratar os serviços de um agente funerário.

## MORALIDADE

Nas exortações das epístolas do Novo Testamento, os pecados sexuais usualmente encabeçam as listas de proibições. Toda modalidade concebível de imoralidade era atribuída às divindades pagãs. As "virgens" dos templos faziam parte integral dos ritos religiosos pagãos. A prostituição, da parte de mulheres e de homens, era uma instituição bem reconhecida. Meninas escravas com frequência eram as vítimas desses excessos. Alguns homens lançavam na prostituição às suas próprias esposas e filhas, a fim de ganhar dinheiro. Gravuras obscenas com frequência decoravam as paredes externas das casas, conforme se tem descoberto na escavação de residências em Pompéia.

O divórcio era fácil de arranjar, freqüente e aceitável. De fato, documentos de divórcio se acham entre os papiros remanescentes mais numerosas. Os pais com frequência "expunham" os seus infantes, isto é, abandonavam-nos no tribunal da cidade, em alguma colina ou em alguma viela. O assassinio era prática comum. Uma carta, dirigida por um homem à sua mulher, diz: "Caso você venha a ter criança, se for menino, deixe-o viver. Se for menina, exponha-a". (P. Oxy. 744 (1 A. C.) Ver C. K. Barrett, *The New Testament Background*. pág. 38.) Com muita frequência, as meninas assim enjeitadas eram recolhidas a fim de serem criadas como prostitutas. Deveríamos acrescentar, contudo, que a despeito da prevalência de tão baixa moralidade, não se faziam inteiramente ausentes pessoas decentes no mundo greco-romano.

*Este estádio romano perto de Laodicéia fora dedicado a Vespasiano, em 79 D.C. São claramente visíveis os restos de algumas fileiras de assentos. As ruínas no alto, à direita, provavelmente são as de um ginásio e de banhos.*



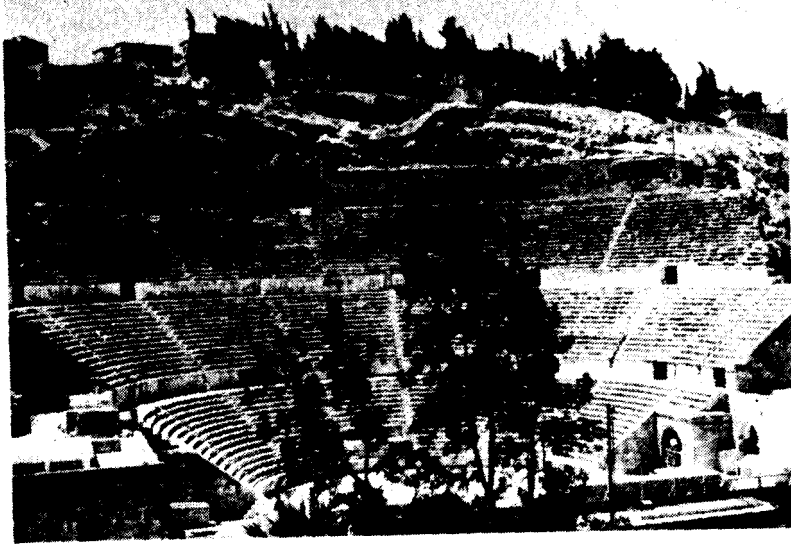
exibiam animais ferozes. Em uma dessas oportunidades, trezentos leões foram sacrificados. Quando da abertura inaugural do anfiteatro de Tito, cinco mil animais ferozes e quatro mil animais mansos foram trucidados. Elefantes, tigres, panteras, rinocerontes, hipopótamos, crocodilos e serpentes foram postos a lutar uns contra os outros.

As corridas de bigas correspondiam às nossas corridas de automóveis. As apostas eram muito comuns. Naturalmente, o público idolatrava as carruagens vencedoras.

Peças teatrais maliciosas refletiam a imoralidade da época. Todavia, as diversões não consistiam somente de deboches. Os Jogos Olímpicos desde há muito vinham sendo eventos esportivos que atraíam a muita gente. Havia boa música e boa literatura. As crianças brincavam com brinquedos como chocalhos infantis, bonecas com membros móveis, casas e móveis em miniatura, bolas, balanços e jogos similares à amarelinha, ao esconde-esconde e à cabra-cega.

## ENTRETENIMENTOS

Talvez a forma mais espetacular de diversão fossem as lutas dos gladiadores. Os gladiadores podiam ser escravos, cativos, criminosos ou voluntários. De certa feita o picadeiro de uma arena foi cheio de água, e então levou-se a efeito uma batalha naval ali. Nada menos de dez mil indivíduos morreram em um único desses eventos. A areia da arena ficou tão empapada de sangue que foi preciso trocar a areia várias vezes naquele dia. Os espetáculos de gladiadores com frequência



## NEGÓCIOS E TRABALHO

Grêmios profissionais, com suas divindades patronas, prefiguravam as modernas uniões trabalhistas. Esses grêmios de profissionais se ocupavam de intrigas políticas, prestavam auxílio a seus membros em situação precária e distribuíam benefícios às viúvas e aos órfãos de membros já falecidos. Na Palestina, esses grêmios regulamentavam os dias e as horas de trabalho.

A indústria limitava-se a pequenas oficinas locais, porquanto o transporte de bens para lugares distantes era

proibitivamente dispendioso. As caravanas eram lentas e estavam sujeitas a ataques. A navegação, no mar Mediterrâneo, só era exequível durante os calmos meses de verão.

A agricultura era surpreendentemente avançada quanto a certos aspectos. Os agricultores estavam familiarizados com diferentes tipos de fertilizantes, e praticavam a seleção de sementes de acordo com o tamanho e a qualidade das mesmas. Usavam pesticidas mergulhando o grão em misturas químicas que protegiam o cereal dos insetos daninhos. E também praticavam a rotatividade no plantio.

Companhias particulares exploravam a atividade bancária de modo muito parecido com o que é feito modernamente, emprestando, descontando notas, cambiando moeda estrangeira e expedindo notas de crédito. As taxas de juros em voga variavam de quatro a doze por cento ao ano.

## CIÊNCIAS E MEDICINA

Embora os judeus não estivessem particularmente interessados em assuntos científicos, no período do Novo Testamento, a ciência existia. Por exemplo, no século III A. C., Eratóstenes, bibliotecário em Alexandria, ensinava que a terra é esférica e calculou que ela teria 24 mil milhas de circunferência (somente oitocentas milhas menos que o cálculo moderno), além de ter calculado a distância da terra ao sol em 92 milhões de milhas (a estimativa moderna é de 93 milhões de milhas). E por igual modo ele conjecturou a existência do continente americano.

A medicina, ou pelo menos a cirurgia, estava mais avançada do que poderíamos imaginar - uma relevante informação, porquanto um dos escritores do Novo Testamento, Lucas, era o médico pessoal de Paulo. Os cirurgiões faziam intervenções cirúrgicas no crânio, traqueotomias (incisões na traquéia) e amputações. Não obstante, era limitado o conhecimento e o uso de anestésicos, pelo que também as qualificações de um cirurgião eram as que damos abaixo:

Um cirurgião precisa ser jovem, ou, pelo menos, não muito idoso; suas mãos devem ser firmes e seguras, sem jamais tremerem; deve ser capaz de usar tão bem a mão esquerda quanto a direita... deveria ser dotado de tão grande compaixão que se torne desejoso da recuperação de seu paciente; mas não tanto a ponto de deixar-se comover com seus gemidos; não deve apressar a operação mais do que o caso requer, e nem cortar menos do que é necessário, mas deve fazer tudo como se os gritos do enfermo não exercessem sobre ele impressão alguma. (Citado de A.C. Bouquet, *Everyday Life in New Testament Time*, (Nova Iorque: Scribner's. 1953), pág. 171, um livro do qual fui respigada grande parte do material deste capítulo.)

Era usada certa variedade de instrumentos médicos, como lancetas, agulhas de costura, um instrumento de elevar porções deprimidas do crânio, várias modalidades de fórceps, catéteres, espátulas para examinar a garganta e instrumentos tipo alavanca para dilatarem passagens no corpo, permitindo o exame do seu interior. No campo da odontologia, preenchiam-se cavidades dos

dentes com ouro. Dentaduras provinham das bocas de pessoas falecidas ou de animais. Algumas vezes as pessoas usavam pós abrasivos para polir e branquear os dentes.

Desse modo, um mostruário da cultura greco-romana do primeiro século mostra que, embora a gente do Novo Testamento tivesse vivido antes da época da ciência, era um povo inteligente, cuja sociedade e cultura em muitas particularidades eram surpreendentemente semelhantes às nossas. Isso não era tão característico na Palestina, onde teve início o cristianismo, mas assim acontecia fora da Palestina, para onde o cristianismo rapidamente se propagou.

*Para discussão posterior:*

- Qual preparação cultural pode ser vista no mundo greco-romano para a vinda de Cristo e o surgimento da Igreja?
- Por que os judeus da Palestina tendiam por ser culturalmente atrasados? A Igreja cristã, por igual modo pende para o atraso cultural? Nesse caso, deve-se isso a razões similares ou diferentes? Em caso contrário, por que não, em face do fato que o cristianismo se originou do judaísmo?

*Para investigação posterior:*

Barrett. C. K. The New Testament Background: Selected Documents. Londres: S.P.C.K., 1958. Especialmente as págs. 36-44, quanto a citações extraídas de fontes primárias.

Bouquet, A. C. Everyday Life in New Testament Times. Nova Iorque: Scribner's, 1953.

Daniel-Rops. H. A Vida Diária nos Tempos de Jesus. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

Jones, C. M. New Testament Illustrations. Cambridge University Press, 1966.

Everyday Life in Bible Times. Editado por M. B. Grosvenor. National Geographic Society, 1967.

Corswant, W. A. Dictionary of Life in Bible Times. Completando e ilustrado por E. Urech: traduzido por A. Heathcote. Nova Iorque: Oxford, 1960.

Bailey, A. E. Daily Life in Bible Times. Nova Iorque: Scribner's, 1943.

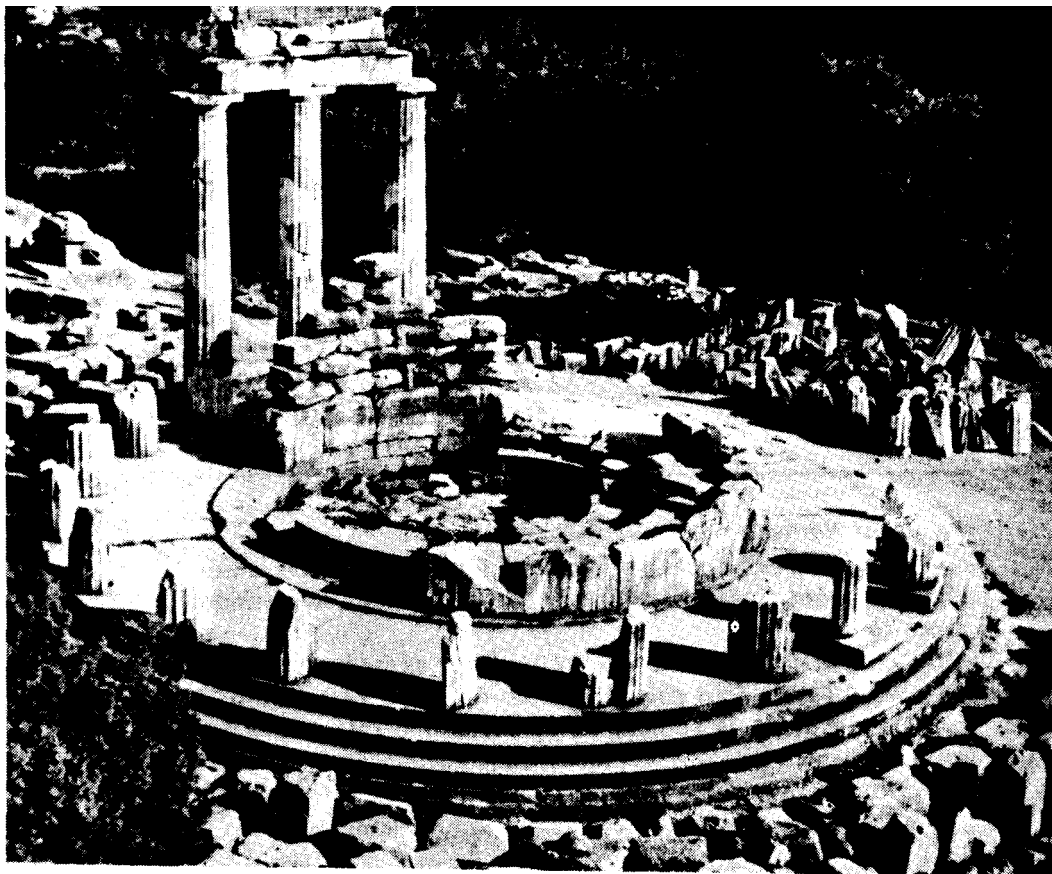
Miller, M. S. e J. L. Encyclopedia of Bible Life. Nova Iorque: Harper, 1944.

Wight. F. H. Manners and Customs of Bible Lands. Chicago: Moody, 1953.

### **CAPÍTULO 3 - O Ambiente Religioso do Novo Testamento**

*Perguntas Normativas:*

- Quais eram as crenças e práticas religiosas - esotéricas, mitológicas, supersticiosas, filosóficas - entre os pagãos, no período greco-romano?
- Como se desenvolveram as instituições e as crenças judaicas do Antigo Testamento para os tempos do Novo Testamento?
- De que modo se combinaram o meio ambiente pagão e o meio ambiente religioso dos judeus, em contribuição para o nascimento do cristianismo?



Os Tolos (templo circular) de Delfos, na Grécia, foi erigido no começo do século IV A.C.

## O PAGANISMO

### Mitologia

O deus supremo do panteão grego ou hierarquia de divindades era Zeus, filho de Cronos. Cronos, que arrebatara o governo do mundo das mãos de seu pai, Urano, canibal que era, devorava os seus próprios filhos conforme iam nascendo. Todavia, a mãe de Zeus salvou ao seu infante ao entregar a Cronos uma pedra envolta em cobertores infantis, para que a engolissem. Ao atingir a idade adulta, Zeus derrubou seu pai e dividiu os domínios

daquele com seus dois irmãos, Poseidon, que passou a governar os mares, e Hades, que se tornou senhor do mundo inferior. O próprio Zeus pôs-se a governar os céus. Os deuses tinham acesso à terra, vindos de sua capital, o monte Olimpo, na Grécia.

De acordo com a mitologia, Zeus era forçado a abafar ocasionais rebeliões da parte dos deuses, os quais exibiam pendores perfeitamente humanos de paixões e concupiscências, de amor e ciúmes, de ira e ódio. De fato, os deuses seriam superiores aos homens somente quanto ao poder, à inteligência e à imortalidade - mas por certo não quanto à moralidade. Um deus extremamente popular era Apolo, filho de Zeus, inspirador de poetas, videntes e profetas, e que também realizava numerosas outras funções. Em Delfos, na Grécia, um templo dedicado a Apolo fora erigido por cima de uma caverna, de onde se emanavam vapores, que o vulgo julgava ser o hálito de Apolo. Uma sacerdotisa, assentada sobre um tripé, acima da abertura, inalava os vapores e, em estado de transe, murmurava palavras que eram registradas e interpretadas de modo muito vago pelos sacerdotes, em respostas aos adoradores inquiridores.

### Religião oficial.

A religião oficial de Roma adotou grande parte do panteão e da mitologia gregos. As divindades romanas vieram a ser identificadas com os deuses gregos (Júpiter com Zeus, Vênus com Afrodite, e assim por diante). Os romanos também adicionaram certas características, como a de um sacerdócio sobre o qual o próprio imperador atuava como *pontifex maximus* (sumo sacerdote). As características perfeitamente humanas de tais deuses destruíam a fé de muitas pessoas no panteão greco-romano. Quanto a outras pessoas, entretanto, tal fé persistiu por todo o período do Novo Testamento.

### Adoração ao Imperador.

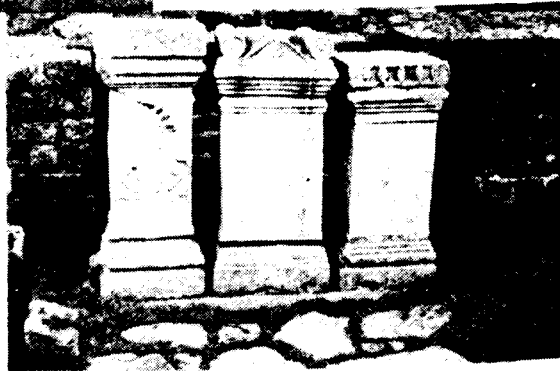
Seguindo a prática desde há muito firmada de atribuir atributos divinos aos governantes, o senado romano lançou a idéia do culto ao imperador, ao deificar, após a morte, a Augusto e a subsequentes imperadores que porventura tivessem servido bem como tais. Elementos leais e entusiastas das províncias orientais algumas vezes antecipavam essa deificação pós-morte. Os imperadores do primeiro século que reivindicaram a divindade para si mesmos, enquanto ainda

viviam - Calígula, Nero e Domiciano - não foram honrados com tal distinção ao morrerem. O insano Calígula (37-41 D.C.) ordenara que uma estátua sua fosse levantada no templo de Jerusalém, a fim de ser adorada. Afortunadamente, tal medida foi adiada pelo mais sensato embaixador sírio, porquanto os judeus sem dúvida ter-se-iam revoltado. Nesse ínterim, Calígula foi assassinado. Domiciano (81-96 D.C.) foi o primeiro a tomar providências sérias e generalizadas para forçar a adoração de sua pessoa. A recusa dos cristãos em participarem do que passou a ser tido como um dever patriótico, como uma medida tendente a unificar o preito de lealdade ao imperador, como uma divindade, provocou uma perseguição que foi crescendo de intensidade.

## Religiões misteriosas.



O Culto a **Mitra** foi levado à Bretanha pelos soldados romanos, como se vê por este mitreu de um soldado, na muralha de Adriano, em Carrowburg, perto de Londres. Abaixo, um close-up das inscrições votivas.



Muito se tem escrito sobre a larga popularidade e influência das religiões misteriosas dos gregos, egípcios e povos orientais sobre o primeiro século cristão - os cultos de Eleusis, Mitra, Isis, Dionísio, Cibele e inúmeros cultos locais. Prometendo purificação e a imortalidade do indivíduo, freqüentemente esses cultos giravam em torno de mitos sobre uma deusa cujo amante ou filho fora arrebatado dela, usualmente através da morte, para ser subseqüentemente restaurado. Esses mistérios

também envolviam o ritos secretos de iniciação e outras cerimônias, como lavagens cerimoniais, aspersão de sangue, refeições sacramentais, intoxicação alcoólica, frenesi emocional e um impressionante fausto, por meio dos quais os devotos entrariam em união mística com os deuses. A igualdade social no seio desses cultos misteriosos contribuía para a atração que exerciam. Em anos mais recentes, contudo, tem-se percebido de maneira crescente que a ausência de antigas informações sobre essas religiões mui provavelmente significa que não desempenham um papel dos mais importantes nos estudos sobre o Novo Testamento.

É somente já nos séculos II, III e IV da era cristã que chegamos a obter informações detalhadas a respeito das crenças defendidas pelos devotos desses mistérios. Assim sendo, apesar de ser indubitável a existência das religiões misteriosas antes do cristianismo, suas crenças pré-cristãs nos são desconhecidas. Onde as suas crenças posteriores se tornaram um tanto paralelas às crenças cristãs (aliás, esse paralelismo com freqüência tem sido exagerado), o mais provável é que as religiões misteriosas é que tenham tomado por empréstimo certas idéias do cristianismo, e não vice-versa, mormente se levarmos em conta que os pagãos eram notáveis assimiladores (ver abaixo acerca do sincretismo), ao passo que os primitivos cristãos eram exclusivistas. Não obstante, os paralelos geralmente são mais aparentes do que reais, e mesmo quando são reais, isso não implica necessariamente em que tenham havido empréstimos de uma coisa para a outra.

Por exemplo, os mitos sobre deuses que morriam e ressuscitavam não correspondiam verdadeiramente às narrativas do Novo Testamento sobre a morte e a ressurreição de Jesus. Em primeiro lugar, as mortes de tais divindades não tinham cunho redentor. Outrossim, a história da morte e ressurreição de Jesus está vinculada a um bem recente personagem histórico, ao passo que os mitos usualmente tinham algo a ver com personificações de processos vegetativos, pelo que também nada tinham a ver com o plano da história, e muito menos com a história recente.

Finalmente, os deuses mitológicos não ressuscitavam de modo plenamente corpóreo, mas ressuscitavam apenas em parte, ou meramente reviviam no mundo inferior. Quando as catorze porções constituintes do corpo de Osíris foram reunidas, ele se tornou o rei dos mortos no mundo inferior. Tudo quanto Cibele pôde conseguir acerca do corpo de Atis, é que este não entraria em decomposição, que seus cabelos continuariam a crescer e que seu dedo mínimo se moveria - e no entanto, a história de Cibele e Atis (que teria morrido por haver castrado a si mesmo) é algumas vezes citada rumo um paralelo e como uma fonte originadora da narrativa sobre a morte e a ressurreição de Jesus, da parte daqueles que, por negligência, não examinam os pormenores de tal mito. A bem da verdade, as próprias idéias de morte por crucificação e de ressurreição física pareciam abomináveis aos povos antigos, os quais sabiam que a crucificação estava reservada aos criminosos e que concebiam o corpo como uma prisão da alma e como sede do mal. Se houvessem os cristãos tomado os seus conceitos por empréstimos das religiões misteriosas, bem poderíamos indagar por qual motivo os pagãos consideravam, de modo geral, o evangelho cristão, como algo tolo, incrível e somente digno de perseguição. (Ver J. G. Machen, *The Origin of Paul's Religion*, Grand Rapids: Eerdmans, 1947, caps. vi e vii; J. S. Stewart, *A Man in Christ*, Nova Iorque: Harper, n.d., págs. 64-68.)

### **Superstições e Sincretismo.**

As superstições estavam firmemente entrincheiradas nas mentes da maioria do povo do império romano. O emprego de fórmulas mágicas, consultas de horóscopos e oráculos, augúrios ou predições sobre o futuro, mediante a observação do vô dos pássaros, os movimentos do azeite sobre a água, as circunvoluções do fígado e o uso de exorcistas profissionais (peritos na arte de expulsar demônios) - todas essas práticas supersticiosas, além de muitas outras, faziam parte integrante da vida diária. Os judeus eram numerados entre os exorcistas mais avidamente procurados, em parte porque julgava-se que somente eles eram capazes de pronunciar corretamente o nome magicamente potente de Yahweh (nome hebraico traduzido por "Senhor"). A pronúncia correta, juntamente com a idéia de algo secreto, segundo se pensava, seria necessária para a eficácia de qualquer encantamento. Na prática apodada de *sincretismo*, o povo comum simplesmente fazia a mescla de diversas crenças religiosas com práticas supersticiosas. As prateleiras para ídolos, existentes nas residências, eram atulhadas de imagens de aves, cães, crocodilos, bezouros e outras criaturas.

### **Gnosticismo.**

O contraste dualista concebido por Platão entre o mundo invisível das idéias e o mundo visível da matéria, formava o substrato do gnosticismo do primeiro século de nossa era, e segundo o qual a matéria era equiparada ao mal, ao passo que o espírito seria equivalente ao bem. Daí resultavam dois modos opostos de conduta: (1) a supressão dos desejos do corpo, devido à sua conexão com a matéria má (ascetismo) e (2) a indulgência quanto às paixões físicas, por causa da irrealidade e inconseqüência da matéria (libertinagem ou sensualismo). Em ambos esses casos as noções religiosas orientais haviam corrompido as idéias originais de Platão. O conceito da ressurreição física era abominável, devido ao fato da matéria ser tida por inerentemente má. Todavia, a imortalidade do espírito seria desejável, podendo-se chegar a ela por meio do conhecimento de doutrinas secretas e de senhas, através das quais coisas a alma, por ocasião da morte, conseguiria escapar da vigilância de guardiães demoníacos dos planetas e das estrelas, em seu vô da terra para o céu. Segundo esse ponto de vista, o problema religioso não consistia da culpa humana, para a qual é preciso que se proveja perdão, mas consistia muito mais da ignorância humana, para a qual era mister prover conhecimento. De fato, o vocábulo *gnosticismo* vem de *gnosis*, termo grego que significa conhecimento. A fim de assegurar-se a pureza do Deus supremo, era este separado do universo material, e, portanto mau, mediante uma série de seres progressivamente menos divinos, chamados "aeons", que se teriam emanado dele. Dessa forma, uma elaborada angelologia se desenvolveu paralelamente à demonologia.

As idéias gnósticas parecem ocultar-se por detrás de determinadas heresias que são atacadas no Novo Testamento. Porém, o conteúdo da biblioteca gnóstica, descoberta na década de 1940, em Nag Hammadi ou Chenoboskion, no Egito, parece confirmar que não existia ainda o conceito

gnóstico de um redentor celestial, quando começou o movimento cristão. Ao que parece, os gnósticos tomaram por empréstimo do cristianismo, em data posterior, a doutrina de um redentor celeste. No primeiro século, o gnosticismo era ainda um agregado de concepções religiosas frouxamente ligado, e não um sistema doutrinário altamente organizado.

### **Filosofias.**

Os entendidos no assunto estavam se voltando para formas filosóficas mais puras. O *epicurismo* pensava ser os prazeres (não necessariamente de ordem sensual) o sumo bem da vida. O *estoicismo* ensinava que a aceitação racional da própria sorte, determinada por uma Razão impessoal, que governaria o universo e da qual todos os homens fazem parte, é dever do homem. Os *cínicos*, antigas contrapartes dos modernos "hippies", reputavam a virtude suprema como se fora uma vida simples e sem convenções, rejeitando a busca popular pelo conforto, pelas riquezas e pelo prestígio social. Os *céticos*, tendo abandonado em seu relativismo toda esperança de qualquer coisa em termos absolutos, sucumbiam ante a dúvida e a conformidade para com costumes prevalescentes. Essas e outras filosofias, entretanto, não determinavam as vidas de um grande número de pessoas. De modo geral, as superstições e o sincretismo caracterizavam as massas, pelo que também o cristianismo teve de penetrar numa sociedade religiosa e filosoficamente confusa. A antiga confiança dos primeiros gregos desaparecera. O enigmático universo desafiava a compreensão. A filosofia não obtivera êxito em fornecer respostas satisfatórias. Outro tanto sucedera às religiões tradicionais. Os homens se sentiam inermes ante a sorte ditada pelas estrelas, as quais eram consideradas seres angélico-demoníacos. Prevalencia uma atitude de desespero, ou, pelo menos, de pessimismo.

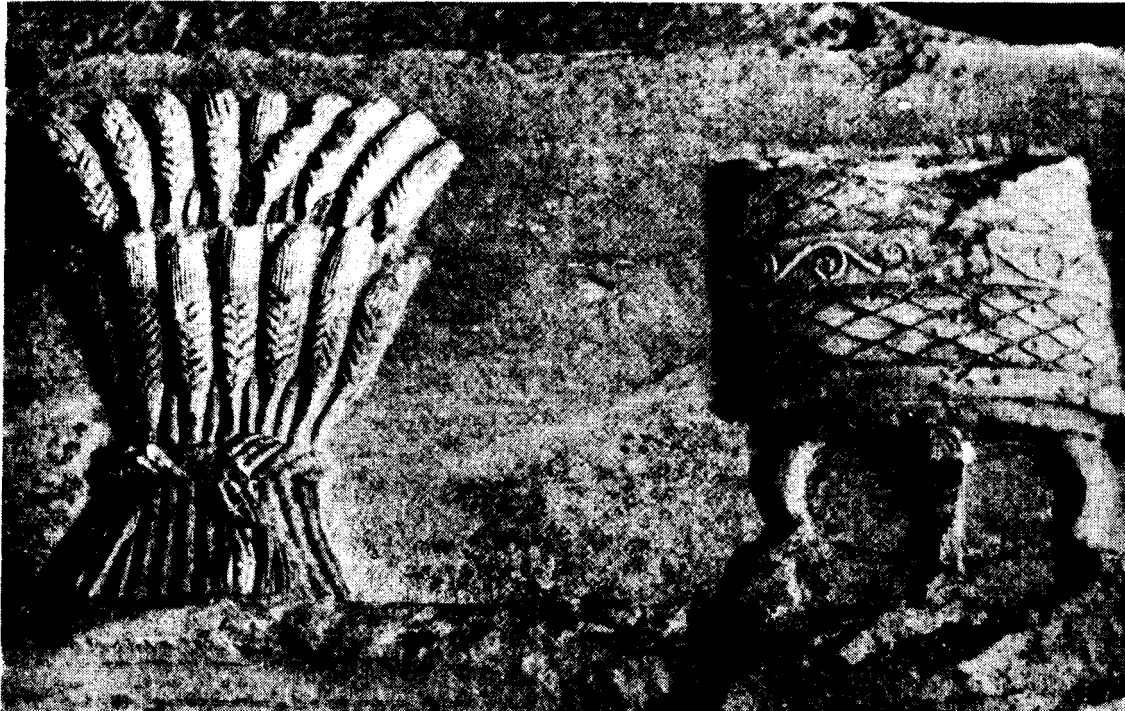
## O JUDAÍSMO

### **A Sinagoga.**

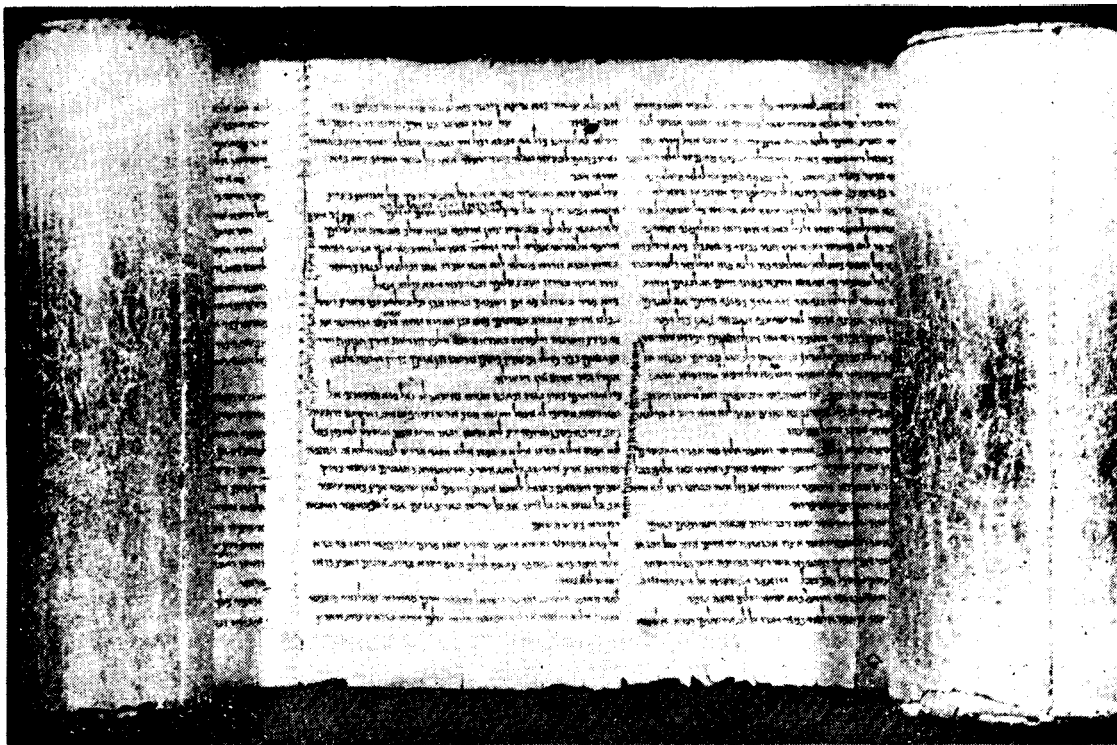
Mais importante que o meio ambiente pagão religioso e filosófico era o judaísmo, do qual se originou o cristianismo. O judaísmo, tal qual era no primeiro século, teve seu começo perto do final do período do Antigo Testamento, durante o exílio assírio-babilônico. Os profetas haviam predito o desterro como uma punição pela idolatria praticada pela nação israelita. O cumprimento dessa predição curou permanentemente a nação de sua idolatria. A perda temporária do templo, durante o exílio deu azo a um crescente estudo e observância da lei (a Torá - O termo hebraico *torah* tinha sentido mais lato que "lei". Também indicava instrução, ensino e a revelação divina *in toto*, aludindo ora aos dez mandamentos, ora ao Pentateuco, ora ao Antigo Testamento inteiro, e também à lei oral, ou seja, as interpretações tradicionais dos rabinos.) do Antigo Testamento, e, pelo menos, afinal de contas, ao estabelecimento das sinagogas como uma instituição. É motivo de debate se as sinagogas tiveram origem justamente durante o exílio ou mais tarde, já no período intertestamentário. Uma conjectura razoável, entretanto, é que em face de Nabucodonosor haver destruído o primeiro templo (o de Salomão) e haver deportado da Palestina a maioria de seus habitantes, os judeus estabeleceram centros locais de adoração intitulados sinagogas ("assembléias"), onde quer que pudessem ser encontrados dez judeus adultos do sexo masculino. Uma vez instituída como uma instituição, as sinagogas prosseguiram em existência até à reconstrução do templo, sob a liderança de Zorobabel. (Vide Esdras 3 - 6; Ageu: Zacarias 1 - 8 quanto à reedificação do templo.)



Eleusis, perto de Atenas, era o centro do culto eleusiano de Demeter, a deusa Terra. Esses fragmentos de esculturas se encontram entre ruínas do Templo de Demeter em Eleusis.



A sinagoga típica era um auditório retangular com uma plataforma elevada para o orador, por detrás da qual havia uma arca portátil ou um nicho, contendo rolos do Antigo Testamento. A congregação se assentava em bancos de pedra, que estavam alinhados ao longo de duas ou três paredes, ou em esteiras e, possivelmente, assentos de madeira no centro do salão. Defronte, de rostos voltados para a congregação, assentavam-se os dirigentes ou anciãos da sinagoga. Os cânticos não eram acompanhados por instrumentos musicais. A fim de ler algum rolo do Antigo Testamento, o orador se punha de pé. Ao pregar, ele se sentava. Quando das orações, todos se erguiam de pé. O culto típico de uma sinagoga consistia de recitação responsiva do Shema (Deuteronômio 6:4 e ss., o "texto áureo" do judaísmo - "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Deuteronômio 6:4), mais tarde ampliado pelos versículos 5-9; 11:13-21; Números 15:37-41. *Shema* é a palavra hebraica que, nessa citação, corresponde ao "Ouve".) e do Shemone Esreh (uma série de louvores a Deus), (*Shemone Esreh* significa dezoito, mas na realidade o número exato de bênçãos tem variado de tempo para tempo.), oração, cântico de salmos, leituras do Antigo Testamento hebraico, da lei e dos profetas, com um targum, ou seja, frouxa tradução oral para o aramaico (ou para o grego), que muitos judeus entendiam melhor que o hebraico, um sermão (se alguém competente para tanto estivesse presente), e uma bênção proferida. Havia ampla liberdade no fraseado da liturgia. A congregação inteira adicionava o seu "Amém", no final das orações. O chefe da sinagoga selecionava diferentes membros da congregação para conduzir as recitações, ler as Escrituras e orar. Visitantes competentes, por semelhante modo, eram convidados a falar, uma prática que abriu muitas oportunidades para Paulo pregar o evangelho nas sinagogas.



Um rolo completo de Isaías, em hebraico, foi descoberto em Qumran. O rolo de pergaminho mede 7,72 m de comprimento.

O chefe ou presidente eleito da sinagoga presidia às reuniões e fazia a apresentação dos estranhos. O atendente (ou hazzan) cuidava dos rolos e dos móveis, acendia as lâmpadas, soprava a trombeta que anunciava o dia de sábado, punha-se ao lado dos leitores para assegurar a pronúncia correta e a leitura acurada dos textos sagrados, e, algumas vezes, ensinava na escola da sinagoga. Uma junta de anciãos exercia superintendência espiritual sobre a congregação. Os membros que caíssem em erro eram punidos por meio de açoites ou de exclusão. As esmolas recolhidas pela sinagoga eram distribuídas entre os pobres. Os primeiros cristãos, principalmente judeus, mui naturalmente adotaram a organização da sinagoga como um modelo básico para suas igrejas locais.

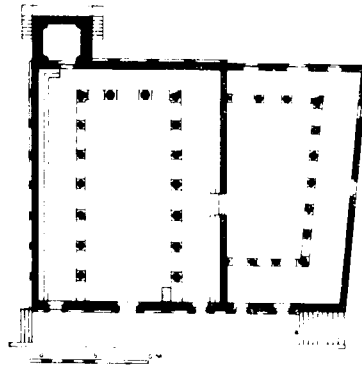
A sinagoga era mais do que mero centro de adoração religiosa a cada sábado. Durante os dias úteis da semana ela se tornava em centro de administração de justiça, de reuniões políticas, de serviços fúnebres, de educação de jovens judeus, e de estudos do Antigo Testamento. O estudo da Torá nas sinagogas tendia por obscurecer a importância da oferta de sacrifícios no templo judaico, razão pela qual o rabino, ou mestre da lei, começou a ultrapassar ao sacerdote em importância.

### **O templo.**

Os sacrifícios prescritos pela lei mosaica só podiam ser legitimamente oferecidos no santuário central. O segundo templo continuou a ser importante, por conseguinte, até à sua destruição por Tito, em 70 D. C. As exortações dos profetas Ageu e Zacarias haviam impulsionado a reconstrução do templo durante o período de restauração do Velho Testamento, depois do desterro. Saqueado e aviltado por Antíoco Epifânio, em 168 A. C., o templo fora reparado, purificado e reconsagrado por Judas Macabeu três anos mais tarde. Herodes o Grande iniciou grandioso programa de embelezamento, mas nem bem esse projeto se completou, muito depois de sua morte, e o templo foi novamente destruído.



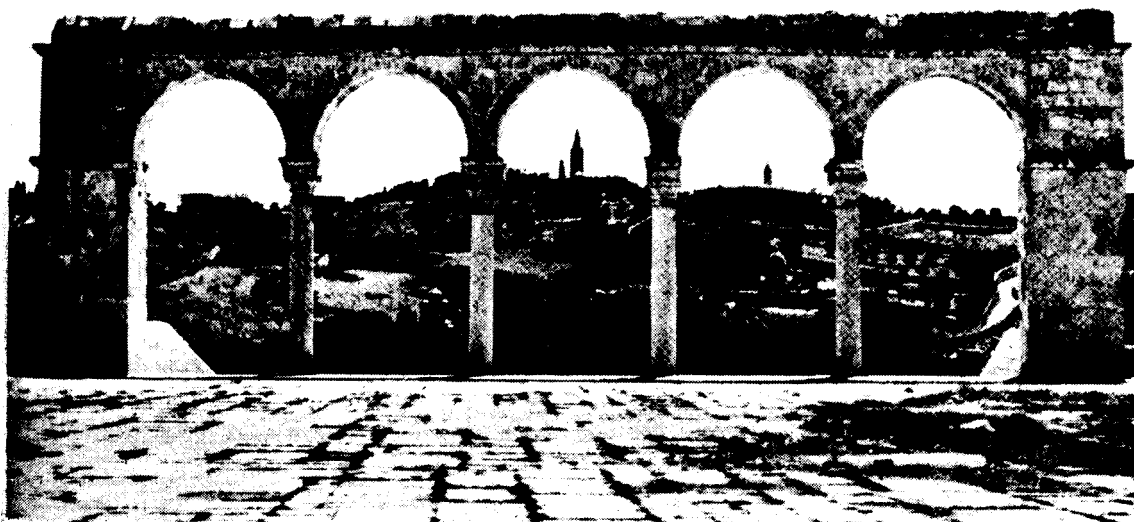
A Sinagoga de Cafarnaum retrocede até ao século III D.C. No alto: desenho artístico da estrutura restaurada. Centro: planta horizontal. Em baixo: ruínas modernas da estrutura escavada.



O templo propriamente dito se erguia em meio a átrios e abóbadas que cobriam cerca de vinte e seis acres. Os gentios podiam entrar no átrio exterior; mas inscrições em latim e grego advertiam-nos, sob pena de morte, a não entrarem nos átrios mais interiores, reservados aos judeus com exclusividade. Imediatamente do lado de fora do templo propriamente dito, havia o altar dos holocaustos e o lavatório cheio de água, para ser usado pelos sacerdotes, em suas abluções. Dentro do aposento mais exterior, ou Lugar Santo, havia um candeeiro com sete hastes, alimentado por azeite, uma mesa com o pão da presença (de Deus), ou "pães da apresentação", e um pequeno altar onde era queimado o incenso. Uma pesada cortina separava este do aposento mais interior, o Santo dos Santos, no qual apenas o sumo sacerdote entrava, e isso apenas um dia no ano, no Dia da Expição. A arca da aliança, a única peça de mobília que havia no Santo dos Santos, durante os dias do Antigo Testamento, desde há muito havia desaparecido em meio aos distúrbios das invasões e do cativo.

Além dos sacrifícios particulares, holocaustos diários em prol da nação inteira eram sacrificados no meio da manhã e no meio da tarde, conjuntamente com a queima de incenso, orações, bênçãos proferidas pelos sacerdotes, libação de vinho (oferenda líquida), o toque das trombetas e um cântico por parte de um coro formado por levitas, com acompanhamento de harpas, liras e instrumentos musicais de sopro. Os sábados, as festividades e outros dias santos requeriam cerimônias adicionais.

Área do templo em nossos dias, com uma vista através dos arcos para o monte das Oliveiras.



### O calendário religioso.

Intimamente relacionadas à adoração no templo havia as festividades religiosas e dias santos dos judeus. O ano civil judaico começava aproximadamente em setembro-outubro, e o ano religioso aproximadamente em março-abril. Abaixo apresentamos o calendário religioso dos judeus:

CALENDÁRIO RELIGIOSO DOS JUDEUS (Por motivo de diferenças entre os dois sistemas de calendários os equivalentes em nossos meses são apenas aproximações.)

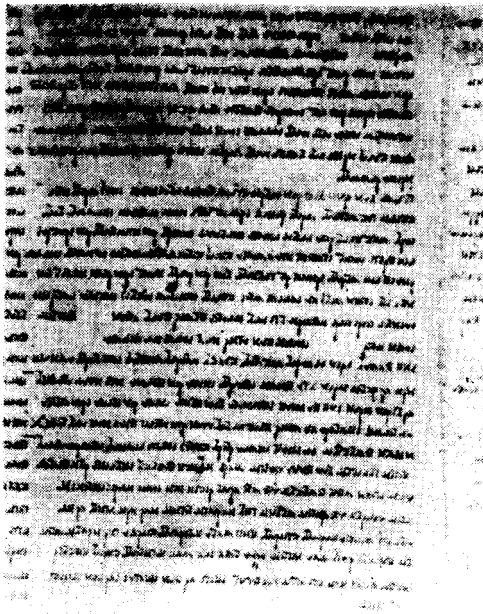
FESTA		DATAS
Páscoa e Pães Asmos	comemora o êxodo do Egito e marca o início ("Primícias") da colheita do trigo	Nisã (março-abril) 14 15 – 21
Pentecoste ou das Semanas	marca o fim da colheita do trigo	Iyar (abril-maio) Sivã (maio-junho) 6
Trombetas ou Rosh Hashanah	marca o início do ano civil e o fim das colheitas da uva e da azeitona	Tamuz (junho-julho) Ab (julho-agosto) Elul (agosto-setembro) Tisri (set-outubro) 1 e 2
Dia da Expição ou Yom Kippur	arrepentimento nacional, jejum e expiação (não era chamado de "festa")	10
Tabernáculos ou da Colheita	comemora o viver em tendas a caminho de Canaã, após o êxodo do Egito – festividade alegre, durante a qual o povo vivia em cabanas de ramos	15-22
Luzes, Dedicção ou Hanukkah	comemora a rededicação do Templo, por Judas Macabeu, com luzes brilhantes nos do templo e nos lares dos judeus.	Heshvan(out.-novembro) Quisleu (nov.-dezembro) 25 Tebete (dez-janeiro) 2 ou 3

Purim	comemora o livramento de Israel ao templo de Ester, com a leitura pública do livro de Ester nas Sinagogas	Shebet (jan.-fevereiro) Adar (fev.-março) 14
-------	---	---

A lei mosaica prescrevia os seis primeiros itens do calendário (Páscoa - Tabernáculos). (Vide Levítico 23:4-43 quanto aos detalhes.) Os dois restantes (Hanukkah e Purim) surgiram posteriormente, e à parte de mandamento bíblico. Peregrinos enchiam as ruas de Jerusalém vindos de toda parte da Palestina e também de países estrangeiros, quando das três principais festividades religiosas: Páscoa-Pães Asmos, Pentecoste e Tabernáculos.

### Literatura judaica: o Antigo Testamento.

O Antigo Testamento existia sob três formas lingüísticas, para proveito dos judeus do primeiro século: o hebraico original, a Setuaginta (uma tradução para o grego) e os Targuns (traduções orais, para o aramaico, que estavam começando a ser postas em forma escrita. Os Targuns também continham material tradicional que não figura no texto bíblico.



Texto hebraico de Isaías (47:2) – 48:6): O texto do Antigo Testamento existia em três formas lingüísticas no primeiro século: o hebraico original, a Setuaginta (grego) e os Targuns (aramaico).

livro de Ester, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico ou Sabedoria de Jesus filho de Siraque, Baruque, Epístola de Jeremias, Oração de Azarias, Cântico dos Três Jovens, Susana, Bel e o Dragão, Oração de Manassés, I Macabeus, II Macabeus.

### Pseudepígrafos e Apocalípticos.

Outros livros judaicos que datam da mesma era geral são intitulados pseudepígrafos ("falsamente escritos"), porquanto alguns deles foram escritos sob a alegação de que seus autores foram figuras do Antigo Testamento desde há muito falecidas, a fim de assumirem foros de autoridade. Alguns desses escritos pseudepígrafos também cabem dentro da categoria de literatura apocalíptica, (Derivado o termo do grego *apokalypsys*, que significa "desvendamento, revelação", no caso, sobre eventos futuros.) descrições vasadas em linguagem altamente simbólica e visionária, que fala sobre o fim da era presente, ante o estabelecimento do reino de Deus à face da terra. O propósito dos autores dos apocalipses era o de encorajar o povo judeu a suportar as perseguições, até que se inaugurasse o reino messiânico, em futuro próximo. Quando essa esperança não chegou a materializasse, cessou a publicação de obras de natureza apocalíptica.

### Os apócrifos.

Escritos em hebraico, aramaico e grego, e datados dos períodos inter e neotestamentário, os livros apócrifos do Antigo Testamento contêm história, ficção e literatura de sabedoria. Os judeus, e, posteriormente, os primitivos cristãos, de modo geral não reputavam esses livros como Escritura Sagrada, razão por que o termo apócrifos, que originalmente significava "oculto, secreto", e, por conseguinte, "profundo", terminou por significar "não-canônico". Os livros apócrifos incluem os seguintes: I Esdras, II Esdras (ou IV Esdras, de conteúdo apocalíptico; ver o parágrafo seguinte sobre a natureza da literatura apocalíptica), Tobias, Judite, Adições ao

A literatura pseudepígrafa, que não possui limites bem conhecidos, também contém livros anônimos (Os católicos romanos designam os livros pseudepígrafos como apócrifos, e os apócrifos como livros deutero-canônicos. Outros chamam os pseudepígrafos de "livros externos", pois só alguns deles são pseudônimos, e quase ninguém os consideram canônicos. (O cânon etíope inclui os livros de 1 Enoque e Jubileus.)) cujo conteúdo é história lendária, salmos e observações de sabedoria. Abaixo oferecemos uma lista dos livros pseudepígrafos: I Enoque, II Enoque, II Baruque ou Apocalipse de Baruque, III Baruque, Oráculos Sibílicos, Testamentos dos Doze Patriarcas, Testamento de Jó, Vidas dos Profetas, Assunção de Moisés, Martírio de Isaías, Paralipômenos de Jeremias, Jubileus, Vida de Adão e Eva, Salmos de Salomão, Epístola de Aristéias, III Macabeus, IV Macabeus.

### **Papiros do Mar Morto.**

Em adição a isso, os rolos de Qumran, descobertos em cavernas próximas do mar Morto, incluem literatura similar aos tradicionais livros pseudepígrafos: Documento de Damasco (ou Zadoquita, fragmentos do qual já eram conhecidos desde antes), Regra da Comunidade ou Manual de Disciplina, Guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, Descrição da Nova Jerusalém, Hinos de Ação de Graças (Hodayoth), Salmos de Josué, Literatura pseudo jeremíaca, Literatura daniélica apócrifa, Vários comentários (peshers) sobre os Salmos, Isaías, Oséias, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias. Vários livros sobre leis, liturgias, orações, bem-aventuranças, mistérios, visões e cálculos astronômicos e registros de calendário.

*Cavernas de Qumran, onde os rolos foram descobertos; estão localizadas curta distância das ruínas da comunidade de Qumran e do Mar Morto.*



### **O Talmude.**

As decisões rabínicas sobre casos que envolviam questões de interpretação acerca da lei do Antigo Testamento, formavam uma tradição oral memorizada, ao chegarem os tempos do Novo Testamento. Essa tradição foi crescendo durante os séculos que se sucederam, até que foi preservada em forma escrita no Talmude judaico. Uma edição palestina foi produzida no século IV D. C., e uma edição babilônica, três vezes maior, com dimensões enciclopédicas, durante o século V D. C. Cronologicamente, o Talmude consiste da Mishnah, ou lei oral, desenvolvida por rabinos através do segundo século cristão,

além da Gemarah, a qual contém comentários sobre a Mishnah, feitos por rabinos que viveram nos séculos III - V D. C. Quanto aos seus tópicos, o Talmude consiste da *halakah*, ou porções estritamente legais, e da *haggadah*, ou porções não-legais (narrativas, lendas, contos explicativos). Asseverando que as leis orais remontavam ao tempo de Moisés, no monte Sinai, os rabinos elevaram suas contraditórias interpretações do Antigo Testamento a uma posição de maior importância que o próprio Antigo Testamento. Duas famosas escolas rabínicas de interpretação eram a escola moderada de Hilel e a escola rigorosa de Shammai.

### **A teologia do judaísmo.**

A despeito de seu espírito intensamente nacionalista, o judaísmo atraía grande número de prosélitos, nome aplicado aos plenamente convertidos, (Os prosélitos do sexo masculino tinham de ser circuncidados. Todos tinham de batizar-se na presença de testemunhas e (idealmente) oferecer um sacrifício no templo de Jerusalém. É possível que o auto-batismo fosse um requisito posterior, em lugar de um sacrifício, após a destruição do templo) e de tementes a Deus, que eram gentios dispostos a praticar o judaísmo ao menos em parte, embora não quisessem passar pelo rito da circuncisão nem observar os tabus mais estritos do judaísmo. Esses gentios achavam que a teologia judaica é superior ao politeísmo e às superstições

gentílicas, porquanto os judeus davam ênfase à crença monoteísta em um único Deus e se opunham à idolatria, mesmo em seu próprio templo. Os pagãos inconversos, por outro lado, não podiam compreender um templo sem um ídolo. Para que um templo, senão para abrigar uma imagem?

As crenças judaicas procederam dos atos de Deus na história, conforme ficaram registrados numa coleção de livros sagrados (o Antigo Testamento), e não, segundo se via nas religiões pagãs, da mitologia, do misticismo ou das especulações filosóficas. O Antigo Testamento frisava o destino da nação, pelo que a doutrina da ressurreição individual aparece com bastante raridade. O período intertestamentário testemunhou a ênfase crescente sobre o destino do indivíduo, e, portanto, sobre a doutrina da ressurreição individual. Todavia, o nacionalismo e a consciência de pertencer ao povo escolhido de forma alguma fenecera.

Os judeus aguardavam a vinda do Messias. Verdadeiramente, alguns judeus esperavam o aparecimento de certa variedade de personagens messiânicas - profética, sacerdotal e real. Mas, de modo geral, não esperavam que o Messias fosse um salvador sofredor e moribundo, e nem um ser divino. Tinham a esperança que Deus viesse a usar uma figura humana para trazer livramento político militar da dominação romana. Ou então o próprio Deus haveria de libertar Seu corpo, para em seguida introduzir o Messias como governante. (É provável que algumas das mais elevadas caracterizações do Messias, como uma divindade preexistente, segundo se vê nas "Similitudes" de I Enoque e de II Esdras, datem de depois do surgimento do cristianismo, tendo-se desenvolvido das tribulações judaicas com Roma, durante 66-135 D. C., e talvez também em imitação ao elevado conceito em que Jesus era tido ente os cristãos.) "Esta era presente", de má índole, haveria de ser seguida pelos utópicos "dias do Messias", ou "dia do Senhor", de duração indeterminada ou variadamente calculada. Depois disso, começaria a "era vindoura", ou eternidade. Ocasionalmente, dentro do pensamento judaico, o reino messiânico era mesclado com a era eterna do porvir. Entrementes, os judeus seguiam um rígido sistema ético, alicerçado sobre a legislação mosaica do Antigo Testamento e sobre as interpretações rabínicas da mesma, em violento contraste com a imoralidade do panteão grego e romano, praticado pelos devotos daqueles deuses pagãos.

### **Seitas e outros grupos do judaísmo: Fariseus.**

Os fariseus ("separados", provavelmente em sentido ritual) tiveram origem pouco depois da revolta dos Macabeus, como um desenvolvimento dos hasidim, que faziam objeção à helenização da cultura judaica. ("Fariseu" talvez significasse, originalmente, "persifcador" nome provocador, que os fariseus reinterpretaram com o sentido de "separados") Pertencendo, em sua maior parte, à classe média leiga, os fariseus compunham a mais numerosa das seitas religiosas dos judeus, embora consistissem tão-somente de seis mil decididos, ao tempo de Herodes o Grande. Observavam escrupulosamente, tanto as leis rabínicas quanto as mosaicas. Um fariseu não podia comer na casa de um "pecador" (alguém que não praticasse o farisaísmo), embora pudesse acolher um pecador em sua própria casa. Todavia, tinha de prover-lhe as vestes, para que as roupas do próprio pecador não fossem ritualmente impuras.

A observância do sábado era similarmente escrupulosa. Alguns rabinos fariseus proibiam que se cuspsse no chão desnudo, em dia de sábado, a fim de que a perturbação da poeira não viesse a constituir aragem, e, portanto, quebra do sábado por meio desse trabalho. As mulheres não deveriam olhar para um espelho em dia de sábado, a fim de que, se vissem algum cabelo branco, não fossem tentadas a arrancá-lo, cedendo à tentação, e, portanto, trabalhassem em dia de sábado. Constituía um dilema se um fariseu podia comer um ovo posto em algum dia de festividade. Estariam tais ovos maculados, a despeito do fato que as galinhas não tinham consciência de dias festivos?

Os fariseus, entretanto, maquinavam evasivas que lhes fossem convenientes. Embora uma pessoa não pudesse levar nos braços as suas roupas, de dentro de uma casa que se incendiasse em dia de sábado, podia vestir-se com várias camadas de roupas, para assim livrá-las do incêndio. Não se julgava lícito que um fariseu viajasse em dia de sábado mais de um quilômetro para longe da cidade ou aldeia em que vivia. Mas, se desejava ir mais além, na sexta-feira ele depositava alimentos suficientes para duas refeições, a um quilômetro distante de sua residência, na direção em que quisesse ir. O depósito de alimentos tornava aquele lugar um lar seu, distante de casa, pelo que, em dia de sábado, era-lhe possível viajar um quilômetro extra. Jesus e os fariseus por repetidas vezes

entraram em choque ante o artificialismo de tal legalismo. O judeu comum, entretanto, admirava os fariseus, como perfeitos modelos de virtude. De fato, formavam eles a coluna mestra do judaísmo.

### **Saduceus.**

Os aristocráticos saduceus eram os herdeiros dos hasmoneanos do período intertestamentário. Embora em menor número que os fariseus, detinham maior influência política, porquanto controlavam o sacerdócio. (A idéia prevalente de que os saduceus formavam o partido sacerdotal tem sido desafiado por Victor Eppstein, em *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*, 55 (1964), págs. 50-54, e no *Journal of Biblical Literature*, 85 (1966), págs. 213-224. "Saduceus" pode ter significado, originalmente, "membros do concílio supremo", reinterpretado pelos saduceus como "justos". Mas outros relacionam esse termo a Zadoque, sacerdote nos tempos de Davi e Salomão.) Seus contatos com dominadores estrangeiros tendiam a reduzir sua devoção religiosa, empurrando-os mais na direção da helenização. Diferentemente dos fariseus, eles davam importância somente aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (o Pentateuco, lei mosaica ou Torá), como únicos plenamente autoritativos, e desprezavam às leis orais dos rabinos não-sacerdotais. Não acreditavam na preordenação divina, em anjos, em espíritos e nem na imortalidade da alma e na ressurreição do corpo, conforme criam os fariseus.

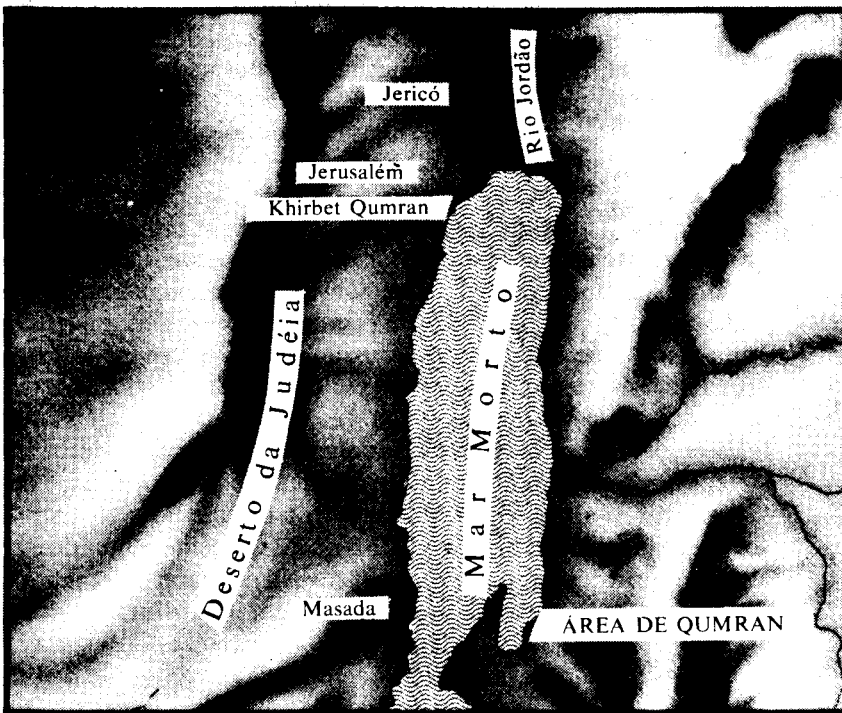
Embora estritos, em certo sentido os fariseus eram de tendências progressistas; pois continuavam aplicando a lei do Antigo Testamento a novas e mutáveis circunstâncias da vida diária. Todavia, os saduceus, confortavelmente situados na vida como estavam, queriam manter o *status quo*, e, assim sendo, resistiam a qualquer contemporização com a lei, a fim de que não viessem a perder suas favoráveis posições de abastança e riqueza. Visto haver sido destruído em 70 D. C. o centro do poder sacerdotal, o templo, juntamente com grande número dos saduceus propriamente ditos, o partido dos saduceus se desintegrou. Os fariseus, porém, sobreviveram, tendo-se tornado no alicerce do judaísmo ortodoxo de séculos posteriores.

### **Os essênios.**

Os essênios formavam uma seita menor, com cerca de quatro mil adeptos. Tal como os fariseus, eles tiveram origem entre os hasidim (aqueles que se desgostavam dos expansivos alvos políticos dos hasmoneanos). Alguns essênios viviam em comunidades monásticas, como aquela de Qumran, onde foram descobertos os Papiros do Mar Morto. A admissão requeria um período de prova de dois a três anos, com abandono das propriedades privadas e das riquezas, doadas a um tesouro comum. Os elementos mais estritos se refreavam do casamento. Chegavam a ultrapassar aos fariseus em seu minucioso legalismo. Por essa razão, é duvidoso que tenham contribuído de modo significativo para o soerguimento do cristianismo, conforme tem sido sugerido por alguns escritores modernos. Se Jesus denunciara o legalismo dos fariseus, por certo não teria devido muito aos essênios, que eram ainda mais rígidos. Além disso, o fato que Jesus misturava-se com os pecadores fazia agudo contraste com a atitude dos essênios, que se retiravam da sociedade.



Os essênios não ofereciam sacrifícios de animais no templo de Jerusalém, porquanto



Qumran vista do sul, do alto das ruínas da cidade. O Mar Morto é visível no fundo.



reputavam o templo poluído por um sacerdócio corrupto. Como símbolo de sua pureza pessoal, eles usavam vestes brancas. Essa seita se considerava o remanescente vivo dos eleitos, nos últimos dias. Esperavam o aparecimento de diversas personagens escatológicas - um grande profeta, um messias político-militar e um messias sacerdotal - e se aprestavam para uma guerra de quarenta anos, que culminaria no reinado messiânico. Um antigo mestre, chamado "Mestre da Justiça", exercia profunda influência sobre suas crenças e práticas, mas nem de longe ocupava a posição de proeminência divina e remidora atribuída à Jesus dentro da doutrina cristã.

### Herodianos e Zelotes.

Os herodianos não eram uma seita religiosa, mas uma pequena minoria de judeus influentes - pertencentes sobretudo à aristocracia de sacerdotes saduceus - que davam apoio à dinastia dos Herodes e, implicitamente, ao governo romano, que pusera os Herodes em

posição de mando. Em contraste, os zelotes eram revolucionários dedicados à derrubada do domínio romano. Recusavam-se a pagar taxas a Roma, consideravam a lealdade a César um pecado, e foram iniciadores de diversas revoltas, incluindo a rebelião judaica que resultou na destruição de Jerusalém, em 70 D. C. Os eruditos usualmente identificam os zelotes com os sicários ("assassinos"), que costumavam levar consigo adagas escondidas. Os sicários talvez fossem um ramo extremista dos zelotes, ou então um grupo separado que eventualmente veio a fundir-se com o movimento dos zelotes. Um dos doze discípulos principais de Jesus fora um zelote ("Simão chamado Zelote", Lucas 6:1 S; Atos 1 :13).

### Escribas.

Os escribas não eram nem uma seita religiosa e nem um partido político, e, sim, um grupo de profissionais. "Doutor", "escriba" e "mestre (da lei)" são expressões sinônimas, no Novo Testamento.

A esses deveríamos acrescentar "rabino", que literalmente quer dizer "meu grande" ou "meu mestre", professor". Tendo-se originado com Esdras, segundo certa tradição, os escribas interpretavam e ensinavam a lei do Antigo Testamento e baixavam decisões judiciais sobre os casos que lhes eram apresentados. A aplicação dos preceitos da lei à vida diária tornava necessária a função interpretativa dos escribas. Por exemplo, o que constituía trabalho em dia de sábado? Os discípulos ("aprendizes") dos escribas seguiam atrás deles por onde quer que fossem, e aprendiam por rotina de memória as minúcias das tradições do Velho Testamento e rabínicas. Os escribas ensinavam no recinto do templo e nas sinagogas, e ocasionalmente debatiam na presença de seus discípulos.

Pelo tempo de Jesus, a maior parte dos escribas pertencia à seita dos fariseus, embora nem todos os fariseus possuíssem o treinamento teológico que se requeria de um escriba. Visto que a atividade própria dos escribas era gratuita, eles ganhavam seu sustento financeiro mediante algum negócio. Por exemplo, Paulo, que recebera treinamento rabínico, era fabricante de tendas (vide Atos 18:3). Embora não houvesse recebido educação teológica formal, Jesus foi chamado "Rabi", e cercou-se de discípulos. Com frequência Ele ensinava em estruturas rítmicas fáceis de memorizar, declarações concisas e vívidas parábolas. Sempre ensinava com grande autoridade ("Em verdade vos digo..."; comparar Mateus 7:28 s.). Em contraste, os escribas citavam interminavelmente opiniões de rabinos já falecidos.

### **O Sinédrio.**

Os romanos permitiam aos judeus manusearem muitas de suas próprias questões religiosas e domésticas. Como resultado, existiam numerosos tribunais locais. O superior tribunal dos judeus era o grande Sinédrio, que se reunia diariamente, exceto aos sábados e outros dias santificados, na área do templo. O Sinédrio chegava mesmo a comandar uma força policial. O sumo sacerdote presidia a setenta outros juízes, membros do tribunal, provenientes dos partidos farisaico e saduceu. O Novo Testamento alude ao Sinédrio mediante os termos "concílio", "principais sacerdotes, anciãos e escribas", "principais sacerdotes e autoridades", ou simplesmente "autoridades".

### **"O povo da Terra".**

Entre os judeus palestinos, as massas do povo ordinário, chamadas "o povo da terra", permaneciam desvinculadas das seitas e dos partidos políticos. Por causa de sua ignorância acerca da lei do Antigo Testamento e indiferença para com a mesma, juntamente com as disposições rabínicas, os fariseus menosprezavam-nas, tendo criticado a Jesus por misturar-se socialmente com o vulgo.

### **A Diáspora.**

Fora da Palestina, os judeus da diáspora ("dispersão") se dividiam em duas categorias: (1) os hebraístas, que retinham não só sua fé judaica, mas também seu idioma judaico e seus costumes palestinos, razão pela qual incorriam no ódio dos gentios, por se manterem distantes; e (2) os helenistas, que haviam adotado o idioma, o estilo de vestes e os costumes gregos, ao mesmo tempo que se apegavam à fé judaica em vários níveis de intensidade. Um notável exemplo do judaísmo helenista foi Filo, um filósofo judeu do primeiro século cristão e residente em Alexandria. Ele combinava o judaísmo e a filosofia grega mediante alegorias baseadas no Antigo Testamento. Não há que duvidar que o judaísmo de fora da Palestina tendia por ser menos estrito e mais influenciado pelas maneiras gentílicas de pensar do que o judaísmo da Palestina. Contudo, não devemos exagerar as diferenças; pois influências helenistas haviam permeado a Palestina, pelo que ali o judaísmo era muito mais variado do que se vê no Talmude, o qual representa um estágio posterior e mais monolítico do judaísmo, segundo aquele quer fazer-nos entender. Após os fracassos das revoltas contra Roma, em 70 e 135 D. C., o judaísmo da Palestina foi-se consolidando crescentemente na direção da uniformidade, seguindo as linhas de um farisaísmo que buscava eliminar elementos apocalípticos; porquanto os saduceus haviam perdido a sua base de influência, que era o templo, e os romanos haviam destruído as esperanças de seitas menores de tendências apocalípticas, como eram, por exemplo, os essênios.

## **Educação judaica.**

As crianças judias recebiam suas primeiras lições de história e religião dos hebreus, habilidades práticas e, quiçá, também a capacidade de ler e escrever, de seus progenitores. A lei mosaica e o livro de Provérbios, no Antigo Testamento, contêm muitas injunções concernentes a essa responsabilidade dos pais, o que incluía o emprego de punições físicas, para crianças que não aprendessem de modo devido. Os rapazes judeus ingressavam nas escolas das sinagogas locais com cerca de seis anos de idade. Ali era utilizado o Antigo Testamento como manual de leitura e de escrita. As lições também incluíam aritmética simples, tradições judaicas extrabíblicas e os complexos rituais do judaísmo. Além desse estreitíssimo treinamento acadêmico, todo jovem judeu aprendia uma profissão. A fim de tornar-se um erudito avançado no Antigo Testamento, um jovem judeu vinculava-se a um rabino, como seu pupilo. Por exemplo, Paulo, antes de sua conversão, estudou aos pés do famoso rabino Gamaliel (vide Atos 22:3).

## **Educação greco-romana.**

Em contraste, a educação greco-romana tinha escopo liberal. Escravos supervisionavam os meninos greco-romanos em seus primeiros anos, conferindo-lhes suas primeiras lições, e depois acompanhando-os às escolas particulares e de volta das mesmas, até que chegassem à idade adulta, em meio a grande cerimônia. Na qualidade de adolescentes, podiam então freqüentar universidades em Atenas, Rodes, Tarso, Alexandria e outras localidades, onde estudavam filosofia, retórica (oratória), leis, matemática, astronomia, medicina, geografia e botânica. Ou poderiam freqüentar as preleções de um filósofo peripatético ("andarilho"), assim chamados porque iam ministrando seus conhecimentos enquanto caminhavam. A elevada taxa de alfabetismo, o que é evidenciado pelos papiros remanescentes, mostra que a educação era generalizada. Era comum as pessoas levarem consigo cadernetas de anotações, onde registravam listas de compras de mercado, encontros e outros memorandos. Até mesmo a taquigrafia já era usada.

Em conclusão, uma larga gama de literatura, incluindo escritos extra-bíblicos, bem como o Novo Testamento, ajudam-nos a reconstituir o pano-de-fundo pagão e judaico necessário para uma mais completa compreensão do Novo Testamento. O judaísmo, do qual se originou o cristianismo, era uma fé monoteísta que recebera a contribuição mescladora do pensamento religioso e político, além de diversas instituições religiosas e culturais.

### *Para discussão posterior:*

- Qual preparação religiosa, para a vinda de Cristo e para o surgimento do cristianismo, se evidencia nos tempos imediatamente anteriores ao Novo Testamento?
- Há povos modernos que se afeiram a crenças e práticas mitológicas, supersticiosas e sincretistas? E, caso contrário, por que não? Em caso positivo, quais são essas crenças e práticas - e por qual razão os cientistas modernos não têm conseguido eliminá-las?
- Quais paralelos (bem como diferenças) podem ser traçados entre o gnosticismo e a atual filosofia da educação?
- Quais contrapartes dos fariseus, saduceus, essênios, herodianos e zelotes podemos encontrar na cristandade de hoje? A qual desses grupos você ter-se-ia juntado, e por quê? Se não se juntaria a qualquer deles, aponte seus motivos.
- De que modos o processo educativo da cultura ocidental tem combinado características tanto das práticas educativas judaicas quanto das greco-romanas?

### *Para investigação posterior:*

(Material primário)

Barrett, C. K. *The New Testament Background: Selected Documents*. Londres: S.P.C.K., 1958. Especialmente págs. 29-36, 48-104, 124-127, 139-189, 200-205. 216-266.  
*The Oxford Annotated Apocrypha*. Editado por B. M. Metzger. Nova Iorque: Oxford, 1965.

The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament. Editado por R. H. Charles. 2 vols. Oxford: Clarendon, 1913. Com introduções e notas técnicas.

Vermès, G. The Dead Sea Scrolls in English. Baltimore: Penguin, 1962.

(Tratados modernos)

Tenney, M. C. New Testament Times. Grand Rapids: Eerdmans, 1965. Especialmente págs. 79-128.

Eastwood, C. C. Life and Thought in the Ancient World. Filadélfia: Westminster, 1965.

Glover, T. R. The Conflict of Religions in the Early Roman Empire. Boston: Beacon, 1960.

Rose, H. J. Religion in Greece and Rome. Nova Iorque: Harper & Row, 1959.

Jonas, H. The Gnostic Religion. 29 edição revisada. Boston: Beacon, 1963.

Grant, R. M. Gnosticism. Nova Iorque: Harper & Row, 1961.

Wilson, R. M. The Gnostic Problem. Naperville, Illinois: Allenson, 1958.

Bonsirven, J. Palestinian Judaism in the Time of Jesus Christ. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1963.

Guignebert, C. The Jewish World in the Time of Jesus. New Hyde Park, Nova Iorque: University Books, 1959.

Coss, T. L. Secrets from the Caves. Nova Iorque: Abingdon, 1963.

Bruce, F. F. Second Thoughts on the Dead Sea Scrolls. Edição revisada e ampliada. Grande Rapids: Eerdmans, 1961.

Mansoor, M. The Dead Sea Scrolls. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

Os três últimos títulos são apenas representantes de numerosos volumes sobre os Papiros do Mar Morto. Quanto a uma completa narrativa de sua descoberta, ver J. C. Trever, The Untold Story of Qumran (Westwood, Nova Jersey: Revell, 1965).

## **CAPÍTULO 4 - O Cânon e o Texto do Novo Testamento**

### *Perguntas Normativas:*

- Como conseguiu viver a Igreja primitiva, no começo, sem o Novo Testamento?

- Como foi, então, que o Novo Testamento veio a ser considerado pela Igreja como uma autoridade coletiva de livros?

- Como sabemos que o nosso Novo Testamento exibe uma versão substancialmente acurada do que os seus autores originalmente escreveram?

### O CÂNON

O Cânon do Novo Testamento consiste dos livros aceitos pela Igreja primitiva como Escrituras divinamente inspiradas. O termo *cânon* a princípio significava *vara de medir*, mas terminou adquirindo o sentido metafórico de *padrão*. No que tange ao Novo Testamento, refere-se àqueles livros aceitos pela Igreja como o padrão autoritativo de crença e conduta.

No princípio, os cristãos não contavam com qualquer dos livros que figuram em nosso Novo Testamento. Assim sendo, eles dependiam do Antigo Testamento, de uma tradição oral acerca dos ensinamentos e da obra redimidora de Jesus, e de revelações diretas da parte de Deus, por meio dos profetas cristãos. Mesmo depois de já terem sido escritos os livros do Novo Testamento, muitos desses livros não haviam ainda sido geograficamente distribuídos por toda a Igreja. E antes de serem colecionados para formação do Novo Testamento, escritores cristãos haviam produzido alguns outros livros - alguns bons, e outros de inferior qualidade. Livros como as epístolas de Paulo e os evangelhos receberam reconhecimento canônico de imediato. Mas uma autoria incerta levou outros livros, como Hebreus, a serem postos em dúvida por algum tempo. A Igreja primitiva hesitou em adotar a segunda epístola de Pedro, porquanto no grego o seu estilo difere da primeira epístola de Pedro, e isso fez surgirem dúvidas sérias o quanto à sua reivindicação de ter sido escrita pelo

apóstolo Pedro. Por causa de sua brevidade e circulação limitada, alguns desses livros simplesmente não se tornaram conhecidos em círculos suficientemente amplos para serem aceitos de pronto no cânon.

Citações extraídas dos livros do Novo Testamento, e isso de maneira autoritativa, pelos primeiros pais da Igreja, ajudam-nos a reconhecer quais livros eles reputavam canônicos. Mais tarde, a Igreja compilou listas formais de livros, ou cânons. Um dos primeiros foi o cânon de Márciom (cerca de 144 D.C.). Um herege gnóstico, Márciom ensinava a existência de um severo Deus do Antigo Testamento e de um amoroso Deus do Novo Testamento, que se oporiam mutuamente, e também que Jesus Cristo viera como mensageiro do amoroso Deus do Novo Testamento, que fora morto por instigação do Deus do Antigo Testamento, que Jesus confiara o evangelho aos doze apóstolos, mas estes não tinham evitado a corrupção do mesmo e que Paulo se tornara o único pregador do verdadeiro evangelho. Assim, pois, Márciom selecionava somente aqueles livros que ele considerava livres do Antigo Testamento e do judaísmo, e contrários aos mesmos - Lucas (com algumas omissões) e a maior parte das epístolas de Paulo. A violenta reação de cristãos ortodoxos contra a breve lista preparada por Márciom demonstra o fato que, como um todo, a Igreja já havia aceito os livros do Novo Testamento que Márciom rejeitava. Noutros particulares, o cânon de Márciom não teria causado tanta perturbação. No século IV D. C., todos os nossos livros do Novo Testamento já haviam sido reconhecidos de modo geral, ao passo que outros livros tinham sido rejeitados. Os concílios eclesiásticos dos séculos IV e V D.C. meramente formalizaram a crença e a prática então existente, no que concerne ao cânon do Novo Testamento.

Somos levados a crer que Deus guiou providencialmente a Igreja primitiva em sua avaliação de vários livros, pelo que aqueles que realmente foram inspirados tornaram-se aceitos, ao passo que aqueles que não eram inspirados, embora ocasionalmente aceitos como dotados de nível não-autoritativo, foram rejeitados do cânon. O processo de seleção precisou de algum tempo, e levantaram-se diferenças de opinião. Porém, podemos estar gratos porque a Igreja primitiva não aceitou certos livros sem a devida avaliação, e, algumas vezes, sem debate. A maioria dos leitores que faz a comparação dos escritos sub-apostólicos (Assim chamados por terem sido escritos em época imediatamente posterior à dos apóstolos, pelos "pais apostólicos". Livros dessa categoria são I e II Clemente, as epístolas de Inácio, a epístola de Policarpo aos Filipenses, o Didache ou Ensino dos Doze Apóstolos, a epístola de Barnabé, o Pastor de Hermas, o Martírio de Policarpo, a epístola de Diogneto e os fragmentos de Papias.) e dos livros apócrifos (Esses livros fantasiosos e algumas vezes heréticos são diferentes dos livros apócrifos do Antigo Testamento, não sendo aceitos como canônicos por qualquer dos ramos da cristandade.) do Novo Testamento com os livros canônicos do Novo Testamento, de todo coração endossa o julgamento crítico dos cristãos primitivos.

Diversos critérios de canonicidade têm sido sugeridos, como a consonância com a doutrina oral apostólica do primeiro século de nossa era, ou como o efeito moral edificante. Não obstante, alguns livros capazes de edificar a seus leitores não conseguiram atingir estado canônico na Igreja. Outro tanto se pode dizer quanto a alguns livros que levavam avante a tradição da doutrina apostólica. O critério mais importante - de fato, crucial - era o da apostolicidade, isto é, autoria da parte de um apóstolo ou de um associado de algum dos apóstolos, e, por conseguinte, também haver sido escrito numa data dentro do período apostólico.

Marcos foi companheiro tanto do apóstolo Pedro quanto do apóstolo Paulo. Lucas foi companheiro de Paulo. E quem quer que tenha sido o autor da epístola aos Hebreus, exhibe contatos teológicos bem próximos de Paulo. Tiago e Judas eram meio-irmãos de Jesus, associados dos apóstolos na primitiva igreja de Jerusalém. Tradicionalmente, todos os demais autores cujas obras fazem parte do Novo Testamento eram apóstolos - Mateus, João, Paulo e Pedro. A crítica moderna lança dúvidas sobre a exatidão da atribuição tradicional a certos autores. Essas questões são tratadas individualmente em seções posteriores deste livro. Porém, mesmo segundo pontos de vista críticos negativos, usualmente não é negado que livros não apostólicos tivessem sido escritos, dentro da tradição apostólica, por seguidores dos apóstolos.

O próprio Jesus asseverou a total autoridade do Antigo Testamento como Escritura. (Por exemplo, Mateus 5:17-19a: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será

considerado mínimo no reino dos céus..."; e João 10:35b: "... e a Escritura não pode falhar...") Outrossim, conferiu às Suas próprias palavras e ações um privilégio igualmente autoritativo, (Vide, por exemplo, as declarações: "Ouvistes que foi dito aos antigos (e segue-se uma citação do Antigo Testamento). . Eu, porém, vos digo...", no Sermão da Montanha (Mateus 5:21, 27, 31, 33, 38, 43; comparar com Marcos 1:22, 27 e Lucas 4:32,36).) e prometeu aos apóstolos que o Espírito Santo haveria de lembrar-lhes o Seu ministério, ensinando-lhes a significação do mesmo (João 14:26; 16:12-15). O cânon do Novo Testamento, pois, é o registro e a interpretação autoritativos da revelação que Deus fez de Si mesmo por meio de Jesus Cristo - um registro interpretativo autenticado pelo nosso Senhor em pessoa, cuja perspectiva acerca de Suas próprias palavras e ações, agora escritas e explanadas pelos apóstolos e seus associados, certamente não era menos que Sua perspectiva acerca do Antigo Testamento como a Palavra de Deus.

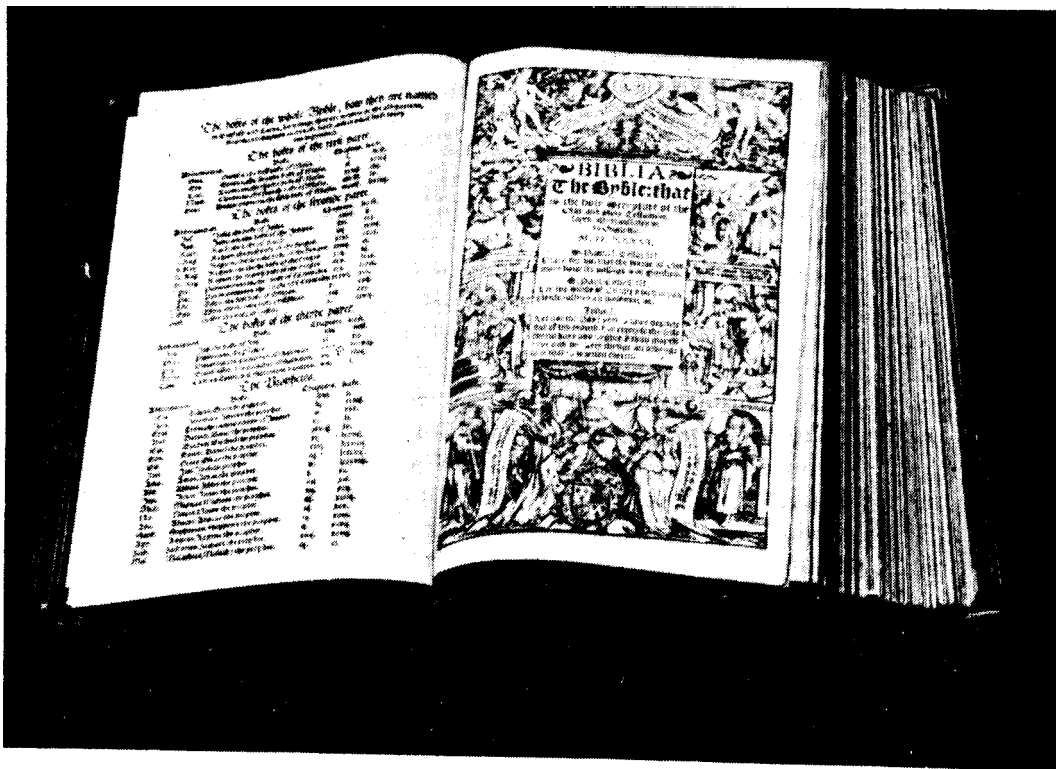
## O TEXTO

O papiro foi o material de escrita da maioria, e, talvez, de todos os nossos livros do Novo Testamento. Sem dúvida, os autores ou seus amanuenses se utilizaram do antigo formato do rolo, embora alguns dos livros possam ter sido escritos em forma de códex, com páginas separadas e vinculadas como nos livros modernos. Era prática comum um autor ditar a um *amanuense*. E às vezes o autor dava a seu amanuense certo grau de liberdade na escolha das palavras.

Os documentos originais, nenhum dos quais existe até hoje, têm recebido o nome de *autógrafos*. A princípio, quando indivíduos e igrejas particulares desejavam cópias, um leitor ditava com base em um exemplar para uma sala repleta de copistas. Gradualmente, erros de vista e de sons, omissões e reiteraões inadvertidas, notas marginais e "melhoramentos" teológicos e gramaticais deliberados foram penetrando no texto. A preocupação com a pureza do texto provocou o confronto de manuscritos com manuscritos anteriores, ocasionalmente por diversas vezes. Apesar de tudo, o número de equívocos foi aumentando cada vez mais.

Conforme a natureza sacrossanta do Novo Testamento foi sendo mais e mais sentida e a Igreja se foi desenvolvendo, material de escrita de melhor qualidade e de maior durabilidade passou a ser usado, como o velum (pele de vitela) e o pergaminho (pele de carneiro). Os primeiros manuscritos usualmente eram escritos inteiramente em letras maiúsculas (unciais ou maiúsculas), mas depois houve manuscritos em letras cursivas (ou minúsculas). Ausentes a princípio, as divisões de palavras, os sinais de pontuação e as divisões em capítulos e versículos foram desenvolvimentos

posteriores. ( Estêvão Langton (morto em 1228) dividiu o texto em capítulos; R. Stephanus, em versículos, em sua edição impressa de 1551.) Os mais antigos manuscritos que estão nas mãos dos eruditos pertencem ao século II D.C. (O mais antigo, o Fragmento Rylands do evangelho de João, data de cerca de 135 D. C.) A maior parte das formas variantes, ou diferenças, nos mais antigos manuscritos, tem a ver com a soletração, ordem



A Bíblia de Coverdale foi a primeira Bíblia completa em inglês a ser impressa na Inglaterra, em 1537. A fotografia mostra as páginas do conteúdo e do título.

de palavras, a presença ou ausência da conjunção "e" e o artigo definido, e outras questões relativamente sem consequência.

As fontes primárias que nos permitem determinar qual o texto original do Novo Testamento

Porção da Setuaginta inclusa no Códex B (Codex Vaticanus), um dos mais antigos manuscritos gregos, do século IV D.C.



são os manuscritos gregos, as antigas versões (isto é, traduções, mormente em siríaco e latim), e citações nos escritos dos primeiros pais da Igreja, ou então lecionários (textos de leitura, extraídos do Novo Testamento, para ocasiões litúrgicas). Mediante a comparação dessas fontes, usualmente os eruditos chegam a uma decisão entre textos variantes, com regular grau de certeza. Entre os seus mais importantes critérios de avaliação estão: a preferência pelo texto dos manuscritos e versões mais antigos e copiadas com maior cuidado, a preferência pela forma que melhor explica o desenvolvimento de outras formas, a preferência pela forma mais

difícil (por ser mais provável que um copista tentasse facilitar uma expressão, ao invés de complicá-la), e preferência pela forma mais curta (porquanto um copista optaria antes por adicionar algo ao texto, em lugar de apagar algo). O material que nos permite determinar o texto original do Novo Testamento é muito mais abundante e antigo do que aquele que se presta para o estudo de qualquer dos antigos escritos clássicos. Graças aos labores dos críticos textuais, as incertezas que ainda restam sobre o texto do Novo Testamento grego não são suficientemente sérias para afetar nossa compreensão sobre o que o mesmo ensina.

No que concerne às versões inglesas do Novo Testamento, João Wycliffe produziu sua tradução, baseada no latim, em 1382, e Guilherme Tyndale fez uma tradução diretamente alicerçada sobre o grego, em 1525. Seguindo uma sucessão de Bíblias em inglês, posteriores, apareceu a versão Douay, católica-romana, em 1582, e a versão do King James (ou Autorizada), em 1611. Porém, os mais antigos e melhores manuscritos do Novo Testamento ainda não haviam sido descobertos, e os séculos que se seguiram desde então testemunharam grande avanço no conhecimento erudito sobre o tipo de grego usado nas páginas do Novo Testamento. Uma imensa contribuição foi dada pelo estudo de inúmeros papiros achados durante os últimos cem anos. Como resultado, numerosas versões têm aparecido em tempos recentes: a English Revised Version (1881), a American Standard Version (1901), a Revised Standard Version (1946), a New English Bible (1961), a New American Standard Bible - Novo Testamento (1963), além de vários empreendimentos individuais, o mais bem conhecido dos quais é o de J. B. Phillips, *The New Testament in Modern English*.

*Para discussão posterior:*

- Procure reconstituir um típico culto numa igreja, antes da formação do cânon do Novo Testamento, como base de pregação e ensino. Reconstitua igualmente a antiga vida devocional de primitivos cristãos, ainda sem o Novo Testamento.
- Quais evidências se fazem presentes até hoje de um marcionismo que prossegue até nossos dias?
- Como e por quais razões certos clássicos cristãos, como as *Confissões de Agostinho* e o *Peregrino*, de João Bunyan, ou alguns dos hinos de Carlos Wesley, devem ser distinguidos dos livros canônicos do Novo Testamento?

- Por qual motivo a Igreja encerrou o cânon? Ou ainda está o mesmo em aberto?
- A tradução das Escrituras tira de modo prático a sua qualidade de inspiração, ao remover o leitor um passo do texto original?
- Quais são as vantagens de uma única tradução aceita do Novo Testamento versus muitas traduções diferentes?

*Para investigação posterior:*

(Material primário, que contém traduções dos escritos sub-apostólicos e dos livros apócrifos do Novo Testamento.)

Grant, R.M. et al. *The Apostolic Fathers*. 6 volumes. Nova Iorque: Nelson, 1964 - Com extensas introduções e notas.

Lake, K. *The Apostolic Fathers*. 2 volumes. Loeb Classical Library. Nova Iorque: Putnam's 1930. Com o texto grego e tradução para o inglês.

Lightfoot, J. B. *The Apostolic Fathers*. Editado e completado por J. R. Harmer. Nova Iorque: MacMillan, 1898 (reimpresso pela Baker Book House, em Grand Rapids). Com breves introduções e o texto em grego com tradução em inglês.

James, M .R. *The Apocryphal New Testament* Nova Iorque: Oxford, 1924.

Hennecke, E. *New Testament Apocrypha*. Editado por W. Schneemelcher e traduzido por R. M. Wilson. 2 volumes. Filadélfia: Westminster, 1963/66. Com introduções e notas técnicas.

(Tratados modernos sobre o cânon)

Harris, R.L. *Inspiration and Canonicity of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1957.

Ridderbos, H.N. *Authority of the New Testament Scriptures*. Traduzido por H. De Jongste. Nutley, Nova Jérsei: Presbyterian & Reformed, 1963.

Filson, F.V. *Which Books Belong in the Bible?* Filadélfia: Westminster. 1957. Capítulo V.

Cross, F. L. *The Early Christian Fathers*. Naperville, Illinois: Allenson, 1960. Capítulo V.

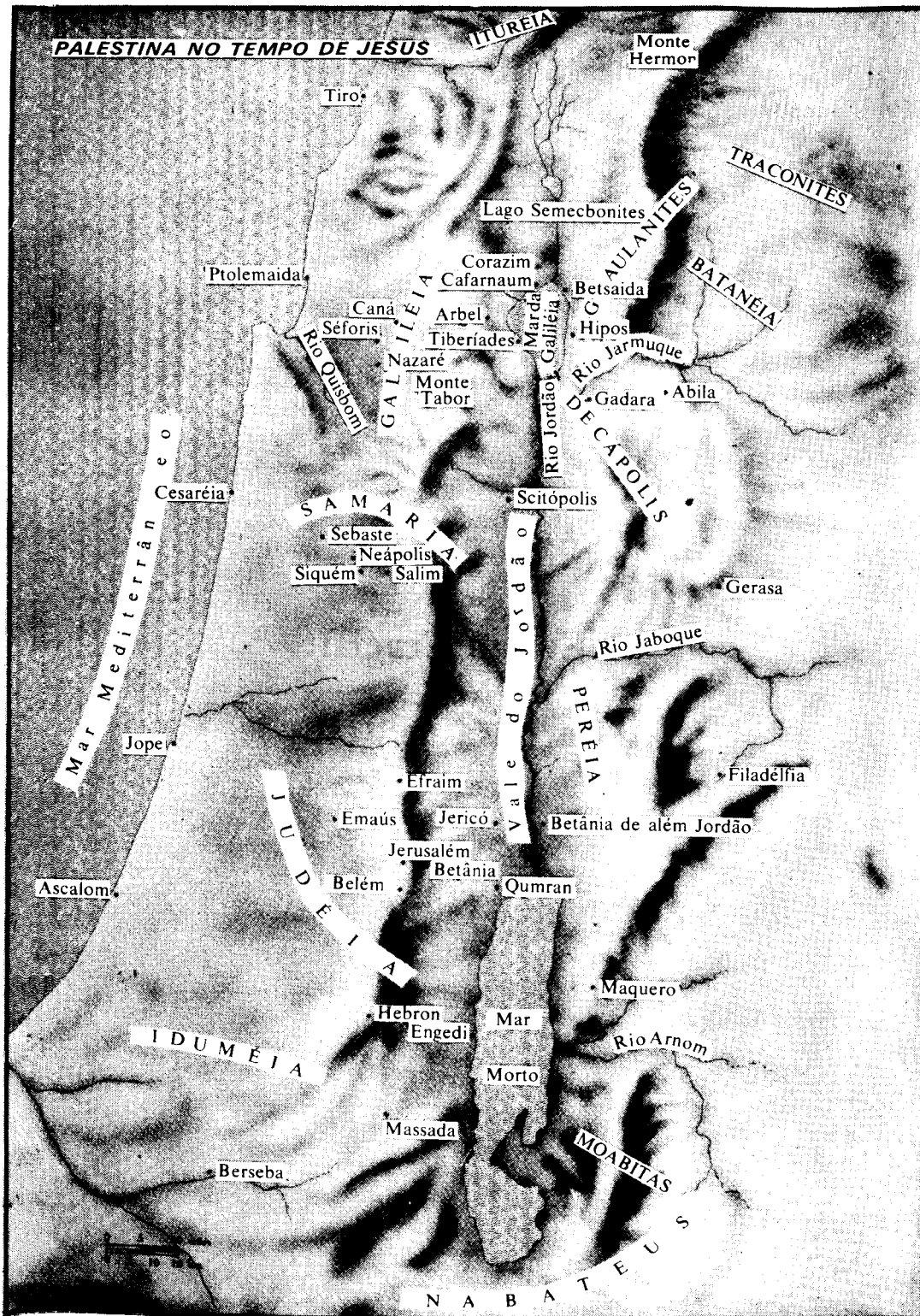
(Pesquisas modernas sobre crítica textual)

Bruce, F. F. *The Books and the Parchments*. Edição revisada. Westwood, Nova Jérsei: Revell, 1953.

Metzger, B. M. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 2ª edição. Nova Iorque: Oxford, 1969. Um tanto mais técnico, mas o melhor estudo moderno de que dispomos.



## CAPÍTULO 5 A Vida de Jesus



### Perguntas Normativas:

- Existem fontes literárias para a vida e os ensinamentos de Jesus fora do Novo Testamento? Nesse caso, qual o valor delas?
- Os evangelhos são independentes uns dos outros, ou são interdependentes? Nesta última hipótese, qual o relacionamento entre eles?
- Quais fontes originárias, se há alguma, jazem por detrás dos evangelhos, conforme os conhecemos?
- Até onde podemos confiar na informação a respeito de Jesus nos evangelhos do ponto de vista da crítica histórica?

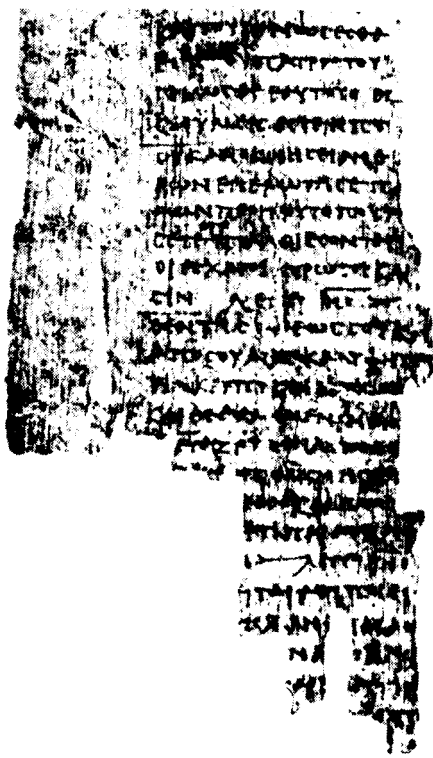
- Como os evangelhos vieram a ser escritos, e de que maneiras, hodiernamente, se entendem os retratos que eles nos dão de Jesus?

## FONTES

### História Extra-bíblica

A despeito de não terem sido os primeiros documentos a serem escritos no Novo Testamento (algumas epístolas foram escritas antes deles), os quatro evangelhos canônicos - Mateus, Marcos, Lucas e João - com todo o direito figuram em primeiro lugar como as principais fontes de estudo sobre a vida de Jesus. As poucas fontes informativas não-canônicas - o historiador judeu do primeiro século, Josefo (com posteriores inserções feitas por copistas cristãos), o Talmude Babilônico, e os escritores romanos Plínio o Jovem, Tácito, Suetônio e Luciano - são tão lacônicas que não se revestem de valor algum na tentativa de reconstituição da carreira de Jesus. No entanto, confirmam que Ele realmente viveu, tornou-se uma figura pública e morreu sob Pôncio Pilatos, e que no espaço de doze anos após a Sua morte, a adoração à Sua pessoa já havia chegado a lugares tão distantes quanto Roma.

### Os Ágrafos



Fragmentos de papiro em Grego, de Oxyrhynchus, no Egito, que contém declarações atribuídas a Jesus.

Existem declarações de Cristo registradas fora dos quatro evangelhos canônicos. Paulo, por exemplo, cita uma afirmação dominical (Do latim, dominicus, "senhor, mestre", freqüentemente usado acerca daquilo que pertence ao Senhor Jesus.) que desconhecemos em qualquer outra fonte: "Mais bem-aventurado é dar que receber." (Atos 20:35.) Esses *ágrafos*, conforme são denominados, diferem das declarações de Jesus nos evangelhos, mas são citados por escritores cristãos primitivos, e algumas vezes aparecem à margem de antigos manuscritos do Novo Testamento. *Ágrafo* vem do termo grego que significa "não-escrito". Naturalmente, essas afirmações foram registradas em forma escrita (pois, de outro modo, não haveria meio de chegarmos a conhecê-las), mas

não no texto dos evangelhos - e daí a designação "não-escrito".

### Coletânea de declarações

Outros registros de declarações de Jesus, fora dos evangelhos canônicos, são os papiros de Oxyrhynchus e o evangelho de Tomé. O evangelho de Tomé, descoberto em Nag Hammadi, no Egito, cerca de 1945, na realidade não é um evangelho, visto não conter uma narrativa contínua; e o apóstolo Tomé não foi o seu autor. Tanto o suposto evangelho de Tomé como os papiros de Oxyrhynchus apresentam-se como coletâneas de declarações de Jesus. Algumas dessas declarações são quase exatamente iguais àquelas que se acham registradas nos evangelhos canônicos. Outras declarações obviamente se originam de afirmativas canônicas, mas foram alteradas. Ainda outras diferem totalmente de qualquer coisa que se possa ler no Novo Testamento. (Eis exemplos de declarações extra-canônicas, que variam em grau de similaridade em relação às declarações canônicas (extraído de *The Gospel According to Thomas*, texto copta, firmado e traduzido por A. Guillaumont et al. Nova Iorque: Harper, 1959):

Logion 54: Jesus disse: Bem-aventurados são os pobres, pois vosso é o Reino dos Céus.

Logion 466: Mas eu disse que quem quer que entre vós se torne uma criança reconhecerá o Reino, e tornar-se-á maior que João.

Logion 82: Jesus disse: Quem quer que esteja perto de mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja distante de mim, está longe do Reino.

Ver ainda Joachim Jeremias, *Unknown Sayings of Jesus*, 29 edição inglesa, traduzida por R.H. Fuller (Londres: S.P.C.K., 1964.) No que diz respeito ao seu relacionamento para com o Novo Testamento, três possibilidades têm de ser levadas em conta: (1) os registros não-canônicos se alicerçam sobre os evangelhos canônicos; (2) os registros não-canônicos representam uma tradição independente acerca de afirmações de Jesus; (3) ambas essas possibilidades ocorrem misturadas. Qualquer que seja o relacionamento em pauta, de modo geral concorda-se em que os papiros de oxyrhynchus e o evangelho de Tomé refletem uma tradição quase inteiramente corrupta a respeito das palavras de Jesus.

## **Evangelhos Apócrifos**

Lucas 1:1 menciona numerosos registros evangélicos, escritos que antedatam ao terceiro evangelho, mas nenhum desses, excetuando o de Marcos, e talvez o de Mateus, conseguiu sobreviver. Os evangelhos apócrifos pós-apostólicos, entretanto, não perduraram, e apresentam um quadro misto de crenças heréticas e imaginações piedosas, especialmente ao preencherem detalhes da infância de Jesus e do intervalo entre a Sua morte e a Sua ressurreição, acerca do que os evangelhos canônicos fazem silêncio quase total. (3 Vide M. R. James, *The Apocryphal New Testament* (Oxford: Clarendon, 1924); ou E. Hennecke, *New Testament Apocrypha*, editado por W. Schneemelcher e traduzido por R. M. Wilson, 2 volumes (Filadélfia: Westminster, 1963/66). Esta última obra conta com longas introduções e notas técnicas, em adição à tradução.)

## **CRÍTICA DAS FONTES DOS EVANGELHOS**

### **O Problema sinóptico: a tradição oral**

O estudioso da vida de Jesus precisa examinar, antes de tudo, as fontes primárias, os evangelhos canônicos. De imediato, tem de defrontar-se com o "problema sinóptico": Por que os três primeiros evangelhos (ou sinópticos) são tão parecidos entre si? (Sinóptico se deriva de dois vocábulos gregos que significam "visão conjunta".) Uma das respostas é a teoria da tradição oral que diz que as semelhanças se devem a uma rápida cristalização da tradição acerca de Jesus, em forma oral mais ou menos fixa, e que posteriormente veio a assumir forma escrita. A maior parte dos eruditos modernos duvida de que a transmissão meramente verbal pudesse ter retido tantas e tão minuciosas similaridades verbais como aquelas que existem nos evangelhos sinópticos, especialmente nas porções que contêm narrativas, as quais dificilmente refletiriam a capacidade de memorizar, palavra por palavra, as afirmações de Jesus. (Dois eruditos escandinavos, H. Riesenfeld (*The Gospel Tradition and Its Beginnings*, Londres: Mowbray: 1957) e B. Gerhardsson (*Memory and Manuscript: Oral Tradition and Written Transmission in Rabbinic Judaism and Early Christianity*, Uppsala: Gleerup, 1961, e *Tradition and Transmission in Early Christianity*. Uppsala: Gleerup, 1964) têm reavivado a teoria da tradição oral. A ênfase deles sobre o fator da memória, na antiga cultura judaica, reforça nossa estimativa sobre os evangelhos como fidedignos, mas não explica o inter-relacionamento literário entre os evangelhos sinópticos, mormente dentro da porção narrativa.)

### **Prioridade de Marcos**

A solução usualmente encontrada é a hipótese documentária Marcos-Q: Mateus e Lucas teriam estribado a maior parte de sua narrativa sobre o evangelho de Marcos, tendo extraído quase todas as declarações ou ensinamentos de Jesus de um documento atualmente perdido, designado Q, (A designação Q usualmente é vinculada ao vocábulo alemão Quelle, que significa "fonte".) ao que eles adicionaram material distintivamente seu. Os eruditos têm alinhado certo número de argumentos em favor da prioridade do evangelho de Marcos. Em Lucas 1:1-4, o escritor sagrado chega realmente a asseverar que lançara mão de outros documentos, nos quais se continha material registrado por testemunhas oculares, ao escrever o seu próprio evangelho. Isso, pelo menos, abre a possibilidade de que Marcos tenha sido um desses documentos por detrás do livro de Lucas. Mais especificamente, Mateus incorpora a quase totalidade do evangelho de Marcos, e Lucas cerca de metade. Tanto Mateus quanto Lucas, com freqüência, repetem as exatas palavras de Marcos, mesmo em pormenores

negligenciáveis. Outrossim, Mateus e Lucas usualmente acompanham a seqüência de eventos da vida de Jesus, conforme Marcos os alinha, não se desviando juntos daquela seqüência, como poderíamos esperar que o tivessem feito, ao menos vez ou outra, se porventura ambos estivessem se alicerçando sobre Marcos. (Em outras palavras, parece que Marcos é a âncora que impede Mateus e Lucas de se desviarem em demasia (embora nunca ao mesmo tempo) da ordem de acontecimentos contida em Marcos. Diferenças ocasionais e independentes de seqüência, por motivos tópicos, algumas vezes passam para segundo plano questões cronológicas, nas mentes dos evangelistas (termo técnico aplicado aos escritores dos evangelhos.) Com freqüência, parece que Mateus e Lucas modificaram o fraseado de Marcos, a fim de aclarar o sentido, (Por exemplo comparar Marcos 2:15 com Lucas 5:29, a respeito de quem era a casa onde teve lugar o banquete.) de omitir material cujo significado poderia ser mal entendido, (Por exemplo, Mateus e Lucas omitem o episódio marcano de que os familiares de Jesus julgaram-no louco, talvez porque seus leitores viriam a dar a isso uma errônea interpretação, inferindo além da medida certa.) de anular material desnecessário para seus respectivos propósitos, (Por exemplo, Mateus 8:14 e Lucas 4:38 omitem os nomes de André, Tiago e João, que figuram em Marcos 1:29, e retêm somente o nome de Pedro.) e a fim de suavizar a deselegância gramatical (mera questão de estilo, e não de exatidão) (Por exemplo, Marcos 2:7 (literalmente traduzido), "Quem pode perdoar pecados exceto um, Deus?" torna-se: "Quem pode perdoar pecados senão Deus?" em Lucas 5:21. Marcos traz um estilo áspero e vívido - vigoroso, mas não elegante.) - fenômenos esses que indicam, todos eles, que houve utilização do evangelho de Marcos.

### **A Hipótese "Q"**

Visto que as similaridades nas porções que contêm narrativas parecem ter-se originado do uso comum do documento de Marcos, da parte de Mateus e Lucas, similaridades entre Mateus e Lucas, no material didático, não contido em Marcos, têm levado alguns eruditos a postular um segundo documento Q, imaginado como uma primitiva coletânea de declarações de Jesus, com um mínimo de arcabouço histórico. Esse documento Q seria algo como o evangelho de Tomé e a coleção achada em Oxyrhynchus sobre afirmações de Jesus, ou, melhor ainda, algo como os livros proféticos do Antigo Testamento, que contêm um relato da chamada do profeta, extensos registros de sua prédica, algumas vezes vestígios ou breves trechos históricos, mas nenhuma narração da morte do próprio profeta. Assim, Q poderia ser tido como documento que começa com a história do batismo e da tentação de Jesus (Sua "chamada"), prosseguindo com Seu ensinamento, mas sem qualquer menção a Seus sofrimentos (paixão), morte e ressurreição.

A hipótese do documento Q, entretanto, apresenta alguns problemas pertinazes. Por exemplo, o grau de concordância entre Mateus e Lucas, sobre as declarações tradicionais, varia enormemente. Muitos eruditos, por isso mesmo, pensam que Mateus e Lucas se utilizaram de diferentes traduções gregas ou de um documento Q que originalmente fora escrito em aramaico. Ainda outros, duvidando da própria existência de um documento Q (por que ele não teria sobrevivido até hoje?), adotam, quanto ao material das declarações de Jesus, a teoria de muitos documentos breves, ou então a teoria da tradição oral (mais fácil de crer-se do que a narração escrita de declarações), ou ainda, uma combinação de ambas as coisas. Alguns acreditam que Lucas se utilizou de Mateus em grande parte do material didático; mas, sob essa hipótese, por que Lucas com freqüência refaz o arranjo do material de Mateus?

### **M. L e Proto-Lucas**

Propondo a hipótese de quatro documentos, B. H. Streeter adicionou o documento M, relativo às declarações de Jesus, distintivas de Mateus, e um documento L, quanto à maior parte do material distintivamente lucano. Ele igualmente propôs a teoria do proto-Lucas: a primeira edição do evangelho de Lucas consistiria somente de Q + L, ao que Lucas posteriormente teria acrescentado um prefácio e as narrativas da natividade, tudo entremeado com material extraído de Marcos. Não há concórdia geral quanto às propostas de Streeter. (B. H. Streeter, *The Four Gospels* (Nova Iorque: St. Martin's, 1951), Parte II; comparar com V. Taylor, *The Formation of the Gospel Tradition* (Nova Iorque: St. Martin's 1960), apêndice A.)

A prioridade do evangelho de Marcos desfruta de considerável favor. Acerca do documento Q é que se concentram as maiores incertezas. Talvez cumpra-nos pensarem um corpo de anotações frouxas sobre a doutrina de Jesus, feitas por Mateus. Documentos como M e L são duvidosos. Em

seu evangelho, Mateus com frequência rearranja e colige as declarações de Jesus por meio de tópicos, ao invés de fazê-lo cronologicamente, o que também fazem os demais evangelhos sinópticos, embora em menor grau. Em contraste com Mateus, Lucas pode ter-se utilizado de Marcos como um suplemento, e não como a coluna mestra de sua narrativa (segundo dizia Streeter); mas isso é apenas uma possibilidade, diante do estágio atual das pesquisas. É desnecessário dizer que quando Mateus e Lucas se valeram de Marcos ou de outra fonte informativa comum, seu testemunho histórico é de qualidade inferior. Pelo contrário, queriam preservar a unidade da tradição apostólica a respeito de Jesus, precisamente por ser ela historicamente acurada, merecendo um testemunho conjunto em seu favor. Onde alteram ao evangelho de Marcos, fazem-no não de maneira a falsificar o registro, mas de maneira que evita a errônea interpretação da informação marcana, adicionando alguns outros detalhes, omitindo a outros, e destacando diferentes implicações teológicas.

## CRÍTICA DA FORMA DOS EVANGELHOS

### **A tarefa**

Os primitivos cristãos não dispunham de qualquer dos quatro evangelhos, quanto menos todos os quatro. Nas primeiras décadas do século XX, pois, a erudição alemã se encarregou da ambiciosa tarefa de inferir, mediante análise literária (Formgeschichte, "história da forma") dos evangelhos como seria a tradição oral concernente a Jesus, antes da mesma haver assumido forma escrita. Por exemplo, desde os primórdios do movimento cristão a história da paixão deve ter sido contada e recontada quando da celebração da Ceia do Senhor ou quando de sermões. Em seguida, quando surgiu a necessidade de serem dadas instruções sobre a conduta cristã, pedacinhos isolados da tradição atinente às palavras e aos feitos de Jesus foram sendo trazidos a lume, como um padrão autoritativo. Deveriam contrair matrimônio os cristãos? Divorciar-se? Pagar impostos? A tradição oral acerca de Jesus foi mantida viva para responder a essas e a outras indagações de semelhante naipe.

### **Metodologia**

Os críticos da forma procuram determinar a natureza e o conteúdo da tradição oral, classificando as unidades individuais do material escrito dos evangelhos, de conformidade com a forma literária e o uso comum na Igreja primitiva. (Uma designação técnica para uma unidade ou seção individual dos evangelhos - como o relatada cura de um leproso por Jesus ou de uma parábola - é perícopes.) As categorias comuns são (1) apotegmas, paradigmas ou narrativas de afirmações (relatos que chegam a seu ponto culminante com uma declaração de Jesus), como ilustrações de sermões, (2) relatos de milagres, como modelos para as atividades dos curadores cristãos, (3) declarações e parábolas que visam à instrução catequética, (4) lendas tendentes a magnificar a grandiosidade de Jesus (talvez com um âmago de verdade histórica, porém grandemente exageradas), e (5) a história da paixão, quando da celebração da Ceia do Senhor ou da prédica evangelística. Essa abordagem parte da premissa que os cristãos primitivos modificaram as informações sobre Jesus, chegando mesmo a inventar narrativas e declarações para satisfazer às necessidades que surgiam da pregação missionária, das instruções catequéticas, dos sermões, da formação de liturgias, das controvérsias doutrinárias e de questões de disciplina eclesiástica. Disso teria resultado que os evangelhos narram-nos mais sobre a *Sitz im Leben* ("situação na vida") da Igreja primitiva do que atinente a Jesus. A fim de determinar a verdade sobre Jesus, teríamos de eliminar os acréscimos editoriais, como, por exemplo, as observações geográficas e cronológicas, os lances miraculosos e os elementos doutrinários que supostamente datariam de um período posterior ao da vida de Jesus.

### **Resultados**

J. Wellhausen, perito em questões do Antigo Testamento, foi um dos mentores da crítica de forma quanto aos evangelhos. M. Dibelius a popularizou. K. L. Schmidt convenceu a muitos de que o arcabouço geográfico e cronológico do evangelho de Marcos partira da pena inventiva do próprio Marcos. E R. Bultmann (o mais bem conhecido dentre os críticos da forma) concluiu, após detalhada análise, que quase toda a tradição dos evangelhos não passava de fabricação, ou está altamente distorcida. Uma típica linha de raciocínio é que em vista dos cristãos acreditarem no caráter

messiânico de Jesus, justificaram eles a sua crença através das histórias inventadas, nas quais Jesus teria realizado milagres messiânicos. Conforme pensa Bultmann, deveríamos "desmitologizar" os evangelhos (despi-los dos mitos), a fim de tornar a mensagem cristã aceitável para o homem moderno, o qual, de seu ponto de vista naturalístico, não mais pode acatar as reivindicações sobrenaturais dos evangelhos em favor de Jesus. (Vide R. Bultmann et al. *Kerygma and Myth*. editado por H. W. Bartsch, edição revisada dessa tradução por R. H. Fuller (Nova Iorque: Harper, 1961), págs. 1-44; Bultmann. *The History of the Synoptic Tradition*, traduzido por J. Marsh (Nova Iorque: Harper & Row. 1963) - muito técnico: e numerosos outros escritos, tanto por Bultmann como acerca de sua metodologia e sua teologia.)

## **Crítica**

A crítica da forma tem depositado ênfase salutar na análise literária, como meio que nos leva a reconstrução da tradição oral dos evangelhos, como também tem frisado a contínua relevância das palavras e das obras de Jesus, no tocante à vida da Igreja primitiva. A mente aberta de Jesus para com os gentios, por exemplo, deve ter ajudado no ingresso de gentios nas fileiras da Igreja. Mas a atitude utilitária não seria o único fator. Os críticos da forma não têm dado margem suficiente a um interesse puramente biográfico sobre Jesus, da parte dos primeiros cristãos. Se a Igreja primitiva realmente se preocupava em apontar para as palavras e os feitos de Jesus, em justificação de suas próprias crenças e práticas - conforme admitem, e, de fato, asseveram os próprios críticos da forma, então havia os mais ponderosos motivos para lembrá-Lo. O próprio Paulo, que aparentemente não conheceu a Jesus pessoalmente, não foi capaz de citar autoridade superior a Ele (vide, por exemplo, 1 Coríntios 7:10 ss.).

Os críticos da forma também não têm dado lugar à possibilidade de que a tradição dos evangelhos foi preservada meramente por expressar a verdade, e também porque provia excelente material para o evangelismo, para o ensino e para a liturgia dos cristãos. A única geração que viveu entre Jesus e o registro escrito dos evangelhos não cobriu tempo suficiente para que houvesse extensa proliferação das tradições acerca Dele. As idéias mitológicas normalmente não se desenvolvem em menos de meio século. No entanto, os cristãos primitivos proclamavam a Jesus como o Deus-Salvador ressurreto e exaltado, e isso quase imediatamente após a Sua morte. Outrossim, durante as primeiras décadas da história da Igreja, a esperança do retorno imediato de Jesus lampejava ardentemente. Os primitivos cristãos, pois, sentiram muitíssimo a necessidade de maiores informações sobre Jesus do que aquelas de que já dispunham.

Ao que parece, os críticos da forma também se têm olvidado de que testemunhas oculares cristãs e anticristãs devem ter servido de entrave para a criação e distorção, em larga escala, de informações. Numerosas referências, por todo o Novo Testamento, indicam que os cristãos primitivos davam alto valor ao elemento de testemunho ocular, como fator digno de confiança. Por exemplo, vide Lucas 1:1-4, João 1:14; 20:30,31; 1 Coríntios 15:5-8 e 1 João 1:1-4. Testemunhas oculares amigáveis e contrárias não somente teriam provido uma influência restringidora, mas, igualmente, as memórias que guardavam sobre os ensinamentos e o exemplo de Jesus teriam sido usadas para achar solução de problemas eclesiásticos e doutrinários, para dar respostas às indagações dos convertidos latentes, e para servir de apologias, em face de acusações maliciosamente assacadas. Por conseguinte, há mais de uma razão para não subestimarmos o fator das testemunhas oculares, por detrás da tradição constante no evangelho.

Não devemos imaginar que todos os antigos aceitavam credulamente cada relato sobrenatural que ouviam. Era generalizado o ceticismo no mundo greco-romano. Entre os próprios discípulos fizeram-se necessárias evidências para dissipar as dúvidas, como no caso de Tomé, que a princípio descreditou no relatório dado pelos outros sobre a ressurreição de Jesus. Se, porventura, Jesus não foi a arrebatadora figura retratada nos evangelhos, como explicar tão grande agitação por causa Dele? Por que Ele foi crucificado? Por que as pessoas O seguiam, continuando a confiar Nele e a proclamá-Lo como Salvador, mesmo depois que morrera a morte de um criminoso - e, de fato, quase imediatamente depois de Sua execução? Estariam elas dispostas a sofrer e a morrer, como o fizeram, em defesa de uma falsa tradição, de sua própria fabricação? E, sobretudo, por qual razão judeus, treinados desde a infância a adorar exclusivamente ao Deus invisível, ter-se-iam sentido constrangidos a adorar a um homem ao qual haviam conhecido? Se os evangelhos não são dignos de

confiança, então há um hiato em branco nos primórdios mesmos do movimento cristão. Porém, o dramático aparecimento do cristianismo requer uma explicação consentânea com o fenômeno.

Papias, pai da Igreja, declarou, no começo do século II D.C., que Marcos registrou em forma escrita as reminiscências de Pedro a respeito de Jesus. Não há motivos suficientes para duvidarmos da afirmação de Papias, ou do caráter fidedigno dos evangelhos em geral. Pelo contrário, o texto dos evangelhos contém numerosas indicações de autenticidade. São abundantes os detalhes realistas - alusões a lugares, nomes e costumes, desnecessários para as narrativas estarem completas - tal como já é de esperar em relatos feitos por testemunhas oculares. Descrições sobre práticas legais e condições sociais na Palestina, *vis à vis* ao mundo helenista, exibem notável exatidão. (Vide A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (Oxford: Clarendon. 1963), cap. 6 e págs. 186 ss.) Cristãos posteriores haveriam de ufanar-se ante os doze apóstolos (conforme fez a literatura cristã posterior), ao invés de retratarem-nos como indivíduos desajeitados, cabeçudos, incrédulos e acovardados em muitas ocasiões. Por qual razão teriam sido inventadas declarações de Jesus embaraçosamente difíceis de interpretar? (Por exemplo, vide Mateus 10:23; Marcos 9:1 e 13:32.) Bastaria essa dificuldade para deixar entrever a autenticidade. Outrossim, é duvidoso que distorções e invenções tivessem sido preservadas ou tivessem produzido a forma de poesia distintamente semítica dos ensinamentos de Jesus, conforme foi registrada pelos evangelistas. (A forma poética de declarações paralelas, como se vê na poesia hebraica do Antigo Testamento, não transparece nas traduções dos evangelhos. Mas eis um exemplo do paralelismo poético semita, no ensino de Jesus: *Pedi, e dar-se-vos-á; Buscai, e achareis; Batei, e abrir-se-vos-á* (Lucas 11:9).) Outro tanto é verdade no tocante a outras características do estilo semita, que transparece fulgurantemente, a despeito do fato que os evangelhos foram escritos em grego, um idioma não-semita.

A ausência de parábolas nas epístolas demonstra que os primeiros cristãos não se utilizavam de parábolas como um artifício pedagógico, e, por isso mesmo, que não devem tê-las criado nos evangelhos. Por similar maneira, a ausência, nas epístolas, do título cristológico "Filho do homem" (frequente nos evangelhos), prova ser o mesmo um título distintivo de Jesus, e, assim sendo, autêntico. Contrariamente a isso, o fato que os evangelhos nada dizem sobre muitas das acirradas questões que se refletem no livro de Atos e nas epístolas (como a questão se os convertidos dentre os gentios deveriam ser circuncidados ou não), demonstra que os cristãos primitivos protegeram cuidadosamente os ensinamentos de Jesus, a fim de não serem eles mesclados com os seus próprios posteriores desenvolvimentos doutrinários. Paulo separou, meticulosamente, os seus próprios pronunciamentos sobre o matrimônio e o divórcio e aqueles que foram ditos pelo Senhor (vide I Coríntios 7:6-8,10,12,17,25,26,28,29,32,35,40). Somente uma positiva avaliação da tradição evangélica é capaz de explicar adequadamente os primórdios do cristianismo e as características literárias dos evangelhos e das epístolas.

## O KERYGMA

O proeminente erudito britânico C. H. Dodd proveu uma alternativa para a radical crítica da forma, ao distinguir um padrão comum nos sermões dos primeiros capítulos do livro de Atos (especialmente 10:34-43), e nas epístolas de Paulo, mormente onde este, ocasionalmente, sumaria o evangelho (por exemplo, I Coríntios 15:3 ss.; 11:23 ss.; Romanos 1:2,3 e 10:9):

Jesus inaugurara o cumprimento das profecias messiânicas. Saíra por toda parte, fazendo o bem e realizando milagres.

Foi crucificado de acordo com o plano de Deus.

Ressuscitara e fora exaltado até os céus.

Retornará, a fim de julgar aos homens.

Portanto, arrependei-vos, crede a sede batizados.

A esse padrão foi que Dodd deu o título de Kerygma (vocábulo grego que significa "proclamação"). Gradualmente, o esboço mais simples do kerygma foi sendo preenchido com narrativas, declarações e parábolas extraídas da vida de Jesus. Conforme as testemunhas oculares foram fechando os olhos, os evangelhos foram sendo escritos para formarem um registro permanente. Além disso, conforme o evangelho se foi espalhando geograficamente para lugares distantes da Palestina, lugares onde não havia testemunhas oculares confirmatórias em

disponibilidade, foi-se tornando mister o surgimento de registros escritos fidedignos, que fossem utilizados pelos cristãos em sua prédica acerca das palavras e feitos de Jesus. Assim sendo, o evangelho de Marcos seria um kerygma expandido em forma escrita. (C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Development* (Londres: Hodder & Stoughton, 1936). Em adição, Dodd distingue entre didache, "ensino" relativo a vida cristã e à fé, e o kerygma evangelístico, cujo alvo é fazer convertidos. Vem sendo cada vez mais reconhecido que a distinção é difícil de ser mantida. De fato, o próprio arcabouço do kerygma pode não ter sido tão rígido como Dodd o reconstituiu.)

Uma idéia generalizada é que, a princípio, os cristãos nem ao menos pensavam em escrever sobre a carreira de Jesus, visto esperarem que Ele retornaria em futuro imediato. Mas, não regressando Ele década após década, raiou aos cristãos que narrativas mais formais e fixas precisavam preencher o hiato cada vez mais amplo. É possível que isso expresse uma verdade, pelo menos em parte. Mas a expectativa de que Jesus haveria de voltar quase imediatamente tem sido superestimada. Um escrutínio mais atento dos textos relevantes do Novo Testamento demonstra que os primitivos cristãos esperavam pela Segunda Vinda apenas como uma possibilidade em seu próprio período de vida, e não como uma certeza. Os livros do Novo Testamento não são produtos do embaraço ante a demora da volta de Jesus. Esses livros inspiram muito mais confiança do que isso, para pensarmos em tal coisa.

### CRÍTICA DA REDAÇÃO

Em reação contra o tratamento dos evangelhos como se estes fossem meros retalhos, conforme tinham feito os críticos da forma, alguns eruditos, depois da Segunda Guerra Mundial, têm analisado os evangelhos como composições unificadas cuidadosamente editadas (redigidas) por seus autores, a fim de proteger pontos de vista teológicos distintivos. Em outras palavras, a "crítica da redação" (*Redaktionsgeschichte*) trata os evangelhos como unidades completas, ao invés de centralizarem a atenção sobre declarações e relatos isolados. Talvez o mais bem conhecido e melhor representante dessa abordagem seja H. Conzelmann, cuja hipótese é que Lucas reinterpretou o ministério de Jesus como o ponto central histórico entre a era da Igreja e a Segunda Vinda de Cristo a seguir-se, e não como o estágio final da história, conforme Conzelmann alega que criam os cristãos primitivos. (H. Conzelmann, *The Theology of St. Luke*, traduzido por G. Buswell (Londres: Faber & Faber, 1960). Precisamos pôr em dúvida, todavia, a conclusão a que chega Conzelmann de que a perspectiva histórica de Lucas representa uma modificação em relação à expectativa de que Jesus retornaria quase imediatamente.) Usualmente, o ponto de vista particular do evangelista é atribuído a uma inteira escola de pensamento dentro da Igreja. A crítica da redação é, na realidade, apenas mais ampla, pelo que também com grande freqüência padece da mesma injustificada suposição de terem havido distorções históricas nos evangelhos. Não obstante, há algum valor em sua ênfase sobre amplos temas teológicos.

### ESTUDO DA VIDA DE JESUS

A maioria dos eruditos contemporâneos acredita que uma biografia de Jesus, em completa escala, é simplesmente impossível, porque os evangelhos são por demais seletivos quanto ao volume e ao tipo de informações que nos apresentam acerca de Jesus. Todavia, no século XIX, antes dessa restrição haver sido tão agudamente sentida, apareceram diversas notáveis biografias de Jesus. Um tratamento radical, feito pelo erudito alemão D.F. Strauss (1835), concluiu que a maior parte do material existente nos evangelhos é de natureza mitológica. A vida de Cristo, de autoria de E. Renan (1863), tornou-se famosa por sua beleza literária. Nela, esse escritor francês retratou a Jesus como um carpinteiro amigável, que se transformou em apocaliptista. Em 1883, Alfred Edersheim, judeu convertido, produziu sua obra largamente usada e ortodoxa, *Life and Times of Jesus the Messiah*, baseado que foi no conhecimento que tinha das tradições rabínicas. Ao virar o século, o típico ponto de vista liberal, mais destacadamente representado pelo estudioso germânico A. Harnack, via em Jesus um bom exemplo de serviço abnegado em prol da humanidade, como um mestre impulsionado por exaltados ideais éticos, embora não um redentor divino-humano.

Em 1906, Albert Schweitzer espantou o mundo teológico com sua obra *Quest of the Historical Jesus*. Conforme é indicado no título original em alemão, *Von Reimarus zu Wrede*, a obra era um levantamento crítico de estudos modernos sobre a vida de Jesus. Schweitzer argumentava que os estudos liberais repousavam sobre noções preconcebidas, por parte de eruditos modernos, ao invés



de repousarem sobre os próprios informes dos evangelhos. Segundo Schweitzer, Jesus pensava que o reino de Deus sobre a terra estava prestes a ser inaugurado, e que então Ele se tornaria o Messias. De fato, Jesus informou aos doze discípulos que Deus enviaria o Filho do homem (o Messias super-humano) para estabelecer o reino, antes de completarem uma missão de pregação pela Galiléia (vide Mateus 10:23). Mas, ao não se materializarem as suas expectativas, Jesus ficou cada vez mais convicto de que morreria a fim de produzir a vinda de tal reino.

Entretanto, Ele revelou o segredo de Sua missão messiânica a Pedro, Tiago e João, por ocasião da transfiguração. Pedro, ato contínuo, revelou o segredo aos demais doze apóstolos, quando de sua grande confissão (vide Marcos 8:27-30; Mateus 16:13-20 e Lucas 9:18-20). (A fim de chegar a tal reconstituição, Schweitzer teve de alterar a ordem cronológica relativa à confissão de Pedro e a transfiguração de Jesus, segundo aparecem nos evangelhos sinópticos.) Judas, em seguida, traiu o segredo para as autoridades judaicas, as quais puseram em movimento os eventos que culminaram na morte de Jesus. O próprio Jesus, corajosa mas tola, pensava que Deus haveria de ressuscitá-Lo imediatamente dentre os mortos, revelando-O ao mundo, entre as nuvens do céu, com o intuito de ser estabelecido o reino divino sobre a terra. Isso, naturalmente, não ocorreu - e, para Schweitzer, Jesus tornou-se uma figura trágica e misteriosa, que dificilmente pode ser entendida pelo homem moderno, embora digna de imitação quanto à Sua altruísta dedicação.

O retrato de Jesus, traçado por Schweitzer, não tem merecido aceitação geral. Ele pôs ênfase demasiada sobre Mateus 10:23, trecho que pode ser interpretado de outros modos. Também desconsiderava afirmativas feitas por Jesus no sentido que o reino de Deus já chegara. Não conseguiu explicar adequadamente por qual motivo Jesus tanto ensinou quanto a princípios éticos. Pois alguém que cresse e proclamasse que o mundo haveria de terminar dentro dos próximos poucos meses ou semanas dificilmente encontraria necessidade de instruir tão demoradamente às pessoas sobre a conduta que deveriam ter na presente maligna sociedade. A grande contribuição de Schweitzer, entretanto, foi que ele forçou a reconsideração sobre os ensinamentos escatológicos (Escatológico significa "atinentes ao fim da história.") de Jesus e sobre as implicações messiânicas de Seu ministério, aspectos esses que estavam sendo negligenciados pela maioria dos eruditos liberais.

No atual estado das pesquisas sobre a vida de Jesus, opiniões disparatadas exigem ser reconhecidas. Os seguidores de Bultmann continuam rejeitando a maior parte das tradições dos evangelhos. Alguns dos anteriores estudantes de Bultmann, apodados "pós-Bultmannianos", aceitam minúscula porção a mais como autêntica, mas a quantidade é insignificante. (Vide J.M. Robinson, *A New Quest of the Historical Jesus*, Naperville: Allenson, 1959.) Eruditos que ocupam uma posição intermediária aceitam como autêntica uma proporção bem maior; sentem-se livres, todavia, para rejeitar o resto. Eruditos ortodoxos descobrem boas razões históricas e teológicas para aceitarem na íntegra os relatos dos evangelhos. Isso não dá a entender, contudo, que os evangelistas sempre citaram as declarações de Jesus palavra por palavra. As diferenças existentes entre os evangelhos dão a entender que houve freqüentes paráfrases e rearranjos editoriais, um modo perfeitamente legítimo de transmitir os pensamentos de outrem. Por igual modo, os eruditos ortodoxos não insistem em que deva haver uma narração sempre completa e cronológica das atividades de Jesus. Mas que, aquilatados através do propósito pelo qual foram escritos proclamar as boas novas concernentes a Jesus, o Cristo - os evangelhos merecem nossa total confiança.

#### *Para discussão posterior:*

- De que maneira a inter-relação literária, as diferenças entre os evangelhos, quanto ao fraseado e à ordem dos acontecimentos, bem como o uso e revisão de fontes informativas se relacionam com a crença na origem divina e na inspiração da Bíblia?

- Até que ponto, se isso é verdade, deveria o evangelho ser feito mais aceitável para o homem moderno (uma das principais questões levantadas pelo programa demitologizador de Bultmann)?

- Que é um "mito"? Qual é o relacionamento do mesmo com a historicidade? Com a universal experiência humana? Dependendo de definições, a Bíblia contém mitos?

*Para investigação posterior:* Consulte as obras citadas nas notas de rodapé do capítulo anterior, bem como a bibliografia no fim do capítulo seguinte. Quanto a estudos evangélicos sobre algumas das questões aqui discutidas, vide também:

Bruce, F. F. Merece confiança o Novo Testamento?, Edições Vida Nova, 1965.

Althaus, P. et al. Jesus of Nazareth. Savior and Lord. Editado por C. F. H. Henry. Grand Rapids: Eerdmans, 1966

Ladd, G.E. The New Testament and Criticism. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

Em seus termos gerais, comparar *The Life of Apollonius*, por Filostrato, porções da qual obra são citadas por C.K. Barrett, *The New Testament Background: Selected Documents* (Nova Iorque: Harper & Row, 1961), págs. 76-79, com os retratos de Jesus dados nos evangelhos.

A fim de apreciar algumas das questões debatidas pelos críticos de fonte, forma e redação, que o estudante compare cuidadosamente as narrativas de Mateus e de Lucas sobre o Sermão da Montanha (5 - 7 e 6:20-49, respectivamente), as diferentes narrativas sobre a Última Ceia (Mateus 26:20-35; Marcos 14:17-31; Lucas 22:14-38 e João 13-17), ou praticamente qualquer outra porção da tradição constante nos evangelhos, incluindo unidades menores.

## **CAPÍTULO 6 - Os Quatro Evangelhos**

### *Perguntas Normativas:*

- Quem escreveu os evangelhos?
- Como determinamos a autoria dos mesmos?
- Quão próximos estiveram os autores da tradição das testemunhas oculares sobre a vida e os ensinamentos de Jesus?
- Quais são as indicações a respeito da data de sua escrita?
- Os evangelistas escreveram para qual audiência, de qual perspectiva e com qual propósito?
- Quais são as características distintivas e as ênfases especiais dos diversos evangelhos?
- Qual é o plano geral e o movimento de cada um dos evangelhos?

Os livros que denominamos de evangelhos estabeleceram uma nova modalidade de literatura quando foram escritos. Diferentes das verdadeiras biografias, falta-lhes pano-de-fundo histórico contemporâneo, análise de caráter e personalidade e sondagens dos pensamentos íntimos do herói. Os evangelhos também não se parecem com as narrativas de milagres dos helenistas, nas quais os atos reais ou supostos de antigos operadores de milagres eram celebrados - há muito mais que a narração de milagres nos evangelhos. Por igual modo, os evangelhos não nos apresentam simples memórias. Antes, são proclamações escritas da história da redenção, de acordo com perspectivas teológicas.

### **MARCOS: EVANGELHO DA ATIVIDADE REDENTORA DE JESUS**

#### **A autoria marcana e tradição petrina**

Visto que os títulos somente mais tarde foram adicionados aos evangelhos, dependemos da tradição antiga e das evidências internas no que tange a questões de autoria. O primeiro dos evangelhos a ser escrito deriva seu nome de João Marcos, o qual figura como companheiro de Paulo, Barnabé e Pedro, no livro de Atos e nas epístolas. Papias, pai da Igreja antiga, segundo se sabe, disse na primeira metade do século II D. C. que Marcos anotou cuidadosamente, em seu evangelho, as reminiscências de Pedro sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, embora nem sempre em ordem cronológica ou retórica, porquanto seu propósito era o da instrução espiritual, e não fazer uma crônica artística dos acontecimentos. (Citado por Eusébio, *História Eclesiástica* III. 39. 15. Comparar a menção

especial de Pedro, em Marcos 16:7: "Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro...") Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo confirmam a autoria de Marcos, em associação com Pedro.

Embora a ordem do material de Marcos pareça ser cronológica em suas linhas gerais, palavras-chaves e similaridade de assunto com frequência formam o princípio de arranjo no que concerne a relatos e declarações isolados. Por exemplo, Marcos 2:1-3:6 contém as seguintes narrativas: a cura do paraplégico e o perdão de seus pecados, com a subsequente discussão sobre a autoridade que Jesus tem de perdoar pecados; o argumento acerca do fato que Jesus comia com publicanos, após o chamamento de Levi (Mateus); o debate por causa do jejum; as críticas contra os discípulos por terem colhido e comido espigas em dia de sábado, e a defesa dos mesmos por parte de Jesus; e a cura de um homem de mão mirrada, contra as objeções dos fariseus. Marcos reúne essas narrativas aparentemente porque tratam de controvérsias de Jesus com os escribas e os fariseus.

## **Ação**

Com raras exceções, Marcos é o evangelho da ação, e não dos longos discursos. Em uma narrativa de movimentos rápidos, Marcos narra as atividades de Jesus na qualidade do poderoso e autorizado Filho de Deus, particularizando Seus milagres de curas e exorcismos. O reino de Deus invade o reino do mal, enquanto Jesus combate as forças satânicas e demoníacas. Um advérbio, usualmente traduzido por "imediatamente" ou "logo", ou alguma expressão semelhante, é a palavra-chave. Marcos gostava tanto de usar o termo que nem sempre ele quis dizer "imediatamente" no sentido estrito, tendo-o usado simplesmente como elemento de transição para transmitir a idéia que Jesus mostrava-se constantemente atarefado, na qualidade de Servo trabalhador.

A atividade redentora de Jesus culmina na narrativa da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus, à qual Marcos devota um espaço desproporcionalmente grande - tanto, na realidade, que seu evangelho tem sido chamado de pouco mais que a narrativa da paixão, com um prólogo. A confissão de Pedro a respeito do caráter messiânico de Jesus, em Cesaréia de Filipe (8:27-30), forma um ponto nevrálgico nesse evangelho. Dali por diante Jesus começou a predizer Seus sofrimentos e Sua morte, como o Filho do homem, e a narrativa se movimenta inexoravelmente para o seu fim. Os discípulos estavam acostumados a pensar sobre o Filho do homem, auto-designação favorita de Jesus, extraída da visão de Daniel acerca de uma figura semelhante a um ser humano, que viria em glória para julgar a humanidade (vide Daniel 7:13,14), em termos de majestade; e, por isso mesmo, os discípulos encontraram dificuldade em compreender e aceitar as declarações de Jesus.

## **Propósito e Plano**

Eruditos modernos têm sugerido certo número de diferentes propósitos por detrás do relato de Marcos. Alguns opinam que Marcos escreveu a fim de prover instrução catequética a novos convertidos. Porém, o fato que ele não se esforça muito por expor os ensinamentos de Jesus solapa esse ponto de vista. Outros pensam que Marcos escreveu seu evangelho para uso litúrgico em cultos das igrejas. Porém, o arranjo e o estilo se ressentem da falta de suavidade e simetria que esperaríamos de um documento litúrgico. Ainda outros supõem que Marcos escreveu para encobrir o fracasso de Jesus, por não se ter proclamado o Messias. Marcos, desajeitadamente, teria removido esse embaraço da teologia cristã ao inventar o "segredo do Messias". Noutras palavras, teria posto nos lábios de Jesus a proibição reiterada de se tornar pública a revelação de Seu papel messiânico (por exemplo, 8:30), a fim de dar a entender que Jesus realmente ensinou, em particular, que era o Messias, embora, na verdade, não o fosse. (W. Wrede, *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien: Zugleich ein Beitrag zum Verständnis des Markusevangeliums* (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1901, 39 edição, 1963). Wrede atribuíra esse motivo aos predecessores de Marcos, cujo material ele teria usado.) Ainda outros pensam exatamente o oposto, ou seja, que ao inventar o segredo messiânico Marcos estava procurando suavizar o caráter ofensivo de um ministério abertamente messiânico. Essas duas posições, que vêem o propósito de Marcos ligado ao segredo messiânico, dependem de um ceticismo ilegítimo no tocante à exatidão das narrativas dos evangelhos; e a maioria dos leitores de Marcos não tem a impressão que ele estivesse embaraçado diante de exageradamente pouco ou exageradamente muito messianismo nas tradições que circulavam sobre Jesus.

Historicamente, é perfeitamente compreensível por qual razão Jesus teria suprimido a publicidade em torno do Seu caráter messiânico: (1) os judeus concebiam erroneamente o Messias como uma personagem político-militar, excluindo, para todas as finalidades práticas, a idéia de Sua redenção espiritual - assim Jesus referiu-se à Sua paixão e morte em termos do Servo sofredor do Senhor, descrito em Isaías (particularmente 52:13 - 53:12); (2) aos judeus faltava a dimensão da deidade, no conceito que faziam sobre o Messias - assim Jesus aludiu a Si mesmo como o superhumano Filho do homem, que viria com os símbolos da teofania das nuvens, para estabelecer domínio sempiterno sobre o mundo, conforme uma das visões de Daniel (7:13,14); (3) se Jesus houvesse encorajado a publicidade em torno de Seu papel messiânico, apesar da certeza de que esse papel seria mal entendido, quase certamente ter-se-ia arriscado a ser imediatamente encarcerado e julgado - assim, pois, Ele ganhou tempo e evitou o final prematuro de Seu ministério, mediante aquela supressão de publicidade. Não é, de forma alguma necessário ou aconselhável, pois, pensarmos que Marcos teria "inventado" o segredo messiânico.

O propósito provável de Marcos é evangelizador. Ele narra a história de Jesus a fim de ganhar convertidos à fé cristã. Para consecução de seu propósito. Marcos constrói seu evangelho de modo bastante simples. Ele começa por João Batista, o batismo de Jesus e a Sua tentação (1:1-13), prossegue falando sobre o ministério de Jesus na Galiléia e seus arredores (1:14 9:50), continua pelo ministério de Jesus a caminho de Jerusalém, ao atravessar a Transjordânia e a Judéia (10:1-52), e conclui com as narrativas da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus, as quais foram divinamente planejadas (11:1 - 16:8).

No entanto, não sabemos como terminava esse evangelho. Alguns dos melhores manuscritos e traduções antigas terminam em 16:8. Outros acrescentam o "final longo" (incluído na familiar versão inglesa do King James), ao passo que ainda outros incluem um breve final. O final longo parece ter sido a tentativa de algum escriba para criar uma conclusão apropriada, ao sumariar as aparições pós-ressurreição, registradas nos outros evangelhos. O final curto, por igual modo, parece não estar revestido de autenticidade. Porém, desconhece-se se esse evangelho termina mesmo em 16:8, ou se o seu verdadeiro final se perdeu. (Essa questão textual não afeta qualquer doutrina maior da fé cristã. A inspiração bíblica por certo não está em pauta, mas somente qual teria sido o texto original da Bíblia, em oposição a adições posteriores feitas por copistas. Os mais antigos e mais fidedignos manuscritos do Novo Testamento ainda não haviam sido descoberto em 1611, pelo que os tradutores da versão do King James não podiam saber que o final longo era textualmente duvidoso.)

## **Data**

A primitiva tradição cristã deixa transparecer incerteza sobre se Marcos escreveu seu evangelho antes ou depois do martírio de Pedro (64 D. C.), e eruditos modernos disputam acerca da data em que Marcos escreveu. Aqueles que consideram "a abominação desoladora", em 13:14, como referência à queda de Jerusalém, no ano 70 D. C., depois que a mesma teve lugar, necessariamente, datam o livro após esse evento. Mas uma alusão pós-evento à destruição do templo por certo teria sido mais clara, e esse método de datar supõe que o versículo em pauta é uma referência histórica retrospectiva, e não uma genuína predição feita por Jesus. Faltam-nos informes para responder com firmeza à pergunta sobre a data. Porém, quando alguém aceita o fenômeno da profecia preditiva, não existem quaisquer razões compelidoras que o levem a negar uma data anterior ao período de 45-70 D. C. De fato, se Lucas encerrou o livro de Atos sem descrever o resultado final do julgamento de Paulo em Roma, porquanto tal julgamento ainda não sucedera, então Atos deve ser datado em cerca de 61 D. C., o seu volume anterior e companheiro, o evangelho de Lucas, deve ser datado em pouco antes disso, e, visto que o evangelho de Marcos foi utilizado por Lucas, Marcos deve ser datado ainda em data mais recuada, na década de 50 ou fim da década de 40 D. C.

## **Leitores romanos e Lugar de Escrita**

Provavelmente, Marcos escreveu para leitores romanos. Ele traduziu expressões em aramaico para benefício de seus leitores (3:17; 5:41; 7:34; 14:36 e 15:34). De modo ainda mais indicativo, ele esclareceu expressões gregas com seus equivalentes latinos (12:42 e 15:16), tendo usado certo número de outros termos latinos. A confirmação disso se obtém na menção de Rufo, em 15:21, o

qual, de acordo com Romanos 16:31, vivia em Roma (a menos que os dois textos se refiram a indivíduos diferentes do mesmo nome). Em adição, a presença de Marcos em Roma (simbolicamente chamada "Babilônia"), de acordo com 1 Pedro 5:13, a combinação da declaração de Papias no sentido que Marcos foi o intérprete de Pedro com a antiga tradição sobre o martírio de Pedro em Roma, a indicação, no prólogo anti-marcionita de Marcos, (Os prólogos anti-marcionitas são antigas introduções constantes de manuscritos que visam a combater as idéias de Márcion, uma variedade de heresia gnóstica.) de que Marcos escreveu seu evangelho na Itália, e posteriores declarações feitas por Clemente de Alexandria e Irineu, todas essas coisas adicionam um testemunho externo em prol da origem romana do evangelho de Marcos e de ter sido endereçado a leitores romanos.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE MARCOS

Tema: as atividades remidoras de Jesus

### INTRODUÇÃO

A. Ministério de João Batista (1:1-8)

B. O batismo de Jesus (1:9-11)

C. A tentação de Jesus (1:12,13)

I. ATIVIDADES REMIDORAS DE JESUS, NA GALILÉIA E ARREDORES (1:14 - 9:50)

A. A primeira pregação (1:14,15)

B. Chamada de Simão, André, Tiago e João (1:16-20)

C. Um grupo de milagres (1:21-45)

1. Exorcismo na sinagoga de Cafarnaum (1:21-28)

2. Cura da sogra de Pedro e outros (1:29-39)

3. Purificação de um leproso (1:40-45)

D. Um grupo de controvérsias (2:1 - 3:35)

1. Perdão e cura de um paralítico (2:1-12)

2. Chamada de Levi (Mateus) e o fato que Jesus comia com publicanos e pecadores (2:13-17)

3. A questão do jejum (2:18-22)

4. Colheita e ingestão de cereal em dia de sábado (2:23-27)

5. Cura da mão mirrada em dia de sábado (3:1-6)

6. Jesus retira-se e escolhe os Doze (3:7-19a)

7. Acusações de que Jesus era insano e possesso por Belzebu (3:19b-35)

E. Um grupo de parábolas (4:1-34)

1. A semente e os solos: mais comumente, o semeador (4:1-20)

2. A lâmpada (4:21-25)

3. O grão em desenvolvimento (4:26-29)

4. A semente de mostarda e outras (4:30-34)

F. Mais milagres (4:35 - 5:43)

1. Jesus acalma a tempestade (4:35-41)

2. Exorcismo da legião do endemoninhado geraseno (5:1-20)

3. Cura da mulher hemorrágica e ressurreição da filha de Jairo (5:21-43)

G. Rejeição de Jesus em Nazaré (6:1-6)

H. Missão dos Doze pela Galiléia (6:7-13)

I. Decapitação de João Batista (6:14-29)

J. Multiplicação dos pães para os cinco mil homens (6:30-44)

L. Jesus anda por sobre as águas (6:45-52)

M. Ministério em Genezaré, com controvérsia sobre a contaminação cerimonial (6:53 - 7:23)

N. Mais milagres (7:24 - 8:26;

1. Exorcismo de um demônio da filha da mulher siro-fenícia (7:24-30)

2. Cura do surdo-mudo (7:31-37)

3. Multiplicação dos pães para os quatro mil homens (8:1 - 10)

4. Os fariseus exigem um sinal, em meio a milagres (8:11-21)

5. Cura do cego (8:22-26)

- O. Pedro confessa ser Jesus o Messias (8:27-30)
- P. Conceito de Pedro sobre o caráter messiânico de Jesus e o discipulado corrigido pela predição de Jesus sobre seus sofrimentos, morte e ressurreição (8:31 -9:1)
- Q. A transfiguração (9:2-13)
- R. Exorcismo de um demônio de um menino (9:14-29)
- S. Outra predição de Jesus sobre Sua morte e ressurreição (9:30-32)
- T. Jesus faz uma criança ser exemplo para Seus discípulos (9:33-50)
- II. A ATIVIDADE REMIDORA DE JESUS NO CAMINHO PARA JERUSALÉM ATRAVÉS DA TRANSJORDÂNIA E DA JUDÉIA (10:1-52)
  - A. A questão do divórcio (10:1-12)
  - B. Jesus abençoa as crianças (10:13-16)
  - C. O jovem rico (10:17-31)
  - D. Uma nova predição por Jesus da Sua morte e ressurreição (10:32-34)
  - E. O pedido de Tiago e João de lugares de honra e a resposta de Jesus acerca do serviço sacrificial (10:35-45)
  - F. A cura do cego Bartimeu (10:46-52)
- III. ATIVIDADES REMIDORAS DE JESUS DURANTE A SEMANA DE SUA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO (11:1 - 16:8)
  - A. Entrada triunfal em Jerusalém (11:1-11)
  - B. A figueira estéril é amaldiçoada (11:12-14)
  - C. Purificação do templo (11:15-19)
  - D. Ressecamento da figueira (11:20-26)
  - E. Debates no templo (11:27 - 12:44)
    - 1. Requisitado um sinal da parte de Jesus (11:27-33)
    - 2. Parábola da vinha (12:1-12)
    - 3. Questão do tributo pago a César (12:13-17)
    - 4. Questão sobre a ressurreição (12:18-27)
    - 5. Questão sobre o mais importante mandamento (12:28-34)
    - 6. Pergunta de Jesus sobre a descendência do Messias de Davi, e Seu senhorio (12:35-37)
    - 7. Jesus adverte sobre os escribas (12:38-40)
    - 8. Moedinha da viúva versus polpudas ofertas dos ricos (12:41-44)
  - F. O discurso do monte das Oliveiras (13:1-37)
  - G. O Sinédrio conspira contra Jesus (.14:1.2)
  - H. Unção de Jesus por Maria de Betânia (14:3-9)
  - I. Barganha de Judas para trair a Jesus (14:10,11)
  - J. A última Ceia (14:12-31)
  - L. Jesus ora no horto do Getsêmani (14:32-52)
  - M. Detenção de Jesus (14:43-52)
  - N. Julgamento de Jesus (14:53 - 15:20)
    - 1. Audição ante o sinédrio, com negativas de Pedro (14:53-72)
    - 2. Audição ante Pôncio Pilatos, com soltura de Barrabás (15:1-20)
  - O. Crucificação, morte e sepultamento de Jesus (15:21-47)
  - P. Ressurreição de Jesus (16:1-8).

## **MATEUS: EVANGELHO DO MESSIAS E DO NOVEL POVO DE DEUS**

### **Autoria**

O mesmo Papias que disse que Marcos registrou as reminiscências de Pedro também disse que Mateus escreveu as *logias* (termo grego que significa "declarações, oráculos"), em hebraico ou aramaico, que outros iam traduzindo conforme eram capazes. (Citado por Eusébio, História Eclesiástica III. 39.16) No contexto, mui naturalmente *logia* se refere a um evangelho. Não obstante, não possuímos um evangelho derivado da pena de Mateus em qualquer destas línguas semíticas, o hebraico e o aramico, mas tão-somente o atual evangelho em grego, o qual não parece ser uma tradução feita de

um original semítico. Por exemplo, por que teria Mateus fornecido tanto o original semítico como sua tradução grega de alguns poucos vocábulos como "Emanuel" (vide 1:23), se o evangelho inteiro tivesse sido tradução do hebraico ou aramaico? Alguns estudiosos têm pensado que Papias se reportara apenas a uma série de textos de prova messiânicos em hebraico ou aramaico, coligidos por Mateus e posteriormente incorporados em seu evangelho, tendo sido traduzidos para o grego; ou ainda que Papias aludira a uma anterior edição semítica de Mateus, mas não diretamente ligada à nossa atual edição grega. Sem embargo, há ainda uma outra maneira de entender a questão, a saber, que Papias mencionara nosso atual evangelho de Mateus, em grego, embora escrito no estilo hebraico (e não no idioma propriamente dito), e como a interpretação de Mateus sobre a vida de Jesus (paralelamente à interpretação de Marcos). Nesse caso, inexistente qualquer tradução de Mateus feita com base em um original semítico. Finalmente, alguns têm imaginado que as *logias* aludidas por Papias se referem ao documento Q. Como se vê, a certeza com respeito ao significado da declaração de Papias é algo que nos escapa.

A erudição moderna usualmente nega que o apóstolo Mateus tenha escrito o evangelho que traz seu nome. Aceitando a equação das logias de Papias com o documento Q, alguns têm sugerido que Mateus realmente escreveu o documento Q, e que o seu nome equivocadamente foi vinculado ao primeiro evangelho (na ordem em que aparecem os livros do cânon), porquanto o autor desconhecido do primeiro evangelho muito se utilizou do documento Q. Porém, se houve um documento Q, não existem razões adequadas para negar que Mateus pode haver escrito ambas as obras, mormente se o documento Q era um grupo de anotações frouxas acerca da doutrina de Jesus, feitas por Mateus, posteriormente incorporado em seu evangelho formal. Tem-se argumentado também, contrariamente a isso, que um apóstolo como Mateus não haveria de tomar material de empréstimo de alguém como Marcos, que não era apóstolo. Mateus, entretanto, simplesmente podia estar corroborando a tradição petrina, e, portanto, apostólica, registrada por Marcos, ao mesmo tempo que adicionava o seu próprio material. E, independentemente da estatura, os autores antigos regularmente tomavam material emprestado de escritores anteriores; e ninguém pensava que, ao assim fazer, estivesse plagiando, e nem que estivesse se aviltando. Os sentimentos modernos não se aplicavam ao caso. As tradições da Igreja primitiva unanimemente atribuem a Mateus o primeiro evangelho, e uma falsa atribuição a um apóstolo relativamente obscuro como foi Mateus, parece improvável até haver chegado uma época posterior, quando todos os apóstolos foram canonizados na imaginação cristã.

A habilidade de organização exibida pelo autor (ver abaixo) concorda com a mentalidade provável de um cobrador de impostos, como fora o apóstolo Mateus. Concorda também com isso o fato que esse é o único evangelho que encerra o episódio do pagamento da taxa do templo por parte de Jesus (17:24-27). A narrativa do chamamento de Mateus ao discipulado usa o nome apostólico, "Mateus", (Ver as listas dos apóstolos em Mateus 10:24; Marcos 3:16-19; Lucas 6:13-16 e Atos 1:13.) ao invés do nome "Levi", utilizado por Marcos e Lucas, e omite o pronome possessivo "dele", usado em conjunto com o termo "casa (lar)", de que se valeram Marcos e Lucas, ao descreverem o lugar onde Mateus entreteve Jesus em uma refeição (vide Mateus 9:9-13, em confronto com Marcos 2:13-17 e Lucas 5:27-32). Esses detalhes incidentais bem poderiam constituir indicações notáveis de que Mateus é o autor desse primeiro evangelho, em apoio às tradições da Igreja primitiva.

### **Data de Escrita**

Se Mateus se valeu do evangelho de Marcos, e este é do período de 45-70 D.C., então provavelmente Mateus pertence a data levemente posterior, dentro daquele mesmo período. A atitude que nega a Jesus a capacidade de profetizar preditivamente, como também unia abordagem crítica geralmente mais negativa, forçará o estudioso a pensarem data posterior, nas décadas de 80 a 90 D.C. (Aqueles que descrevem da profecia preditiva pensam que a fraseologia de 22:7 ("O rei... enviando as suas tropas... lhes incendiou a cidade") claramente aponta de volta à destruição de Jerusalém, em 70 D.C., de um ponto vantajoso posterior.), e embora certo número de eruditos ortodoxos prefira uma data posterior, devido a outras considerações, como o argumento que o interesse de Mateus pela Igreja (ele é o único evangelista a usar o termo Igreja, e isso por duas vezes) deixa entrever um período posterior, quando a doutrina da Igreja estava adquirindo maior importância, em resultado da demora da volta

de Jesus. Mas a doutrina da Igreja já desempenha papel importantíssimo nas epístolas paulinas, todas elas escritas antes de 70 D.C. E se Mateus escreveu com o fito de evangelizar aos judeus, (A questão tem sido motivo de disputa, mas isso é natural, sendo a impressão geral obtida desse evangelho pela maioria de seus leitores.) parece menos provável que ele tenha escrito depois de 70 D.C., quando se alargou mais ainda a brecha entre a Igreja e a sinagoga, do que antes de 70 D.C., quando as possibilidades de conversão de judeus pareciam mais favoráveis.

## **Temas e Plano**

O evangelho de Mateus é o evangelho do Messias e do novel povo de Deus, a Igreja, o qual, pelo menos por enquanto, tem tomado o lugar da nação de Israel, no antigo pacto. O primeiro evangelho começa com a natividade (capítulos 1 e 2). Na seção média, mais extensa, alternam-se a narrativa basicamente marcana (usualmente em forma condensada) e discursos de Jesus. Os capítulos 26 - 28 concluem o evangelho com narrativas da paixão e da ressurreição de Jesus.

## **Os Cinco Discursos**

Os discursos constantes em Mateus são "sermões" mais ou menos longos, aos quais foram acrescentados ditos isolados de Jesus, em lugares apropriados. Cada discurso termina com esta fórmula: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras ...". Os discursos e seus temas respectivos são conforme mostramos abaixo:

(1) O Sermão da Montanha (capítulos 5 - 7): Significado da Verdadeira (Interna) Retidão.

(2) A Comissão dos Doze (capítulo 10): Significado do Testemunho em Prol de Cristo (Perseguição e Galardões).

(3) As Parábolas (capítulo 13): Significado do Reino.

(4) Sem qualquer título geral (capítulo 18): Significado da Humildade e do Perdão.

(5) A Denúncia contra os Escribas e Fariseus (capítulo 23) e o Discurso do monte das Oliveiras, freqüentemente chamado "O Pequeno Apocalipse" (capítulos 24 e 25): Significado da Rejeição de Israel. Deus rejeitou a Israel, por haver a nação rejeitado a Jesus, O Messias; ocorrerá um hiato de tempo, Jerusalém será destruída, as nações serão evangelizadas, e então Cristo retornará.

A quintupla estrutura desses discursos sugere-nos que, para benefício de seus leitores judeus, Mateus retratava a Jesus como um novo e maior Moisés. Tal como Moisés, Ele proferiu parte de Sua lei em um monte. Tal como Moisés, Seu ensinamento está contido em cinco seções, correspondentes ao Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, coletivamente intitulados "a lei de Moisés"). Ao omitir o lance da minúscula oferta da viúva pobre, Mateus chega a soldar a denúncia contra os escribas e fariseus com o discurso do monte das Oliveiras, para que formem uma só unidade (contrastar com Marcos 12:38 ss. e Lucas 20:45 ss.), a fim de tornar possível seu arranjo em cinco porções.

A comparação que ele faz entre Jesus e Moisés também transparece alhures, quando ele toma por empréstimo a fraseologia da história de Moisés, ao descrever a natividade e a transfiguração de Jesus (vide Êxodo 2:15; 4:19,20; 34:29 e Deuteronômio 18:15 juntamente com Mateus 2:13,20,21 e 17:2,5 respectivamente). De fato, na versão de Mateus (mas não na de Lucas) sobre o Sermão da Montanha, o próprio Jesus conscientemente firma Seus princípios segundo moldes paralelos à lei mosaica, em uma série de afirmativas: "Ouvistes que foi dito aos antigos..." e segue-se uma citação extraída do Pentateuco - "Eu, porém, vos digo..." (Mateus 5:21,27,31,33,38,43.)

Além da quintupla estrutura dos discursos, há muitas outras indicações do pendor de Mateus para a organização. Agrupamentos de três e de sete parecem ter sido os favoritos de Mateus. Ele divide a genealogia de Jesus em três porções (1:17). Dentre os ensinamentos de Jesus, ele fornece três exemplos de reta conduta, três proibições e três mandamentos (6:1 - 7:20). E temos ainda de considerar o caso de três parábolas, três indagações, três orações e três negações. Talvez Mateus houvesse escrito sob a impressão deixada pela lei judaica que diz que pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra será confirmada (vide Deuteronômio 17:6 e 19:5, afirmativa essa que chega a ser realmente citada em Mateus 18:16). Há sete parábolas em Mateus 13 e sete ais contra os escribas e fariseus, no capítulo vinte e três. Embora alguns desses agrupamentos numéricos sem



dúvida retrocedam até ao próprio Jesus e aos acontecimentos reais propriamente ditos, sua freqüência, no evangelho de Mateus, demonstra o quanto ele apreciava essas questões, acima dos demais evangelistas.

### **Características judaicas**

A organização editorial dos ensinamentos de Jesus, o seu conteúdo incisivamente ético, e sua ênfase sobre o discipulado, têm produzido as idéias que o primeiro evangelho tinha por escopo servir de manual catequético para recém-covertidos, ou servir de manual escolástico para os líderes da Igreja, adaptado à leitura litúrgica e homilética, nas reuniões das igrejas primitivas. Todavia, o primeiro evangelho dá-nos a impressão mais clara ainda de ter sido escrito para evangelizar aos judeus, confirmando-os na fé, após a sua conversão.

A contínua ênfase dada por Mateus sobre o fato que Jesus cumpriu a lei e as profecias messiânicas do Antigo Testamento ("Isto e aquilo aconteceram, para que o que foi dito por este ou aquele profeta se cumprisse"), como também o fato que ele traçou a genealogia de Jesus fazendo-a recuar até Abraão, pai da nação judaica, também indicam as preferências judaicas do primeiro evangelho. Em contraste com isso, Marcos não alude de forma alguma aos antepassados de Jesus. Seu interesse jaz naquilo que Jesus fizera, e os seus leitores gentios (à semelhança da maioria dos leitores modernos) pouco interesse haveriam de ter pela genealogia de Jesus. Porém, era importantíssimo que Mateus demonstrasse a seus leitores judeus o fato de que a genealogia de Jesus, seu Messias, remonta a Abraão, por intermédio de Davi.

Ainda outras características tipicamente judaicas são a designação judaica de Deus como "Pai que está nos céus" (por quinze vezes em Mateus, uma só vez em Marcos, e nenhuma vez em Lucas), a substituição reverente do nome de Deus, por "céus" (sobretudo na frase "reino dos céus", onde os outros evangelistas dizem "reino de Deus"), um interesse tipicamente judaico pela escatologia (Mateus encerra um capítulo inteiro a mais, sobre o discurso do monte das Oliveiras, do que o fazem Marcos e Lucas), referências freqüentes a Jesus como "o Filho de Davi", alusões a costumes judaicos sem qualquer elucidação (23:5,27; 15:2, em contraste com a explanação existente em Marcos 7:2,3), o registro do pagamento do imposto do templo por parte de Jesus (17:24-27), inexistente nos outros evangelhos, e declarações feitas por Jesus revestidas de um sabor claramente judaico (por exemplo: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" 15:24; "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" 10:5,6; e também 5:17-24; 6:16-18 e 23:2,3). Mateus parece ter narrado a história da natividade a fim de contrariar acusações assacadas por judeus no sentido que Jesus era filho ilegítimo, que Ele aprendera artes mágicas no Egito, e que proviera de Nazaré, ao invés de ter vindo do lugar certo, Belém da Judéia (capítulos um e dois). Mateus também combate a acusação judaica de que os discípulos de Jesus furtaram-lhe o cadáver (28:11-15).

### **Universalismo**

Por outra parte, o universalismo também caracteriza o evangelho de Mateus. Ele encerra sua narração com a Grande Comissão dirigida aos seguidores de Cristo, que ordena fazerem discípulos de todas as nações (28:19,20). Ainda nos primeiros lances do evangelho, os magos gentios adoram ao Messias infante, na narrativa da natividade (2:1-12). Jesus é citado como quem dissera que "muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas..." (8:11,12). "...o campo é o mundo...", na parábola do trigo e do joio (13:38). De acordo com a parábola da vinha, Deus haveria de transferir Seu reino da nação de Israel para outros (21:33-43). E Mateus é o único entre os evangelistas a utilizar-se do termo "igreja", em seu evangelho (16:18 e 18:17). Precisamos asseverar, por conseguinte, que o evangelho de Mateus é um evangelho cristão judaico, mas com uma perspectiva universal.

### **Lugar de Escrita**

A natureza judaica do primeiro evangelho sugere que o mesmo foi escrito na Palestina ou na Síria, particularmente em Antioquia, para onde haviam imigrado muitos dos originais discípulos

habitantes da Palestina (vide Atos 1 1:19,27). A notável preocupação pelos gentios talvez faça o prato da balança inclinar-se em favor de Antioquia, a cidade onde estava a igreja local que enviou a Paulo em suas missões aos gentios. Em harmonia com isso temos de considerar o fato que o mais antigo testemunho acerca do conhecimento da existência do evangelho de Mateus nos chega do antigo bispo da igreja de Antioquia, Inácio (primeiro quartel do segundo século: *Epístola aos Esmirneanos* 1:1; *Epístola a Policarpo* 1:2,3).

## ESBOÇO SUMÁRIO DE MATEUS

Tema: o Messias e o novel povo de Deus

### I. A NATIVIDADE DO MESSIAS (1:1 - 2:23)

A. Sua genealogia (1:1-17)

B. Seu nascimento (1:18-25)

C. Sua adoração pelos magos (2:1-12)

D. Fuga para o Egito para proteção das mãos de Herodes o Grande (2:13-18)

E. Retorno e residência em Nazaré (2:19 - 23)

### II. MINISTÉRIO DO MESSIAS EM PALAVRAS E OBRAS (3:1 - 25:46)

A. Narrativa (3:1 - 4:25)

1. Ministério preparatório de João Batista (3:1-17)

a. Sua pregação (3:1-12)

b. João batiza a Jesus (3:13-17)

2. Tentação de Jesus por Satanás (4:1-11 )

3. Primórdios da pregação messiânica e operações miraculosas na Galiléia com chamada de Simão Pedro, André, Tiago e João (4:12-25)

B. Primeiro discurso: o sermão da Montanha (5:1 - 7:29)

C. Narrativa (8:1 - 9:34)

1. Purificação de um leproso (8:1-4)

2. Cura do servo do centurião (8:5-13)

3. Cura da sogra de Pedro e outros (8:14-17)

4. Preço e urgência do discipulado (8:18-22)

5. A tempestade é acalmada (8:23-27)

6. Livramento de dois endemoninhados gadarenos (8:28-34)

7. Perdão e cura de um paralítico (9:1-8)

8. Chamada de Mateus, e Jesus come com publicanos e pecadores (9:9-13)

9. A questão sobre o jejum (9:14-17)

10. Cura da mulher hemorrágica e ressurreição da filha de um chefe (9:18-26)

11. Cura de dois cegos (9:27-31 )

12. Livramento de um endemoninhado mudo (9:32-34)

D. Segundo discurso: comissão e instrução aos doze discípulos para sua missão pela Galiléia (9:35 - 11:1)

E. Narrativa (11:2 - 12:50)

1. Testemunho de Jesus sobre João Batista (11:2-15)

2. Jesus condena os impenitentes (11:16-24)

3. Jesus agradece ao Pai e convida aos cansados (11:25-30)

4. Jesus é senhor do sábado (12:1-14)

a. Defende Seus discípulos por terem colhido e comido espigas num sábado (12: 1-8)

b. Cura o homem de mão mirrada num sábado (12:9-14)

5. Jesus retira-se e opera mais curas (12:15-21)

6. Livramento de um endemoninhado cego e mudo, e defesa do exorcismo praticado por Jesus (12:22-37)

7. Jesus recusa-se a dar outro sinal além do de Jonas, condena a justiça própria e identifica Seus verdadeiros parentes espirituais (12:38-50)

F. Terceiro discurso: sete parábolas sobre o reino (13:1-52)

1. A semente e os solos: mais comumente, o semeador (13:1-9)
2. Razões do ensino por parábolas: confundir aos incrédulos e iluminar aos crentes (13:10-17)
3. Interpretação da semente e dos solos (13:18-23)
4. O trigo e o joio (13:24-30)
5. O grão de mostarda (13:31,32)
6. O fermento e o cumprimento das Escrituras pelo método de parábolas (13:33-35)
7. Interpretação do trigo e do joio (13:36-43)
8. O tesouro escondido (13:44)
9. A pérola de grande preço (13:45,46)
10. A rede com peixes bons e maus, e declaração final sobre a compreensão das parábolas (13:47-52)
- G. Narrativa (13:53 - 17:27)
  1. Rejeição de Jesus em Nazaré (13:53-58)
  2. Morte de João Batista (14:1-12)
  3. Multiplicação de pães para cinco mil homens (14:13-21)
  4. Jesus e Pedro andam por sobre as águas (14:22-36)
  5. Contaminação cerimonial versus contaminação moral e ética (15:1-20)
  6. Livramento da filha endemoninhada da mulher cananéia, e outras curas (15:21-28)
  7. Multiplicação de pães para quatro mil homens (15:32-39)
  8. Outra recusa a dar sinal, senão o de Jonas (16:1-4)
  9. Advertência contra fariseus e saduceus (16:5-12)
  10. Pedro confessa a Jesus como o Messias e é abençoado (16:13-20)
  11. Jesus prediz Seus sofrimentos, morte e ressurreição; repreende a Pedro por tentar dissuadi-lo: e convida os discípulos a levarem a cruz do discipulado (16:24-28)
  12. Transfiguração de Jesus (17:1-13)
  13. Cura do menino endemoninhado (17:14-21)
  14. Jesus torna a predizer Sua morte e ressurreição (17:22,23)
  15. Jesus paga a taxa do templo (17:24-27)
- H. Quarto discurso: humildade e perdão, com a parábola dos dois devedores (18:1-35)
- I. Narrativa (19:1 - 22:46)
  1. Questões do divórcio e do casamento (19:1-12)
  2. Jesus abençoa as crianças (19:13-15)
  3. O jovem rico e o preço e a recompensa do discipulado (19:16-30)
  4. Parábola do empregador e seus trabalhadores (20:1-16)
  5. Outra predição de Jesus sobre Sua morte e ressurreição (20:17-19)
  6. Solicitação de posição de honra pela mãe de Tiago e João para seus filhos (20:20-28)
  7. Cura de dois cegos perto de Jericó (20:29-34)
  8. Entrada triunfal em Jerusalém (21:1-11)
  9. Purificação do templo (21:12-17)
  10. A figueira estéril é amaldiçoada (21:18-22)
  11. Desafio à autoridade de Jesus (21:23-27)
  12. Parábola do filho obediente e do desobediente (21:28-32)
  13. Parábola dos lavradores maus (21:33-46)
  14. Parábola das bodas reais e do traje nupcial (22:1-14)
  15. Questão do pagamento de taxas a César (22:15-22)
  16. Questão da ressurreição, exposta pelos saduceus (22:23-33)
  17. Questão sobre o maior mandamento (22:34-40)
  18. Jesus indaga sobre o Messias como descendente de Davi e Seu senhorio (22:41-46)
- J. Quinto discurso (23:1 - 25:46)
  1. Ais contra os escribas e fariseus (23:1-39)
  2. Discurso do monte das Oliveiras (24:1 - 25:46)
    - a. Previsão dos eventos pressagiadores até à volta de Cristo (24:1-31)

- b. Exortações à vigilância, com as parábolas da figueira, do ladrão, dos servos fiéis e infiéis, das dez virgens e dos talentos (24:32 - 25:30)
- c. Julgamento das ovelhas e dos bodes (25:31-46)
- II. MORTE E RESSURREIÇÃO DO MESSIAS (26:1 - 28:20)
- A. Outra predição de Jesus sobre Sua morte, e a conspiração do Sinédrio, a unção de Jesus em Betânia e a resultante barganha de Judas, traidor de Jesus (26:1-16)
- B. A última Ceia (26:17-35)
- C. Oração de Jesus no horto do Getsêmani (26:36-46)
- D. Detenção de Jesus (26:47-56)
- E. O julgamento (26:57 - 27:26)
  - 1. Audição ante Caifás, com as negações de Pedro (26:57-75)
  - 2. Decisão condenatória do Sinédrio (27:1,2)
  - 3. Audição ante Pôncio Pilatos, o suicídio de Judas e a soltura de Barrabás (27:3-26)
- F. Crucificação e morte de Jesus (27:27-56)
- G. Sepultamento de Jesus (27:57-66)
- H. A ressurreição (28:1-15)
- I. A Grande Comissão (28:16-20)

## **EXCURSO DE CITAÇÕES, NO NOVO TESTAMENTO, EM CUMPRIMENTO A TRECHOS DO ANTIGO TESTAMENTO**

A ênfase posta por Mateus sobre o cumprimento das profecias messiânicas, por parte de Jesus, torna mui apropriada, neste ponto, a consideração sobre o motivo do cumprimento, que figura por todo o Novo Testamento. Os escritores do Novo Testamento e o próprio Jesus viam, na nova era, o cumprimento tanto das predições conscientes quanto da tipologia inconsciente do Antigo Testamento. (Tipologia é termo que se refere a eventos históricos, a indivíduos e a instituições divinas que Deus queria que fossem prefiguradores, inteiramente à parte do fato que os autores do Antigo Testamento estavam ou não cômicos do seu simbolismo preditivo).

### **Temas de cumprimento**

Eis um sumário dos principais temas do cumprimento direto e tipológico, em Mateus e no resto do Novo Testamento. Jesus cumpriu as atividades do próprio Senhor, conforme é descrito e predito no Antigo Testamento (Mateus 1:21; 3:3,4 par.(A abreviação par significa paralelo(s), referindo-se a passagens em outros evangelhos. Quanto às passagens do Velho Testamento citadas ou aludidas, ver as referências marginais em uma boa Bíblia com concordâncias cruzadas.); 11:5 par.; 13:41; 24:31 par.; 27:9,10). Jesus é o rei messiânico que fora predito (Mateus 1:23; 2:6,23; 3:17 par.; 4:15,16; 21:5; 22:44 par.; 26:64 par.), é o Servo do Senhor, referido em Isaías (Mateus 3:17 par.; 8:17; 11:5 par.; 12:18-21; I Ped. 2:22 ss.), é o Filho do homem de Daniel (Mateus 24:30 par.; 26:64 par.; 28:18). Ele é a figura culminante da linhagem profética (Mateus 12:39,40 par.; 13:13-15 par., 35; 17:5 par.; I Coríntios 10:2; II Coríntios 3:7 ss.; Hebreus 3:1 ss.), da sucessão de sofrendores justos, desde os tempos do Antigo Testamento (Mateus 21:42 par.; 27:34,35 par., 39 par., 43, 46 par., 48 par.), e da dinastia davídica (Mateus 12:42 par.). Ele reverteu a obra de Adão, o qual fez a raça humana mergulhar no pecado (Mateus 4:1 ss. par.; Romanos 5:12; 1 Coríntios 15:21, 22,45 ss.; Hebreus 2:6 ss.; comparar com Lucas 3:38). Ele cumpriu a promessa feita a Abraão (Gálatas 3:16). Visto ser Ele o israelita ideal, Jesus recapitulou a história nacional de Israel em Sua própria história (Mateus 2:15,18; 4:4,7,10 par.).

Melquisedeque prefigurou o sacerdócio de Cristo, segundo também o fazia, embora de maneira inferior e às vezes contrastante, o sacerdócio arônico (Hebreus 7 - 10). O cordeiro pascal e outros sacrifícios simbolizavam a Sua morte remidora (I Coríntios 5:7; Efésios 5:2; Hebreus 9 e 10; Romanos 3:25; I Pedro 1:19 ss.; Apocalipse 5:6 ss.), bem como a devoção e o serviço dos cristãos (Romanos 12:1; 15:16; Filipenses 2:17). Jesus é o pão doador da vida, semelhante ao maná (João 6:35; 1 Coríntios 10:3), a fonte da água da vida, semelhante à rocha no deserto, durante as jornadas de Israel do Egito à terra de Canaã (I Coríntios 10:4; comparar com João 7:37), a serpente

levantada no deserto (João 3:14) e o tabernáculo e o templo de Deus, habitação divina entre os homens (João 1:14; 2:19 ss., comparar com Colossenses (1:19)).

João Batista foi o predito precursor de Jesus (Marcos 1:2, 3). Jesus inaugurou o vaticinado período escatológico de salvação (João 6:45) e estabeleceu o novo pacto (Hebreus 8:8-12 e 10:16,17). Judas Iscariotes cumpriu o papel dos ímpios oponentes dos sofrendores justos que viveram durante o Antigo Testamento (Atos 1:20). A Igreja, coletivamente, ou os crentes, individualmente, são a nova criação (II Coríntios 5:17; Gálatas 6:15; Colossenses 3:10), a descendência espiritual de Abraão, por haverem sido incorporados em Cristo (Gálatas 3:29; 4:24 ss.; Romanos 4:1 ss.; 9:6 ss.; Filipenses 3:3), o novo Israel (Romanos 9:6 ss.; 11:17 ss.; II Coríntios 6:16; I Pedro 2:9,10), e o novo templo (I Coríntios 3:16; 6:19; II Coríntios 6:16 e Efésios 2:2(, ss.)). A lei mosaica prefigurava a graça divina, positiva e negativamente (João 1:17; Colossenses 2:17 e Gálatas). O dilúvio representa o juízo final (Mateus 24:34 ss.), bem como o batismo (I Pedro 3:20,21). A passagem em seco pelo mar Vermelho, como também o rito da circuncisão, prefiguravam o batismo (I Coríntios 10:2; Colossenses 2:11,12). Jerusalém é símbolo da cidade celestial (Hebreus 12:22; Apocalipse 21:2 ss. e Gálatas 4:26). A entrada na terra de Canaã prefigurou a entrada dos crentes no descanso espiritual (Hebreus 3:18 - 4:13). E a proclamação do evangelho a todos os homens cumpre a promessa feita a Abraão, como também predições proféticas atinentes à salvação universal (Atos 2:17 ss.; 3:25; 13:47; 15:16 ss. e Romanos 15:9 ss., 21).

### **Textos seletos e Livros de Testemunho**

C.H. Dodd chamou atenção para o fato que os escritores do Novo Testamento inclinavam-se por extrair citações de cumprimento de um grupo bastante limitado de passagens do Antigo Testamento ("textos-delineados"), consideradas extremamente relevantes para a nossa nova era.(C. H. Dodd. *According to the Scriptures* (Londres: Nisbet, 1961).) Talvez os cristãos primitivos também tenham traçado manuais de textos de provas extraídos do Antigo Testamento, intitulados "livros de testemunho" pelos eruditos modernos. Algo parecido com um livro de testemunho apareceu entre os Papiros do Mar Morto, mas, naturalmente, não tinha orientação cristã.

### **Método interpretativo**

Também é digno de nota que os escritores do Novo Testamento não distorceram o sentido original dos textos do Antigo Testamento, nem mesmo em suas aplicações tipológicas (embora a questão seja disputada por críticos negativos), fazendo violento contraste com o desavergonhado desrespeito ao intuito original por parte de outros judeus, que viveram no período do Novo Testamento. Evidentemente os primitivos cristãos aprenderam a nova e apropriada maneira de interpretar a significação escatológica do Antigo Testamento, por parte do próprio Jesus (comparar com Lucas 24:27).

### **Formas do texto**

A Septuaginta serviu de base textual para a maioria das citações extraídas do Antigo Testamento, embora ocorram variações com certa freqüência. Mateus, em particular, parece ter-se valido do texto hebraico do Antigo Testamento, dos Targuns e de outras tradições textuais, em adição à Setuaginta.(Ver K. Stendahl, *The School of St. Matthew,, and Its Use of the Old Testament* (Filadélfia: Fortress, 1968) R.H. Gundry, *The Use of lhe Old Testament in St. Matthew's Gospel* (Leiden: Brill, 1967), quanto a estudos técnicos.)

### **Historicidade**

Algumas vezes se têm assacado acusações contra os primitivos cristãos, que teriam distorcido e mesmo criado incidentes na vida de Jesus, a fim de forçarem o "cumprimento" de alguma suposta profecia messiânica. É verdade que os escritores dos evangelhos com freqüência tomaram por empréstimo a fraseologia do Antigo Testamento a fim de descreverem eventos da carreira de Jesus. Mas as alusões aos textos do Antigo Testamento por muitas vezes são por demais fugidias e passageiras para que tenham servido de base de invenções e distorções livres das tradições. Algumas das passagens citadas do Antigo Testamento são tão obscuras que dificilmente poderiam

ter-se prestado como fontes de corrupção das tradições a respeito de Jesus. As citações tiradas do Antigo Testamento parecem ser adições posteriores às informações concernentes a Jesus. A tradição evangélica figura em primeiro lugar, e somente em segundo lugar figura o reconhecimento de certas correspondências entre aquela tradição e antigas predições messiânicas.

## **LUCAS: O EVANGELHO DA CERTEZA HISTÓRICA**

### **Prólogo**

O autor do terceiro evangelho começa com uma referência a narrativas prévias sobre os primórdios do movimento cristão, baseadas sobre relatórios de quem havia sido "testemunhas oculares e ministros da palavra" (1:1,2). Em seguida, ele refina o seu projeto, declarando-o "uma exposição em ordem" sobre aquela fidedigna tradição, além de esclarecer seu propósito, que é o de convencer seus leitores, sobre a exatidão histórica das tradições cristãs (1:3,4).

### **Autoria**

O evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos forçosamente saíram da pena de um mesmo autor, porquanto começam ambos com uma dedicatória a Teófilo, além de compartilharem de interesses comuns e de um só estilo de redação. Outrossim, o livro de Atos faz alusão ao "primeiro livro" (Atos 1:1). E visto que o terceiro evangelho e o livro de Atos devem ter vindo do mesmo autor, deduzimos a autoria lucana de Lucas-Atos do fato de ter sido ele o único dos companheiros de viagem de Paulo, mencionados nas epístolas, que poderia haver escrito as chamadas seções - "nós" do livro de Atos. Todas as demais personagens estão excluídas por terem sido mencionadas na terceira pessoa, no livro de Atos, ou devido à impossibilidade de harmonizar seus movimentos geográficos em consonância com as seções - "nós" do livro de Atos. Outrossim, as antigas tradições confirmam a autoria lucana. (O Cânon Muratoriano: o prólogo antimarcionita de Lucas; Irineu, Contra Heresias III.i.I ; e os escritores posteriores.)

### **O homem Lucas**

Mui provavelmente Lucas era um gentio (ou, pelo menos, um judeu helenista), podendo ter-se convertido em Antioquia da Síria. (Comparar o prólogo antimarcionita do terceiro evangelho e a forma "nós" do códex D, em Atos I 1:28, um contexto antioqueano. A maioria dos eruditos pensa ter sido Lucas um gentio. Quanto a estudos recentes que o apontam como judeu, ver E.E. Ellis, *The Gospel of Luke* (Londres: Nelson, 1966), págs. 52, 53; W. F. Albright, em obra de Johannes Munck, *The Acts of the Apostles* (Garden City: Doubleday, 1967), págs. 264-267; B. Reicke, *The Gospel of Luke*. traduzido por R. Mackenzie (Richmond: Knox, 1964), págs. 12-23.) Seu nome é de origem grega. Nas despedidas constantes em Colossenses 4:10-14, Paulo parece distingui-lo de judeus (hebraístas?), vinculando-o com os gentios. Sua facilidade no uso do idioma grego sugere que era gentio (ou judeu helenista), mais afeito ao idioma grego que a maioria dos judeus tê-lo-ia sido. O estilo grego de Lucas, juntamente com o estilo da epístola aos Hebreus, é o mais refinado de todo o Novo Testamento. As exceções têm lugar quando parece que ele seguia fontes informativas semíticas, orais ou escritas, ou então quando adotava um estilo semítico de grego, para que soasse como grego "bíblico" da Septuaginta. Por outra parte, ambos os livros de autoria lucana começam com uma dedicatória formal, ao estilo literário greco-romano - os únicos livros do Novo Testamento que assim fazem. Paulo chama Lucas de "médico amado", em Colossenses 4:14, descrição essa confirmada pelo interesse acima do normal que Lucas demonstrou por enfermidades, mediante seu uso freqüente de termos médicos (Vide, por exemplo, o comentário de Lucas sobre o frito que a mulher hemorrágica gastara todo o seu dinheiro com médicos (Lucas 8:43, segundo alguns manuscritos antigos).) - embora esse aspecto de sua redação possa ser exagerada por nós.

### **Universalismo gentílico**

Lucas dedica a sua obra a Teófilo, talvez um convertido recente ou em potencial, ou então um patrono que patrocinou a circulação do terceiro evangelho (e do livro de Atos), fazendo ambos os seus livros penderem mais para os gentios, sobretudo aqueles dotados de um interesse franco nas origens históricas do cristianismo. Assim sendo, Lucas estava interessado em estabelecer a inocência

política de Jesus sob as leis romanas. (Vide especialmente a narrativa lucana sobre a cena do julgamento perante Pilatos, onde o governador romano repetidamente absolveu a Jesus de qualquer culpa (23:1-25).) Ele mostra que o evangelho é universal, que Jesus derrubara a barreira entre judeus e gentios e inaugurara uma comunidade de âmbito mundial na qual as antigas desigualdades entre escravos e libertos, entre homens e mulheres, não mais existem. Porquanto Lucas se dirigiu a uma audiência gentílica, ele não demonstra o interesse judaico pelas profecias messiânicas cumpridas, com o mesmo grau de intensidade com que o faz Mateus. E também modificou expressões peculiarmente judaicas, juntamente com alusões a costumes judaicos, a fim de que seus leitores gentios pudessem compreender melhor o que lessem. (Por exemplo, "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados" (Mateus 23:27), onde há alusão ao costume judaico de cair os túmulos para torná-los claramente visíveis, para que ninguém viesse a contrair contaminação cerimonial inadvertidamente, ao tocar em algum deles. Lucas faz uma paráfrase a fim de desvencilhar-se do costume distintivo, mas mantém o pensamento essencial: "Ai de vós! que sois como as sepulturas invisíveis, sobre as quais os homens passam sem o saber" (Lucas 11:44).)

Há muitas indicações específicas desse universalismo que inclui os povos gentílicos, indicações quase todas elas ausentes nos demais evangelhos. Verifica-se um interesse especial em vincular episódios da carreira de Jesus a datas da história secular (1:5; 2:1 e 3:1,2). Jesus é "luz para revelação aos gentios" (2:32). A citação do trecho de Isaías 40 inclui as palavras "e toda a carne verá a salvação de Deus" (3:6). A genealogia de Jesus não remonta somente até Abraão (consoante se vê em Mateus), mas até Adão, progenitor da raça humana inteira (3:23-38). Jesus chamou atenção para o fato que Elias foi abrigado por uma viúva fenícia, e não por uma israelita, e para o fato que Eliseu curou a um leproso sírio (Naamã), e não um leproso israelita (4:25-27). Em comum com Mateus, Lucas inclui a Grande Comissão de evangelizar "a todas as nações" (24:47; comparar com Mateus 28:19,20). Todavia, o universalismo que transparece no evangelho de Mateus é um universalismo no qual os cristãos judeus haviam dado seu colorido paroquial. O de Lucas, porém, é um universalismo helenista, que desconhece os estreitos limites judaicos.

### **Universalismo social e econômico**

O universalismo de Lucas inclui não apenas os gentios em geral, mas também os párias sociais, como se deu com a mulher de vida imoral que veio ungir os pés de Jesus (7:36-50), como Zaqueu, o publicano (19:1-10), como o criminoso penitente que morreu na cruz ao lado da de Jesus (23:39-43), como o filho pródigo (15:11-32, uma parábola), como o publicano que se arrependeu (18:9-14, uma parábola), como os samaritanos e os pobres. Tiago e João foram repreendidos por haverem querido chamar fogo do céu contra uma aldeia de samaritanos (9:51-56). O bom samaritano, em certa parábola, aparece sob luz que lhe é favorável (10:29-37). O único leproso, dentre nove outros, que voltou para agradecer a Jesus pela cura recebida, era um samaritano, tendo sido chamado - este estrangeiro" (17:11-19). Em Nazaré, Jesus pregou as boas novas "aos pobres" (4:16-22). No Magnificat, Maria afirma que Deus "... exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos..." (1:52b,53). Na bem-aventurança acerca dos pobres, falta a qualificação "de espírito", que se vê em Mateus (6:20; comparar com Mateus 5:3), como também na bem-aventurança sobre os famintos falta a qualificação "de justiça", que se vê em Mateus (6:21; comparar com Mateus 5:6). E Lucas equilibra as bem-aventuranças concernentes aos pobres e famintos com as dirigidas aos ricos e satisfeitos (6:24,25). Lucas é o único evangelista a incluir as palavras de Jesus: "Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos... Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos." (14:12,13) Lucas é quem chama os fariseus de "avarentos" (16:14), e é igualmente quem nos expõe as parábolas do rico insensato, do gerente injusto que agiu com caridade (e, por conseguinte, com astúcia), e do rico e Lázaro (12:13-21; 16:1-13, 19-31).

O universalismo de Lucas também se evidencia na especial atenção que ele dá às mulheres: Maria, Isabel e Ana, na narrativa da natividade (1 e 2), a viúva de Naim (7:11-17), as mulheres que sustentavam a Jesus (8:1-3), a mulher imoral (7:36-50), Maria e Marta (10:38-42), a viúva pobre (21:1-4), as mulheres que se lamentaram por Jesus (23:27-31), que observaram a crucificação (23:49), e que tencionaram embalsamar a Jesus e acabaram por ser testemunhas do túmulo vazio e deram notícia sobre a ressurreição (23:55 - 24:11).

## **Um Cristo cosmopolita**

Assim, pois Lucas retrata a Jesus como um Salvador cosmopolita, dotado de amplas simpatias, capaz de associar-se com toda espécie de gente, que tinha contatos com fariseus e publicanos igualmente (7:36 ss.; 11:37 ss.; 14:1 ss.; 19:1-10), e que demonstrava preocupação com vítimas de calamidades pessoais (7:11-17; 8:40-56 e 9:37-43). Nos pontos em que Mateus se concentra sobre Jesus e o reino, Lucas se concentra sobre Jesus e o povo comum, com resultantes esboços de caráter que são intensamente vívidos.

## **Oração**

Em numerosas oportunidades Jesus aparece como homem de oração: quando de Seu batismo (3:21), após ministrar às multidões (5:16), antes de escolher aos Doze (6:12), antes da confissão de Pedro e da predição de Sua própria morte e ressurreição (9:18), por ocasião de Sua transfiguração (9:28,29), ao retornarem os setenta discípulos de sua missão (10:21), antes de ensinar aos discípulos como orar (11:1), no Getsêmani (22:39-46), e por duas vezes, estando cravado na Cruz (23:34,46). Quase todas essas alusões ao fato que Jesus orou são distintas do evangelho de Lucas. Somente Lucas registra certas duas parábolas de Jesus a respeito da oração (11:5-13 e 18:1-8), além de informar-nos que Jesus havia orado especialmente em favor de Pedro (22:31,32).

## **O Espírito Santo**

Por semelhante modo, Lucas destaca a obra do Espírito Santo. Ele revela-nos que João Batista seria cheio do Espírito Santo desde o próprio ventre de sua mãe (1:15). O Espírito Santo desceu sobre Maria, a fim de que, miraculosamente, ela viesse a dar à luz ao Filho de Deus (1:35). Quando Maria visitou Isabel, esta última foi cheia do Espírito Santo, exclamando: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre." (1:41,42). Quando João Batista nasceu e recebeu o seu nome, seu pai, Zacarias, foi cheio do Espírito Santo e profetizou (1:67). O Espírito Santo repousava sobre Simeão, tendo-o informado que ele contemplaria o Messias antes de sua morte, tendo-o impulsionado a que fosse ao templo, para ver o infante Jesus Cristo (2:25-27). Após ter recebido o Espírito Santo, por ocasião de Seu batismo, Jesus, "cheio do Espírito Santo" e "guiado pelo mesmo Espírito", foi ao deserto (4:1). Terminado seu período de tentações, Jesus retornou à Galiléia "no poder do Espírito" (4:14). Quando da volta dos setenta discípulos, após sua bem sucedida missão, Cristo exultou "no Espírito Santo" (10:21). E antes de Sua ascensão prometeu que o Espírito Santo viria revestir Seus discípulos "de poder" proveniente do alto (24:49).

## **O sucesso do Evangelho**

Em resultado, o evangelho de Lucas (tal como, mais adiante, o livro de Atos) pulsa com a alegria do bom êxito, com as emoções de um irresistível movimento da graça divina, na história humana. (Ver as referências à alegria em Lucas 1:14,44,47; 6:21,23; 10:21; 15:57,9,10,23-25,32; 24:52,53.) É exatamente pelo motivo que acabamos de exprimir, acima de qualquer outra razão, que nos cumpre repelir as recentes tentativas para interpretar a perspectiva lucana da história como um ajustamento a uma demora cada vez maior da parousia. Lucas não escrevia impelido pelo embaraço, mas pela suprema confiança do avanço inevitavelmente bem sucedido do evangelho, inaugurado por Jesus, o "Senhor" (designação favorita de Lucas, que ele aplicava a Jesus) e levado avante por Seus discípulos, na energia do Espírito.

## **Data**

Nada impede uma data regularmente recuada para o terceiro evangelho, pouco depois da publicação do evangelho de Marcos, sob a suposição que Lucas se utilizou de Marcos. Muitos eruditos sentem que o fato de Lucas ter alterado as palavras de Marcos, "a abominação desoladora", para uma descrição sobre o cerco de Jerusalém (21:20) prova que Lucas escreveu após o ano 70 D.C. Mas esse raciocínio novamente se olvida ou mesmo nega a possibilidade que Jesus realmente predisse o cerco e a destruição de Jerusalém. Lucas pode ter omitido menção à "abominação desoladora" meramente porque sabia que essa expressão, tirada do livro de Daniel 9:27; 11:31 e



12:11, não teria qualquer sentido para os seus leitores gentios. Mas, se Lucas estava realmente moldando as palavras de Jesus aos acontecimentos do ano 70 D.C. e de dias próximos, por que ele reteve o mandamento: "fujam para os montes" (21:21), e isso a despeito do fato que durante o cerco de Jerusalém os cristãos que então habitavam em Jerusalém fugiram para Pela, na região não-montanhosa da Transjordânia?

*Ruínas de Pela. Localizadas a leste do Mar da Galiléia. Pela foi descrita por Josefo como um vale plano cercado por um platô mais elevado.*



O livro de Atos termina no ponto em que Paulo esperava ser julgado em Roma, provavelmente porque as circunstâncias não se tinham modificado ao tempo da escrita do livro. Nesse caso, o livro de Atos data de algum tempo antes de 64 D.C., a data tradicional e geralmente aceita para o martírio de Paulo (e Pedro). Além disso, se Lucas escreveu seu evangelho antes do livro de Atos, conforme parece lógico, o evangelho, por igual maneira, deve datar de algum tempo levemente anterior ao

ano de 64 D.C. O lugar de escrita poderia ter sido Roma, onde Lucas permaneceu em companhia de Paulo, quando do encarceramento do apóstolo (embora a tradição antiga esteja dividida entre a Grécia e Roma, como local onde Lucas escreveu seus livros).

## **Plano**

O evangelho de Lucas é o mais completo dos evangelhos sinópticos. Na verdade, é o mais volumoso livro de todo o Novo Testamento. Nos primeiros dois capítulos, Lucas começa com um prólogo e com a narração do nascimento e de episódios da infância de Jesus. O Seu batismo, genealogia e tentação aparecem em seguida, em 3:1 - 4:13; o ministério na Galiléia (paralelo a Marcos), em 4:14 - 9:50; a última jornada a Jerusalém, em 9:51 - 19:27; e, finalmente, a semana da paixão, a crucificação, a ressurreição, o ministério pós-ressurreição e a ascensão, em 19:28 - 24:53. A última viagem a Jerusalém é a mais distintiva contribuição de Lucas ao nosso conhecimento da carreira de Jesus. Naquela seção, ele apresenta o ministério de Jesus na Peréia, registra muitas das mais famosas parábolas em nenhum outro lugar registradas (o bom samaritano, o rico insensato, o filho pródigo, o rico e Lázaro, o fariseu e o publicano, além de outras), e dá ênfase à significação de Jerusalém como o alvo colimado pelo ministério de Jesus. (Mais tarde, no livro de Atos, vê-se que Jerusalém tornar-se-ia o centro de onde o testemunho cristão partiria para evangelizar ao mundo.) A história da natividade, em Lucas, contém muitíssima informação que não se encontra em Mateus, incluindo vários hinos e a narrativa do nascimento de João Batista. Finalmente, Lucas nos brinda com material bastante diferente daquele que se acha noutros evangelhos, no tocante à sua história da ressurreição de Cristo, e torna-se o único evangelista que descreve a ascensão de Jesus.

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE LUCAS**

Tema: a certeza histórica do evangelho

Prólogo: Dedicatória a Teófilo e definição de propósitos ao escrever uma narrativa em ordem sobre fatos históricos dignos de confiança (1:1-4)

I.- NATIVIDADE E INFÂNCIA DE JOÃO BATISTA E DE JESUS (1:5 -2:52)

A. Anúncio do nascimento de João Batista a Zacarias e Isabel (1:5-2:25)

B. Anúncio do nascimento de Jesus a Maria (1:26-38)

C. Visita de Maria a Isabel, e o Magnificat (1:39-56).

D. Nascimento, circuncisão e outorga do nome a João Batista, e o Benedictus (1:57-79)

E. João Batista cresce no deserto (1:80)

F. Nascimento de Jesus (2:1-7)

G. A visita dos pastores (2:8-20)

H. Circuncisão e outorga do nome a Jesus (2:21)

I. Apresentação no templo, e o Nunc Dimittis de Simeão, e a adoração de Ana (2:22-40)

J. Jesus visita o templo com doze anos (2:41-52)

II. PRIMÓRDIOS DO MINISTÉRIO DE JESUS (3:1 - 4:13)

A. Ministério preparatório de João Batista (3:1-20)

B. O batismo de Jesus (3:21,22)

C. A genealogia de Jesus (3:23-38)

D. A tentação de Jesus (4:1-13)

III. MINISTÉRIO NA GALILÉIA (4:14 - 9:50)

A. Jesus é rejeitado em Nazaré (4:14-30)

B. Exorcismo na sinagoga de Cafarnaum (4:31-37)

C. Cura da sogra de Pedro, outros milagres e pregação (4:38-44)

D. Pesca miraculosa e chamada de Simão Pedro. Tiago e João ao discipulado (5:1-11)

E. Purificação de um leproso (5:12-16) F. Perdão e cura de um paralítico (5:17-26)

G. Chamada de Levi (Mateus), e Jesus come com publicanos e pecadores (5:27-32)

H. Observações sobre o jejum (5:33-39)

I. Jesus defende Seus discípulos por terem colhido e comido espigas em dia de sábado (6:1-5)

J. Cura do homem de mão mirrada, em dia de sábado (6:6-11)

L. A escolha dos Doze (6:12-16)

M. O sermão no "lugar plano" no monte (6:17-49)

N. Cura do servo de um centurião (7:1-10)

O. Ressurreição do filho da viúva (7:11-17)

P. Indagação de João Batista e a resposta de Jesus, com elogio a João (7:18-35)

Q. Jesus é ungido pela pecadora, que é perdoada (7:36-50)

R. Jesus prega com apoio financeiro de certas mulheres (8:1-3)

S. Parábola da semente e dos solos (mais comumente, do semeador) e da lâmpada (8:4-18)

T. Tentativa dos familiares de Jesus por vê-Lo, Sua observação sobre Seus verdadeiros parentes espirituais (8:19-21)

U. A tempestade é acalmada (8:22-25)

V. Livramento do endemoninhado geraseno (8:26-39)

X. Cura da mulher hemorrágica e ressurreição da filha de Jairo (8:40-56)

Z. A missão dos Doze (9 :1-6)

AA. O temor culposo de Herodes Antipas ante a morte de João Batista (9:7-9)

BB. Multiplicação dos pães para os cinco mil homens (9:10-17)

CC. Confissão de Pedro sobre o caráter messiânico de Jesus e a predição deste sobre a Sua morte e ressurreição, com convite a que levemos a cruz do discipulado (9:18-27)

DD. A transfiguração (9:28-36)

EE. Livramento de um menino endemoninhado (9:37-45)

FF. Observações sobre a humildade (com uma criança a servir de exemplo) e a tolerância (9:46-50)

IV. ÚLTIMA JORNADA A JERUSALÉM (9:51 - 19:27)

A. Determinação de Jesus de ir a Jerusalém, e a falta de hospitalidade em uma aldeia de samaritanos (9:51-56)

B. Observações sobre o discipulado ante discípulos em potencial (9:57-62)

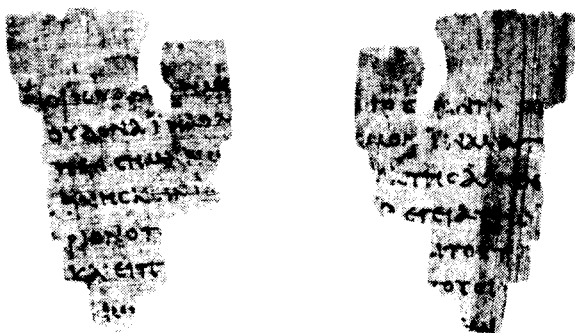
- C. A missão dos setenta (10:1-24)
- D. A parábola do bom samaritano (10:25-37)
- E. Jesus é hospedado por Maria e Marta (10:38-42)
- F. Ensino sobre a oração, incluindo o Pai Nosso, e a parábola do amigo que viera à meia noite (11:1-13)
- G. Episódios polêmicos (11:36 - 12:12)
  - 1. Defesa contra a acusação de ser possuído pelo diabo, recusa de dar qual quer sinal salvo o de Jonas, e parábola da lâmpada (I 1:33-36)
  - 2. Desmascaramento dos fariseus e escribas (11:37-54)
  - 3. Advertência contra o farisaísmo (12:1-12)
- H. Observações sobre a cobiça, a ansiedade, a confiança e a vigilância escatológica, incluindo a parábola do rico insensato (12:13-59)
- I. Convite ao arrependimento, incluindo a parábola da figueira (13:1-9)
- J. Cura de uma mulher corcunda, em dia de sábado (13:10-17)
- L. Parábolas da semente de mostarda, do fermento e da porta estreita (13:18-30)
- M. Jesus recusa-se a entrarem pânico por causa de Herodes Antipas, e Sua Lamentação por Jerusalém (13:31-35)
- N. Cura de um hidrópico, em dia de sábado (14:1-6)
- O. Parábola dos convites a uma festa de casamento (14:7-14)
- P. Parábola do grande banquete (14:15-24)
- Q. Parábolas do edificador da torre e do rei em época de guerra (14:25-35)
- R. Três Parábolas em defesa da acolhida dada a pecadores (15:1-32)
  - 1. Parábola da ovelha perdida (15:1-7)
  - 2. Parábola da moeda perdida (15:8-10)
  - 3. Parábola do filho pródigo e seu irmão mais velho (15:11-32)
- S. Duas parábolas sobre o uso do dinheiro (16:1-31)
  - 1. Parábola do gerente injusto, com mais comentários sobre os fariseus (16:1- 18)
  - 2. Parábola do rico e Lázaro (16:19-31)
- T. Observações sobre o perdão, a fé e o senso do dever (17:1-10)
- U. Cura dos dez leprosos e a gratidão de um deles, um samaritano (17:11-19)
- V. Vinda do reino de Deus e do Filho do homem, incluindo a parábola da viúva e do juiz injusto (17:20 - 18:8)
- X. Parábola do fariseu e do publicano (18:9-14)
- Z. Jesus acolhe as criancinhas (18:15-17)
- AA. O jovem rico (18:18-30)
- BB. Jesus prediz Sua morte e ressurreição (18:31-34)
- CC. Cura do cego, perto de Jericó (18:35-43)
- DD. A conversão de Zaqueu (19:1-10)
- EE. A parábola das minas (19:11-27)
- V. SEMANA DA PAIXÃO E A MORTE, RESSURREIÇÃO E MINISTÉRIO PÓS-RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO DE JESUS EM JERUSALÉM E CERCANIAS (19:28 - 24:53)
  - A. A semana da paixão e a morte de Jesus (19:28 - 23:56)
    - 1. Entrada triunfal em Jerusalém, incluindo a purificação do templo (19:28-48)
    - 2. Debate teológico no recinto do templo (20:1 - 21:4)
      - a. Desafio à autoridade de Jesus (20:1-8)
      - b. Parábola dos lavradores maus e dá vinha (20:9-18)
      - c. Questão do pagamento de taxas a César (20:19-26)
      - d. Pergunta dos saduceus sobre a ressurreição (20:27-40)
      - e. Pergunta de Jesus sobre o Messias ser descendente de Davi e Seu senhorio (20:41-44)
      - f. Advertência contra os escribas (20:45-47)
      - g. As duas moedinhas da viúva (21:1-4)
      - h. Discurso do monte das Oliveiras (21:5-38)
    - 3. O Sinédrio planeja matar a Jesus e a barganha de Judas Iscariotes (22:1-6)

4. A última Ceia (22:7-38)
5. Jesus ora no horto do Getsêmani (22:39-46)
6. Detenção de Jesus (22:47-53)
7. Julgamento de Jesus (22:54 - 23:25)
  - a. Audição noturna na casa do sumo sacerdote e as negações de Pedro (22:54-65)
  - b. Condenação pelo Sinédrio, cedo de manhã (22:66-71)
  - c. Primeira audiência ante Pilatos (23:1-5)
  - d. Audição ante Herodes Antipas (23:6-12)
  - e. Segunda audiência ante Pilatos, quando Pilatos, contra a vontade, solta a Barrabás e entrega a Jesus à crucificação (23:13-25)
8. A crucificação de Jesus
  - a. Simão o cireneu leva a cruz de Jesus e as mulheres se lamentam (23:26-31)
  - b. Jesus é crucificado e escarnecido (23:32-38)
  - c. O criminoso penitente (23:39-43)
  - d. Morte de Jesus (23:44-49)
9. Sepultamento de Jesus (23:50-56)
- B. Ressurreição de Jesus (24:1-12)
- C. Ministério pós-ressurreição (24:13-49)
  1. Jornada a Emaús, com Cleopas e outro discípulo (24:13-35)
  2. Aparecimento de Jesus em Jerusalém (24:36-43)
  3. Jesus ensina sobre Si mesmo, com base no Antigo Testamento, e dá a Grande Comissão (24:44-49)
- D. Ascensão de Jesus (24:50-53)

## JOÃO: O EVANGELHO DA FÉ EM JESUS PARA A VIDA ETERNA

### Autoria

Escrito em estilo simples, o último dos quatro evangelhos exibe uma profundidade teológica que ultrapassa à dos evangelhos sinópticos. As tradições da Igreja primitiva indicam que o apóstolo João escreveu o quarto evangelho já no término do primeiro século da era cristã, em Éfeso, cidade da Ásia Menor. Particularmente importante quanto a isso é o testemunho de Irineu, discípulo de Policarpo, o qual, por sua vez, fora discípulo do apóstolo João - uma direta linha de tradição, com um elo de ligação entre Irineu e o próprio João. (Contra Heresias II.22.5; III.1.1; 3.4; e os relatos de Eusébio, História Eclesiástica III.23.1-4; IV.15.3-8; V.8.4 e 20.4-8.)



O papiro Rylands em grego, 457, um fragmento do Evangelho de João, data da primeira metade do século II D.C.

No passado, alguns eruditos insistiram em que esse evangelho não teria sido escrito senão já nos meados do século II D.C., pelo que certamente não era da lavra do apóstolo João. Porém, o descobrimento do Fragmento Rylands, do evangelho de João, forçou o abandono de tal ponto de vista. Esse fragmento de papiro pertence à data de cerca de 135 D.C., e necessariamente subentende que já se tinham passado várias décadas desde que esse evangelho fora escrito, e que já estivera circulando desde há algum tempo pelo interior do Egito, onde

foi descoberto o fragmento. Outros antiquíssimos papiros, contendo textos extraídos do evangelho de João, confirmam o que se pode subentender do Fragmento Rylands.

Apesar disso, ainda existem muitos eruditos que não estão convencidos de que o apóstolo João escreveu o evangelho que traz o seu nome. Alguns sugerem que um discípulo do apóstolo João,

talvez o ancião João, mencionado por Papias (Citado por Eusébio, História Eclesiástica III.39.4.) (125 D.C.), tenha escrito o mesmo, para mais tarde haver sido confundido com o apóstolo do mesmo nome. Uma inspeção mais precisa sobre a declaração de Papias, entretanto, demonstra que mui provavelmente Papias utilizou-se do termo "ancião" em um sentido apostólico, pelo que também seria um antiquíssimo testemunho em favor da autoria pelo apóstolo João. (Se, pois, chegasse alguém que fora seguidor dos anciãos, eu o interrogaria sobre as palavras dos anciãos - que dissera André ou Pedro, ou que fora dito por Filipe, por Tomé, por Tiago, por João, por Mateus, ou por qualquer outro dos discípulos do Senhor, e quais coisas dizem Aristiom e o ancião João, discípulo do Senhor" (Papias, conforme foi citado por Eusébio, segundo a tradução em A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church. 2ª série, editado por P. Schaff e H. Wace, traduzido por A.C. McGiffert (Nova Iorque: Scribner's, 1904), vol. 1, pág. 171). De ambas as vezes em que o nome de João aparece na afirmativa de Papias, aparece com ambas as designações de "ancião" e "discípulo". Em contraste, embora Aristiom seja designado discípulo, não recebe o título de "ancião", ao ser mencionado paralelamente a João. Esse fato frisa um único indivíduo chamado João. Papias queria deixar clara a identificação de um único João, ao reiterar a designação "ancião", que acabara de usarem relação aos apóstolos, mas que omite agora em relação a Aristiom. Papias menciona João pela segunda vez porque ele era o único dos apóstolos a continuar vivo e a pregar. Admitimos que Eusébio interpretou Papias como se este houvesse aludido a dois homens diferentes, de nome João, e chegou a falar de uma tradição acerca de dois homens de nome João, com diferentes sepulcros em Éfeso; mas Eusébio queria achar outro autor para o livro de Apocalipse, que ele não apreciava. Parece, pois, que com base nas declarações de Papias, pode-se pensarem um certo ancião João, alegadamente distinto do apóstolo João, a fim de atribuir o livro de Apocalipse ao ancião, e não ao apóstolo.)

O autor do quarto evangelho reivindica o privilégio de ter sido testemunha ocular do ministério de Jesus (1:4, comparar com 19:35 e 21:24,25), além de demonstrar um estilo semítico em sua redação (O que é visto especialmente em declarações paralelas. Isso tem dado azo à teoria, não popular, que originalmente João teria escrito seu evangelho em aramaico.) e de possuir conhecimento acurado sobre os costumes dos judeus (por exemplo, os costumes de oferecer libações de água e de acender os candelabros, durante a festa dos Tabernáculos, pressupostos em 7:37-39 e 8:12). Também era profundo conhecedor da topografia da Palestina, conforme ela era antes do holocausto de 70 D.C. (por exemplo, a fonte com os cinco pórticos, nas proximidades da Porta das Ovelhas [5:21 e a área pavimentada que havia do lado de fora do Pátio [19:131, ambas as coisas em Jerusalém, e ambas confirmadas pelas descobertas arqueológicas em tempos recentes). (Alguns eruditos, pois, datam o quarto evangelho em três décadas, mais ou menos, antes do fim do século I de nossa era, em contraposição à tradição antiga.) Em adição a isso, detalhes vívidos que só poderiam ser esperados da parte de uma testemunha ocular, apesar de incidentais à história, aparecem por toda a parte - números (seis talhas para água 2:6, três ou quatro milhas [5:19], cem jardas (duzentos côvados) [21:8], cento e cinquenta e três peixes [21:11]), nomes (Natanael [1:45 ss.], Nicodemos [3:1 ss.], Lázaro [11: 1ss], Malco [18:10], etc.), e muitos outros toques vívidos. Esses fatos consubstanciam tanto a antiga tradição sobre a autoria apostólica deste evangelho como o seu corolário, o de que ali temos uma fidedigna tradição histórica.

Outrossim, o autor escreve como "aquele a quem Jesus amava", não movido pelo egoísmo - porquanto nunca se identifica por seu próprio nome! - mas a fim de ressaltar que o conteúdo do evangelho merece crença, porquanto proveio de alguém em quem Jesus confiava. Acresça-se a isso que o discípulo amado repetidas vezes aparece em chegada associação com Pedro (13:23,24; 20:2-10; 21:2,7,20 ss.). Os evangelistas sinópticos informam-nos que Tiago e João eram filhos de Zebedeu, que trabalhavam como pescadores juntamente com Pedro, e que com ele formaram o círculo mais interior dos Doze. Visto que desde há muito Tiago morrera como mártir (vide Atos 12:1-5), e visto que Pedro figura como uma pessoa diferente da do discípulo amado, resta-nos somente João para ser o discípulo amado e autor do quarto evangelho. Pois se alguma outra pessoa, fora do discípulo amado, escreveu o quarto evangelho, então por que ele não vinculou o nome de João ao "discípulo a quem Jesus amava"? O anonimato do discípulo amado dificilmente poderia ser explicado, a menos que ele mesmo tivesse sido autor desse evangelho, e o processo de eliminação o identifica com o apóstolo João.

### **Suplementação dos evangelhos sinópticos**

Conscientemente, João suplementa os evangelhos sinópticos. (Outros sentem que o quarto evangelista desconhecia os sinópticos, ou que alterou a tradição daqueles em certo número de pontos.) Ele destaca o

ministério da Judéia, omitindo muitas parábolas e o tema do reino de Deus. Evidentemente João era da opinião que os evangelistas sinópticos já haviam apresentado informações suficientes sobre o ministério na Galiléia e sobre o reino. João também suplementa os evangelhos sinópticos ao esclarecer que o ministério público de Jesus durou por consideravelmente mais tempo do que a leitura isolada dos evangelhos sinópticos nos levaria a crer. Não se tendo preocupado em dar uma cronologia completa da vida de Jesus, os evangelistas sinópticos mencionam somente a última Páscoa, quando Jesus morreu. Mas João deixa-nos saber que houve pelo menos três, e talvez até quatro Páscoas, durante a carreira pública de Jesus, pelo que também esta se prolongou pelo menos pelo espaço de mais de dois anos, e provavelmente de três a três anos e meio. (Vide A.T. Robertson, A Harmony of the Gospels (Nova Iorque: Harper & Row, 1950), págs. 267-270.)

### **Discursos de Jesus em João**

Com a exceção possível de Mateus, o quarto evangelho contém discursos mais longos, feitos por Jesus, do que os outros evangelhos sinópticos. Os discursos, tendem por eliminar porções históricas. Perguntas e objeções feitas pelos ouvintes de Jesus com freqüência pontuam os discursos, e João, de maneira regular, apresenta-nos um Cristo que falava em estilo bastante diferente, em muitos particulares, daquilo que os evangelistas sinópticos nos dão a entender. Essas diferenças se originam em parte da própria maneira pela qual João traduzia para o grego, em ensinamentos dominicais, aquilo que originalmente fora dito em aramaico e hebraico (bem como em grego), e em parte pelo próprio hábito que João tinha de parafrasear, com o resultado que o vocabulário e o estilo do próprio evangelista com freqüência aparecem no seu registro sobre os ensinamentos de Jesus. Nos evangelhos sinópticos, a tradução evidentemente é mais literal e as paráfrases são menos extensas. (O vocabulário e o estilo do próprio João podem ser reconhecidos naquelas porções do quarto evangelho onde Jesus não estava falando, e com base em I-III João. O Apocalipse, também joanino, é um tanto diferente, por várias razões possíveis.) Muitas vezes, uma tradução frouxa e a paráfrase podem transmitir melhor o sentido tencionado do orador do que as citações diretas, pelo que o modo de proceder joanino não é ilegítimo sob hipótese alguma. Por outro lado, não devemos superestimar o grau de paráfrases e de traduções lassas feitas por João, porquanto as duas famosas passagens paralelas que existem em Mateus 11:25-27 e Lucas 10:21,22 provam que Jesus podia falar e realmente falou no estilo que encontramos no quarto evangelho. Destacam-se proeminentemente nessas passagens os temas do relacionamento entre o Pai e o Filho, da ênfase acerca da revelação divina, do conhecimento e da eleição - tudo o que é perfeitamente típico do evangelho de João. Também é possível que João tivesse preservado os aspectos mais formais do ensinamento de Jesus, a saber, Seus sermões nas sinagogas e Suas disputas com os teólogos judeus.

### **A teologia joanina**

Percorrendo todo o quarto evangelho, muitos importantes temas teológicos aparecem e reaparecem, em diferentes combinações, algumas vezes figurando novamente em I - III João e no Apocalipse. João expõe esses temas mediante uma habilidosa alternância de narrativas e discursos, de tal maneira que as palavras de Jesus ressaltam o sentido mais interior de Suas obras. Grande proporção das ações constantes nesse evangelho, pois, se reveste de papel simbólico. Por exemplo, a lavagem dos pés dos discípulos, por parte de Jesus, representa o efeito purificador de Sua obra remidora. Também se nota um freqüente toque irônico, como aquele que atinge a pergunta feita por Jesus: "Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?" (10:32). E tal como os atos de Jesus envolvem um significado simbólico, assim também as Suas palavras com freqüência encerram um segundo e mesmo um terceiro significados. "Nascer de novo" também significa "nascer do alto" (3:3 ss.), e a referência ao fato que Jesus seria "levantado" salienta não só o método de Sua execução, mas também a Sua ressurreição e exaltação de volta aos céus (12:20-36, especialmente 32).

### **A Palavra. A Verdade**

Os temas teológicos joaninos começam sob a categoria de revelação. Jesus é a Palavra (ou Logos) revelatória de Deus. Nesse papel, ele revela a verdade, a qual é mais que mera veracidade.

## **Testemunho. Luz. Trevas**

Trata-se da realidade última da própria pessoa e do caráter de Deus, conforme testemunhado por Jesus, pelo próprio Pai, pelo Espírito Santo, pelas Escrituras e por outros. Ele é a luz que desse modo ilumina àqueles que crêem e que dissipa as trevas do mal.

## **Julgamento**

A dissipação das trevas é o Julgamento do mundo. Não que Jesus tivesse vindo a fim de condenar ao mundo, mas é que Ele veio para discriminar entre aqueles que pertencem à luz e aqueles que pertencem às trevas - e estes últimos já estão condenados por si mesmos, devido à sua incredulidade.

## **O mundo**

O mundo, a sociedade humana controlada por Satanás, faz oposição à luz, e por isso torna-se objeto da ira divina. Isso torna tanto mais admirável o fato que Deus "amou o mundo" (3:16).

## **Amor**

O amor de Deus veio por meio de Jesus Cristo e continua a manifestar-se através do amor que os discípulos de Jesus têm uns pelos outros. A fim de exibir o amor divino, Jesus desceu da parte do Pai e procurou chegar à Sua "hora", o tempo de Seu sofrimento e morte, em favor do mundo.

## **Glória**

Com o intuito de revelara glória do Pai desse modo, o Pai, por Sua vez, glorificou ao Filho mediante a exaltação celestial.

## **Eleição. Crença. Regeneração. Conhecimento**

Por meio de eleição e da fé (João permite que permaneça de pé a antinomia entre a escolha divina e a resposta favorável humana), alguns homens experimentam a regeneração do Espírito Santo, pelo que chegam ao conhecimento salvador de Deus por intermédio de Cristo.

## **Universalidade. Vida Eterna. Permanência. Paracleto**

Porém, apesar do fato que a eleição e a fé real caracterizem apenas a alguns indivíduos, o convite é caracterizado pela universalidade. Aqueles que aceitam tal convite recebem a vida eterna (não apenas quantitativamente permanente, mas também qualitativamente divina), um lugar permanente em Cristo, e o Paracleto, ou Espírito Santo, em Seu papel variado de Consolador, Conselheiro e Advogado. Tudo isso, entretanto, é perfurar apenas a casca superficial da teologia joanina; cada um desses temas conta com nuances que não são mencionadas nestas linhas.

## **Crendo em Jesus**

Acima de qualquer consideração, entretanto, João é o evangelho da fé. De fato, o verbo crer é a palavra chave do presente evangelho:

Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (20:30,31)

Cristológica em seu conteúdo, essa fé salienta supremamente a divindade de Jesus, como o Filho de Deus único e preexistente, o qual, em obediência a Seu Pai, tornou-se um real ser humano a fim de morrer sacrificialmente, com vistas à redenção da humanidade. Tal ênfase labora contra a negação de Sua humanidade e de Sua morte, conforme faziam os gnósticos, primitivos hereges cristãos que pensavam que tudo quanto fosse material ou físico teria de ser inerentemente mal. Assim sendo, não somente a deidade de Jesus é encarecida (a começar pela declaração "o Verbo era Deus" 1:1, e muitas vezes destacada por todo este evangelho); mas também é posta em realce a Sua humanidade: "E o Verbo se fez carne" (1:14) - Jesus cansou-se e sentiu sede (4:6,7 e 19:28),

chorou (11:35) e morreu fisicamente e voltou à vida (19:30-42; 20:12,17,20,27,28). (Notemos o quádruplo retrato que os evangelhos nos oferecem de Jesus: o real Messias judeu, em Mateus; o divino Servo trabalhador, em Marcos; o simpaticante Salvador, em Lucas; o Filho encarnado de Deus, em João.) O próprio Jesus exigiu essa fé cristológica ao apresentar uma série de reivindicações pessoais, utilizando-se da expressão "Eu sou", no quarto evangelho:

"Eu sou o pão da vida" (6:35,48; comparar com os versículos 41 e 51).

"Eu sou a luz do mundo" (8:12).

"Eu sou a porta" (10:7,9).

"Eu sou o bom pastor" (10:1 1,14).

"Eu sou a ressurreição e a vida" (11:25).

"Eu sou o caminho, e a verdade e a vida" (14:6).

"Eu sou a videira verdadeira" (15:1,5).

### **Escatologia realizada**

Além dessas reivindicações, há aquelas declarações que envolvem a expressão "Eu sou", não seguidas por qualquer complemento, e que sugerem a reivindicação de ser Ele o eterno EU SOU - Javé do Antigo Testamento (4:25, 26; 8:24, 28, 58; 13:19; comparar com 6:20; 7:34, 36;14:3;17:24; Êxodo 3:13 ss.).

Quando uma pessoa crê, imediatamente recebe a vida eterna o que explana a expressão usada por C. H. Dodd, "escatologia realizada". (Mas, contrariamente a uma escatologia totalmente cumprida, na qual a futura esperança cristã se tenha perdido, comparar as referências à ressurreição e ao julgamento final, em 5:25-29, bem como à segunda vinda de Cristo, em 14: 1-3. A expressão "escatologia inaugurada (ou proléptica)" caberia melhor aqui.) Pleno aprazimento ainda tem de esperar o futuro, mas todo o crente também saboreia uma prelibação presente. Talvez alguns cristãos se sentissem perturbados e alguns não-cristãos se mostrassem incrédulos ante a demora de regresso de Jesus - daí a ênfase joanina sobre a salvação desfrutada agora mesmo. É segundo essas diretrizes que João procura evangelizar aos incrédulos com o evangelho e/ou estabelecer firmemente os crentes em sua fé. (É difícil decidirmos se João escreveu para os incrédulos, para os crentes, ou para ambas as classes.)

### **Polêmica anti-Batista**

É possível que um propósito subsidiário de João fosse a correção das idéias de um culto que se desenvolvera em torno da figura de João Batista. Atos 19:1-7 demonstra que continuava havendo seguidores de João Batista, em Éfeso, algumas décadas antes, nos dias de Paulo, e, consoante a uma antiga tradição, Éfeso teria sido a localidade onde o apóstolo João escreveu seu evangelho. Outrossim, João envida grandes esforços para mostrar que Jesus é superior a João Batista, que este precisava diminuir e Jesus crescer, que através de Seus discípulos Jesus batizava mais seguidores do que João Batista, e que o testemunho de Jesus era superior ao de João Batista (1:15-37; 3:25-30; 4:1,2; 5:33-40). Toda a questão paira em meio a dúvidas, entretanto, porquanto esses fenômenos podem antes refletir as próprias experiências do apóstolo João, ao volver-se do Batista para Jesus.

### **Polêmica anti-judaica**

É improvável que João tenha escrito o seu evangelho como uma polêmica contra o judaísmo; pois apesar dos judeus incrédulos figurarem ali como maus caracteres, devido à sua incredulidade, o "mundo" como um todo também figura assim (por exemplo, ver 15:18,19). Durante a última porção do primeiro século cristão, os judeus incorporaram na liturgia de suas sinagogas a Bênção contra os Hereges, a fim de desarraigar todos os judeus cristãos que porventura ainda participassem dos cultos das sinagogas. ("Aos excomungados não haja esperança, e que o reino da soberba seja por Ti desarraigado prontamente em nossos dias. E que os cristãos e os hereges pereçam num momento. Que sejam apagados do livro da vida, e não sejam registrados juntamente com os justos. Bendito és Tu, ó Senhor, que subjugas aos orgulhosos.") Alguns têm imaginado que tal bênção deve ter provido o motivo para o quarto evangelho, como um encorajamento dirigido aos judeus cristãos, a fim de suportarem o seu ostracismo da sinagoga, sem se retratarem de sua profissão cristã. Porém, embora a Bênção contra os Hereges possa ser salientada em face de trechos como 9:22 e 16:2, que mencionam o fato que os discípulos de Jesus



seriam expulsos das sinagogas, a verdade é que o quarto evangelho, em contraste com os livros de Mateus, Hebreus e Tiago, não dá a impressão de ter sido escrito para uma audiência tão limitada que incluísse somente cristãos judeus. Não predominam ali as características judaicas típicas, e aquelas que porventura aparecem se originam meramente do meio ambiente judaico da vida de Jesus, e não por causa de uma ênfase deliberada.

### **Tendências judaicas versus tendências helenistas**

Por outra parte, não há qualquer supressão consciente de caracteres judaicos da carreira de Jesus. Portanto, devemos rejeitar a hipótese de que o quarto evangelho representa um retrato helenista de Jesus, no qual Ele desempenhou o papel de um homem divino, em contraste com o retrato histórico e realista que O apresenta como um profeta escatológico. A bem da verdade, a deidade de Jesus aparece com clareza, e desde o princípio, nos evangelhos sinópticos. Outrossim, os papiros do Mar Morto têm demonstrado que o vocabulário religioso do evangelho de João é característico do judaísmo do primeiro século, pelo que não há necessidade alguma de procurarmos modelos helenistas em campos distantes. (Contra C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel* (Cambridge University Press, 1960). Ed. em português por Ed. Paulinas.)

### **Origens e Desarranjo**

As teorias atinentes a fontes literárias, por detrás do quarto evangelho, rolam por terra ante a unidade de estilo que permeia a obra inteira. As teorias que falam em desarranjo do texto original só solucionam problemas de interpretação para criar outros problemas; e excetuando um caso mui secundário, falta-lhes qualquer evidência nos manuscritos.

### **Conteúdo**

Quanto a vários particulares, o trecho de João 1:11,12 apresenta um sumário das variedades de material inclusas no quarto evangelho. "Os seus não o receberam" -- o sombrio pano-de-fundo do evangelho consiste das reiteradas rejeições de Jesus por parte dos Judeus: quando Ele purificou o templo (capítulo 2); depois que Ele curara o paralítico (capítulo 5); após ter Ele multiplicado os pães para os cinco mil homens (capítulo 6); quando Seus meio-irmãos procuraram tratá-Lo com sarcasmo (capítulo 7); quando Ele se fez presente à festa dos Tabernáculos (capítulo 7); quando Ele afirmou ser a luz do mundo (capítulo 8); quando Ele asseverou a Sua unidade com Deus Pai (capítulo 10); e depois de haver ressuscitado a Lázaro (capítulo 11).

"Mas, a todos quantos o receberam" - em contraste com a rejeição geral dos judeus, alguns indivíduos acolheram a Jesus, mediante o encontro pessoal com Ele: André, João (cujo nome não figura no texto), Pedro, Filipe, Natanael (capítulo 1); Nicodemos (capítulo 3); a mulher samaritana (capítulo 4); o cego de nascença (capítulo 9); Maria e Marta (capítulo 11); os onze, no cenáculo (capítulos 13 - 16), e Maria Madalena (capítulo 20).

"Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" - João descreve pormenorizadamente certo número de milagres realizados por Jesus, mas intitula-os "sinais", devido ao valor que têm como símbolos do poder transformador da fé em Jesus: a transformação da água em vinho ilustra a passagem do ritualismo judaico para a superior realidade do evangelho (capítulo 2); a cura do filho do nobre aponta para a transformação que nos tira da enfermidade para a higidez espiritual (capítulo 4); a cura do paralítico, da impotência para a força (capítulo 5); a multiplicação de pães para os cinco mil, da penúria para a plenitude (capítulo 6); o caminhar por sobre as águas, do temor para o senso de segurança (capítulo 6); a devolução da vista a um cego, das trevas para a luz (capítulo 9); a ressurreição de Lázaro, da morte para a vida (capítulo 11); e a pesca miraculosa, do fracasso para um sucesso quase incontável (capítulo 21).

Todas essas três linhas de pensamento convergem para a narrativa da paixão: "Os seus não o receberam" - o julgamento e a crucificação; "mas, a todos quantos o receberam" - as três Marias e o discípulo amado, de pé ao lado da Cruz; "deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" - o poder transformador da ressurreição de Cristo. (Ver ainda J. S. Baxter, *Examinai as Escrituras* (São Paulo, Edições Vida Nova), Vol. 5, lição 19.)

## ESBOÇO SUMÁRIO DE JOÃO

Tema: a fé em Jesus, como o Cristo e o Filho de Deus, com vistas à vida eterna.

PRÓLOGO: Jesus Cristo, a Palavra (Logos) revelatória (1:1-18)

I. O IMPACTO PRODUTOR DE FÉ DO MINISTÉRIO INICIAL DE JESUS (1:19 - 4:42)

A. Narrativa (1:19 - 2:25)

1. Testemunho de João Batista e os primeiros discípulos (1:19-51)

2. Transformação de água em vinho, no casamento em Caná (2:1-12)

3. A purificação do templo e a realização de sinais miraculosos em Jerusalém (2:13-25).

B. Discurso (3:1 - 4:42) (A palavra "discurso" com frequência envolve certo grau de diálogo.)

1. O novo nascimento, em conversa com Nicodemos (3:1-21)

2. A superioridade de Jesus, testificada por João Batista durante seus ministérios paralelos de batismos (3:22-36)

3. A água da vida, em conversa com a mulher samaritana, com a resultante conversão dela mesma e de seus concidadãos (4:1-42)

II. AUTORIDADE DAS PALAVRAS DOADORAS DE VIDA DE JESUS (4:43 - 5:47)

A. Narrativa (4:43 - 5:18)

1. Cura do filho de um oficial (4:43-54)

2. Cura do inválido, num poço de Jerusalém, em dia de sábado (5:1-9a)

B. Discurso: a autoridade das palavras de Jesus (5:9b-47)

III. OUTORGA DO CORPO E DO SANGUE DE JESUS PELA VIDA DO MUNDO (6:1-71)

A. Narrativa: multiplicação dos pães para os cinco mil homens e o caminhar por sobre as águas (6:1 :21)

B. Discurso: o pão da vida (6:22-71)

IV. ILUMINAÇÃO DA HUMANIDADE POR JESUS, COM A RESULTANTE DIVISÃO EM: INCRÉDULOS, DESTINADOS AO JUÍZO, E CRENTES, DESTINADOS À VIDA ETERNA (7:1 - 8:59)

A. Narrativa: Jesus se faz presente à festa dos Tabernáculos, e divisão das opiniões a Seu respeito (7:1-52)

B. Discurso: a luz do mundo e os verdadeiros filhos de Abraão (8:12-59)

V. A TERNURA DE JESUS, EM CONTRASTE COM A CRUELDADE DAS AUTORIDADES RELIGIOSAS DOS JUDEUS (9:1 - 19:39)

A. Narrativa: cura do cego e sua exclusão da sinagoga (9:1-41)

B. Discurso: o bom pastor, os mercenários, os assaltantes e os ladrões (10:1-39)

VI. O DOM DA VIDA MEDIANTE A MORTE DE JESUS (10:40 - 12:50)

A. Narrativa (10:40 - 12:19)

1. A ressurreição de Lázaro e a conseqüente conspiração do Sinédrio para tirar a vida de Jesus (10:40 - 11:57)

2. Jesus é ungido por Maria de Betânia, e a conspiração do Sinédrio para tirar a vida a Lázaro (12:1-11)

3. A entrada triunfal em Jerusalém (12:12-19).

B. Discurso: o grão de trigo que morre, ressurgindo depois para uma vida frutífera (12:20-50).

VII. RETIRADA E RETORNO DE JESUS (13:1 - 20:29)

A. Discurso (13:1 - 17:26)

1. Purificação dos discípulos e seu serviço manual mútuo, simbolizados pelo lava-pés (13:1 -20)

2. Anúncio sobre a traição e desligamento de Judas Iscariotes (13:21 - 30)

3. Vantagens da retirada de Jesus para os discípulos, e a vinda do Paracleto (Consolador): Discurso do Cenáculo (13:31 - 16:33)

4. Oração sumo-sacerdotal de Jesus por Seus discípulos (17:1-26)

B. Narrativa (18:1 - 20:29)

1. Detenção de Jesus (18:1 - 11)

2. Audições ante Anás e Caifás, com as negações de Pedro (18:12-27)

3. Audição ante Pilatos (18:28 - 19:16)

4. Crucificação e sepultamento de Jesus (19:17-42)

5. O túmulo vazio e duas aparições pós ressurreição, primeiro a Maria, e então aos discípulos (20:1-29)

CONCLUSÃO: O propósito da escrita do quarto evangelho, inspirar a fé doadora de vida, em Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (20:30,31)

EPILOGO (21:1-25)

A. Narrativa: terceira aparição pós ressurreição, aos discípulos, com pesca miraculosa e desjejum nas praias do mar de Tiberíades - Galiléia (21:1-14)

B. Discurso: Pedro é recomissionado (21:15-23)

AUTENTICAÇÃO FINAL (21:24,25).

COMPARAÇÃO DOS QUATRO EVANGELHOS				
EVANGELHOS	MARCOS	MATEUS	LUCAS	JOÃO
Data provável da escrita	50s	60s	60s	80s ou 90s
Lugar provável da escrita	Roma	Antioquia da Síria	Roma	Éfeso
Endereçados originais	Gentios de Roma	Judeus da Síria (e Palestina?)	Interessados gentios	População geral da Ásia
Ênfase Temática	Atividades Remidoras de Jesus	Jesus, Messias judaico, e Seus discípulos, o novo povo de Deus	Certeza Histórica do evangelho	Menor Fé em Cristo para a vida eterna

*Para discussão posterior:*

- Quais as vantagens e as desvantagens de termos um retrato quádruplo de Jesus, no Novo Testamento, em contraste com um único retrato?
- Qual dos evangelhos mais se adapta às seguintes audiências modernas ? e por que? (a) classe média brasileira; (b) grupos minoritários; (c) intelectuais; (d) crianças; (e) jovens; (f) pessoas idosas; (g) aqueles que nunca antes tinham ouvido o evangelho.
- Há diferença, entre os evangelhos, quanto à clareza e a prontidão com que vem à tona o caráter messiânico de Jesus? Nesse caso, como pode ser explicada essa diferença?
- Quanto manuseio editorial sobre os atos e palavras de Jesus, pelos evangelistas, é coerente com uma autêntica historicidade?
- Até que ponto a fé cristã depende da história e das pesquisas históricas ? comparar a perspectiva lucana sobre a vida de Jesus.

*Para investigação posterior* (a literatura é tão ampla que é melhor darmos apenas estudos gerais, os quais, por sua vez, recomendarão ao leitor numerosas fontes informativas primárias):

(Do ponto de vista conservador)

Harrison, E.F. Introduction to the New Testament. Grand Rapids. Eerdmans, 1964. Capítulos 5 - 9.

Guthrie, D. New Testament Introduction: The Gospels and Acts. Chicago: InterVarsity, 1965.

(Do ponto de vista liberal)

Fuller, R.H. A Critical Introduction to the New Testament. Londres: Duckworth, 1966.

Grant R.M. A Historical Introduction to the New Testament. Nova Iorque: Harper & Row, 1963.

Feine, P., J. Behm e W.G. Kümmel. Introduction to the New Testament. Traduzido por A.J. Mattill. Nova Iorque: Abingdon, 1966.

(Do ponto de vista da moderna erudição católica-romana, algumas vezes liberal)

Wikenhauser, A. New Testament Introduction. Traduzido por J. Cunningham. Nova Iorque: Herder and Herder, 1958.

Feuillet, A., e A. Robert. Introduction to the New Testament. Traduzido por P. W. Skehan et al. Nova Iorque: Desclee, 1965.

Ver também Moule, C. F. D. The Birth of The New Testament. 2ª edição. Nova Iorque: Harper & Row, 1966.

## **CAPITULO 7 - Introdução Panorâmica da Vida e do Ministério Público de Jesus**

### *Perguntas Normativas:*

- Quais são as datas delimitadoras da carreira pública de Jesus?
- Quais foram os acontecimentos gerais e o resultado final de Seu ministério?
- Onde se acham as origens de Sua doutrina, e até que ponto Ele as ultrapassou?
- Quais são o arcabouço e os motivos básicos de Sua doutrina?

### **Datas.**

As datas delimitadoras do ministério de Jesus permanecem um tanto incertas, principalmente porque não sabemos como Lucas concebia o começo do reinado de Tibério (Lucas 3:1; ver os comentários a respeito). Mas o período de três anos, de 27 a 30 D.C., é tão provável como qualquer outro. Tradicionalmente, esse espaço de tempo tem sido dividido em um ano de obscuridade, um ano de popularidade e um ano de rejeição.

### **Obscuridade.**

O ano de obscuridade começou com o ministério anunciador de João Batista, com o batismo de Jesus por João, e com a tentação de Jesus por Satanás. Prosseguiu quando Ele chamou Seus primeiros discípulos, quando realizou o primeiro milagre, transformando a água em vinho, em Caná da Galiléia, quando purificou o templo pela primeira vez, quando conversou à noite com Nicodemos, quando retornou à Galiléia, passando por Sumaria, e quando deu início à pregação intensiva e à operação de milagres, por toda a Galiléia.

### **Popularidade**

A pregação e realização de atos miraculosos teve prosseguimento durante o ano de popularidade, ante a presença de numerosas multidões. Sua popularidade atingiu o ponto culminante quando Jesus multiplicou os pães para os cinco mil homens; mas subitamente começou a dissipar-se, quando recusou-se a tornar-se um rei-do-pão e um líder militarista inclinado à guerra.

Durante o ano de rejeição, Jesus retirou-se para noroeste, para a Fenícia, voltou-se para Leste, ao norte do mar da Galiléia, e então para o sul, na direção de Decápolis ("dez cidades"), uma região populada por gentios, a sueste da Galiléia. Evitando as multidões tanto quanto Lhe era possível, Jesus concentrou Seus esforços a instruir em particular os Seus doze discípulos. Foi durante esse período que Pedro confessou o caráter messiânico de Jesus.

### **Rejeição.**

Os discípulos já O haviam reconhecido como o Messias, mesmo antes disso, mas a significação daquela confissão jaz no fato que os discípulos continuavam leais a Jesus, como o Messias, ao mesmo tempo que as massas se afastavam Dele. Jesus começou a predizer Sua morte e ressurreição. Ocorreu a transfiguração. Teve início a última jornada a Jerusalém. Na verdade, essa jornada foi muito mais um circuito, de idas e vindas, pela Peréia (sul da Transjordânia), pela Judéia e também pela Galiléia. Foi durante esse tempo que Jesus proferiu diversas de Suas mais famosas parábolas, como aquelas do bom samaritano e do filho pródigo. A ressurreição de Lázaro convenceu

aos membros do Sinédrio de que deveriam eliminar a Jesus, abafando, juntamente com Ele, a ameaça de uma revolta messiânica.

### **A última semana e o ministério pós-ressurreição.**

A semana da paixão teve início com a entrada triunfal em Jerusalém, no domingo de Ramos. Na segunda-feira Jesus amaldiçoou a figueira estéril e purificou novamente o templo. A purificação do templo endureceu aos membros do Sinédrio em sua determinação de se libertarem Dele. Na terça-feira, Jesus pôs-se a debater com os fariseus e os saduceus nos átrios do templo, e proferiu o Seu discurso profético para os discípulos, no monte das Oliveiras. Além disso, Judas Iscariotes arranhou as coisas para trair a Jesus. Quanto à quarta-feira há silêncio nos registros dos evangelhos, a menos que Jesus e Seus discípulos tenham participado da refeição da páscoa na noite de quarta-feira (a terça-feira à noite também é possível), mais cedo que a maioria dos judeus. Doutra sorte, a última Ceia teria tido lugar na noite de Quinta-feira, no começo da noite, os julgamentos de Jesus durante a noite de quinta-feira e cedo pela manhã da sexta-feira, ao passo que a crucificação e o sepultamento teriam tido lugar durante o dia de sexta-feira. A patrulha romana teria vigiado o sepulcro durante todo o dia de sábado. A ressurreição ocorreu bem cedo na manhã de domingo, e Jesus apareceu aos Seus discípulos por determinado número de vezes, durante quarenta dias, durante os quais realizou o Seu ministério pós-ressurreição. Finalmente, Ele ascendeu aos céus, pouco mais do que uma semana antes do derramamento do Espírito Santo, que se deu no dia de Pentecoste.

### **Estilo de ensino.**

O estilo das lições dadas por Jesus era colorido e pitoresco. Abundavam as figuras de linguagem. Com freqüência Ele criava declarações em epigramas, que não são esquecidas com facilidade, e deleitava-se em trocadilhos, que usualmente não funcionam bem nas traduções. Muitas declarações Dele foram vasadas na forma paralela de declarações, muito própria da poesia semítica. Jesus sabia empregar palavras qual verdadeiro mestre.

### **Conteúdo do ensino.**

No conteúdo de Seu doutrinamento, Jesus erigia sobre o alicerce do monoteísmo ético do Velho Testamento, isto é, sobre a crença na existência de um único Deus de amor e de justiça, o qual age tendo em vista a redenção e o juízo, na história, segundo os Seus relacionamentos de aliança firmada com os homens. Ao decretar o perdão dos pecadores, ao afirmar-se juiz dos destinos eternos de todos os homens, ao exigir total lealdade dos homens para consigo mesmo, ao proferir extravagantes afirmativas de "Eu sou...", e ao introduzir muitas declarações com um *amém* (traduzido por *verdadeiramente* ou *em verdade*), em tom da mais alta autoridade, Jesus obviamente se considerava uma pessoa sem par. No entanto, usou e aceitou com relutância o vocábulo "Messias", por causa de seus subentendidos predominantemente políticos e nacionalistas, no vocabulário do judaísmo do primeiro século. Preferia aludir a Si mesmo como "o Filho do homem", a quem Daniel contemplara em visão, como personagem super-humana, a qual descia dos céus para julgar e governar o mundo inteiro (vide Daniel 7:9-14). Mas Jesus também associou consigo mesmo o Servo sofrido do Senhor (vide Isaías 52:13 - 53:12), como o Filho do homem. É deveras significativo que a designação "Filho do homem", aplicada a Jesus, ocorre quase exclusivamente nos lábios do próprio Jesus. Entre os judeus, essa expressão era quase desusada em relação ao Messias, e, por isso mesmo, era um termo neutro. Em conseqüência, Jesus pôde construir a Sua própria definição. A expressão "Filho (de Deus)" ocorre tanto nas reivindicações de Jesus a respeito de Si mesmo como nas palavras de outros acerca Dele.

A consciência que tinha Jesus de uma filiação divina sem igual se manifestou no uso que fez da palavra aramaica *abba*, "Pai", que tem o sentido infantil e afetivo de "papai", embora sem sentimentalismos desvairados. Os rabinos ousavam aludir a Deus somente como *abbi*, "meu Pai", numa forma de tratamento mais formal em aramaico. Jesus chegou mesmo a ensinar a Seus discípulos que se dirigissem a Deus como *abba*, por causa do relacionamento que tinham com Deus, por intermédio Dele. Em ocasiões anteriores, Deus era encarado principalmente como o pai da nação

israelita, considerada como um todo, pelo que a frequência, o calor e a ênfase individualista com que Jesus falou da paternidade divina assinalam uma característica distintiva de Seu ensino.

O amor a Deus e ao próximo compreendem os dois principais imperativos éticos, de conformidade com Jesus. Seu conceito da vida reta encarecia os motivos íntimos, em contraste com o exibicionismo externo. Ele declarou a regra áurea, a qual já havia sido proferida em forma negativa, por muitas vezes antes, em uma forma positiva.

Tudo quanto Jesus ensinava foi emoldurado pela Sua proclamação de que chegara o tempo de raiar o reino de Deus. Ele representava pessoalmente esse reino. No entanto, previu a Sua rejeição, a Sua morte redentora e a sua ressurreição. Para além desses acontecimentos, jazia a época em que os Seus discípulos haveriam de evangelizar ao mundo. Então Ele haveria de retornar, com o propósito de julgar à humanidade e estabelecer o reino divino plenamente e para todo o sempre.

### **Para discussão posterior:**

- De que modo um biógrafo moderno teria diferido dos evangelistas ao apresentar a história da vida de Jesus? O que provavelmente aquele omitiria, adicionaria, salientaria ou diminuiria de importância? Por qual razão os evangelistas, em certos particulares não escreveram como biógrafos modernos teriam escrito?

- Quais aspectos da vida e dos ensinamentos de Jesus algumas pessoas de nossa época tendem por achar inaceitáveis - intelectual, estética e socialmente - em comparação com povos antigos? E por quê?

- Como se harmonizam as espantosas reivindicações de Jesus sobre Si mesmo com Seu ensino sobre a humildade, as Suas exigências de lealdade pessoal com Seus ensinamentos sobre o serviço altruísta, e (de modo geral) Seu egocentrismo com Sua própria sanidade? Ou seria correto falarmos sobre Seu egocentrismo (alguns chegam a tachar Sua atitude de megalomania)?

### *Para investigação posterior:*

(Do ponto de vista conservador)

Harrison, E.F. *A Short Life of Christ*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.

Stewart J. S. *The Life and Teaching of Jesus Christ*. Nashville: Abingdon, 1958.

Ridderbos, H. *The Coming of the Kingdom*. Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1962.

Vos, G. *The Self-Disclosure of Jesus*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

Andrews, S.J. *The Life of Our Lord*. Edição revisada. Edimburgo: T. & T. Clark, 1891.

Morgan, G. C. *The Crises of the Christ*. Nova Iorque: Revell, 1903.

Stalker, J. *The Life of Jesus Christ*. Nova Iorque: Revell, 1912.

(Do ponto de vista razoavelmente conservador)

Hunter, A.M. *The Work and Words of Jesus*. Filadélfia: Westminster, 1950.

Barclay, W. *Jesus as They Saw Him*. Nova Iorque: Harper, 1963.

---, *The Mind of Jesus*. Nova Iorque: Harper, 1961.

Turner H.E.W. *Jesus. Master and Lord*. 29 edição, Naperville, Illinois: Atlenson, 1954.

(Do ponto de vista liberal)

Bultmann, R. *Jesus and the Word*. Nova Iorque: Scribner's, 1960.

Bornkamm, G. *Jesus of Nazareth*. Nova Iorque: Harper, 1960.

Stauffer, E. *Jesus and His Story*. Nova Iorque: Knopf, 1960. (Até certo ponto é conservador).

Taylor, V. *The Life and Ministry of Jesus*. Nashville: Abingdon, 1955. (Conservador até certo ponto).

(Comentários não-técnicos do ponto de vista conservador)

Tasker, R.V.G. *The Gospel According to St. Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1961.

Cole, R.A. *The Gospel According to St. Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1961.

Geldenhuys, J. N. *Commentary on the Gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.  
Ellis, E.E. *The Gospel of Luke*. The Century Bible. Nova edição. Londres: Nelson, 1966.  
Tasker, R.V.G. *The Gospel According to St. John*. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.  
Barclay, W. *The Gospel of Matthew*, dois volumes, *Gospel of Mark*. *Gospel of Luke*. *Gospel of John*, dois volumes. Filadélfia: Westminster, 1957 - 1959. (Um tanto menos conservador que as obras acima).

## **CAPÍTULO 8 - Estudo Harmonístico dos Evangelhos: Os Primórdios**

Perguntas Normativas:

- De quais modos diferentes os evangelhos introduzem suas respectivas narrações da vida e do ministério de Jesus?
- Quais são os detalhes e a ordem dos acontecimentos no que diz respeito à natividade e à infância de Jesus?
- De que modo Jesus inaugurou Sua vida pública, e como Ele agiu para obter seguidores? Qual foi a natureza de Suas atividades?

### **O prólogo lucano.**

No prólogo do terceiro evangelho, Lucas aponta para o propósito que teve, ao lançar mão de material previamente compilado por testemunhas oculares, quando quis escrever uma narrativa em ordem da carreira de Jesus. Esse propósito era o de convencer a Teófilo acerca da certeza histórica do evangelho. As palavras "em ordem" deixam entrever arranjo cuidadoso, mas não necessariamente um relato cronológico em cada particularidade. *Ler Lucas 1:1-4 (§ 1)*. (Os parágrafos numerados, aqui e a partir deste ponto, referem-se ao volume de A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels*, Nova Iorque: Harper & Row, 1950. As harmonias dos evangelhos colocam em colunas paralelas os textos dos evangelhos, onde seus editores sentem que os conteúdos respectivos são paralelos. Os editores também arranjam as perícopes dentro daquela que lhes parece a ordem cronológica mais provável. A harmonia de Robertson provavelmente é a mais largamente usada. A abordagem harmonística tem sofrido detrimento por causa daqueles que vêem os evangelistas como coletores de informações indignas de confiança, pois, segundo tal perspectiva, as diferenças entre os evangelhos se originam da falsificação de informes. Ora, é inútil harmonizar entre si relatórios indignos de atenção. Porém, se os evangelhos são fidedignos, daí se segue, mui naturalmente, a abordagem harmonística; porque, nesse caso, as diferenças se devem a perspectivas complementares dentro dos relatórios. A fim de conseguirmos o quadro mais completo possível, devemos combinar os relatos (embora sem a tentativa de forçar a harmonização, onde nos faltam informações suficientes).)

### **O prólogo joanino.**

*Ler João 1:1-18 (§ 2)*. O prólogo de João é altamente teológico. Alguns eruditos pensam que originalmente se tratava de um hino, o qual passou a ser incorporado no quarto evangelho com inserções e revisões editoriais. A primeira frase, "No princípio...", faz-nos lembrar de Gênesis 1:1. A aplicação do termo "Verbo", ou "Palavra" (no grego: *Logos*) a Jesus, indica que Ele é o porta-voz de Deus, o Seu modo de comunicação, em contraste com o título divino dos helenistas, "Silêncio". A expressão "a palavra do Senhor" -, empregada no Antigo Testamento, o uso do termo "palavra" para indicar o evangelho, no Novo Testamento, a personificação da sabedoria, no Antigo Testamento e na literatura judaica do período intertestamentário, a utilização do vocábulo "palavra" nos Targums, como substitutivo para Deus, e o uso técnico de *Logos*, para indicar a Razão que governa o universo, por parte dos filósofos, como os estóicos e o judeu alexandrino Filo - alguns ou todos esses empregos provêm o pano-de-fundo do uso que João fez do termo *Logos*. (Ver seleções representativas da literatura extrabíblica, em C. K. Barret, *The New Testament Background: Selected Documents*, Nova Iorque: Harper & Row, 1956, págs. 54, 55, 61, 62, 67, 68, 183, 185, 216, 221.) Mas somente João identifica o *Logos*, de maneira absoluta, com Deus, e em seguida ousa identificar o *Logos* com um ser humano que viveu na história, Jesus.

O Verbo (ou Palavra) conserva-se em comunhão com Deus Pai ("com Deus"), e, por isso mesmo, procede Dele. Não obstante, é igual a Deus ("e o Verbo era Deus"). Ele é o Criador, e, ao vir a este mundo, tornou-se a fonte de onde manam vida espiritual e iluminação para todos os homens.

Aqueles que O recebem, por terem confiado Nele - contrastando com a maior parte de Seu próprio povo, os judeus - tornam-se filhos de Deus, não mediante a capacidade humana da procriação ("do sangue ... da vontade da carne ... da vontade do homem", versículo treze) - isto é, não em virtude da descendência física, judaica ou não - mas através de um ato do próprio Deus.

O fato que a Palavra tornou-se um ser humano ("E o Verbo se fez carne") e veio habitar (literalmente: "armou tenda") entre outros seres humanos é a doutrina da encarnação (versículo 14). Sua glória não consiste de brilho exterior, mas das excelências morais do caráter de Deus ("graça e verdade"), que Ele revelou plenamente à humanidade como somente um filho sem igual ("unigênito") poderia ter feito. João Batista (versículos 6-8,15) testemunhou sobre a superioridade de Jesus ("O que vem depois de mim, tem contudo a primazia", isto é, está revestido de hierarquia superior), devido à Sua preexistência na qualidade de *Logos* ("já existia antes de mim", isto é, no tempo e na eternidade). Na encarnação do *Logos*, pois, o Deus invisível tornou-se visível (versículo 18).

### **Genealogias.**

Os estudiosos têm sugerido várias explicações para as diferenças que há nas genealogias de Jesus em Mateus e em Lucas. (Quanto a uma pesquisa, ver a extensa nota no final da *Harmony* de Robertson, págs. 259-262.) A solução mais provável é que Lucas tenha apresentado a ascendência real de Jesus, através de Maria, Sua mãe, embora tivesse substituído o nome dela pelo de seu marido ("Era, como se cuidava, filho de José", Lucas 3:23), porquanto não era costumeiro incluir os nomes femininos nas linhagens ancestrais. Por outra parte, Mateus expõe a linhagem do pai de criação de Jesus, porquanto na sociedade judaica (e Mateus escreveu para os judeus) os direitos legais, como por exemplo a reivindicação ao trono messiânico de Davi, passava pelo pai, apesar deste ser apenas um pai de criação. Sem embargo, a verdade é que tanto José quanto Maria descendiam de Davi, e, naturalmente, de Abraão.

Contrariamente ao costume, a genealogia de Mateus inclui quatro mulheres: Tamar, uma adúltera; Raabe, uma meretriz; Rute, uma moabita, de quem facilmente se poderia por em dúvida a propriedade do apelo que ela fez a Boaz à meia-noite (Rute 3:1-14); e a esposa de Urias, Bateseba, a quem Davi seduziu. Evidentemente Mateus queria desarmar, logo de entrada, os preconceitos arrogantes contra as circunstâncias nas quais Maria deu à luz a Jesus, lembrando seus leitores judeus acerca de incidentes que envolveram mulheres em sua própria preciosa história, incidentes esses que bem poderiam lançar reparos aos olhos de pessoas de fora. Outrossim, todas aquelas quatro mulheres haviam sido gentias. A inclusão delas, nesta genealogia, aponta para o motivo da salvação universal, que figura no restante do evangelho. Na declaração de Mateus 1:16, "E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo", a palavra grega aqui traduzida por "da qual", também é feminina, podendo referir-se exclusivamente a Maria, em consonância com a doutrina do nascimento virginal. Mateus dispõe, artisticamente, a sua genealogia em três grupos de catorze gerações cada. Mas, a fim de conseguir tal efeito, ele omitiu deliberadamente três gerações alistadas no Antigo Testamento e computou Davi por duas vezes, a fim de realçar, perante seus leitores judeus, que Jesus é o Messias davídico. É possível mesmo que Mateus tenha ressaltado mais ainda o ponto, querendo que o número catorze servisse de sutil referência a Davi, porquanto, em hebraico, o valor numérico do nome Davi é catorze. *Ler Mateus 1:1-17 e Lucas 3:23-38* (§ 3).

## **NATIVIDADE E INFÂNCIA DE JESUS**

### **Anunciação a Zacarias.**

*Ler Lucas 1:5-25* (§ 4). Vinte e quatro turnos de sacerdotes serviam no templo, cada turno aproximadamente por duas semanas diferentes durante o ano. Zacarias cumpria sua tarefa no "turno de Abias". O lançamento de sortes determinava qual sacerdote individual tinha o privilégio de queimar o incenso no templo; e uma vez obtido tal privilégio, o sacerdote era vedado de dar a outro sacerdote a sua chance. Durante essa experiência que provavelmente só ocorria uma vez na vida, um anjo do Senhor anunciou a Zacarias que ele e sua esposa, Isabel, haveriam de ter um filho, o



qual viveria como nazireu ("não beberá vinho nem bebida forte"), e que prepararia o povo judeu para os tempos messiânicos. O anjo castigou a Zacarias com mudez, por causa da incredulidade deste.

### **Anunciação a Maria.**

Lucas narra a história da natividade segundo a perspectiva de Maria. O anjo Gabriel anunciou a Maria que em futuro próximo ela haveria de dar nascimento a Jesus, o Filho de Deus e rei davídico. Além disso, haveria de ter a criança em seu estado virginal, mediante o poder miraculoso do Espírito Santo. Após a partida de Gabriel, Maria foi visitar sua parenta, Isabel, na Judéia, para compartilhar com ela de seu segredo. Ali chegando, ela explodiu em um hino de louvor, intitulado depois de "O Magnificat de Maria", baseado quase inteiramente no cântico de Ana, no Antigo Testamento (vide I Samuel 2:1-10).

### **Nascimento de João Batista.**

No tempo certo, Isabel deu à luz a seu filho. Por ocasião da cerimônia da circuncisão, quando os bebês recebiam seus nomes, ao oitavo dia após o nascimento, amigos e parentes sugeriram que a criança recebesse o mesmo nome de seu pai. Os próprios progenitores, entretanto, insistiam sobre o nome "João", que significa "O Senhor é gracioso", nome mui apropriado devido à avançada idade de seus pais. Quando a mudez de Zacarias desapareceu repentinamente, ele prorrompeu em jubilosa hino, conhecido como "O Benedictus", *Ler Lucas 1:26-80* (§§ 5-8).

*Belém vista do sul, com a Praça da Manjedoura e a Igreja da Natividade. Essa era a aldeia dos antepassados tanto de José quanto de Maria.*



### **Anunciação a José.**

*Ler Mateus 1:18-25* (§ 9). O propósito de Mateus, no seu relato sobre a natividade, é apologético. Ele queria contrabalançar a calúnia judaica de que Jesus nascera como filho ilegítimo, e isso fez dando, do ponto de vista de José, um informe pormenorizado das circunstâncias que circundaram o nascimento de Jesus. Na sociedade judaica, o noivado era tão comprometedor quanto o matrimônio. Somente o divórcio ou a morte eram capazes de rompê-lo. No caso de falecimento, o

noivo restante era considerado viúvo ou viúva. Ora, José e Maria estavam noivos. Quando José descobriu que Maria estava grávida, resolveu divorciar-se dela o mais privadamente possível (isto é, com um mínimo de testemunhas legais), a fim de evitar o escândalo público. José deve ter suspeitado de infidelidade por parte de Maria; ou então, se porventura Maria já lhe tinha informado do que estava acontecendo, ele pode ter temido intrometer-se, como marido, em tão sacrossanta situação. Ou então ele não queria apresentar a si mesmo como o pai do infante divino. Quaisquer que tenham sido seu conhecimento e seus sentimentos, o fato é que um anjo do Senhor veio instruí-lo para que providenciasse o matrimônio e desse o nome de "Jesus" ("o Senhor é salvação") à criança, por que livramento de pecados haveria de ser realizado por intermédio Dele.

Mateus junta que esses acontecimentos cumpriram a profecia de Isaías acerca do nascimento virginal. A declaração de que José evitou ter contacto sexual com sua esposa, "enquanto ela não deu à luz um filho" (versículo 25) deixa entendido que Maria não continuou perpetuamente virgem. Os paralelos mitológicos, freqüentemente citados, da história do nascimento virginal de Jesus, não são paralelos autênticos, pois nesses mitos seres divinos teriam contacto sexual físico com mães em potencial. Por conseguinte, é um erro falar-se de nascimentos virginais nesses mitos. (ver J. G. Machen, *The Virgin Birth of Christ*, 2ª edição, Nova Iorque: Harper, 1932, especialmente o capítulo XIV: J. Orr, *The Virgin Birth of Christ*, Londres: Hodder & Stoughton. 1970, especialmente o capítulo VI.)

### **Nascimento de Jesus e visita dos pastores.**

*Ler Lucas 2:1-38* (§§ 10-13). Lucas encaixa o nascimento de Jesus no contexto de um recenseamento levado a efeito durante a administração de Quirínio, na Síria. Já foi costume dizer-se que Lucas atribuiu a Quirínio um período governamental bem antes do tempo correto. Mas investigações posteriores, incluindo descobertas arqueológicas, sugerem que Lucas sob hipótese alguma se equivocou. (O quadro da história secular até agora não está perfeitamente claro). José e Maria tiveram de arrolar-se em Belém, cidade de seus antepassados. Ali chegando, Maria deu à luz em uma manjedoura. Talvez a manjedoura não passasse de um lugar bem socado com os pés, em uma caverna. Anjos anunciaram o nascimento do Messias a pastores que se achavam nas cercanias de Belém, mediante um cântico, "Gloria in excelsis (Glória nas maiores alturas; isto é, louvores nos céus)..." Os pastores foram os precursores das pessoas humildes que, anos depois, haveriam de juntar-se em grande número em redor de Jesus. Mais importante que isso, porém, é que eles forneceram o ambiente apropriado para a apresentação de Jesus como um outro rei-pastor, similar a Davi.

### **Apresentação no templo.**

Passados os quarenta dias de purificação ritual de Maria, ela e José levaram o menino Jesus ao templo. Ali, Simeão e Ana, dois idosos e piedosos judeus, reconheceram, em meio a intensa felicidade, o longamente esperado Messias, na pessoa do infante Jesus. Mas Simeão soturnamente advertiu que muitos israelistas "cairiam", embora outros se "levantassem", por causa de Jesus, além do fato que algo sucederia que atravessaria o coração de Maria como se fora uma espada. Essas enigmáticas afirmações preanunciavam o ministério público e a crucificação de Jesus, o que haveria de provocar, entre os judeus, tanto a incredulidade (que conduziria à queda sob o julgamento divino) quanto a fé (que levaria à ascensão ao favor divino). A sorte determinada para Jesus também haveria de infundir tristeza a Maria.

### **A adoração dos magos.**

Em seguida, Mateus narra sua versão sobre o nascimento de Jesus. Seu propósito continua sendo apologético. Se Jesus chegou a ser reconhecido como o Messias real, por parte de gentios (os magos), então judeus também haveriam de reconhecê-Lo como tal. O fato de ter-se criado em Nazaré não servia para desqualificar a Jesus para o papel messiânico, conforme acusavam alguns judeus; pois a despeito de certas circunstâncias políticas terem feito com que Nazaré fosse o lugar de Sua criação, contudo Ele nascera realmente em Belém, exatamente conforme fora profetizado sobre o Messias.

Os magos, ou sábios, talvez fossem astrólogos persas. Os três tipos diferentes de presentes que trouxeram não subentendem, necessariamente, que os magos eram três. Não sabemos dizer qual estrela eles viram "no Oriente" (ou melhor ainda, "ao surgir no horizonte", vide Mateus 2:2,9). Pode ter sido uma conjunção de Saturno e Júpiter, o que tinha significações simbólicas bem conhecidas. Ou pode ter sido um cometa, ou um corpo luminoso miraculoso, preparado exclusivamente para aquela ocasião especial. Quando chegaram os magos, Jesus não mais estava no estábulo onde nascera, mas em uma casa. O fato que Herodes o Grande ordenou que fossem mortos os infantes de Belém, de dois anos de idade para baixo, um feito que se coaduna bem com o seu caráter, segundo nos informam fontes históricas extra-bíblicas, não dá a entender forçosamente que Jesus então já tinha quase dois anos de idade. Herodes simplesmente pode ter querido garantir uma

margem de erro. E visto que Herodes faleceu em 4 A.C., o nascimento de Jesus deve ter ocorrido antes daquele ano. (Vide a ampla nota em Robertson, Harmony, págs. 262 - 267, sobre o tempo provável do nascimento do Salvador.)

### **Fuga para o Egito.**

Mui significativamente, a história pessoal do Messias reiterou certos aspectos da história nacional de Israel: a ida para o Egito e o retorno sob a proteção divina (vide Oséias 11:1), as lamentações das mães ante a morte de seus infantes assassinados em Belém e também por causa de seus filhos exilados, por ocasião do cativeiro babilônico (vide Jeremias 31:15). *Ler Mateus 2:1-23 e Lucas 2:39 (§§ 14-16).*

### **Volta e Residência em Nazaré.**

"Ele será chamado Nazareno" (Mateus 2:23), é declaração que não ocorre em lugar algum do Antigo Testamento, mas pode referir-se ao fato que Jesus residiria em Nazaré, em cumprimento de Isaías 11:1 e outras passagens paralelas. Isaías chama Jesus de "renovo" (no hebraico: *netzer*, com o qual substantivo talvez esteja associado o termo "Nazaré"), o qual brotaria até chegar à grandeza, partindo da obscuridade da dinastia de Davi, a qual é comparada com o toco restante de uma árvore decepada. Por certo, a aldeia de Nazaré, que mais se assemelhava a um "renovo", foi um lugar

obscuro e improvável para ali crescer e ser criado o Messias-Renovo!

*Nazaré, localizada na baixa Galiléia, era a aldeia onde residiam José e Maria. Ali Jesus passou a meninice e chegou à idade adulta.*



### **Visita ao templo.**

Lucas é o único que nos relata qualquer coisa sobre a meninice de Jesus, e mesmo assim, muito pouco. Ao chegarem aos treze anos, os meninos judeus tornavam-se membros com todas as regalias da religião judaica. Ao que parece, os pais de Jesus levaram-No ao templo, quando tinha Ele doze anos de idade, a fim de familiarizá-Lo com o templo e com as festividades religiosas ali efetuadas. *Ler Lucas 2:40-52 (§§ 17-19).* A pergunta feita por Jesus: "Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?" revela que desde

cedo Ele tomou consciência de seu relacionamento ímpar com Deus Pai. Lucas conclui com uma declaração sumária de que Jesus crescia intelectualmente ("em sabedoria"), fisicamente ("estatura"), espiritualmente ("graça, diante de Deus") e socialmente ("graça, diante ... dos homens").

## **PRIMÓRDIOS DO MINISTÉRIO DE JESUS PELA PALESTINA**

### **A preparação por João Batista.**

João Batista estreou na cena pública nalgum tempo durante os poucos anos antes de 30 D.C. O mais provável é que ele não tivesse qualquer conexão com a comunidade essênica de Qumran, nas praias noroestinas do mar Morto. Alguns eruditos, porém, pensam exatamente o contrário; mas a verdade é que João parece ter sido um profeta isolado, tipo eremita, e não membro de algum agrupamento monástico. Ele pregava aos judeus a necessidade do arrependimento, em preparação para a iminente chegada do reino de Deus. Esse ministério preparatório cumpriu profecias feitas por Malaquias e Isaías. (Marcos menciona por nome apenas Isaías, o mais proeminente dentre esses dois profetas.) Na época de João, provavelmente era requerido da parte de prosélitos gentios que batizassem a si mesmos, como rito de iniciação no judaísmo; mas João exigia o batismo para judeus,

como sinal de arrependimento dos pecados. Ou, então, se o batismo de prosélitos ainda não tivesse sido adotado no judaísmo (as evidências são motivo de disputas), então João pode ter tomado por empréstimo a prática das auto-lavagens, um ritual costumeiro dos essênios, revestindo-a de nova significação. (Vide a nota de C.S. Mann em J. Munck, *The Acts of the Apostles*, revisado por W.F. Albright e C.S. Mann, Garden City: Doubleday, 1967, Págs. 281-283, e C. H. H. Scobie, *John the Baptist*, Filadélfia: Fortress, 1964, págs. 95 ss. A posição oposta se vê em H.H. Rowley, "The Baptism of John and the Qumran Sect", *New Testament Essays: Studies in Memory of T. W. Manson*, editado por A. J. B. Higgins, Manchester University Press, 1959, págs. 218-229. Sabemos que no século II D.C., se um gentio se apresentasse para ser batizado, era indagado por qual razão o fazia, por causa do anti-semitismo. Se por acaso respondesse como quem considerava indigno participar dos sofrimentos de Israel, então era instruído quanto a certos aspectos da lei mosaica. Então mergulhava por iniciativa própria na água, enquanto dois profundos conhecedores da Torah recitavam mandamentos do Antigo Testamento. Vide G. F. Moore, *Judaism*, Cambridge: Harvard, 1950, vol. I, págs. 332-335.) Qualquer que seja a teoria de sua origem, o fato é que João criara uma inovação, administrando ele mesmo o rito batismal - donde provém a expressão "batismo de João". Fariseus e saduceus hipócritas tinham vindo ao batismo, tão-somente porque queriam manter sua reputação de religiosidade. Mas João comparou-os a serpentes que fugiam de diante do incêndio em um capinzal.

Demonstrando seu interesse pelos problemas sociais, Lucas cita a admoestação feita por João, perante as multidões, no sentido que arrepender-se significava compartilhar com os necessitados, que para os cobradores de impostos arrependimento equivalia à honestidade, e que para os militares o arrependimento era idêntico à gentileza no trato e ao contentamento com o soldo recebido. Porém, a mensagem escatológica mais profunda de João é que estava prestes a entrarem cena uma figura maior ainda que ele, alguém que haveria de batizar os penitentes, comparáveis ao trigo, com o Espírito Santo, ao passo que os impenitentes, comparáveis à palha, seriam batizados com o fogo do julgamento. O trigo era pisado em uma eira, com o fito de separar o grão da palha, e então era padejado no ar, a fim de que a palha se separasse do grão; e então a palha era varrida para um lado e o montículo era lançado ao fogo. O grão limpo era então guardado em um celeiro. *Ler Marcos 1:1-8; Mateus 2:1-12 e Lucas 3:1-18 (§§ 20-23).*

O Rio Jordão perto da área de Jericó, pouco antes de desaguar no Mar Morto, mais ao sul.



## Batismo de Jesus.

O batismo de Jesus assinalou Sua entrada na vida pública. O batismo ministrado por João ordinariamente simbolizava o arrependimento do pecado. Mas, visto Jesus não ter pecado, Seu batismo postulou um problema. João protestou, dizendo que os papéis deveriam ser invertidos, de tal maneira que Jesus o batizasse com o Espírito Santo. Mas Jesus insistiu em deixar-se batizar por ele, pelo menos por dois motivos: (1) Ele precisava

identificar-se com a humanidade pecaminosa, que viera salvar; e (2) Seu sepultamento batismal na água, e Sua saída da mesma, haveriam de dramatizar Sua vindoura morte, sepultamento e ressurreição. *Ler Marcos 1:9-11; Mateus 3:13-17 e Lucas 3:21-23 (§ 24).*

Todos os três membros da Trindade participaram da cena batismal de Jesus: o filho submeteu-se ao batismo; o Pai O identificou; e o Espírito O ungiu para Sua tarefa oficial. As palavras ditas pelo Pai procedem do Antigo Testamento, identificando a Jesus tanto como o Messias davídico

("Tu és o meu Filho amado", declaração extraída de Salmos 2:7, um salmo real) quanto como o Servo do Senhor ("em ti me comprazo", declaração extraída de Isaías 42:1, um dos "cânticos do Servo", na última porção do livro de Isaías).

### **A tentação.**

Ler *Marcos 1:12,13; Mateus 4:1-11 e Lucas 4:1-13* (§ 25). A tentação de Jesus consistiu de um teste para qualificá-Lo a levar os pecados alheios, resistindo Ele mesmo ao pecado. O primeiro Adão sucumbiu sob as mais favoráveis condições. Cristo, o último Adão, resistiu sob as piores condições. Tal como na narrativa da Queda, Satanás foi o tentador. ("Satanás" é termo hebraico equivalente ao vocábulo grego "diabo" (*diabolos*). Ambos os termos significam "acusador".) As tentações podem ter sido internas e mentais, externa e literais, ou podem ter sido a combinação dos dois tipos.



Área típica do Deserto da Judéia, a leste de Belém.

A introdução às duas primeiras tentações: "Se és Filho de Deus", foi uma tentativa para fazer Jesus duvidar da voz certificadora, quando de Seu batismo: "Este é o meu Filho amado..." As sugestões no sentido que Ele transformasse as pedras em pães, e que saltasse no vácuo desde o pináculo do templo (ou então desde a sacada do templo), ou mesmo da beirada da área do templo, para verificar se Deus enviaria anjos que O amparassem no meio da

queda, tinham por intuito impelir Jesus a testar aquela palavra de garantia que Lhe fora dirigida quando de Seu batismo. Na terceira tentação, "Tudo isto [a saber, os reinos e o seu fausto] te darei se, prostrado, me adorares", Satanás tinha por alvo persuadir a Jesus a conquistar Seu destino como governante messiânico do mundo através do repúdio à cruz. Mas de cada vez Jesus enfrentou as tentações com uma citação extraída de Deuteronômio, atinente aos testes a que Israel foi sujeitado no deserto. É digno de nota, entretanto, que Satanás também citou Escrituras para as suas próprias finalidades. E nos pontos onde Israel, a nação, fracassou diante do teste, Jesus, o israelita ideal, foi aprovado plenamente.

Lucas reverte a ordem entre a segunda e a terceira tentações, aparentemente para dar uma ênfase climática à tentação que ocorreu em Jerusalém; pois através de toda a obra lucana de Lucas-Atos, Jerusalém aparece como palco central da história da redenção, o alvo na direção do qual Jesus se movimentava, conforme o evangelho de Lucas, e a base de operações de onde os cristãos fizeram propagar-se o evangelho, conforme o livro de Atos. Assim sendo, a ordem, de tentações seguida por Mateus é cronológica, e aquela por Lucas é por tópicos.

### **Testemunho de João Batista sobre Jesus.**

Certos líderes judeus enviaram uma delegação a fim de indagar de João Batista se ele era o Cristo, ou Elias (que teria retornado para preparar Israel para o dia do Senhor, em consonância com Malaquias 4:5) ou se era algum outro grande profeta, conforme se esperava que surgisse nos últimos tempos. (Os judeus aguardavam o aparecimento de determinada variedade de personagens escatológicas). João, entretanto, negou todas as identificações que Lhe foram propostas, embora houvesse asseverado ser a voz que clamava a fim de preparar o caminho do Senhor (vide Isaías

40:3). E também deixou claro que alguém maior do que ele mesmo já se encontrava no palco dos acontecimentos. *Ler João 1:19-34* (§§ 26,27). João foi capaz de proclamar a Jesus como o cordeiro sacrificial de Deus que viera remover o pecado do mundo, por causa da divina identificação de Jesus, por ocasião da descida do Espírito Santo, ao ser Ele batizado. A narrativa de Mateus já havia informado previamente que antes mesmo do ato do batismo, João já tinha reconhecido a identidade de Jesus como o Messias, porquanto entendera que Ele não precisava ser batizado como sinal de Seu arrependimento do pecado. O quarto evangelho meramente indica que João não reconhecera Jesus antes dessa ocasião, e que a descida do Espírito confirmou a intuição de João de que Jesus era aquele que batiza no Espírito Santo (1:31-34).

### **Primeiros discípulos.**

Na narrativa que se segue, dois dos discípulos de João começam a seguir a Jesus. Esses dois eram André e um discípulo cujo nome não é desvendado provavelmente, o apóstolo João, o qual, na qualidade de autor, refreia-se de mencionar seu próprio nome. André conduziu a seu irmão Simão até à presença de Jesus. Jesus então revelou que Simão haveria de ser conhecido como "Cefas" (em aramaico) ou "Pedro" (em grego). A tradução portuguesa de ambos esses termos é "rocha" ou "seixo". Ato contínuo, Jesus convocou a Filipe. Filipe por sua vez, trouxe a Natanael, o qual, por ser nativo de Caná da Galiléia, expressou seu ceticismo de que algo de bom pudesse originar-se na aldeia rival e vizinha de Nazaré. Mas Jesus elogiou a Natanael por sua honestidade, e assegurou-lhe que, por fim, ele veria a Jesus como o exaltado Filho do homem, servido pelos anjos, nos céus. (As interpretações alternativas de João 1:51 dizem que Jesus tornar-se-ia a linha de comunicação entre os céus e a terra, como a escada de Jacó (vide Gênesis 28:12), ou que o Pai, nos céus, entraria em contato com o Filho do Homem, na terra.) *Ler João 1:35-51* (§ 28).

### **O Primeiro milagre.**

João apresenta-nos a transformação da água em vinho, em Caná, como um sinal que simboliza que a mensagem e a realização remidoras de Jesus, retratadas pelo vinho produzido por Jesus, ultrapassam ao que é produzido pelo judaísmo, retratado pelo "água benta" usada nos rituais de purificação dos judeus. Terminara o suprimento de vinho original, durante as bodas, que se prolongavam por uma semana. Ao ser informado dessa falha, por Sua mãe, Jesus, cortês ("Mulher" não era então um tratamento rude, conforme parece ser na nossa tradução portuguesa) mas decisivamente deu a entender que, embora Ele pudesse remediar a situação, não o faria em face da sugestão dela. A única razão válida para a realização de um milagre seria se isso estivesse em harmonia com o plano de ação traçado pelo Pai, e que conduzia à "hora" de Jesus, à semana culminante de Sua morte e ressurreição. (Vide João 7:30; 8:20; 12:23,27; 13:1 e 17:1.) As seis talhas de pedra tinham cerca de 75 l de capacidade cada uma. O mestre de cerimônias (intitulado no relato bíblico "mestre-sala"), entre admirado e escarninho, observou um tanto cruamente que embora a maioria dos hospedeiros só servisse o vinho inferior após os convivas já se terem embebedado, não podendo mais distinguir a diferença de qualidade entre vinhos, aquele hospedeiro havia reservado vinho superior exatamente para o fim. *Ler João 1:1-12* (§§ 29,30).

### **EXCURSO SOBRE MILAGRES DO EVANGELHO**

O primeiro milagre de Jesus levanta a questão do sobrenatural, ao que o moderno homem "científico" com freqüência objeta. Todavia, se realmente existe um Deus que tem atuado na história, mormente revelando a Si mesmo através de Jesus Cristo, de que outra maneira poderíamos esperar que Ele agisse, senão de modo sobrenatural? Se Deus não tivesse atuado assim, bem poderíamos frisar a ausência de evidências históricas que comprovem que Deus estava, realmente, operando. Nada é mais natural, para um *Deus* que revela a Si mesmo, do que Ele tê-lo feito sob formas extraordinárias, para que pudéssemos reconhecê-Lo. O próprio fato que outras religiões, com freqüência, afirmam entrar no sobrenatural comprova que os homens realmente esperam que o divino se manifeste dessa maneira.

Uma atitude verdadeiramente científica manterá aberta a possibilidade do sobrenatural e submeterá a teste eventos extraordinários referidos na história passada, mediante indagações

perscrutadoras. Houve testemunhas oculares? Nesse caso, o número delas foi suficiente, e o caráter e a inteligência delas eram dignos de confiança? Quão tenazmente elas se aferraram a seu testemunho, mesmo sob pressão? Existem antigos registros escritos, ou somente registros feitos longo tempo depois, quando a mitologia pode ter invadido a tradição oral? Perguntas como essas situam as reivindicações do sobrenatural, apresentadas por outras religiões, em precária situação, ao passo que as reivindicações do cristianismo são postas sob luz favorável. No caso da carreira de Jesus, houve muitíssimas testemunhas oculares. Aqueles que se aliaram a Jesus sofreram espontaneamente o ostracismo, a tortura e mesmo a morte, por causa do que proclamaram a respeito Dele - e continuaram sentindo-se constrangidos a prosseguirem sua proclamação, mesmo tendo de pagar tal preço. No entanto, poderiam ter preservado a própria vida se tivessem admitido falsidade em seu testemunho sobre Jesus, ou mesmo se ao menos tivessem feito cessar o seu testemunho.

Outrossim, os registros sobre o ministério de Jesus começaram a ser escritos ainda bem dentro do meio século depois da vida terrena de Cristo. O período de tempo que se passara era curto por demais para permitir excrescências mitológicas, especialmente ante a influência refreadora de testemunhas oculares amigáveis e contrárias. A própria extravagância das narrativas, de um ponto de vista naturalista, torna improvável que elas tenham sido inventadas ou toleradas durante aqueles anos em que ainda viviam as testemunhas oculares. (Acerca dos milagres dos apóstolos, Paulo não teria ousado apelar para os milagres que ele fizera entre os gálatas, como um argumento, se nunca o tivessem visto fazer qualquer milagre (vide Gálatas 3:4).) Dessa forma, as reivindicações de outras religiões quanto ao miraculoso sob hipótese alguma solapam reivindicações similares do cristianismo, quando ambas essas reivindicações são testadas pelos instrumentos da pesquisa histórica, estando nós com a mente receptiva. Pelo contrário, isso demonstra o que os homens esperam e têm o direito de esperar da parte de Deus, a saber, que Ele se revela de maneira não usual. (Vide ainda C. S. Lewis, *Miracles*, Nova Iorque: Macmillan, 1947; e quanto a discussões mais técnicas, E. L. Mascall, *The Secularization of Christianity*, Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1966; H. van der Loos, *The Miracles of Jesus*, Leiden: Brill, 1965, págs. 3-113.)

### **Purificação do templo.**

*Ler João 2:13-22* (§ 31). (Os evangelhos sinópticos situam uma purificação do templo nos estágios finais do ministério de Jesus. Muitos eruditos sentem que ou aqueles ou João alteraram a ordem cronológica por razões tópicas. Por outra parte, não é inconcebível que Jesus tivesse iniciado o Seu ministério com um protesto contra o oficialismo corrupto do templo, para servir de desafio ao arrependimento, tendo feito outro protesto, antes de Sua paixão, como previsão da destruição divinamente punitiva, que haveria de sobrevir em 70 D.C.) A cena de fundo da purificação do templo por Jesus foi o fato que animais e aves para os holocaustos estavam sendo vendidos na área do templo para benefício de peregrinos que não pudessem trazer consigo ditos sacrifícios, por terem vindo de longas distâncias. Os cambistas trocavam moedas estrangeiras por judaicas, a fim de que os peregrinos provenientes de outros países pudessem comprar os citados animais. Jesus fazia objeções ao comercialismo nos recintos sagrados. E também parece que tanto os preços como as taxas de câmbio eram exorbitantes. Anás, o sumo sacerdote emérito, controlava tais negócios. A população, de modo geral, provavelmente simpaticizava com o ato de Jesus, em oposição às cúpidas autoridades do templo. A declaração de Cristo, acerca do levantamento do templo destruído, no espaço de três dias, aludia, de maneira enigmática, à ressurreição de Seu corpo, além de deixar entendido que agora o verdadeiro templo, o centro de adoração, era o próprio Jesus. Sua presença deixava obsoleta aquela edificação em Jerusalém, tal como o fato que Ele expulsou os animais para os sacrifícios simbolizava que estes tornar-se-iam inúteis, porquanto já se aproximava o tempo em que Ele morreria como o sacrifício final de Deus.

Estando ainda em Jerusalém para a celebração da páscoa, Jesus obteve discípulos realizando milagres. Como lhe era costumeiro, João chama tais milagres de "sinais". Porém, tendo reconhecido a superficialidade da fé que não progride para além da observação de prodígios, Jesus recusou-se a ser envolvido em algum movimento messiânico popular. *Ler João 2:23 - 3.21* (§ 32).

### **Nicodemos e o novo nascimento.**

A descrição de Nicodemos como "um dos principais dos judeus" significa que ele era membro do Sinédrio. Ele viera conversar com Jesus à noite, ao invés de fazê-lo durante as horas do dia,

provavelmente por temer danificar sua reputação. A declaração que ele proferiu, no sentido de ser Jesus um "Mestre vindo da parte de Deus" (3:2), estabelece o contraste de Jesus como operador de milagres com os teólogos puramente acadêmicos, que saíam das escolas rabínicas. E a réplica dada por Jesus, de que a pessoa deve "nascer de novo", deu a entender a insuficiência da fé somente em milagres. A fé salvática deve forçosamente envolver a entrega moral e espiritual mais profunda, que efetue uma renovação comparável a um novo começo de vida, com uma nova natureza, outorgada desde os céus, lá no alto. Somente então é que um indivíduo pode ver e entrar no reino de Deus. De modo preliminar, entretanto, agora mesmo o crente começa a desfrutar da vida eterna que faz parte do governo divino.

Por si mesma, a fé não produz renovação espiritual. Antes, no momento da fé genuína em Jesus Cristo, o Espírito Santo purifica o coração. ("Nascer da água e do Espírito" simplesmente alude à operação purificadora do Espírito, na regeneração. Comparar com Tito 3:5 e Ezequiel 36:25-27. Era com base naquele trecho de Ezequiel, e na comparação rabínica entre um prosélito e uma criança recém-nascida que Jesus esperava que Nicodemos compreendesse as Suas palavras. Ver os comentários, quanto a outras interpretações, as quais equiparam a água com o batismo, com o nascimento natural, com o próprio Espírito ou com a Palavra.) Jesus compara as operações invisíveis do Espírito ao vento. O vento mesmo não pode ser visto, mas seus efeitos são perfeitamente evidentes. Ao estabelecer a comparação, Jesus estava criando um jogo de palavras, ante o duplo sentido do termo usado, o qual significava tanto "vento" quanto "espírito". A obra renovadora do Espírito se fundamenta sobre a descida de Jesus, desde os céus, e sobre Sua ascensão de volta aos céus, por meio da cruz. Nesta altura, Jesus compara Sua vindoura crucificação com a ocasião em que Moisés levantou a serpente no deserto (3:13,14; vide Números 21:8,9).

### **João Batista e Jesus.**

Por algum tempo, Jesus levou a efeito um ministério de batismo, através de Seus discípulos. Ele não administrava pessoalmente o rito. E quando João Batista ouviu a notícia sobre essa atividade aparentemente rival, proferiu um retumbante elogio a Jesus, no qual comparou Jesus a um noivo, ao passo que ele mesmo seria apenas o padrinho ("o amigo do noivo"). Segundo os costumes judaicos, o padrinho se encarregava dos preparativos para as bodas, da parte do noivo. João também contrastou a sua própria origem terrena com a origem celestial de Jesus. *Ler João 3:22 - 4.4; Lucas 3:19,20; Marcos 1:14; Mateus 4:12 e Lucas 4:14 (§§ 33 e 34).*

### **A mulher samaritana.**

*Ler João 4:5-42 (§ 35).* Alguns afirmam que, na história da conversa que houve entre Jesus e a mulher samaritana, a "hora sexta" (versículo 6) seria o meio-dia (de acordo com o cômputo judaico, que contava as horas a partir da alvorada e a partir do pôr-do-sol). O mais provável, entretanto, é que João tivesse empregado o cômputo romano (igual ao moderno), que contava as horas a partir da meia-noite e a partir do meio-dia. Nesse caso, seria seis horas da tarde. (João 1:39, nesse caso, significa que os primeiros discípulos se encontraram com Jesus as dez horas da manhã, o que forma base mais natural para afirmativa que "ficaram com ele aquele dia", do que se tivessem tido esse encontro as dezesseis horas. Neste ponto do evangelho de João, seis horas da tarde é melhor que o meio-dia, porque as mulheres costumavam tirar água do poço ao cair da tarde, e não sob o calor do meio-dia. Aquela mulher não haveria de ter tido o pejo de evitar outras mulheres, vindo ao poço em horário irregular. Por igual modo, em João 4:52, a "hora sétima", compreendida como as sete da noite, e não como uma hora da tarde, se adapta melhor a circunstância do nobre ter feito uma caminhada de trinta e poucos quilômetros, ou seja, a jornada de um dia inteiro, de Cafarnaum a Caná. Em João 19:14, se tomamos a "hora sexta" como seis horas da manhã (segundo cômputo romano), e não como meio-dia (cômputo judaico), isso se harmonizará com as indicações dos evangelhos sinópticos acerca do tempo da crucificação de Jesus. E, em João 20:19, lemos sobre o cair da tarde do primeiro domingo de Páscoa, como a tarde "do primeiro dia da semana": sem dúvida foi usado o método romano, pois, de acordo com o cômputo judaico, aquela tarde já era o começo do dia seguinte, ou seja, o segundo dia da semana (pois cada novo dia começava ao pôr-do-sol, segundo os judeus.) A mulher samaritana se sentiu profundamente admirada que Jesus, sendo judeu, pedia de beber de uma pessoa samaritana, "por que os judeus não se dão com os samaritanos", conforme ajunta os versículo nono. Jesus esclareceu que Ele poderia dar-lhe da "água viva". Mas ela pensou que se tratava da água corrente de algum córrego ou poço artesiano, em contraste com a água parada de um poço. Então Jesus explicou que a água que Ele daria, capaz de satisfazer permanentemente a sede, resultaria em vida eterna (versículo 14). Ainda entendendo a Jesus conforme um prisma



materialista, ela chegou a pensar que Ele se referia a um líquido literal, dotado de poder mágico de satisfazer à sede física.



Em Samaria, vista do poço de Jacó, na direção do monte Ebal.

Jesus então mudou o tópico da conversa para a sórdida vida que ela levava. Imediatamente, reconhecendo o discernimento profético de Jesus, ela perguntou se o lugar certo de adoração seria o monte Gerizim, nas proximidades, onde jazia em ruínas o templo samaritano, ou se seria Jerusalém, onde se erguia o templo dos judeus. Jesus deixou claro que os judeus tinham estado com a razão até aquela data,

mas que já chegara a hora dos verdadeiros adoradores de Deus se desvencilharem de formas externas, como as cerimônias em templo. Agora esses adoradores deveriam adorar "em espírito e em verdade". Tal expressão nada tem a ver com a sinceridade, pois se tratava de uma maneira velada de dizer que os homens só podem aproximar-se de Deus através do próprio Jesus, o doador do Espírito (o que é simbolizado pela água transmissora de vida; comparar com 7:37-39), sendo Ele mesmo a Verdade, aquele que revela a Deus com perfeição (comparar com 14:6). Ato contínuo, Jesus identificou-se ante a mulher samaritana como o Messias. A mulher confiou Nele, e exerceu sua influência pessoal para que outros habitantes da aldeia também cressem em Jesus.

*Para discussão posterior.*

- Quais termos modernos, ao invés de "Verbo" (ou Palavra), João poderia ter usado para designar a Jesus como aquele que comunica Deus ao homem?
- De quais fontes informativas Mateus e Lucas devem ter respigado suas informações acerca do nascimento de Jesus? Como vieram eles a ter conhecimento de detalhes da tentação de Jesus?
- Compare João Batista e sua mensagem com a seita essênica de Qumran e suas crenças (ver as páginas 133 e 134).
- Como teria sido possível que o divino Filho de Deus houvesse sido tentado genuinamente?
- Analise a psicologia envolvida no modo pelo qual Jesus tratou com a mulher samaritana.
- Pode o método científico relegar a uniformidade da natureza e a analogia dos acontecimentos, a fim de abrir espaço para os milagres?

## **CAPÍTULO 9 - O Grande Ministério Galileu**

*Perguntas Normativas:*

- Como foi que Jesus obteve popularidade entre as multidões, para então perdê-la?
- Por que surgiram tensões entre Jesus e os líderes judeus, e em torno de quais pontos?
- Quais foram as reações de Jesus ante Sua fama e o posterior declínio de Sua popularidade?
- De que maneira foi Ele desenvolvendo as linhas mestras de Seu ensino, conforme foi progredindo o Seu ministério?

**Para a Galiléia e uma cura.**

*Ler Marcos 1:14, 15; Mateus 4:13-17; Lucas 4:14,15 e João 4:43-54 (§§ 36-38, 40 (§ 39, na Harmony de Robertson, provavelmente deva ser equiparado a § 69. Lucas destacou a rejeição de Jesus em Nazaré como um protótipo da Sua rejeição algures. Assim, Lucas arranjou aqui seu material por tópicos, e não cronologicamente.)).*

Na qualidade de Messias judaico, Jesus teria sido supremamente honrado em Jerusalém, o centro religioso do judaísmo. No entanto, "um profeta não é honrado em sua própria terra". Em conseqüência, Jesus retornou à Galiléia e fez de Cafarnaum a Sua base de atividades. Em Caná Ele curou o filho de um nobre, à distância, com o poder exclusivo de Sua palavra. Foi preciso profunda fé para o nobre ter-se aproximado de Jesus, rogando-lhe tal favor, e foi necessária fé maior ainda para partir, crendo que seu filho fora curado.

### **Os Primeiros discípulos.**

*Ler Marcos 1:16-20; Mateus 4:18-22 e Lucas 5:1-11* (§ 41). A narrativa de Lucas difere da dos outros dois evangelhos sinópticos, podendo ter retratado um terceiro passo, posterior, tendente a um discipulado de tempo integral. No primeiro capítulo de João já fora indicado que havia um conhecimento preliminar de Jesus da parte de André, João (por inferência) e Simão Pedro, conhecimento esse que explica por que agora se dispuseram a abandonar sua profissão de pescadores, a fim de seguirem a Jesus. A isso devemos adicionar o fato que Tiago e João eram meio-primos de Jesus (comparar com Marcos 15:40; 16:1; Mateus 27:56 e João 19:25, juntamente com comentários que falem a respeito desses trechos).



O Local de Cafarnaum, nas margens noroeste do Mar da Galiléia.

### **Doutrinações, Curas e exorcismos.**

Os escribas apelavam continuamente às tradições rabínicas. Em contraste com isso, o tom autoritativo do ensino de Jesus e o fato que Ele expulsava os demônios com grande poder impressionavam às multidões. *Ler Marcos 1:21-39; Lucas 4:31-44; Mateus 4:23-25; 8:14-17* (§§ 42-44). Após ter curado a sogra de Pedro, Jesus curou a muitas outras pessoas enfermas e expeliu demônios após o pôr-do-sol, porquanto era então que

terminava o dia de sábado, e as pessoas podiam transportar os seus parentes e amigos afligidos até à presença de Jesus, sem desobedecerem à proibição de se trabalhar no sábado. As caracterizações gerais do ministério de Jesus na Galiléia davam ênfase não somente ao ensino e à prédica, mas também à realização de milagres e aos exorcismos (termo técnico que indica a expulsão de demônios). Curas, ressurreições e exorcismos representam a invasão do reino de Deus, em seus estágios preliminares, sobre o reino de Satanás, preanunciando a derrocada deste. O reino de Satanás, nesse caso, é representado pelas enfermidades, pela morte e pelo demonismo.

### **A purificação de um leproso.**

Sendo párias da sociedade, os leprosos eram vedados de entrar em qualquer cidade murada, e tinham de gritar "Imundo!", a fim de que ninguém se aproximasse deles. *Ler Marcos 1:40-45; Mateus 8:1-4; Lucas 5:12-16* (§ 45). A lei mosaica proibia que se tocasse em um leproso; mas, quando Jesus tocou no leproso, não contraiu a imundícia deste. Pelo contrário, a pureza de Jesus limpou a lepra. Em seguida, Jesus ordenou ao leproso que realizasse o rito prescrito, a fim de que todos tivessem a certeza de que ele estava apto a reingressar na sociedade. E talvez Jesus também quisesse dar a entender que, na realidade, não se opunha aos preceitos mosaicos.

## Um parálítico é perdoado e curado.

Uma outra narrativa de cura frisa o poder de Jesus para perdoar pecados, tanto quanto para curar. *Ler Marcos 2:1-12; Mateus 9:1-8; Lucas 5:17-26* (§ 46). Visto que as coberturas das casas eram feitas de barro amassado, lançado sobre uma teia de ripas e ramos, era questão relativamente simples cavar uma perfuração sobre o lugar onde Jesus se encontrava. Segundo o evangelho de Lucas, parece que primeiramente tiveram de ser removidas algumas telhas, e assim, ao que parece, Lucas fez uma "tradução cultural", das típicas residências palestinas com cobertura de barro para as coberturas de telhas, muito mais comuns em outras regiões do império romano, visando ao benefício de seus leitores.

## Chamamento de Mateus-Levi

Levi e Mateus eram nomes alternados do mesmo indivíduo. *Ler Marcos 2:13-17; Mateus 9:9-13; Lucas 5:27-32* (§ 47). Por ocasião da refeição oferecida por Levi, o fato que Jesus se relacionou socialmente com os desprezados cobradores de impostos e com os "pescadores" (os quais eram lassos na sua observância dos preceitos mosaicos e rabínicos), estabeleceu um violento contraste com a atitude indiferente e de justiça-própria que caracterizava os fariseus, bem como com o isolacionismo dos sectaristas de Qumran, que produziram os Papiros do Mar Morto.

## A questão do jejum.

*Ler Marcos 2:18-22; Mateus 9:14-17; Lucas 5:33-39* (§ 48). Ao defender os Seus discípulos, por não jejuarem, Jesus comparou o Seu ministério às bodas messiânicas que eram aguardadas pelos judeus. As festas de casamento são ocasiões festivas. É impróprio para convivas de uma festa assim não se alimentarem, em sinal de lamentação. Em seguida, Jesus comparou a incompatibilidade entre uma peça de roupa velha e um pedaço de pano não previamente encolhido (pois este retira da roupa velha um pedaço maior, tornando-se maior a rasgadura, quando a roupa é lavada e o material novo encolhe!) e também entre odres velhos e vinho novo; pois neste último caso os odres já foram esticados ao máximo, ação dos gases formados, e o vinho novo, mediante a fermentação, faz os odres já usados estourarem sob a pressão.



O tanque de Betesda, escavado em Jerusalém, revela a profundidade de depósitos acumulados desde os dias de Cristo.

## Cura do parálítico no banquete de Betesda.

*Ler João 5:1-47* (§ 49). A festividade cujo nome não é esclarecido, e que foi o meio-ambiente no qual Jesus curou o aleijado em dia de sábado, pode ter sido a páscoa (vide os comentários). Os arqueólogos têm escavado o que quase certamente foi o tanque de Betesda, (ou Betzata ou Betsaida) com cinco alpendres.

Os mais antigos manuscritos omitem a explicação que aparece nos versículos 3b e 4, sobre um anjo que periodicamente viria agitar as águas. Os

preceitos rabínicos permitiam a um médico tratar de uma enfermidade em dia de sábado, somente

quando a vida do doente corria risco, pelo que a cura de um aleijão, bem como o ato de carregar um colchão ("leito"), constituíam quebras sérias dos preceitos rabínicos. Mas Jesus defendeu o Seu ato ao associar tal cura com a obra de Deus Pai, o qual sustenta a criação, obra essa que, diferentemente da criação, jamais cessara, mesmo em dia de sábado (versículo 17). Essa íntima associação com Deus soou como uma blasfêmia para os judeus (versículo 18). Porém, longe de ceder a eles, Jesus passou a reivindicar a posse de completo conhecimento das atividades do Pai e de total autoridade da parte do Pai, para doar a vida eterna e para julgar a humanidade. Jesus tanto outorga vida aos que estão espiritualmente mortos (versículos 24 e 25) como também ressuscitará os fisicamente mortos, no último dia (versículos 28 e 29). Ao reivindicar a autoridade de julgar à raça humana, na posição de Filho do homem, Jesus alicerçou-se sobre a visão do sétimo capítulo do livro e Daniel, identificando-se com o super-humano Filho do homem proveniente dos céus, a quem o Ancião de Dias (Deus) dera autoridade para julgar a todos os homens. Jesus admitiu que, de conformidade com as leis judaicas e romanas, Sua própria palavra seria considerada inadmissível em tribunal, em apoio às Suas próprias reivindicações (versículo 31). Mas João Batista havia testificado a Seu favor. E ainda mais convincente era a evidência formada pelos milagres que Deus permitia a Jesus realizar, além do testemunho dado pelo próprio Pai, provavelmente Sua voz no coração do crente, e que serve de garantia a este (versículos 32-37). Acresça-se a isso que, se os judeus houvessem dado ouvidos às suas próprias Escrituras, nas quais tanto confiavam, teriam reconhecido ser Jesus aquele que cumpria as profecias messiânicas.



Um campo de trigo pronto para a ceifa, no vale de Dotã, cerca de 21 km ao norte de Siquém.

### Controvérsias sobre o Sábado.

*Ler Marcos 2:23-28; Mateus 12:1-8; Lucas 6:1-5 (§ 50).* Os discípulos iam colhendo espigas, enquanto percorriam os campos plantados, não porque quisessem antagonizar aos fariseus, mas por estarem genuinamente famintos. O trecho de Deuteronômio 23:25 permitia tal prática. Assim sendo, a acusação lançada contra eles não foi a de que estivessem roubando, e, sim, a de que estavam trabalhando no sábado, quando esfregavam o

grão nas mãos, para separarem o grão limpo da palha (trabalho de eira!). Defendendo uma vez mais os Seus discípulos, Jesus apelou para o episódio no qual Davi e seus homens comeram dos pães da apresentação, o que não era legítimo (vide I Samuel 21:16). Isso provava que as necessidades humanas tomam precedência acima de minúcias técnicas legais. A ilustração era ainda mais pertinente porque Davi comera dos pães da proposição em dia de sábado, de conformidade com a tradição rabínica. E Jesus também apelou para o fato que a própria lei determinava os sacerdotes que quebrassem o sábado, ao queimarem incenso, ao trocarem os pães da apresentação e ao oferecerem um duplo holocausto (vide Número 28:9,10). Ora, se Davi e os sacerdotes podiam

desprezar as proibições sabáticas, e ficar sem culpa, por causa de questões mais importantes, quanto maior é o Filho do homem, juntamente com aqueles que com Ele se associavam!

Ainda, uma outra controvérsia em torno do sábado terminou com os fariseus e herodianos juntando as forças, ficando então arquitetada por eles a remoção de Jesus. Normalmente, os fariseus eram adversários daqueles apoiadores da família de Herodes, para que esta se mantivesse no poder; e os herodianos provinham principalmente do grupo dos saduceus. Mas agora, o ódio comum que votavam a Jesus, levou-os a se unificarem. *Ler Marcos 3:1-6; Mateus 12:9-14; Lucas 6:6-11* (§ 51).

### Retirada.

*Ler Marcos 3:7-12 e Mateus 12:15-21* (§ 52). Marcos indica que vinham ver Jesus pessoas provenientes de regiões tão ao sul quanto a Iduméia e de regiões tão ao norte quanto Tiro e Sidom (vide o mapa). Mateus relata como Jesus se retirou dentre as multidões, por evitar a publicidade, em consonância com a predição de Isaías, de que o Servo do Senhor não procuraria publicidade para Si mesmo.

### A escolha dos Doze.

*Ler Marcos 3:13-19 e Lucas 6:12-16* (§ 53). Os doze discípulos a quem Jesus escolhera, após uma noite passada em oração, tornaram-se o núcleo de um novo povo de Deus, a Igreja. O número desses discípulos correspondia aos doze patriarcas (filhos de Jacó), de quem descendiam as tribos de Israel. O vocábulo *apóstolo*, usado por Lucas, dá a entender alguém enviado com autoridade delegada para representar aquele que o enviou.



Os Chifres de Hatim (*Jebel Hatim*), para quem olha na direção do Mar da Galiléia. Esse sítio tradicional do Sermão da Montanha, é geralmente conhecido por monte das Bem-aventuranças.

### Sermão da Montanha.

Em sua narrativa sobre o sermão da Montanha, Mateus pinta a Jesus como o novo Moisés. que subiu a um monte a fim de promulgar a nova lei, tal e qual Moisés entregou ao povo a lei do Antigo Testamento, estando ele no monte Sinai. No sermão da Montanha, Jesus interpretou espiritualmente os princípios inalteráveis da lei divina, os quais já estavam incorporados na legislação mosaica. Cristo omitiu a maior parte dos elementos cerimoniais da

lei mosaica, embora a menção da oferta sobre o "altar" (vide Mateus 5:23,24) deixe entrever a natureza transitória do período durante o qual Ele pregou o Seu sermão. A era antiga estava moribunda; elementos distintivamente mosaicos, portanto, ficam ausentes de modo geral. A nova era estava raiando; e Jesus, por isso mesmo, promulgava as justas exigências divinas para o novo povo de Deus, os Seus discípulos.

Lucas indica que Jesus discursou em um "lugar plano", na vertente de um monte, onde pudera reunir-se uma multidão. Alternativamente, Lucas antecipa o que sucedeu somente depois do sermão ter sido proferido, ao dizer que Jesus desceu e se colocou em um lugar plano (6:17-19), e em seguida Lucas retrocede um pouco, a fim de registrar o sermão que Jesus proferiu antes de haver descido. (A seqüência cronológica nem sempre é a principal consideração em qualquer dos evangelhos). Lucas omite algumas das questões destacadamente judaicas, que aparecem em

Mateus. E Mateus inseriu declarações que Jesus asseverou noutras ocasiões, em lugares apropriados do sermão da Montanha.

### **As Bem-aventuranças.**

"Bem-aventurados (felizes) os..." significa "Congratulações a ...!" Essa forma de declaração passou a ser conhecida pelo nome de "bem-aventurança". Lucas também deixou registrada uma série de ais, que contrabalançam as bem-aventuranças. *Ler Mateus 5:1-20; Lucas 6:17-26* (§ 54, a introdução e sub-seções 1 e 2). Usualmente se pensa que, ao chamar a Seus discípulos de "o sal da terra", Jesus se referia às qualidades preservativas, e, por conseguinte, doadoras de vida, do sal. Porém, Ele poderia ter tido em mente o emprego de certas variedades de sal como fertilizante. Ao enriquecerem o solo, os cristãos produzem fruto espiritual agradável a Deus. Entretanto a mistura de qualidades estranhas com as virtudes do discipulado reduz a eficácia fertilizadora ou transmissora de vida. Jesus prosseguiu a fim de asseverar a plena autoridade do Antigo Testamento como Escrituras, até o último i, a menor das letras do alfabeto hebraico, e até ao til, o curto golpe de pena que diferencia algumas letras do alfabeto hebraico que são extremamente parecidas entre si. Em seguida, Jesus situou os Seus próprios ensinamentos em igual nível de autoridade com as Escrituras do Antigo Testamento.

### **A verdadeira retidão.**

Na porção seguinte do sermão da Montanha Jesus não eliminou audaciosamente os mandamentos do Antigo Testamento. Pois Ele acabara de afirmar a plena autoridade dos mesmos! Entretanto, Ele confrontou Sua própria interpretação profunda do Antigo Testamento com as interpretações externas e superficiais que os rabinos davam ao Antigo Testamento. E deixou patenteado que, dentro da nova situação escatológica, se faziam necessários certos novos mandamentos que transcendessem aos antigos. *Ler Mateus 5:21-48 e Lucas 6.27-30.32-36* (§ 54, subseção 3).

A proibição de darmos a "irmãos" apodos abusivos sublinha a necessidade do amor mútuo entre os discípulos. A instrução que manda arrancar um olho ou decepar uma mão inclinados ao mal, exhibe o uso de hipérboles, exageros deliberados, com o intuito de pôr em relevo algum pensamento. O que Jesus queria é que Seus discípulos exerçam a mais rigorosa auto-disciplina moral. "Jurar falso" (vide Mateus 5:33) é quebrar um juramento prévio. Os rabinos ensinavam que um juramento que omita o nome de Deus podia ser quebrado sem que isso envolvesse culpa. Mas Jesus argumentou que em vista de todas as coisas - os céus, a terra, Jerusalém e tudo o mais - terem vinculações com Deus, um juramento feito com base em qualquer coisa torna-se fatalmente obrigatório. Por conseguinte, é errôneo o uso de juramentos. O "sim" e o "não" de um indivíduo deveria indicar sim e não de modo tão coerente e constante que se tornasse desnecessário convencer aos outros de que estamos afirmando a verdade.

### **Não retaliação.**

Ser forçado a caminhar uma milha (vide Mateus 5:41) aludia a ser forçado por soldados romanos e pelos agentes do governo a transportar suprimentos. Jesus ensinou que a *lex talionis* (lei da retaliação: "olho por olho...") não deve ser empregada para fins de vingança pessoal. Entretanto, não negou a validade da mesma como um princípio da justiça legal (vide Mateus 5:38). Contrariamente à moderna errônea interpretação popular, a *lex talionis* salvaguarda a justiça, por não permitir uma punição excessiva, além de insistir sobre um castigo adequado. "Amarás o teu próximo..." (Mateus 5:43) procede do Antigo Testamento, ao passo que "... odiarás o teu inimigo" provém do ensinamento dos essênios. Um outro óbvio exemplo de hipérbole ocorre em Lucas 6:29: "... e ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica". A capa era a veste exterior, e a túnica, a interior.

### **Oração do Pai Nosso.**

*Ler Mateus 6:1-18* (§ 54, subseção 4). Os hipócritas já receberam toda a recompensa que jamais obteriam, quando outros homens elogiam a sua religiosidade. Sem dúvida Deus não haverá

de prestar-lhes reconhecimento algum. Na oração modelo do Pai Nosso transparece um senso de divina proximidade ("Nosso Pai"), há um contrabalanceamento do senso da transcendência divina ("que estás nos céus"). As palavras "santificado seja o teu nome" requerem que a reputação de Deus seja tida em alta conta. "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu", são declarações que exprimem o anelo pelo estabelecimento do reino de Deus à face da terra. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje", solicita a satisfação das necessidades físicas da vida diária. Na petição acerca do perdão, as dívidas atuam como uma figura simbólica de atos pecaminosos. Tal petição, no entanto, não subentende que o fato que perdoamos a outras pessoas mereça que Deus, por Sua vez, nos perdoe. Pelo contrário, a atitude que perdoa a outros comprova o caráter genuíno do arrependimento por causa de nossos próprios pecados: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim [e não por causa] como nós temos perdoado aos nossos devedores". "E não nos deixes cair em tentação" significa "Não nos permitas sucumbir diante das provas [quer as provas das dificuldades, quer a instigação ao mal] ", expressando aquela atitude contrária e auto-confiante que, mais tarde, chegou a caracterizar a Pedro. A petição final é um pedido de livramento do mal, personificado este por Satanás, "o maligno". Os melhores e mais antigos manuscritos não trazem a doxologia tão familiar: "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém".

### **Cobiça e ansiedade.**

Um olho saudável rebrilha de luz, como se fora uma lâmpada. A enfermidade, porém, embota esse brilho. Os "olhos maus" (doentios) representam a enfermidade espiritual, resultante da cobiça pelo dinheiro. *Ler Mateus 6:19-34* (§ 54, subseção 5). "Não andeis ansiosos" significa o mesmo que "não andeis preocupados". A cobiça e a ansiedade, portanto, jazem por detrás da concupiscência pelo dinheiro. Ao assim ensinar, contudo, Jesus não proibiu que se fizessem planos e provisões quanto ao futuro.

### **Julgamento.**

*Ler Mateus 7:1 - 8:1; Lucas 6:37-42,31,43-49* (§ 54, subseções 68). Jesus proibiu a crítica capciosa que se deleita em encontrar faltas ("Não julgueis, para que não sejais julgados"). Sem embargo, Ele não estava negando o direito, e mesmo a necessidade, de fazer juízos de ordem moral ou espiritual (comparar com I Coríntios 2:15). O "argueiro" é um cisco de poeira, ao passo que a "trave" é uma volumosa peça de madeira. As palavras "não deis aos cães o que é santo" proíbem a propagação indiscriminada da verdade cristã àqueles que se mostram inabaláveis em sua hostilidade contra o evangelho. É mister resguardarmos a verdade do envilecimento pelo ridículo. A porta que conduz à vida é apertada porque os falsos mestres, sobre quem Jesus advertia, a obscurecem, mas também porque um indivíduo pode iludir a si mesmo ao pensar que a lealdade só de lábios é capaz de conferir os benefícios do discipulado. Jesus concluiu o sermão da Montanha apresentando um retrato de Si mesmo como o juiz dos destinos eternos dos homens, consoante haverem obedecido ou não às Suas palavras - uma estupenda reivindicação, digamos a verdade!

### **A fé do centurião.**

*Ler Mateus 8:5-13 e Lucas 7:1-10* (§ 55). A condensada narrativa de Mateus parece dar a entender que o centurião aproximou-se pessoalmente de Jesus. Mas os detalhes dados por Lucas informam-nos que o centurião enviou recados a Jesus, mediante duas delegações sucessivas de judeus e amigos, respectivamente. O centurião se julgava indigno, gentio que era, de acolher a Jesus sob o seu teto. Mas cria que bastaria uma palavra de ordem da parte de Jesus para que seu servo fosse libertado da enfermidade, tão facilmente como se ele mesmo estivesse baixando ordens a seus soldados. Ao comentar sobre a profunda fé do centurião, Jesus deixou entendido que muitos gentios haverão de entrar no reino dos céus, ao mesmo tempo que judeus ("filhos do reino"), apesar de terem gozado de vantagens espirituais superiores, seriam lançados nas trevas exteriores, onde haveria choro e ranger de dentes (o que, em linguagem figurada, indica o desespero do remorso).

### **A viúva de Naim.**

Quando da ressurreição do filho da viúva, em Naim, a preocupação primária de Jesus não foi com o filho falecido, e, sim, com a mãe desamparada. *Ler Lucas 7:11-17* (§ 56).

### **João Batista e suas dúvidas.**

Desencorajado face a seu próprio encarceramento, João Batista enviou dois de seus seguidores para que perguntassem a Jesus se Ele era, efetivamente, o Messias, conforme João anunciara anteriormente. *Ler Mateus 11:2-19 e Lucas 7:18-35* (§ 57). Em resposta a tal indagação, Jesus ressaltou os Seus milagres e a Sua evangelização como provas adequadas, por estar sendo cumprido o predito em Isaías 35:5,6 e 61:1, de que Ele era, verdadeiramente, o Messias. E também proferiu uma bem-aventurança em favor daqueles que não se escandalizassem ante o fato de não estar Ele se transformando em um herói militar. A seguir, Jesus elogiou a João, dizendo que "entre os nascidos de mulher", ninguém era maior do que João. No entanto, "o menor no reino dos céus é maior do que ele". Por quê? Porque João era anterior e estava fora do reino? Dificilmente, porquanto, em Cristo, o reino já chegara (vide Mateus 12:28; Lucas 11:20 e 17:20,21), e porquanto mesmo os patriarcas do Antigo Testamento, Abraão, Isaque e Jacó, pertenceram ao mesmo (vide Mateus 8:11). Talvez Jesus estivesse contrastando grandezas puramente humanas (o que se vê na ênfase sobre "os nascidos de mulher") com o privilégio espiritual da cidadania no reino. Mais misteriosa ainda é a possibilidade de que "o menor no reino dos céus" seja o próprio Jesus em Seu papel de Servo sofredor do Senhor, e como alguém mais jovem que João Batista, quanto à idade física. Passou então Jesus a repreender aos judeus, por se mostrarem tão irredutíveis em sua incredulidade que não aceitaram nem o asceta João e nem o afável Jesus. E comparou a severa mensagem de João Batista com um folguedo infantil, de enterro de brincadeira, com choros e lamentações, em contraste com a Sua própria graciosa mensagem, representada por uma festa de casamento de brincadeira, com flautas e danças. À semelhança de crianças volúveis, nada era capaz de agradar aos judeus. No entanto, todos quantos são conhecedores da sabedoria, por conhecerem a Deus, reconhecem a verdade, sem importar como ou por quem ela esteja sendo exposta.

### **Aos "ais" e um convite.**

*Ler Mateus 11:20-30* (§ 58). Após os "ais" contra as "cidades privilegiadas" da Galiléia, Jesus agradeceu a Deus por haver-lhe revelado todas as coisas e por haver escolhido pessoas humildes e acolhedoras ("os pequeninos"), e não a indivíduos sábios aos seus próprios olhos. Vem a seguir um convite no qual Jesus declara-se um mestre gentil e paciente, que não sobrecarrega os Seus seguidores com numerosos regulamentos insignificantes, conforme faziam os rabinos.

### **Unção de Jesus por uma meretriz.**

Era costume pessoas não-convidadas entrarem e contemplarem banquetes. A prostituta que assim fez, na história que se segue, pôde ficar de pé, por detrás de Jesus, a perfumar-lhe os pés, porque, segundo o hábito, Jesus se reclinara horizontalmente em um divã, com a cabeça na direção da mesa e com os pés esticados para trás, sem sandálias. *Ler Lucas 7:36-50* (§ 59).

### **Benfeitoras femininas.**

*Ler Lucas 8:1-3* (§ 60). As mulheres mencionadas na presente passagem sustentaram financeiramente a Jesus e Seus doze discípulos, durante seus circuitos evangelizadores.

### **O pecado imperdoável.**

*Ler Marcos 3:19-30 e Mateus 12:22-37* (§ 61). Em resposta à acusação de que Jesus expulsava demônios pelo poder de Satanás, o Senhor ridicularizou a noção de que Satanás faz oposição às suas próprias forças. Mas, se Jesus expulsava aos demônios pelo poder do Espírito Santo, isso era sinal de que chegara o reino de Deus. Rejeitar essa evidência, de forma deliberada e final, conforme os fariseus e escribas faziam, constituía o pecado imperdoável.

### **O sinal de Jonas.**



*Ler Mateus 12:38-45* (§ 62). Visto que Jesus já havia realizado numerosos milagres, o pedido feito por escribas e fariseus, de que lhes fosse conferido um sinal autenticador da parte de Jesus, era inspirado por mentes fechadas, e não por mentes abertas. Em resposta, Jesus comparou o sinal futuro de Sua morte, sepultamento e ressurreição à permanência de Jonas, por três dias e três noites, no ventre do monstro marinho. Porém, se Jesus morreu na sexta-feira da Paixão e ressuscitou na manhã do domingo de Páscoa, então não passou no túmulo por três períodos completos de vinte e quatro horas cada. Para os judeus, entretanto, qualquer porção de um período de dia-noite de vinte e quatro horas era contada como um período inteiro; e Jesus esteve no túmulo por um período inteiro de vinte e quatro horas, mais porções de dois outros períodos iguais. Alternativamente, "três dias e três noites" é uma expressão imprecisa para indicar um breve período de tempo, não havendo necessidade de a tomarmos literalmente. No versículo quarenta e dois, "a rainha do sul" é a rainha de Sabá. A parábola do homem que "varreu e guarneceu" a si mesmo, após a partida de um demônio que nele habitava, somente para que este retornasse com sete outros piores do que ele mesmo, aponta para os escribas e fariseus: sua justiça própria, tão bem escovada, convidava uma sorte pior do que se tivessem permanecido pecadores grosseiros, como o povo comum que por eles era desprezado.

### **Parentesco espiritual.**

Os familiares de Jesus tentaram aproximar-se Dele, mas não puderam, em face da multidão. A omissão do nome de José talvez subentenda que o pai de criação de Jesus já havia falecido há algum tempo. O recado de que a mãe e os irmãos de Jesus desejavam falar com Ele, deu a Jesus a oportunidade de afirmar que os Seus parentes espirituais são aqueles que obedecem à vontade de Deus. *Ler Marcos 3:31-35; Mateus 12:46-50 e Lucas 8:19-21* (§ 63).

### **EXCURSO SOBRE O REINO, NO ENSINO DE JESUS**

Com a exceção parcial de Lucas, os evangelhos deixam de ressaltar os termos *evangelho* ("boas novas") e *pregar o evangelho* (ou *evangelizar*), mas ressaltam antes o tema do *reino*. Exatamente o contrário disso se verifica no livro de Atos e nas epístolas.

### **"Céus" e "Deus".**

A mensagem inicial, tanto de João Batista quanto de Jesus, enfocava o reino. Com frequência, as designações "de Deus" e "dos céus", qualificam o termo "reino". Tais designações são sinônimas. E um uso paralelo ocorre até dentro de uma mesma passagem. Por exemplo, em Mateus 19:23,24, Jesus diz que é muito difícil um homem entrar no reino *dos céus*; tão difícil, de fato, que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino *de Deus*. Tais designações, por semelhante modo, se alternam nas narrativas paralelas de diferentes evangelhos. Por exemplo, "porque dos tais [das criancinhas] é o reino *de Deus*" (Marcos 10:14), que se torna em "... *dos céus*", em Mateus 19:14. Somente o evangelho de Mateus contém a expressão "reino *dos céus*", porquanto Mateus, ao escrever para judeus, refletiu o crescente costume judaico de evitar os nomes divinos, temendo profaná-lo. Nesse caso, "*céus*" é substituição para "*Deus*", tal como o filho pródigo dissera; "Pequei contra os céus", isto é, contra "Deus", e tal como algumas pessoas até hoje dizem: "Pelo amor dos céus", ao invés de "Pelo amor de Deus". Ou a expressão de Mateus "reino dos céus" representa a frase de Jesus, que os demais evangelistas traduziram por "reino de Deus", por causa de leitores gentios, que não entenderiam o uso de "céus" em lugar de "Deus"; ou então Jesus usava regularmente a expressão "reino de Deus", mas Mateus a substituiu por "reino dos céus", em deferência para com seus leitores judeus. Mas também é possível que Jesus tivesse usado ambas as expressões, no qual caso a Sua escolha dependia de Sua audiência e da ênfase que Ele desejasse dar. O uso do termo "céus" frisa levemente a soberania divina.

### **Definição.**

O vocábulo reino tem dois sentidos primários: (1) a esfera de domínio; e (2) a atividade de reinar. Por causa da idéia verbal constante no segundo sentido, muitos eruditos dão preferência à

tradução, "o reino, ou governo, de Deus". Ambas as idéias se fazem presentes no uso que o Novo Testamento faz da palavra reino. O fluxo de pensamento, no contexto, é que determina qual dessas significações predomina. O conceito geral de reinar inclui a idéia de livrar os súditos e a idéia de prodigalizar-lhes bênçãos, além da idéia de exercer autoridade sobre eles.

### **Escatologia realizada.**

João Batista e Jesus (a princípio) diziam que o reino estava "próximo", e que as pessoas deveriam preparar-se para o mesmo mediante o arrependimento (vide Mateus 3:2; 4:17 e Marcos 1:14,15). Estando já em andamento o Seu ministério, Jesus começou a dizer que o reino já chegara. "Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mateus 12:28 = Lucas 11:20; comparar com Mateus 11:12,13 = Lucas 16:16 e 17:20,21). Em outras palavras, o governo divino estava invadindo este mundo através da pessoa e das atividades de Jesus. Por conseguinte, é mister que alguém entre no reino por meio da fé em Cristo (João 3:3). A ênfase posta sobre a chegada do reino, por ocasião do primeiro advento e do ministério de Jesus, se chama "escatologia realizada", sendo tal designação associada a C. H. Dodd.

### **Escatologia consistente.**

Jesus também falou sobre a chegada do reino, mas segundo outro quadro mental, considerando-o como algo ainda futuro, a realizar-se no fim da era presente: "... até aquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus" (Marcos 14:25); "muitos virão... e tomarão lugar à mesa... no reino dos céus" (Mateus 8:11 = Lucas 13:28,29). A petição que Jesus ensinou a Seus discípulos, para que a incluíssem em suas orações, "venha o teu reino", também subentende que o reino ainda não chegou. A ênfase exclusiva sobre a vinda futura do reino é intitulada "escatologia consistente", estando associada especialmente com Albert Schweitzer. O próprio Schweitzer, naturalmente, não cria na escatologia consistente, mas argumentava que o próprio Jesus assim acreditava e ensinou. (A Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus*, 3ª edição, traduzido por W. Montgomery, Londres: Adam & Charles Black, 1954, especialmente os capítulos XV ss.)

### **O mistério do reino.**

Tanto a idéia da escatologia realizada quanto a da escatologia consistente recebem o apoio de convincentes textos de prova. Há fortes evidências de que Jesus ensinou formas tanto presentes quanto futuras do reino. Portanto, o "mistério" do reino consiste do fato que, antes de sua plena manifestação sobre a terra, quando da Segunda Vinda de Cristo, desde agora os crentes já desfrutam das bênçãos futuras da vida eterna, como uma antecipação.

### **O Reino, Israel e a Igreja.**

Em Sua pregação, Jesus ofereceu o reino de Deus aos judeus; porém, com base espiritual no arrependimento e na fé individuais, e não sobre bases político-nacionalistas. Ao repelir a Jesus, a maioria dos judeus, incluindo os líderes oficiais do judaísmo, rejeitou ao governo divino por intermédio do Messias. Em conseqüência disso, Deus transferiu o Seu reino para a Igreja (vide Mateus 21:42,43; comparar com Colossenses 1:13; Romanos 14:17; Atos 8:12; 28:23, 28-31), até à restauração de Israel (vide Mateus 19:28). (Vide ainda os três livros de G. E. Ladd, *The Gospel of the Kingdom*, Grand Rapids: Eerdmans, 1959; *Jesus and the Kingdom*, Nova Iorque: Harper & Row, 1964; e *Crucial Questions about the Kingdom of God*, Grand Rapids: Eerdmans, 1952; e A. J. McClain, *The Greyness of the Kingdom*, Grand Rapids: Zondervan, 1959, quanto a uma perspectiva mais ampla.)

### **Parábolas.**

Jesus reduziu à forma de parábola grande parte dos Seus ensinamentos sobre o reino. As parábolas são figuras de linguagem mais ou menos extensas, geralmente sob o formato de uma estória. No passado, os intérpretes costumavam atribuir sentidos alegóricos e a cada detalhe existente nas parábolas. O mundo da erudição, mais tarde, voltou-se para a idéia, sob a insistência de Adolf Jülicher, de que cada parábola contém apenas um ponto didático, e que os demais detalhes servem tão-somente para emprestar maior realismo às parábolas. (A. Jülicher, *Die Gleichnisreden Jesu*, 2

volume, Tübingen, 1910. Quanto a grande riqueza de informações sobre o pano-de-fundo das parábolas, ver J. Jeremias, *As Parábolas de Jesus*, Ed. Paulinas, SP.) Nos dias em que vivemos, entretanto, cada vez melhor se percebe que a distinção entre uma parábola com um único ponto didático e uma alegoria de múltiplas facetas é uma distinção artificial. É necessário que cedamos lugar a certos aspectos alegóricos nas parábolas, sobretudo nas mais longas.

Jesus, ao falar em parábolas, tinha por escopo obscurecer a verdade sobre o reino sob uma linguagem figurada, no caso de incrédulos que se recusavam a dar ouvidos às Suas palavras claras, bem como ilustrar a verdade, no caso de discípulos Seus, para os quais Ele explanou pelo menos as parábolas mais elaboradas. As parábolas faziam parte distintiva do estilo de ensino de Jesus. Ele é o único a lançar mão de parábolas, em todo o Novo Testamento - o que serve de forte indicação de autenticidade, porquanto as parábolas também figurariam em outras porções do Novo Testamento, se elas tivessem sido um método didático empregado pela Igreja primitiva, para mais tarde terem sido postas nos lábios de Jesus, pelos escritores sagrados.



Agricultor Palestino arando seu campo, em Samaria.

### **A semente e os solos.**

"A parábola do semeador" (vide Mateus 13:18) pode ser um título ilusório, se for erroneamente usado na interpretação. O semeador nem ao menos é identificado na interpretação. A ênfase inteira da parábola recai sobre a própria semente, a qual representa a palavra, ou mensagem do reino, e sobre os

diferentes tipos de solo, que apontam para diversas maneiras pelas quais a mensagem é acolhida pelos homens. Talvez pareça estranho que o semeador tivesse desperdiçado sementes por entre os espinhos, nos lugares pedregosos, e, sobretudo, à beira dos caminhos. Mas os aldeões abriam picadas através dos campos, devido à ausência de um sistema de rodovias, e os agricultores palestinos, ao que parece, não aravam a terra antes do plantio, mas depois. Além disso, dificilmente ele poderia prever onde haviam ficado ocultas as sementes lançadas ao solo, a fina camada de solo também impedia que ele percebesse as rochas abaixo da superfície, noutras porções do campo. Os pássaros mergulhavam a fim de apanhar as sementes que ficassem expostas sobre o terreno endurecido dos caminhos. Após a lavragem, a semente caída em solo de pouca profundidade germinava primeiro, porquanto só lhe restava uma direção para desenvolver-se, ao mesmo tempo que o calor absorvido pelas rochas abaixo da superfície fazia as plantas germinarem mais rapidamente. Porém, a ausência de profundidade do solo logo ressecava os brotos e os fazia morrer. Em outras áreas as sementes de espinhos e abrolhos ressequidos no ano anterior eram revolvidas, durante a lavagem, juntamente com a boa semente. E as sementes daninhas germinavam e sufocavam as tenras plantinhas de cereal. Finalmente, porém, o bom solo produzia uma colheita compensadora.

O ponto frisado nessa parábola é que o governo divino, trazido por Jesus, a princípio não coage os homens à submissão, como que debaixo de espada. Isso só ocorrerá quando da volta de Cristo, depois que os homens tiverem recebido a oportunidade de crer voluntariamente. Por enquanto, bem ao contrário, Deus acha por bem introduzir o Seu reino através de meras palavras,

pela pregação do evangelho, ou (figuradamente), pela sementeira. Agora tudo depende do tipo de receptividade que os homens derem a essa mensagem. Alguns, à semelhança da terra batida, não permitem que a palavra penetre. O resultado disso é que Satanás imediatamente a arrebatou. Outros, à moda do solo rochoso e sem profundidade, recebem a palavra com entusiasmo, mas de maneira apenas superficial. Em resultado, desistem de sua profissão de discipulado, ao ocorrerem dificuldades ou a perseguição. Ainda outros permitem-se entregar aos afãs seculares, o que serve para neutralizar a palavra. E finalmente, alguns recebem a palavra com seriedade, com profundidade, sem reservas. E os resultados desta última atitude são compensadores: "a trinta, a sessenta e a cem por um", palavras essas que indicam que tantas e tantas vezes mais sementes serão colhidas do que aquelas que foram semeadas. A proporção de trinta por um perfazia a média. Sessenta por um era colheita excelente. E cem por um, extraordinária (comparar com Gênesis 26:12). O que Jesus desejava ensinar é que no fim, ao ter lugar a colheita, que é o Seu retorno, a palavra do reino terá produzido resultados favoráveis além de toda a expectativa. (Quanto a um cálculo fantástico sobre a produção agrícola durante a era messiânica, ver o livro siríaco de Baruque 29:5, onde se lê que a produção será de dez mil por um. Cada vinha deitará mil ramos, cada ramo, cada ramo mil cachos, cada cacho mil uvas; e cada uva produzirá um coro de vinho. (O coro é uma medida de quantidade incerta, provavelmente dentro dos limites entre 130 a 230 l.))  
*Ler Marcos 4:1-25; Mateus 13:1-23 e por Lucas 8:4-18 (§ 64, introdução e subseção 1a).*

### **A semente em desenvolvimento.**

*Ler Marcos 4:26-29 (§ 64, subseção 1 b).* Na parábola da lavoura em desenvolvimento, a semente germina e se desenvolve sem o concurso de qualquer poder criativo por parte do lavrador, e isso desafia o seu entendimento. Dessa maneira, pois, Jesus nega que o reino venha a tornar-se realidade por meio do esforço ou das realizações humanas. Deus, com exclusividade, é que o produzirá, à parte das tentativas de zelotes por precipitarem o reino mediante a revolução e à parte dos tentames de rabinos e outros, que buscam induzi-lo através da perfeita observância da lei mosaica. Isso destaca ante a nossa atenção a plena manifestação e o estabelecimento do reino, por ocasião do retorno de Cristo, o que é indicado pelas alusões à colheita. A ordem das palavras, dentro da expressão, "dormisse e se levantasse, de noite e de dia", reflete o conceito judaico de um dia de vinte e quatro horas, a contar pelo cair da tarde.

### **A semente de mostarda e o fermento.**

*Ler Mateus 13:24-53 e Marcos 4:30-34 (§ 64, subseção 1 c-2 e ).* Os judeus esperavam que o reino de Deus fosse inaugurado entre deslumbrantes manifestações de glória, com vitórias militares sobre os poderes gentílicos. Os supostos primórdios do reino, dentro do ministério de Jesus, parecia-lhes singularmente destituídos de importância. Mas a parábola da semente de mostarda, quase invisível, que se desenvolve em um arbusto suficientemente grande para as aves do céu se aninharem sob os seus ramos, indica que, embora o reino possa ter começado com grande modéstia, quando do primeiro advento de Cristo, contudo, no fim será extremamente ponderável. A parábola do fermento aponta na mesma direção. Três medidas de farinha equivale a cerca de 23 kg de farinha, uma imensa quantidade se for considerada como uma única fornada de farinha! Dessa maneira, portanto, Jesus sublinhou a lição dada pela parábola: por enquanto o reino pode ser comparado com uma mera pitada de fermento em uma volumosa massa de farinha, mas, por fim, o reino dominará a terra inteira. Naturalmente, Jesus não quis dar a entender que os Seus Discípulos conseguiriam converter a todos os homens. Antes, quando de Sua volta, o reino envolverá o mundo inteiro. (Outros interpretam o fermento como símbolo do mal, que corrompe a cristandade. É verdade que noutras passagens o fermento regularmente simboliza o mal, mas a associação com a parábola da semente de mostarda e com o crescente desencanto dos judeus com Jesus, no tempo em que Ele proferiu a parábola, favorecem a interpretação acima, segundo a qual Jesus teria afirmado que o reino já está presente, a despeito de sua relativa falta de importância. Outras figuras de linguagem ocorrem com sentidos claramente diferentes, em diversos trechos. Por exemplo, o sal representa variegadamente a incorrupção, a fidelidade e o juízo (vide Mateus 5:13; Marcos 9:49,50; Lucas 14:34; comparar com Colossenses 4:6). Jesus pode ter escolhido aqui, propositalmente, uma figura de linguagem que usualmente tem um sentido negativo, a fim de salientar o ponto que o reino de Deus é mais ativo e poderoso do que o reino maligno de Satanás. Alguns também têm pensado que as aves do céu, da parábola da semente de mostarda, representam os falsos mestres que invadem a Igreja. Mas a fraseologia se deriva do sonho de Nabucodonosor (vide Daniel 4:12,21), onde o fato que as aves tinham feito ninhos em seus ramos indubitavelmente aponta para as grandes dimensões da árvore.)

### **O tesouro e pérola.**

As parábolas gêmeas do tesouro descoberto e da pérola de grande valor não nos emulam tanto ao heróico auto-sacrifício, e, sim, à jubilosa total dedicação ao reino de Deus, através da percepção de seu valor final, na era vindoura. Em face disso, nenhuma privação é, realmente, um sacrifício. Reiteradas invasões da Palestina fizeram pessoas temerosas enterrarem seus tesouros, a fim de resguardá-los. Neste caso, aquele que enterrara o seu tesouro evidentemente morrera ou fora morto, pelo que o tesouro não tinha proprietário algum. Sob a legislação da época, era perfeitamente ético para o descobridor de um tesouro assim ocultá-lo novamente e adquirir o campo, a fim de obter legalmente o tesouro.

### **O trigo e o joio; os peixes bons e maus.**

As parábolas gêmeas do trigo e do joio (uma espécie de erva daninha) e dos peixes bons e maus, apanhados numa mesma rede, ensinam-nos que enquanto o reino de Deus não se tornar plenamente dominante, o que sucederá quando do retorno de Cristo (a colheita), coexistirá no mundo juntamente com o reino de Satanás. Noutras palavras, a separação ocasionada pelo juízo não haveria de ocorrer imediatamente, conforme esperavam os judeus, em termos nacionalistas. Ordinariamente o joio era arrancado fora. Neste caso, entretanto, aparecem em tão grande número que suas raízes se embaraçam com as raízes do trigo. As redes de arrastão eram ou arrastadas mediante o emprego de dois botes, ou eram lançadas por um bote e arrastadas para a terra por meio de duas longas cordas. Os peixes ruins eram peixes cerimonialmente imundos, de acordo com a legislação mosaica, por lhes faltar escamas ou barbatanas, além de outras criaturas marinhas que

os judeus não reputavam comestíveis.



*Pescadores da Galiléia, com suas redes.*

### **O dono da casa.**

A parábola do "dono de casa que de seu baú retira coisas novas e coisas velhas", conclui a coleção de parábolas do décimo terceiro capítulo de Mateus com um quadro sobre o discípulo que sabe extrair verdades espirituais das parábolas.

### **A tempestade é acalmada.**

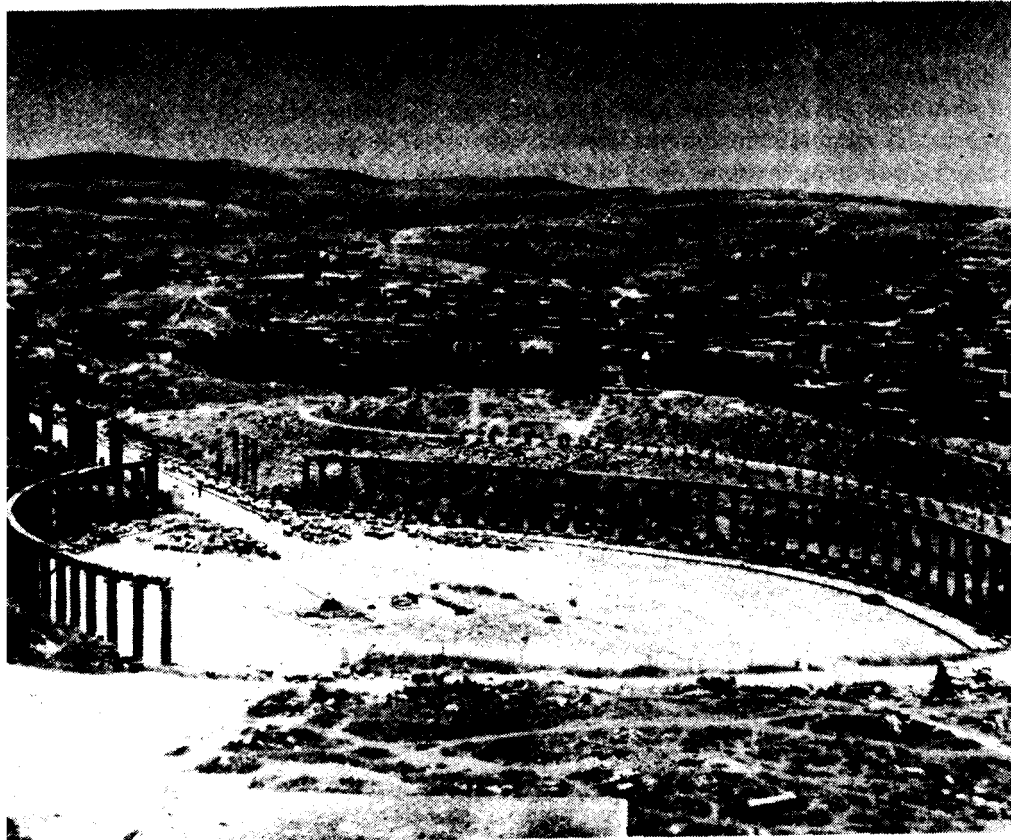
No episódio da tempestade e sua pacificação, a humanidade e deidade de Jesus se destacam lado a lado. Por causa de cansaço físico Ele dormia durante o temporal. Não obstante, mediante Seu poder divino Ele acalmou a tempestade mediante mera palavra de comando. *Ler Marcos 4.35-41; Mateus 8:18, 23-27 e Lucas 8.22-25 (§ 65).*

### **Os endemoninhados gerasenos (ou gadarenos).**

*Ler Marcos 5:1-20; Mateus 8.28-34 e Lucas 8.26-39 (§ 66).* Marcos e Lucas mencionam somente o porta-voz do par de endemoninhados que se aproximou de Jesus. Os demônios intitularam a si mesmos de "Legião", por serem muitos. Uma legião do exército romano usualmente se compunha de seis mil homens, mas esse número aqui é apenas simbólico. Os demônios pressentiam que deles se avizinhava uma catástrofe. Porém, sentiram-se surpresos porque a catástrofe os apanhara tão cedo: "vieste aqui atormentar-nos antes de tempo [isto é, antes do julgamento final]?" Rogaram não ser lançados no abismo (inferno), mas que lhes fosse permitido

entrarem numa vara de porcos que pastava nas proximidades. Aqui, como noutros trechos bíblicos, os demônios aparecem como espíritos malignos vagabundos, que desejam habitar em corpos vivos. Mas aqueles demônios não haviam podido prever que, se entrassem nos porcos, fariam-nos

*Gerasa, a moderna Jeras, era uma das principais cidades de Decápolis. As ruínas romanas (primeiro plano) são o Forum e a Rua das Colunas.*



precipitar-se loucamente pela barranca abaixo, afogando-se no lago.

Libertados dos demônios, os dois homens não mais se sentiam desassossegados, mas vestiram-se, tornaram-se sensíveis e sociáveis. E Jesus pôde exortá-los a que contassem como haviam sido libertados, porquanto a região de Decápolis era um território gentílico. As duas importantes razões que impeliam Jesus a manter Sua missão messiânica como algo comparativamente secreto - as errôneas noções dos judeus sobre o Messias, como se este fosse um político, e o perigo de Sua detenção prematura - não

existiam fora do território judaico. Certos críticos têm feito objeção à destruição de propriedade particular, resultante do exorcismo praticado por Jesus. Mas isso apenas demonstra que as operações do reino de Deus são mais importantes que direitos de propriedade, tanto porque o reino representa a soberania divina em ação como porque essas operações satisfazem necessidades humanas, que são mais importantes que direitos de propriedade. Aqueles que se lamentaram ante a perda dos porcos, deveriam antes ter-se regozijado, diante da exibição de graça e poder, em favor de dois seres humanos oprimidos.

### **A mulher hemorrágica.**

Na história que vem a seguir, a mulher com uma hemorragia constante era um pária da sociedade, incapaz de tomar parte nas cerimônias da religião judaica, de entrar no templo ou de tocarem outras pessoas. Era requerido pela lei mosaica, segundo se vê no décimo quinto capítulo do livro de Levítico, que ela se mantivesse separada até mesmo de seu marido. O costume oriental de chamar todos os médicos disponíveis na esperança de que pelo menos um deles pudesse curá-la, havia exaurido todos os recursos financeiros da mulher. Jesus tornou pública a cura dela, em parte para remover de sobre ela o estigma social, e assim facilitar sua reentrada na vida da sociedade. *Ler Marcos 5:21-43; Mateus 9:18-26 e Lucas 8:40-56 (§ 67).*

### **Ressurreição da filha de Jairo.**

Marcos e Lucas dão-nos a impressão que Jairo disse que sua filha estava prestes a morrer. Mateus apresenta-o como quem disse que ela acabara de falecer. Mas Mateus simplesmente encurtou a narrativa, pelo que em sua versão abreviada, a notícia sobre a morte da jovem aparece quase de imediato, ao passo que essa notícia pode ser guardada para mais adiante, nos relatos mais detalhados e longos de Marcos e Lucas. As carpideiras profissionais, na casa de Jairo, ridicularizavam a Jesus, quando este disse que a menina estava apenas dormindo. Jesus, porém, sabia que viera

ressuscitá-la dos mortos, pelo que aludira à morte dela como se fora mero sono. Em adição a isso, o confronto entre a morte e o sono era uma comparação comum no mundo antigo, mesmo à parte da expectativa de ser alguém ressuscitado dentre os mortos. As palavras "*Talitha cumi*" são as palavras aramaicas que significam "Menininha, levanta-te". E o fato que ela se alimentou, comprova a realidade de sua ressurreição.

### **Jesus é rejeitado em Nazaré.**

*Ler Mateus 9:27-34; Marcos 6:1-6; Mateus 13:54-58 e Lucas 4:16-31* (§§ 68, 69 e 39). Os habitantes de Nazaré não podiam entender como é que o menino que tinham visto crescer em sua própria aldeia poderia ter-se transformado em um rabino dotado de poderes sobrenaturais. A incredulidade deles impediu que Jesus realizasse ali muitos milagres. Na sinagoga, Jesus seguiu o costume de pôr-se de pé para ler as Escrituras e de assentar-se para pregar. Vários itens daquele sermão deixaram indignados os Seus ouvintes: (1) Sua reivindicação implícita de ser o Servo do Senhor, ao aludir à passagem bíblica do livro de Isaías; (2) o fato que Ele cessou a leitura imediatamente antes da referência ao "dia da vingança" (Isaías 61:2), o tema central do messianismo nacionalista dos judeus do primeiro século da era cristã, os quais interpretavam aquelas palavras em termos da vingança dos judeus contra as nações gentílicas; e (3) o subentendido que Seu ministério, afinal, incluiria gentios, tal como sucedera no caso dos ministérios de Elias e Eliseu. Jesus escapou da tentativa de atirarem-no despenhadeiro abaixo deslizando por entre a multidão turbulenta - se miraculosamente, ou não, não sabemos, pois tal informe não nos é dado.

### **A missão dos doze.**

*Ler Marcos 6:6-13; Mateus 9:35 - 11:1 e Lucas 9:1-6* (§ 70). Jesus ordenou que orássemos em favor do envio de trabalhadores à seara, e ato contínuo passou a enviar os Doze em pares, para que pregassem e fizessem curas por toda a Galiléia. A urgência foi a consideração primária na primeira parte das instruções dadas por Jesus. Não lhes restando tempo para ministrarem aos galileus e samaritanos, os discípulos teriam de limitar suas atividades aos judeus, na qualidade de povo compactuado com Deus, e que mais direitos tinha disso. A fim de fazerem uma viagem rápida, os discípulos não tinham de seguir carregados de peso. Por isso, Jesus proibiu toda bagagem desnecessária. (O "alforje" era a sacola dos mendigos. Os discípulos não deveriam pedir esmolas. Marcos 6:8 permite um bordão, mas Mateus 10:10 e Lucas 9:3 o proíbem. É para duvidar que tenhamos aqui o texto correto de Marcos, porque Mateus e Lucas raramente se desviaram juntos do texto de Marcos, e provavelmente jamais em um caso de clara contradição. Um antigo escriba bem pode ter pensado que era severa por demais a proibição de se levar ao menos um bordão, e assim modificou o texto original de Marcos. A mesma possibilidade existe no tocante à permissão que Marcos dá de um par de sandálias, ao passo que Mateus o proíbe. Alternativamente, Mateus e Lucas proíbem um cajado extra, bem como uma túnica extra, um par de sapatos extra e outros itens desnecessários.) Não deveriam perder tempo à procura dos melhores lugares de hospedagem, e nem à cata de procurarem convencer àqueles que se demorassem em aceitar a sua mensagem.

A menção ao "dia do juízo", em Mateus 10:15, serve de gatilho que dispara uma série de instruções escatológicas, que visam ao futuro distante (versículos 16-42). Jesus não dirigiu as instruções dessa seção àquela ocasião imediata, mas ao remanescente judeu do período da tribulação, antes de Sua volta. No futuro imediato, os discípulos não deveriam falar a gentios (versículos 5, 6). Mas agora o testemunho prestado a povos gentílicos é enfocado (versículo 18). A despeito das perseguições, durante a tribulação, o remanescente judaico haverá de testificar com ousadia, temendo exclusivamente a Deus, o único que tem o poder de destruir tanto a alma quanto o corpo (versículo 28).

### **Decapitação de João Batista e temores de Antipas.**

O relato da morte de João Batista provê o pano-de-fundo para o terror culposo de Herodes Antipas de que Jesus seria o mesmo João, que teria regressado de entre os mortos. O relacionamento entre João e Herodes e Herodias nos faz lembrar vivamente do relacionamento paralelo entre Elias e Acabe e Jezabel, sobretudo quando se recorda que João Batista viera "no espírito e poder de Elias". *Ler Marcos 6:14-29; Mateus 14:1-12 e Lucas 9:7-9* (§ 71).

## **Multiplicação de pães para os cinco mil: inversão na carreira de Jesus.**

Por diversos motivos, todos os quatro evangelhos relatam a multiplicação de pães para cinco mil homens. Quicá tenha sido esse o mais impressionante dos milagres de Jesus. Em retrospecto, os pães multiplicados têm associações com a Ceia do Senhor. E tal incidente foi um episódio que deu certa guinada na carreira de Jesus. Jesus realizou tal milagre durante a estação primaveril da Páscoa, exatamente o tempo do ano em que os judeus esperavam que o Messias se manifestasse. Outrossim, os judeus esperavam que o Messias repetisse o milagre veterotestamentário do maná, alimentando-os qual um segundo Moisés, por ocasião do grande banquete apocalíptico. Os Papiros do Mar Morto contêm instruções sobre o arranjo das mesas, por ocasião desse banquete. Conseqüentemente, quando Jesus alimentou miraculosamente a multidão (precisamente o que os judeus esperavam que o Messias fizesse), quando do período da Páscoa (exatamente quando esperavam que o Messias se manifestasse abertamente como o Messias), as turbas se adiantaram no intuito de declararem-No rei. Mas Jesus se recusou a tal. Jesus insistia em tornar-se o monarca espiritual sobre os corações dos homens, antes de aceitar qualquer coroa político-militar. Dessa forma, despediu as multidões, enviou os Seus discípulos para o lado oposto do lago, e retirou-se para um monte, a fim de orarem particular. Por Sua própria decisão, o clímax da Sua popularidade se transmutou no declive de Sua sorte. *Ler Marcos 6.30-46; Mateus 14:13-23; Lucas 9:10-17 e João 6:1-15* (§§ 72 e 73).

## **Andando sobre as águas.**

"A quarta vigília da noite", durante a qual Jesus andando por sobre as águas, aproximou-se dos discípulos que lutavam contra o vendaval, era aproximadamente entre as três da madrugada e as seis da manhã. A narrativa nem glorifica à fé de Pedro, por ter andado também por sobre as águas, como fazia Jesus, e nem critica a hesitação de Pedro e seu afundamento. Antes, magnifica a graça e o poder de Jesus. *Ler Marcos 6:47-56; Mateus 14:24-36 e João 6:16-21* (§§ 74, 75).

## **Discurso sobre o Pão da Vida.**

No dia subsequente àquele em que multiplicou pães para os cinco mil homens, Jesus acusou às multidões de não terem percebido a significação de Seu milagre. Os judeus acreditavam que Deus dera o maná, através dos méritos de Moisés. Jesus deu a entender, porém, que o verdadeiro pão não fora o maná dado por Moisés, e, sim, era o próprio Jesus, enviado da parte de Deus Pai. Aqueles a quem Deus escolheu, virão a Cristo e jamais se perderão. As palavras de Jesus acerca do comer da Sua carne e do beber do Seu sangue referem-se à apropriação, mediante a fé, dos benefícios de Sua violenta morte expiatória. A fraseologia empregada faz lembrar as palavras da instituição da última Ceia. *Ler João 6:22-71* (§ 76).

## **Pureza real e pureza espiritual.**

Visto que, ao que parece, Jesus não compareceu a esta festa da Páscoa, em Jerusalém, as autoridades judaicas enviaram uma delegação que investigasse as atividades Dele. Ao chegarem, os membros da delegação criticaram aos discípulos de Jesus porque violavam as tradições rabínicas ao comer com mãos cerimonialmente impuras. (A higiene não era a questão em foco.) Em resposta à crítica, Jesus indagou por qual razão eles transgrediam contra a lei de Deus, na observância de suas tradições rabínicas. E citou um exemplo: um filho que quisesse evitar a obrigação de sustentar ou dar algo útil a seus progenitores necessitados, de acordo com os rabinos, que dedicasse a Deus, como uma oferenda futura, o que teria de dar aos seus pais, não lhe sendo mais legal ajudar nisso aos mesmos. Entrementes, o filho retinha a posse e o uso de tal item para si mesmo. Jesus declarou em seguida o princípio de que a contaminação espiritual, interna é muito mais importante do que a mera contaminação externa, cerimonial. Ao assim repelir as restrições dietéticas do Antigo Testamento, Jesus antecipou a abrogação da lei mosaica, como algo resultante de Sua morte. *Ler Marcos 7:1-23; Mateus 15:1-20 e João 7:1* (§ 77).

## **A fé da mulher siro-fenícia.**



Jesus foi então para a região de Tiro e Sidom (Fenícia, ou nosso moderno Líbano), a fim de evitar as multidões da Galiléia. *Ler Marcos 7:24-30; Mateus 15.21-28* (§ 78). Jesus testou a fé da mulher siro-fenícia. No diálogo que houve, "filhos" alude ao povo judeu, "cachorrinhos" refere-se aos gentios. Os judeus regularmente chamavam os gentios de "cães". Mas a forma da palavra usada por Jesus significa "cachorrinhos", animais domésticos de estimação. A mulher apegou-se esperançosamente a essa expressão, a fim de argumentar que até os gentios esperavam uma migalha da graça de Deus, caída da mesa do banquete messiânico. Foi preciso grande fé da parte dela para conceber que o livramento de sua filha seria, para Cristo, o equivalente apenas a uma migalha.

### **Multiplicação de pães para os quatro mil.**

Mui apropriadamente, após o diálogo sobre judeus e gentios, Jesus realizou outro milagre de multiplicação de pães - desta vez para uma multidão de quatro mil pessoas, incluindo muitos gentios. Conforme os judeus foram rejeitando a Jesus mais e mais, os gentios, em números sempre crescentes, foram participando das bênçãos. *Ler Marcos 7:31 -8:9; Mateus 15.29-38* (§ 79).

### **Sinais messiânicos.**

*Ler Marcos 8:10-12; Mateus 15:39 - 16:4* (§ 80). Neste episódio, Jesus acusa os fariseus e saduceus por serem suficientemente inteligentes para saber, como previsores das condições atmosféricas, que um mesmo fenômeno no firmamento pode significar coisas diferentes em ocasiões diferentes. Contudo, não eram capazes de reconhecer o óbvio sinal de que já tinham chegado os tempos messiânicos. Esse sinal era o Seu ministério miraculoso, considerado em seu todo.

### **O fermento dos saduceus e fariseus.**

*Ler Marcos 8:13-26 e Mateus 16.5-12* (§ 81). O fermento de Herodes e o fermento dos saduceus (Marcos e Mateus, respectivamente), são uma e a mesma coisa, pois os sustentadores políticos da família dos Herodes eram saduceus por convicção religiosa. O fermento dos saduceus (ou de Herodes) consistia do materialismo e anti-supernaturalismo. O fermento dos fariseus era o rígido legalismo deles. A última porção desta seção registra a única instância conhecida de uma cura gradual, realizada por Jesus. Dificilmente é possível que Marcos tivesse por intuito ensinar que a visão sem nitidez do cego, no primeiro estágio da cura, simbolizava o conceito nebuloso sobre o Messias, exibido por Pedro na seção a seguir.

### **Pedro confessa ser Jesus o Messias.**

*Ler Marcos 8:27-30; Mateus 16:13-20 e Lucas 9:18-21* (§ 82). Não foi essa a primeira vez em que os discípulos reconheceram ser Jesus o Messias. Mas foi um episódio significativo porque a popularidade de Jesus se estava dissipando, o que, sem dúvida alguma, os discípulos puderam perceber. Quando Jesus disse a Pedro: "não foi carne e sangue quem to revelou", quis dizer que nenhum ser humano havia dado tal revelação a Simão Pedro.

"Sobre esta pedra".

O nome "Pedro" significa "rocha", ou "seixo". A assertiva, "sobre esta pedra edificarei a minha igreja", emprega um vocábulo grego correlato, *petra* ("rocha"). Todavia, se porventura Jesus tivesse falado em aramaico, as palavras para "pedro" e "pedra" seriam uma só, e não duas. As principais interpretações possíveis são que a rocha basilar da Igreja é: (1) Jesus, o leito rochoso, em distinção a Pedro, um mero seixo; (2) a verdade contida na confissão de Pedro, isto é, que Jesus é o Messias e é Deus; e (3) Pedro, na qualidade de líder e representante do grupo apostólico (não necessariamente na posição de "primeiro papa"). E a declaração de que as portas do hades não prevaleceriam contra a Igreja significa que, por causa da ressurreição para a vida eterna, a morte não será capaz de vencer a Igreja.

### **As chaves: retendo ou liberando.**

As chaves do reino, juntamente com a idéia de liberar e reter os pecados, têm sido variegadamente explanadas como alusões à autoridade para estabelecer regras sobre ordem e disciplina eclesiástica, à autoridade para abrir as portas da Igreja, primeiramente aos judeus e então aos gentios (conforme fez Pedro no dia de Pentecoste, e posteriormente, na casa de Cornélio), à autoridade para perdoar pecados (conforme é a opinião da Igreja Católica Romana), e - o mais provável - uma alusão à autoridade de admitir ou de recusar admissão à Igreja, com base na reação das pessoas para com o evangelho. Ao ser investido dessa autoridade, Pedro representava o grupo apostólico inteiro; porquanto o poder de liberar ou reter pertence igualmente a todos os apóstolos, de acordo com Mateus 18:18. E na verdade, se a liberação ou retenção se refere à declaração das condições para o perdão, exaradas no evangelho, então tal autoridade pertence a todos os crentes; pois todos eles devem proclamar o evangelho.

### **Predição da paixão e o levar a própria cruz.**

Pedro, entretanto, compartilhava do comum e errôneo ponto de vista judaico sobre o Messias. Quando Jesus começou a predizer Sua própria morte e ressurreição, que já se avizinhava, Pedro levantou objeção. Em tons ríspidos, porém, Jesus declarou a Pedro que este não entendia o plano de Deus. Em seguida, Jesus exortou a todos os discípulos para que tomassem de suas cruzes e O seguissem. O indivíduo condenado à crucificação era forçado a levar a trave horizontal da cruz ao lugar da execução, passando por entre as multidões que vaiavam, cuspiam e amaldiçoavam. Tomar a própria cruz, e seguir a Jesus, portanto, significa expor-se voluntariamente à hostilidade do mundo incrédulo, ao risco de perder a própria vida. *Ler Marcos 8:31-37; Mateus 16:21-26; Lucas 9:22-25* (§ 83).

### **Transfiguração de Jesus.**

A narrativa sobre a transfiguração de Jesus aparece imediatamente depois da predição de que "alguns" dos discípulos veriam a gloriosa vinda de Cristo e do reino. Uma observação feita quanto ao tempo que se escoara, "seis dias depois", serve de liame entre a transfiguração e a predição. (Lucas registra "cerca de oito dias depois", porquanto ele contou à moda inclusiva, computando o dia da declaração e o dia da transfiguração, em adição aos dias entre as duas ocasiões.) É lógico concluirmos que a transfiguração cumpriu a promessa de Jesus. "Alguns" dos discípulos - Pedro, Tiago e João - foram testemunhas oculares desse evento. E isso foi uma prelibação particular da glória do reino de Deus sobre a terra, quando do retorno de Cristo. *Ler Marcos 8:38 - 9:8; Mateus 16:27 - 17:8 e Lucas 9.26-36* (§§ 84 e 85).

O rosto fulgurante, a nuvem e a voz são informes que nos lembram a experiência de Moisés no monte Sinai, indicando que Jesus estava sendo retratado então como alguém "maior que Moisés". O aparecimento de Moisés e Elias indica que Jesus é o cumprimento da lei e dos profetas, respectivamente. O tópico da conversa havida foi o "êxodo" ou "saída" de Jesus, o que Ele haveria de realizar em Jerusalém. O verbo "cumprir" subentende que a morte de Jesus era algo predeterminado, não tendo sido fruto de algum acidente. Pedro queria armar tendas a fim de passar um período prolongado no monte. Mas Jesus tinha de continuar palmilhando a vereda da cruz. O divino intuito por detrás da transfiguração era o de escorar a fé dos discípulos, fortalecendo-a. A fé que tinham depositado em Jesus corria o perigo de arruinar-se, ante a oposição crescente dos judeus e a rejeição de Sua pessoa por parte deles.

### **João Batista e Elias.**

Na caminhada, descida abaixo, pelo monte da transfiguração, Jesus revelou a Seus perplexos discípulos que, em um sentido verdadeiro, Elias já havia reaparecido, conforme Malaquias profetizara, na pessoa de João Batista. Mas, em um outro sentido, Elias voltaria a fim de preparar Israel, através do arrependimento, para o segundo advento de Cristo. *Ler Marcos 9:9-13; Mateus 17:9-13 e Lucas 9:36* (§ 86).

### **A fé.**

Foi então que Jesus expeliu um demônio, o que fora tarefa impossível para Seus discípulos, devido à ausência de oração confiante. *Ler Marcos 9:14-32; Mateus 17:14-20,22,23 e Lucas 9:37-45* (§§ 87 e 88). A afirmativa: "Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo" (Marcos 9:25), dá a entender que Jesus apressou a expulsão, para escapar da multidão que se concentrava. Na fase final de Seu ministério, Jesus procurou constantemente a privacidade, a fim de poder instruir a Seus discípulos. "Este monte" (que poderia ser removido mediante a fé, vide Mateus 17:20) era o monte próximo da transfiguração, provavelmente o monte Hermom, ao norte da Galiléia, e que neste caso representava qualquer tarefa ou problema de solução impossível para os homens. E visto que o exorcismo excitava novamente as esperanças de que Jesus terminaria por ser um Messias de vitórias militares, repetiu Ele a predição de Sua morte e ressurreição.

### **A moeda de Pedro ou taxa do templo.**

A história do "estáter de Pedro", conforme é ela comumente conhecida, estava ligada ao imposto anual que todo judeu do sexo masculino de mais de dezanove anos de idade deveria pagar, para manutenção dos serviços no templo. O fato que somente Mateus relata o episódio corresponde ao fato que fora antes cobrador de impostos. *Ler Mateus 17.24-27* (§ 89). O argumento usado por Jesus é que a nova era do reino de Deus já havia sido inaugurada, pelo que o templo se tornara ultrapassado, devido à presença de Jesus. E visto que um rei não cobra impostos de seus próprios filhos, Jesus e Seus discípulos não tinham a obrigação de pagar a taxa do templo. Mas, seguindo a lei do amor isto é, procurando não ofender desnecessariamente às pessoas Jesus instruiu a Pedro que pagasse a taxa, por ele mesmo e por Jesus, com uma moeda que caíra no lago e fora engolida por certo peixe.

O Denário de prata de Tibério, moeda corrente por todo o império romano na época de Cristo, era comumente usado no pagamento de taxas a Roma.



### **Atitude infantil e discipulado.**

*Ler Marcos 9:33-50; Mateus 18:1-14 e Lucas 9.46-50* (§§ 90 e 91). A criança que Jesus tomou em Seus braços representa o discípulo confiante (vide Marcos 9:42), em toda a sua debilidade infantil, sem defesa, perseguido e humilde, em contraste com o conceito dos doze, que pensavam no discipulado como se fora uma auto-promoção. Receber uma criancinha em nome de Cristo significa aceitar e crer no testemunho dado por um discípulo de Cristo (a "criancinha"). "Fazer tropeçar" significa "induzir ao pecado". O ensino sobre a necessidade de decepar a própria mão, quando esta nos leva a pecar, ilustra o uso que Jesus fez de hipérboles. Mas o mandamento não deve ser levado menos a sério, por causa do exagero envolvido! Marcos 9:49,50 contém um jogo de palavras sobre o duplo simbolismo do sal: o sal exemplifica (1) o tempero da punição eterna ("salgado com fogo"); e (2) as virtudes incorruptíveis do discipulado, como a santidade e a graciosidade, as quais, por sua vez, produzem a paz de espírito ("Tende sal em vós mesmos, e paz uns com os outros"). A referência existente em Mateus 18:10, alusiva aos anjos dos "pequeninos", faz parte inclusiva da doutrina da existência de anjos guardiões daqueles que estão destinados à salvação.

### **Reconciliação e perdão.**

*Ler Mateus 18:15-35* (§ 92). A comunidade de Qumran, que produziu os Papiros do Mar Morto, contava com regras similares àquelas baixadas por Jesus, para casos de desavenças entre os discípulos.(Documento de Damasco 9:2 e Manual de Disciplina 6:1.) Os quatro passos que fazem parte das intruções dadas por Jesus, são: (1) uma conferência em particular; (2) uma conferência na presença de duas ou três testemunhas; (3) consideração sobre a questão, por parte da comunidade cristã inteira; e (4) ostracismo para a parte obstinada. A pessoa ofendida não deve esperar apologias do ofensor, mas de tomar a iniciativa, visando à reconciliação. Na melhor das hipóteses, espera-se que

os lados em choque resolvam suas diferenças antes de todos esses quatro passos serem dados. A expressão "setenta vezes sete", que se acha no versículo vinte e dois, provavelmente deveria ser traduzida por "setenta e sete vezes". Ela denota que o perdão deve ser dado por um número indefinido de vezes, em contraste com a vingança sedenta de sangue, das setenta vezes sete, sobre o que Lameque se jactava, conforme se lê em Gênesis 4:24.

### **O servo sem misericórdia.**

Na parábola de servo destituído de misericórdia, a dívida de dez mil talentos, que deveria ser paga ao rei, por parte do primeiro servo, orçava em cerca de 10 milhões de dólares, se calcularmos somente o volume da prata envolvida, uma cifra fantástica e irrealista, cujo desígnio é frisar a magnitude de nossa dívida a Deus, por causa do pecado. O rei ordenou que o servo, sua esposa e seus filhos fossem vendidos como escravos, como pagamento parcial da dívida, mas, principalmente como punição. E visto que entre os judeus era vedada a venda de esposas, evidentemente Jesus procurava chocar Seus ouvintes judeus com uma prática gentílica desumana. O rogo apresentado pelo servo, pedindo paciência, "Tudo te pagarei", faz soar uma outra nota irreal. Pois como poderia ele pagar uma dívida tão imensa? E o pedido que ele fez, solicitando algum tempo mais, foi igualmente absurdo, como absurdo é qualquer pensamento, por parte de um homem pecaminoso, de que ele tem capacidade de pagar a Deus a dívida pelos seus pecados. O de que precisamos, da parte de Deus, não é de mais tempo, para podermos saldar a nossa dívida, mas é de imediata misericórdia. E foi isso que o rei ofereceu. A magnitude da dívida foi equiparada com a magnitude do perdão do rei.

Mas o perdão divino não é o ponto central da parábola; esse ponto é antes a necessidade do perdão humano, em imitação ao perdão dado por Deus. Quando o servo ia saindo, com o senso de perdão ainda fresco na mente, repeliu o apelo que lhe fez um conservo, o qual solicitava um pouco mais de prazo, a fim de saldar uma dívida perfeitamente resgatável de cerca de quatrocentos cruzeiros. Por conseguinte, não havia necessidade alguma de crueldade, mas o primeiro servo lançou seu conservo na prisão dos devedores. Não há que duvidar que estaria pronto até mesmo a vender seu conservo à servidão. Porém, porquanto a lei proibia que um homem fosse vendido por menos que o seu próprio valor, em um mercado de escravos (e um homem valia mais do que quatrocentos cruzeiros), então foi tomada a medida mais cruel nessas circunstâncias - encarceramento. A reação dos demais servos levou o monarca a reverter o seu veredito inicial. "Até que lhe pagasse toda a dívida" são palavras que indicam a punição eterna, porquanto ele jamais poderia esperar pagar tão gigantesca dívida. E assim, já que Deus nos perdoa tanto, também deveríamos perdoar o pouco que nossos semelhantes fazem contra nós. Não merecemos a misericórdia divina por termos perdoado a outros. Mas ninguém estará verdadeiramente arrependido de seus pecados, se não estiver disposto a perdoar os pecados alheios contra si mesmo. A "sociedade dos perdoados" não pode existir a menos que seus membros se inclinem para o perdão, pois de outra forma não terão comunhão nem com o Deus perdoador e nem entre eles mesmos. O perdão tem de ser posto em prática, tanto quanto tem de ser recebido. Quando alguém deixa de agir assim, tal atitude indica não somente que esse alguém não soube apreciar a misericórdia divina como deve, mas também que não se apropriou dela.

### **Natureza do discipulado.**

*Ler Mateus 8:19-22 e Lucas 9:57-62 (§ 93).* Nesta seção do Novo Testamento, o primeiro homem a apresentar-se como seguidor voluntário de Jesus exsudava de auto-confiança. Faltava-lhe a consciência de que o discipulado envolve sofrimento. Já ao segundo homem faltava o senso de urgência. Ir para casa a fim de sepultar o próprio pai teria custado dias de lamentação e purificações cerimoniais, e provavelmente também significava permanecer em casa até que seu pai falecesse. O discipulado, entretanto, é mais importante do que a devoção aos pais. O terceiro homem, que primeiramente desejava despedir-se de seus familiares, não possuía singeleza de propósitos. As respostas de Jesus enfileiram três qualidades necessárias ao discipulado: um espírito disposto a sacrificar-se, a obediência imediata e a dedicação incondicional.

## **Jornada à festa dos Tabernáculos.**

Os incrédulos meio-irmãos de Jesus sugeriram, sarcasticamente, que uma personagem pública, como era Ele, deveria fazer propaganda, exibindo Seus milagres em Jerusalém, quando da festa dos Tabernáculos, a mais popular e, por isso mesmo, a mais concorrida dentre as festividades de peregrinação. Mas Jesus retrucou que, de modo diverso de outros, Ele regulava os Seus movimentos pelo cronograma de Deus, e não segundo considerações de popularidade. Além disso, Ele tinha por destino ser alvo do ódio do mundo, e não receber aclamações populares. De conformidade com isso, pois, esperou por algum tempo, antes de subir secretamente a Jerusalém. *Ler João 7:2-10; Lucas 9:51-56 (§ 94 e 95).*

*Para discussão posterior:*

- Jesus violou o sábado?
- Qual foi o propósito da escolha de doze discípulos especiais?
- Como deveríamos aplicar o ensino de Jesus acerca da não-retaliação? Suas instruções, no sermão da Montanha, são pacifistas, idealistas, realistas, práticas?
- Que devemos pensar, homens modernos que somos, sobre a possessão demoníaca e o exorcismo de Jesus? Por que a possessão demoníaca parece menos evidente na cultura ocidental?
- Fundamentando-se sobre a moderna vida urbana, componha uma parábola que ilustre um dos pontos destacados nas parábolas de Jesus; então compare-a, quanto a sua naturalidade e impacto, com a parábola correspondente contada por Jesus.

## **CAPÍTULO 10 - Ministério Posterior na Judéia e Peréia**

*Perguntas Normativas:*

- Em que sentido o ensino posterior de Jesus reflete a deterioração de relacionamento entre Ele mesmo e os judeus?
- Como foi que Jesus defendeu o estilo e o conteúdo de Seu ministério?
- De acordo com quais diretrizes teológicas o ensinamento posterior de Jesus lançou as bases para a doutrina apostólica, mesmo a mais desenvolvida?

## **Debate durante a festa dos Tabernáculos.**

Quando Jesus, a princípio, não apareceu durante a festa dos Tabernáculos, o povo pôs-se a debater a respeito de Sua pessoa. Os debates, entretanto, se amainaram, devido ao temor do que poderiam fazer os líderes judeus. E quando, finalmente, Ele apareceu, ouviu alguns judeus indagando como era Ele capaz de participar de debates teológicos, sem haver recebido treinamento prévio em alguma escola rabínica. ("Como sabe este letras, sem ter estudado?" é pergunta que não alude à capacidade de ler e escrever, e, sim, ao treinamento teológico.) Em resposta a tal pergunta, Jesus asseverou que o Seu ensino se originava em Deus, o qual O havia enviado. E quando Jesus sugeriu que estavam buscando tirar-Lhe a vida, o povo escarneceu Dele. Talvez fingissem ignorar os planos traçados pelos seus líderes. No entanto, devem ter tido conhecimento dos mesmos, pois haviam temido falar abertamente sobre Jesus, e mais tarde indagaram, admirado, por que seus superiores não O detinham imediatamente. Em seguida, Jesus defendeu a cura do paralítico à beira do tanque de Betesda (João 5), por ele realizada, observando que a própria lei mosaica ensinava ser a circuncisão, a qual afeta somente um membro do corpo, mais importante do que o sábado, ao requerer que aquele rito fosse cumprido ao oitavo dia do nascituro, embora tal dia fosse o sábado. Quanto mais *a cura de um homem inteiro neutralizava* a lei sabática!

Os judeus, entretanto, insistiam que Jesus não podia ser o Messias, porquanto sabiam que Ele viera de Nazaré. É que os judeus pensavam que a origem do Messias seria um mistério. E quando Jesus anunciou que se retiraria, os judeus conjecturaram que haveria uma missão entre os judeus da dispersão, fora da Palestina, ou talvez até entre os gentios (os "gregos"). Pelo espaço dos sete primeiros dias da festa dos Tabernáculos, os sacerdotes costumavam transportar água, em vasos de ouro, desde o poço de Siloé

até ao templo, para uma oferta de libação. (Ver a citação, na Mishna, extraída de Sukkah 4.1,5 ss., na obra de C. K. Barrett, *The New Testament Background*, págs. 157-159.) No oitavo (ou sétimo) dia da festa, que era o dia culminante, Jesus clamou às multidões, nos átrios do templo, de que Ele era a fonte de onde manava a verdadeira água espiritual, o Espírito transmissor de vida. Mas a maioria dos judeus, ignorando ter Ele nascido em Belém, objetava, dizendo que Jesus não podia ser o Messias, porquanto viera da Galiléia, e não de Belém da Judéia (vide Miquéias 5:2). Portanto, neste trecho bíblico, refletem-se dois pontos de vista evidentemente contraditórios, correntes entre os judeus, de que a origem do Messias ou seria desconhecida, ou que se sabia que Ele nasceria em Belém. *Ler João 7:11-52* (§ 96).

### **A mulher apanhada em adultério.**

A história da mulher apanhada em adultério não faz parte integrante das Escrituras canônicas. Os melhores e mais antigos manuscritos, que não haviam sido ainda descobertos ao ser feita a tradução inglesa do King James, em 1611, omitem-na inteiramente. Manuscritos posteriores e inferiores, inseriram-na em diversos lugares. Os próprios princípios da crítica textual, que asseguram o caráter fidedigno do resto do Novo Testamento, eliminam essa passagem. Por outro lado, insistir sobre a originalidade dessa passagem, no texto do Novo Testamento, é solapar a base da certeza de que possuímos um texto substancialmente exato em outros trechos do Novo Testamento. A própria narrativa, entretanto, pode ter sido um episódio autêntico, tendo sido preservado na tradição oral cristã antes de sua interpolação no texto canônico. *Ler João 7:53 - 8:11* (§ 97).

Os acusadores de Jesus tentaram envolvê-Lo nos meandros de um dilema. Se Ele recomendasse a pena de morte, de acordo com a legislação mosaica, poderiam acusá-Lo de voltar-se contra as autoridades romanas, as quais tinham proibido os judeus de imporem a pena de morte. E se Ele não recomendasse a pena de morte, poderiam destruir a reputação de Jesus, anunciando ao povo que Jesus não era leal à lei de Moisés. Era costumeiro que o acusador mais idoso fosse o primeiro a atirar pedra. O centro de atenção, por conseguinte, passou para o indivíduo de mais idade, quando Jesus desafiou: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra". Cada acusador foi-se retirando, conforme se foi tornando o mais idoso do grupo, quando alguém mais idoso que ele se afastava. Várias sugestões a respeito do que Jesus teria escrito no chão são inconclusivas. A recomendação final, "não peques mais", isentou o ensino de Jesus de alguma atitude lassa para com a imoralidade sexual.

### **A luz do mundo.**

Durante toda a festa dos Tabernáculos, que perdurava por uma semana, os judeus mantinham quatro gigantescos candelabros acesos, na área do templo, a fim de comemorar a coluna de fogo que guiava e guardava o povo de Israel no deserto. Tal costume serviu de pano-de-fundo para a declaração que Jesus fez, de ser Ele mesmo a verdadeira luz espiritual. A luz, todavia, impõe julgamento às trevas. E, assim sendo, Jesus jogou com diversos sentidos possíveis do verbo julgar: (1) formar opinião sobre algo, neste caso de maneira humana e superficial; (2) condenar; (3) fazer discriminação entre coisas. Quando os judeus indagaram: "Onde está teu Pai?" não pretendiam tão-somente desafiar Jesus a apresentar Seu pai como uma testemunha; estavam igualmente insinuando que Ele nasceria como filho adulterino. *Ler João 8:12-20* (§ 98).

### **Os descendentes de Abraão.**

*Ler João 8:21-59* (§ 99). Na declaração feita por Jesus, no sentido que os judeus incrédulos eram daqui debaixo, e que Ele era do alto (versículo 23), "cá de baixo" e "lá de cima" significam "terra" e "céus". A assertiva dos judeus, que se declararam livres, olvidava sua servidão política a Roma e aos impérios mundiais anteriores; mas talvez tivesse o intuito de frisar a liberdade interior e espiritual. E ante a ufania deles, de serem descendentes de Abraão, Jesus replicou dizendo que a descendência espiritual é muito mais importante do que a descendência física. Na verdade, os judeus se tinham escravizado à servidão do pecado, de tal modo que se assemelhavam muito mais a Ismael, que nasceria como escravo, do que ao Livre Isaque. A afirmativa, "Antes que Abraão

existisse, eu sou", equivalia à reivindicação de ser Ele o eterno Deus da redenção, Javé, o Eu sou quem sou (vide Exodo 3:14). Exodo 3:14).

### **O cego curado e excluído.**

Alguns judeus ensinavam que um homem podia ter pecado em alguma existência prévia, ou mesmo no ventre de sua mãe, e então ser punido por tal pecado nesta vida. Outros ensinavam que os filhos sofriam por causa dos pecados de seus progenitores. Os discípulos consideraram essas possibilidades quando viram o cego que Jesus passou a curar. *Ler João 9:1-41* (§ 100). Jesus preparou um pouco de lodo com barro e saliva e o aplicou aos olhos do cego, a fim de despertar-lhe a fé, porque popularmente se acreditava que a saliva possuísse poderes curativos, e também a fim de preparar o palco para a lavagem, que se revestia do valor simbólico de purificação. O sentido do vocábulo "Siloé", ou seja, "enviado", aponta para Jesus, aquele que Deus Pai enviara para ser nosso Salvador. Uma vez mais, em adição a isso, Jesus quebrava o preceito rabínico de que não podiam ser efetuadas curas em dia de sábado, a menos que a vida do indivíduo curado corresse perigo. Além disso, a preparação do lodo envolvia trabalho manual com os dedos, e, por conseguinte, trabalho. A expulsão referida no versículo trinta e quatro alude à exclusão do ex-cego como membro da sinagoga. Reagindo a essa ação dos fariseus, Jesus proferiu juízo condenatório contra eles, ao dizer que se de fato fossem cegos, haveriam de perceber sua necessidade, haveriam de arrepender-se, de crer, e assim seriam purificados de seus pecados. Mas, visto que se declaravam capazes de ver, sentiam-se auto-suficientes, e, por isso, permaneciam impenitentes e sem perdão.

### **O Bom Pastor.**

A alegoria do bom pastor, na verdade foi um comentário sobre o cego (uma ovelha), sobre o próprio Jesus (o bom pastor) e sobre os fariseus (ladrões e salteadores). Os pastores deixavam suas ovelhas guardadas à noite em um ambiente cercado (aprisco), e sob a vigilância de um porteiro. Ao amanhecer, os pastores vinham até ao porteiro e chamavam as suas respectivas ovelhas, as quais reconheciam a voz de seu pastor e os seus próprios nomes. Em contraste com isso, os ladrões e salteadores saltavam por cima da cerca do aprisco, e desse modo punham as ovelhas em pânico. Um verdadeiro pastor, por conseguinte, era reconhecido pela sua gentileza e pela reação favorável das ovelhas, tal como na história do cego e Jesus. Porém, ladrões e salteadores eram conhecidos por seu tratamento selvagem dispensado às ovelhas, bem como pela reação desfavorável destas últimas, conforme se vira na alteração entre o ex-cego e os fariseus. *Ler João 10:1-21* (§ 101). Quando Jesus afirmou ser a porta das ovelhas, modificou levemente a metáfora que usava, em consonância com a necessidade que tinham os próprios pastores de guardarem a entrada do aprisco, com seus próprios corpos, ao dormirem, se porventura não dispusessem de um porteiro. As "outras ovelhas", referidas no versículo dezesseis, são os gentios, os quais haveriam de participar do único rebanho, a Igreja.

### **A missão dos Setenta.**

A missão dos setenta discípulos provavelmente teve lugar, em sua maior parte, na Peréia (sul da Transjordânia), e não na Judéia, contrariamente aos títulos dos parágrafos da obra de Robertson, *Harmony*. O número setenta talvez corresponda ao cômputo rabínico das nações gentílicas, que seriam em número de setenta. Tal missão, pois, prefigurava a futura missão mundial da Igreja, entre os povos gentílicos. Tal como na missão dos Doze, pela Galiléia, era de grande importância o senso de urgência. Não havia tempo para os longos rapapés das saudações orientais, e nem para inquisições sobre pureza cerimonial de alimentos, naquela área tipicamente gentílica. *Ler Lucas 10:1-24* (§ 102). A afirmação de Jesus : "Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago", provavelmente significa que, no exorcismo praticado pelos discípulos, Jesus via o prenúncio da derrocada de Satanás, o que ocorrerá no final da era presente.

### **O bom samaritano.**

A parábola do bom samaritano explica o mandamento contido no Antigo Testamento: "...amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Levítico 19:18). A pergunta feita pelo escriba: "Quem é

o meu próximo?", tentou arrastar Jesus ao debate rabínico sobre se o termo "próximo" incluía não-fariseus e os inimigos pessoais. Entretanto, a parábola não respondeu exatamente a essa indagação. Mas, seja como for, fora mal colocada a pergunta "Quem é o meu próximo?" Pois subentendia que o âmago da questão jazia em uma definição legal. A pergunta correta, indaga: "A quem posso ser o próximo?" porquanto se origina de uma atitude que reconhece a qualquer pessoa em necessidade como o próximo, sem querelas sobre definições. Na parábola, ressalta-se obviamente a figura do samaritano, por causa de seu valor de choque para os ouvintes judeus. Poderíamos ter esperado que fosse ele o homem atacado e ferido. No entanto, ele foi o ajudador, e não o homem em necessidade de socorro. Portanto, o ponto da parábola não é que deveríamos ajudar mesmo que fosse um samaritano, ou qualquer pessoa. O amor genuíno não estabelece tais distinções. *Ler Lucas 10:25-37 (§ 103).*

*Estrada de Jerusalém a Jericó, onde as dobras de terra revelam a estrutura tor-tuosa do terreno pela qual passa a estrada.*



A estrada de Jerusalém a Jericó descia mais de mil metros, em menos de vinte e quatro quilômetros, atravessando gargantas e ravinas infestadas de assaltantes. O sacerdote e o levita temeram contaminar-se cerimonialmente, tocando naquilo que mais lhes parecia um cadáver. Isso lhes teria custado a compra de cinzas de uma novilha vermelha, para a purificação, a perda de privilégios do templo, como comer dos sacrifícios do templo pelo período de uma semana de contaminação, os arranjos para o sepultamento de um cadáver e a perda de uma roupa perfeitamente boa, que deveria ser rasgada em sinal de lamentação. O sacerdote e o

levita viram, na vítima, uma perfeita ameaça de perda é inconveniências pessoais.

O samaritano tinha iguais razões para passar de largo pelo indivíduo ferido, e talvez morto, pois os samaritanos, por semelhante modo, evitavam contaminar-se devido a contato com algum cadáver - e talvez tivesse ainda maiores motivos para tanto, porque havia grandes possibilidades de a vítima ser um detestável judeu. Porém, não somente o samaritano parou a fim de investigar. Quando descobriu que o homem ferido era judeu, tratou-lhe as feridas abertas com vinho, a fim de desinfetá-las, e com azeite de oliveira, a fim de suavizá-las, rasgou faixas de seu próprio turbante ou de sua veste interna de linho, a fim de enfaixar as lesões, seguiu a pé, enquanto o judeu ia montado no jumento (um caminhar mais lento os exporia mais ainda a outros ataques de bandidos), pagou dinheiro suficiente a um estalajadeiro, para duas semanas de convalescença, e comprometeu-se a pagar uma conta sem limites, devido a quaisquer despesas adicionais - e tudo sem a esperança de ser reembolsado, porquanto os samaritanos não tinham direitos legais nos tribunais judaicos. Isso, deixou entendido o Senhor Jesus, é amar ao próximo como a nós mesmos. Quando foi solicitado a identificar o indivíduo que agiu como o próximo, o escriba não foi capaz de dizer "O samaritano", mas utilizou-se de um circunlóquio: "O que usou de misericórdia para com ele".

### **Maria e Marta.**

Maria "também" se assentou aos pés de Jesus. Em outras palavras, ela conversava com Jesus, mas O servia, por igual modo; ao passo que a atarefadíssima Marta somente servia a Jesus. *Ler Lucas 10:38-42 (§ 104).*



## **O amigo importuno.**

*Ler Lucas 11:1-13* (§ 105). O viajante, desta parábola a respeito da oração, havia viajado durante a noite, a fim de evitar o calor da tarde, e por essa razão chegou à meia-noite, muito tarde, segundo os padrões dos orientais antigos, que se recolhiam cedo. A "lei da hospitalidade" dos povos orientais ensinava que o hospedeiro de um viajante acordasse a um vizinho seu, à meia-noite, à cata de alimentos. Os três pãezinhos, que ele pediu, eram considerados uma refeição para uma pessoa. A relutância do vizinho foi agravada pelo fato que, na Palestina, as famílias dormiam todos os membros em um só aposento, sobre esteiras, pelo que levantar-se e destrancar a porta era ato que acordaria a família inteira. A ausência, na resposta dele, de qualquer tratamento polido, como "amigo", mostra-nos o quão contrariado estava. Mas, se a persistência triunfou em uma situação como aquela quão mais eficaz será a persistência nas orações dirigidas a um Deus gracioso, que de modo algum se mostra relutante em atender os nossos pedidos!

## **Visão sadia.**

*Ler Lucas 11:14-36* (§ 106). Quanto a comentários, vide as notas sobre os parágrafos 61 e 62 à pág. 156. Dentro da declaração de Jesus: "Se , portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente..." a palavra "luminoso" significa "saudável". Falando de modo figurado, Jesus quis dar a entender que a saudável percepção espiritual ilumina a vida e o ser inteiros do indivíduo.

## **O farisaísmo.**

Em Suas observações sobre o farisaísmo, Jesus destacou que os fariseus guardavam escrupulosamente minuciosas regras religiosas, às expensas de princípios importantes. De fato, os rabinos "edificaram uma sebe ao redor da lei", ou seja, tinham ultrapassado a tudo quanto Moisés havia requerido, somente como margem de segurança. O resultado disso foi um legalismo rígido (o que não deve ser confundido com a obediência elogiável aos mandamentos divinos), que gerava a hipocrisia e o orgulho. *Ler Lucas 11:37-54* (§ 107). A maneira pela qual podemos deixar limpo o lado interior do copo e do prato é doando seu conteúdo aos necessitados (versículo 41). Em outras palavras, a caridade é superior à pureza cerimonial. No versículo 49, a "sabedoria de Deus" é a personificação de um atributo divino, e, assim sendo, do próprio Deus. Quando Jesus disse: "desde o sangue de Abel até ao de Zacarias" (versículo 51), Ele quis dizer: "Desde o primeiro mártir do Antigo Testamento até o último", porque segundo o arranjo hebreu do Antigo Testamento, os livros de Gênesis, no qual se lê sobre Abel, e II Crônicas, onde se lê a respeito de Zacarias, são, respectivamente, o primeiro e o último. Zacarias fora filho de Jeoiada, sumo-sacerdote durante o reinado de Joás, de Judá, não devendo ser confundido com o profeta menor pós-exílico do mesmo nome.

## **A crise messiânica.**

Uma vez mais Jesus acautelou Seus ouvintes contra a hipocrisia dos fariseus. *Ler Lucas 12:1-59* (§ 108). Quando foi convocado a dar solução a uma disputa por motivo de herança, Jesus não anuiu ao pedido. Antes, advertiu acerca da cobiça, que provocara a disputa, e exortou os homens a aguardarem Sua Segunda Vinda, ao invés de desgastarem todas as suas energias com preocupações materiais. Quando do juízo final, os "poucos" ou "muitos açoites", de acordo com os respectivos graus de conhecimento (versículo 47 e 48), apontam para diferentes graus de punição, na eternidade. Jesus referiu-se à Sua morte próxima como se fora um batismo, e observou o fato que diferentes reações ante o Seu ministério haviam sido causa de divisões no seio das famílias. Talvez Ele tivesse querido indicar que a geração mais idosa e a mais jovem estavam em choque, porquanto os mais jovens se sentiam inclinados a aceitá-Lo, ao passo que a geração mais velha e conservadora mostrava-se hesitante. A seção se encerra com uma comparação entre Israel e um devedor que corria o perigo de ser lançado na prisão por causa de dívida, onde não havia como ganhar dinheiro e nem possibilidade de soltura, enquanto a dívida toda não fosse paga. Teria sido muito melhor para Israel se a nação tivesse pleiteado a misericórdia divina, através do

arrependimento, e tivesse aceitado a Jesus como o Messias, antes que ficasse tarde demais, e se perdesse toda a esperança para tal nação.

### **A figueira infrutífera.**

Os zelotes da Galiléia eram notoriamente turbulentos. Pilatos ordenara a matança de alguns deles, quando ofereciam holocaustos a Deus. Os judeus tentaram impelir Jesus a fazer um pronunciamento favorável para com os mártires zelotes galileus, a fim de que pudessem acusá-Lo de partidário zelote, perante as autoridades romanas. *Ler Lucas 13:1-9* (§ 109). Na parábola da figueira estéril, tal árvore é representação simbólica de Israel. (Comparar com Jeremias 24. Oséias 9:10 e Joel 1.7.) Porquanto eram necessários três anos antes que os figos fossem reputados cerimonialmente limpos, e postos que o proprietário, durante mais três anos, tinha procurado figos em vão, aquela árvore já deveria ter seis anos de idade. As figueiras eram prejudiciais às vinhas e outras plantas das circunvizinhanças, porque absorviam uma extraordinária quantidade de nutrientes do solo. O proprietário daquela figueira, pois, concedeu a margem de apenas mais um ano, para que ela produzisse fruto. Por semelhante modo, Israel haveria de ter mais uma oportunidade para produzir fruto agradável a Deus. Essa oportunidade chegou a seu fim no ano de 70 D.C., quando Deus permitiu que os romanos extirpassem a nação judaica.

### **Cura em dia de sábado.**

Em uma outra controvérsia sobre cura realizada em dia de sábado, Jesus argumentou que o sábado era o dia da semana que melhor se prestava para atos de compaixão, por ser um dia de alívio semanal da carga do labor e um prenúncio da libertação final e completa de todos os maus efeitos do pecado. *Ler Lucas 13:10-21* (§ 110).

### **A semente de mostarda e o fermento.**

O contraste entre a presente previsão do reino divino e a sua futura forma aperfeiçoada é similar ao contraste existente entre a pequenez de uma semente de mostarda e as dimensões avantajadas do arbusto em que ela se transforma. Por igual modo, se assemelha ao contraste entre uma pitada de fermento e a grande massa de trigo que o fermento, finalmente, permeia. Ver o estudo a respeito, no parágrafo 64, à página 162.

### **Jesus reivindica sua deidade.**

*Ler João 10.22-39* (§ 111). A festa da Dedicção tinha lugar em dezembro, e comemorava a reconsagração do templo de Jerusalém por Judas Macabeus, após ter sido profanado por Antíoco Epifânio. Quando os judeus, por ocasião dessa festa, levantaram objeções porque Jesus se fazia igual a Deus, argumentou o Senhor dizendo que visto os governantes judeus serem chamados "deuses", em sentido representativo, em Salmos 82:6, então dificilmente as pessoas presentes tinham razão para estranhar Suas reivindicações de ser o Filho de Deus, porquanto era Ele o Messias. Além disso, Seus milagres autenticavam as Suas reivindicações. Em Sua afirmativa de que fora "santificado" pelo Pai (versículo 36), não há qualquer idéia implícita de que o Pai O purificara de pecado. Antes, o Pai O consagrara para a Sua missão remidora.

### **O número dos salvos.**

Em réplica a alguém, que indagara se seriam salvos muitos ou poucos, Jesus recomendou ao povo que não se preocupassem com tais especulações, mas que se assegurassem de que eles mesmos estavam numerados entre os salvos, sem importar se seriam muitos ou poucos os salvos. Tal exortação foi especialmente pertinente para os judeus, os quais tendiam a imaginar que o fato de serem judeus automaticamente os capacitava para o reino de Deus. Contrariamente a esse sentimento de superioridade, Jesus predisse uma generalizada salvação entre os povos gentílicos. Os "últimos" que serão "primeiros" são os gentios. Os "primeiros" que serão "últimos" são os judeus que tiverem desprezado a sua grande oportunidade. *Ler João 10:40-42; Lucas 13:22-35* (§§ 112 e 113)

### **"A raposa" Herodes Antipas.**

O Herodes que figura no versículo trinta e um, no evangelho de Lucas é chamado Herodes Antipas. Os adversários de Jesus procuravam assustá-Lo, para que saísse do território de Herodes e se retirasse para Judéia, onde poderiam apanhá-Lo, na ausência de multidões a Ele simpáticas. Em tom escarnecedor, Jesus referiu-se a Herodes como se ele fora uma raposa fêmea, que não devia ser temida, em contraste, digamos, com um leão. É possível que a forma feminina de "raposa" no grego, tivesse querido dar a entender que Herodes era dominado por sua esposa ilegítima, Herodias, que exigira a cabeça de João Batista, Jesus prosseguiu, indicando que ainda Lhe restava um prazo indefinido de tempo, embora curto, durante o qual haveria de dirigir-se deliberadamente a Jerusalém. Com amarga ironia, Jesus declarou que Herodes não poderia furtar a Jerusalém o privilégio de tirar-Lhe a vida. Jerusalém era o local apropriado do martírio de profetas! Deus deixara vazio o Seu templo ("casa"), em Jerusalém, razão pela qual seria destruído. Assim sucedeu, em 70 D.C.

### **O banquete messiânico.**

*Ler Lucas 14:1-24* (§ 114). A alusão a banquetes, na exortação de Jesus em prol da humanidade e da caridade, impulsionou a alguém, que pensava sobre o grande e futuro banquete messiânico, a exclaimar: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus", como se aquele fosse um privilégio reservado a fariseus extremamente religiosos. Na parábola que se seguiu, e que versa sobre os primeiros convidados, que apresentaram desculpas pelo seu não comparecimento ao banquete, são visados os fariseus hipócritas e outros que se lhes assemelham. Mas os pobres, aleijados, cegos e coxos representam os publicanos e os pecadores dentre os judeus, aos quais Deus estava fazendo entrar em Seu reino. E aqueles trazidos das encruzilhadas e valados, representam os gentios.

### **Discipulado.**

*Ler Lucas 14:25-35* (§ 115). Jesus advertiu às multidões que, para segui-Lo, teriam de renunciar a todas as demais prioridades. O amor aos nossos familiares, comparativamente, tem de assemelhar-se ao ódio, diante da nossa devoção a Cristo. Uma vez mais o sal representa as qualidades preservativas ou fertilizantes, e, por conseguinte, transmissoras de vida, que os discípulos de Cristo deveriam manifestar neste mundo.

### **"Os pecadores."**

O capítulo quinze do evangelho de Lucas contém três parábolas que defendem a maneira cordial como Jesus acolhia a pessoas irreligiosas, como representante que era de Deus. Todas as três exibem a alegria divina por causa de pecadores que se arrependem. O vocábulo "pecadores", na linguagem dos judeus, incluía os gentios (mui naturalmente) e também os judeus que se mostrassem negligentes na observância da lei mosaica e das interpretações rabínicas sobre aquela legislação. Tais pessoas incluíam os adúlteros, os trapaceiros e aqueles cujas ocupações tornavam-nos notórios por sua desonestidade, como os publicanos e os mascates, ou causavam a impureza ritual, como os curtidores, os quais, continuamente, tinham de tocar em animais mortos. *Ler Lucas 15:1-32* (§ 116).

### **A ovelha perdida.**

Na parábola da ovelha perdida, os "noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" não existem, na verdade. Jesus falava com sarcástica ironia a respeito daqueles que são justos a seus próprios olhos, e que pensam não terem necessidade de arrependimento. (Alternativamente, tais pessoas já seriam justas, através da graça divina.)

### **A moeda perdida.**

A moeda perdida pertencia ao turbante enfeitado de moedas, do tipo freqüentemente usado pelas esposas palestinas, como parte do dote que lhes era dado quando de seu matrimônio. Nesta parábola, a mulher acendeu uma candeia, não porque fosse noite, mas porque a moradia palestina típica não tinha janelas e contava apenas com uma entrada baixa, que permitia a entrada de bem



Moeda de Bronze da Palestina, cunhada por Herodes o Grande, o qual era o rei da Judéia quando do nascimento de Cristo.

pouca luz. Aparentemente, a moeda caíra no nível inferior da casa de um único aposento. Ali jazia ela oculta em algum lugar, por baixo da palha espalhada sobre o chão do nível inferior, por causa dos animais domésticos. A dona de casa varreu com uma vassoura, provavelmente um pequeno ramo de palmeira, não para descobrir a moeda, mas para fazê-la tinir sobre o chão duro de terra batida, e assim ela pudesse determinar o seu paradeiro. A satisfação dela, ao ser descoberta a moeda, representa o "júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende". Jesus não se referia ao júbilo dos próprios anjos, mas à alegria do próprio Deus, na

presença dos anjos. Há um ditado rabínico que forma violento contraste com essa idéia: "Há alegria na presença de Deus quando aqueles que o provocam perecem do mundo." (Siphre Números 18:8, § 117 (37a), citado por A. Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Nova Iorque: Longmans, Green & Co., 1899, vol. II, pág. 56; e H. L. Strack-P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, Munique C. H. Beck, 1924, vol. II, pág. 209.)

### **O filho pródigo.**

Na parábola do filho pródigo, este solicitou o recebimento da partilha que lhe tocava da herança paterna, a saber, uma terça parte, porquanto havia apenas dois filhos, e o filho mais velho sempre recebia dupla porção, e ele mesmo era o filho mais novo. A distribuição da herança, antes mesmo do falecimento do pai da família, não era providência desconhecida, embora, ordinariamente, isso envolvesse tão-somente o direito de entrar na posse da propriedade, mas não o direito de vendê-la. Pois se todas as propriedades da família fossem vendidas, os idosos progenitores ficariam sem ter um lugar onde pudessem viver nos seus anos de declínio físico. Neste caso, entretanto, o filho mais novo deve ter reduzido prontamente a propriedade recebida a moedas, porquanto "ajuntando tudo o que era seu", partiu para uma terra longínqua, A maneira como ele dilapidou a sua fortuna retrata bem a futilidade e a ruína final da vida pecaminosa. Para um judeu, ocupar-se no cuidado de porcos era haver-se degradado de maneira indizível, pois para os judeus os porcos eram animais imundos e repulsivos, tanto em sentido cerimonial quanto em sentido literal.

O arrependimento originou-se no senso de miséria e necessidade em que se achava o filho pródigo, e levou-o a resolver retornar ao lar, com uma confissão nos lábios: "Pai [um tratamento respeitoso], pequei contra o céu [substituição reverente, feita pelos judeus, em lugar do título sacrossanto, Deus] e diante de ti [admissão de culpa, primeiramente em relação a Deus, e então em relação a seu pai]", e com o apelo de ser restaurado ao menos como um empregado pago. Desistindo de quaisquer direitos sobre seu pai, ele apenas solicitaria misericórdia.

Entretanto, ele havia subestimado o amor que lhe votava o seu pai, tal como todos nós subestimamos o amor de Deus. Quando o pai viu que seu filho regressava, correu ao seu encontro. Correr era maneira incomum e sem dignidade de locomover-se, no caso de qualquer idoso homem oriental, mas o amor e a alegria daquele pai ultrapassaram todo o seu senso de decoro, como que a dizer que Deus também se olvida de Sua dignidade, em explosão de alegria, quando um pecador se volta para Ele, em arrependimento. O ósculo paterno simbolizou o perdão. O filho mais novo começou a gaguejar sua confissão adredemente preparada, mas antes de ele haver chegado à parte em que solicitava ser aceito ao menos como um empregado pago, o pai o interrompeu, emitindo a ordem que o vestissem com o melhor traje, em sinal de honraria, que pusessem em seu dedo um anel de selar documentos legais, em sinal de uma autoridade filial restaurada, e que lhe metessem sandálias nos pés (um luxo usado somente por homens livres), em símbolo do fato que não era mais um assalariado, além de matarem um novilho cevado para um banquete de celebração. Visto que a carne verde não formava parte integrante da dieta diária, seu uso, nesta oportunidade, denota festividade.

### **O irmão mais velho.**

A parábola do filho pródigo poderia ter terminado com o quadro de pecadores penitentes e restaurados á família de Deus, por meio do ministério de Jesus. Mas essa parábola é de gume duplo.

O filho mais velho, que criticou a restauração do filho pródigo que regressara à casa paterna, representa os escribas e fariseus, que criticavam o fato que Jesus acolhia aos publicanos e pecadores. As palavras do filho mais velho a seu pai (versículos 29 e 30), são reveladoras. Rudemente, ele omitiu o tratamento respeitoso, "Pai". Evitou chamar o filho pródigo de seu irmão, mas referiu-se a ele por "esse teu filho". Queixou-se de que seu pai jamais lhe presenteara ao menos com um cabrito, quanto menos com um novilho cevado para alegrar-se com seus amigos. (Poderíamos perguntar quantos amigos teria um homem de tal gênio.) É óbvio que, tal e qual os fariseus, o irmão mais velho seguia um senso de dever sem o senso equilibrador da liberdade, servia a seu pai sem ter com ele comunhão, e se jactava de seus próprios merecimentos. Não admira que se tivesse ressentido ante a graça demonstrada pelo pai para com o filho pródigo.

Por semelhante modo, os escribas e fariseus queriam que Deus fizesse discriminação entre os merecedores (eles mesmos) e os desmerecedores (os publicanos e pecadores). Nada de festas para os filhos pródigos! Para eles cabia melhor a disciplina. Na verdade, existe uma parábola rabínica na qual um filho é redimido da servidão, mas é trazido de volta a casa somente como um escravo, e não como filho, a fim de que isso o forçasse à obediência. (Citado por Edersheim, *Life and Times*, vol. II, pág. 262; citado em Barrett, *The New Testament Background*, pág. 152, de Siphre Números, Shelah, § 115, 35a.)

A resposta do pai ao filho mais velho graciosamente começa com um tratamento afetuoso, "Meu filho", lembrando-lhe que toda a propriedade da família lhe pertencia desde agora por direito, e explicando-lhe ser apropriado aquele banquete, porquanto "esse teu irmão" (e não "esse meu filho") estava praticamente morto e perdido, mas agora revivera e fora achado novamente. Qual foi a réplica do irmão mais velho diante dessas considerações? Não o sabemos. Jesus deixou a parábola com o final em suspenso, porque os escribas os fariseus e todos os outros que confiam nos seus próprios méritos terminam a parábola segundo renunciarem à sua justiça-própria e se juntarem à festa messiânica da salvação ou se alijarem da mesma, por preferirem reter sua justiça-própria.

O irmão mais velho, finalmente, demonstra que um indivíduo qualquer não precisa sentir-se perdido para estar perdido. Uma pessoa pode alienar-se de Deus, na própria casa de Deus. No entanto, todos são convidados - tanto os pecadores flagrantes quanto os decentes irmãos mais velhos - e conforme as mesmas condições, a saber, a graça perdoadora de Deus.

### **O administrador infiel.**

*Ler Lucas 16:1 - 17:10* (§ 117). Na parábola do gerente injusto, o gerente (administrador de uma mansão senhorial), antes de tudo, deu um exemplo negativo, de infidelidade, dilapidando os bens de seu patrão, e de punição resultante, perdendo seu emprego (comparar os versículos 1 e 2 com 10-13). Ninguém pode servir, ao mesmo tempo, o seu patrão e o dinheiro. O administrador tentou isso, e perdeu sua posição. Os homens mostrar-se-ão infiéis, à semelhança do administrador, a menos que trabalhem visando os galardões eternos, como algo mais desejável do que as riquezas terrenas. Não deveríamos desprezar o dinheiro, mas deveria este ser usado de modo tal que ganhemos as riquezas espirituais, que são permanentes. Sirvamos a Deus, por conseguinte, e subordinemos a esse propósito o dinheiro.

Na porção final da parábola, o gerente tornou-se um exemplo positivo, ao demonstrar uma previsão ditada pela prudência. Ele fez os devedores a seu patrão riscarem suas antigas dívidas e registrarem outras contas, menores, com a própria caligrafia deles. Dessa maneira, o administrador embalava a esperança de que se a astúcia fosse descoberta, a ausência de sua caligrafia o isentaria de culpa. Uma dívida de cem cados de azeite foi reduzida a cinqüenta; e uma dívida de cem coros de trigo foi diminuída para oitenta. A desonestidade envolvida no ludíbrio pespegado ao patrão é irrelevante nesta oportunidade. Alhures, Jesus comparou Deus com um juiz injusto, e Sua própria volta ao arrombamento de uma casa por parte de um assaltante. E assim, a desonestidade do gerente não destrói o ponto positivo que há na comparação aqui feita. Especificamente, o administrador usou o dinheiro para ajudar a outras pessoas, adquirindo assim amigos que o valessem em algum possível período futuro de desemprego. Por igual modo, os discípulos de Jesus devem usar dinheiro em empreendimentos caridosos, porque tal atitude lhes será vantajosa no futuro eterno.

## **Lázaro e o rico.**

Os fariseus, amantes do dinheiro que eram, se assemelhavam ao rico que figura na parábola seguinte, porque ele, devido a egoísmo e miopia espiritual, desprezava a Lázaro, um mendigo desamparado, que se assentava diante de seu portão, necessitado de caridade. O rico, por conseguinte, demonstrava a atitude oposta daquela atitude de prudente administrador da parábola prévia. "Lázaro" vem do vocábulo grego que quer dizer "Eleazar", em hebraico, o qual termo, por sua vez, significa "Deus é (sua) ajuda". Ninguém mais ajudava a Lázaro. As migalhas que caíam da mesa do rico, e que Lázaro gostaria de poder comer, eram pedacinhos de pão, usados como guardanapos para limpar as mãos, e então jogados debaixo da mesa. A expressão "seio de Abraão", subentende uma cena de banquete celestial, onde Lázaro figura como recém-chegado, como um conviva reclinado em um divã bem defronte de Abraão. A cena festiva faz com que a solicitação do rico pareça apropriada, isto é, que Lázaro molhasse o dedo na água e lhe refrescasse a língua. O tratamento empregado pelo rico, "Pai Abraão", apela para sua ascendência judaica, sua derivação de Abraão. Mas a resposta dada por Abraão, "filho", dá a entender que embora o rico, por ser judeu, desfrutasse de muitas vantagens, por si mesma, a ascendência hebraica não garantia a felicidade celeste.

A referência feita por Jesus, em Lucas 17:6, ao desarraigamento do sicômoro, mediante a fé, se originou do fato que as raízes de tal árvore eram consideradas como extraordinariamente profundas e fortes.

## **Ressurreição de Lázaro.**

Quando Jesus ia a caminho de volta à Judéia, a fim de ressuscitar a Seu amigo Lázaro (Este Lázaro deve ser distinguido do "Lázaro" da parábola imediatamente anterior.), os discípulos levantaram a objeção de que os judeus haveriam de detê-Lo. Entretanto, Jesus indicou que Deus já havia fixado a hora do pôr-do-sol de Sua morte. Enquanto ainda fosse dia, isto é, antes de chegar o momento divinamente determinado para Ele morrer, não lhe seria necessário temer os conluios dos judeus. *Ler João 11:1-44* (§ 118).

Nos versículos 25, 26, a garantia dada por Jesus a Marta, quando da profunda tristeza desta ante a morte de seu irmão, Lázaro, de que quem quer que esteja vivo e Nele creia jamais morrerá, pode revestir-se de um duplo significado: (1) os crentes nunca experimentarão a morte espiritual, que consiste da eterna separação entre o indivíduo e Deus; e (2) os crentes que estiverem vivos, quando da volta de Cristo, não terão de morrer nem mesmo fisicamente, porquanto serão arrebatados nos ares, ao encontro do Senhor, que estará descendo dos céus (comparar com I Tessalonicenses 4:16-18).

Os judeus pensavam que Lázaro estivesse irremediavelmente morto, porquanto, segundo concebiam, o espírito de uma pessoa morta deixava-se pairar por três dias sobre o cadáver, e então partia definitivamente. Ora, Lázaro já estava morto há quatro dias. Nas lágrimas chorosas de Jesus, ante a morte de seu amigo, embora estivesse Ele prestes a chamá-lo de volta de entre os mortos, e no fato que chamou a Lázaro da morte, os sentimentos humanos e o poder divino de Jesus se manifestaram de modo misteriosamente paralelos. Mas Jesus não somente chorou. Também ferveu de indignação ante os mortais efeitos do pecado (versículo 33, segundo o sentido mais literal do texto grego). Mas, ato contínuo, Ele reverteu esses efeitos.

## **Conluio do Sinédrio.**

Os membros do Sinédrio temiam que, ao reavivar a popularidade de Jesus, esse último milagre de Jesus haveria de provocar uma revolta messiânica, o que levaria os romanos a revidarem com grande violência. Mais tarde, os romanos esmagaram, realmente, uma revolução judaica; ironicamente, porém, uma revolta gerada pela rejeição e não pela aceitação de Jesus como o Messias. O sumo sacerdote Caifás desfez a hesitação de alguns membros do Sinédrio, ao recomendar a pena de morte para Jesus, a fim de que a morte de um único homem viesse a poupar a nação inteira de ser destruída às mãos de Roma. Suas palavras se revestiam de sentido mais profundo do que ele mesmo compreendia; pois, inconscientemente, estava profetizando a morte de Jesus a fim de dar salvação do pecado - e não apenas no caso da nação judaica, mas também em

favor de todos os que pertencem ao povo de Deus, tanto judeus quanto gentios, formando uma só Igreja. *Ler João 11:45-54* (§ 119).

### **A presença do reino.**

*Ler Lucas 17:11-37* (3 120). Jesus negou que o reino de Deus haveria de sobrevir quando os judeus estivessem observando perfeitamente a lei, o que era uma crença judaica comum, ou que o mesmo viria em meio a exibições espetaculares de uma glória facilmente observável (versículo 20). Pelo contrário, o reino de Deus já se achava presente entre os homens, por intermédio da pessoa e do ministério de Jesus (ou dentro deles, pelo menos potencialmente). Ver posteriores comentários sobre o parágrafo 139, págs. 205s.

### **A viúva e o juiz.**

*Ler Lucas 18:1-14* (§ 121). Dentro da sociedade judaica, a tenra idade núbil das meninas, de treze ou catorze anos de idade, contribuía para que houvesse um grande número de viúvas. Visto que a "viúva importuna" expunha o seu caso perante um juiz, ao invés de fazê-lo perante um tribunal, isso significa que tal caso sem dúvida envolvia uma questão de dinheiro como uma dívida não saldada ou como parte de uma herança que não lhe fora entregue. O juiz "não temia a Deus" - era indivíduo corrupto; e também não "respeitava homem algum" - não passava de um misantropo. O rico e influente oponente da viúva conseguira subornar a tal juiz, mas ela era pobre demais para também comprar ao juiz. Sua única arma era a fé tenaz de que lhe seria feita justiça. Finalmente, exasperado diante da persistência da mulher, o juiz resolveu dar ouvidos a seu caso. Ora, se um juiz corrupto e sem entranhas é capaz de baixar decisão em favor de uma viúva oprimida, porquanto ela não desiste de solicitar uma decisão favorável e justa, quanto mais Deus, que é tanto justo quanto gracioso, não vindicará subitamente (sentido do termo "depressa", que aparece em nossa versão portuguesa, no versículo 8, pois a parábola inteira dá a entender alguma demora) ao Seu povo, quando do retorno de Cristo?

### **O fariseu e o publicano.**

Na bem conhecida parábola do fariseu e do publicano, a oração feita pelo fariseu pode ser confrontada pelo paralelo contido no seguinte excerto extraído do Livro de Orações dos judeus: "Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um gentio... que não me fizeste um escravo.. que não me fizeste uma mulher." O publicano, por sua vez, conservava-se nalgum canto obscuro, onde ninguém podia observá-lo. Porém, o estereótipo moderno das figuras do fariseu e o publicano tem retirado dessa parábola uma boa fatia de seu impacto. Os fariseus serviam seriamente a Deus, jejuando duas vezes por semana (segundas e quintas-feiras), dando o dízimo de todas as suas possessões, e guardando os mandamentos morais, éticos e cerimoniais da lei. O povo comum muito os admirava. Os publicanos, por sua vez, colaboravam com os odiosos opressores romanos, espoliavam seus compatriotas judeus, e praticavam toda sorte de fraude; e o povo comum os detestava. Os ouvintes de Jesus devem ter-se sentido chocados quando Ele situou o fariseu sob luz tão desfavorável, e o publicano sob um colorido tão bom. Mas, o próprio elemento de uma inesperada reversão de papéis aparentemente bons e maus acompanha bem de perto a natureza do perdão divino, como uma dívida desmerecida da parte de Deus, exclusivamente alicerçada sobre a fé penitente.

### **Divórcio.**

Os rabinos judeus eram acordes em que a legislação mosaica permitia o divórcio, juntamente com o direito de contrair novas núpcias (vide Deuteronômio 24:1). No entanto, desprezavam aquilo que constituiria fundamento válido para o divórcio. De conformidade com os seguidores do famoso rabino Hilel, quase qualquer coisa desagradável para o marido tornava o divórcio permissível. Em contraste com isso, os adeptos de Shammai reputavam a imoralidade, por parte da mulher, como único motivo válido para o divórcio. Os fariseus nesta oportunidade, tentaram envolver a Jesus no debate rabínico. *Ler Marcos 10:1-12 e Mateus 19:1-12* (§ 122).

Evitando as provisões mosaicas quanto ao divórcio, Jesus retrocedeu até ao princípio mesmo, à criação de Adão e Eva. E declarou que o ideal ensinado por Deus é que nem exista o divórcio. Na narrativa de Mateus, os judeus, em face disso, passaram a indagar por qual motivo, então, Moisés determinara o divórcio, se isso era algo contrário à vontade de Deus. Jesus retrucou que Moisés não legislou sobre o divórcio tanto como um mandamento. e, sim, como uma permissão, devido à maldade do coração humano ("dureza do vosso coração"). Em outras palavras, a legislação mosaica estava necessariamente condicionada à corrupção reinante na sociedade humana, e, por tal razão, ela não expunha o ideal divino quanto a essa particularidade. Em seguida, Jesus (ainda segundo a versão de Mateus) asseverou qual a única base válida para o divórcio - a fornicação.

Muitos críticos têm argumentado que em vista de Marcos não haver incluído as palavras "não sendo por causa de relações sexuais ilícitas", então é que Jesus, na realidade, não proferiu tais palavras, mas que Mateus inseriu tal frase a fim de suavizar uma proibição absoluta quanto ao divórcio, baixada por Jesus. Por outro lado, se aceitarmos o relato de Mateus acerca das palavras de Jesus, poderíamos entender o vocábulo "fornicação" revestido em um dentre diversos sentidos possíveis: (1) imoralidade em geral, quer pré-marital quer pós-marital (o termo grego por detrás de "fornicação" ocorre regularmente nesse sentido geral, em toda a literatura grega); (2) falta de castidade pré-marital (no qual caso Jesus permitiria o divórcio somente durante o período do noivado, porquanto o noivado era reputado tão obrigatório na sociedade judaica que somente o divórcio era capaz de rompê-lo); (3) o incesto, isto é, casar-se com um parente mais próximo do que aquilo permitido pela legislação mosaica (no qual caso Jesus teria ensinado que o divórcio só é legítimo no caso de matrimônios incestuosos, os quais nem ao menos deveriam ter sido realizados, antes de mais nada).

### **Matrimônio.**

Os discípulos reagiram, dizendo que se o casamento é tão obrigatório conforme era indicado pela instrução de Jesus, então seria melhor nem se casar, a fim de evitar que alguém se unisse a um cônjuge errado e ficasse impossibilitado de divorciar-se dele mais tarde. Mas Jesus replicou, esclarecendo que apenas uma minoria deveria refrear-se do casamento, aqueles fisicamente incapazes por defeito de nascimento ou por castração, ou aqueles que voluntariamente se refreassem, a fim de se poderem dedicar mais completamente à pregação do evangelho.

Após a questão do matrimônio, muito naturalmente veio à baila a questão dos filhos. Uma vez mais, a humilde posição das criancinhas na sociedade, ilustra a humildade necessária para alguém entrar no reino de Deus. *Ler Marcos 10:13-16; Mateus 19:13-15 e Lucas 18:15-17* (§ 123).

### **O jovem rico.**

Certo jovem rico aparentemente imaginava poder obter a vida eterna mediante um único ato heróico. Quando Jesus protestou que ninguém é bom, exceto Deus, não queria evitar as implicações do adjetivo "bom" em relação a Si mesmo; antes, procurava fazer aquele homem ver que, se Jesus era realmente bom, então Ele também teria de ser divino. Em seguida, Jesus citou diversos dentre os dez mandamentos, aos ouvidos do jovem, mas fez alto antes de chegar ao que diz: "Não cobçarás". O jovem declarou que vinha guardando os mandamentos mencionados por Jesus. Entretanto, sua consciência pesada apontava para o não-mencionado décimo mandamento; ele sabia que era homem cobiçoso. Por essa exata razão foi que Jesus recomendou que ele desistisse de seus bens e se tornasse discípulo Seu. Porém, o amor crônico do jovem pelo dinheiro foi mais forte que seu desejo pela vida eterna.

Quando Jesus mencionou quão difícil é a entrada dos ricos no reino de Deus, os discípulos ficaram chocados. Os judeus equiparavam as riquezas materiais com o favor divino. Jesus, entretanto, prosseguiu dizendo que o que é humanamente impossível, a salvação dos ricos, é possível, entretanto, para Deus. E quando Pedro lembrou a Jesus o de quanto os discípulos haviam desistido, a fim de segui-Lo, Jesus assegurou-lhes certa recompensa, quando da "regeneração", isto é, quando Ele viesse restaurar a nação de Israel às bênçãos divinas. *Ler Marcos 10:17-31, Mateus 19:16 - 20:16 e Lucas 18:18-30* (§ 124).



## **Os trabalhadores da vinha.**

Na parábola que encerra o trecho mateano, o proprietário da vinha ("dono de casa") contratou trabalhadores no mercado da aldeia, ao nascer-do-sol ("de madrugada"), para que trabalhassem ganhando o salário normal de cerca de quarenta cruzeiros por dia. Nesse ínterim, trabalhadores desempregados desperdiçavam o tempo, no mercado, esperando pelo surgimento de uma tarefa. O proprietário, garantindo um salário justo, foi contratar mais trabalhadores às nove da manhã, ao meio-dia, às três horas da tarde e às cinco horas da tarde (respectivamente, a terceira, a sexta, a nona e a décima primeira hora, a contar da alvorada). Deve ter sido por motivo de mais pura piedade que ele contratou alguns trabalhadores as cinco horas da tarde para que labutassem apenas por uma hora e ganhassem o correspondente a isso. Visto que todo dia era dia de pagamento, o proprietário instruiu a seu administrador que pagasse aos assalariados o seu dinheiro - mas a cada homem o salário *completo* de um dia, e na ordem reversa, em que os últimos fossem pagos em primeiro lugar. Ordinariamente, os que tivessem trabalhado um dia inteiro, teriam sido pagos em primeiro lugar, e ter-se-iam ido embora antes de notar que os atrasados estavam recebendo igual quantia. Jesus, entretanto, introduziu o irreal traço desse modo de pagamento, a fim de ressaltar o ponto visado pela parábola, na discussão que houve dentro dela. E esse ponto é o seguinte: tal como o empregador não estava sendo injusto com aqueles que tinham trabalhado o dia todo (receberam todo o salário que fora contratado), mas tão-somente se estava mostrando generoso para com os atrasados, de modo que pudessem receber um salário suportável (menos do que isso, e não poderiam ter o necessário para a sua subsistência), assim também Deus concede a Sua graça, àqueles que nada merecem, devido à mais pura generosidade. Por conseguinte, em respostas à observação de Pedro: "Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: que será, pois, de nós?", Jesus assegurou a Seus seguidores que eles receberiam até à saciedade; mas logo em seguida contou a parábola, como uma advertência que demonstrava que a vida eterna continua sendo uma dádiva, embora para alguns possa parecer um salário. E ainda que, conforme um outro ponto de vista, os galardões diferirão de acordo com os graus de serviço prestado, a própria salvação nada tem a ver com a quantidade de serviço feito. Portanto, não convém que murmuramos, à maneira dos fariseus, ante a graciosidade de Deus para com outros. Todos nós somos pessoas chegadas atrasadas e sem qualquer merecimento. Pessoas chegadas desde cedo e merecedoras do salário existem somente na parábola, mas não na vida real, diante de Deus.

## **Não há privilégios especiais.**

*Ler Marcos 10:32-45; Mateus 20:17-28 e Lucas 18:31-34* (§ 125). Os discípulos ficaram admirados ante a determinação que Jesus demonstrava para ir a Jerusalém, apesar de haver predito antes que ali ocorreria a Sua morte. Quando Tiago e João, juntamente com a sua progenitora, solicitaram posições vantajosas no reino, os outros discípulos "indignaram-se contra os dois irmãos", porquanto entretinham ambições similares. Mas Jesus retrucou que, tal como Ele mesmo, os discípulos estavam destinados ao sofrimento e ao martírio, o que é simbolizado por "o cálice de sofrimentos" e por "o batismo da morte", antes que chegassem à glória.

## **O cego Bartimeu.**

Usualmente, as multidões demonstravam o desejo de ver Jesus realizar algum milagre; porém, no episódio do cego Bartimeu, em Jericó, todos se sentiam ansiosos para que Jesus logo chegasse a Jerusalém, a fim de inaugurar o reino de Deus, de acordo com o conceito político que dele tinham. Parecia indiscutível que a Sua determinação por subir a Jerusalém, apesar de toda a oposição das autoridades, significava que Ele estava prestes a declarar guerra, esmagar os Seus inimigos e estabelecer o reino visível. *Ler Marcos 10:46-52; Mateus 20:29-34 e Lucas 18:35-43* (§ 126). Tal como na história dos endemoninhados gerasenos, Marcos e Lucas mencionam apenas o porta-voz, Bartimeu, dentro do par mencionado por Mateus. A sugestão de que a cura ocorreu no caminho que saía da velha Jericó e entrava na nova Jericó, esta última edificada por Herodes o Grande, soluciona a aparente discrepância entre Marcos e Mateus ("Saindo eles de Jericó") e Lucas ("ao aproximar-se ele de Jericó").

## Zaqueu o publicano.

Ler *Lucas 19:1-28* (§ 127). A promessa de Zaqueu, de que devolveria o quádruplo de que



A Jericó do Novo Testamento, com vistas para o cômodo da cidadela (por detrás da palmeira), edificada por Herodes o Grande.

porventura defraudara a alguém, em muito excedia ao que fora estipulado pela lei de Moisés, em casos dessa natureza. A prática seguida por governantes locais de viajarem a Roma, a fim de obter apoio imperial para suas reivindicações de liderança local, forma o pano-de-fundo da parábola das minas (cada mina eqüivalia a cerca de trezentos e cinqüenta cruzeiros). A viagem do nobre a um país distante, o tempo que ele passou ali, seu regresso e o fato que ele chamou seus servos para a prestação de contas, representam o retorno de Jesus aos céus, a presente dispensação da Igreja, a Segunda Vinda de Cristo e a aquilatação de nossas obras. Essa parábola ensina-nos que, em contrário às expectativas daquela multidão que acompanhava a Jesus, o reino de Deus não haveria de aparecer imediatamente, no tocante à sua forma política exterior. Pelo contrário, haveria um intervalo durante o

qual Jesus estaria ausente. Entrementes, aos discípulos cabia trabalhar com fidelidade. E quando Jesus retornar a este mundo, não haverá um triunfo da nação judaica onde qualquer judeu esteja, como algo fatal e automático. Antes, Jesus recompensará ou castigará individualmente às pessoas. Talvez sintamos dó do servo que recebeu tão dura reprimenda, o qual, ao invés de investir o dinheiro que lhe fora confiado, enterrou-o cuidadosamente. Entretanto, o ponto da parábola é que não existe aquilo a que poderíamos intitular de discipulado "seguro", sem perigos. Pois seguir verdadeiramente a Jesus envolve o risco de investirmos a própria vida, em oposição à segurança desfrutada por quem preserva sua vida.

### *Para discussão posterior:*

- Relacione o ensino de Jesus sobre o dever de amar ao próximo com as atividades cristãs apropriadas para com os modernos problemas sociais.
- Até que ponto a Igreja deveria participar de questões sociais debatíveis, ou mesmo bem delineadas?
- De que maneira a doutrina de Jesus sobre o uso correto do dinheiro se aplica a uma sociedade abastada e à guerra ideológica entre o capitalismo e o comunismo?
- Aplique os estreitos princípios de Jesus acerca do divórcio aos problemas maritais e de divórcio, nesta nossa época?
- Em que sentidos o estilo de relacionamentos entre as pessoas, ensinado por Jesus, serve de exemplo digno de emulação?
- Por quais razões os fariseus e o Sinédrio teriam feito oposição tão ferrenha a Jesus? E por quais razões Jesus teria sido antagônico a eles?

### *Para investigação posterior:*

Vide as obras alistadas às págs. 124 e 125

## CAPÍTULO 11 - O Desfecho

### *Perguntas Normativas:*

- Quais foram os motivos imediatos da conspiração contra Jesus e da barganha para traí-Lo?
- Quais foram os atos e as palavras de Jesus, na semana imediatamente anterior à Sua morte - para as multidões e para os líderes judaicos, em público, e para os Seus discípulos, em particular?
- De que maneira a Ceia do Senhor se relacionava à refeição da Páscoa, e qual era a sua significação?
- Como foi levado a efeito o julgamento de Jesus, e sob qual ou quais acusações Ele foi crucificado?
- Quais são as evidências históricas e o significado teológico da ressurreição de Jesus?
- Quais foram as variegadas reações dos discípulos à marcha acelerada dos eventos, que variavam de hora para outra violentamente, durante a última semana do ministério público de Jesus?

### A SEMANA DA PAIXÃO

Os peregrinos continuavam chegando em Jerusalém, provenientes da Galiléia e de outras regiões, para a festa da Páscoa. O Sinédrio, por isso mesmo, baixou um decreto que buscava informações sobre o paradeiro de Jesus, a fim de que pudesse Ele ser detido e executado. E também conspiraram acerca da morte de Lázaro, devido à força de convicção exercida pelo fato de que ele fora trazido de volta à vida por Jesus. *Ler João 11:55 - 12:1,9-11* (§ 128 a).

### **Jesus ungido por Maria.**

Em sua harmonia, Archibald T. Robertson adia a unção de Jesus, por Maria, até a terça-feira da semana da paixão, em aparente concórdia com Marcos e Mateus. As observações cronológicas do evangelho de João, entretanto, requerem que tal evento seja situado na noite de sábado, antes do domingo de Ramos, imediatamente após o fim de sábado, ao pôr-do-sol (vide João 12:1,12). Marcos e Mateus demoram em narrar o episódio a fim de demonstrar a relação entre esse incidente e a barganha feita por Judas, para trair a Jesus. As muitas diferenças quanto aos detalhes, entre essa unção e uma unção similar, feita por uma mulher pecadora, segundo o registro de Lucas 7:36-50 (§ 59), impedem que confundamos os dois incidentes. *Ler Marcos 14:3-9; Mateus 26 :6-13 e João 12:2-8* (§ 141).

Se porventura esteve presente a essa refeição, Simão deve ter sido um leproso curado. De outro modo, devido à impureza cerimonial, ele estava ausente, e a casa é meramente identificada como sua. Talvez ele fosse o pai de Lázaro, Marta e Maria. João complementa a narrativa de Marcos e Mateus, adicionando o detalhe que o perfume foi derramado sobre os pés de Jesus, tanto quanto sobre a Sua cabeça. O perfume custara, no mínimo, trezentos denários, ou seja, o equivalente ao salário de um ano inteiro de trabalho de um operário comum, porquanto um denário (cerca de quarenta cruzeiros, ou pouco menos) constituía o pagamento por um dia de trabalho. Judas Iscariotes expressou a idéia de alguns dos discípulos, e sobretudo dele mesmo, de que o perfume deveria antes ter sido vendido para ser arrecadado o dinheiro. O apóstolo João junta uma nota editorial, dizendo que Judas Iscariotes não se interessava em distribuir esmolas entre os pobres, mas antes, queria furtar o que fosse posto no tesouro comum dos apóstolos, do qual estava encarregado. Jesus replicou a Judas que aquele ato de terna adoração não fora um desperdício, sob hipótese nenhuma, porquanto Maria havia começado a embalsamar o Seu corpo, em antecipação a Seu sepultamento. Talvez Maria tivesse realmente entendido que Jesus estava prestes a morrer. Por outro lado, ela pode ter tencionado que aquela fosse a unção de um rei governante. Nesse caso, Jesus desejou que se entendesse que, quer ela o houvesse compreendido quer não, ela O tinha ungido para o Seu sepultamento. O fato que Judas ficou embaraçado, ante a reprimenda pública a que Jesus o submeteu, o amargurou até o ponto que, poucos dias mais tardes, ele se ofereceu para trair a Jesus em troca de certo preço.

### **Entrada triunfal.**

*Ler Marcos 11:1-11; Mateus 21:1-11. 14-17; Lucas 19:29-44 e João 12:12-19 (§ 128b).* Diversos aspectos da entrada triunfal de Jesus, em Jerusalém, no domingo de Ramos, excitaram as esperanças messiânicas dos judeus. A recente ressurreição de Lázaro reativara as esperanças deles de que Jesus, afinal, mostraria ser um Messias exibidor de poder. Uma vez mais, tal como quando Jesus multiplicou pães para os cinco mil homens, era o período da Páscoa, exatamente a época do ano em que os judeus esperavam que o Messias se daria a conhecer. E Jesus iniciou a Sua entrada triunfal em Jerusalém partindo do monte das Oliveiras, o lugar de onde Zacarias predissera que o

reino messiânico seria estabelecido (vide Zacarias 14).

Jesus veio montado em um jumentinho destreinado, o qual jamais fora usado antes com esse ou outro propósito, e, por isso mesmo, apropriado para esse uso sagrado. Podemos inferir, do relato de Mateus, que para manter na linha o jumentinho destreinado, sua mãe era mantida a seu lado. Os ramos de palmeiras, que as multidões espalharam pelo caminho, simbolizavam o nacionalismo judaico, conforme fica demonstrado nas moedas



Vista de Jerusalém (Cidade Velha) na direção sudeste, de quem olha do monte das Oliveiras para o vale do Cedrom.

cunhadas com palmeiras, emitidas pelos judeus daquele período. A utilização de ramos de palmeiras, nesta oportunidade, demonstrou que as multidões ainda tinham em mente o aparecimento de um Messias nacionalista e político. Porém, ao invés de entrar a galope na cidade, em um cavalo de guerra, de conformidade com as idéias do povo, Jesus entrou em um jumentinho, como se fora um manso e pacífico monarca espiritual (um sinal positivo de seu caráter messiânico, contudo, consoante a declaração profética que se acha em Zacarias 9:9). A exclamação "Hosana!" era mais ou menos equivalente ao moderno "Deus salve o rei!" E quando os fariseus pediram de Jesus que fizesse silenciar os gritos de Seus discípulos, Ele retrucou que se Seus discípulos não proclamassem Sua missão messiânica, as próprias pedras o fariam. Jesus pode ter querido dar a entender que, do ano 70 D. C. em diante, as pedras derrubadas de Jerusalém e seu templo haveriam de testificar com eloquência de Seu caráter messiânico. Por certo, Jesus não estava mais procurando manter esse fato como um segredo; pois a crise já chegara. E tal como agiu durante a maior parte dos dias da semana da paixão, Jesus regressou a Betânia, para ali passar a noite, a fim de retornar a Jerusalém no dia imediato.

### **A figueira amaldiçoada e o templo purificado.**

*Ler Marcos 11:12-18; Mateus 21:18,19,12,13 e Lucas 19:45-48 (§ 129).* O fato que Jesus amaldiçoou a figueira estéril, a caminho de Jerusalém, não significa que Ele estava mau humorado, porquanto isso foi um ato simbólico (ver abaixo). Poderíamos indagar por qual razão Jesus esperava encontrar figos, quando a estação não era própria para os mesmos. As figueiras da Palestina, entretanto, normalmente retinham alguns figos verdes (ou de inverno), que não haviam amadurecido durante os meses de outono. E quando Jesus uma vez mais purificou o templo, depois de entrar na cidade, o Sinédrio ficou indignado. Não obstante, não ousaram deter a Jesus, na presença de multidões vindas da Galiléia, que eram simpáticas para com Ele.

## **Os gregos.**

No templo, alguns gregos, evidentemente prosélitos gentios ou tementes a Deus, que tinham feito uma peregrinação para participar das festividades pascais, solicitaram de Filipe (um nome grego) que lhes fosse concedida uma audiência por Jesus. Filipe transmitiu o pedido a André (outro nome grego) e, juntos, aproximaram-se de Jesus. *Ler João 12.20-50* (§ 130). Jesus respondeu - embora não tenha sido esclarecido se aos gregos ou se a Filipe e André - que a hora de Seu sofrimento e exaltação finalmente havia chegado. Comparou Ele a Sua morte, sepultamento e ressurreição, e a vida eterna resultante em prol de todos quantos cressem, a uma semente que cai por terra, germina e medra na forma de uma vida multiplicada. Ora, quando Jesus aludiu à Sua morte, os judeus objetaram, dizendo que, nesse caso, Ele não poderia mesmo ser o Messias, conforme o conceito dos judeus, o Messias não morreria. Daí, portanto, concluíram que o moribundo Filho do homem, de quem Jesus falava, necessariamente tinha de ser diferente do Messias imortal, e que Jesus por certo se estava afirmando ser o Filho do homem, e não o Messias.

## **A figueira se resseca.**

Na manhã seguinte, a caminho de volta a Jerusalém, os discípulos notaram que a figueira que fora amaldiçoada por Jesus se tinha secado. Como noutros trechos, Mateus abreviou a sua narrativa, de tal modo que, em seu evangelho, a impressão que se tem é que o incidente inteiro ocorreu em um único dia. Mas Mateus esperava que seus leitores entendessem a história, com maiores detalhes, no evangelho de Marcos; pois o confronto com Marcos demonstra que o termo "imediatamente", em Mateus 21:19, deve ser tomado em sentido lato, como uma referência ao dia seguinte. *Ler Marcos 11:19-25; Mateus 21:19-22 e Lucas 21:37,38* (§ 131). Muitos estudiosos acreditam que a maldição contra a figueira estéril simboliza o julgamento divino contra Israel (comparar com Lucas 13:1-9). Porém, tudo o que o próprio Jesus extraiu do incidente foi uma lição a respeito da fé, provavelmente a fim de fortalecer a Seus discípulos, por causa de Sua morte iminente e de Seu retorno aos céus.

## **Debate teológico.**

Visto que a presença de multidões simpáticas a Jesus, formadas por peregrinos provenientes da Galiléia, impedia que Ele fosse detido em público, pelos membros do Sinédrio, os líderes judaicos procuraram destruir a Sua influência, lançando-O no descrédito através de um debate teológico. Foi assim que uma batalha de espíritos se desenrolou nos átrios do templo. *Ler Marcos 11.27-12:12; Mateus 21.23 - 22:14 e Lucas 20:1-19* (§ 132).

## **A autoridade de Jesus.**

Quando os judeus indagaram com que autoridade Jesus fazia. "estas cousas", referiam-se especificamente a Seus atos de purificação do templo. Jesus contra-atacou, perguntando se eles eram da opinião que o ministério de João Batista se revestira de autoridade divina ("do céu" equívale a "de Deus"), ou se meramente se escudara sobre a autoridade humana. Os representantes do Sinédrio reconheceram o dilema no qual Jesus os apanhara. Pois se declarassem que a autoridade de João Batista viera dos céus, Jesus poderia então indagar deles por que não tinham dado crédito ao testemunho de João Batista acerca do caráter messiânico de Jesus. No outro extremo do dilema, se declarassem que a autoridade de João Batista provinha meramente de homens, perderiam a sua influência sobre as multidões, pois as massas judaicas reconheciam ter sido João Batista um autêntico profeta. Os líderes judeus, por conseguinte, recusaram-se a responder à pergunta de Jesus.

## **Os dois filhos.**

Passou para Jesus a iniciativa no debate teológico. Contou Ele três parábolas. Em cada uma delas, o tema é o desprazer divino com os representantes oficiais da nação judaica. Na primeira dessas parábolas, o pai representa Deus. O filho, que dissera que não obedeceria a seu pai (a ausência do tratamento "senhor", em sua desavergonhada recusa, é berrante), mas que posteriormente se arrependeu e obedeceu, representa os judeus irreligiosos que estavam se

arrependendo e entrando no reino de Deus, em resultado do ministério de Jesus. E o filho que dissera que obedeceria (e que polidamente se dirigira a seu pai com o tratamento de "senhor"), mas não obedeceu, simboliza os líderes judeus, justos a seus próprios olhos, que se recusavam por aceitar o governo de Deus na pessoa de Jesus o Messias.

### **A vinha.**

A segunda das três parábolas tem por pano-de-fundo as muitas grandes propriedades agrícolas que estavam nas mãos de estrangeiros que viviam na Palestina, tendo-as arrendado a pobres agricultores judeus. Os períodos de depressão tentavam aqueles agricultores locatários a reter o pagamento que ficavam devendo a seus senhores proprietários das terras. Na parábola, pois, o proprietário da vinha representa Deus. A própria vinha é a nação judaica (comparar com Isaías 5:1,2). E os "lavradores", a quem a vinha fora arrendada, representam os líderes do judaísmo. Essa nação-vinha, segundo se esperava, deveria produzir frutos agradáveis a Deus. Os servos, que foram espancados ou mortos pelos lavradores, representam os profetas do Antigo Testamento. E o filho que foi morto, é o próprio Jesus. A destruição dos lavradores prefigura a derrocada da hierarquia judaica, quando da destruição de Jerusalém, no ano 70 D. C. A outorga da vinha aos cuidados de outros representa a transferência do reino de Deus para o novel povo de Deus, a Igreja internacional. A citação extraída de Salmos 118, a respeito da pedra angular, frisa a vindicação do Messias rejeitado, por parte de Deus.

### **As bodas.**

Na parábola das bodas, os primeiros a serem convidados representam os judeus, que repeliram a Jesus. A destruição da cidade deles retrata, novamente, os acontecimentos do ano 70 D. C. Aqueles que, finalmente, foram conduzidos ao banquete, são os publicanos, os pecadores e os gentios. Essa terceira parábola, sem embargo, termina com um apêndice que fala acerca de um homem que estava no banquete, mas que não trazia a veste nupcial. Alguns têm suposto que os hospedeiros proviam vestes especiais para essas ocasiões, pelo que também aquele homem não tinha justificativa alguma. O mais provável, todavia, é que a veste nupcial consistia simplesmente de uma roupa recentemente lavada. Vestes sujas e surradas constituíam um insulto para o hospedeiro. O indivíduo sem vestes lavadas, que figura nessa parábola, portanto, representa os falsos discípulos, como, por exemplo, Judas Iscariotes. O termo, "amigo", mediante o qual o rei se dirigiu àquele homem, é o mesmo que Jesus usou, ao dirigir-se a Judas Iscariotes, no horto do Getsêmani, ao ser Ele detido por causa da traição de que foi vítima. A observação conclusiva da parábola: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos", significa que muitos (freqüentemente equívale a "todos", no linguajar dos judeus) são convidados a entrar no reino de Deus, mas somente aqueles cujos corações são realmente penitentes são selecionados para participar da mesa do banquete messiânico.

### **O imposto pago a César.**

Os herodianos (saduceus que davam apoio à família dos Herodes no poder político) e os



O Denário de César Augusto talvez fosse a moeda do tributo usada para desafiar a Jesus. O verso e o reverso da moeda exaltam a César.

anti-herodianos fariseus, uma vez mais se aliaram contra Jesus, a despeito de suas antipatias mútuas, nos campos da religião e da política. A fim de apanharem a Jesus em uma armadilha, levando-O a dizer algo de que pudessem acusá-Lo, enviaram

alguns de seus homens mais jovens, os quais mais facilmente poderiam fingir sinceridade do que outros, mais idosos. Iniciando suas propostas com lisonjas indisfarçáveis, perguntaram a Jesus se os judeus deveriam pagar a taxa anual

que os romanos começaram a impor a partir do ano 6 D.C. Quando foi determinada pela primeira vez, tal taxa provocou uma rebelião sob a liderança de Judas, o Galileu (vide Atos 5:37). O pagamento dessa taxa continuava sendo antagonizada por muitos judeus com uma moeda de prata, estampada com a efígie do imperador, o que era contrário aos escrúpulos dos judeus contra as

imagens. (Para a circulação geral de dinheiro, na Palestina, os romanos cunhavam moedas de cobre sem a efígie do imperador.). *Ler Marcos 12:13-17; Mateus 12:15-22 e Lucas 20:20-26* (§ 133).

O dilema no qual os questionadores tentaram envolver a Jesus, era o seguinte: se Jesus respondesse que os judeus deviam pagar a taxa, haveria de perder Sua popularidade diante das multidões, que odiavam tal taxa. Mas, se Ele aconselhasse a que tal taxa não fosse paga, os oficiais judeus poderiam acusá-Lo perante os romanos de subversão política, e talvez até mesmo de ser um zelote. Porém, a verdade é que só existiria tal dilema se o reino de Cristo fosse de natureza política, solapando assim a autoridade política de César. Na realidade, porém, a natureza espiritual do reino de Cristo não entrava em choque com a autoridade que César tinha de cobrar uma taxa. Quando Jesus pediu que Lhe entregassem uma moeda daquelas com que era paga tal taxa, isso embaraçou aos judeus: pois, ao apresentar-Lha eles demonstravam sua tácita aceitação do domínio de César, porquanto era geralmente reconhecido na antigüidade que os domínios de um monarca se estendiam até onde circulavam as moedas por ele cunhadas. Então Jesus indicou que tanto César quanto Deus têm seus respectivos direitos; e o que é pago a eles não é pago como um presente, e, sim, como uma dívida.

### **A ressurreição.**

Os saduceus, que não acreditavam que haverá uma futura ressurreição física, foram os próximos a tentar desconcertar a Jesus, ao mostrarem o que sentiam ser um absurdo, naquela doutrina. O caso hipotético por eles expostos, tinha a ver com a lei do casamento levirato, de acordo com o qual um irmão sobrevivente e solteiro de um homem casado que morrera e deixara viúva, deveria casar-se com a viúva a fim de deixar herdeiro para seu irmão (vide Deuteronômio 25:5,6). Os saduceus, pois, apresentaram a situação de determinada mulher que ter-se-ia casado com sete irmãos sucessivos, sob a lei do casamento levirato, sem que deles tivesse tido qualquer filho. Então, triunfalmente, perguntaram de qual daqueles homens ela seria esposa, por ocasião da ressurreição. *Ler Marcos 12:18-27; Mateus 22:23-33 e Lucas 20:27-40* (§ 134).

Jesus ridicularizou os saduceus, por não compreenderem eles nem as Escrituras e nem o poder de Deus. Porque a ressurreição não restaurará meramente a vida física. Também alterará o modo de vida, de tal modo que não mais existirá então a instituição do matrimônio. E a razão disso é que a abolição da morte eliminará a necessidade de propagar a raça humana mediante a procriação. Os saduceus, portanto, laboravam em erro, ao imaginarem que a ressurreição simplesmente perpetuaria a vida terrena. Livros posteriores do Antigo Testamento contêm diversos claros textos de prova em favor da doutrina da ressurreição, mas os saduceus aceitavam exclusivamente o Pentateuco como Escrituras plenamente autoritativas. Jesus, assim sendo, valeu-se da declaração feita por Deus a Moisés, na sarça ardente: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". O argumento de Jesus é que o tempo presente do verbo, "Eu Sou", (O tempo presente do verbo ser, na declaração "Eu sou" não figura em Marcos e nem no texto hebraico de Êxodo 3:6, mas é subentendido em ambos os lugares, sendo necessário para o fluxo do argumento de Jesus.) dá a entender que Abraão, Isaque e Jacó continuavam relacionados com Deus, e, portanto, continuavam vivos em espírito, pelo menos até os dias de Moisés. Outrossim, visto que originalmente o homem foi criado por Deus como uma unidade de corpo e alma, é inconcebível uma eterna meia existência, apenas da forma espiritual. Ora, pois, se Deus conserva vivos aos mortos, em forma espiritual, sem dúvida pretende reajuntar seus corpos e seus espíritos, quando da ressurreição.

### **Os mais importantes mandamentos.**

Um fariseu, então, pediu a Jesus que identificasse o mais importante mandamento do Antigo Testamento, e Jesus Lhe respondeu que amar a Deus inteiramente e amar ao próximo como a nós mesmos são o primeiro e o segundo mandamentos, em ordem de prioridade. A sinceridade daquele fariseu serviu de dramático contraste para destacar a falta de sinceridade dos anteriores questionadores de Jesus. *Ler Marcos 12:28-34; Mateus 22:34-40* (§ 135).

### **O Messias divino e davídico.**

A iniciativa no debate teológico, passou novamente para Jesus. *Ler Marcos 12:35-37; Mateus 22:41-46 e Lucas 20:41-44* (§ 136). Salmos 110:1 é o texto vetero-testamentário mais constantemente citado no Novo Testamento. Tanto Jesus quanto os fariseus reconheciam tratar-se de uma profecia messiânica, proferida por Davi, sob a influência do Espírito Santo. Os judeus não criam, de modo geral, que o Messias, haveria de ser um ente divino. Mas, ao indagar por que Davi ter-se-ia referido ao Messias como "meu Senhor", Jesus está deixando entendido que o Messias deveria ser divino, tanto quanto humano.

### **A denúncia contra os escribas e fariseus.**

*Ler Marcos 12:38-40; Mateus 23:1-39 e Lucas 20:45-47* (§ 137). A versão de Mateus sobre a mordaz denúncia de Jesus contra os escribas e fariseus é, em muito, a mais detalhada de todas. No segundo versículo dessa narrativa, a cadeira de Moisés alude à cadeira, nas plataformas existentes nas sinagogas, onde os rabinos entre os fariseus interpretavam a lei mosaica para as congregações. Jesus recomendou a Seus ouvintes que obedecessem à lei mosaica, quando ensinada pelos fariseus, mas que não seguissem o exemplo destes últimos. E passou a comparar os rabinos, que adicionavam suas próprias regras à legislação mosaica, a um guia de camelos sem compaixão, que sobrecarrega os seus animais, mas em seguida não move um dedo sequer para ajustar a carga, a fim de que haja equitativa distribuição de peso para ambos os lados. Os "filactérios" (versículo 5) são alusivos às bolsinhas de couro que continham cópias de porções da lei, e que eram fixadas ao braço esquerdo e à testa do indivíduo. Os fariseus mandavam fazê-las notoriamente grandes, a fim de exibirem a sua piedade. Tal exibicionismo também incluía o prolongamento das borlas azuis, nos cantos de suas vestes, usadas em consonância com o trecho de Números 15:37-41.

O versículo nove, na versão de Mateus, não proíbe o uso do termo "pai", pelos membros de uma família, mas veda seu uso religioso de modo que confira aos homens uma autoridade que pertence exclusivamente a Deus. Nos versículos dezesseis e seguintes, Jesus censura os fariseus por terem perdido a perspectiva certa, pois não davam prioridade às porções mais importantes da lei. Ao invés disso, magnificavam detalhes minúsculos, a fim de darem a impressão de uma mais profunda espiritualidade. Hortelã, endro e cominho eram ervas minúsculas, usadas como tempero ou medicamento. O mosquito era um pequeno inseto imundo, e o camelo era um volumoso animal imundo. Os fariseus coavam o vinho em pedaço de pano ou em uma peneira fina, procurando assegurar-se de que não engoliriam algum inseto imundo, ao beberem o vinho. Essa passagem termina com um lamento, expresso por Jesus, devido à vindoura destruição de Jerusalém.

### **A oferta da viúva.**

A história do "quadrante da viúva" (na verdade, ela deu duas pequenas moedas correspondentes àquele valor) teve lugar no gazofilácio ou tesouro, um lugar, na área do templo, onde os judeus depositavam suas ofertas em dinheiro. *Ler Marcos 12:41-44 e Lucas 21:1-4* (§ 138).

### **O discurso do monte das Oliveiras.**

Ante a exclamação que alguém fez, relativamente à beleza e aos ornatos do templo, Jesus retrucou fazendo negra predição sobre sua futura destruição. Alguns dos discípulos, diante disso, indagaram quando isso ocorreria e como poderiam saber que se aproximava o fim da nossa era e a parousia. (Parousia é termo grego comumente usado para indicar o segundo advento de Cristo, e significa presença, chegada, vinda especialmente a chegada de um rei ou imperador, ou uma visita real; portanto, palavra mui apropriada para indicar a vinda de Cristo em glória real.) A longa resposta de Jesus é conhecida como "o Pequeno Apocalipse", ou o "Discurso do Monte das Oliveiras", por causa do monte desse nome, onde ele foi proferido. Jesus previu doutrinas falsas, guerras, terremotos, fomes, pragas e perseguições. Porém, em meio a todas essas calamidades, o evangelho, finalmente chegará a todas as nações. A angústia chegará a seu ponto culminante de intensidade durante a tribulação, os últimos e poucos anos, antes do retorno de Cristo em poder e majestade.

### **A abominação da desolação.**



As instruções de Jesus a Seus seguidores parece ter visado sobretudo àqueles que estarão vivendo na Palestina durante a tribulação. Esses deverão aguardar "a abominação desoladora", predita por Daniel (9:27; 11:31 e 12:11). Essa expressão se refere à contaminação do templo, o que fará com que o mesmo venha a ser olvidado por judeus piedosos, tal como no período dos Macabeus, quando Antíoco Epifânio ordenou que fosse erigido um altar dedicado a Zeus, no templo, e um animal imundo foi sacrificado sobre esse altar, com o resultado que os judeus ortodoxos se recusaram a adorar ali até que Judas Macabeus purificou e recon sagrou o templo. Alguns sustentam que Jesus estava aludindo à futura profanação do templo, mediante a imagem do imperador romano, nas insígnias usadas pelo exército romano que capturou e destruiu a cidade de Jerusalém no ano de 70 D. C. Porém, o confronto com os trechos de Daniel 9:27; II Tessalonicenses 2:4 e Apocalipse 13:11 ss. favorece a idéia que Jesus se referia ao ato de um ímpio governante, chamado "anti-cristo", "homem do pecado" ou "besta", e que será o déspota mundial do período ainda futuro da tribulação. Esse ato romperá um acordo feito com os judeus, forçando-os então a cessar os sacrifícios oferecidos a Deus em seu templo (reedificado) e exigindo deles que adorem a imagem do anti-cristo, ali levantada.

Conforme disse Jesus, ao ocorrerem tais acontecimentos, os Seus seguidores de Jerusalém e da Judéia deveriam fugir para as montanhas. Uma vez mais, alguns têm visto o cumprimento dessas palavras na fuga dos judeus cristãos, de Jerusalém para Pela, na Transjordânia, pouco antes do cerco de Jerusalém, no primeiro século cristão. Porém, embora o caminho atravessasse regiões montanhosas, a própria Pela não estava situada em terreno montanhoso. E Jesus ajuntou, sem detença, que "logo em seguida à tribulação daqueles dias "Ele retornaria, com o acompanhamento de certos fenômenos celestes. Não obstante, Jesus não retornou então, e agora o ano 70 D.C. faz parte da história antiga. Os eventos do ano 70 D.C. e proximidades talvez tivessem prefigurado o que Jesus aqui dizia, mas dificilmente cumpriram as Suas predições. Para benefício de seus leitores gentios, Lucas alterou a difícil expressão judaica, "abominação desoladora", apresentando, em seu lugar, uma descrição sobre o cerco, captura e pilhagem de Jerusalém, por parte de povos gentílicos. Porém, o mais provável é que nem mesmo Lucas se referisse ao ano 70 D.C., e ao prolongado período de controle gentílico sobre Jerusalém, porquanto ele conserva a ordem que ordena a fuga para os montes, em contrário do que os cristãos judeus fizeram naquele tempo. Antes, as referências existentes em Lucas, tal como em Marcos e Mateus, apontam para a futura dominação de Jerusalém pelos gentios, durante a porção final da tribulação.

### **A segunda vinda.**

O fim de nossa era terá lugar em meio a perturbações cósmicas. A conflagração de guerra e a fumaça das cidades incendiadas e dos campos de batalha haverão de obscurecer a luz do sol e da lua. Os meteoritos (estrelas cadentes) haverão de riscar o firmamento noturno. Então Jesus retornará a este mundo, na qualidade de Filho do homem. "Essa geração" - isto é, a geração que começar a contemplar os portentos da tribulação (A ambigüidade das palavras "esta geração" deixa em aberto a possibilidade para que cada geração, depois da de Cristo em diante, seja aquela que experimente os acontecimentos finais desta era.) - poderá estar certa de que o fim está verdadeiramente próximo, embora o dia e a hora específicos continuem incertos. Nem mesmo Jesus sabia então qual a ocasião precisa. Isso parece subentender que, embora Jesus sempre tivesse tido a capacidade de valer-se de Sua onisciência divina (e de Sua onipotência), Ele só o fazia quando isso era parte de Seu ministério messiânico. Assim, por exemplo, Ele teve de aprender como se fora uma criança, e nessa oportunidade preferiu permanecer desinformado, ao mesmo tempo que exibia um conhecimento sobre-humano, conforme a ocasião o exigisse. Por semelhante modo, Ele se cansava e se sentia sedento, embora exercesse o poder de curar os enfermos e de ressuscitar aos mortos. *Ler Marcos 13:1-37; Mateus 24 e 25 e Lucas 21:5-36 (§ 139).*

Ao salientar quão inesperada será a Sua volta, no que concerne aos iníquos, Jesus estabeleceu certa comparação com a geração de Noé. O dilúvio apanhou aquela gente inteiramente de surpresa, no decurso de atividades humanas normais - "comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento", embora de forma alguma estas devam ser entendidas em mau sentido. Assim também o retorno de Cristo, para julgar, surpreenderá aos espiritualmente despreparados, quer

sejam incrédulos confessos, quer seja, como no caso do mau servo da parábola contada neste trecho, algum indivíduo que falsamente se professe discípulo. Todos os verdadeiros seguidores de Jesus serão vigilantes, viverão retamente, e, em resultado disso, estarão preparados para a Sua volta.



Lâmpadas Palestinas dos tempos do Novo Testamento. Note-se a perfuração no alto, para admissão do azeite.

A parábola das dez virgens é útil para ilustrar melhor ainda o contraste entre os preparados e os despreparados. O noivo e seus amigos se tinham dirigido à casa da noiva, com o fito de escoltá-la até à casa do noivo, onde as festividades matrimoniais teriam lugar. No entanto, demoraram-se até à meia-noite, provavelmente porque a família da noiva insistia em que o noivo e seus familiares brindassem a noiva com um dote mais rico. Isso exibe a relutância da família da noiva

em desistir de sua filha, mas também elogia ao noivo por haver escolhido urna jovem tão destacada, que merecia um dote maior. Finalmente, porém, o noivo e seus acompanhantes trouxeram a noiva, em cortejo, até à casa do noivo. (Alternativamente, o noivo já havia conduzido a noiva até a casa, retirara-se a fim de passar a noite com seus amigos varões, e demorara o seu regresso além de toda a expectativa.)

Entrementes, as dez virgens (a natureza exata do relacionamento entre elas e a noiva ou o noivo é desconhecida) tinham ficado a esperar munidas de lâmpadas, as quais podiam ser ou tochas de trapos enrolados em um pau, que tinham sido mergulhadas por repetidas vezes em azeite, ou então turíbulos de cobre, cheios de piche, azeite e trapos, como combustível, ou mesmo lamparinas de barro, com tubos, pavio e azeite de oliveira, como combustível. As virgens conservavam acesas as suas lâmpadas porque não lhes seria fácil reacendê-las às pressas, se o cortejo chegasse repentinamente. Cinco das donzelas tolamente negligenciaram a possibilidade de demora, as suas lâmpadas ficaram sem combustível. O suprimento extra de azeite, trazido pelas outras cinco virgens, prudentes que eram, representa o estado de preparação para a volta de Cristo. Ao chegar o noivo, as cinco jovens insensatas se tinham ido, para comprar mais azeite de oliveira. Mas, onde? Era meia-noite. Esse traço irrealista dramatiza o fato que, chegada a parousia, será tarde demais para alguém preparar-se.

### **Os talentos.**

A parábola dos talentos, por sua vez, ensina que a preparação não consiste apenas de uma atitude mental, mas consiste igualmente do investimento da vida inteira do crente a serviço de Cristo - com os riscos que esse serviço envolve. Um talento valia cerca de 20 mil cruzeiros, em prata, embora tivesse um poder aquisitivo muito maior que isso. Ver também os comentários sobre a parábola lucana das "minas".

### **As ovelhas e os bodes.**

O julgamento das nações, sob os símbolos das ovelhas e dos bodes (vide Mateus 25:31-46), tem sido alvo de diversas interpretações. Alguns têm reputado a cena como retrato do ato pelo qual ficará determinado quem participará do reino terreno de Cristo, imediatamente após o Seu retorno. A qualificação para a entrada no mesmo, pois, poderia ser encarada como o tratamento apropriado conferido aos judeus, os "irmãos" de Cristo quanto à nacionalidade. Outros, entretanto, interpretam-na como o bondoso tratamento dispensado aos irmãos de Jesus Cristo, na forma da aceitação das perseguidas testemunhas de Cristo e do evangelho que pregam, ou mesmo na forma de amor por nossos irmãos em Cristo, como um critério demonstrador da salvação, de tal modo que os irmãos seriam as próprias ovelhas, em seu relacionamento para com Cristo e entre elas mesmas.

Por último, a cena pode estar retratando o juízo final, no que concerne aos destinos eternos de todos os homens, nada tendo a ver com a entrada em algum reino terreno e temporário.

### **O preço da traição.**

*Ler Marcos 14:1,2; Mateus 26:1-5 e Lucas 22:1,2* (§ 140). Jesus predisse Sua detenção e crucificação para dentro de mais dois dias, por ocasião da festa da Páscoa. Os membros do Sinédrio já buscavam oportunidade para detê-Lo, na ausência de multidões vindas da Galiléia, que O admiravam. O desejo deles e a predição de Jesus tiveram cumprimento quando Judas Iscariotes se ofereceu para ser o traidor, provendo ao Sinédrio a oportunidade de deter a Jesus secretamente, durante as festividades.

Alguns têm procurado justificar os motivos de Judas Iscariotes, dizendo que ele procurava forçar Jesus a uma situação onde o Senhor se visse na contingência de esmagar o poder político de Seus adversários, a fim de estabelecer o Seu próprio reino. Mas o Novo Testamento não retrata a Judas de outra maneira qualquer senão como um homem que, desapontado ante a natureza espiritual da missão messiânica de Jesus, resolveu redimir o que pudesse, do tempo que desperdiçara, seguindo a Jesus. E isso ele fez furtando parte do tesouro apostólico e, por instigação de Satanás, traíndo a Jesus em troca de determinado preço. *Ler Marcos 14:10.11; Mateus 26:14-16 e Lucas 22:3-6* (§ 142).

### **Os preparativos para última ceia.**

*Ler Marcos 14:12-16; Mateus 26:17-19 e Lucas 22:7-13* (§ 143). Jesus instruiu a dois de Seus discípulos que entrassem em Jerusalém, procurassem um homem que estivesse carregando um cântaro de água, seguissem-no até certa casa, e, ali, preparassem a festa da Páscoa. Ordinariamente os homens transportavam odres de água, e mulheres carregavam cântaros. Um homem levando um cântaro de água, portanto, era algo extremamente incomum. A ausência de nomes e o fato que o cenáculo já estava preparado, sugerem-nos que Jesus fizera arranjos de antemão, com alguma pessoa conhecida, na cidade de Jerusalém. O mais provável é que Jesus não queria que Judas Iscariotes soubesse onde haveriam de celebrar a refeição pascal, a fim de que Judas não informasse às autoridades judaicas antes demais e Jesus não tivesse tempo para participar da refeição da Páscoa, para instituir a Ceia do Senhor e para proferir o Seu discurso do cenáculo, como é chamado.

### **O tempo da páscoa.**

Os evangelistas sinópticos declaram sem reboços que, na noite de quinta-feira da semana da paixão, Jesus e os doze comeram a refeição pascal (vide Marcos 14:12,17; Mateus 26:17,20 e Lucas 22:7,14). De acordo com muitos eruditos, João contradiz aos demais evangelistas, ao indicar que os judeus não comeram a refeição pascal senão já na sexta-feira à noite, depois da morte e do sepultamento de Jesus. João 18:28 é trecho que estipula: "Eles [os judeus] não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa" - isso depois de João haver-se referido ao cenáculo, onde os evangelistas sinópticos colocaram a refeição da Páscoa. Superficialmente, parecia que, segundo João, ou Jesus e os doze participaram da Páscoa antes da maioria dos judeus, ou que Jesus e os doze jamais chegaram realmente a comer da mesma. Alhures, no quarto evangelho, no entanto, o vocábulo "Páscoa" refere-se à festividade que perdurava por uma semana inteira, e não somente à refeição em que era ingerido o cordeiro pascal. João, portanto, pode ter querido dizer que embora os judeus já tivessem comido do cordeiro pascal na noite anterior, ao mesmo tempo em que o fizeram Jesus e Seus discípulos, não queriam tornar-se cerimonialmente incapazes de participar das demais observâncias festivas da semana.

Também se tem argumentado que a assertiva: "E era a parasceve [ou sexta-feira] pascal..." (João 19:14), dentro da narrativa sobre o julgamento de Jesus, parece subentender que a Páscoa teria lugar ainda no dia seguinte, porquanto algumas versões, ao invés de "parasceve", dizem "preparação". Porém, "preparação" ou "parasceve" era o nome do dia da semana o qual chamamos "sexta-feira", e, segundo também já pudemos notar, no evangelho de João, "Páscoa" alude à semana inteira de festividades, sem o intuito de dar a entender que o cordeiro pascal ainda teria de ser morto, assado e ingerido. Um exame mais cuidadoso quanto ao linguajar de João, pois,

demonstrará que o quarto evangelho não nega, necessariamente, que Jesus teria comido o cordeiro pascal, juntamente com Seus discípulos, no prazo regulamentar.

Uma explicação alternativa busca reconciliar João e os evangelistas sinópticos, supondo que Jesus e os doze comeram a refeição pascal mais cedo que a maioria dos judeus. Assim sendo, os evangelistas sinópticos estariam corretos ao afirmar que a última ceia foi uma refeição pascal, e João estaria correto ao dar a entender que os outros judeus não comeram da refeição pascal senão na noite da sexta-feira da paixão. É possível que Jesus e Seus discípulos, à semelhança da comunidade essênica de Qumran, seguissem um calendário levemente diverso do calendário do corpo principal do judaísmo; ou então Jesus pode ter providenciado para que houvesse uma refeição pascal um tanto prematura, porquanto previa que Sua morte ocorreria antes do tempo regulamentar para aquela refeição.

### **Jesus lava os pés dos discípulos.**

*Ler Marcos 14:17; Mateus 26.20; Lucas 22:14-16,24-30 e João 13:1-20 (§§ 144 e 145).* A bulha ambiciosa dos discípulos, cada qual procurando os lugares de maior honra, perto de Jesus, o hospedeiro daquela refeição, contrastou fortemente com o serviço humilde prestado por Jesus, ao lavar os pés de Seus discípulos, o que era trabalho próprio de um escravo. De conformidade com os costumes judaicos, os pupilos de um rabino estavam na obrigação de prestar-lhe serviços mais harmônicos com os de um escravo, excetuando a lavagem de seus pés, que era serviço por demais braçal e humilde. Neste caso, porém, o rabino fez em favor de Seus discípulos o que nem deles se esperava que fizessem em Seu favor. Jesus deu a Pedro a explanação que a lavagem dos pés representava simbolicamente a purificação diária do pecado. E então ensinou a todos os discípulos que isso também representava a maneira como deveriam prestar serviço humilde uns em favor dos outros.

### **A saída de Judas.**

Em seguida, Jesus advertiu que um dos discípulos estava prestes a traí-Lo. Imediatamente os discípulos começaram a indagar sobre quem seria. Jesus replicou que o traidor estava suficientemente próximo para mergulhar a mão no mesmo prato que Ele.

A despeito disso, os discípulos continuaram ignorando o que Jesus queria dizer, exatamente. Nessa pequena confusão, João, estando reclinado em um divã, com as costas voltadas para Jesus, perguntou-lhe, em particular, quem seria o traidor; e recebeu a resposta de que o traidor seria aquele que agora receberia o pedaço de pão molhado, tradicionalmente dado ao conviva honrado em um banquete. Ato contínuo, Jesus entregou o pedaço de pão molhado a Judas Iscariotes. Com isso, Judas saiu do cenáculo e internou-se nas trevas da noite. Fazia escuro em mais que um sentido. *Ler Marcos 14:18-21; Mateus 26:21-25; Lucas 22.2123 e João 13:21-30 (§ 146).*

### **Observações no cenáculo.**

Após ter dado o mandamento que os discípulos se amassem mutuamente, Jesus predisse as negações de Pedro, tendo-o chamado pelo seu antigo nome, Simão, porque então ele não estaria agindo como um forte "homem-pedra". *Ler João 13:31-38; Marcos 14:27-31; Mateus 26:31-35 e Lucas 22:31-38 (§ 147).* Nos últimos poucos versículos do trecho lucano, Jesus relaxa a urgência envolvida nas missões anteriores, a fim de que agora os discípulos pudessem retornar à vida normal. E quando Jesus recomendou que se comprasse uma espada, os discípulos, imaginando que Jesus queria que eles lutassem, a fim de que Ele mesmo não fosse detido, apresentaram duas espadas. A declaração de Jesus: "Basta", pôs um triste ponto final ao episódio, porque os discípulos se mostravam uns cabeças-duras. Duas espadas não teriam sido suficientes para defendê-Lo! Como poderiam eles imaginar, portanto, que Jesus queria que eles lutassem?

### **A Ceia do Senhor instituída durante a refeição pascal.**

A liturgia pascal incluía uma doxologia, vários cálices de vinho distribuídos entre os comensais, a recitação da história do êxodo, pelo hospedeiro, durante a refeição, a ingestão do cordeiro assado, justamente com pão sem fermento e ervas amargas, tudo concluído com o cântico de salmos.(Vide

a citação da Mishna extraída de Pesahim 10.1, 3 ss., em C.K. Barret *The New Testament Background*, págs. 155-157.) Em consonância com as expectativas judaicas sobre um banquete messiânico, Jesus já havia comparado o reino de Deus com um banquete. Também já havia descrito os Seus sofrimentos com a metáfora de um cálice a ser bebido. Outrossim, a Páscoa comemorava a redenção dada por Deus à nação de Israel, antes escravizada pelos egípcios, em conexão com o sacrifício do cordeiro pascal. Jesus, entretanto, já havia também deixado entendido que Israel agora fora rejeitado como nação. Portanto, instituiu a Ceia do Senhor, a fim de comemorar a redenção de um novel povo de Deus, a Igreja, libertada da servidão espiritual ao pecado, mediante Sua própria morte expiatória sobre a cruz. *Ler Marcos 14:22-25; Mateus 26:26-29; Lucas 22 17-20 e I Coríntios 11:23-26* (§ 148).

Devemos observar que Jesus não abençoou o pão. As palavras "abençoando-o" são sinônimas da expressão "deu graças", e significam que Ele louvou a *Deus*. Os mais antigos manuscritos omitem a palavra "partiu", nas palavras da instituição da Ceia, no tocante ao corpo de Jesus, simbolizado pelo pão. Assim, pois deveríamos ler: "Isto é o meu corpo oferecido por vós." Jesus partiu o pão, a fim de que cada discípulo recebesse um pedaço do mesmo; mas não extraiu qualquer significado simbólico desse ato. Na verdade, o corpo de Jesus não foi partido na cruz, conforme mais adiante João deixa bem claro, em sua narrativa sobre a crucificação. O fato que Lucas menciona o cálice tanto antes como depois da distribuição do pão mostra-nos que sua narrativa não tinha por intuito ser tomada como um relato estritamente cronológico. Na afirmativa de que o sangue de Jesus seria derramado "em favor de muitos", o vocábulo "muitos" ou é expressão idiomática semítica para "todos", ou então aponta para a totalidade dos eleitos, conforme se vê igualmente nos escritos sectários entre os Papiros do Mar Morto. Dentro da frase: "Bebei dele todos", o termo "todos" está vinculado a "vós" (subentendido), não se devendo entender como se Jesus houvesse dito: "Bebei todo o vinho". O vinho vermelho, no cálice, representava o sangue de Jesus, a base do novo pacto, destoando assim do pacto mosaico, alicerçado sobre o sangue de sacrifícios animais, o que só podia encobrir pecados de maneira provisória e temporária. O sangue de Jesus redime o pecado, ou seja, purifica-nos totalmente do pecado. Ao concluir a instituição da Ceia, Jesus declarou que haveria de abster-se de participar novamente do "fruto da videira" até que houvesse o grandioso banquete messiânico, por ocasião da Sua volta.

### **O discurso no cenáculo.**

No Seu discurso de despedida, no cenáculo, Jesus prometeu que voltaria algum dia. Durante Sua ausência, os discípulos poderiam orar em Seu nome. Em outras palavras, na qualidade de seguidores Seus, eles deveriam vincular a autoridade de Seu nome às suas orações, porquanto isso lhes garantiria a resposta. Entrementes, o Espírito Santo viria tomar o lugar de Jesus (Jesus chama-O de "outro Consolador", em João 14:16) e capacitaria os discípulos a realizarem obras maiores ainda que aquelas realizadas por Jesus - maiores em extensão geográfica, mediante a missão evangelística a todas as nações. O termo "Consolador" (tradução do termo grego *Paraclete*), aplicado ao Espírito Santo, também significa "ajudador, encorajador, representante e advogado (tanto de defesa quanto de acusação)". "Mansões" significa "residências", e provavelmente é palavra que alude não apenas a lugares celestiais, mas também a atuais lugares espirituais permanentes, localizados na pessoa mesma de Cristo, preparados por Sua obra remidora para cada crente. *Ler João 14* (§ 149).

*Ler João 15 e 16* (§ 150). Nas páginas do Antigo Testamento, a vinha servia de símbolo da nação de Israel. Mas, visto que Deus rejeitara a Israel, a nova e verdadeira vinha passou a ser o próprio Cristo, incluindo todos os que com Ele estiverem unidos, mediante a fé. Cristo não é apenas o tronco, e, sim, a vinha inteira. Na qualidade de ramos, pois, os crentes estão mais do que ligados com Cristo - fazem parte Dele. Jesus exortou aos discípulos para que parmenecessem Nele, isto é, para que vivessem em comunhão com Ele, por meio da obediência aos Seus mandamentos e, particularmente, através do amor mútuo. Jesus também advertiu acerca de futuras perseguições. Porém, em João 16:7 Jesus disse que convinha, ou era vantajoso, para os discípulos, que Ele se fosse e que o Espírito Santo viesse, porquanto o espaço e o tempo não haveriam de limitar as atividades do Espírito, conforme haviam limitado as Suas. Todavia, o Espírito Santo não viria apenas para ministrar consolo, encorajamento e instrução aos discípulos de Jesus. Tal como um advogado de acusação, Ele também imporá convicção aos homens do mundo, a respeito de seu grande

pecado de incredulidade para com Cristo, a respeito da vindicação de Cristo da parte de Deus Pai, mediante a exaltação de Cristo de volta aos céus, e a respeito do juízo vindouro deste mundo pecaminoso, conforme já fora previsto pela derrota de Satanás, na cruz. (Vide João 16:8-11.)

### **A oração sumo-sacerdotal.**

Em Sua notável oração intercessória, Jesus rogou acerca da salvaguarda, da santificação e da unidade de Seus discípulos. *Ler João 17* (§ 151) .

### **Getsêmani.**

O cântico de Salmos 113 - 118, em forma de antifonia, concluía a liturgia da Páscoa. Jesus e Seus discípulos, seguiram então para o jardim do Getsêmani, nas vertentes do monte das Oliveiras, um dos lugares favoritos de Jesus, onde Ele orava. *Ler Marcos 14:26,32-42; Mateus 26.30,36-46; Lucas 22:39-46 e João 18:1* (§ 152). Na oração feita por Jesus podemos distinguir claramente a Sua humanidade. Tal como no caso de qualquer ser humano normal, a possibilidade de dor e morte iminentes provocou agitação emocional, e tão intensa para Jesus que Seu suor porejava profusamente, como se fossem gotas de sangue. (Lucas só faz uma comparação; não diz que Jesus suou sangue. Convém notar, entretanto, que a comparação do suor com o sangue é textualmente incerta.) Mas Jesus desejava que fosse cumprida a vontade de Deus mais do que queria escapar da morte. Por conseguinte, resolveu-se a sorver Sua taça de sofrimentos e de morte.

### **Aprisionamento de Jesus.**

Os soldados romanos, a polícia levítica do templo e servos pessoais dos dirigentes judeus, que



Jardim do Getsêmani, com as milenares oliveiras que facilmente retrocedem ao início da dominação romana da Palestina.

tinham vindo aprisionar a Jesus no horto do Getsêmani, se tinham preparado para uma possível resistência armada por parte de Seus discípulos. Mas quando Jesus se identificou como aquele a quem queriam, a força atordoadora de Sua personalidade divina temporariamente fê-los recuar e rolar por terra. Oscular era a maneira costumeira de saudar a algum venerável rabino, mas, nessa oportunidade, o beijo identificador, dado por Judas, foi uma hipocrisia sem pejo. Na tentativa de defender a Jesus, Pedro decepou a orelha de um servo do sumo sacerdote, de nome Malco. Somente João menciona os

nomes de Pedro e Malco. É provável que os evangelhos bem antes de João, se refrearam de citar a Pedro por nome, a fim de protegê-lo de retaliação enquanto ele estivesse vivo, ao passo que Pedro já tinha falecido quando João escreveu o evangelho que traz o seu nome. João talvez conhecesse pessoalmente ao servo Malco, ou porque mais tarde esse homem se tornara cristão, ou porque o discípulo cujo nome não é dado, mas que era conhecido do sumo sacerdote (vide João 18:15,16), também conhecia pessoalmente a Malco. (É possível que o discípulo cujo nome não é dado, mas que era conhecido pelo sumo sacerdote, fosse o próprio João, porque ele deixa de mencionar seu nome por todo o evangelho Porém, ele também deixa de nomear outros discípulos (vide, por exemplo, 21:1,2). E em João 18:15,16, o conhecido do

sumo sacerdote não é identificado com o discípulo amado (João). Outrossim, há algum problema em pensarmos que um jovem pescador galileu, que continuava trabalhando para seu pai, conhecia ao sumo sacerdote, em Jerusalém.)

Lucas exhibe seu interesse por questões médicas ao informarnos que Jesus curou a orelha de Malco. Ao submeter-se à detenção, Jesus insistiu que os Seus discípulos fossem deixados em liberdade. Mas Pedro, com sua impetuosidade, fez a situação ficar tensa, pelo que os discípulos tiveram de fugir. Correndo na fuga, juntamente com eles, um jovem que não pertencia ao círculo dos doze deixou a sua capa nas garras de seus captores em potencial. É perfeitamente possível que esse curioso incidente seja a assinatura sutil de João Marcos, aposta ao evangelho de seu nome. Nesse caso, ele acompanhara a Jesus e aos outros até ao jardim do Getsêmani, provavelmente porque a última ceia tivera lugar em sua casa. De conformidade com Atos 12:12, a casa da mãe de João Marcos veio a tornar-se local de reuniões da igreja de Jerusalém. *Ler Marcos 14:43-52; Mateus 26:47-56; Lucas 22:47-53 e João 18:2-12* (§ 153).

## O JULGAMENTO E A CRUCIFICAÇÃO

### **Audições judaica e romana.**

O julgamento de Jesus se dividiu em duas partes, a judaica e a romana. Em cada porção houve três audições. A porção judaica do julgamento consistiu de um exame preliminar, por parte de Anás, ex-sumo sacerdote e figura dominante na liderança judaica; uma audição diante do Sinédrio, à noite - e, portanto, ilegal - durante a qual Jesus foi condenado; e, após a aurora, a formalização do veredito, para encobrir a ilegalidade envolvida no fato que se chegara a tal veredito durante a noite. (Em casos capitais, mais tarde (mas talvez desde antes), as regras forenses judaicas requeriam que os julgamentos tivessem início durante o dia, que fossem suspensos à noite, se porventura não se tivessem concluído, que a maioria de apenas um bastava para a absolvição, mas que a maioria de pelo menos dois era mister para a condenação, que o veredito de absolvição tinha de ser proferido no mesmo dia em que o julgamento começasse, mas que o veredito de condenação teria de esperar até ao dia seguinte, a fim de que os juízes pesassem a decisão condenatória com cuidado, durante a noite, que, por isso mesmo, nenhum julgamento poderia ser iniciado na véspera de um sábado ou dia festivo, e que o acusado não fosse forçado a testificar contra si mesmo, e nem condenado em face de seu próprio testemunho (Talmude Babilônico, Sanhedrin 4:1,3-5a; 5:1, citado em Barrett, *The New Testament Background*. págs. 169, 170). Embora houvesse nessas regras algumas falhas, o Sinédrio, ao condenar a Jesus, violou a todas elas. Além disso, esperava-se que os membros do Sinédrio fossem juízes imparciais, e, no entanto, pelo menos alguns deles tinham participado da detenção de Jesus.) O aspecto romano do julgamento, por sua vez, consistiu de uma audição perante Pôncio Pilatos, governador romano, de uma audição ante Herodes Antipas, e de outra audição perante Pôncio Pilatos novamente.

### **Perante Anás.**

*Ler João 18:12-14, 19-23* (§ 154), conforme o qual trecho Jesus repeliu a acusação de que Ele encabeçava um movimento subterrâneo de sedição política.

### **Perante Caifás e o Sinédrio.**

*Ler Marcos 14:53,55-65; Mateus 26:57,59-68; Lucas 22:54,63-65 e João 18:24* (§ 155). Usualmente, o juiz examinador ficava assentado, ao passo que o réu se punha de pé, mas neste caso o juiz procurava intimidar ao acusado, forçando-o a uma confissão, ao invés de proteger os seus direitos e manter a suposição de sua inocência. Erguendo-se dramaticamente, Caifás tentou fazer Jesus perder a serenidade, perguntando-lhe se não tinha uma única palavra de defesa, contra a evidência incriminadora de Sua reivindicação enigmática de que haveria de reedificar o templo no espaço de três dias, se porventura o destruíssem. Os judeus não haviam entendido que Jesus se referira a Seu próprio corpo, como se se tratasse de um santuário. Sabendo, entretanto, que as testemunhas haviam prestado testemunho conflitante contra Ele, Jesus recusou-se a deixar-se intimidar. Caifás então espalmou o seu trunfo, perguntando à queima-roupa se Jesus afirmava ser o Messias e o Filho de Deus. Jesus afirmou que assim era, embora sugerisse ser um Messias diferente do da concepção que Caifás tinha em mente.

Provavelmente a blasfêmia não consistia somente da reivindicação messiânica - evidentemente os judeus sentiam que a história comprovaria a veracidade ou falsidade de qualquer

reivindicação de missão messiânica - mas da outra reivindicação de ser Ele o Filho de Deus, a despeito de, no momento, parecer estar despido de poderes divinos. O ato de Caifás, rasgando as próprias vestes, simbolizou dramaticamente o seu horror ante a blasfêmia que acabara de ouvir. O Sinédrio decretou a sentença de morte, mas não foi capaz de executá-la, porquanto os romanos se arrogavam o direito de impor a pena capital. Na verdade, o próprio Anás fora deposto do ofício sumo sacerdotal por haver executado uma punição capital, durante a ausência de um governador romano. Há alguma dúvida se os judeus podiam executar a alguém por outro meio além da crucificação. Provavelmente os membros do Sinédrio queriam que os romanos crucificassem a Jesus, a fim de evitar o peso total da culpa de haverem morto a Jesus, sob a acusação das populações judaicas, sobretudo as da Galiléia.

### **As negações de Pedro.**

Espremida entre as duas audições de Jesus perante o Sinédrio, temos a narrativa da negação de Jesus, por parte de Pedro, por nada menos de três vezes. O Sinédrio se reunia no palácio do sumo sacerdote. Pedro foi capaz de penetrar no palácio devido à influência de um discípulo não designado por nome, mas que era "conhecido do sumo sacerdote". O sotaque galileu de Pedro levou os circunstantes a suspeitarem que ele também seria discípulo de Jesus, porquanto era de conhecimento geral que Jesus era muito popular na Galiléia. *Ler Marcos 14:54,66-72; 15:1; Mateus 26:58,69-75; 27:1; Lucas 22:54-62,66-71; João 18:15-18,25-27* (§§ 156 e 157).

### **Perante o Sinédrio.**

A ratificação ao veredito condenatório, o que ocorreu após a alvorada, satisfaz à porção final dos procedimentos legais dos judeus, de acordo com os quais só se poderiam desenrolar julgamentos durante as horas do dia; e isso deu foros de legalidade para os que viam as coisas do lado de fora. No entanto, foi violada a proibição de haver julgamentos em dias festivos, pois corria a semana da Páscoa.

### **O suicídio de Judas.**

Judas lamentou-se do que fizera, mas lhe faltava fé para crer que seria perdoado. As narrações de seu suicídio são um tanto diferentes em Mateus e no livro de Atos. Quiçá o corpo de Judas tivesse caído do lugar onde se enforcara. É irônico que os principais sacerdotes tiveram a cautela de não contaminar o tesouro do templo com o preço do sangue, nos momentos mesmos em que procuravam derramar o sangue de um homem inocente. *Ler Mateus 27:3-10; Atos 1:18,19* (§ 158).

### **Perante Pilatos.**

*Ler Marcos 15:1-5; Mateus 27.2, 11-14; Lucas 23:1-5 e João 18:28-38* (§ 159). Uma vez mais é pura ironia que os judeus se preocupassem tanto com a pureza ritual que não quisessem entrar no palácio de um governador gentio, e, no entanto, estavam condenando o seu próprio Messias. A acusação que eles assacaram contra Jesus nada tinha a ver com a suposta blasfêmia, por causa da qual o Sinédrio O condenara. Uma blasfêmia nada teria significado para Pilatos, romano e pagão que ele era. Por conseguinte, as acusações feitas na presença de Pilatos eram acusações de ordem política, forjadas, segundo as quais Jesus seria um rebelde e um imperador rival de Tibério César. Não obstante, o ministério inteiro de Jesus foi desempenhado no esforço constante de ensinar que Seu caráter messiânico não era primariamente político. E quando Pilatos recomendou aos judeus que julgassem a Jesus conforme sua própria lei, ele brincava com o fato que aos judeus faltava autoridade para infligir punição capital. Jesus assegurou a Pilatos de que Seu reino era espiritual, o que ficara comprovado pelo fato que os Seus servos não tinham combatido.

### **Perante Antipas.**

Herodes Antipas chegara a Jerusalém a fim de observar as festividades da Páscoa; não porque fosse especialmente piedoso, mas porque desejava manter sua popularidade entre os seus súditos judeus. Pilatos não queria assumir a responsabilidade pela sorte de Jesus. Por essa razão é que



enviou Jesus para ser julgado por Herodes. Por ter vindo da Galiléia, Jesus pertencia mesmo à jurisdição de Herodes, afinal. *Ler Lucas 23:6-12* (§ 160). Se porventura Jesus houvesse cumprido o desejo de Herodes de ver a realização de um milagre, provavelmente Herodes teria intercedido em Seu favor. Mas Jesus se recusou ao menos a falar com Herodes, quanto mais realizar um milagre!

### **Perante Pilatos.**

*Ler Marcos 15:6-19: Mateus 27:15-30: Lucas 23:13-25 e João 18:39 - 19:16* (§§ 161 e 162). Frente a frente com Jesus pela segunda vez, Pilatos deu seu veredito: inocente. Ele sentiu-se à vontade nessa sua decisão devido ao fato que Herodes Antipas também não encontrara qualquer falta em Jesus. Porém, ao invés de manter de pé sua decisão, Pilatos começou a barganhar com os judeus se preferiam a soltura de Jesus ou a de Barrabás, de conformidade com o costume anual de soltar a um prisioneiro, em sinal de boa vontade. Ironicamente, os judeus mostraram suas preferências por Barrabás, precisamente por ser ele um revolucionário, a acusação mesma que tinham assacado contra Jesus perante Pilatos.

### **A condenação.**

O castigo brutal de açoites era, ao mesmo tempo um meio de extrair informações e um prelúdio à execução. Também era de hábito que os soldados romanos pudessem divertir-se a zombar dos condenados. A coroa de espinhos pode ter sido um instrumento de tortura, com o formato de uma coroa de louros imperial, com alguns dos espinhos voltados para dentro, na direção da cabeça de Jesus. O mais provável, entretanto, é que fosse um instrumento de escárnio, e que os espinhos estivessem virados para fora, formando uma coroa radiada, conforme os imperadores da época usavam, imitando os raios do sol. Tendo permitido que Jesus fosse escarnecido e espancado, Pilatos ainda tentou arrancar dos judeus alguma simpatia por Jesus, apresentando-O naquelas tristes condições, como alguém que já sofrera o bastante. Os judeus, porém, estavam sedentos de sangue. Inadvertidamente, revelaram a razão real pela qual haviam condenado a Jesus: Ele se afirmava Filho de Deus. E visto que tal título pertencia aos imperadores (entre outros), reavivaram-se os temores de Pilatos no sentido que Jesus poderia ser, realmente, um rival político de César. Mas a possibilidade da divindade de Jesus também pode havê-lo perturbado. Sem embargo, um novo interrogatório dissipou os seus temores de que Jesus seria uma ameaça política. Mas os judeus puseram-se a clamar que se Pilatos soltasse a Jesus, então não era amigo de César. Temeroso de perder sua posição de governador, se os judeus apresentassem uma queixa contra ele, em Roma, Pilatos sucumbiu ante as suas ameaças de chantagem. Tentando desvencilhar-se da responsabilidade, ao lavar simbolicamente as mãos, baixou ordem para que Jesus fosse crucificado.

### **A crucificação.**

Ora, a crucificação era um método de execução reservado principalmente para criminosos e



O Calvário de Gordon, fora das atuais muralhas da cidade, é um dos locais sugeridos para a crucificação de Cristo.

escravos. Revestia-se de todas as lúgubres associações da câmara de gás ou da cadeira elétrica hoje em dia. *Ler Marcos 15:20-23; Mateus 27:31-34; Lucas 23:26-33 e João 19:16,17* (§ 163). A cruz que Jesus teve de carregar, mui provavelmente era apenas a barra horizontal, pois a porção vertical da cruz

faria porção permanente da armação, já fixada no Gólgota, pois uma cruz inteira teria sido pesada demais para um homem só transportá-la. Os nomes de Simão o Cireneu, de Alexandre e de Rufo eram conhecidos porque, sem dúvida, mais tarde tornaram-se cristãos. Simão, que carregou a cruz de Cristo uma parte do caminho, era um imigrante judeu vindo de Cirene, cidade da África do Norte. E ao ver mulheres que se lamentavam ao longo do caminho, diante da sorte que esperava a Jesus,

Ele as advertiu acerca da vindoura destruição de Jerusalém. Os judeus tinham invocado o sangue Dele sobre suas próprias cabeças e sobre as cabeças de seus filhos. Deus haveria de aceitar a proposta deles. "Bem-aventuradas as estéreis" foi uma bem-aventurança deveras estranha, porque se pensava que não ter filhos era uma terrível maldição. Quão medonho deve ser o julgamento que faz da própria esterilidade uma bênção! "Porque, se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco?" (Lucas 23:31) foi uma maneira figurada de afirmar que a presente aflição, por causa da qual choravam, tornar-se-ia como coisa de nada. As mulheres das altas classes de Jerusalém por costume proviam aos sentenciados à morte uma beberagem narcotizante, que visava a aliviar suas dores. Mas o vinagre oferecido a Jesus, ao que parece foi mais uma peça de zombaria cruel.

### **O título aposto.**

*Ler Marcos 15:24-32; Mateus 27:35-44; Lucas 23:33-43 e João 19:18-27 (§ 164).* Era usual escrever-se uma descrição do crime do indivíduo condenado, em uma tabuleta pendurada ao pescoço do crucificado, ou pregada na própria cruz. Pilatos escreveu a acusação contra Jesus como um ato de mofa contra os judeus: *Este é o vosso rei, este homem que está sendo crucificado como um criminoso!* Jesus ficou pendurado na cruz pelo espaço de três horas, em plena luz do dia (das nove horas da manhã ao meio dia - Usando o método judaico de computar as horas desde o nascer-do-sol (e desde o pôr-do-sol), Marcos fixa a crucificação na "hora terceira" (15:25), isto é, às nove horas da manhã. Usando o método romano de contar desde a meia-noite (e desde o meio-dia), João situa a audição de Jesus perante Pilatos em "cerca da hora sexta" (19:14), isto é, quando ainda era bem cedo pela manhã. O emprego de diferentes cômputos explica a aparente contradição. Ver nota de rodapé, à pág. 142. Outros pensam que a "hora sexta" de João fixa a crucificação ao meio-dia, e que "hora terceira" são palavras que não faziam parte do texto original de Marcos, porquanto estão ausentes em Mateus e Lucas.), e então, por mais três horas, à meia luz (do meio-dia às três horas da tarde).

### **As sete últimas palavras.**

Os evangelistas registram sete declarações feitas por Cristo, estando Ele encravado na cruz, e que por isso mesmo são conhecidas por "Sete últimas Palavras".

(1) A primeira foi uma oração solicitando perdão para os Seus inimigos: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

(2) A segunda assegurou ao assaltante penitente de que ele estaria em companhia de Jesus naquele mesmo dia: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso." (Lucas 23:43). A ênfase recaí sobre o vocábulo "hoje", pois o ladrão falara como se o reino ainda estivesse no futuro distante.

(3) A terceira é a entrega da mãe de Jesus aos cuidados do apóstolo João. Ao manter-se perto da cruz, com alguns dos discípulos, Maria confessava sua lealdade a Jesus. Visto que os meio-irmãos de Jesus ainda não criam Nele, Maria estava se separando de seus outros filhos, dos quais ela haveria de depender em sua idade avançada. À guisa de última vontade e testamento, pois, Jesus entregou a responsabilidade de cuidar de Sua mãe desolada e solitária a João: "Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí a tua mãe." (João 19:26,27.)

(4) O grito de desamparo: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", expressou um senso de abandono por parte de Deus (vide Marcos 15:34 e Mateus 27:46, com derivação de Salmos 22:1 ). Não obstante, a fé de Jesus não se abalara, pois Ele disse: "Meu Deus..." O abandono à morte foi motivado pelo fato que Jesus estava levando nossos pecados sobre Si mesmo.

(5) "Tenho sede!" teve origem na angústia física (João 19:28).

(6) "Está consumado!" (João 19:30) foi um brado de vitória. O original grego traz aqui uma única palavra, que algumas vezes era usada em recibos, significando "Pago". Jesus não estava apenas morrendo. Mas, ao morrer, Ele também realizou a nossa redenção. Ele pagou a nossa dívida pelo pecado.

(7) O brado final dado na cruz antecipou a restauração da comunhão com Deus, imediatamente após Jesus expirar: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lucas 23:46.) *Ler Marcos 15:33-37; Mateus 27.45-50; Lucas 23.44-46 e João 19.28-30 (§ 165).*

## O véu se rasga de alto a baixo.

A cortina do templo, estamos informados, tinha dezoito metros por nove metros de

A Igreja do Santo Sepulcro também poderia ter sido o local da crucificação de Cristo, visto que as evidências arqueológicas indicam que esse local provavelmente ficava fora dos muros da cidade, nos dias do Novo Testamento.



dimensões, e sua grossura era equivalente à largura da mão de um homem (cerca de doze centímetros). o rasgar do véu, de alto a baixo, representou um ato divino. Seu significado simbólico é que a morte de Jesus abriu o caminho até à santa presença do Senhor. *Ler Marcos 15:38-41; Mateus*

*27:51-56; Lucas 23:45,47-49* (§ 166).

## Sepultamento de Jesus.

*Ler Marcos 15:42-46; Mateus 27:57-60; Lucas 23:50-54 e João 19:31-42* (§ 167). Uma vez mais é irônico que os judeus se ocupassem de observâncias pormenorizadas da lei, ao solicitarem que os corpos dos homens crucificados não fossem deixados nas cruzes durante o dia de sábado, que começava ao pôr-do-sol da sexta-feira. A rápida aproximação do pôr-do-sol forçou um sepultamento necessariamente apressado e temporário do corpo de Jesus. O túmulo de José de Arimatéia era especialmente próprio para uso sagrado, porquanto nunca antes fora utilizado. *Ler Marcos 15:47; Mateus 27:61-66; Lucas 23:55,56* (§ 168).

## RESSURREIÇÃO, MINISTÉRIO PÓS-RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO

### O túmulo vazio.

Este túmulo com uma pedra redonda para fechar-lhe a entrada, foi encontrado nas encostas orientais do monte das Oliveiras. O túmulo continua podendo ser utilizado.



*Ler Marcos 16:1 ; Mateus 28:1-4* (§ 169 e 170). Chegado o domingo de madrugada, as mulheres chegaram ao túmulo com o intuito de preparar o corpo de Jesus para um sepultamento permanente. Porém, Ele havia ressuscitado! Um anjo rolara para um lado a pedra que fora posta para tapar a entrada do túmulo, não a fim de que Jesus pudesse sair - pois Ele já partira dali - mas a fim de que as mulheres, e, mais tarde, Seus discípulos, pudessem verificar que o sepulcro estava vazio.

### As mulheres.

*Ler Marcos 16:2-8; Mateus 28:5-8; Lucas 24:1-8 e João 10:1* (§ 171). A aparente discrepância entre Marcos e

Lucas, que dizem que as mulheres chegaram logo após ter aparecido o sol, por um lado, e João, que diz que Maria Madalena veio quando ainda fazia escuro, por outro lado, é exatamente aquilo que se poderia esperar de narrativas independentes sobre um único acontecimento, além de comprovar que a história sobre a ressurreição de Jesus não é resultado de conivência. Tal discrepância aparente pode ser solucionada se supormos que Maria Madalena chegou um pouco antes das outras mulheres, ou se supormos que, segundo o evangelho de João, as mulheres deram início à sua caminhada quando ainda era escuro, ao passo que, conforme Marcos e Lucas, elas chegaram diante do sepulcro de Jesus quando o dia já despontara. Dois anjos, sob forma humana, anunciaram às mulheres o fato da ressurreição. Marcos e Mateus mencionam apenas o porta-voz do par de anjos.

### **Pedro e João.**

A despeito de tudo, as mulheres continuaram não acreditando que Jesus ressuscitara dentre os mortos, mas pensaram que o Seu corpo fora roubado por alguém. A notícia sobre o sepulcro vazio pareceu conversa tola de mulheres, para os discípulos do sexo masculino. Na corrida que houve para ser feita uma investigação, o discípulo que correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo, foi João. *Ler Lucas 24:9-12; João 20:2-10* (§ 172).

### **Maria Madalena.**

*Ler Marcos 16:9-11; João 20:11-18 e Mateus 28:9,10* (§§173 e 174). Nesta seção de leitura, a passagem marcana é despida de autenticidade, porquanto os mais antigos e melhores manuscritos omitem o trecho. As palavras de Jesus a Maria: "Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai...", parecem soar como se fosse errado a Maria tocar em Jesus. No entanto, vê-se em Mateus 28:9, 10 que outras mulheres crentes tocaram em Jesus, sem Dele receber qualquer reprimenda. E na noite daquele mesmo dia, Jesus convidou aos onze discípulos a que tocassem Nele, para comprovarem a Sua corporalidade. E uma semana mais tarde, Jesus convidou a Tomé para que tocasse Nele. Ao que parece, pois, Maria agarrara-se a Jesus como que para evitar que Ele jamais se fosse embora novamente. Com isso em mente, a explicação mais simples sobre as palavras de Jesus a Maria jaz no fato que a forma do verbo grego, com sua negativa, significa: "Pára de tocar em mim". É como se Jesus estivesse dizendo a Maria que ela já recebera provas tangíveis suficientes de Sua ressurreição. E agora chegara o momento dela aprender que, em vista de Ele em breve ter de ascender a Deus Pai, a relação de Maria para com Jesus não mais deveria depender de Sua presença física.

### **O Suborno.**

Os membros do Sinédrio subornaram aos soldados que tinham montado guarda ao sepulcro, a fim de espalharem o rumor de que os discípulos de Jesus tinham vindo e roubado o Seu corpo, enquanto eles dormiam. Mas, visto que falhar quando em dever de vigilância poderia envolver a pena de morte para soldados romanos, o Sinédrio também prometeu comprar ao governador, para que exercesse tolerância, caso chegasse a ouvir que os soldados tinham, caído no sono quando do cumprimento do dever. *Ler Mateus 28:11-15* (§ 175).



Esta estrada para Emaús, *construída pelos romanos, deve ter sido o local por onde Cristo andou com os dois discípulos.*

## Os discípulos de Emaús.

A aldeia de Emaús, na estrada onde Jesus apareceu a dois discípulos, ficava cerca de doze quilômetros a oeste de Jerusalém. Ler Marcos 16:12,13; Lucas 24:13-35 e 1 Coríntios 15:5a (§§ 176 177).

## Os Onze.

Naquele primeiro domingo da Páscoa, Jesus apareceu aos onze discípulos (na realidade, eram dez, porquanto Tomé estava ausente e Judas Iscariotes já morrera - "Ante a morte de Judas Iscariotes, "os onze"

passou a ser uma designação estereotipada, tal como fora "os doze"; e por isso os evangelhos sinópticos falam de onze, embora, conforme João, Tomé estivesse ausente. Comparar o uso que Paulo faz de "os doze", em 1 Coríntios 15:5, e similares ocorrências estereotipadas em E. Hennecke, *New Testament Apocrypha*, editado por W. Scheemelcher e traduzido por R. M. Wilson (Filadélfia: Westminster, 1966), vol. II, pág. :35.) e convidou-os para que O apalpassem, com o propósito de averiguarem à vontade que o Seu corpo era real, e não mera aparição. A fim de conceder-lhes uma prova extra, Ele ingeriu alimentos. No domingo seguinte, apareceu-lhes de novo, desta vez estando Tomé presente, e satisfaz às dúvidas expressas por Tomé. *Ler Marcos 16:14: Lucas 24:36-43: João 20:19-31 e I Coríntios 15:5b (§§ 178 e 179).* Quando Jesus soprou sobre os discípulos e disse: "Recebei o Espírito Santo", Ele estava antecipando o derramamento do Espírito Santo, no dia de Pentecoste. Há certo jogo de palavras envolvendo os vocábulos "soprou" e "Espírito", já que ambas retrocedem à mesma raiz grega. O poder de perdoar ou reter pecados envolve ou a autoridade apostólica de estabelecer precedentes na Igreja primitiva, para fins disciplinares, ou a autoridade de todas as testemunhas cristãs de declararem os termos pelos quais os pecados são perdoados, a saber, o arrependimento e a fé em Cristo, e de declararem a razão para a retenção dos pecados, isto é, não quererem os homens arrepender-se e confiar em Cristo.

## Os pescadores.

Mar de Tiberíades era outro nome do mar da Galiléia. Tendo regressado à Galiléia, Pedro e seis outros discípulos resolveram pescar uma noite inteira. Mas seus esforços foram vão. Quando, cedo na manhã seguinte, Jesus instruiu-os para que lançassem suas redes do lado direito do barco, João O reconheceu. De pronto Pedro se vestiu com sua capa exterior, sobre sua túnica interna (pois apresentar-se somente com esta túnica interna equivalia à nudez), e, atirando-se à água, nadou cerca de cem metros até à praia. Na praia, Jesus já estava assando peixes sobre algumas brasas, e também dispunha de certo suprimento de pão. *Ler João 21 (§ 180).*

## A restauração de Pedro.

Gentilmente, Jesus forçou Pedro a afirmar o seu amor a Ele por três vezes, para contrabalançar a tríplice negação de Pedro. Quando Jesus indagou de Pedro: "Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?", as palavras "estes outros" provavelmente se referiam aos peixes e apetrechos de pesca, por um lado, e aos demais discípulos, por outro lado. Em outras palavras, tu me amas mais que a tua ocupação de pescador? e também me amas mais do que estes

outros discípulos me amam? Antes da crucificação, Pedro jactara-se de que embora todos os outros abandonassem a Jesus, ele morreria com Jesus, se necessário. Em resultado de suas negações, entretanto, Pedro aprendera a humilhar-se, e, por essa razão, agora já não se ufanava mais de um amor superior ao dos demais discípulos. Pelo contrário, ele simplesmente afirmou: "Tu sabes que te amo". E Jesus retrucou, comissionando novamente a Pedro como um pastor apostólico, a fim de pastorear a outros discípulos: "Apascenta os meus cordeiros."

### **A sorte de João.**

Quando Jesus predisse que Pedro morreria com idade avançada (nada há nessa predição sobre morte por crucificação de *cabeça para baixo*, conforme algumas vezes se tem imaginado - "Orígenes (segundo diz Eusébio, História Eclesiástica, III, i.2) no século III D. C., foi o primeiro a mencionar esse detalhe provavelmente lendário do martírio de Pedro. Todavia, a predição feita por Jesus, de que Pedro estenderia suas mãos e outro as ligaria e o levaria para onde ele não desejava ir, descreve, eufemisticamente, a preparação de um homem condenado para a crucificação.), Pedro indagou de Jesus qual seria a sorte do apóstolo João. Mas Jesus varreu para um lado a pergunta. Todavia, João indica que a declaração de Jesus fora mal entendida pela Igreja primitiva, como se Jesus tivesse afirmado que João jamais morreria, mas que continuaria vivo até à Segunda Vinda. O versículo 24 parece ser autenticação do quarto evangelho, da parte da igreja onde João escrevera seu evangelho, provavelmente em Éfeso.

### **O final de Marcos.**

*Ler Marcos 16:15-20; Mateus 28:16-20; Lucas 24:44-53; 1 Coríntios 15:6,7; Atos 1:3-12 (§§ 181-184).* Do trecho de Marcos 16:9 em diante (3§ 173-184), a coluna da Harmonia da autoria de Robertson, no tocante a Marcos, não pode ser reputada autêntica. Os mais antigos e melhores manuscritos terminam em Marcos 16:8, e os demais discordam das maneiras mais patentes com aquilo que aparece dali por diante no evangelho de Marcos. Mas não sabemos dizer se Marcos tencionava que seu evangelho terminasse em 16:8, ou se o verdadeiro final de seu livro se perdeu.

### **A Grande Comissão.**

Na promessa que Jesus faz aos discípulos, de que estaria com eles "até à consumação do século" (Mateus 28:20), a expressão significa, mais exatamente, "até ao fim da era", e aponta para o segundo advento de Cristo. "Estou convosco" é declaração que nos fez lembrar de "Emanuel... Deus conosco" (Mateus 1:23). A ordem de que fossem evangelizadas as nações veio a ser conhecida por "a Grande Comissão".

### **Ascensão de Jesus.**

Após um ministério pós-ressurreição de quarenta dias, Jesus ascendeu de volta aos céus, de mãos erguidas, em atitude de bênção sacerdotal.

## **EXCURSO SOBRE A RESSURREIÇÃO DE JESUS**

### **A teoria do desmaio.**

O fato que Jesus realmente ressuscitou dentre os mortos pode ser averiguado melhor se considerarmos as falhas das alternativas. Uma dessas alternativas é que Jesus apenas aparentou morrer, que caiu em estado de coma e, posteriormente reviveu apenas temporariamente. No entanto, Sua morte é claramente indicada pelo brutal espancamento de que foi vítima, pela seis horas que passou dependurado da cruz, pelo golpe de lança em Seu abdômen, com o resultante esguicho de fluido aquoso e sangue, pelo Seu embalsamamento parcial e por ter sido envolto em mortalhas, e, finalmente, por haver sido fechado o Seu sepulcro. Seria necessária tanta fé para crermos que Jesus não morreu como é mister para crermos que Ele ressuscitou dentre os mortos.

### **Furto.**

Outros têm sugerido que os discípulos de Jesus Lhe roubaram o corpo. Mas, para tanto, teriam sido obrigados a dominar os guardas romanos, um feito muito difícil, ou a suborná-los, outro feito igualmente improvável, porquanto, nesse caso, os guardas estariam sujeitos à punição capital,

por não haverem impedido o furto do corpo de Jesus. O fato que as mortaldas jaziam imperturbadas (nem ao menos haviam sido desenroladas!) e que o turbante continua enrolado, posto de um lado, milita contra qualquer precipitada remoção do cadáver, através de roubo. Os ladrões usualmente não empregam tempo em desfazer amarras e pacotes. Nesta contingência, provavelmente teriam levado o corpo com seus envoltórios.

A surpresa, e mesmo a incredulidade dos discípulos, ante a ressurreição de Jesus, servem de outras tantas provas de que eles não furtaram o corpo de Jesus, a menos que a surpresa e incredulidade deles tivessem sido uma fabricação, para dar à narrativa um aspecto mais convincente. Mas isso teria refletido astúcia demasiada por parte daqueles primitivos cristãos. Além disso, é improvável que tivessem sido inventadas lendas, nas quais os apóstolos fossem pintados como incrédulos na ressurreição de Cristo, porque a Igreja primitiva não tardou em reverenciá-los.

### **Alucinação.**

Ainda, alguns têm pensado que os discípulos tiveram alucinações. Porém, o Novo Testamento dá evidências de que Jesus apareceu em diferentes lugares, em oportunidades diversas e para diferentes pessoas, que eram em número de uma a quinhentas pessoas. No décimo quinto capítulo de I Coríntios, Paulo desafia aos incrédulos para que indagassem as testemunhas oculares! As aparições de Cristo foram em número grande demais, e por demais variadas, para que tivessem sido meras alucinações. Outrossim, os discípulos estavam psicologicamente despreparados para ter alucinações, porquanto não esperavam que Jesus ressuscitasse, e, na verdade, chegaram mesmo a descreer dos primeiros testemunhos que O declararam ressurecto. Tudo quanto os judeus incrédulos precisavam fazer, quando as notícias sobre a ressurreição de Jesus começaram a circular, era apresentar o Seu corpo. Mas nunca o fizeram!

### **O túmulo errado.**

Essa mesma objeção milita contra a sugestão que os discípulos vieram ver Jesus no sepulcro errado. Pois, nesse caso, por que os judeus não apresentaram o corpo de Jesus, no sepulcro certo? Sem dúvida sabiam qual era tal sepulcro, pois haviam induzido Pilatos a montar guarda diante do mesmo.

### **Paralelos mitológicos.**

Ainda existem aqueles que asseveram que os discípulos moldaram a narrativa evangélica da ressurreição de Jesus segundo os padrões das divindades mortas e revividas da mitologia pagã. Porém, as diferenças são bem maiores que as similaridades. O arcabouço de tais mitos de forma alguma está firmado na história séria, conforme se dá com o arcabouço dos relatos sobre a ressurreição, nas páginas do Novo Testamento. No Novo Testamento não há qualquer conexão com a morte e reavivamento anuais da natureza, segundo se vê nos mitos pagãos da fertilidade. O estilo realista das narrativas evangélicas contrasta violentamente com as fantasias que abundam nos mitos. Acresça-se que narrativas da ressurreição, perfeitamente completas, figuram imediatamente na Igreja primitiva, sem aquele período intermediário e extenso que se requer para a evolução de mitos detalhados. A triunfal declaração de Paulo de que a maioria das quinhentas pessoas que tinham contemplado a Jesus ressurecto, numa só ocasião e lugar, continuava em vida, as quais, portanto, podiam ser interrogadas a respeito, seria uma declaração incrivelmente audaciosa, se a história toda não passasse de uma criação mitológica.

### **Historicidade.**

Alguma coisa ímpar deve ter feito aqueles primeiros discípulos judeus alterarem seu dia de adoração do sábado para o domingo. Ou estavam equivocados - e então os judeus incrédulos poderiam ter esmigalhado o movimento cristão, apresentando o cadáver de Jesus - ou então pespegaram um embuste no mundo - o que é psicologicamente inacreditável, porquanto se dispuseram a sofrer voluntariamente torturas e até a morte, em defesa daquilo que sabiam ser falso. Também seria algo inconcebível, para o mundo antigo, que os fabricantes de tal mito tivessem feito algumas mulheres serem as primeiras testemunhas do Cristo ressurecto. Não é preciso que

consideremos o Novo Testamento uma obra inspirada por Deus para sentirmos a força das evidências históricas em prol da ressurreição de Jesus. As narrativas dos evangelhos precisam ser explicadas mesmo quando não são tidas por divinamente autoritativas. Mas fixar a mente, *a priori*, sobre a idéia de que tal coisa nunca poderia ter sucedido, é o real obstáculo à crença na ressurreição de Jesus Cristo. (Quanto à historicidade da ressurreição e uma crítica sobre as teorias alternativas, vide J. N. D. Anderson, "The Resurrection of Jesus Christ", *Christianity Today*, XII, 13 (29 de março de 1968), págs. 4[628] – 9[633], com o diálogo e o comentário a respeito no número seguinte (14 [12 de abril de 1968]), págs. 5[677] – 12[684]; F. Morison, *Who Moved the Stone?* (Londres: Faber & Faber, 1944); J. Orr, *The Resurrection of Jesus* (Londres: Hodder & Stoughton, 1908); D. P. Fuller, *Easter Faith and History*, (Grand Rapids: Eerdmans, 1965).)

### **Conseqüências.**

Mas, visto que Jesus deveras ressuscitou, agora existe nos céus um homem que intercede em favor daqueles que Nele crêem, como seu substituto expiatório. E a Sua ressurreição também é garantia de que Ele voltará a este mundo, e de que os que Nele confiam viverão com Ele para sempre.

#### *Para discussão posterior.*

- No discurso do monte das Oliveiras, Jesus pareceu ter deixado implícita uma curta ou uma longa demora, antes de Seu retorno à terra?
- Com base no discurso de despedida, no cenáculo, e também na Sua oração sumo sacerdotal, ao que parece, o que era mais importante para Jesus, em relação a Seus discípulos, durante Sua futura ausência?
- Como explicar que Jesus foi aclamado pelas multidões no domingo de Ramos, mas incorreu no "Crucifica-o!", menos de uma semana depois?
- Quem foi o responsável pela morte injusta de Jesus?
- A narrativa do julgamento e da crucificação de Jesus tem reverberações anti-semíticas?
- Quais grupos desempenhariam quais papéis, se a história da paixão fosse novamente desenrolada em nossos próprios dias?
- Por que Jesus apareceu, após a Sua ressurreição, exclusivamente a Seus discípulos? Ou Ele apareceu, realmente, só a Seus discípulos?

#### *Para investigação posterior.*

Vide as obras alistadas às págs. 124s, bem como aquelas que figuram nos rodapés deste capítulo, além das alistadas abaixo:

Isaías 53, com os comentários de G. L. Archer, *In the Shadow of the Cross* (Grand Rapids: Zondervan, 1957); E. J. Young *Isaiah 33* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952); e D. Baron, *The Servant of Jehovah* (Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1922).

Salmos 22 e 69.

Morris, Leon. *The Cross in the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1965.

--- *The Apostolic Preaching of the Cross*. 3ª edição. Londres: Tyndale, 1965.

Kunneth, W. *The Theology of the Resurrection*. St. Louis: Concordia, 1965.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE UM ESTUDO HARMONÍSTICO DOS EVANGELHOS

### INTRODUÇÃO

A. Prólogo lucano (Lucas 1:1-4)

B. Prólogo joanino (João 1:1-18)

C. As genealogias (Mateus 1:1-17 e Lucas 3:23-38)

### I NATIVIDADE E INFÂNCIA DE JESUS



- A. Anunciação a Zacarias, do nascimento de João Batista (Lucas 1:5-25)
- B. Anunciação a Maria, do nascimento de Jesus, e a visita de Maria a Isabel com o Magnificat (Lucas 1:26-56)
- C. Nascimento, outorga do nome e infância de João Batista, com o Benedictus de Zacarias (Lucas 1:57-80)
- D. Anunciação, a José, do nascimento de Jesus (Mateus 1:18-25)
- E. Nascimento de Jesus e visita dos pastores (Lucas 2:8-20)
- F. Circuncisão, outorga do nome e apresentação de Jesus no templo, com a homenagem de Simeão e Ana, incluindo o Nunc Dimittis de Simeão (Lucas 2:21-38)
- G. Adoração dos Magos, fuga da santa família para o Egito, o retorno e residência em Nazaré (Mateus 2:1-23)
- H. A visita ao templo (Lucas 2:40-52)

## II. PRIMÓRDIOS DO MINISTÉRIO DE JESUS PELA PALESTINA

- A. Ministério de João Batista (Marcos 1:1-8; Mateus 3:1-12 e Lucas 3:1-18)
- B. O batismo de Jesus (Marcos 1:9-11; Mateus 3:13-17 e Lucas 3:21-33)
- C. A tentação de Jesus (Marcos 1:12,13; Mateus 4:1-11 e Lucas 4:1-13)
- D. Testemunho de João Batista sobre Jesus (João 1:19-34)
- E. Os primeiros discípulos (João 1:35-51)
- F. Primeiro milagre: transformação de água em vinho, em um casamento em Caná da Galiléia (João 2:1-12)
- G. A purificação do templo (João 2:13-22)
- H. Nicodemos e o novo nascimento (João 2:23 -3:21)
- I. Ministérios batizadores paralelos de João Batista e Jesus, com outro testemunho de João (João 3:22-36)
- J. Encarceramento de João Batista e retirada de Jesus para a Galiléia (João 4:1-4; Lucas 3:19,20; Marcos]: 14; Mateus 4:12 e Lucas 4:14)
- L. A mulher samaritana (João 4:5-42)

## III. O GRANDE MINISTÉRIO GALILEU

- A. Chegada na Galiléia, descrição geral do ministério de pregação e curas de Jesus, cura do filho do nobre e nova residência de Jesus , em Cafarnaum (Marcos 1:14,15; Mateus 4:13,17; Lucas 4:14,15 e João 4:43-54)
- B. Chamamento posterior dos primeiros discípulos (Marcos 1:16-20; Mateus 4:18-22 e Lucas 5:1-11)
- C. Doutrinação, curas e exorcismos, incluindo o livramento do endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum e a cura da sogra de Pedro (Marcos 1:21-39; Lucas 4:31-44 e Mateus 8:14-17,23-25)
- D. Purificação de um leproso (Marcos 1:40-45; Mateus 8:2-4; Lucas 5:12-16)
- E. Perdão e cura de um paralítico (Marcos 2:1-12; Mateus 9:1-8 e Lucas 5:17-26)
- F. Chamamento de Mateus-Levi (Marcos 2:13-17; Mateus 9:9-13 e Lucas 5:27-32)
- G. Questão sobre o jejum (Marcos 2:18-22; Mateus 9:14-17 e Lucas 5:33-39).
- H. Cura, em dia de sábado, de um aleijado, à beira do tanque de Betesda, com defesa da autoridade de Jesus (João 5:1-47)
- I. Os discípulos colhem espigas e as comem em dia de sábado (Marcos 2:23-28: Mateus 12:1-8 e Lucas 6:1-5)
- J. Cura do homem da mão mirrada, em dia de Sábado (Marcos 3:1-6; Mateus 12:9-14 e Lucas 6:6-11)
- L. Jesus afasta-se das multidões (Marcos 3:7-12 e Mateus 12:15-21)
- M. A escolha dos Doze (Marcos 3:13-19 e Lucas 6:12-16)
- N. O Sermão da Montanha (Mateus 5:1 - 8:1 e Lucas 6:17-49)
- O. A fé do centurião e a cura do seu criado (Mateus 8:5-13 e Lucas 7:1-10)
- P. Ressurreição do filho único da viúva de Naim (Lucas 7:11-17)
- Q. João Batista e suas dúvidas (Mateus 11:2-19 e Lucas 7:18-35)
- R. Ais contra as "cidades privilegiadas" da Galiléia e um convite (Mateus 11:20-30)

- S. Jesus é ungido por uma meretriz (Lucas 7:36-50)
- T. As mulheres que sustentavam a Jesus e Seus discípulos (Lucas 8:1-3)
- U. Defesa de Jesus contra a acusação de ser capacitado por Satanás, incluindo o ensino sobre o pecado imperdoável (Marcos 3:19-30; Mateus 12:22-37)
- V. O sinal de Jonas (Mateus 12:38-45)
- X. Os parentes espirituais de Jesus (Marcos 3:31-35; Mateus 12:46-50 e Lucas 8:19-21)
- Z. Parábolas do reino: a semente e os solos (mais comumente intitulada do semeador), a semente em desenvolvimento, a semente de mostarda, o fermento, o tesouro, a pérola, o joio e o trigo, os peixes bons e maus, e o dono de casa (Marcos 4:1-34; Mateus 13:1-53 e Lucas 8:4-18)
- AA. Jesus acalma a tempestade (Marcos 4:35-41; Mateus 8:18,23-27 e Lucas 8:22-25)
- BB. Os endemoninhados gerasenos (ou gadarenos) (Marcos 5:1-20; Mateus 8:28-34 e Lucas 8:26-39)
- CC. Cura da mulher hemorrágica e ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5:21-43; Mateus 9:18-26 e Lucas 8:40-56)
- DD. Cura dos dois cegos e do endemoninhado mudo (Mateus 9:27-34)
- EE. Rejeição de Jesus em Nazaré (Marcos 6:1-6; Mateus 13:54-58 e Lucas 4:16-31)
- FF. A missão dos Doze (Marcos 6:6-13; Mateus 9:35 - 11:1 e Lucas 9:1-6)
- GG. Decapitação de João Batista e temor culposo de Herodes Antipas (Marcos 6:14-29; Mateus 14:1-12 e Lucas 9:7-9)
- HH. Multiplicação dos pães para os cinco mil homens (Marcos 6:30-46; Mateus 14:13-23; Lucas 9:10-17 e João 6:1-15)
- II. Jesus anda por sobre as águas (Marcos 6:47-56; Mateus 14:24-36 e João 6:16-21)
- JJ. Discurso sobre o pão da vida (João 6:22-71)
- LL. Pureza ritual e pureza real (Marcos 7:1-23; Mateus 15:1-20 e João 7:1)
- MM. A fé da mulher siro-fenícia e a cura de sua filha (Marcos 7:24-30 e Mateus 15:21-28)
- NN. Multiplicação dos pães para os quatro mil homens (Marcos 7:31 - 8:9; Mateus 15:29-38)
- OO. Discussão sobre os sinais messiânicos (Marcos 8:10-12 e Mateus 15:39 - 16:4)
- PP. O fermento dos saduceus e dos fariseus (Marcos 8:13-26 e Mateus 16:5-12)
- QQ. Confissão de Pedro sobre a missão messiânica de Jesus, a bem-aventurança de Pedro, o alicerce rochoso da Igreja, as chaves do reino, a liberação e a retenção de pecados (Marcos 8:27-30; Mateus 16:13-20 e Lucas 9:18-21)
- RR. Predição da paixão, reprimenda a Pedro e palavras sobre a necessidade de levar a cruz, para haver discipulado (Marcos 8:31-37; Mateus 16:21-26 e Lucas 9:22-25)
- SS. Transfiguração de Jesus (Marcos 8:38 - 9:8; Mateus 16:27 - 17:8 e Lucas 9:26-36)
- TT. João Batista e Elias (Marcos 9:9-13; Mateus 17:9-13 e Lucas 9:36)
- UU. Livramento de um menino endemoninhado e observações sobre a fé (Marcos 9:14-29; Mateus 17:14-20 e Lucas 9:37-42)
- VV. Predição sobre a paixão (Marcos 9:30-32; Mateus 17:22,23 e Lucas 9:43-45)
- XX. A taxa do templo (Mateus 17:24-27)
- ZZ. O espírito de criança e o discipulado (Marcos 9:33-50; Mateus 18:1-14 e Lucas 9:46-50)
- AAA. Reconciliação e perdão, incluindo a parábola do servo sem compaixão (Mateus 18:15-35)
- BBB. Natureza do discipulado, em resposta a voluntários (Mateus 8:19-22 e Lucas 9:57-62)
- CCC. Jornada para atender à festa dos Tabernáculos (João 7:2-10; Lucas 9:51-56)

#### IV. MINISTÉRIO POSTERIOR NA JUDÉIA E PERÉIA

- A. Debate durante a festa dos Tabernáculos, incluindo a reivindicação de Jesus de ser aquele que dá a água da vida e a luz do mundo, e discussão sobre a descendência de Abraão (João 7:11-52; 8:12-59)
- B. Cura e exclusão do cego de nascença (João 9:1-41)
- C. Discurso sobre o Bom Pastor (João 10:1-21)
- D. A missão dos setenta (Lucas 10:1-24)
- E. A parábola do bom samaritano (Lucas 10:25-37)
- F. Maria e Marta (Lucas 10:38-42)

- G. A oração do Pai Nosso e a parábola do amigo importuno (Lucas 11: 1-13)
- H. Defesa de Jesus contra a acusação de ser capacitado por Satanás, incluindo a parábola da casa vazia, o sinal de Jonas e observações sobre uma higida visão espiritual (Lucas 11:14-36)
- I. O farisaísmo (Lucas 11:37-54)
- J. Observações sobre a hipocrisia, a confiança em Deus, a cobiça (Incluindo a parábola do rico insensato), a vigilância (Incluindo a parábola dos servos sábios e insensato) e a crise messiânica (Lucas 12:1-59)
- L. O arrependimento e a parábola da figueira estéril (Lucas 13:1-9)
- M. Cura da mulher corcunda, em dia de sábado, com as parábolas da semente de mostarda e do fermento (Lucas 13:10-21)
- N. Jesus afirma sua deidade (João 10:22-42)
- O. O número dos salvos e a morte próxima de Jesus, em Jerusalém (Lucas 13:22-35)
- P. Cura do hidrópico, em dia de sábado, observações sobre a humildade e a parábola do banquete messiânico (Lucas 14:1-24)
- Q. Observações sobre o discipulado (Lucas 14:25-35)
- R. Parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e dos filhos: o pródigo e o mais velho, em defesa do ministério de Jesus para com os pecadores Lucas 15:1-32)
- S. Parábolas do administrador injusto e de Lázaro e o rico, sobre os usos correto e errôneo do dinheiro (Lucas 16:1-31)
- T. Observações sobre as ofensas, o perdão, a fé e a obediência (Lucas 17:1-10)
- U. A ressurreição de Lázaro (João 11:1-44)
- V. Conspiração do Sinédrio contra Jesus (João 11:45-54)
- X. A cura dos dez leprosos (Lucas 17:11-19)
- Z. A presença e a vinda do reino (Lucas 17:20-37)
- AA. Duas parábolas sobre a oração, a viúva e o juiz injusto, e o fariseu e o publicano (Lucas 18:1-14)
- BB. Doutrinação sobre o divórcio e o casamento (Marcos 10:1-12; Mateus 19:1-12)
- CC. As crianças e o reino de Deus (Marcos 10:13-16; Mateus 19:13-15 e Lucas 18:15-17)
- DD. O jovem rico (Marcos 10:17-31; Mateus 19:16-30 e Lucas 18:18-30)
- EE. A parábola dos trabalhadores da vinha (Mateus 20:1-16)
- FF. Predição da paixão, com o pedido de Tiago, João e a mãe deles, quanto a lugares de honra no reino (Marcos 10:32-45; Mateus 20:17-28 e Lucas 18:31-34)
- GG. Cura do cego Bartimeu e seu companheiro (Marcos 10:46-52; Mateus 20:29-34 e Lucas 18:35-43)
- HH. Zaqueu (Lucas 19:1-10)
- II. Parábola das minas (Lucas 19:11-28)

#### V. A SEMANA DA PAIXÃO

- A. Chegada dos peregrinos da Páscoa em Jerusalém e conspiração do Sinédrio contra Jesus e Lázaro (João 11:55-12:1,9-11)
- B. Unção de Jesus por Maria de Betânia (Marcos 14:3-9; Mateus 26:6-13 e João 12:2-8)
- C. Entrada triunfal em Jerusalém (Marcos 11:1-11; Mateus 21:1-11, 14-17; Lucas 19:29-44 e João 12:12-19)
- D. A figueira é amaldiçoada e o templo é purificado (Marcos 11:12-18; Mateus 21:12,13,18,19 e Lucas 19:45-48)
- E. Gregos pedem entrevista com Jesus, e reação de Jesus ante Sua morte e sua significação (João 12:20-50)
- F. A figueira estéril se seca (Marcos 11:19-25; Mateus 21:19-22 e Lucas 21:37,38)
- G. Debate sobre a autoridade de Jesus (Marcos 11:27-33; Mateus 21:23-27 e Lucas 20:1-8)
- H. A parábola dos filhos obediente e desobediente (Mateus 21:28-32)
- I. Parábola da vinha (Marcos 12:1-12; Mateus 21:33-46 e Lucas 20:9-19)
- J. A parábola das bodas (Mateus 22:1-14)
- L. Questão do pagamento de taxas a César (Marcos 12:13-17; Mateus 22:15-22 e Lucas 20:20-26)

- M. A dúvida dos saduceus sobre a ressurreição (Marcos 12:18-27; Mateus 22:23-33 e Lucas 20:27-40)
- N. Os mais importantes mandamentos (Marcos 12:28-34; Mateus 22:34-40)
- O. O Messias divino e davídico (Marcos 12:35-37; Mateus 22:41-46 e Lucas 20:41-44)
- P. Denúncia contra os escribas e os fariseus (Marcos 12:38-40; Mateus 23:1-39 e Lucas 20:45-47)
- Q. A oferta da viúva pobre (Marcos 12:41-44 e Lucas 21:1-4)
- R. Discurso do Monte das Oliveiras, incluindo a tribulação, a abominável desolação, a parousia, as parábolas do dono da casa, do servo fiel e do infiel, das dez virgens dos talentos e do julgamento das ovelhas e dos bodes (Marcos 13:1-37; Mateus 24 e 25 e Lucas 21:5-36)
- S. A barganha da traição entre Judas Iscariotes e o Sinédrio (Marcos 14:1,2,10,11; Mateus 26:1-5, 14-16 e Lucas 22:1-6)
- T. Preparativos para a última Ceia (Marcos 14:12-16; Mateus 26:17-19 e Lucas 22:7-13)
- U. A última Ceia:
  1. Jesus lava os pés dos discípulos (Marcos 14:17; Mateus 26:20; Lucas 22:14-16, 24-30 e João 13:1-20)
  2. A retirada de Judas Iscariotes (Marcos 14:18-21; Mateus 26:21-25; Lucas 22:21-23 e João 13:21-30)
  3. Observações sobre o amor mútuo, as vindouras negações de Pedro e a volta à vida normal (João 13:31-38; Marcos 14:27-31; Mateus 26:31-35 e Lucas 22:31-38)
  4. Instituição da Ceia do Senhor durante a refeição pascal (Marcos 14:22-25; Mateus 26:26-29; Lucas 22:17-20; I Coríntios 11:23-26)
  5. O discurso do cenáculo (João 14 - 16)
  6. Oração sumo sacerdotal de Jesus (João 17)
- V. Jesus ora, no horto do Getsêmani (Marcos 14:26,32-42; Mateus 26:30,36-46; Lucas 22:39-46 e João (18:1)
- X. Detenção de Jesus (Marcos 14:43-52; Mateus 26:47-56; Lucas 22:47-53 e João 18:2-12)

## VI. O JULGAMENTO E A CRUCIFICAÇÃO

- A. Aspecto judaico do julgamento de Jesus:
  1. Audição perante Anás (João 18:12-14,19-23)
  2. Audição perante Caifás e o Sinédrio (Marcos 14:53,55-65; Mateus 26:57,59-68; Lucas 22:54,63-65 e João 18:24)
  3. Interlúdio: as negações de Pedro (Marcos 14:54,66-72, Mateus 26:58,69-75; Lucas 22:54-62 e João 18:15-18,25-27)
  4. Condenação formal de Jesus, pelo Sinédrio, depois da alvorada (Marcos 15:1; Mateus 27:1 e Lucas 22:66-71)
- B. Suicídio de Judas Iscariotes (Mateus 27:3-10; Atos 1:18,19)
- C. Aspecto romano do julgamento de Jesus:
  1. Primeira audiência perante Pilatos (Marcos 15:1-5; Mateus 27:2,11 14; Lucas 23:1-5 e João 18:28-38)
  2. Audição perante Herodes Antipas (Lucas 23:6-12)
  3. Segunda audiência perante Pilatos e condenação de Jesus (Marcos 15:6-19; Mateus 27:15-30; Lucas 23:13-25 e João 18:39 - 19:16)
- D. A crucificação (Marcos 15:20-25; Mateus 27:31-36; Lucas 23:26-33 e João 19:16-18)
- E. Divisão das Vestes de Jesus, o título condenatório, os dois criminosos, os escárnios, o vinagre e as sete últimas palavras de Jesus (Marcos 15:26-37; Mateus 27:37-50; Lucas 23:34-46 e João 19:19-30)
- F. O véu se rasga de alto a baixo, além de outros fenômenos (Marcos 15:38-41; Mateus 27:51-56 e Lucas 23:45,47-49)
- G. O sepultamento de Jesus (Marcos 15:42-47; Mateus 27:57-66; Lucas 23:50-56 e João 19:31-42)

## VII. A RESSURREIÇÃO, O MINISTÉRIO PÓS-RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO

- A. O túmulo vazio (Marcos 16:1 e Mateus 28:1-4)

- B. As mulheres no túmulo (Marcos 16:2-8; Mateus 28:5-8; Lucas 24:1-8 e João 20:1)
- C. Pedro e João no túmulo (Lucas 24:9-12 e João 20:2-10)
- D. Jesus aparece a Maria Madalena, no jardim (João 20:11-18)
- E. Jesus aparece a outras mulheres (Mateus 28:9-10)
- F. O Sinédrio suborna os soldados romanos que tinham guardado o sepulcro de Jesus (Mateus 28:11-15)
- G. Jesus aparece a dois discípulos (incluindo Cléopas) na estrada de Emaús, além de aparecer a Pedro (Lucas 24:13-35; I Coríntios 15:5a)



*Os Portões Sicilianos, um dos principais passos pelas montanhas da cadeia do Taurus, na Ásia Menor. Foi por este corredor que passaram para o oriente e para a conquista Alexandre o Grande e seu exército. Mais tarde, Paulo e seus companheiros passaram para o ocidente, para iniciar sua segunda viagem missionária.*

- H. Jesus aparece aos onze, com a ausência de Tomé (Lucas 24:36-43; João 20:19-25 e I Coríntios 15:5)
- I. Jesus aparece, uma semana mais tarde, estando Tomé presente (João 20:26-31)
- J. Jesus aparece, às margens do mar da Galiléia, a alguns discípulos pescadores, e a restauração de Pedro (João 21).
- L. Outras aparições de Jesus aos onze, aos quinhentos irmãos, a Tiago, e a outorga da Grande Comissão (Mateus 28:16-20 e I Coríntios 15:6-7)
- M. Ascensão de Jesus (Lucas 24:44-53 e Atos 1:3-12)

## **PARTE III - Conseqüências Triunfais De Jerusalém a Roma**

### **CAPÍTULO 12 - Atos do Espírito de Cristo, Mediante os Apóstolos, em Jerusalém e Cercanias**

#### *Perguntas Normativas:*

- Qual é a relação entre o livro de Atos e o evangelho de Lucas quanto à autoria, estilo, data e propósito do autor?
- Onde Lucas obteve os informes históricos que registrou no livro de Atos, e qual o valor histórico do mesmo?
- Por que o livro de Atos termina tão abruptamente?
- Em quais direções geográficas e teológicas se desenvolveu o cristianismo - em relação ao império romano, ao judaísmo e às religiões pagãs - e sob quais líderes?
- Como foi que o cristianismo se separou do judaísmo?
- Qual era a situação legal do cristianismo, e de qual ou quais origens vieram as primeiras perseguições?
- Como e por que Paulo foi tão importante para a história da Igreja primitiva?

#### **Autoria lucana**

De acordo com a tradição da Igreja primitiva, Lucas foi o autor do livro de Atos. Assim, sendo, esse livro é seqüência do evangelho de Lucas. As evidências internas do próprio livro de Atos confirmam a autoria lucana. O livro tem início com uma dedicatória a Teófilo, tal como sucede ao evangelho de Lucas. Vocabulário e estilo são extremamente parecidos em ambos os livros. O uso freqüente de termos médicos concorda com o fato que Lucas era médico (vide Colossenses 4:14). (Esse argumento não é tão decisivo como antes alguns pensavam que fosse, mas continua válido.) Com o uso do pronome "nós" (às vezes subentendido), ao descrever diversas das jornadas de Paulo, o autor do livro de Atos deixa entendido que ele mesmo era um dos companheiros de viagem do apóstolo. Outros companheiros de viagem não se ajustam dentro dos informes dos textos. Por exemplo, Timóteo e vários outros são mencionados à parte do "nós" e do "nos", em Atos 20:4-6. De conformidade com as epístolas de Paulo, nem Tito nem Silas o acompanharam a Roma, e nem estiveram ali em sua companhia. Não obstante, a narrativa de sua viagem a Roma é uma daquelas chamadas seções - "nós". Por meio desses processos de eliminação, Lucas é o único candidato provável para a autoria do livro de Atos.

#### **Técnica literária.**

O livro de Atos, juntamente com o evangelho de Lucas e o tratado aos Hebreus, contém a redação grega mais culta de todo o Novo Testamento. Por outra parte, onde Lucas aparentemente seguia fontes informativas semíticas, o estilo grego às vezes é áspero. Alguns eruditos têm afirmado que os discursos e sermões constantes em Atos são criações literárias improvisadas pelo próprio Lucas, a fim de preencher suas narrativas com algum estofamento. É verdade que alguns historiadores antigos seguiram tal modo de proceder, mas não tão constantemente como esses eruditos querem fazer-nos crer. E embora Lucas não tenha transmitido necessariamente palavra por palavra os discursos e sermões que historiou, sem dúvida nos brinda com o cerne acurado do que fora dito. Isso é comprovado pelo paralelismo de expressões entre os sermões de Pedro, no livro de Atos, e a primeira epístola de Pedro, ou entre os sermões de Paulo, no livro de Atos, e as suas próprias epístolas. Esses paralelismos dificilmente poderiam ter ocorrido por acidente, além de não haver outra evidência que nos indique que Lucas imitara ou usara em qualquer outro sentido as epístolas dos apóstolos, ou, vice-versa, que Paulo e Pedro imitaram o livro de Atos ao escreverem suas respectivas epístolas. A única explicação adequada é que Lucas não compôs ele mesmo os discursos e sermões que registrou, mas que sumariou seu conteúdo com exatidão, de tal modo que a fraseologia característica de Pedro e de Paulo se evidencia nos relatos de Lucas, tanto quanto nas epístolas daqueles apóstolos.

## Material informativo.

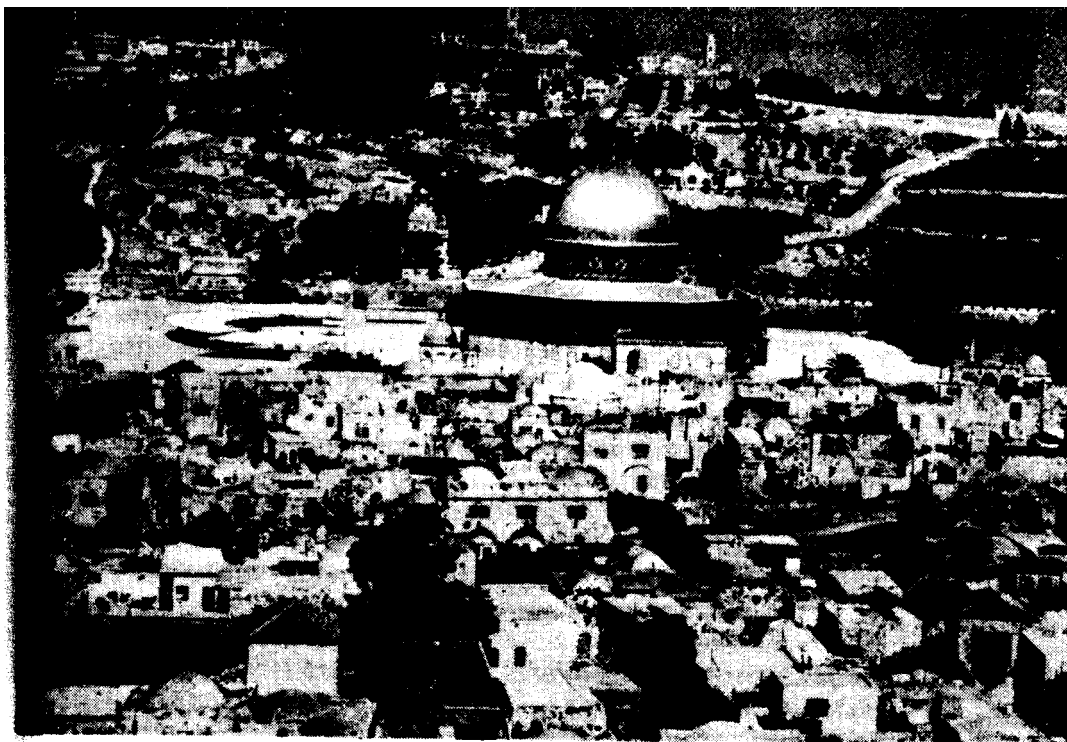
Quanto ao material histórico de Atos, Lucas se valeu de suas próprias memórias, sempre que possível. É possível que ele fosse registrando os acontecimentos em um diário, à proporção em que se desenrolavam. Em adição a isso, não há que duvidar que obteve informações da parte de Paulo, dos cristãos de Jerusalém, de Antioquia da Síria e de outros companheiros de jornadas de Paulo, como Silas e Timóteo, como Filipe, o diácono e evangelista, e como um antigo discípulo de nome Mnasom, em cujas residências ele ficara hospedado (vide Atos 21:8 e 16). Também havia à sua disposição informes escritos, como o decreto do Concílio de Jerusalém (vide Atos 15:23-29), e talvez documentos em aramaico e hebraico, relatando os primeiros eventos do cristianismo, em Jerusalém e circunvizinhanças.

## Exatidão histórica.

As descobertas arqueológicas têm confirmado a exatidão histórica de Lucas, de maneira surpreendente. Por exemplo, sabe-se atualmente que o uso que Lucas fez dos títulos de vários escalões de oficiais locais e governamentais de províncias - procuradores, cônsules, pretores, politarcas, asiarcas e outros - mostra-se acuradamente correto; correspondentes às ocasiões e lugares acerca dos quais Lucas estava escrevendo. A sua exatidão torna-se duplamente notável porque o emprego desses vocábulos se mantinha em constante estado de fluxo, devido às alterações de situação política de várias comunidades. (A confirmação da exatidão histórica do livro de Atos tornou obsoleta a "hipótese de Tübingen" do século XIX, que dizia que um autor do século II D. C. escreveu o livro de Atos, a fim de reconciliar perspectivas conflitantes do cristianismo de Pedro e de Paulo. Inexistem evidências quanto a tal divisão, porém, e um escritor posterior não poderia ter escrito com tanta exatidão sobre condições do primeiro século. F. C. Baur, da Universidade de Tübingen, Alemanha, foi o mentor daquela escola de pensamento. Segundo a mesma hipótese, o cristianismo petrino seria legalista, e o cristianismo paulino, anti-legalista.)

## Final e data.

A maneira abrupta pela qual termina o livro de Atos quase nos espanta. Lucas descortina a história de Paulo até ao ponto em que o apóstolo, aprisionado em Roma, já esperava por dois anos ser julgado na presença de César. Nisso, o livro se encerra. Que teria sucedido a Paulo? Teria comparecido diante de César? Em caso positivo, teria sido condenado? martirizado? absolvido? solto? Lucas não nos informa. Muitas sugestões têm sido oferecidas para explanar esse fim tão abrupto. É



O Monte das Oliveiras, à distância, visto do lado oposto da Cidade Velha.

possível que Lucas tencionasse escrever um terceiro volume, no qual teríamos as respostas para essas indagações. No entanto, o seu primeiro volume, o evangelho de Lucas, termina com um senso de história terminada, embora sem dúvida também tencionasse escrever o livro de Atos. Ou talvez Lucas tenha chegado ao fim de seu rolo de papiro. Todavia, sem dúvida ele poderia ter percebido que seu espaço disponível estava ficando curto, e poderia ter escrito um final apropriado. Uma catástrofe pessoal pode

ter impedido Lucas de concluir o seu livro. A verdade, porém, é que esse livro já é suficientemente longo para ocupar um ponderoso rolo de papiro. E talvez Lucas tivesse conseguido cumprir o seu propósito, isto é, mostrar o progresso do cristianismo, a partir de Jerusalém, o lugar de sua origem, até Roma, a capital do império. Contudo, o ministério de Paulo na prisão dificilmente foi um coroamento; já existia ali uma comunidade cristã, e permanece de pé o problema de por qual razão Lucas não registrou o que aconteceu a Paulo, a personagem dominante em Atos 13 - 28.

A melhor solução é aceitar que Lucas escreveu sobre os eventos até onde eles tinham tido lugar. Em outras palavras, ao tempo em que ele escreveu, Paulo continuava esperando julgamento. Por certo teria sido irrelevante a Lucas provar a inocência política do cristianismo (vide abaixo), se porventura escrevia o livro de Atos depois que o imperador Nero se voltara contra os cristãos (64 D. C.). Pois seria tarde demais, então, apelar para decisões favoráveis da parte de oficiais governamentais subalternos! Por conseguinte, Lucas escreveu o livro de Atos quando Paulo já se encontrava em Roma há dois anos (cerca de 61 D. C.). (Também favorece uma data antiga do Livro a ausência de alusões à perseguição sob Nero, na década de 60 D. C., ao martírio de Tiago, irmão do Senhor, na mesma década, e à destruição de Jerusalém, em 70 D. C. A teologia ainda pouco desenvolvida e a controvérsia acerca da situação dos cristãos gentios talvez apontem na mesma direção, mas também reflitam, ao invés disso, a exatidão de Lucas ao descrever o estado da Igreja primitiva, sem que haja nisso implicações quanto à data em que ele escreveu seu livro.) O próprio final abrupto do livro de Atos sugere que a tarefa da evangelização mundial estava incompleta. O que a Igreja primitiva começou, pois, compete a nós terminar.

### **Propósitos.**

*Ler Atos 1.* "O primeiro livro" (1:1) é o evangelho de Lucas. Teófilo talvez tenha arcado com a responsabilidade financeira pela publicação das duas obras de Lucas. O propósito do evangelho de Lucas foi o de narrar a vida de Jesus, com ênfase sobre a sua certeza histórica. Já o propósito central do livro de Atos foi o de traçar o triunfal progresso do evangelho, a partir de Jerusalém, onde teve início, até Roma, a capital do império. Assim sendo, Atos é uma história seletiva, e não compreensiva, da Igreja primitiva. Por exemplo, Lucas não escreve sobre a propagação do cristianismo até o Egito e ao Oriente. Mas podemos ler reiteradas afirmativas que sumariam o sucesso do evangelho por onde quer que os cristãos o proclamassem: "Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos..." (Atos 6:7; vide também 9:31; 12:24; 16:5; 19:20; 28:30,31). Por detrás desse sucesso havia a atividade do Espírito Santo, a Quem Lucas repetidamente dá o crédito. O propósito geral de Lucas-Atos, pois, é fazer a exposição dos primórdios do cristianismo, na vida de Jesus e na extensão do cristianismo, dentro da história da Igreja primitiva, a fim de convencer aos seus leitores sobre o avanço irresistível do evangelho, mostrando que Deus, mediante o Seu Espírito, verdadeiramente está operando na história da humanidade, visando à redenção de todos os homens.

Um propósito secundário do livro de Atos é o de demonstrar que o cristianismo merece continua liberdade, visto ter-se derivado do judaísmo, que tinha direitos legais, e também por não ser politicamente desleal a Roma. Por conseguinte, com freqüência Lucas cita juízos favoráveis concernentes ao cristianismo e seus proponentes, por vários tipos de oficiais locais e provinciais do governo. Essa apologética se fazia necessária porque o cristianismo começou com a desvantagem do fato que seu fundador morrera como criminoso condenado sob um governador romano. Acresça-se a isso que por onde quer que o cristianismo fosse chegando, estouravam perturbações da ordem. Mas, em seu evangelho, Lucas já havia demonstrado que tanto Pilatos quanto Herodes Antipas haviam pronunciado a inocência de Jesus, e que foi a pressão exercida pela turbamulta que originou a falha da justiça. No livro de Atos, igualmente, Lucas prova que as perturbações por causa do cristianismo se tinham originado devido à violência das multidões e devido a acusações falsas, freqüentemente assacadas pelos judeus, e não por causa de quaisquer transgressões praticadas pelos cristãos propriamente ditos. Dessa maneira, portanto, Lucas esperava poder dissipar os preconceitos contra o cristianismo, conquistando a simpatia de pessoas como Teófilo, cujo título, "excelentíssimo", em Lucas 1:3, quiçá indique que ele ocupava posição aristocrática e até influência política, ou, pelo menos, fazia parte da classe média social (Compare com as palavras "excelentíssimo Festo", em Atos 26:25.).

### **Esperando pelo Espírito.**



A instrução baixada por Jesus, para que Seus discípulos esperassem a vinda do Espírito Santo (1:4), estava vinculada à promessa anteriormente feita, por Ele mesmo e por João Batista, de que Ele concederia o Espírito Santo a todos os discípulos, e apontava para o futuro cumprimento dessa promessa, o que se deu no dia de Pentecoste. Não há mais necessidade de espera, mas tão-somente de nos apropriarmos do dom que já foi dado. Os discípulos estavam curiosos por saber se o reino seria restaurado a Israel, ou seja, se o reino messiânico sobre a terra, com Israel em posição favorecida, seria prontamente inaugurado. Pensavam eles nessa possibilidade porque o Antigo Testamento associava o derramamento do Espírito de Deus a esse tempo (vide Isaías 44:3; Ezequiel 36:24-27; 39:29; Joel 2:28,29, em seus contextos maiores). Com efeito, Jesus respondeu que os Seus discípulos não deveriam desperdiçar energias a indagar quando essas coisas teriam lugar, mas antes, competia-lhes evangelizar o mundo (1:6-8).

### **A Grande Comissão.**

Atos 1:8 é um versículo chave: "mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra." Na verdade; esse versículo contém um esboço, em linhas gerais, do livro inteiro de Atos: (1) nos capítulos 1 - 7, o evangelho se propala por toda Jerusalém e a Judéia; (2) nos capítulos 8 - 12, a Samaria e outras regiões das proximidades; e (3) nos capítulos 13 - 28, a terras distantes, através dos esforços missionários de Paulo. Tal como Pedro foi a figura dominante da evangelização primariamente entre os judeus, nos capítulos 1-12, assim Paulo é a personagem de maior destaque na evangelização primariamente entre os gentios, nos capítulos 13 - 28.

### **A Ascensão.**

Em sua narrativa sobre a ascensão de Cristo (1:9-11), Lucas pode ter querido dizer que os dois homens que predisseram o retorno de Jesus devem ser tidos como anjos em aparência humana, ou talvez fossem Moisés e Elias, os mesmos indivíduos que tinham aparecido em companhia de Jesus, no monte da transfiguração. A nuvem na qual Jesus ascendeu representa a presença de Deus Pai, tal como aconteceu quando do batismo e da transfiguração de Cristo, e tal como sucederá quando da Segunda Vinda. A ascensão de Jesus deve ter surpreendido aos discípulos, que esperavam, para quase imediatamente, a inauguração do reino messiânico na terra.

### **A Escolha de Matias.**

Tem sido motivo de debates se a escolha de Matias mediante o lançamento de sorte, a fim de substituir a Judas, teria sido uma providência equivocada, em confronto com o fato que, mais tarde, Deus escolheu a Saulo de Tarso. De maneira certa ou errada, o fato é que os discípulos eram da opinião que o número de seu próprio grupo, doze, não deveria permanecer incompleto, porquanto esse grupo representava o novel povo de Deus, que estava tomando o lugar das doze tribos de Israel. Levanta-se igualmente a questão se o método da escolha de Matias não teria laborado em erro. Mas os discípulos tinham a intenção que o uso de sortes indicaria a vontade do Senhor e não a deles mesmos. (É possível, não obstante, que as palavras "e os lançaram em sortes" devessem ser traduzidas por "e lançaram votos".)

### **O dia de Pentecoste.**

Embora os primórdios embrionários da Igreja retrocedam até antes da escolha dos Doze, o Pentecoste, após a ascensão de Jesus, assinala a data do nascimento da Igreja. O ruído de vento, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos, representa o fato que o texto grego conta com uma palavra somente para indicar "vento e "Espírito". As chamas em forma de língua, por cima das cabeças dos discípulos, simbolizaram a capacidade de falar miraculosamente, em idiomas que não haviam aprendido, em reversão da "confusão das línguas", por ocasião da construção da torre de Babel. Os peregrinos não residentes na Palestina, tanto judeus quanto prosélitos gentios, reconheceram, admirados, que estavam sendo falados os idiomas de suas próprias terras de origem. Todavia, os palestinos não as entendiam, e assim assacaram a acusação de que os cristãos estavam embriagados. *Ler Atos 2.*

## **O sermão de Pedro.**

O fluxo da argumentação do sermão de Pedro, no dia de Pentecoste, é que os judeus haviam tirado a vida de Jesus, mas que Deus O ressuscitara dentre os mortos e O exaltara até à Sua própria mão direita. O derramamento do Espírito comprovava a exaltação de Jesus. O miraculoso falar em "línguas" (idiomas estrangeiros) comprovava, por sua vez, o derramamento do Espírito. Por conseguinte, que se arrependessem e fossem batizados. Embora Pedro houvesse citado a profecia de Joel, como predição ali cumprida, tal cumprimento teve a ver somente com a porção referente à outorga do Espírito e à salvação que seria dada a quantos invocassem o nome do Senhor. Os fenômenos celestes, preditos por Joel, aguardam cumprimento para quando do retorno do Senhor Jesus. O fraseado de Atos 2:38 - "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados" - parece dar a entender que o batismo em água seja necessário para que se receba o perdão de pecados. Mas visto que muitas outras passagens requerem tão somente o arrependimento e a fé em Jesus Cristo, é melhor considerarmos o batismo como a maneira usual de demonstrar o arrependimento e a fé. O problema de crentes não-batizados jamais surgiu nas páginas do Novo Testamento. (Alternativamente, poderíamos traduzir: "cada um de vós seja batizado... em resultado da remissão dos vossos pecados". Comparar com Mateus 3:11; 12:41; Lucas 12:32; e H. E. Dana e .1. R. Mantey, *A Manual Grammar of Ihe Greek New Testament*, Nova Iorque: Macmillan, 1946, págs. 104 s.)

## **Aprisionamento.**

*Ler Atos 3:1 - 4:31.* Os saduceus negavam a doutrina da ressurreição, e, por isso mesmo, encarceraram aos apóstolos, por estarem estes proclamando a ressurreição de Jesus como fato já realizado e como garantia da ressurreição de outras pessoas.

## **Vida Comunitária.**

*Ler Atos 4:32 - 5:42.* Intitular a participação comum nos bens, conforme se verificou na igreja de Jesus, de "comunismo cristão" não é uma designação feliz. O comunismo de nossos dias é ateu e coercitivo. Mas em Jerusalém se compartilhava das coisas por motivo de devoção a Deus, tratando-se de uma atitude inteiramente espontânea, que jamais teve por intuito tornar-se uma instituição permanente. Foi uma medida meramente temporária, que permitiu aos convertidos chegados de outras regiões para participarem da festa do Pentecoste, em Jerusalém, ficarem por mais tempo do que lhes seria possível de outro modo, e a fim de que recebessem maiores instruções acerca de sua recém-achada fé cristã.

## **Ananias e Safira.**

Barnabé, que vendera um campo e doara todo o dinheiro obtido com a venda, aparece na narrativa como exemplo contrastante ao de Ananias e Safira, os quais, similarmente, venderam um campo, mas fingiram, hipocritamente, que haviam doado a importância total, mas na realidade tinham retido para si mesmos uma parte do dinheiro. A morte de Ananias e Safira pode parecer-nos muito dura, ou pelo menos, incomum. Porém, tal como no começo mesmo da história de Israel como nação redimida Deus fez morrerem os sacerdotes desobedientes, Nadabe e Abiú (vide Levítico 10), também nos primórdios da História da Igreja Deus puniu a Ananias e Safira com a morte. Em ambas oportunidades Deus estava demonstrando Seu profundo interesse pela pureza fundamental de Seu povo. Por conseguinte, deveríamos interpretar o fato que Deus não continua a aplicar essa espécie de punição com regularidade como um sinal de graça, e não como indicação de que Ele tolera o pecado na Igreja.

## **Os sete "diáconos".**

Os helenistas eram judeus que haviam adotado o estilo grego de viver. Os hebreus, por sua parte, eram judeus que tinham preferido reter a maneira tipicamente judaica de vida. (Alguns eruditos pensam que os helenistas eram prosélitos e tementes a Deus gentios, ao passo que outros opinam que os hebraístas eram samaritanos. Entretanto, é difícil imaginar que muitos indivíduos, dessas categorias, já tivessem entrado na Igreja.) Quando os cristãos judeus helenistas se queixaram de que suas viúvas estavam sendo

negligenciadas na distribuição diária de alimentos, os cristãos hebreus graciosamente escolheram homens helenistas, o que é demonstrado por seus nomes gregos, e não hebraicos ou aramaicos; a fim de supervisionarem essa distribuição. Talvez o posterior ofício eclesiástico dos diáconos ("servos, ajudadores"), que tem a ver com as questões materiais, seculares da vida diária das igrejas, sobretudo a ministração de atos caridosos, se tenha desenvolvido dessa situação. *Ler Atos 6:1-8:1a.*

### **O sermão de Estevão.**

Estêvão não se contentou em limitar-se ao ministério de coisas materiais. A acusação levada contra ele, devido à sua prática, nos deixa entrever que ele deduziria estarem obsoletos o templo e seu cerimonial, por motivo da obra redentora de Cristo. É possível que Estêvão tivesse sido o primeiro cristão a chegar a essa conclusão. O seu sermão, que ficou registrado, passa em revista a história de Israel, com destaque bem claro sobre o fato que tal como os antepassados dos israelitas tinham repellido, por reiteradas vezes, os mensageiros de Deus, nos dias do Antigo Testamento, assim também agora, eles mesmos haviam rejeitado a seu supremo mensageiro, Jesus Cristo, o Justo. Aquele sermão também frisa a natureza progressiva da revelação divina - Deus revela-se a Si mesmo em diferentes lugares e em grande variedade de modos - razão pela qual os judeus incorriam em erro ao considerarem o templo como a totalidade e a finalidade da verdadeira religião.

### **O martírio de Estevão.**

Segundo a narrativa sobre o julgamento de Jesus, aos romanos estava reservado o direito de infligir a pena capital. Todavia os governadores romanos passavam a maior parte do tempo em Cesaréia, no litoral do mar Mediterrâneo. O apedrejamento de Estêvão, portanto, pode ter sido uma ação ilegal, efetuada por uma multidão de linchadores, ou pode ter sido uma execução formal, decretada pelo Sinédrio, que assim ultrapassou aos limites de sua autoridade, em face da ausência de Pilatos. O método de apedrejamento consistia, antes de tudo, de solicitar do condenado que fizesse uma confissão de sua culpa, a fim de poder "compartilhar do mundo vindouro". Então era desnudado. Uma testemunha de acusação empurrava a vítima, de rosto voltado para baixo, do alto de uma plataforma ou beirada com cerca de duas vezes a altura de um homem, para que se estatelasse no chão abaixo. Então a vítima era virada de rosto para cima. Se não tivesse morrido por ação da queda, uma segunda testemunha jogava uma pedra em seu peito. Se depois disso ainda não tivesse ocorrido a morte, outras pessoas se ajuntavam ao apedrejamento. (Ver o Talmude Babilônico, Sanhedrin 6.1-4, citado em C. K. Barrett, *The New Testament Background*, págs. 171, 172.) Quando Estêvão estava sendo apedrejado, moribundo que estava, viu a Jesus, de pé à direita de Deus Pai, a fim de recepcioná-lo.

### **Perseguição por Saulo-Paulo.**

O martírio de Estêvão foi o estopim de uma perseguição geral contra os cristãos, por parte de judeus incrédulos. À testa dessa perseguição achava-se Saulo, natural de Tarso, cidade da Ásia Menor. Seu outro nome era Paulo. Saulo e Paulo não eram nomes pré e pós-conversão, respectivamente. Saulo era meramente o nome hebraico, e Paulo o nome de som similar, um comum sobrenome romano (nome de família), que às vezes era adotado como nome próprio de um indivíduo. (Como cidadão romano, Paulo também devia ter recebido um *praenomen* e um *nomen gentile*, que não sobreviveram.)

### **Felipe em Samaria.**

A dispersão dos cristãos, por motivo de perseguição, resultou em um evangelismo generalizado, conforme se vê exemplificado no caso de Filipe, em Samaria. Filipe era outro "diácono" pregador, como Estêvão. *Ler Atos 8:1b-40.*

### **Simão o Mago.**

A professada conversão de Simão, o mágico, provavelmente não era real; pois ele desejava reter sua influência lucrativa sobre o povo, comprando a dinheiro a capacidade de outorgar o Espírito Santo, a fim de que, ele mesmo, pudesse exigir pagamento para assim fazer. Uma antiga tradição

cristã atribui a Simão Magus, conforme ele era chamado, o herege movimento gnóstico que houve na cristandade.

### **Os samaritanos recebem o Espírito.**

O Espírito Santo não desceu sobre os crentes samaritanos enquanto Pedro e João não oraram e impuseram as mãos sobre eles, em sinal de solidariedade entre os crentes judeus e os crentes samaritanos. As antigas antipatias estavam se esboroando no seio da comunidade cristã. O adiamento da dádiva do Espírito permitiu os representantes apostólicos do grupo cristão predominantemente judaico a averiguar, por si mesmos, que Deus havia aceito os samaritanos, o que ficou demonstrado pelo fato que receberam o Espírito na presença dos apóstolos.

### **O eunuco etíope.**

O episódio que envolveu o eunuco etíope prefigurou as missões de Paulo entre os gentios. O eunuco estivera presente a alguma das festividades religiosas dos judeus, em Jerusalém. Por conseguinte, pelo menos ele era um homem temente a Deus, se não era mesmo um prosélito declarado. Aos eunucos eram vedados privilégios religiosos no judaísmo, de conformidade com Deuteronômio 23:1, mas essa disposição pode ter sido abandonada naquela época (comparar com Isaías 56:3 ss.); ou, então, "eunuco", no livro de Atos, serve apenas de título oficial, não sendo uma descrição literal. Era costume que viajores solitários, como Filipe, se juntassem a alguma caravana, como a do eunuco. Ler em voz alta (conforme fazia o eunuco) era de praxe nos tempos antigos, mesmo nos estudos particulares.

### **Conversão de Saulo-Paulo.**

Em seguida somos levados de volta à perseguição encetada por Saulo contra "O Caminho" (o primeiro nome dado ao movimento cristão, por causa de sua forma distintiva de fé e conduta), e, em continuação, à conversão de Saulo. *Ler Atos 9:1-31.* Quando Jesus disse a Saulo: "Saulo, Saulo, por

que me persegues?", deixou o Senhor entendida a união entre Ele mesmo, nos céus, e Seus perseguidos discípulos, na terra. A união entre Cristo e o crente veio a tornar-se parte vital do ensino teológico de Paulo. De conformidade com Atos 9:7, os acompanhantes de Paulo ouviram a voz de Jesus, mas de acordo com Atos 22:9, não a ouviram. Todavia, a construção grega difere entre uma e outra dessas passagens, e talvez signifiquem que os companheiros de Paulo ouviram o som da voz de Jesus, embora não tivessem compreendido as palavras. Alternativamente, os companheiros de Paulo ouviram a voz dele (9:7), mas não a de Jesus (22:9).



A porta de entrada da rua Direita, em Damasco. A caminho daqui, para deter os cristãos., Paulo se converteu. Após sua conversão, Paulo iniciou nesta cidade a sua missão de pregador.

### **Primeiras pregações de Paulo.**

À conversão de Paulo seguiu-se uma missão de pregação em Damasco e pela região árabe circunvizinha (vide Gálatas 1:17,18). Alguns têm conjecturado que a permanência na Arábia incluiu

um período de meditação, durante o qual Paulo teria recebido revelações divinas, mas os próprios textos bíblicos não indicam tal coisa. Mais tarde, Barnabé apresentou Paulo à igreja de Jerusalém. O trecho de Gálatas 1:22 esclarece, entretanto, que Paulo continuou sendo um desconhecido de rosto por toda a grande área judaica em volta de Jerusalém.

### **O passado formativo de Paulo.**

Paulo nasceu em Tarso, cidade da porção sueste da Ásia menor, e era cidadão romano. Vide o mapa à pág. 250. Como seu pai obtivera a cidadania romana - se ela foi adquirida a dinheiro, por causa de algum serviço prestado ao estado, ou por outro meio qualquer - não sabemos dizê-lo. Porém, a cidadania romana conferia privilégios e uma proteção que serviram muito bem a Paulo durante seus empreendimentos missionários. O pai de Paulo fora um fariseu (vide Atos 23:6) (As palavras "filho de fariseus" (plural), em Atos 23:6, subentende que os antepassados de Paulo eram fariseus, mesmo antes de seu progenitor imediato.) que criara a seu filho segundo o judaísmo mais estrito (vide Filipenses 3:5,6). Paulo passou a maior parte de sua juventude em Jerusalém, onde estudou sob o famoso rabino Gamaliel (vide Atos 22:3). Também não estamos informados se Paulo chegou alguma vez a encontrar-se com Jesus, ou se fora casado alguma vez. Ele jamais menciona uma esposa sua, em suas epístolas; porém, visto que o celibato era extremamente raro entre os judeus, poderíamos inferir que ele fora casado, mas que depois a sua mulher falecera.

### **Os milagres e a visão de Pedro.**

*Ler Atos 9:32 - 11:18.* O propósito de Lucas, ao narrar a cura miraculosa de Enéias e a ressurreição de Tabita (ou Dorcas), pelo ministério de Pedro, foi o de comprovar que Deus estava presente com Pedro, durante o período mesmo em que aquele apóstolo pregava aos gentios e os acolhia como partícipes da Igreja, ações essas que judeus cristãos de visão estreita mais tarde censuraram. O fato que Pedro se hospedou na casa de um curtidor de nome Simão, mostra-nos que ele já se despira de alguns de seus escrúpulos tipicamente judaicos, porquanto os curtidores eram tidos por cerimonialmente imundos, devido a seu contínuo contacto com animais mortos, razão pela qual sua companhia devia ser evitada. Não obstante, foi necessária uma visão para que Pedro se deixasse convencer de que era permissível o contato com os gentios. Ele viu um lençol, talvez sugerido por um toldo, debaixo do qual Pedro dormia a sesta ao meio-dia, no pátio formado pelo telhado plano. Esse lençol estava repleto de criaturas cerimonialmente imundas. E então houve a ordem de Deus para que Pedro as matasse e comesse, o que serviu de indicação de que as restrições dietéticas de Moisés, e, de fato, todas as demais restrições cerimoniais mosaicas agora estavam obsoletas. Finalmente persuadido, Pedro foi pregar a gentios, na casa de Cornélio, centurião romano e homem temente a Deus.

### **Salvação dos gentios na casa de Cornélio.**

O sermão de Pedro na casa de Cornélio é o exemplo mais patente oferecido por C.H. Dodd acerca do kerygma (vide pág. 80). Mui apropriadamente para ouvintes gentios, esse sermão faz soar a nova nota da universalidade. "...todo o que nele cré..." - o evangelho não se destina somente a judeus; é para todos! Em contraste com o que sucedera em Samaria, um apóstolo já estava presente como testemunha. Por conseguinte, Deus concedeu imediatamente do Seu Espírito a gentios, assim que foi exercida a fé, antes mesmo que Pedro terminasse a sua pregação e antes do batismo ou da imposição das mãos terem sido administrados. Foi dessa maneira dramática que Deus demonstrou que aceitava na Igreja a crentes gentios, e sob condições iguais às que aceitara os crentes judeus ou samaritanos. Posteriormente, Pedro foi capaz de usar esse súbito ato de Deus em sua própria defesa contra cristãos judeus de atitudes paroquiais, em Jerusalém, os quais o criticavam porque ele tivera contacto pessoal com gentios. Foi preciso muito mais tempo para que a Igreja percebesse os corolários a longo termo do fato que a lei mosaica fora repelida em sua inteireza (embora muitos de seus preceitos morais tenham sido promulgados novamente para os cristãos), que as sinagogas e o templo não eram mais necessários como lugares de adoração, e que os convertidos dentre os gentios não precisavam ser circuncidados. Contudo, o incidente na casa de Cornélio assinalou um significativo passo, na separação entre o cristianismo e o judaísmo.

## **Até Antioquia.**

A partir daí, Lucas historia a propagação do evangelho até Antioquia da Síria. Ele queria introduzir Antioquia como futura base de operações das viagens missionárias de Paulo, a fim de mostrar como Paulo se associara àquela igreja e a fim de estabelecer o elo entre as igrejas de Antioquia e Jerusalém. Jerusalém estava suficientemente interessada por Antioquia, ao ponto de enviar-lhe a Barnabé; e Antioquia estava suficientemente preocupada por Jerusalém ao ponto de enviar-lhe doações que a ajudasse num período de escassez. O apelido "cristãos", pela primeira vez aplicado aos crentes, por incrédulos, em Antioquia, era um termo pejorativo. Mas também ilustra o fato que gradualmente a Igreja estava sendo reconhecida como algo mais que uma seita judaica - era um movimento distinto do judaísmo. Mediante sua conduta diária santa e graciosa, os cristãos, eventualmente, transformaram essa derrisão em termo de respeito e admiração. *Ler Atos 11:19 - 12.25.*

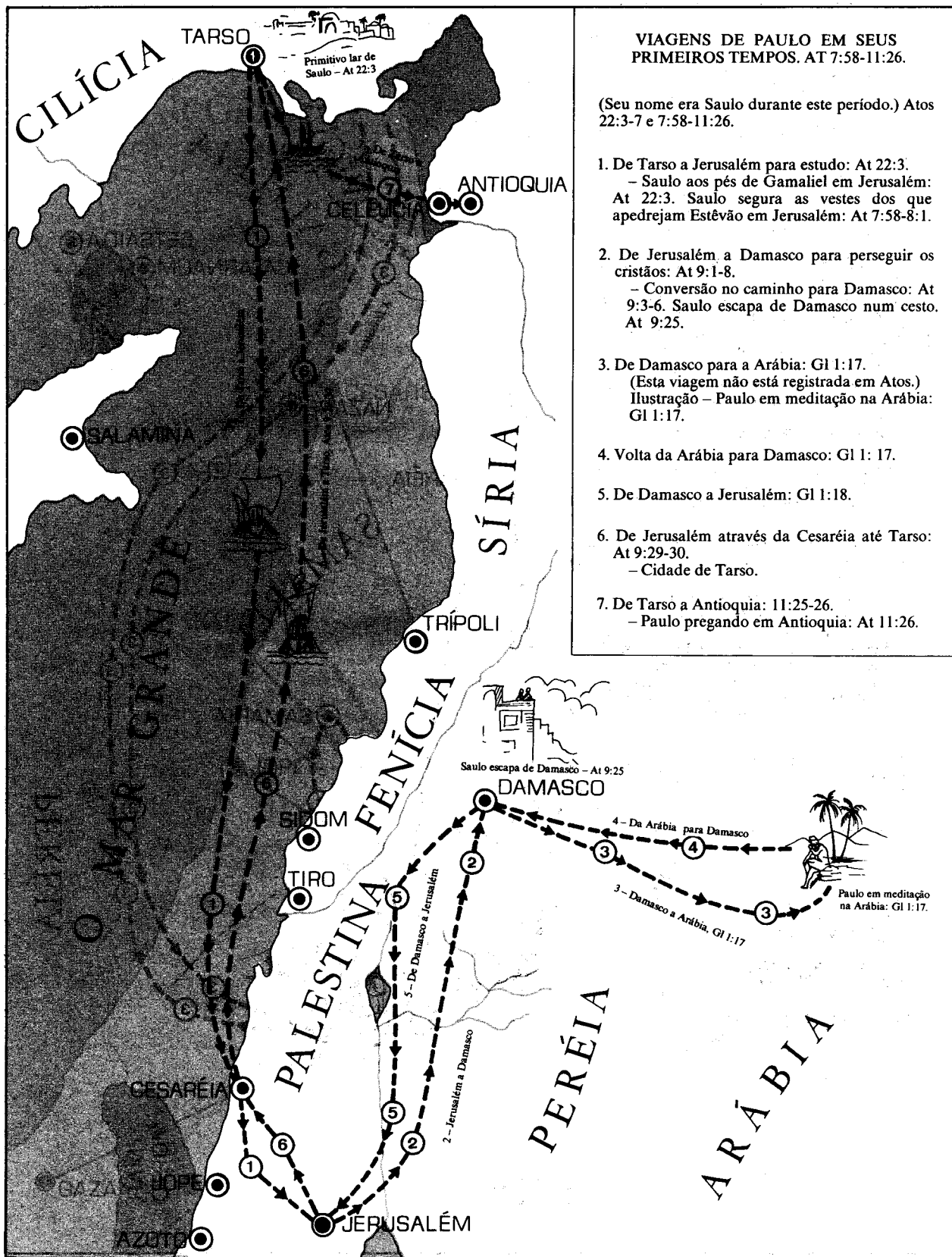
## **Perseguição por Herodes Agripa I.**

O Herodes que figura nessa passagem foi Herodes Agripa I, neto de Herodes o Grande. Fingindo-se defensor máximo do judaísmo, martirizou ele a Tiago, apóstolo e irmão de João, além de encarcerar a Pedro. O historiador judeu do primeiro século, Josefo, confirma a narrativa lucana sobre a morte de Herodes Agripa, como uma enfermidade que, segundo a sua descrição, muito se assemelha ao câncer dos intestinos. (Josefo, Antiquidades XIX. v.1 e VIII.2.) A morte de Herodes Agripa ocorreu em cerca de 44 D.C., pelo que o relato representa um retrocesso cronológico em relação à visita que visava a aliviar a fome (cerca de 46 D.C.; vide Atos 11:27-30).

### *Para discussão posterior*

Vide as perguntas para discussão e as leituras colaterais sugeridas, no final do capítulo seguinte, às págs. 279, 280.

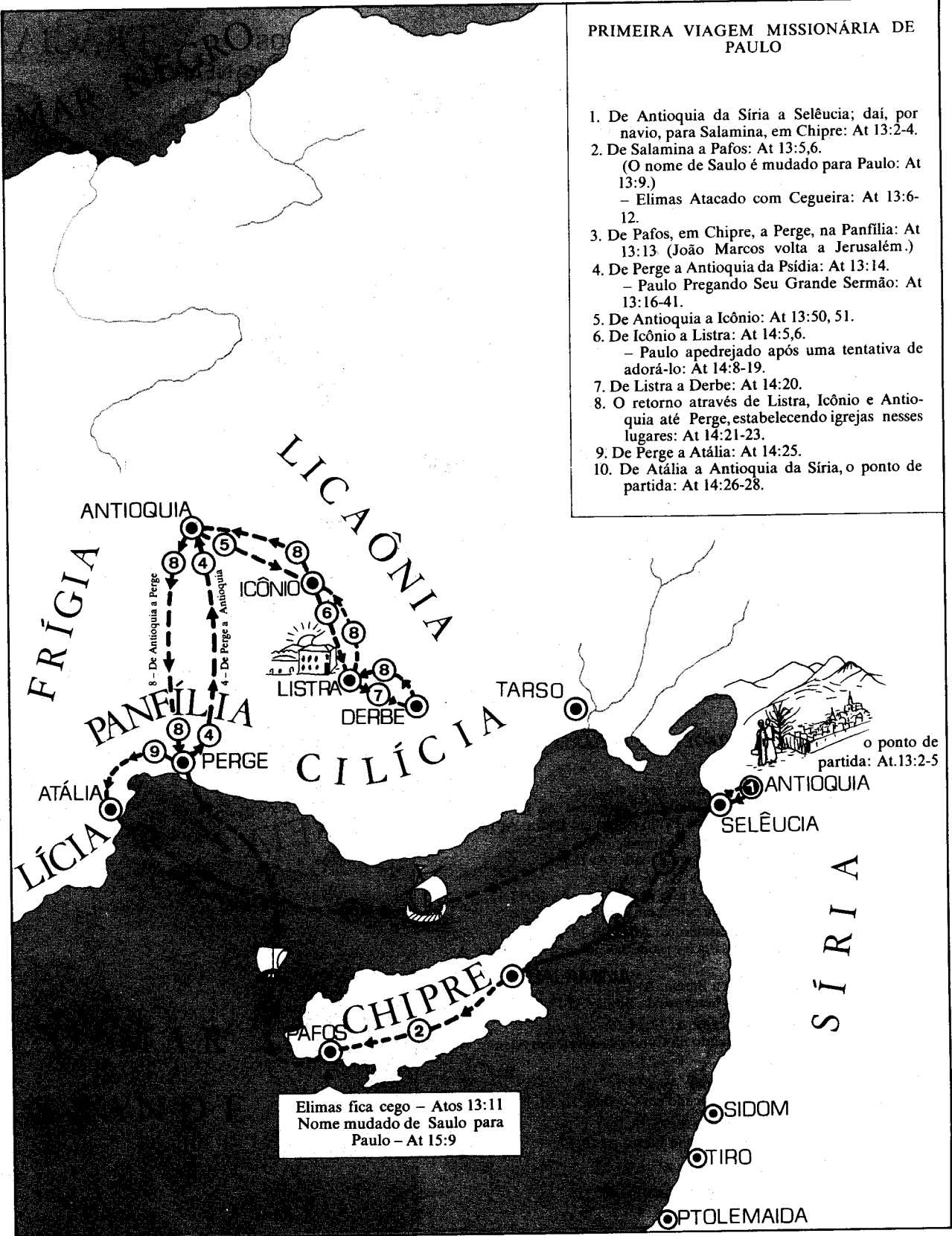
# VIAGENS DOS PRIMEIROS ANOS DE PAULO – AT 7:58-11:26



# PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO – AT 13:2-14:28

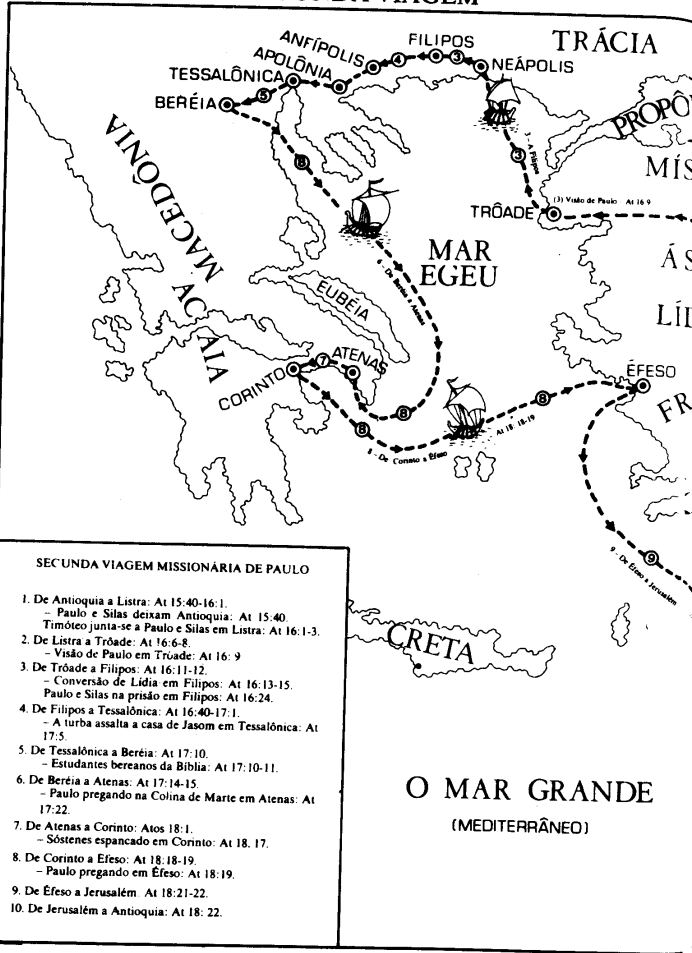
## PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

1. De Antioquia da Síria a Selêucia; daí, por navio, para Salamina, em Chipre: At 13:2-4.
2. De Salamina a Pafos: At 13:5,6.  
(O nome de Saulo é mudado para Paulo: At 13:9.)  
– Elimas Atacado com Cegueira: At 13:6-12.
3. De Pafos, em Chipre, a Perge, na Panfília: At 13:13 (João Marcos volta a Jerusalém.)
4. De Perge a Antioquia da Psídia: At 13:14.  
– Paulo Pregando Seu Grande Sermão: At 13:16-41.
5. De Antioquia a Icônio: At 13:50, 51.
6. De Icônio a Listra: At 14:5,6.  
– Paulo apedrejado após uma tentativa de adorá-lo: At 14:8-19.
7. De Listra a Derbe: At 14:20.
8. O retorno através de Listra, Icônio e Antioquia até Perge, estabelecendo igrejas nesses lugares: At 14:21-23.
9. De Perge a Atália: At 14:25.
10. De Atália a Antioquia da Síria, o ponto de partida: At 14:26-28.





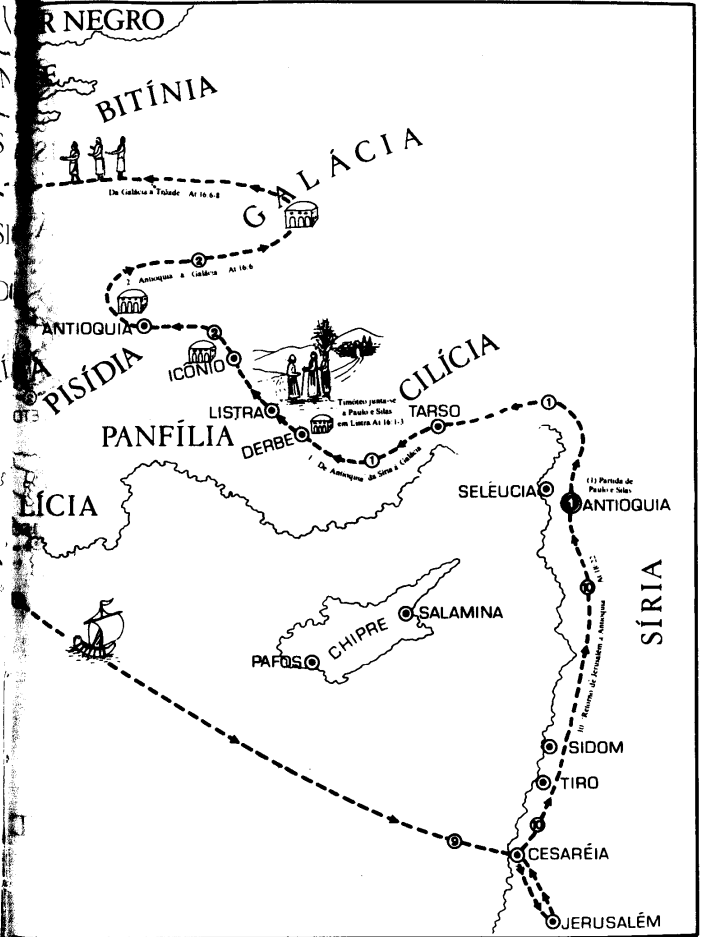
**A SEGUNDA VIAGEM**



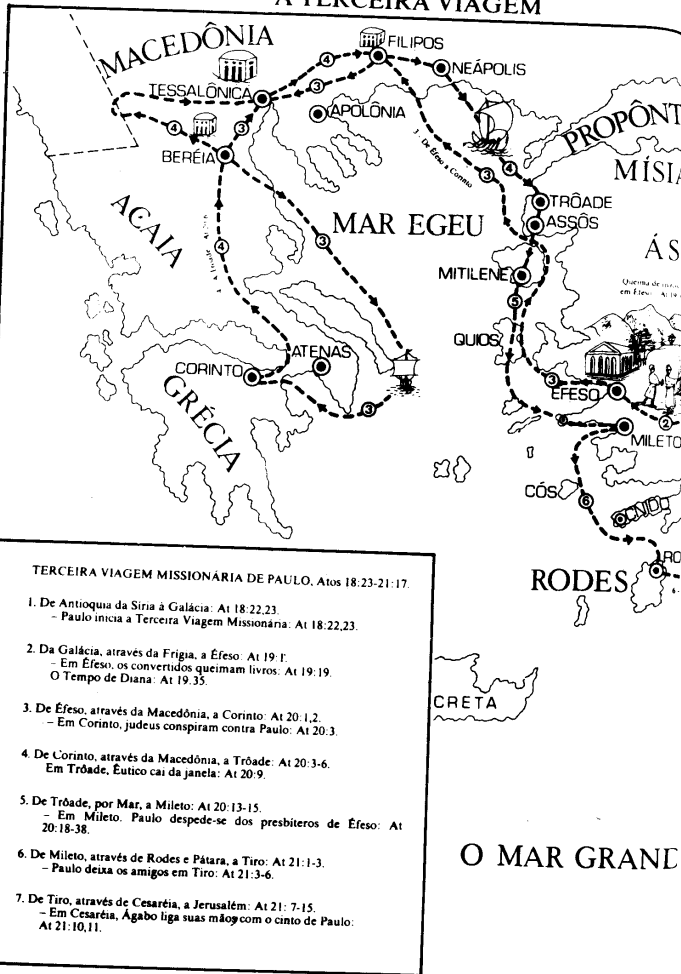
**SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO**

1. De Antioquia a Listra: At 15:40-16:1.  
- Paulo e Silas deixam Antioquia: At 15:40.  
- Timóteo junta-se a Paulo e Silas em Listra: At 16:1-3.
2. De Listra a Tróade: At 16:6-8.  
- Visão de Paulo em Tróade: At 16:9
3. De Tróade a Filipos: At 16:11-12.  
- Conversão de Lídia em Filipos: At 16:13-15.  
- Paulo e Silas na prisão em Filipos: At 16:24.
4. De Filipos a Tessalônica: At 16:40-17:1.  
- A turba assalta a casa de Jasom em Tessalônica: At 17:5.
5. De Tessalônica a Beréia: At 17:10.  
- Estudantes bereanos da Bíblia: At 17:10-11.
6. De Beréia a Atenas: At 17:14-15.  
- Paulo pregando na Colina de Marte em Atenas: At 17:22.
7. De Atenas a Corinto: Atos 18:1.  
- Sóstenes espancado em Corinto: At 18:17.
8. De Corinto a Éfeso: At 18:18-19.  
- Paulo pregando em Éfeso: At 18:19.
9. De Éfeso a Jerusalém: At 18:21-22.
10. De Jerusalém a Antioquia: At 18:22.

**MISSIONÁRIA DE PAULO – AT 15:40-18:22**



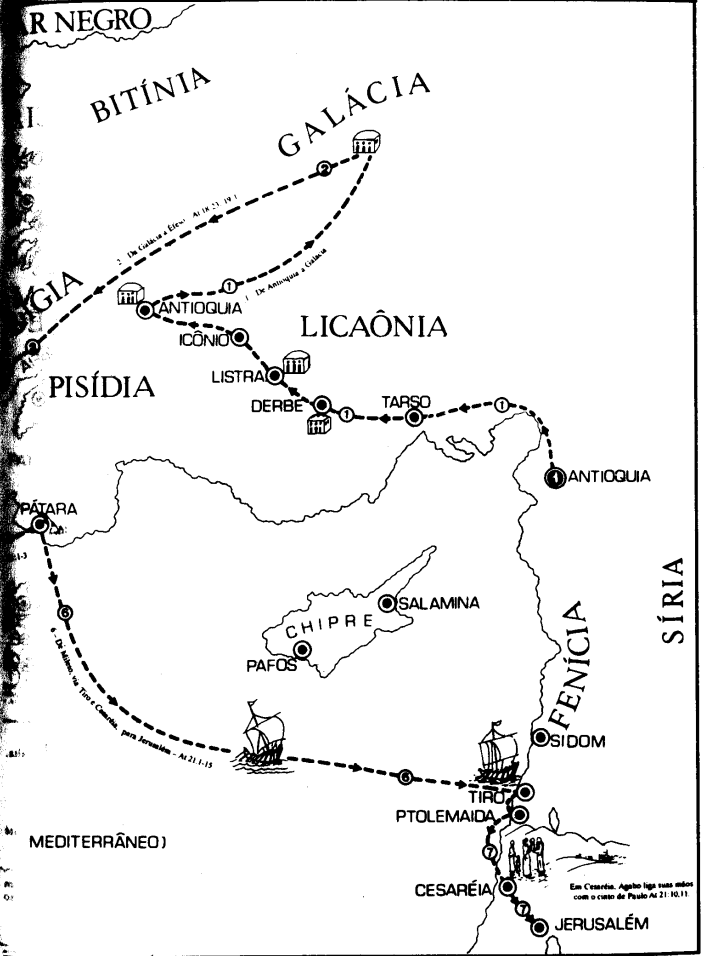
**A TERCEIRA VIAGEM**



**TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO, Atos 18:23-21:17.**

1. De Antioquia da Síria à Galácia: At 18:22,23.  
- Paulo inicia a Terceira Viagem Missionária: At 18:22,23.
2. Da Galácia, através da Frígia, a Éfeso: At 19:1.  
- Em Éfeso, os convertidos queimam livros: At 19:19.  
- O Tempo de Diana: At 19:35.
3. De Éfeso, através da Macedônia, a Corinto: At 20:1,2.  
- Em Corinto, judeus conspiram contra Paulo: At 20:3.
4. De Corinto, através da Macedônia, a Tróade: At 20:3-6.  
- Em Tróade, Êutico cai da janela: At 20:9.
5. De Tróade, por Mar, a Mileto: At 20:13-15.  
- Em Mileto, Paulo despede-se dos presbíteros de Éfeso: At 20:18-38.
6. De Mileto, através de Rodos e Pátara, a Tiro: At 21:1-3.  
- Paulo deixa os amigos em Tiro: At 21:3-6.
7. De Tiro, através de Cesaréia, a Jerusalém: At 21: 7-15.  
- Em Cesaréia, Ágabo liga suas mãos com o cinto de Paulo: At 21:10,11.

**MISSIONÁRIA DE PAULO – AT 18:23-21:17**





Listra  
Icônio  
Antioquia da Psídia  
49 GÁLATAS (sob a data antiga da teoria do sul da Galácia)  
Perge na Panfília  
Antioquia da Síria  
Concílio de Jerusalém (Atos 15)

## 50-51 II. SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

(Paulo e Barnabé discordam quanto à companhia de João Marcos: Paulo leva consigo a Silas.)  
Frigia e sul da Galácia  
Antioquia da Síria  
Derbe  
Listra - Paulo leva Timóteo  
Icônio  
Antioquia da Psídia  
Trôade - Paulo tem a visão do homem da Macedônia.  
Filipos - Lídia se converte, libertação da escrava endemoninhada: Paulo e Silas encarcerados;  
terremoto à meia-noite; conversão do carcereiro.  
Tessalônica - uma turba instigada por judeus assalta a casa de Jasom, onde Paulo estava hospedado.  
Beréia - os bereanos "investigam as Escrituras (do A. T.)", confrontando-as com a mensagem de Paulo.  
Atenas - Paulo sozinho; prega no Areópago (colina de Marte); Timóteo e Silas reúnem-se a Paulo, mas Timóteo é enviado de volta a Tessalônica e Silas vai para algum outro lugar.  
Corinto - Paulo fabrica tendas com Priscila e Aqüila; Timóteo e Silas reúnem-se de novo a Paulo; Paulo muda o local de pregação da sinagoga para a casa de Tito Justo; conversão de Crispo, chefe da sinagoga; em visão, Jesus diz a Paulo para ficar ali: Gálio governador romano, recusa-se a condenar a Paulo por haver pregado; Paulo permanece em Corinto por ano e meio.  
Cencreia - Paulo rapa a cabeça.  
Éfeso - Priscila e Aqüila acompanham a Paulo até este ponto, mas ficam em Éfeso.  
Cesaréia  
Jerusalém  
Antioquia da Síria  
I e II TESSALONICENSES

## III. TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Antioquia da Síria  
Galácia e Frígia (Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Psídia).  
Éfeso - discípulos de João Batista recebem o Espírito; Paulo prega na escola de Tirano; os sete filhos de Ceva (judeus incrédulos tentam o exorcismo em nome de Jesus; os convertidos queimam seus livros mágicos; Demóstenes encabeça o levante dos ourives em defesa de Artemis (Diana); Paulo passa dois anos e três meses em Éfeso.  
I CORÍNTIOS  
II CORÍNTIOS  
ROMANOS  
Macedônia (Filipos, Tessalônica, Beréia).  
Grécia ou Acaia (Atenas e Corinto) os judeus planejam matar a Paulo em uma viagem à Palestina.  
Macedônia  
Trôade - Êutico cai da janela durante um sermão de Paulo.  
Mileto - Paulo se despede dos anciãos de Éfeso.  
Tiro - Paulo avisado a não ir a Jerusalém.

Cesaréia - Paulo se hospeda na casa de Filipe; Ágabo avisa a Paulo simbolicamente do que lhe sucederia em Jerusalém.

56 Jerusalém - Paulo presta relatório à igreja; envolve-se num voto judaico para mostrar que não era contra a lei mosaica; é agarrado no templo; é livrado por soldados romanos; fala a judeus da escadaria do castelo; fala ao Sinédrio; os judeus planejam para matar a Paulo; Cláudio Lísias envia Paulo a Félix, em Cesaréia.

Paulo é julgado diante de Félix, Festo e Agripa, em Cesaréia, e então apela para César.

#### IV. VIAGEM A ROMA

Cesaréia

Creta - rejeitado o conselho de Paulo para não se encetar viagem por mar.

Tempestade no mar Mediterrâneo.

59 Malta (Melita) - naufrágio; Paulo sacode da mão uma víbora e não sofre maus efeitos

FILEMOM

COLOSSENSES

EFÉSIOS

FILIPENSES

Roma - Paulo aluga uma casa-prisão; prega a judeus e gentios; e por dois anos aguarda julgamento perante Nero.

61 Paulo é solto da prisão e faz mais algumas viagens.

I TIMÓTEO

TITO

II TIMÓTEO

64 Paulo novamente Preso. Martírio de Paulo.

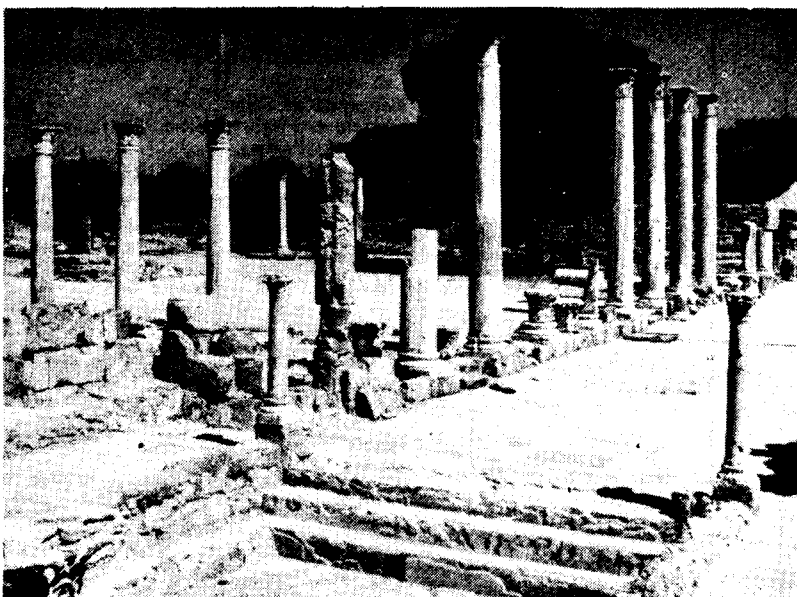
#### Primeira viagem missionária de Paulo

O décimo terceiro capítulo de Atos dá início à narrativa dos extensos empreendimentos missionários de Paulo. Sendo escritor habilidoso, Lucas preparava os seus leitores para a descrição da propagação do evangelho, mediante a prédica de Estêvão aos judeus helenistas de Jerusalém, mediante a dispersão dos cristãos por causa de perseguição, com o resultado da expansão do testemunho cristão, mediante a evangelização de Samaria e a conversão do etíope eunuco, pelos labores de Filipe, mediante a prédica de Saulo (ou Paulo) em Damasco e aos helenistas de Jerusalém, mediante a missão de Pedro a Lida, Jope e Cesaréia, na última das quais ele foi o agente da conversão de uma família de gentios, e mediante a propagação do cristianismo até Antioquia da Síria. Além disso, Lucas já havia apresentado a Barnabé e Paulo como colegas, pois Barnabé havia apresentado a Paulo à Igreja de Jerusalém, e ambos tinham ministrado em Antioquia e tinham

viajado juntos, levando víveres para aliviar a fome, enviados da Igreja de Antioquia à Igreja de Jerusalém. E, finalmente, o contraste estabelecido entre a morte de Herodes Agripa I, que se opunha ao cristianismo, e a bem sucedida propagação do evangelho, arma o palco para as viagens missionárias e evangelísticas de Paulo, as quais tiveram um caráter internacional.

#### Antioquia da Síria

Ler Atos 13 e 14, seguindo a viagem pelo mapa (pág. 251). Lucas atribui o envio de Barnabé e Saulo tanto à igreja de Antioquia quanto ao Espírito Santo, o qual impulsionara aquela igreja a



Forum da cidade de Salamina, que era importante porto marítimo da ilha de Chipre nos dias de Paulo.

enviá-los. A imposição de mãos não serviu de consagração formal (Barnabé e Saulo tinham estado a pregar já desde muito tempo), mas foi indicação de que a igreja sustentava a missão deles.

### **Chipre: Elimas e Sérgio Paulo**

Foi apenas natural que Barnabé e Paulo se dirigissem, primeiramente, à ilha de Chipre, por tratar-se da terra natal de Barnabé. Paulo tomou a iniciativa quando o mágico judeu Elimas (Bar-Jesus) procurou influenciar o procônsul romano Sérgio Paulo, para que este se afastasse do evangelho (sem dúvida porque o mágico entendeu que seus serviços não mais seriam solicitados se Sérgio Paulo adotasse o cristianismo). É a partir desse ponto da narrativa que Lucas registra o nome de Paulo antes do de Barnabé. A única exceção a isso ocorre no contexto que envolve Jerusalém, em Atos 15:12, onde Lucas retrocede à ordem anterior, "Barnabé e Paulo", porque na mente dos cristãos de Jerusalém, Barnabé continuava sendo o cristão de mais experiência e pai espiritual de Paulo. Lucas aplica a Saulo o designativa "Paulo", pela primeira vez, em Atos 13:9. A sua missão entre os gentios tornou mais apropriado o seu nome grego do que o seu nome semita.

### **Perge**

Em Perge da Panfília, João Marcos, primo de Barnabé e assessor tanto deste quanto de Paulo, resolveu não seguir avante. Não sabemos dizer por quê. As sugestões vão desde as saudades de casa até ao temor. Sem importar qual o seu motivo, Paulo reputou-o inválido, mas Barnabé julgou-o pelo menos desculpável.

### **O padrão paulino**

Paulo adotou a estratégia de pregar nas principais cidades. Partindo desses epicentros, o evangelho reverberava por todas as aldeias e os interiores circunvizinhos. Paulo adotou, por igual modo, o padrão de pregar primeiro nas sinagogas judaicas (onde houvesse alguma), em qualquer localidade em que chegasse. Ele mantinha profundo interesse por seus compatriotas judeus. Na qualidade de povo do antigo pacto, cabia-lhes o direito de ouvir o evangelho em primeiro lugar. E as sinagogas eram os melhores lugares para alguém encontrar uma audiência preparada, porquanto era costume das sinagogas convidar visitantes qualificados, como era o caso de Paulo, para que usassem da palavra. Outrossim, entre os ouvintes das sinagogas havia sempre um avantajado número de prosélitos e homens piedosos gentios, além dos próprios judeus. Na verdade, Paulo usualmente obtinha grande êxito entre esses gentios, porquanto o interesse deles pelo judaísmo os havia preparado para a sua mensagem. Em resultado, os judeus incrédulos consideravam Paulo um intrujão, que procurava seduzir os gentios a fim de que passassem do judaísmo para o cristianismo, oferecendo-lhes a salvação sob condições mais suaves do que as da observância da lei de Moisés.

### **Antioquia da Psídia**

O sermão de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia (Essa Antioquia, menor e menos importante que a da Síria, ficava perto das fronteiras da Psídia, embora não exatamente na Psídia. Todavia, tornou-se conhecida como Antioquia da Psídia.) passou em revista a história de Israel, com o intuito de proclamar as boas novas de que a história e a profecia do Antigo Testamento tinham achado cumprimento em Jesus Cristo. O apóstolo Paulo fazia soar a nota da



Antioquia da Psídia recebia seu suprimento de água por meio deste antigo aqueduto.

justificação mediante a fé em Cristo, à parte da obediência meritória à legislação mosaica. Essa é uma das teses familiares de suas epístolas. E assim, quando os judeus daquela cidade retornaram à sua sinagoga, no sábado seguinte, encontraram multidões de gentios que ocupavam seus assentos e que aguardavam ansiosamente que Paulo lhes dirigisse outro sermão. Indignados, os judeus instigaram a perseguição, e Paulo e Barnabé partiram dali, após terem ministrado aos gentios às carreiras. Isso, por semelhante modo, também se tornou habitual: pregação nas sinagogas - sucesso entre os prosélitos e homens piedosos entre os gentios - hostilidades por parte dos judeus retirada da sinagoga - posterior ministério bem sucedido entre os gentios - perseguição - fuga.

### **A questão legal**

A perseguição quase sempre partia de fontes judaicas, e não romanas, pelo menos durante aquele período inicial. Pois o governo romano continuava reputando o cristianismo como um ramo lateral do judaísmo, e, portanto, como uma *religio licita* (religião legal). A norma política de Roma era conceder liberdade a todas as religiões existentes no império, mas interditar novas religiões, por temer agitações sociais, provocadas por essas invasões religiosas. Somente já em data posterior, quando os romanos perceberam que o cristianismo era distinto do judaísmo, é que interditaram o cristianismo como *religio illicita*.

### **Listra e retorno**

Os habitantes de Listra confundiram Barnabé e Paulo com as divindades gregas Zeus e Hermes, respectivamente. Quando Paulo e Barnabé se recusaram a deixar-se adorar, a reação adversa das multidões volúveis resultou no apedrejamento de Paulo, o qual por pouco escapou da morte. Na viagem de retorno de Derbe, passando por Listra, Icônio e Antioquia da Psídia, Paulo e Barnabé evitaram pregar publicamente (pois ainda bem recentemente haviam sido expulsos daquelas cidades), mas

O local de Derbe, hoje em dia, é este cômodo habitacional de dimensões médias.



preocuparam-se em fortalecer aos crentes e a organizar igrejas locais, mediante a eleição de anciãos encarregados das mesmas. Dessa forma, pois, as igrejas locais foram organizadas ao molde de sinagogas, cada uma das quais contava com uma "junta de anciãos". A caminho de volta através de Perge, Paulo e Barnabé pregaram ali, pois aparentemente tinham feito uma passagem por demais rápida por ali, da primeira vez.

### **A controvérsia judaizante**

No relatório que apresentaram à igreja pátria de Antioquia da Síria, Paulo e Barnabé ressaltaram a bem sucedida evangelização dos gentios. Isso arma o palco para a disputa historiada no décimo quinto capítulo de Atos, sobre a situação dos crentes gentílicos. Até este ponto, Lucas vinha exibindo o desdobramento do plano divino de entregar o evangelho tanto a gentios quanto a judeus. O capítulo 15 de Atos mostra-nos como o problema dos crentes gentios provocou a separação cristã do redil do judaísmo, como uma religião nova e separada, contra todos os esforços dos judaizantes. Os judaizantes eram cristãos judeus (e seus seguidores gentios) que ensinavam que os crentes gentios precisavam ser circuncidados e precisavam prometer observar a lei mosaica, ou seja, era mister que entrassem na Igreja do mesmo modo que os gentios prosélitos eram acolhidos no judaísmo. Paulo e Barnabé discordavam disso. E a igreja de Antioquia entregou o problema à apreciação da igreja de Jerusalém. *Ler Atos 15:1.-35.*

## **O concílio de Jerusalém**

Com o apoio outorgado pelos líderes Pedro e Tiago, meio-irmão de Jesus, o parecer da influente igreja mãe de Jerusalém favorecia a idéia da isenção dos crentes gentios quanto aos preceitos da lei mosaica, apesar de exortá-los a evitar as práticas que ofenderiam desnecessariamente aos judeus: a ingestão de carne que fora dedicada a algum ídolo, antes de ser posta à venda; o consumo de carne de animais mortos por sufocação; o comer carne que ainda contivesse o sangue do animal morto; e, finalmente, a "fornicação", ou seja, a imoralidade de modo geral, embora talvez encontramos aqui um termo técnico que indicava o incesto (casamento com parentes mais próximos do que aqueles permitidos no décimo oitavo capítulo de Levítico). A igreja de Jerusalém enviou a dois dentre seu próprio número, Judas (Barsabás) e Silas, em companhia de Paulo e Barnabé, a fim de confirmarem, na presença dos cristãos de Antioquia da Síria, que Paulo e Barnabé não estavam apresentando um relatório falso, que favorecesse a sua posição. Quanto à natureza crucial da controvérsia judaizante, vide ainda a discussão a respeito, na epístola aos Gálatas, às págs. 285 s.

## **Segunda viagem missionária de Paulo**

*Ler Atos 15:36 - 18.22*, seguindo os movimentos constantes no mapa (pág. 229). A despeito do fato que Paulo se recusou a levar novamente a João Marcos em sua companhia, e apesar da separação resultante entre Paulo e Barnabé, mais tarde Marcos figura como um dos companheiros de Paulo, em Roma (Colossenses 4:10 e Filemom 24), tendo merecido um comentário favorável da parte de Paulo (vide II Timóteo 4:11).

## **Silas**

Silas, o companheiro selecionado por Paulo, era proveniente da igreja de Jerusalém. Era vantajoso para Paulo contar com alguém vindo dali, o qual pudesse refutar os judaizantes ao afirmarem-se representantes da igreja mãe. No relato acerca do encarceramento de Paulo e Silas, em Filipos, chega-se a ter a impressão de que Silas também era cidadão romano.

## **Timóteo**

Em Listra, Paulo passou a contar com um outro companheiro, Timóteo. Aos olhos dos gentios, Timóteo era judeu porque sua mãe o criara no judaísmo. Aos olhos dos judeus, o fato que Timóteo era o filho incircunciso de um pai gentio, fazia dele um gentio. A fim de regularizar a situação de Timóteo e para evitar escândalo desnecessário para os judeus, aos quais desejava evangelizar, Paulo ordenou a circuncisão de Timóteo. Porém, a fim de evitar a impressão resultante de que o apóstolo estava recuando, diante da controvérsia judaizante, Lucas apressa-se a ressaltar que Paulo ia entregando a decisão anti-judaizante, ditada pelo concílio de Jerusalém, por todas as igrejas cristãs por onde passava.

## **O homem da Macedônia**

Alguns estudiosos têm identificado o homem da Macedônia, da visão de Paulo, com Lucas. Mas isso é improvável, pois Lucas usa a primeira pessoa do plural, "nós", ao narrar a partida de Trôade para a Macedônia; não obstante, o homem da Macedônia clamara do outro lado do estreito de Dardanelos, "Passa à Macedônia. . ."

## **Filipos**

Filipos era uma cidade pertencente ao primeiro dos quatro distritos administrativos da Macedônia. Antônio e Otávio (mais tarde intitulado Augusto) fizeram fixar residência em Filipos um certo número de veteranos do exército romano, transformando a cidade em colônia romana, após a vitória que obtiveram, em 42 A. C., sobre Bruto e Cássio, assassinos de Júlio César. Otávio estabeleceu maior número ainda de colonos, em Filipos, depois de haver derrotado a Antônio e Cleópatra, em Ácio (31 a.C.). Os judeus da cidade dispunham apenas de um lugar de oração à beira do rio, evidentemente porque o seu número exíguo não provia os necessários dez homens adultos

para que fosse estabelecida uma sinagoga. (Alternativamente, "lugar de oração" é expressão sinônima de "sinagoga")

Em Filipos, a acusação assacada pelos proprietários da jovem escrava pitonisa escorou-se em preconceitos anti-semitas, ao ressaltar que Paulo e Silas eram judeus e ao asseverar, mentirosamente, que advogavam práticas contrárias às leis e aos costumes dos romanos. Dessa forma, foram lançados no cárcere.



*Filipos, vista aeral do teatro que data do século IV A.C*

### **O carcereiro**

O carcereiro tinha a responsabilidade de apresentar seus prisioneiros em qualquer ocasião, sob pena de morte. E essa foi a razão de seu quase suicídio, ao imaginar que os prisioneiros teriam fugido, em resultado do terremoto. Provavelmente, os supersticiosos prisioneiros ficaram assustados diante dos cânticos estranhamente jubilosos de Paulo e Silas, no cárcere, aos quais se seguiu o terremoto; e assim puderam ser facilmente persuadidos por Paulo e Silas de que não deveriam escapar. Era algo perfeitamente legítimo para o carcereiro o entreter a Paulo e Silas em sua própria casa, contanto que os apresentasse, se fosse solicitado a fazê-lo. O batismo dos familiares do carcereiro levanta a possibilidade de ter havido batismo de infantes naquela ocasião. Mas, contrariamente à suposição, temos o argumento de que a crença em Cristo foi requerida, da parte dos membros da família, antes de receberem o batismo.

Visto que uma das chamadas seção "nós" termina quando se chega ao final da narrativa sobre os acontecimentos em Filipos, mas é ela reiniciada no ponto em que se narra o retorno de Paulo a Filipos, em data posterior, conclui-se que Lucas deve ter permanecido em Filipos, talvez como pastor ou evangelista.

*Atenas com uma vista geral da Propiléia, a entrada para a Acrópole.*

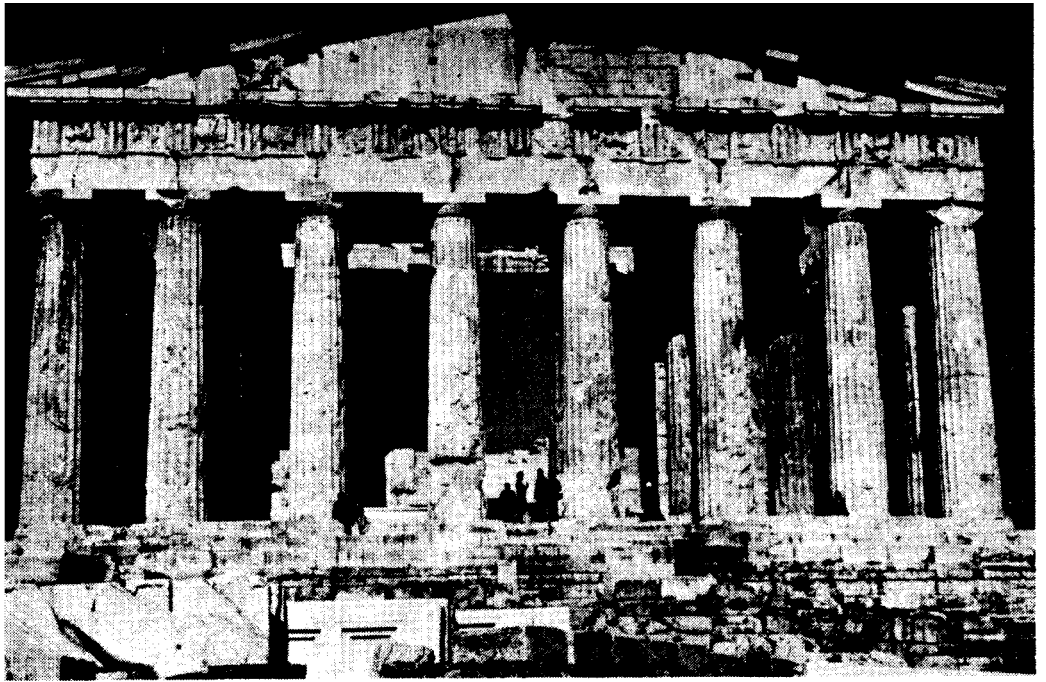


### **Tessalônica, Beréia, Atenas**

Os judeus incrédulos de Tessalônica se mostraram especialmente hostis. Não somente expulsaram a Paulo da cidade, mas igualmente



viajaram até Beréia, a fim de repetir os seus atos. Em Atenas, aqueles que ouviram os sermões de Paulo chegaram a pensar que Jesus e "ressurreição" fossem duas divindades com as quais não estavam familiarizados. (Talvez tenham confundido o nome Jesus com a palavra grega parecida que significa "cura", tendo assim entendido que Paulo se referia aos deuses da cura e da ressurreição.) Paulo foi forçado a expor a sua doutrina defronte do Areópago, o conselho da cidade de Atenas, que licenciava mestres.



O Paternon, na Acrópole de Atenas.

Durante aquele período da história, esse conselho se reunia na colina de Marte somente em casos de homicídio, pelo que o título que aparece em algumas versões, "Sermão de Paulo na Colina de Marte", provavelmente é uma designação incorreta. Alguns atenienses zombaram da idéia de ressurreição dentre os mortos. A mais reluzente esperança dos gregos era a imortalidade da alma, mas mesmo quanto a isso se mostravam em grande parte céticos. É duvidoso que eles se inclinassem por crer na ressurreição do corpo, porquanto para eles o corpo serviria de entrave para a alma. (Vide J. B. Skemp, *The Greeks and the Gospel* (Londres: Carey Kingsgate, 1964), págs. 78-89, quanto a um bem equilibrado estudo sobre conceitos gregos.) No entanto, segundo os conceitos bíblicos, Deus criou assim o corpo como a alma. Esses dois se completam - o que explica o caráter sagrado do corpo e sua ressurreição por vir.

### **Corinto; Priscila e Áqüila**

Corinto era uma cidade portuária famosa por sua devassidão. "Agir como um coríntio" era o mesmo que praticar imoralidades. "Moça de Corinto" equivalia a "meretriz". Contando com poucos recursos financeiros quando chegou em Corinto, Paulo pôs-se a fabricar tendas, em sociedade com colegas judeus, Áqüila e Priscila. Visto que Lucas não menciona a conversão deles, sem dúvida já eram cristãos quando



O Templo de Apolo, em Corinto, pertencente à ordem arquitetural dórica, foi construído pelos meados do século V A.C.

conheceram a Paulo. Em cerca de 49 ou 50 D. C., o imperador Cláudio expulsara a eles e outros judeus da cidade de Roma, devido a agitações havidas na colônia judaica dali, devido a "Chrestus", o que sem dúvida foram querelas entre judeus, por motivo da prédica cristã sobre "Christus" (forma latina de Cristo, mas mal soletrada como "Chrestus"). (Suetônio, Cláudio xxv.4, citado em C. K. Barrett, *The*

New Testament Background, Págs 14,15. Suetônio parecia pensar que o próprio Cresto teria instigado o levante. Porém, tendo escrito setenta anos depois dos acontecimentos, provavelmente ele confundiu a pregação sobre Cristo com a pregação (ou as arruaças) feita por Cristo. Chrestus (no latim) e Chrêstos (no grego) era nome muito comum dado a escravos, pois tinha o sentido de "útil" pelo que é fácil compreendermos a má soletração, em lugar de Christus.)

## Gálio

Em Corinto, a decisão de Gálio que permitiu a evangelização cristã se revestiu de tremenda importância. Decisões adversas, baixadas por magistrados civis, só tinham legalidade nas cidades onde fossem decretadas. E uma decisão adversa, da parte do governador de uma província, como Gálio, teria proibido o testemunho cristão por toda uma província, e, pior ainda, teria estabelecido um precedente que poderia ser seguido por outros governadores da província por todo o império romano. Os judeus tentaram persuadir a Gálio que o cristianismo era contrário ao judaísmo, e, por isso mesmo, que era uma religião nova, e, por conseguinte, ilegal. Sem embargo, Gálio recusou-se a tratar da questão, como caso típico de disputa intestina do judaísmo. E quando os judeus iam deixando o tribunal, o grupo de gentios circunstantes tirou vantagem do pouco caso feito por Gálio aos judeus, espancando o chefe da sinagoga, Sóstenes, em uma demonstração anti-semita. (Outros pensam que os judeus espancaram seu próprio líder, por não ter sido bastante vigoroso na acusação contra Paulo. Mas essa opinião é duvidosa.) Gálio com nada disso se importou. De acordo com uma inscrição latina, encontrada em Delfos, na Grécia, o período em que Gálio serviu como procônsul foi mais ou menos de 51 a 53 D. C. Paulo rapou a cabeça em Cencréia, pouco antes de sua viagem de volta, a fim de assinalar o fim de um voto de nazireado que, ao que parece, ele impusera a si mesmo em Corinto. Vide Números 6:1-21.

## Terceira viagem missionária de Paulo

*Ler Atos 18:23 - 19:41*, seguindo os movimentos no mapa (pág. 252). O circuito da terceira viagem missionária de Paulo começou, uma vez mais em Antioquia da Síria. Exatamente como fizera durante a segunda viagem missionária, Paulo revisitou, antes de mais nada, a Galácia e a Frígia, regiões onde estavam localizadas cidades como Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia.

## Apolo

A fim de preparar os leitores para o relato do ministério de Paulo em Éfeso, Lucas insere um parágrafo a respeito da pregação de Apolo em Éfeso (vide Atos 18:24-28). Esse eloqüente judeu alexandrino pregava a Jesus, mas conhecia apenas o batismo de João Batista, o batismo condicionado ao arrependimento.

Noutras palavras, Apolo não batizava os seus convertidos em nome de Jesus. E depois que Priscila e Áqüila informaram-no melhor sobre a doutrina e a prática cristã, Apolo se dirigiu para Acaia (Grécia).



*A Via Arcadiana de Éfeso levava da cidade ao porto. A rua era ladeada por colunas, lojas e edifícios públicos.*

## Éfeso

Finalmente, Paulo conseguiu cumprir seu antigo desejo

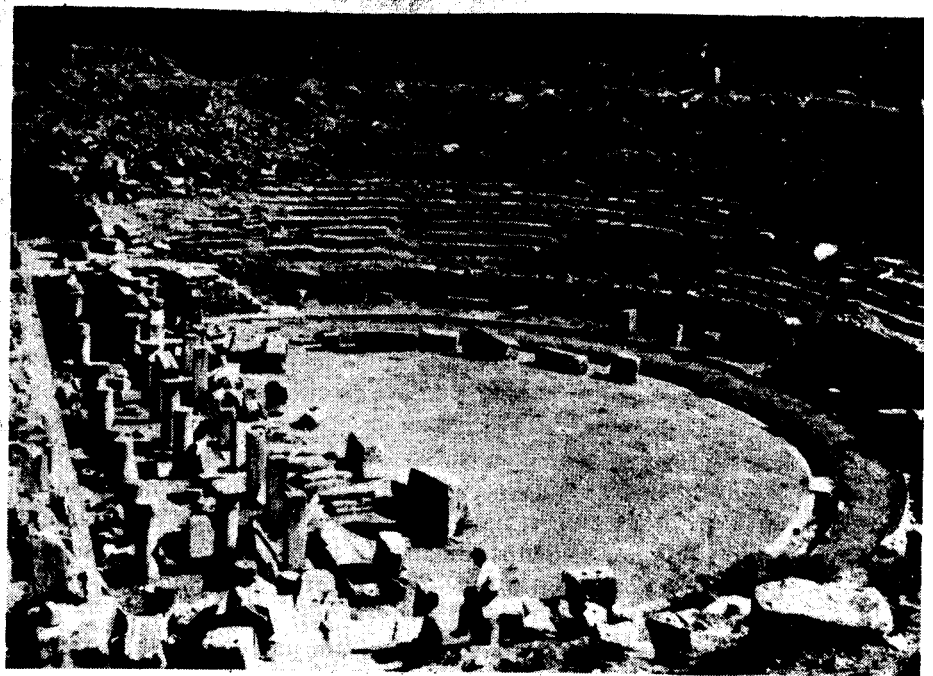
de evangelizar a importante cidade de Éfeso. Ali ele conheceu alguns discípulos que, à semelhança de Apolo, conheciam apenas o batismo de João. Provavelmente eram convertidos de Apolo. E aqueles discípulos também não sabiam que Deus vinha outorgando o Espírito Santo a todos os crentes, desde o dia de Pentecoste. Tendo esclarecido mais detalhadamente o evangelho, Paulo rebatizou aqueles discípulos. Por Sua vez, Deus outorgou a eles o Espírito Santo, evidenciado pelo falar em línguas. É digno de nota que as quatro ocasiões, no livro de Atos, em que o Espírito Santo foi concedido de maneira espetacular, isso teve a ver com a entrada de diferentes grupos na Igreja: os crentes judeus originais (capítulo 2), os samaritanos (capítulo 8), os gentios (capítulo 10) e os discípulos parcialmente instruídos de Éfeso (capítulo dezenove). E Deus indicou a Sua aprovação a cada um desses grupos mediante manifestação especial do Seu Espírito.

De conformidade com uma antiga tradição, Paulo se utilizava da escola de Tirano das onze horas da manhã às quatro horas da tarde. Talvez Paulo gastasse suas manhãs fabricando tendas, e as suas tardes ensinando pessoas suficientemente interessadas no evangelho para se olvidarem de seu período de sesta do meio-dia.

O exorcista judeu Ceva era "sumo sacerdote" (19:14) somente por sua própria aclamação. Os judeus eram altamente considerados como exorcistas, porque se pensava que somente eles eram capazes de pronunciar corretamente o potente nome de Yahweh, e o sucesso na expulsão de demônios supostamente dependia em larga escala da correta pronúncia da fórmula apropriada. Os sete filhos de Ceva, aprendizes da arte do exorcismo, procuraram usar o nome de "Jesus", mas descobriram que os resultados eram um tanto desconcertantes, pois o autêntico exorcismo cristão não depende da recitação de nomes mágicos. E quando os convertidos de Éfeso lançaram no fogo os seus compêndios de mágicas, eles divulgaram as fórmulas mágicas. Tais fórmulas tornaram-se então inúteis para os pagãos, pois estes acreditavam que o segredo também era necessário para a eficácia dos encantamentos mágicos. (Comparar com o Papiro Mágico de Paris, citado em C. K. Barrett, *The New Testament Background*, págs. 31-35.)

### Agitação popular

Na narrativa acerca de Demétrio e os ourives, Diana era uma deusa local da fertilidade, que fora identificada com a divindade grega Artemis (nossa versão portuguesa dá o nome romano: Diana). Sua imagem, no templo de Éfeso, aparentemente era um meteorito que os efésios imaginavam assemelhar-se a uma mulher com muitos seios. O próprio templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo, tinha uma área de quase três mil metros quadrados. Quando a turbamulta encheu o anfiteatro, que acomodava cerca de vinte e cinco mil pessoas, os judeus não-cristãos temeram que



Teatro Romano em Éfeso, onde ocorreu o levante registrado em Atos 20. Construído no século I D.C., o teatro abrigava 25 mil pessoas sentadas.

à associação com os cristãos, porquanto os judeus também pregavam contra a idolatria. Assim sendo, instigaram um homem de nome Alexandre para que esclarecesse à multidão que os judeus nada tinham a ver com os cristãos. Mas a voz de Alexandre não era páreo para o rugido da turba. Somente quando o escrivão da cidade os acalmou, advertindo que a perturbação civil poderia provocar a perda das liberdades cívicas é que a assembléia raivosa se dispersou.

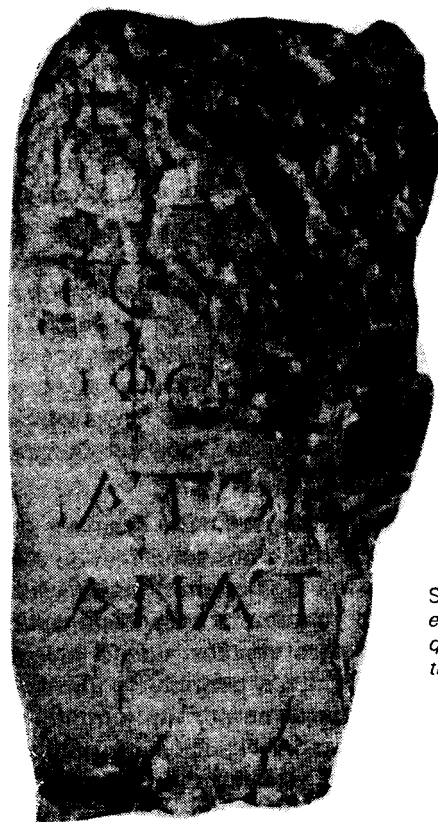
## Viagem a Jerusalém

Ler *Atos 20:1-21:16* em conjunção como mapa (vide pág. 252). Após dois anos e três meses em Éfeso, Paulo viajou para a Macedônia e a Acaia, ao mesmo tempo que recolhia a oferta para a igreja de Jerusalém, ao passo que avançava. Tencionava ele ir a Roma, após fazer a entrega da oferta em Jerusalém. Foi efetivamente a Roma, mas sob circunstâncias bem diferentes daquelas que havia concebido; pois chegou ali em cadeias, como um prisioneiro. Entrementes, aparentemente ele planejava embarcar em um navio de peregrinos judeus, da Grécia à Palestina, para participar da festa da Páscoa, que se aproximava. Os judeus, entretanto, conspiraram por livrar-se dele durante a viagem. Alterando seus planos, ele voltou a cruzar a Macedônia. A caminho pela costa ocidental da Ásia Menor, na direção sul, ele se despediu dos anciãos de Éfeso, que vieram encontrar-se com ele em Mileto. Ao mesmo tempo que prosseguia a sua jornada na direção de Jerusalém, repetidas advertências foram sendo dadas, de que ele seria detido e perseguido ali. É motivo de debates se essas advertências tinham o intuito divino de impedi-lo de ir a Jerusalém, se ele estava laborando em erro, ao insistir na viagem, e se a sua participação em sacrifícios judaicos, após sua chegada em Jerusalém, seria coerente com a sua teologia.

## Detenção de Paulo em Jerusalém

De acordo com os rumores, Paulo não somente ensinara aos gentios cristãos que não eram obrigados a observar a lei do Antigo Testamento; também encorajara aos crentes judeus a não circuncidarem a seus filhos e nem guardarem a lei. Quando da chegada de Paulo a Jerusalém, quatro cristãos judeus haviam contraído impureza cerimonial, durante o período de um voto temporário de nazireado, e agora passavam por um período de sete dias de purificação (vide Números 6:9-11). De conformidade com a lei mosaica, aqueles homens deveriam rapar a cabeça ao sétimo dia e deveriam trazer ofertas ao oitavo dia, antes de poderem dar reinício a seu voto de nazireado. Visto que a semana de purificação estava prestes a completar-se, os anciãos da igreja de Jerusalém sugeriram a Paulo que se unisse àqueles homens na observância dos ritos de purificação e que pagasse as despesas das ofertas deles, a fim de demonstrar que não era contra a lei mosaica como tal. E Paulo concordou.

Certos judeus vindos da Ásia Menor, no entanto, já tinham visto que, em companhia de Paulo, em Jerusalém, havia um colega gentio de nome Trófimo, um efésio. Equivocadamente, pensaram que Paulo teria feito seu companheiro gentio penetrar nos átrios do templo onde só judeus tinham permissão de tanto. Aos gentios era proibido entrar nos átrios mais interiores do templo, sob pena de morte, mesmo no caso de cidadãos romanos. Os clamores daqueles judeus provocaram grande agitação, e os soldados do tribuno romano Cláudio Lísias tiveram de vir socorrer a Paulo. A fortaleza de Antônia, para onde Paulo foi conduzido, ficava a noroeste do recinto fechado do templo. A cidadela era guarnecida por soldados romanos, e um duplo lance de escadas ligava a mesma com o átrio mais exterior do templo. Ler *Atos 21:17 - 23:35*.



Segmento da Inscrição existente no templo de Herodes que proibia a entrada dos gentios no átrio interior do templo.

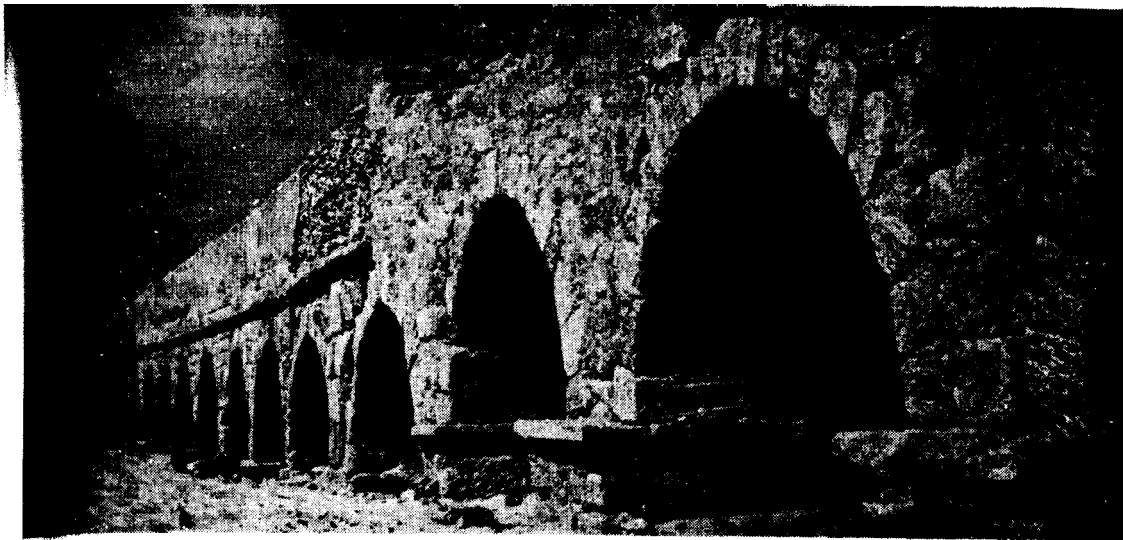
Três anos antes desse incidente, um judeu egípcio apareceu em Jerusalém, declarando-se profeta. Ele conduziu um numeroso grupo de pessoas até ao monte das Oliveiras e determinou que esperassem até que as muralhas de Jerusalém desabassem por ordem sua. Em seguida, entrariam

marchando na cidade e desbaratariam a guarnição militar romana. Mas o governador Félix enviou tropas, matou a diversos judeus e encarcerou a outros. Não obstante, o judeu egípcio conseguiu escapar. A princípio, Cláudio Lísias pensou que Paulo pudesse ser o mesmo impostor, contra quem os judeus agora procuravam tirar vingança, por havê-los iludido.

Em sua defesa perante o populacho judaico, Paulo salientou quão bom judeu ele era e quão devoto judeu era Ananias, o cristão que o ajudara em Damasco. Também ressaltou a miraculosa visão de Cristo, por ele recebida na estrada de Damasco. Os judeus continuaram a ouvi-lo até que ele disse que Deus lhe ordenara ir pregar aos gentios. Incapazes de tolerar o pró-gentilismo, os judeus clamaram exigindo o sangue de Paulo, tal e qual haviam exigido a morte de Jesus.

### **Jornada a Cesaréia**

A fim de determinar a razão do levante, Cláudio Lísias conduziu Paulo à presença do Sinédrio; mas a sessão terminou em confusão. Quando o jovem sobrinho de Paulo ouviu falar que uma emboscada cujo intuito era assassinar a Paulo, quando estivesse este sendo retirado de lugar para lugar,



Este aqueduto de construção romana, próximo de Cesaréia, trazia água vinda do norte para a cidade.

dentro da cidade, foi informar a Cláudio Lísias. Imediatamente o tribuno enviou Paulo para Cesaréia, sob a cobertura da noite, escoltado por um numeroso contingente de soldados, encarregados de protegê-lo. De conformidade com a carta que escreveu ao governador Félix, que se achava em Cesaréia, Cláudio Lísias teria socorrido a Paulo ao descobrir ser ele um cidadão romano. Na verdade, ele só descobrira a cidadania romana de Paulo quando o apóstolo estava prestes a ser açoitado, (Os açoites eram aplicados com o *flagellum* (latim), tiras de couro ligadas a um cabo de madeira e dotadas de pedacinhos de osso e metal cortantes. As vítimas quase sempre morriam sob o castigo.) e isso com o propósito de extrair dele alguma informação, o que era um procedimento ilegal contra um cidadão romano não-condenado.

### **Cidadania romana**

O diálogo que houve entre Paulo e Cláudio Lísias (vide 22:27-29) revela que Paulo era cidadão romano por nascimento, e que Cláudio Lísias havia adquirido a dinheiro a sua própria cidadania, "me custou grande soma de dinheiro", o que pode ter sido um suborno. A cidadania de Paulo por direito de nascimento era superior em ordem de escala. Os nomes dos cidadãos estavam registrados em Roma e nos locais de suas residências respectivas. Os cidadãos propriamente dito possuíam certificados de cera, de madeira ou de metal, com os nomes de testemunhas do fato. A execução era a penalidade imposta por falsa reivindicação de cidadania. Se um cidadão não levava consigo o seu certificado, ou se este fosse suspeito de contrafação, as autoridades podiam então pedir que ele apresentasse as suas testemunhas. Quiçá essa tenha sido uma das razões por que Paulo, que viajava constantemente e até lugares distantes, não apelou com maior freqüência para a sua cidadania romana. (Vide ainda H. J. Cadbury, *The Book of Acts in History* (Nova Iorque: Harper, 1955), págs. 67 ss.; A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (Oxford; Clarendon, 1963), págs. 144-171.)

### **Perante Félix**

Um homem de nome Tértulo atuou como promotor, em favor dos judeus, ao assacar acusações contra Paulo, em Cesaréia. As suas palavras lisonjeiras para com o governador Félix e a promessa de que seria breve, fizeram parte da forma tradicional de iniciar discursos. A acusação feita contra Paulo é que ele vivia perturbando a paz. A perturbação da paz era um crime elasticamente definido, que os imperadores tirânicos costumavam usar como arma de terrorismo político. Quase qualquer coisa podia ser colocado dentro dessa categoria. Em sua réplica, Paulo asseverou que em parte alguma fizera agitação entre o povo. De fato, ele viera a Jerusalém não no espírito de contenção, mas trouxera uma oferta para ajudar a judeus residentes em Jerusalém. E observou enfaticamente que os judeus da Ásia Menor, que tinham provocado a bulha e que o haviam acusado originalmente, não tinham comparecido em tribunal para depor contra ele.

Em seguida, Paulo argumentou que o cristianismo não era antagônico ao judaísmo, e, sim, um cumprimento de princípios mais profundos do judaísmo. E perante o Sinédrio, em Jerusalém, o seu único "crime", do qual possivelmente poderia ser acusado, fora a sua declaração de fé na ressurreição. Até a facção farisaica do Sinédrio tinha dado apoio à posição paulina, embora, naturalmente, não acreditassem na ressurreição de Jesus, conforme Paulo cria. Em todas as suas apologias, registradas na porção final do livro de Atos, Paulo pôs em destaque a ressurreição como um elemento crucial da fé cristã e como terreno comum entre o cristianismo e o judaísmo ortodoxo (apesar do fato que os saduceus negavam essa doutrina). Vide Atos 24:15 e 26:8,22,23. Adiando uma decisão imediata a respeito de Paulo, Félix conservou-o sob custódia mas ouviu-o novamente, em particular, em companhia de Drusila. *Ler Atos 24.*

### **Perante Félix e Drusila**

Drusila era uma jovem noiva que nem chegara ainda aos vinte anos de idade. Quando ainda bem criança, fora prometida em casamento a um príncipe da Ásia Menor, presuntivo ao trono daquele país; mas o casamento não tivera lugar porque o tal príncipe se recusara a adotar o judaísmo. Posteriormente, Drusila contraiu matrimônio com um rei vassalo de certo estado sírio. Quando ela tinha dezesseis anos de idade, entretanto, Félix, com a ajuda de um mágico de Chipre, conseguiu conquistá-la e afastá-la de seu marido, para tornar-se a sua terceira esposa. É perfeitamente compreensível, pois, que quando Paulo pôs-se a raciocinar, com Félix e Drusila, a respeito da justiça, do auto-controle e do julgamento futuro, Félix, que havia esperado uma discussão meramente abstrata sobre o cristianismo, julgou que o sermão era desconfortavelmente incisivo e pessoal. Deixou Paulo ir-se da presença deles, mas manteve Paulo sob custódia, na esperança de que Paulo ofereceria-lhe suborno, a fim de ser libertado. Todavia, a esperança de receber peitas da parte de Paulo não foi o único fator que impediu Félix de soltar ao apóstolo, apesar de estar convencido da inocência de Paulo. O fato que já ofendera aos judeus por certo número de vezes, e certas modificações administrativas no governo central de Roma, fizera a posição política de Félix, como governador, ser bastante precária. Não ousava ofender novamente aos judeus, dando liberdade a Paulo.

### **Perante Festo**

Um indivíduo de nome Festo, sucedeu a Félix na governança da província. Seu primeiro ato foi subir a Jerusalém a fim de travar conhecimento com os principais judeus, os membros do Sinédrio. Imediatamente eles renovaram as suas acusações contra Paulo, perante o novo governador; e solicitaram-lhe que transferisse Paulo para Jerusalém, a fim de ali ser levado a tribunal. Talvez estivessem planejando assassinar a Paulo no caminho, tal como já haviam conspirado antes. Mas, visto que Festo não tencionava permanecer por muito tempo em Jerusalém, sugeriu ele aos judeus que enviassem uma delegação de acusadores a Cesaréia. Mas Festo pouco se importava se esse julgamento teria lugar em Cesaréia ou em Jerusalém, porque o que lhe interessava era estabelecer relações amigáveis com os judeus. Ao retornar a Cesaréia, por conseguinte, sugeriu a Paulo que aceitasse ser julgado em Jerusalém.

Paulo, entretanto, talvez temesse ser assassinado no caminho. Ou talvez tivesse percebido que o Sinédrio convenceria a Festo, um novato em questões judaicas, de que eles é que deveriam ter jurisdição sobre Paulo. E poderiam respaldar à sua reivindicação argumentando que Paulo

supostamente teria cometido sacrilégio contra o templo, o tipo de crime por causa do qual os romanos com frequência cediam jurisdição aos judeus. E com facilidade o apóstolo poderia calcular o veredito, caso Festo o entregasse aos judeus para ser julgado. Qualquer que tenha sido o seu raciocínio, o fato é que Paulo exerceu o direito que tinha, na qualidade de cidadão romano, de apelar para César, em Roma, o tribunal superior. *Ler Atos 25 e 26.*

### **Perante Festo e Herodes Agripa II**

Herodes Agripa II era bisneto de Herodes o Grande e irmão de Drusila (esposa do ex-governador Félix), além de ser o rei de pequena região próxima do Líbano. Sua irmã mais jovem, Berenice, vivia com ele em Cesaréia de Filipe durante esse tempo. E quando Agripa veio fazer a Festo uma visita oficial de boas vindas, em honra à sua nova governança, Festo decidiu tirar vantagem da situação, fazendo Agripa, conhecedor que era das questões judaicas, ouvir a Paulo e ajudar a ele mesmo a preparar uma lista de acusações contra o apóstolo. E Festo haveria de enviar tal lista, juntamente com Paulo, quando este tivesse de comparecer perante César.

A fim de provar a realidade de sua visão transformadora, na estrada de Damasco, Paulo frisou o papel que desempenhara na sua perseguição contra os cristãos. Mas também sublinhou o fato que anteriormente fora um fariseu e que então já cria na ressurreição. Agora estava sendo ridiculamente acusado de crer e de pregar o cumprimento, em Jesus Cristo, da doutrina mesma na qual sempre crera como fariseu. E dentre todos os povos, eram exatamente os judeus, com a única exceção dos saduceus, que também acreditavam na ressurreição. Mas Festo, o juiz hospedeiro, interrompeu a defesa de Paulo com a acusação que ele perdera o juízo através do excessivo estudo. Paulo entretanto, apelou para Agripa, o juiz convidado, observando que as questões relativas aos judeus eram de conhecimento geral e indagando de Agripa se ele acreditava ou não nas profecias messiânicas.

O apelo de Paulo deixou Agripa embaraçado. Dificilmente ele poderia afirmar que concordava com Paulo, depois que seu hospedeiro, Festo, acabara de acusar o apóstolo de insanidade mental. Mas também não podia asseverar que não acreditava nos profetas, sem danificar sua reputação de ortodoxia entre os judeus. Astutamente, pois, ele indicou que uma maior persuasão que aquela seria necessária para fazer dele um cristão. O propósito de Lucas, ao relatar esse episódio, foi o de demonstrar que a opinião de Agripa, perito como era sobre as questões judaicas, concordava com as opiniões de Félix e de Festo, no sentido que Paulo não era culpado de qualquer crime real.

### **Viagem tempestuosa de Paulo a Roma**

*Ler Atos 27 e 28*, seguindo a viagem de Paulo, desde Cesaréia até Roma, no mapa (pág.253). O recolhimento do bote, durante a tempestade (vide 27:15-17) alude ao fato que um pequeno bote, que em bom tempo era rebocado atrás da embarcação maior, fora recolhido a bordo. Os marinheiros passaram cabos por baixo e em volta do navio, amarrando-os bem apertados, para impedir que as tábuas se desconjuntassem devido à inclinação do mastro. A referência ao arriar dos aparelhos provavelmente indica que retiraram as velas mais altas, as quais eram empregadas somente durante bom tempo. Mas as velas que podiam ser usadas em ocasiões tempestuosas continuaram enfunadas. Em seguida foi alijada a carga, e, finalmente, foram lançados ao mar todos os aparelhos restantes do navio. Durante todos os onze cansativos dias e noites, sem dúvida o navio ia fazendo água perigosamente. A única esperança é que viessem a dar em alguma praia, mas os marinheiros não sabiam em que direção deveriam dirigir o barco. As nuvens tempestuosas haviam encoberto o sol e as estrelas, e, naquela época não se tinha ainda inventado a bússola. O desespero se apossou daqueles que estavam a bordo. O enjôo do mar impedia-os de se alimentarem. Mas no fim, o propósito divino a respeito de Paulo resultou na segurança de todos.

### **Em Roma**

Perante os líderes judeus de Roma, Paulo deixou bem claro que ele estava ali em pura auto-defesa. Não era intenção sua acusar a nação judaica e nem os seus líderes. Os judeus de Roma negaram ter qualquer conhecimento de Paulo ou ter algum conhecimento direto do movimento cristão, apesar de admitirem que tinham ouvido relatos negativos a respeito da reputação desse

movimento. O mais provável, entretanto, é que notícias atinentes a Paulo já tivessem chegado até aos judeus de Roma. E não se pode duvidar que estes já tivessem entrado em contato com cristãos de Roma, porque a igreja cristã dali já se achava fortemente estabelecida. Ao que parece, os representantes da comunidade judaica não-cristã



*A Via Ápia, ao sul de Roma.*

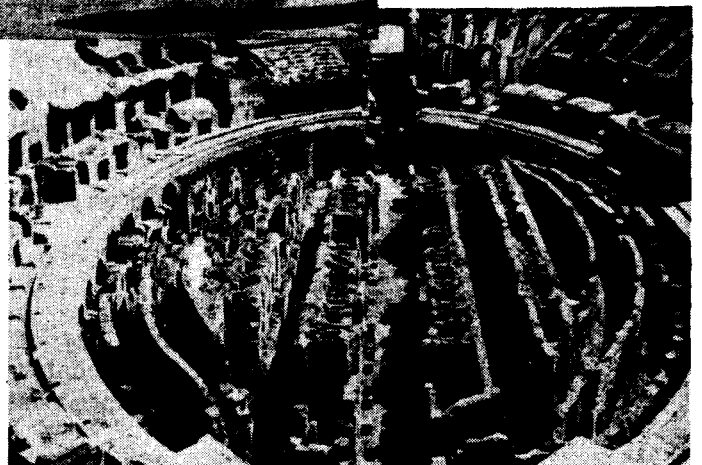
de Roma estavam fingindo ignorância. Algum tempo depois, em dia adredemente marcado, um grande número de judeus veio ouvir Paulo explicar-lhes o evangelho. Alguns lhe deram crédito, mas a maioria o repeliu. Como já era de hábito, Paulo voltou sua atenção para a evangelização dos gentios.

A demora de pelo menos dois anos, para que Paulo fosse julgado, pode ter-se devido a um ou mais dentre diversos fatores: (1) a necessidade de seus acusadores virem desde a Palestina; (2) a destruição, durante o naufrágio, da documentação que fora preparada por Festo a respeito das acusações feitas contra Paulo, com a conseqüente necessidade de serem enviadas duplicatas desde Cesaréia; e (3) o atraso em que se encontrava a agenda forense de Nero, por causa do enorme número de casos que ele precisava julgar.

Durante esse período de adiamento, Paulo desfrutou de considerável liberdade como prisioneiro. Embora constantemente agrilhado a um soldado romano e confinado à casa que alugara, Paulo podia receber visitantes e qualquer outra espécie de atenção proveniente de seus amigos. A razão para essa lassidão é que ele era cidadão romano contra quem nenhuma acusação fora ainda comprovada. E Paulo aproveitava sua semi-liberdade para pregar. Lucas queria que os seus leitores notassem o fato que mesmo em Roma, a capital do império, o



*O Coliseu de Roma, vista externa (acima) e uma vista interior (abaixo). Foi completado no período de governo de Tito.*





evangelho não fora proibido como religião ilegal. Dessa maneira, portanto, Lucas traçou a marcha triunfal do evangelho, de Jerusalém a Roma.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE ATOS

Tema: o irresistível avanço do evangelho de Jerusalém a Roma

### I. ATOS DO ESPÍRITO DE CRISTO EM JERUSALÉM E CERCANIA (1:1 - 12:25)

#### A. Em Jerusalém (1:1 - 8:3)

1. Ministério pós-ressurreição e ascensão de Jesus (1:1-11)
2. Substituição de Judas Iscariotes por Matias (1:12-26)
3. O dia de Pentecoste: o derramamento do Espírito Santo, o falar em línguas, o sermão de Pedro, as conversões em massa e o companheirismo cristão (2:1-47)
4. A cura do aleijado e o sermão de Pedro (3:1-26)
5. Aprisionamento e soltura de Pedro e João (4:1-31)
6. Comunhão de bens na igreja de Jerusalém e a morte de Ananias e Safira (4:32 - 5:11)
7. Milagres, conversões e aprisionamento e soltura dos apóstolos (5:12-42)
8. A disputa por causa de rações e a escolha dos sete "diáconos" (6:1-7)
9. Sermão e martírio de Estêvão, e a perseguição geral que se seguiu (6:8 8:3)

#### B. Em redor de Jerusalém (principalmente) (8:4 - 12:25)

1. Evangelização de Samaria por Filipe, os samaritanos recebem o Espírito, e o relato sobre Simão, o mágico (8:4-25)
2. Conversão do etíope eunuco, sob Filipe (8:26-40)
3. A conversão de Saulo-Paulo, sua pregação e fuga de Damasco, seu retorno a Jerusalém e fuga para Tarso (9:1-31)
4. Pedro cura a Enéias e ressuscita a Tabita (9:32-43)
5. Salvação de Cornélio e sua família gentílica, incluindo a visão de Pedro sobre um lençol e o seu sermão sobre o recebimento do Espírito pelos gentios (10:1 - I 1:18)
6. Propagação do evangelho até Antioquia da Síria (11:19-26)
7. Barnabé e Saulo-Paulo trazem víveres de Antioquia a Jerusalém, para aliviar a fome (11:27-30)
8. Herodes Agripa I executa a Tiago, o apóstolo, e encarcera a Pedro; a miraculosa libertação deste e a morte de Herodes (12:1-25)

### II. ATOS DO ESPÍRITO DE CRISTO, MEDIANTE PAULO, EM LUGARES DISTANTES (13:1 - 28:31)

#### A. Primeira viagem missionária (13:1 - 14:28)

1. Partida de Antioquia da Síria (13:1-3)
2. Chipre: Elimas e sua cegueira temporária e a conversão de Sérgio Paulo (13:4-12)
3. Perge: João Marcos retorna (13:13)
4. Antioquia da Pisídia: sermão de Paulo na sinagoga (13:14-52)
5. Icônio, Listra e Derbe: cura de um aleijado, Barnabé e Paulo são adorados como Zeus e Hermes, e apedrejamento de Paulo, em Listra (14:1-18)
6. Regresso a Antioquia da Síria, com pregação em Perge (14:19-28)

#### B. A controvérsia judaizante (15:1-35)

1. Debates em Antioquia da Síria (15:1,2)
2. O concílio de Jerusalém: a decisão em prol da liberdade gentílica da lei mosaica (15:3-35)

#### C. Segunda viagem missionária (15:36 - 18:21)

1. Disputa com Barnabé por causa de João Marcos e a partida de Antioquia da Síria em companhia de Silas (15:36-41)
2. Jornada pelo sul da Galácia: a escolha de Timóteo (16:1-5)
3. Trôade: a visão do homem da Macedônia (16:5-10)
4. Filipos: conversão de Lídia, libertação da jovem escrava pitonisa, o encarceramento de Paulo e Silas, o terremoto e a conversão do carcereiro e sua família (16:11-40)
5. Tessalônica: os judeus atacam a casa de Jasom, hospedeiro de Paulo (17:19)
6. Beréia: averiguação da mensagem de Paulo, mediante o Antigo Testamento (17:10-15)

7. Atenas: sermão de Paulo diante do Areópago; mais comumente, colina de Marte (17:16-34)
8. Corinto: Paulo fabrica tendas com Áqüila e Priscila, decisão favorável do governador romano, Gálio, e o sucesso geral do evangelho (18:1-17)
9. Regresso a Antioquia da Síria através de Cencreia (18:18-21)
- D. Terceira viagem missionária (18:22 - 21:26)
  1. Jornada pela Galácia e Frigia (18:22,23)
  2. Ministério preparatório de Apolo, em Efeso (18:24-28)
  3. Éfeso: discípulos de João Batista recebem o batismo cristão, evangelização bem sucedida e levante encabeçado por Demétrio e os ourives (19:141)
  4. Jornada através da Macedônia até à Grécia, e daí de volta à Macedônia (20:1-5)
  5. Trôade: Êutico cai de uma janela, durante um sermão de Paulo (20:6-12)
  6. Jornada a Mileto e discurso de despedida de Paulo, perante os anciãos do Éfeso (20:13-38)
  7. Viagem até Cesaréia e predições de infortúnios de Paulo em Jerusalém (21:1-14)
  8. Viagem até Jerusalém (21:14-16)
- E. Acontecimentos em Jerusalém (21:17 - 23:35)
  - 1 Paulo faz votos judaicos (21:17-26)
  2. Agitação na área do templo, detenção de Paulo, sua defesa perante a multidão e diálogo com Cláudio Lisias (21:27 - 22:29)
  3. Defesa de Paulo perante o Sinédrio (22:30 - 23:11)
  4. Conspiração dos judeus contra Paulo e sua transferência para Cesaréia (23:12-35)
- F. Acontecimentos em Cesaréia (24:1 - 28:31)
  1. Julgamento de Paulo perante Félix (24:1-23)
  2. Audição particular de Paulo perante Félix e Drusila (24:24-27)
  3. Julgamento de Paulo perante Festo, e apelo a César (25:1-12)
  4. Audição de Paulo perante Festo e Herodes Agripa II (25:13 - 26.32)
- G. Viagem acidentada de Paulo a Roma, incluindo o naufrágio em Malta (27:1 - 28:16)
- H. Paulo prega a judeus e a gentios, em sua prisão domiciliar em Roma (28:17-31)

Para discussão posterior:

- Confronte as tensões e discórdias que surgiram na Igreja primitiva com aquelas da cristandade contemporânea, no tocante às suas origens, tipos e soluções experimentadas.
- Identifique as similaridades e diferenças entre a estrutura da Igreja primitiva e aquela da Igreja moderna. O que explica tais diferenças?
- Trace o desenvolvimento da Igreja, de um corpo tipicamente judaico a um corpo inter-racial e internacional. As igrejas evangélicas de hoje são realmente inter-raciais em seu caráter? A Igreja de hoje é realmente internacional?
- Os métodos correntes de evangelismo, empreendimento missionário e levantamento de igrejas seguem ou divergem dos métodos paulinos? e em quais sentidos?
- As atividades da Igreja de nossos dias não contam com evidências visíveis da presença do Espírito Santo, o que merece repetidas menções no livro de Atos?
- A Igreja retratada no livro de Atos seria considerada bem sucedida pelos padrões contemporâneos?

Para investigação posterior:

(Comentários sobre Atos e livros relacionados)

Blaiklock, E, M. The Acts of the Apostles. Grand Rapids: Eerdmans, 1959.

Bruce, F. F. Commentary on the Book of Acts. The international Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

Ramsay, Sir William M. St. Paul the Traveller and the Roman Citizen. 3ª edição. Grand Rapids: Baker, 1949.

- The Cities of St. Paul and their Influence on His Life and Thought. Grand Rapids: Baker, 1949.

Van Unnik, W.C.. Tarsus or Jerusalem, the City of Paul's Youth. Naperville, III.: Allenson, 1962.

(Livros sobre o empreendimento missionário cristão)

Cable, M., e F. French. Ambassadors for Christ. Chicago: Moody, n.d.

Allen, Roland. Missionary Methods: St. Paul's or Ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

- The Spontaneous Expansion of the Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

Lindsell, H. Missionary Principles and Practice. Westwood, Nova Jersey: Revell, 1955.

Cook, H. R. Strategy of Missions. Chicago: Moody, 1963.

Fife, E. S., e A. F. Glasser. Missions in Crisis. Chicago: Inter-Varsity, 1962.

The Church's Worldwide Mission. Editado por H. Lindsell. Waco, Texas: Word Books, 1966.

Mason, David. Reaching the Silent Billion. Grand Rapids: Zondervan, 1967.

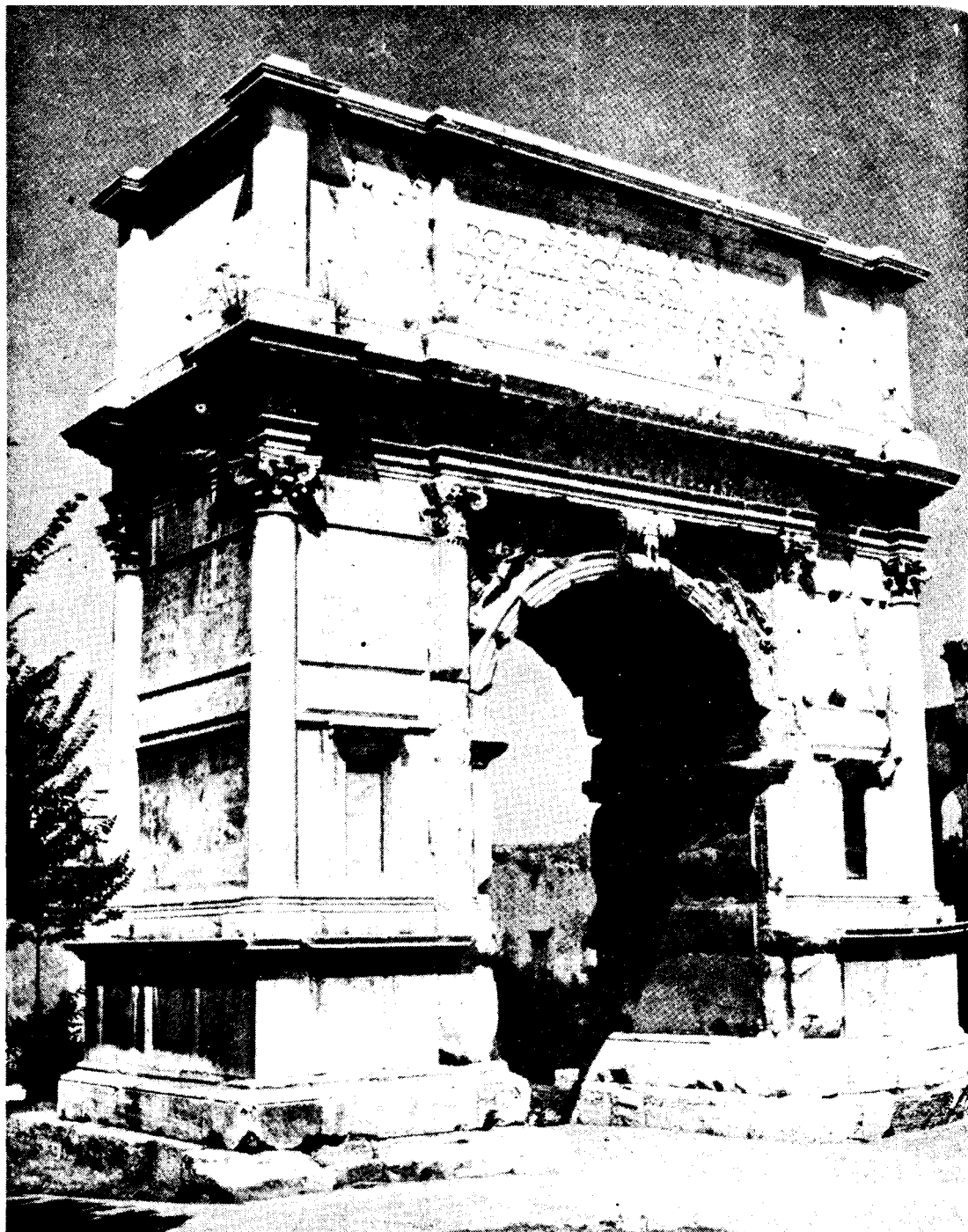
McGavran, D. Church Growth and Christian Mission. Nova Iorque: Harper & Row, 1965.

Elliott, E. Through Gates of Splendor. Nova Iorque: Harper & Row, 1957.

Hitt, R. T. Jungle Pilot: The Life and Witness of Nate Saint, Nova Iorque: Harper & Row 1959.

Pollock, J. C. Hudson Taylor and Maria. Nova Iorque: MacGraw-Hill, 1962.

The Journal of John Wesley. Para comparar com a descrição lucana sobre as viagens missionárias de Paulo.



## **CAPÍTULO 14 - As Primeiras Epístolas de Paulo**

Perguntas

Normativas:

- Quais eram o estilo, o conteúdo e as técnicas utilizadas na redação de cartas, nos tempos antigos? Em que as epístolas de Paulo se equiparam a isso?

- Por que a epístola aos Gálatas é crucial na história do cristianismo?

- Quais são os endereçados, e quais são as datas, os motivos, os propósitos e o conteúdo das primeiras epístolas de Paulo?

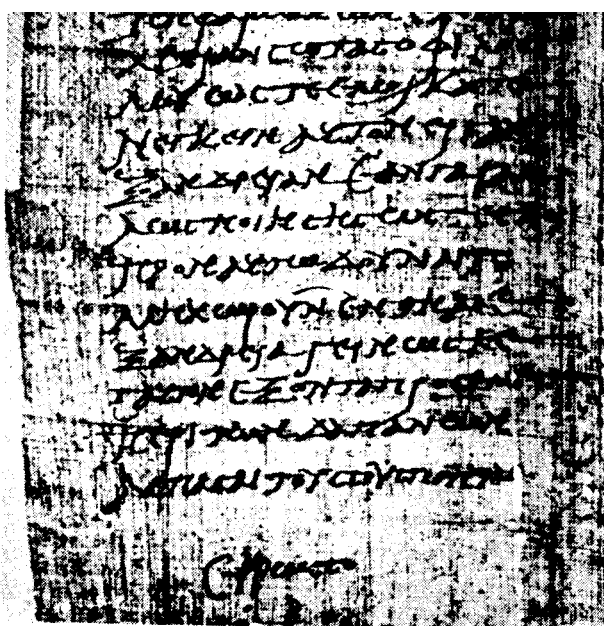
AS EPÍSTOLAS DE PAULO E A REDAÇÃO DE CARTAS NO MUNDO GRECO-ROMANO

No mundo greco-romano, as cartas particulares contavam, em média, com quase noventa palavras. Missivas literárias, como aquelas compostas pelo orador e estadista romano Cícero, ou aquelas de Sêneca, o filósofo, orçavam, em média, pelas duzentas palavras. Visto que a usual folha de papiro media cerca de 34 cm x 28 cm (aproximadamente as dimensões de nossas comuns cadernetas de anotações), podendo acomodar entre 150 a 250 palavras, dependendo do tamanho da escrita, e a maioria das cartas antigas não ocupava mais que uma página de papiro. Todavia, as dimensões médias das epístolas de Paulo se elevavam a cerca de 1.300 palavras, variando desde 335 palavras em Filemom até 7.101 palavras em Romanos. É óbvio, portanto, que as epístolas de Paulo são várias vezes maiores do que as cartas médias da antiguidade, pelo que também, em certo sentido, Paulo foi o inventor de uma nova forma literária, a epístola - uma novidade por ser carta tão prolongada, devido à sua natureza teológica, e, usualmente, na natureza comunitária dos endereçados. De outro ângulo, todavia, as epístolas de Paulo são cartas verdadeiras, porquanto possuem endereçados genuínos e específicos, no que divergem das antigas epístolas literárias, que eram escritas para o público em geral, a despeito de seus endereçados artificiais.

No caso de documentos longos, como as epístolas de Paulo, as folhas soltas de papiro eram



Cartas de Folhas de Papiro dobradas, amarradas e seladas (no alto). Uma típica carta do primeiro século cristão, escrita à mão em letras semi-cursivas (à direita).



coladas beirada com beirada a fim de formarem um rolo. Visto que a granulação áspera do papiro fazia o ato de escrita tornar-se tedioso, era costumeiro ditar as cartas a um escriba profissional chamado amanuense, que usava uma espécie de estenografia durante o ditado rápido. A rudeza do estilo literário de

Paulo - o que se verifica, por exemplo, em inúmeras sentenças incompletas - sugere que, às vezes, Paulo ditava por demais rapidamente para que desse a devida atenção à correta estrutura das sentenças, e também que seu amanuense sentia dificuldades em acompanhá-lo. Interrupções súbitas do pensamento sugerem, semelhantemente, suspensão temporária do ditado, talvez até o dia seguinte, ou mesmo por períodos mais curtos ou mais longos. Algumas vezes; um autor simplesmente deixava instruções orais, uma observação qualquer ou anotações que deveriam ser seguidas pelo seu amanuense. Sob tais circunstâncias, o próprio amanuense burilava o fraseado exato, fator esse que pode explicar algumas diferenças no estilo, entre epístolas atribuídas a um só autor. Finalmente, o autor editava a carta. Sabemos com certeza que Paulo empregava os serviços de amanuenses pelo fato que seu amanuense se identificou uma vez por nome ("Tércio" - Romanos 16:22). Além disso, as declarações paulinas freqüentes de que ele escrevia a saudação final com o próprio punho subentendem que as porções maiores das suas epístolas eram escritas mediante o emprego de um amanuense (vide I Coríntios 16:21; Gálatas 6:11; Colossenses 4:18; II Tessalonicenses 3:17; comparar com Filemom 19).

As cartas antigas tinham início com uma saudação, a qual incluía o nome de quem as enviava e o nome do endereçado, e, usualmente, expressões atinentes à boa saúde e ao bom êxito do endereçado, e a certeza de que quem as enviava orava por aquele a quem se dirigia. Seguia-se o corpo principal da carta, e, finalmente, a despedida, e, ocasionalmente, a assinatura. Por muitas vezes a despedida incluía saudações enviadas por outras pessoas, juntamente com o autor, além de votos de prosperidade finais. Por temer que documentos estivessem sendo ou pudessem ser forjados

em seu nome, Paulo adotou a prática de escrever de próprio punho as linhas de despedida e também a sua assinatura, a fim de garantir a autenticidade. Usualmente as cartas não eram datadas. A inexistência de um serviço postal público tornava mister enviar as cartas por meio de viajantes.

Paulo encerrou diversas de suas epístolas com uma seção que contém instruções de natureza ética. Tais instruções aparecem espalhadas por outras de suas epístolas, ou nas epístolas de outros escritores neotestamentários. Os eruditos têm notado notáveis semelhanças com os códigos éticos dos judeus e dos estóicos daquele mesmo período histórico. Entretanto, os escritores do Novo Testamento vinculavam a conduta cristã ao dinamismo da fé cristã, ao invés de publicarem algum exaltado mas inerte conjunto de preceitos, que não têm o poder de efetivar o seu próprio cumprimento. O fato que as exortações constantes nas epístolas são muito parecidas entre si, sugere que os seus autores se estribavam em um tesouro comum de tradições exortatórias e doutrinárias, de posse da Igreja cristã, originalmente designado para a catequese de candidatos recém-convertidos ao batismo. Por outra parte, Paulo simplesmente pode ter desenvolvido as suas próprias instruções éticas para novos convertidos, tendo influenciado a escritores posteriores, como Pedro, o qual pelo menos lera algumas das epístolas paulinas (vide II Pedro 3:15,16). Uma coisa é indubitável. Os autores das epístolas alicerçavam-se pesadamente sobre os ensinamentos éticos de Jesus, os quais com freqüência se refletem na fraseologia e nos conceitos emitidos nas epístolas.

A ordem de apresentação das epístolas paulinas, em nosso atual Novo Testamento, depende das dimensões, a começar pela mais longa (Romanos) e terminando pela mais curta (Filemom) - excetuando-se apenas as epístolas pastorais (I e II Timóteo e Tito), que interrompem esse arranjo imediatamente antes da epístola a Filemom. Haveremos de considerar as epístolas de Paulo na ordem cronológica em que foram escritas, até onde isso puder ser determinado com certeza razoável.

## GÁLATAS: CONTRA OS JUDAIZANTES

### **As questões e o tema cruciais**

A epístola de Paulo aos Gálatas diz respeito à controvérsia judaizante, por causa da qual se reuniu o concílio de Jerusalém (vide Atos 15). (Alguns eruditos pensam que os adversários de Paulo na Galácia eram sincretistas semi-pagãos (-gnósticos) e semi-judeus.) Tal como se dá com aquele concílio, também é quase impossível superestimarmos a natureza histórica crucial das questões teológicas envolvidas na epístola aos Gálatas. Muitos dos primeiros cristãos, por serem judeus, em grande medida continuaram a viver segundo seus moldes judaicos, incluindo a freqüência à sinagoga e ao templo de Jerusalém, oferecendo holocausto, observando os rituais e os tabus dietéticos da legislação mosaica, e mantendo-se socialmente distantes dos gentios. Mas a conversão dos gentios forçou a Igreja a ver-se diante de diversas importantes questões. Deveriam os cristãos gentios ser obrigados a submeter-se à circuncisão e a praticar o modo judaico de vida, conforme era exigido dos prosélitos gentios que entravam no judaísmo? Para o caso daqueles gentios cristãos que não estavam dispostos a tornar-se totalmente judeus, deveria haver uma cidadania de segunda classe no seio da Igreja, como sucedia no caso dos "tementes a Deus" gentios, dentro do judaísmo? E o mais importante de tudo, aquilo que torna cristão a um indivíduo - a fé em Cristo, com exclusividade, ou a fé em Cristo mais a aderência aos princípios e às práticas do judaísmo?

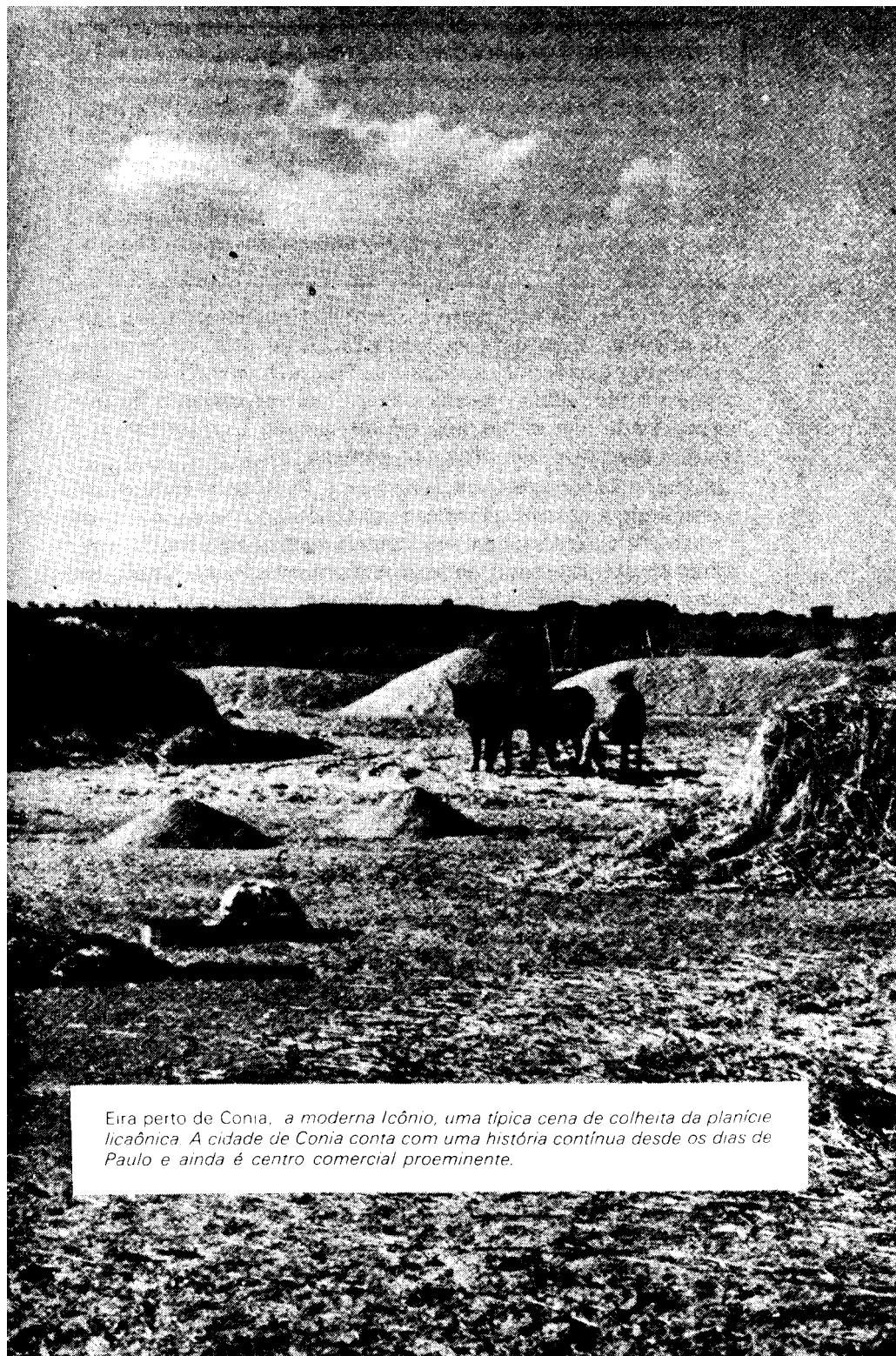
As respostas dadas pelos judaizantes (incluindo judeus e gentios que se tinham tornado judeus) insistiam sobre os moldes judaicos como algo necessário para os cristãos. Tivessem prevalecido os seus pontos de vista, não somente teria sido subvertido o evangelho de salvação como uma dádiva gratuita da parte de Deus, mas também o movimento cristão bem poderia ter-se dividido para formar uma igreja judaica - pequena, laboriosa, mas que finalmente se dissiparia - e uma igreja gentílica, teologicamente desarraigada e tendente ao sincretismo pagão. Ou mais provavelmente ainda, a missão cristã entre os gentios quase certamente teria cessado, e o cristianismo haveria de experimentar a morte de muitas das seitas judaicas; porquanto a maioria dos gentios se mostrava indisposta a viver como judeus, além de reputar a circuncisão como uma abominável mutilação do corpo humano, cuja beleza os gregos os tinha ensinado a apreciar. Deus, entretanto, não permitiria que os Seus propósitos fossem distorcidos pelo sectarismo. E a epístola

aos Gálatas é a grande carta patente da liberdade cristã, que nos livra de todas as opressivas teologias de salvação através dos esforços humanos, e que, por outro lado, serve de grandiosa afirmação da unidade (não uniformidade) e igualdade de todos os crentes, dentro da Igreja de Jesus Cristo.

### Destinatários: norte ou sul da Galácia?

Paulo escreveu sua epístola aos Gálatas a pessoas residentes na região conhecida por Galácia. Sem embargo, o uso que Paulo fez do vocábulo Galácia tem provocado debates que afetam a data em que foi escrita essa epístola. De

TEORIA NORTE DA GALÁCIA	TEORIA SUL DA GALÁCIA
1ª viagem missionária de Paulo	1ª viagem missionária de Paulo
Concílio de Jerusalém	A escrita de Gálatas
2ª viagem missionária de Paulo	Concílio de Jerusalém
A escrita de Gálatas	2ª viagem missionária de Paulo



Eira perto de Conia, a moderna Icónio, uma típica cena de colheita da planície licaônica. A cidade de Conia conta com uma história contínua desde os dias de Paulo e ainda é centro comercial proeminente.

conformidade com seu sentido original, tal termo pode aludir exclusivamente ao território ao norte das cidades de Antioquia da Pisídia, Icónio e Listra; mas também pode incluir aquelas cidades, pois os romanos haviam acrescentado alguns distritos sulistas quando transformaram a Galácia (do norte) em província romana.

Segundo a teoria da Galácia do Norte, Paulo teria endereçado essa epístola a cristãos que viviam na Galácia do Norte, aos quais ele não visitou senão já em sua segunda viagem missionária, a caminho de Trôade, tendo vindo de Antioquia da Psídia. Conforme essa opinião, a epístola em apreço não pode ter sido escrita senão algum tempo após o começo da segunda viagem missionária, e, por conseguinte, depois do concílio de Jerusalém, historiado no décimo quinto capítulo de Atos, que antecedeu a segunda viagem missionária de Paulo. Nesse caso, a visita a Jerusalém, que Paulo descreve no segundo capítulo daquela epístola, mui provavelmente se

refere ao bem recente concílio de Jerusalém. É provável que o mais forte argumento em favor da teoria da Galácia do Norte, com sua data posterior, seja a restrição original do termo "Galácia" ao território mais ao norte e a similaridade das declarações de Paulo concernentes à justificação pela fé, com aquilo que ele diz na epístola aos Romanos, a qual por certo ele escreveu somente mais tarde (vide a pág. 325).

Militando contra a teoria da Galácia do Norte temos o fato que Lucas em parte alguma sugere que Paulo tivesse evangelizado a Galácia do Norte. É duvidoso que Paulo tenha visitado aquele território por ocasião de sua segunda viagem missionária, pois "a região frígio-gálata", referida em Atos 16:6, mais naturalmente se refere ao território mais ao sul - a travessia da Galácia do Norte teria requerido um desvio proibitivamente grande para o nordeste. E noutros trechos de suas epístolas Paulo coerentemente lança mão de termos geográficos em um sentido imperial, o que indicaria a Galácia do Sul como o lugar para onde ele enviou a sua epístola aos Gálatas.

Em consonância com a teoria da Galácia do Sul, Paulo teria endereçado a sua primeira epístola às igrejas do Sul da Galácia, imediatamente após sua primeira viagem missionária, mas antes do concílio de Jerusalém. Assim sendo, a visita que ele fez a Jerusalém, descrita no segundo capítulo da epístola aos Gálatas, não pode aludir ao concílio de Jerusalém, o qual ainda não tivera lugar, mas, pelo contrário, é alusiva à visita na qual se levaram víveres para aliviar a fome, o que se menciona em Atos 11:27-30. O mais decisivo argumento em favor da Galácia do Sul, com sua data mais recuada, é aquele que diz que se Paulo houvesse escrito essa epístola depois do concílio de Jerusalém, certamente ter-se-ia valido do decreto do mesmo concílio em prol da liberdade dos gentios cristãos em relação aos preceitos mosaicos, o principal tópico de discussão em Gálatas. No entanto, o apóstolo não faz menção alguma a tal decreto. A improvável omissão subentende que essa epístola foi escrita antes daquele concílio ter-se reunido, e, assim sendo, em um tempo em que Paulo tinha visitado somente a Galácia do Sul, e não também a Galácia do Norte. Também é duvidoso que Pedro tivesse vacilado, conforme vacilou e segundo se aprende em Gálatas 2,11 ss., após o concílio de Jerusalém, durante o qual defendeu acérrimo a posição de liberdade que nos livra da lei de Moisés. Outrossim, Paulo menciona a Barnabé por nada menos de três vezes no segundo capítulo de Gálatas, como se Barnabé fosse figura bem conhecida de seus leitores. No entanto, Barnabé viajara com Paulo somente pela Galácia do Sul. Pelo tempo em que Paulo atravessou a Galácia do Norte, por ocasião de sua segunda viagem missionária, aqueles dois líderes cristãos já se haviam separado, por terem discordado no tocante a João Marcos.

## **Introdução**

A epístola é iniciada com uma saudação na qual Paulo ressalta o seu apostolado, porquanto queria estabelecer firmemente a sua autoridade, em contraposição aos judaizantes. Em lugar das usuais ações de graças por seus leitores, Paulo, imediata e violentamente, introduz a razão pela qual havia escrito. Ele se sentia chocado porque os cristãos gálatas estavam se bandeando para um outro evangelho, o qual, na verdade, nem era evangelho ("boas novas"). *Ler Gálatas 1:1-10.*

## **Argumento autobiográfico**

Em seguida, Paulo redige um argumento autobiográfico que defende o evangelho da graça de Deus, em contraste com a mensagem judaizante, a qual requeria a aderência à lei mosaica como condição de salvação. Paulo assegura que o evangelho da livre graça lhe fora dado por revelação direta da parte de Jesus Cristo. Por certo não poderia ter-se originado em seus dias passados, argumenta ele, porque fora um judeu zeloso de sua religião, antes de converter-se ao cristianismo. Por semelhante modo, não fora aprendiz dos apóstolos, em Jerusalém, visto que nem ao menos se encontrara com eles, senão depois de três anos a contar da data de sua conversão. E quando, finalmente, visitou Jerusalém, entrevistou-se somente com Pedro e Tiago (meio-irmão de Jesus), tendo permanecido ali pelo espaço de somente quinze dias, e não tendo ficado conhecido pessoalmente dos cristãos judeus de maneira geral. E visto que o evangelho da graça não pode ter tido origem no seu passado ou em seus contactos pessoais em Jerusalém, sem dúvida provinha do próprio Deus. E ao visitar novamente a cidade de Jerusalém, catorze anos mais tarde (a contar ou de sua conversão ou de sua primeira visita a Jerusalém), os líderes cristãos dali - Tiago, Pedro e João -

formalmente reconheceram a correção do evangelho da graça que ele pregava entre os gentios, estendendo-lhe a destra de comunhão. Acresça-se a isso que nem ao menos exigiram que Tito, companheiro gentio de Paulo, fosse circuncidado.

Ao chegar em Antioquia da Síria, a princípio Pedro comia em companhia de cristãos gentios; mas depois cedeu sob a pressão exercida pelos judaizantes. E Paulo repreendeu publicamente a Pedro. O que fica implícito é que Pedro retrocedeu diante da reprimenda. Caso contrário, dificilmente Paulo teria usado do incidente como um argumento em seu favor. E o fato que até Pedro foi repreendido por Paulo exhibe a autoridade do evangelho da graça ensinado por Paulo. *Ler Gálatas 1:1 - 2:21.*

### **Argumento teológico**

O sumário exposto por Paulo quanto à reprimenda a Pedro contém o germem de seu argumento teológico, que aparece logo depois. O termo "justificar", que é utilizado por reiteradas vezes, significa "considerar justo", e apenas mui raramente "fazer justo". (Para dizer-se a verdade, a justificação conduz à santificação, à mudança na conduta moral, pelo que a linha demarcatória entre a posição legal e a conduta real nem sempre é muito visível - embora a distinção tenha de ser mantida.) No grego clássico significava "tratar com alguém segundo a justiça", quase o oposto do uso paulino, o qual recua até ao Antigo Testamento (mormente a Isaías), e onde Deus intervém graciosamente para retificar as coisas entre Ele mesmo e os homens. O ato gracioso de Deus, não obstante, não perde seu caráter justo, porquanto Cristo sofreu a pena imposta a nossos pecados, pena essa exigida pela santidade divina, além do que a imputação da retidão divina ao crente agora faria Deus tornar-se injusto se o condenasse.

Os versículos dezessete a vinte e um, do segundo capítulo, poderiam ser parafraseados como segue: "Se temos de abandonar a lei a fim de sermos justificados pela fé em Cristo, encorajaria Cristo ao pecado? Não. Antes, se eu voltar à lei, deixarei entendido que pecara quando a abandonei. Mas eu não pequei ao assim fazer, pois Cristo morreu sob o juízo da lei contra o pecado. Na qualidade de crente, morri juntamente com Cristo. Esse é o ponto de vista de Deus a meu respeito. A lei não exerce autoridade sobre um homem morto, especialmente um homem que morrera sob sua penalidade, de tal forma que eu não mais estou sob a obrigação de guardar a lei. Mas Cristo ressuscitou e vive em mim, de tal modo que, embora eu tenha morrido em Cristo quando Ele morreu, e assim fiquei livre em Cristo. Portanto, se os homens pudessem tornar-se justos através da observância da lei, então Cristo não precisaria ter morrido."

A partir desse ponto. Paulo desenvolve o seu argumento teológico. Já que alguém se converteu mediante a fé, por que não continuar vivendo pela fé, e não pela lei? Abraão foi justificado antes de ter a lei sido promulgada, pelo que, mesmo no Antigo Testamento, a justiça vinha pela fé, e não pela lei. A lei pode somente amaldiçoar ou condenar, posto que ninguém a obedece em sua inteireza. Ora, Cristo morreu para libertar-nos da lei, juntamente com sua irresistível maldição. O fato que Deus estabeleceu a Sua aliança com Abraão, antes de haver dado a lei por intermédio de Moisés, sugere que o pacto abraâmico é mais fundamental do que a lei. Portanto, a lei não anulou aquele pacto. A natureza do pacto abraâmico - segundo o lado divino - visara a abençoar ao descendente de Abraão, e - segundo o lado humano - visava a aceitação da promessa divina por meio da fé. O descendente de Abraão é Cristo, juntamente com todos aqueles que Nele se vão incorporando, por seguirem o exemplo da fé de Abraão.

A lei se revestia de certo propósito, mas de cunho apenas temporário. Era o propósito de conduzir-nos a Cristo, à guisa de um antigo escravo-tutor que costumava levar uma criança à escola. A lei conseguiu realizar isso tornando-nos incisivamente cômicos da incapacidade do homem de tornar-se justo por seus próprios esforços. Estar sob a lei, por conseguinte, equivalia a ser um menor de idade ou um escravo. Em Cristo, porém, somos adultos livres, adotados na família de Deus como filhos e herdeiros, com privilégios e responsabilidades de pessoas adultas. Por que reverteríamos a um estado inferior?

Paulo, então, relembra como os gentios tinham aceitado a sua mensagem, ao se converterem, e pleiteia diante deles para que aceitassem sua presente mensagem, tal como o tinham feito a princípio. E respalda também o seu argumento, ao estilo dos rabinos, mediante uma alegoria



baseada sobre um relato do Antigo Testamento. Hagar, a escrava, representa o monte Sinai, isto é, a lei mosaica com seu centro de operações em Jerusalém, na Palestina. Ismael, seu filho nascido escravo, ilustra aqueles que estão escravizados à lei. Sara simboliza o cristianismo, com sua capital na Jerusalém celestial. Isaque, seu filho prometido e livre de nascimento, representa todos os filhos espirituais de Abraão, isto é, aqueles que seguem o exemplo da fé de Abraão, e que, por isso mesmo, são libertados da lei em Cristo Jesus. *Ler Gálatas 3.1 - 5:12.*

### **Responsabilidade na liberdade**

A última seção maior da epístola adverte contra as atitudes libertinas, ou antinomismo (literalmente, "contra-leísmo"), aquela atitude negligente que diz que estar isento da lei equivale à licença para praticar a iniquidade. Estar livre da lei não significa ter a liberdade de pecar. O crente não deve moldar sua conduta de acordo com a carne (o impulso para pecar), mas em harmonia com o Espírito Santo. Além disso, cumpre-lhe ajudar amorosamente aos seus semelhantes, sobretudo seus irmãos na fé, contribuindo liberalmente para aqueles que ministram o evangelho. *Ler Gálatas 5:13 - 6:10.*

É apenas aparente a contradição entre Gálatas 6:2: "Levai as cargas uns dos outros", e Gálatas 6:5: "Porque cada um levará o seu próprio fardo". Na primeira instância, Paulo ensina que os crentes deveriam ajudar-se mutuamente em suas atuais dificuldades, e na segunda que, quando do juízo vindouro, cada qual responderá a Deus exclusivamente pela sua própria conduta.

O fato que Paulo anexou numerosos preceitos que governam a conduta cristã ao seu prolongado ataque contra o legalismo dos judaizantes serve para mostrar que o legalismo não consiste de regras como tais. Os livros do Novo Testamento encerram muitas regras de comportamento. O legalismo consiste antes da imposição de regras errôneas, e, particularmente de maior número de regras que o exigido por uma dada situação, a tal ponto que, em meio à teia confusa de minúcias, as pessoas perdem a capacidade de distinguir os elementos mais importantes dentre os menos importantes, os princípios fundamentais de suas aplicações. O legalismo também envolve o senso de mérito devido à própria obediência do indivíduo (em contraposição ao reconhecimento do fato que a obediência é tão-somente um dever) com a conseqüente perda da dimensão pessoal de comunhão com Deus, alicerçada única e exclusivamente sobre a Sua graça.

### **Conclusão**

Paulo escreveu a conclusão da epístola com sua própria caligrafia. As "letras grandes" por ele traçadas podem ter sido feitas para efeito de ênfase, embora alguns alvitrem que a deficiência visual do apóstolo tenha exigido tal maneira de escrever. E ele acusa que os judaizantes eram motivados pelo desejo de escapar das perseguições movidas pelos judeus incrédulos, como também pela ambição de se jactarem de ser capazes de arrebatá-los da lealdade a Paulo os convertidos do apóstolo. De forma contrastante, Paulo chama a atenção para os sofrimentos que ele vinha suportando jubilosamente, na defesa de sua mensagem, e, finalmente, roga aos crentes da Galácia que eles mesmos julguem quem era impelido pelos motivos mais puros, ele ou os judaizantes. *Ler Gálatas 6:11-18.*

### **ESBOÇO SUMÁRIO DE GÁLATAS**

Tema: a justificação dos pecadores que confiam em Jesus Cristo, mediante a graça divina, totalmente à parte da obediência à lei.

INTRODUÇÃO: Saudação aos gálatas e anátema aos judaizantes, que pervertiam ao verdadeiro evangelho (1:1-10)

I. ARGUMENTO AUTOBIOGRÁFICO EM FAVOR DO EVANGELHO DA LIVRE GRAÇA DE DEUS (1,11 - 2,21)

A. Revelação direta do evangelho a Paulo, por Jesus Cristo (1:11,12)

B. Impossibilidade de sua origem no passado extremamente judaico de Paulo (1:13)

- C. Impossibilidade de Paulo tê-lo aprendido de fontes meramente humanas, os apóstolos, a quem Paulo não conhecera senão três anos após sua conversão, e por pouquíssimo tempo (1:14-24)
- D. Reconhecimento posterior do evangelho paulino da parte dos líderes da igreja de Jerusalém (2:1-10)
- E. Paulo repreende (com êxito) a Pedro, por haver este cedido às pressões dos judaizantes, em Antioquia da Síria (2:11-21)
- II. ARGUMENTO TEOLÓGICO EM FAVOR DO EVANGELHO DA LIVRE GRAÇA DE DEUS (3:1 - 5:12)
- A. A suficiência da fé (3:1-5)
- B. O exemplo de Abraão (3:6-9)
- C. A maldição imposta pela lei (3:10-14)
- D. O divino pacto da promessa a Abraão e seu descendente (Cristo e aqueles que a Ele se unem pela fé), anteriores à lei das obras (3:15-18)
- E. O propósito da lei: não o de prover a salvação através do mérito humano, mas o de demonstrar a necessidade de graça divina, por meio da fé em Cristo (3:19 - 4:7)
- F. Apelo para que se confie somente na graça divina, com uma alegoria sobre a liberdade cristã, baseada sobre Abraão e seus dois filhos, o escravo Ismael e o livre Isaque (4:8 - 5:12)
- III. ADVERTÊNCIA CONTRA O ANTINOMISMO (5:13 - 6:10)
- A. Liberdade cristã: o viver pelo Espírito, e não segundo a carne (5:13-24)
- B. O amor cristão (5:25 - 6:5)
- C. A liberalidade cristã (6:6-10)
- CONCLUSÃO: contraste entre o temor que os judaizantes tinham da perseguição e seu orgulho jactancioso, por um lado, e as perseguições humilhantes sofridas por Paulo, por outro lado - e uma bênção final (6:11 - 18).

Para discussão posterior:

- Quais manifestações de legalismo existem dentro da cristandade contemporânea?
- Quais são as formas modernas assumidas pelo antinomianismo?
- Confronte o conceito paulino da liberdade cristã e a ética situacional corrente, e também a ética cristã do amor e a ética secular do amor.
- De que modo a ênfase paulina sobre o amor se coaduna com seu anátema contra os judaizantes?
- Como podem os pais crentes evitar tanto o legalismo quanto a excessiva permissividade, na criação de seus filhos? Como podem as instituições educacionais, as igrejas e as agências missionárias evangélicas evitar tanto o legalismo quanto o libertinismo?
- Compare a narrativa paulina de sua visita a Jerusalém (vide Gálatas 2:1-10) com o relato lucano sobre o concílio de Jerusalém (vide Atos 15:1-29). Em que se assemelham? Em que diferem? Podem ser facilmente harmonizados entre si?

Para investigação posterior:

- Cole, A. Commentary on the Epistle of Paul to the Galatians. Grand Rapids: Eerdmans, 1965.
- Neil, W. The Letter of Paul to the Galatians. Cambridge University Press, 1967
- Ridderbos, H. N. The Epistle of Paul to the Churches of Galatia. Grand Rapids: Eerdmans, 1953.
- Luther, M. "The Argument of St. Paul's Epistle to the Galatians. "Luther's Works". Vol. 26. Lectures on Galatians 1535 Chapters 1-4. Editado e traduzido por J. Pelikan. Editor associado, W. A. Hansen. St. Louis: Concordia, 1963. Pgs. 4-12.
- "The Freedom of a Christian". Luther's Works. Vol. 31. Career of the Reformer: I. Traduzido por W.A. Lambert. Editado e revisado por H. I. Grimm. Editor geral, H.T. Lehmann. Filadélfia: Muhlenberg, 1957- Pags. 328-377.
- Bunyan, J. Grace Abounding to the Chief of Sinners. Chafer, L. S. Grace. Grand Rapids: Zondervan, 1922.
- Genesis 15 - 17; 21:1-21- Quanto a passagens do Antigo Testamento citadas por Paulo.

Danby, H. *The Mishnah*. Oxford University Press, 1933. Quase qualquer porção dessa tradução da Mishnah dará o sabor do legalismo rabínico.

## I TESSALONICENSES: CONGRATULAÇÕES E CONSOLO

### Tema

As epístolas de Paulo à igreja de Tessalônica são famosas devido ao ensino que encerram sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo e eventos associados. Essas duas epístolas, o discurso do monte das Oliveiras, por Jesus, e o Apocalipse de João formam as três principais porções proféticas do Novo Testamento. Em I Tessalonicenses, a nota escatológica está vinculada com o segundo desses dois temas todo-importantes: (1) as congratulações aos crentes tessalonicenses, pela sua conversão e progresso na fé cristã, e (2) exortações tendentes a um maior progresso, com ênfase particular sobre o consolo derivado da expectativa acerca da *parousia*.

O Arco de Galério, localizado na Via Egnácia, no coração de Salônica (moderna Tessalônica).



### Passado formativo

Tessalônica, capital da Macedônia, ficava na Via Egnácia, a principal artéria que ligava Roma ao Oriente. A cidade contava com seu próprio governo, encabeçado por politarcas e também tinha uma colônia judaica. Paulo evangelizara a cidade quando de sua segunda viagem missionária. Alguns judeus e muitos gregos e mulheres de alta posição social tinham abraçado a fé cristã. A assertiva de Paulo: "... deixando os ídolos, vos convertestes a Deus..." (I Tessalonicenses 1:9), subentende que a maioria dos crentes dali se compunha de gentios, antes de sua conversão, porque os judeus daquela época não eram idólatras. (O exílio assírio-babilônico curara-os da idolatria). Os judeus incrédulos residentes em Tessalônica se opuseram encarniçadamente contra o evangelho, assaltando a casa de Jasom, onde Paulo se hospedara, e posteriormente viajando até à cidade de Beréia, a fim de tentar expulsar a Paulo daquela cidade, igualmente.

De acordo com Atos 17:2, Paulo passou três sábados pregando na sinagoga de Tessalônica. A narrativa lucana parece dar a entender que a turbulência que forçou a partida do apóstolo ocorreu imediatamente depois de seu ministério na sinagoga, e o trecho de Atos 17:10 indica que os cristãos enviaram Paulo para fora da cidade, assim que a agitação se acalmou. Não obstante, alguns estudiosos inserem um hiato entre o ministério paulino na sinagoga dali e o levante, porquanto Paulo menciona ter tido de trabalhar para sustentar-se em Tessalônica (vide I Tessalonicenses 2:7-11), além de ter recebido uma ou duas doações vindas de Filipos, durante a sua permanência em Tessalônica (vide Filipenses 4:16). Porém, é possível que Paulo tenha começado a trabalhar com as mãos assim que chegou a Tessalônica, tendo continuado nesse mister por três ou quatro semanas. Por semelhante modo, duas doações poderiam ter chegado de Filipos, no espaço de um mês.

Um outro argumento que apóia uma mais longa permanência em Tessalônica é aquele que assevera que a primeira e a segunda epístolas aos Tessalonicenses pressupõem mais ensinamentos doutrinários do que Paulo poderia ter ministrado em cerca de um mês, pouco mais ou menos. O mais provável, entretanto, é que Paulo tivesse por hábito ensinar intensivamente a seus convertidos, durante os dias da semana, fora das reuniões das sinagogas. E Timóteo, que ficou por mais tempo em Tessalônica, e que depois de haver partido dali retornou à cidade para outro período de permanência, pôde ensinar-lhes a doutrina cristã com maiores detalhes ainda. Portanto, deveríamos limitar o ministério de Paulo em Tessalônica ao espaço mais provável de cerca de um mês.

## **Motivos**

Timóteo se tinha juntado a Paulo em Atenas, fora enviado de volta a Tessalônica, e mais tarde se reunira ao apóstolo em Corinto. O relato de Timóteo proveu o motivo para Paulo escrever I Tessalonicenses (comparar I Tessalonicenses 3:1,2 com Atos 18:5). Isso implica em que Paulo escreveu I Tessalonicenses em Corinto, no decorrer de sua segunda viagem missionária, não muitas semanas depois de haver evangelizado os endereçados da epístola.

## **Congratulações**

A primeira seção maior de I Tessalonicenses consiste de congratulações aos crentes de Tessalônica, por motivo de sua conversão e progresso na vida cristã (capítulos 1-3). A fidelidade que demonstraram, mesmo em meio à perseguição, estava servindo de excelente exemplo para os demais cristãos, na Macedônia e na Grécia (Acaia). O relatório de Timóteo a respeito deles, realmente fora favorável (2:17 - 3:9). *Ler I Tessalonicenses 1 - 3.*

Como de praxe, Paulo combinou a típica saudação grega, em forma cristã modificada ("graça"), com a típica saudação semita ("paz") (1:1). A forma da palavra "graça", empregada por gregos não-cristãos, simplesmente significa "Alô!". Mas Paulo modificou o vocábulo para assumir as reverberações do favor divino outorgado a todos os pecadores desmerecidos, por intermédio de Jesus Cristo. "Paz" significa mais do que a ausência de guerras; pois também envolve a conotação positiva de prosperidade e bênção. Uma bem conhecida tríada de virtudes figura em I Tessalonicenses 1:3: fé, amor e esperança. A fé produz as boas obras. O amor resulta em labor, ou seja, feitos de gentileza e misericórdia. E a esperança, uma palavra escatológica referente à expectativa confiante quanto à volta de Jesus, gera a constância debaixo dos testes e das perseguições. No meio dessa seção congratulatória, Paulo rememora detalhadamente para os seus leitores o seu ministério entre eles, caracterizado pelo amor e pela abnegação. Alguns têm aventado a hipótese, nesta altura, que Paulo se defendia contra alguma calúnia cujo intuito era o de destruir a sua influência sobre os seus convertidos. Mais provavelmente, entretanto, Paulo simplesmente ressaltou quão gratificante lhe era o fato que os tessalonicenses tinham reagido favoravelmente ao evangelho, visto que labutara tão ferventemente entre eles.

## **Exortações**

A segunda seção principal de I Tessalonicenses (capítulos quatro e cinco) consiste de exortações: contra a conduta imoral (4:1-8); acerca de um crescente amor mútuo (4:9,10); acerca do consolo e da vigilância, em face da volta de Cristo (4:11 - 5:11) e acerca de certa variedade de questões práticas atinentes à conduta cristã (5:12-28).

*Ler I Tessalonicenses 4 e 5.* Em I Tessalonicenses 4:1, Paulo, com grande habilidade, passa das congratulações para as exortações, ao animar os crentes dali a continuarem a progredir. Os mandamentos que há em 4:11,12, para que eles vivessem em tranqüilidade e continuassem em trabalho ativo, servem de reprimenda contra aqueles que acreditavam tão fortemente no retorno imediato de Jesus, que estavam abandonando suas ocupações. O fato que Paulo advoga sem pejo o trabalho manual contrasta com o típico ponto de vista dos gregos, que costumavam torcer o nariz ante tal sorte de trabalho.

*Arrebatamento* é o vocábulo comumente usado para designar a retirada súbita dos crentes, quando da segunda vinda de Cristo, conforme a descrição paulina, em I Tessalonicenses 4:16,17. Mas há também a idéia da imortalização e glorificação dos corpos dos crentes que continuarem vivos

na terra, ao tempo do retorno de Cristo. O fato que os corpos desses últimos não serão ressuscitados dentre os mortos, requer que essa transformação ocorra quando ainda estiverem em seus corpos vivos, mas mortais. Os cristãos tessalonicenses entristeciam-se ante a morte física de outros crentes, aparentemente por não perceberem que seus companheiros de fé haveriam de compartilhar do júbilo que haverá quando da volta de Cristo. Quiçá imaginassem que a morte física, antes da parousia, equivalesse a castigo pelo pecado, ou mesmo fosse indicação da perda da salvação da alma. Paulo reassegurou a seus leitores a verdade escatológica, explicando-lhes que os crentes mortos haverão de ressuscitar imediatamente antes do arrebatamento, a fim de poderem ser arrebatados juntamente com os cristãos que porventura continuarem vivos até então.

No quinto capítulo, Paulo passa das palavras de consolo para as de advertência. Aos cristãos convém esperar, vigilantes, pelo dia do Senhor (a Segunda Vinda e os eventos que se seguirão), para não serem apanhados de surpresa. Não vigiar é o mesmo que colocar-se na categoria dos iníquos, os quais serão apanhados inesperadamente. Por outro lado, o estado de prontidão para o dia do Senhor é mais que um estado de alerta mental. Também consiste de uma maneira de conduzir-se caracterizada pela obediência aos mandamentos, tais como aqueles com que esta epístola é encerrada.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE I TESSALONICENSES

Temas: congratulações aos crentes tessalonicenses devido à sua conversão e progresso na fé cristã, e exortações atinentes a um maior progresso, com destaque particular da expectativa relacionada à parousia.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1)

I. CONGRATULAÇÕES (1:2 - 3:13)

A. Ação de graças pela conversão exemplar dos crentes de Tessalônica (1:2-10)

B. Reminiscência de Paulo acerca de seu ministério em Tessalônica (2:1-16)

C. Excelente relatório de Timóteo sobre o progresso dos crentes de Tessalônica (2:17 - 3:10)

D. Oração em favor dos crentes de Tessalônica (3:11-13)

II. EXORTAÇÕES (4:1 - 5:22)

A. Moralidade (4:1-8)

B. Amor mútuo (4:9-12)

C. Consolo ante a morte de irmãos na fé, em face do fato que participarão da parousia (4:13-18)

D. Prontidão na espera pelo dia do Senhor (5:1-11)

E. Exortações miscelâneas (5:12-22)

CONCLUSÃO: bênção e instruções finais (5:23-28)

## II TESSALONICENSES: CORREÇÃO DE IDÉIAS SOBRE A SEGUNDA VINDA

### Motivos e tema

Paulo escreveu a segunda epístola aos Tessalonicenses estando em Corinto, quando de sua segunda viagem missionária, pouco depois de haver escrito I Tessalonicenses. (Alguns eruditos preferem reverter a ordem entre I e II Tessalonicenses, mas essa opinião não dispõe de evidências nos manuscritos, e (entre outras considerações): II Tessalonicenses 2:15 ("as tradições que vos foram ensinadas... por epístola nossa"), parece pressupor I Tessalonicenses.) Durante o intervalo que mediou entre as duas epístolas, o fanatismo tinha crescido na igreja cristã de Tessalônica. Tal fanatismo era originado pela crença no retorno imediato do Senhor. E essa crença, por sua vez, aparentemente resultava do desejo que aqueles crentes embalavam de ser livrados da perseguição. Paulo, portanto, escreveu esta segunda epístola aos tessalonicenses a fim de aquietar o fanatismo deles, corrigindo as suas idéias escatológicas.

### Encorajamento

Após a saudação inicial (II Tessalonicenses 1:1,2), Paulo novamente agradece a Deus pelo progresso espiritual dos crentes de Tessalônica, bem como por sua constância paciente sob a perseguição; mas os elogios são bem mais breves do que se vira na primeira epístola àqueles crentes. Passando prontamente para o tema escatológico, Paulo descreve vividamente a Segunda Vinda, quando os perseguidores serão julgados e os perseguidos serão aliviados em seus sofrimentos. O propósito do apóstolo foi o de encorajar aos tessalonicenses a uma perseverança contínua, para o que mostrou que a situação haveria de ser revertida, quando Cristo retornasse ao mundo. Em 2:1 ss., Paulo começa a abordar os pontos que aqueles crentes entendiam mal no que concerne à *parousia*, explicando-lhes que ela não seria imediata. Assim sendo, deveriam retornar às suas ocupações e negócios. Porque esperar a volta de Cristo não envolve cessar a vida diária normal. Pois Ele poderia não retornar por algum prolongado período de tempo. *Ler II Tessalonicenses 1 - 3.*

## **Correção**

O aviso de Paulo, de que aqueles crentes não se deixassem enganar por alguma profecia falsa ou por alguma instrução oral ou escrita, forjada em seu nome (2:1,2), sugere que os mentores da posição fanática que havia em Tessalônica se vangloriavam de contar com o apoio do apóstolo. A expressão, "o homem da iniquidade" (2:3), alude ao anticristo, um líder mundial que se caracterizará pela iniquidade e pela perseguição, nos dias finais de nossa era. Essa personagem maligna haverá de exigir adoração à sua própria pessoa, ostentando-se no templo de Deus. Em outras palavras, ele procurará obrigar o povo judeu a adorar à sua imagem, a qual ele mandará erigir no templo (reconstruído) de Jerusalém (vide 2:4,5; comparar com Marcos 13:14. Mateus 24:15 e Apocalipse 13). A sugestão esposada por alguns, de que o conceito de anticristo emanou do mito do Nero-redivivo, que dizia que Nero haveria de retornar de entre os mortos, tropeça no fato que o conceito do anticristo é anterior à época de Nero, conforme se vê em outras obras literárias, além do que ela nos forçaria a rejeitar, sem razões suficientes, a autenticidade de II Tessalonicenses, a qual teria de ser datada após o martírio de Paulo e a morte de Nero. Também tem sido sugerido por alguns que Paulo tinha em mente a ordem baixada mas não cumprida pelo imperador Calígula, em 40 D. C., no sentido que uma estátua sua fosse levantada e adorada no templo de Jerusalém. Talvez tenha sido assim, mas a profecia de Daniel concernente à abominação desoladora (vide Daniel 9:27; 11:31 e 12:11), a poluição do templo por parte de Antíoco Epifânio, em 168 A. C., e a alusão de Jesus a uma ainda futura abominação desoladora (vide as referências acima) é que provêem as fontes primárias das declarações de Paulo a esse respeito.

O que ou quem estaria impedindo o anticristo de manifestar-se, até que chegue o tempo certo, Paulo sentiu ser desnecessário identificar, pois os crentes tessalonicenses já conheciam a identidade do tal, por meio do doutrinamento oral de Paulo (vide 2:58). As duas sugestões mais prováveis são: (1) essa força restringidora é a instituição do governo humano - personificada em governantes, como os imperadores romanos e outros - ordenada por Deus para a proteção da lei e da ordem (pois o anticristo será um iníquo, um "desregrado" que não obedecerá a lei alguma), e (2) essa força restringidora é a ativa atuação do Espírito Santo no mundo, no tempo presente, o que impede o surgimento do anticristo, ou diretamente ou por meio da Igreja. Outros pensam que Paulo se referia à pregação missionária como se fora esse poder restringidor, e que ele mesmo, como principal missionário, seria aquele que "detém" o anticristo. Entretanto, é difícil pensarmos que Paulo antecipava sua própria remoção especial como a condição do aparecimento do anticristo, porquanto noutras passagens ele expressa sua expectativa pela *parousia* tanto quanto outros cristãos o fazem. Finalmente, a ênfase que se vê em 3:17 sobre a escrita com o próprio punho de Paulo subentende que alguma epístola já havia sido forjada, em nome de Paulo, em respaldo daquela posição fanática.

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE II TESSALONICENSES**

Tema: a pacificação de uma crença fanática, evidentemente engendrada pelas perseguições de que a *parousia* haveria de ter lugar imediatamente.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

## I. A PERSEGUIÇÃO (1.3-12)

A. Ação de graças pelo progresso dos crentes de Tessalônica em meio à perseguição (1:3,4)

B. Certeza do livramento da perseguição e do juízo divino contra os perseguidores, por ocasião da *parousia* (1:5-10)

C. Oração em favor dos crentes de Tessalônica (1:11,12)

## II. A *PAROUSIA*/ARREBATAMENTO/DIA DO SENHOR (2:1-15)

A. Negação de que já havia chegado o dia do Senhor (2:1,2)

B. Lista dos precedentes necessários (2:3-15)

1. A rebelião (2:3a)

2. O homem da iniquidade (2:3b-15)

a. Sua reivindicação de divindade (2:3b-5)

b. A atual força restritiva de seu aparecimento (2:6,7)

c. Sua condenação (2:8)

d. Seus ludíbrios (2:9-12)

e. Os crentes de Tessalônica estavam isentos de tal ludíbrio e condenação (2:13- 15)

C. Bênção (2:16,17)

## III. EXORTAÇÕES (3:1-15)

A. Oração, amor e estabilidade (3:1,5)

B. Um trabalho industrioso (3:6-13)

C. Ostracismo disciplinador aplicado a membros desobedientes da igreja local (3:14,15)

CONCLUSÃO: outra bênção e saudação final, com ênfase sobre a escrita pelo próprio punho de Paulo, nas últimas e poucas linhas da epístola, como garantia de sua autenticidade (3:16-18).

Para discussão posterior:

- Quais doutrinas (e com qual profundidade) as epístolas aos Tessalonicenses pressupõem já terem sido ministradas oralmente por Paulo? Compare essas doutrinas com o nível da pregação evangelística de hoje em dia.

- Prepare um esboço dos futuros acontecimentos escatológicos, com base nas epístolas aos Tessalonicenses. Por que esse esboço é tão incompleto? Procure confrontá-lo com o discurso de Jesus no monte das Oliveiras (vide Marcos 13; Mateus 24 e 25 e Lucas 21) e com o livro de Apocalipse.

- Trace a inferência sobre a reação dos crentes de Tessalônica à primeira epístola aos Tessalonicenses, por meio daquilo que Paulo escreveu na segunda epístola aos Tessalonicenses. Então imagine qual teria sido a reação deles à segunda dessas epístolas.

Para investigação posterior:

Morris, L. The Epistles of Paul to the Thessalonians. Londres: Tyndale, 1956.

- The First and Second Epistles to the Thessalonians. Grand Rapids: Eerdmans, 1959.

Walvoord, J. F. The Thessalonians Epistles. Grand Rapids: Zondervan (Dunham), 1958.

- The Rapture question. Grand Rapids: Zondervan (Dunham), 1957. Em defesa da posição que o arrebatamento da Igreja ocorrerá antes da tribulação.

Ladd, G. E. The Blessed Hope. Grand Rapids: Eerdmans, 1956. Em defesa da posição que o arrebatamento da Igreja ocorrerá depois da tribulação.

## **CAPÍTULO 15 - As Epístolas Principais de Paulo**

### **I CORÍNTIOS: PROBLEMAS ECLESIASTICOS**

Perguntas Normativas:

- Quais tinham sido as conexões e comunicações de Paulo com a igreja de Corinto, antes de ter-lhes escrito a primeira epístola aos Coríntios?

- Como foi que a igreja de Corinto se afundou nas deploráveis condições que Paulo procura corrigir na sua primeira epístola aos Coríntios?

- Quais eram os problemas específicos da igreja de Corinto e quais os remédios prescritos por Paulo para os mesmos?

## **Tema**

A primeira epístola de Paulo aos Coríntios demonstra o fato que condições lamentáveis na Igreja não são um apanágio exclusivo da Igreja pós-apostólica. Crenças e práticas aberrantes, dotadas da mais espantosa variedade e vulgaridade, floresciam na igreja de Corinto. Foi a fim de contrabalançar esses problemas que Paulo escreveu esta epístola.

## **Ministério anterior em Corinto**

Não contando com fundos suficientes, quando de sua primeira chegada em Corinto, Paulo se pusera a fabricar tendas em companhia de Priscila e Áqüila. Nos dias de sábado ele pregava na sinagoga local. Depois que Silas e Timóteo vieram juntar-se a ele, então escreveu a primeira e a segunda epístolas aos Tessalonicenses, mudou suas atividades evangelizadoras para a casa de Tito Justo ao lado da sinagoga, foi o agente da conversão de Crispo, chefe da sinagoga, recebeu do governador romano, Gálio, uma afortunada absolvição ante as falsas acusações dos judeus incrédulos contra sua pessoa, e, ao todo, ministrou por nada menos de um ano e meio naquela cidade.

## **Uma carta anterior perdida**

A declaração que se acha em I Coríntios 5:9: "Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros", permite-nos entender que Paulo já havia escrito uma epístola anterior à igreja de Corinto, mas que depois se perdeu. Aqueles crentes haviam compreendido mal ao apóstolo, como se ele tivesse querido dizer que eles deveriam separar-se de todos os impuros. Mas Paulo esclarece aqui que tivera em mente a separação somente dos cristãos professos, que vivem em pecado flagrante e aberto.

## **Tempo e lugar de escrita**

A primeira epístola aos Coríntios, pois, é a segunda das epístolas que o apóstolo escreveu à igreja de Corinto. Ele escreveu da Cidade de Éfeso, por ocasião de sua terceira viagem missionária. E isso sucedeu perto do fim de sua permanência ali, porque ele até já planejava retirar-se da cidade (vide 16:5-8)- Alguns têm opinado, com base em 16:10, que assevera: "E, quando Timóteo for ..." (consoante a tradução inglesa RSV, aqui vertida para o português), que Timóteo foi o portador da epístola aos coríntios. Entretanto, o trecho de Atos 19:22 (Atos 19.22: "Tendo enviado a Macedônia... Timóteo ... permaneceu ele mesmo algum tempo na Ásia [a província na qual Éfeso estava localizada].") sugere-nos que Timóteo estava na Macedônia por aquele tempo. Nossa Bíblia portuguesa, tal como a New American Standard Bible, dá a tradução mais correta de I Coríntios 16:10: "E, se Timóteo for..." (vindo da Macedônia). Dificilmente Paulo teria escrito a palavra "se", no caso de Timóteo ter sido o portador da epístola. Paulo procurara induzir Apolo, figura importantíssima, a que visitasse Corinto, provavelmente tencionando enviar por meio dele a primeira epístola aos Coríntios. Mas Apolo recusou-se a ir (vide 16:12). E em resultado, não sabemos quem levou a epístola a Corinto.

## **Motivos**

O motivo pelo qual foi escrita a primeira epístola aos Coríntios é duplo: (1) relatórios orais provenientes dos familiares de Cloé, acerca das desavenças havidas na igreja (vide 1:11); e (2) a chegada de uma delegação da parte da igreja de Corinto - Estéfanos, Fortunato e Acaico - ambas as visitas trazendo uma oferta (vide 16:17) e uma carta solicitando o parecer de Paulo sobre diversos problemas, aos quais ele aborda na epístola, sucessivamente, com a expressão introdutória: "Quanto ao que me escrevestes...", ou simplesmente, "No que se refere ..." (vide 7:1,25; 8:1; 11:2; 12:1;

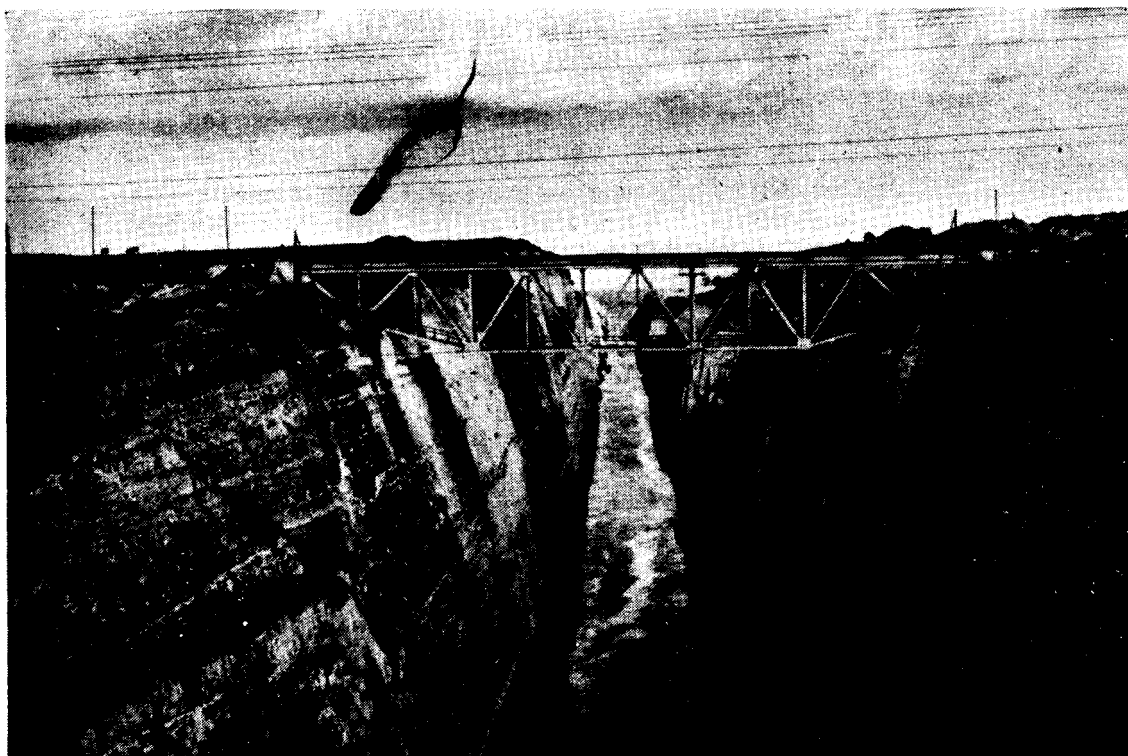


15:1 e 16:1). Pelo menos isso é o que mais provavelmente se pode inferir de 16:17 ("porque estes suprimam o que da vossa parte faltava") e de 7:1 ("Quanto ao que me escrevestes"); de outro modo, aqueles homens meramente mitigaram o desejo de Paulo por ver pessoalmente aos crentes de Corinto, e a carta enviada de Corinto chegou a ele através de outras mãos. Cloé é um nome feminino. Os membros de sua casa, mencionados na epístola, provavelmente eram escravos. Não temos certeza se eles visitaram a Paulo em Éfeso, tendo chegado de Corinto, ou se de Éfeso tinham ido visitar Corinto, enviando relato disso a Paulo.

### Ambiente da cidade

A cidade de Corinto estava localizada em um estreito istmo, entre os mares Egeu e Adriático. A viagem em torno do extremo sul da Grécia era perigosa. Muitos navios, por conseguinte, eram puxados ou tragados sobre toras rolantes, para o lado oposto do istmo, e novamente eram lançados ao mar. Diversos projetos que visavam à abertura de um canal foram abandonados por

*O Canal de Corinto, que separa a península do Peloponeso das terras continentais da Grécia, foi terminado em 1893. Nos tempos antigos não tiveram êxito as tentativas para escavar um canal que desse passagem a embarcações através do istmo.*



várias razões. Sendo cidade portuária, Corinto era extremamente cosmopolita. Os jogos atléticos de Corinto só perdiam em importância para os jogos olímpicos. O teatro aberto acomodava vinte mil pessoas, e o teatro fechado três mil. Templo, santuários e altares pontilhavam a cidade. Mil prostitutas sagradas se punham à disposição de qualquer um no templo da deusa grega Afrodite. O lado sul do mercado era ocupado por tabernas equipadas com cisternas subterrâneas, para esfriar as bebidas. Os arqueólogos têm descoberto muitas taças para servir beberagens, nessas adegas de licores; e algumas delas trazem inscrições como "Saúde", "Segurança", "Amor", ou nomes de divindades diversas.

### Problemas da igreja

Era natural que uma igreja cristã em meio a uma sociedade extremamente paganizada, como era a de Corinto, se achasse eivada de dificuldades. Em consequência, a primeira epístola aos Coríntios trata quase inteiramente dos problemas que serviam de praga para aquela igreja. Após a saudação inicial, em 1 Coríntios 1:1-9, onde Paulo agradece a Deus pela fé cristã de seus leitores, e, mais especialmente, pelos seus dons espirituais, ele se atira a:

(1) Reprimendas em resposta ao relatório prestado pelos escravos de Cloé, acerca de:

Divisões - a igreja deveria unificar-se, mediante a humildade, à luz da cruz (1 - 4),

Um caso específico de imoralidade - a igreja deveria disciplinar ao ofensor (5),

Pendências judiciais entre os crentes - a igreja precisava resolver tais litígios fora dos tribunais seculares (6:1-8), e

Imoralidade em geral - os crentes precisam viver virtuosamente (6:9-20).

(2) Respostas às indagações feitas na carta enviada pelos coríntios, concernentes a estas questões.

Matrimônio - casar-se é bom, mas nem sempre é o melhor para o crente (7),

Alimentos, particularmente carnes dedicadas aos ídolos - os crentes podem comê-los, mas deveriam refrear-se na presença daqueles em cujas mentes tais carnes estão religiosamente contaminadas (8:1 - 11:1),

Ordem na adoração pública, especificamente:

- Uso do véu pelas mulheres, nos cultos - as mulheres crentes devem demonstrar sua submissão mediante o uso do véu (11:2-16),

- Celebração da Ceia do Senhor - todos devem participar juntos em espírito de reverência e exame próprio (11:17-34), e

- Dons espirituais, sobretudo o falar em línguas - a igreja deveria dar menor importância ao falar em línguas e dar ênfase à profecia, mormente com o acompanhamento da virtude do amor (12 - 14)

Ressurreição - a crença na passada ressurreição de Cristo e na futura ressurreição dos crentes é crucial para a fé cristã (15), e

A coleta - a igreja deveria começar imediatamente a recolher a coleta para os crentes de Jerusalém, para que estivesse pronta quando da chegada de Paulo (16:1-9).

As observações, concludentes consistem de exortações miscelâneas, saudações e notícias acerca das circunstâncias de Paulo e seus planos, juntamente com notícias sobre Timóteo e Apolo (vide 16:10-24).

## **Desunião**

*Ler 1 Coríntios 1-4.* As facções existentes na assembléia cristã de Corinto se derivavam de sua veneração a heróis (vide 1:12). Os admiradores de Paulo eram-lhe leais como o fundador original da igreja local, mas Paulo não se aliou nem mesmo com seus próprios seguidores (vide, especialmente, 1:13). Os adeptos de Apolo aparentemente ficavam boquiabertos ante a sua grande eloquência. Os seguidores de Cefas (Pedro) talvez formassem o segmento judaico da igreja, ou então fossem os tradicionalistas, que se escudavam na autoridade do primeiro líder do grupo apostólico. Os chamados seguidores de Cristo bem podem ter sido aqueles que não queriam sujar as mãos com aquelas desavenças, e, por isso mesmo, adotavam uma atitude distante e de superioridade espiritual. Alternadamente, a posição do próprio Paulo é expressa pelas palavras "Eu (sou) de Cristo", que condenava aqueles que seguiam meros líderes humanos. Os detalhes não são perfeitamente claros, mas parece que aquelas facções tinham sido originadas pelo culto a personalidades, e não devido a diferenças doutrinárias. Pelo menos todas as facções continuavam reunindo-se num mesmo lugar, pois Paulo foi capaz de dirigir a eles uma única epístola.

Em I Coríntios 1:14-17, Paulo afirma que se alegrava por não ter batizado a muitos dos coríntios. Não queria que as pessoas se sentissem orgulhosas por terem sido batizadas por ele. Paulo não estava negando a validade do batismo - porquanto admite haver batizado a alguns - mas negava peremptoriamente que ele ou qualquer outro evangelista cristão deveriam batizar convertidos a fim de obter um grupo de adeptos. Pelo contrário, a tarefa propriamente dita dos evangelistas cristãos dificilmente chega a ser popular, porque a pregação acerca de um Salvador que morreu como se fora um criminoso ofende o orgulho humano e a sabedoria deste mundo. Em consequência a maioria dos crentes procede das camadas mais humildes da sociedade. Porém, o que a maioria deles não conta, no que concerne a passado formativo e a realizações, Cristo contrabalança: Ele é a sabedoria, a retidão, a santificação e a redenção deles (vide 1:18-31).

No segundo capítulo desta epístola, Paulo relembra que quando chegara a Corinto, vindo de Atenas, onde os filósofos, sábios à maneira mundana, tinham-no rejeitado, ele pregara a cruz de Cristo em fraqueza e tremor, e não com os artificiais métodos retóricos empregados pelos filósofos sofistas. Tais métodos, calculados a impressionar os ouvintes com a erudição e as habilidades do orador, destroem a eficácia da pregação do evangelho. Sem embargo, Paulo insiste em que ensinava uma genuína sabedoria. Tal sabedoria procede do Espírito Santo, o único que conhece a mente de Deus.

Por causa das facções existentes em Corinto, Paulo acusa de carnalidade, uma atitude pecaminosa, aos crentes dali. Explica ele ser errado jactarmo-nos de líderes humanos, porquanto os tais são meros homens. Adicione-se a isso que aqueles líderes são colegas de labor, e não rivais (capítulos 3, 4). A seção se encerra com uma admoestação cujo escopo é a unidade entre os crentes. Fica implícito que os crentes podem preservar a unidade espiritual, se assim o quiserem e se esforçarem nesse sentido.

## **Imoralidade**

*Ler I Coríntios 5-7.* Paulo ventila aqui o caso do indivíduo que estava convivendo com a mulher de seu próprio pai. Presumivelmente era ela a madrasta do tal homem, porque Paulo não a identifica com mãe do mesmo. E aparentemente ela não era cristã, porquanto Paulo não prescreve qualquer punição para ela. Paulo repreende os crentes de Corinto devido à sua altivez arrogante, por tolerarem tão flagrante pecado em seu próprio meio, e ordena que fosse exercida disciplina na forma de exclusão da comunhão da igreja, isto é, o ostracismo social e a exclusão da Ceia do Senhor. O sexto capítulo inclui uma seção que proíbe os cristãos de ir a tribunal uns contra os outros. É possível que tal situação tivesse algum vínculo com o caso de incesto, pois a discussão ocorre no meio da reprimenda de Paulo a respeito da imoralidade. Paulo acautela seus leitores no sentido que a liberdade cerimonial não implica em libertinagem moral, e ressalta o fato que o corpo é sagrado, por ser templo do Espírito Santo.

## **Casamento e divórcio**

Consoante o sétimo capítulo, o celibato voluntário é bom, mas, por causa do impulso sexual, Deus proveu o matrimônio para que se evitem as relações sexuais ilícitas, pelo que também, dentro do casamento, cada um dos cônjuges deveria dar-se totalmente ao outro. Paulo exprime o desejo que todos fossem livres de responsabilidades maritais, tal como ele mesmo o era, não porque o ascetismo seja espiritualmente superior, mas porque o crente solteiro pode dedicar todas as suas energias na prédica do evangelho. No entanto, ele chega a reconhecer que, quanto a esse particular, a vontade de Deus varia de crente para crente. No tangente ao divórcio, Paulo já não se mostra tão flexível. O divórcio atingira proporções epidêmicas em algumas classes da sociedade no império romano. Paulo reitera o ensinamento de Jesus contra o divórcio até o ponto em que estão envolvidos os casais cristãos. Todavia, as palavras de Jesus não cobrem o problema de esposos ou esposas que só se converteram após estarem casados, e cujos cônjuges não se associaram a eles na profissão cristã. Por conseguinte, Paulo aconselha que o esposo ou a esposa crente, continue no convívio com seu cônjuge sempre que exeqüível, pelo menos em parte, pois o cônjuge incrédulo, e quaisquer filhos que o casal venha ter, em certo sentido são separados por Deus, devido ao fato que o testemunho evangélico se faz bem presente naquele lar. Todavia, se o cônjuge incrédulo insistir em romper os laços matrimoniais, então o cônjuge crente "não fica sujeito à servidão" (versículo 15). Quer essas palavras signifiquem que o crente não está obrigado a buscar reconciliação, quer elas queiram dizer que o crente está livre para casar-se novamente, dentro da comunidade cristã (comparar com a fraseologia do versículo 39), o fato é que não sabemos opinar entre as duas possibilidades. O esclarecimento dado por Paulo de que essas instruções eram dele mesmo, e não do Senhor (versículos 10 e 12) não subentende que lhe falta autoridade, mas tão-somente que Jesus não lhe revelara sobre tais pormenores, e, por conseguinte, Paulo se via forçado a apresentar sua própria doutrina, como alguém que recebera do Senhor "a misericórdia de ser fiel", possuidor do Espírito Santo (versículos 25 e 40).

A porção final do sétimo capítulo, mormente os versículos 36 ss., está prenhe de difíceis problemas de interpretação. Estaria Paulo aludindo a matrimônios espirituais, que jamais se concretizaram? Estaria falando a noivos? ou apenas a namorados? Ou se dirigia a um pai crente, sua filha e o noivo dela? Não obstante, as lições principais são claras. Por uma parte, o matrimônio não pode ser condenado com base no ascetismo. Por outra parte, não deve ser contraído o matrimônio somente por motivo de pressão social. Pessoas solteiras geralmente podem ter vidas mais plenas, mais ricas e mais produtivas do que pessoas casadas. Em tudo isso Paulo frisa a natureza crítica do

período em que os cristãos estão vivendo. Talvez o apóstolo tivesse em mente a possibilidade da volta do Senhor, uma possibilidade que daria um senso de urgência a cada geração de cristãos.

### **Alimentos dedicados a ídolos**

Muito importa compreender o pano-de-fundo da discussão paulina a respeito dos alimentos associados à adoração idólatra. No antigo mundo pagão, os santuários eram os principais fornecedores de carne verde para consumo humano. Portanto, a maior parte da carne que se vendia nos açougues fora dedicada a algum ídolo. Os deuses pagãos recebiam uma porção simbólica, oferecida em holocausto sobre um altar - e usualmente não era um "pedaço seleta", para dizer a verdade! Após uma refeição sacramental em companhia do adorador, os sacerdotes ofereciam à venda ao público a carne restante. Os judeus, contudo, usualmente adquiriam carne nos açougues de judeus, onde podiam ter a certeza que a carne não fora consagrada a alguma divindade pagã. Deveriam os cristãos ser tão escrupulosos quanto os judeus? *Ler I Coríntios 8:1 - 11:1.*

Paulo defendia a liberdade do crente de comer tais carnes, mas faz uma advertência a seus leitores, para que não permitissem que o exercício de tal liberdade viesse a produzir dano a pessoas sem consciência bem formada. Em outras palavras, um cristão que perceba que os ídolos não tem existência divina real, pode comer carnes dedicadas a ídolos sem qualquer prejuízo para a sua consciência. Porém se pessoas que imaginam que os ídolos possuem real existência divina estiverem observando, então um crente melhor informado deveria refrear-se de comer tal carne, para não suceder que fique danificada a vida cristã de cristãos desinformados, e para que não venha ele a perder seu testemunho perante os incrédulos.

Deve-se notar que o equilíbrio entre a liberdade e a "lei do amor" envolve somente questões cerimoniais e outras, as quais são neutras da perspectiva da moralidade. Paulo adverte que embora ele estivesse permitindo o consumo judicioso de carnes dedicadas a ídolos, sob hipótese alguma ele permitia a participação em festividades idólatras, vinculadas que estão à adoração pagã. (Os templos pagãos com frequência contavam com salas de jantar auxiliares, onde havia refeições sociais e de cunho religioso.) Seria uma crassa incoerência para um crente participar tanto da Ceia do Senhor como das ceias associadas a uma adoração a falsas divindades, inspirada pelos próprios demônios. Paulo destaca que quando, nos dias do Antigo Testamento, Israel se associou a festividades pagãs, também caiu em formas de adoração pagã que só conduzia à imoralidade.

### **O uso do véu**

As instruções de Paulo concernentes ao uso do véu pelas mulheres também requerem conhecimento sobre os costumes que prevaleciam na antigüidade. Era apropriado que uma mulher de respeito, no império romano, usasse véu em público. Tarso, a cidade natal de Paulo, se notabilizara por sua aderência estrita a essa regra de decoro. (Dio de Prusa, *Tarsica prior* § 48.) O véu cobria a cabeça, e não o rosto. Era, ao mesmo tempo, símbolo da subordinação da mulher ao homem e do respeito que a mulher merece. As mulheres cristãs de Corinto, no entanto, mui naturalmente estavam seguindo os costumes das mulheres gregas, as quais conservavam a cabeça descoberta quando adoravam. (Vide *Views of the Biblical World* (Jerusalém: Internacional, 1961), vol. 5, p.228.) Por conseguinte, Paulo assevera que é vergonhoso uma mulher cristã orar ou profetizar na igreja com a cabeça sem véu. Por outro lado, Paulo se manifesta contrariamente à prática dos homens judeus e romanos, os quais oravam com a cabeça coberta, e ordena que os varões crentes orem e profetizem de cabeça descoberta, como sinal da autoridade de que estão investidos. *Ler I Coríntios 11.2-34.*

### **Ceia do Senhor**

Na metade final do capítulo 11, Paulo assevera que as divisões faccionárias existentes na igreja de Corinto transmutavam em escárnio os seus cultos de comunhão, os quais deveriam ser ocasiões de companheirismo cristão. Os coríntios celebravam a Ceia do Senhor em conjunção com um banquete de amor cristão, uma espécie de ceia trivial na igreja, correspondente à refeição da Páscoa, durante a qual Jesus instituiu a Ceia do Senhor. Alguns deles chegavam mais cedo ao lugar de reunião, ingeriam sua refeição e tomavam da Ceia antes de haverem chegado os outros, que

talvez tivessem de trabalhar por mais horas. Alguns daqueles estavam mesmo ficando embriagados. Por conseguinte, Paulo ordenou a descontinuação desses banquetes de amor, ordenou que se esperasse até à chegada dos atrasados, e aconselhou a introspecção e a reverência. Sua repetição a respeito da Última Ceia se deriva da tradição anterior aos evangelhos sinópticos, tradição essa apoiada sobre o ato do próprio Senhor Jesus. "...eu recebi..." (11:23) era a forma técnica de expressar o recebimento de uma tradição da parte de outrem.

## O flar em línguas

Os *charismata* (dons) e a *glossolalia* (falar em línguas) compõem o tema dos capítulos doze a catorze. Muitos asseguram que a *glossolalia* aqui ventilada por Paulo consistia de falar em estado de êxtase, não se parecendo com idiomas humanos bem arquitetados. De fato, Paulo afirma que sem o dom da interpretação nem mesmo aquele que fala em línguas sabe o que está dizendo. Entretanto, "interpretação" usualmente significa tradução. Assim sendo, ao que parece, o falar em línguas era um falar miraculoso, em um idioma qualquer não previamente aprendido. E assim, as línguas algumas vezes eram ininteligíveis, não por serem balbucios estáticos e não puros idiomas, mas porque, em algumas ocasiões, nem aquele que falava e nem qualquer pessoa da audiência possuía o dom igualmente miraculoso da tradução. (Vide ainda R. H. Gundry, " 'Ecstatic Utterance' (N- E- B.)? "Journal of Theological Studies. N.S., 17 (1966), págs. 299-307)

Por valorizarem em demasia a *glossolalia*, os crentes de Corinto abusavam desse dom. Paulo o desvaloriza, e insiste em que seu uso deveria ser ordeiro e limitado. Às expensas da *glossolalia*, ele exalta dons espirituais superiores, sobretudo a profecia, que era alguma direta revelação de Deus, necessária na Igreja primitiva, em lugar das Escrituras do Novo Testamento. Acima de tudo, Paulo exalça a ética cristã do amor, na prosa-poema do famoso décimo terceiro capítulo. *Ler I Coríntios 12 - 14.*

O conceito paulino da Igreja como o corpo de Cristo se evidencia com grande proeminência no capítulo doze. Em 14:34,35, dificilmente pode ser tomada em sentido absoluto a proibição das mulheres falarem na igreja, porquanto Paulo acabara de dar instruções, no décimo primeiro capítulo, acerca do uso do véu pelas mulheres, quando orassem ou profetizassem durante a adoração pública. "Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos..." (14:35), são palavras que sugerem que Paulo estava proibindo a interrupção do culto na igreja, por parte de mulheres indagadoras, e que talvez também se entregassem a conversas capazes de quebrar a atenção, se porventura se sentassem separadas dos homens, conforme se vê nas sinagogas judaicas.

## Ressurreição

Paulo aborda em seguida o tópico da ressurreição do corpo, um conceito estranho para o pensamento grego. Alguns atenienses, inteiramente céticos ou quando muito esperançosos quanto à imortalidade da alma, tinham escarnecido de Paulo ao aludir o apóstolo à ressurreição do corpo. Pois pensavam que o corpo serve de empecilho para a alma, e assim não haveriam de querer acreditar na ressurreição. (Ver Atos 17:32 e pág. 265) Essa predisposição contra a doutrina da ressurreição física estava levando alguns crentes coríntios a duvidar e mesmo a negar a futura ressurreição. Por enquanto não negavam ainda a ressurreição de Cristo, mas Paulo podia perceber que esse seria o resultado lógico daquela maneira de pensar. Por conseguinte, argumenta ele com base na passada ressurreição de Cristo, como um fato comprovado, e daí passa para a futura ressurreição dos homens. E ele tinha os crentes particularmente em mira.

O grande capítulo sobre a ressurreição tem início com um famoso sumário do evangelho, bem como uma lista de aparições do Cristo ressurreto, o que Paulo jamais teria ousado incluir com tão desabrida confiança, a menos que, de fato, houvesse testemunhas disponíveis. Ao registrar. "...eu recebi...", no tocante a esse material, Paulo indica que estava citando uma declaração confessional extraída da tradição cristã, mais antiga que a data da escrita de I Coríntios. Avança o apóstolo para a descrição do corpo ressuscitado e para uma analogia entre a morte em Adão e a vida em Cristo. Alguns rabinos ensinavam que o corpo ressuscitado será exatamente idêntico ao corpo físico atual. Paulo afirma que não - e o corpo ressuscitado terá continuidade com o corpo presente, mas estará

adaptado às condições espirituais da existência eterna e celestial. Esse capítulo chega a seu zênite em uma explosão de louvor triunfal. *Ler I Coríntios 15.*

Várias explicações têm sido aventadas para a alusão ao batismo pelos mortos, no versículo vinte e nove. Talvez se refira meramente àqueles que se convertiam e eram batizados impulsionados pelo desejo de se reunirem a seus entes amados e amigos crentes, por ocasião da ressurreição. Ou talvez Paulo aludisse a um batismo vicário no sentido mais prenehe, embora tenha lançado mão da idéia apenas como um argumento, sem jamais ter querido dar a entender uma prática real ("...que farão eles ...?" e "...por que se batizam eles por causa deles?", em oposição a "nós", que figura no próximo versículo). Noutras palavras, Paulo estava frisando a incoerência daqueles que se submetiam a batismo em favor dos próprios mortos cuja futura ressurreição eles negavam. O combater "com feras", no versículo trinta e dois, mui provavelmente é conceito usado como metáfora. (Comparar com a carta de Inácio a Roma, v.1.)

## **A oferta e miscelâneas**

O capítulo que forma a conclusão encerra diversas exortações, tal como a de separar algum dinheiro para a oferta que Paulo haveria de coletar, quando de sua chegada, e que levaria a Jerusalém, em companhia de delegados autorizados da igreja. O versículo vinte e dois contém uma importante expressão aramaica, "Maranata!", a qual quer dizer "Ó nosso Senhor, vem!" (comparar com Apocalipse 22:20). E isso, por sua vez, demonstra que a designação de Jesus como Senhor retrocede até aos dias em que os discípulos de Jesus se comunicavam em aramaico, não podendo, por isso mesmo, ser atribuída ao cristianismo posterior, que falava o grego - contrariamente à opinião de alguns eruditos modernos, que afirmam que o conceito de Jesus como figura divina foi um desenvolvimento bastante tardio, não fazendo parte original das idéias nem de Jesus e nem da igreja mais primitiva. *Ler I Coríntios 16.*

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE I CORÍNTIOS**

Tema: os problemas da igreja de Corinto e as suas soluções.

INTRODUÇÃO: Saudação à igreja de Corinto e ações de graças a seu respeito (1:1-9)

I. REPRIMENDAS ANTE O RELATÓRIO DE ESCRAVOS DA CASA DE CLOÉ (1:10 - 6:20)

A. As divisões e a necessidade de sua cura, mediante o reconhecimento da débil humanidade dos líderes cristãos e seus seguidores, em confronto com o poder de Deus no evangelho (1:10 - 4:21)

B. O caso do homem que convivia com sua madrasta e a necessidade de disciplinar o ofensor através do ostracismo (5:1-13)

C. Pendências judiciais entre os crentes e a necessidade de solucioná-las pela igreja, fora dos tribunais seculares (6:1-8)

D. A imoralidade em geral e a necessidade dos crentes viverem virtuosamente, mediante o Espírito Santo que neles habita (6:9-20)

II. RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS FEITAS EM CARTA ENVIADA A PAULO PELOS CORÍNTIOS (7:1 - 16:9)

A. Matrimônio, sua excelência essencial, apesar de ser vantajoso a alguns permanecerem solteiros, a restrição ao divórcio e uma exortação à reconciliação de cônjuges separados (7:1-40)

B. Alimentos, sobretudo carne, oferecidos a ídolos, permitidos aos crentes, contanto que não abusem da permissão para prejudicar as consciências dos débeis espirituais ou para participar de banquetes idólatras (8: I - 11: I )

C. A ordem na adoração pública (11:2 - 14:40)

1. Uso de véu pelas mulheres que participam do culto nas igrejas, sua exigência em sinal de submissão ao homem (11:2-16)

2. A Ceia do Senhor era desonrada na igreja de Corinto pela desunião e devassidão, e também a necessidade de reverência e de descontinuar as festas de amor (11:17-34)

3. Os dons espirituais (12:1 - 14:40)

a. Diversidade de funções dentro da unidade da Igreja, como Corpo de Cristo (12:1-31)

b. A supremacia do amor (13:1-13)

c. Superioridade da profecia e inferioridade do falar em línguas, com regras tendentes à boa ordem, incluindo a proibição de interrupção dos cultos por mulheres (14:1-40)

D. A ressurreição, tanto a de Cristo, no passado, quanto a dos crentes, no futuro, e sua importância crucial para a fé cristã (15:1-58)

E. A coleta para a igreja de Jerusalém, seu modo de recolhimento e sua entrega (16:1-9)

CONCLUSÃO: Visita vindoura de Timóteo a Corinto, a negativa, de Apolo, exortações miscelâneas, saudações e bênção finais (16:10-24).

Para discussão posterior:

- Como será possível obter o equilíbrio certo entre a unidade e a pureza da Igreja, sem fazer que uma coisa cancele a outra?

- Como deveríamos avaliar o moderno movimento ecumênico, que visa à unidade da Igreja?

- Em que se comparam os estritos preceitos paulinos contra a imoralidade e a sua ênfase sobre o amor, em relação à "nova moralidade"?

- Como é possível a disciplina eclesiástica, aplicada a membros rebeldes, quando hoje em dia alguém excluído de uma igreja pode ser admitido por outra? Qual é a "seriedade" necessária para que um pecado leve à exclusão do ofensor?

- Quais questões correntes sobre a conduta cristã se encaixam com razão dentro da área da liberdade privada e da responsabilidade pública?

- Por que a maioria das igrejas não requerem que as mulheres participem dos cultos públicos usando seus véus?

- O Espírito Santo continua outorgando os dons da profecia e da glossolalia, e, nesse caso, seus recebedores exercem-nos segundo a maneira prescrita por Paulo?

- Do ponto de vista da ciência moderna, como poderia haver continuidade entre o corpo mortal e o corpo ressuscitado?

Para investigação posterior:

(Comentários sobre I Coríntios)

Morris, L. The First Epistle of Paul to the Corinthians. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.

Grosheide, F.W. Commentary on the First Epistle to the Corinthians. Grand Rapids: Eerdmans, 1953.

Thrall, M. E. The First and Second Letters of Paul to the Corinthians. Cambridge University Press, 1965.

(Livros sobre tópicos que figuram em I Coríntios)

Bromiley, G.W. The Unity and Disunity of the Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.

Bainton, R.H. What Christianity Says About Sex, Love and Marriage. Nova Iorque: Association, 1957. Do ponto de vista de uma pesquisa histórica.

Lewis, C.S. The Four Loves. Nova Iorque: Harcourt, Brace, 1960. Para comparar com I Coríntios 13

Martin, R.P., Worship in the Early Church. Westwood, Nova Jérsei. Revell, 1964.

Hoekema, A.A. What About Tongue-Speaking? Grand Rapids: Eerdmans, 1966.

Dahl, M.E. The Resurrection of the Body. Londres: SCM, 1962. Uma interpretação de 1 Coríntios 15 que levanta algumas provocativas perguntas.

## **II CORÍNTIOS: CONCEITOS DE PAULO SOBRE SEU PRÓPRIO MINISTÉRIO**

Perguntas Normativas:

- Após ter sido escrita a primeira epístola aos Coríntios, que situações entre aquela igreja e Paulo deram azo à escrita da segunda epístola aos Coríntios?

- Qual era a atitude sentimental da igreja em Corinto e de Paulo ao tempo em que ele escreveu II Coríntios?

- Qual era a imagem apostólica que Paulo tinha de si mesmo, conforme se pode apreciar em sua apologia em II Coríntios?

## **Tema**

Mais do que qualquer das demais epístolas de Paulo, II Coríntios permite-nos entrever os sentimentos íntimos do apóstolo sobre si mesmo, sobre seu ministério apostólico e sobre seu relacionamento com as igrejas que fundava e nutria. Conforme certas considerações, portanto, esta epístola é autobiográfica em seu tom, embora não em seu arcabouço e nem quanto a seu conteúdo total.

## **A visita dolorosa**

Após ter escrito de Éfeso a primeira epístola aos Coríntios, Paulo sentira ser necessário fazer uma "visita dolorosa" a Corinto e voltar - dolorosa por causa das relações tensas entre Paulo e os crentes dali, naquele tempo. Lucas não registra essa visita no livro de Atos. Entretanto, ela pode ser deduzida dos trechos de II Coríntios 12:14 e 13:1,2, onde Paulo alude à sua futura visita com a "terceira" que faria. Se não levarmos em conta essa inferida visita dolorosa, então até aquela altura Paulo só visitara Corinto por *uma vez*. A declaração constante em II Coríntios 2:1: "Isto deliberei por mim mesmo: não *voltar* a encontrar-me convosco em tristeza", subentende que houvera no passado uma visita dolorosa, a qual dificilmente pode ser identificada com a primeira vez em que Paulo permaneceu com aqueles crentes, levando-lhes as jubilosas boas novas da salvação por intermédio de Jesus Cristo.

## **A carta triste perdida**

Sem importar com que razão Paulo fizera aquela breve e dolorosa visita, parece que ele não alcançou êxito em suas tentativas de trazer a igreja de volta à conduta reta. Ao retornar a Éfeso, pois, ele escreveu a agora perdida "carta triste" a Corinto, a qual a princípio ele se lamentava por ter enviado (vide II Coríntios 2:4 e 7:8 - as descrições dificilmente se harmonizam com I Coríntios). Essa é a segunda carta perdida que Paulo escrevera aos coríntios. A carta dolorosa determinava a disciplina eclesiástica contra certo indivíduo desregrado e estrepitoso, que encabeçava a oposição a Paulo na igreja de Corinto (vide II Coríntios 2:5-10). Tito fora o portador dessa carta a Corinto. Entrementes, sabendo que Tito retornaria por meio da Macedônia e de Trôade, e ansioso por saber, da parte de Tito, qual tinha sido a reação dos crentes de Corinto, Paulo partiu de Éfeso e foi esperar a Tito em Trôade. E como Tito se demorasse muito, Paulo prosseguiu viagem até a Macedônia, onde finalmente se encontrou com Tito, o qual lhe deu as boas novas que a igreja coríntia, como um [todo se](#) arrependera de sua insubmissão contra Paulo, tendo disciplinado o líder da oposição ao apóstolo (vide II Coríntios 2:12,13 e 7:4-16).

## **Motivos de II Coríntios**

Paulo escreveu a segunda epístola aos Coríntios estando na Macedônia, no decurso de sua terceira viagem missionária, a fim de (1) expressar seu alívio e satisfação ante a reação favorável da maioria da igreja de Corinto, e ao fazê-lo descreve seu ministério em termos pessoais os mais vívidos (capítulos 1 - 7); (2) ressaltar a coleta que recolheria dentre eles para levá-la aos crentes de Jerusalém (capítulos 8 e 9); e (3) defender sua autoridade apostólica diante da ainda recalcitrante minoria (capítulos 10 - 13).

## **SUMÁRIO DAS RELAÇÕES ENTRE PAULO E A IGREJA DE CORINTO**

Paulo evangelizou Corinto em sua segunda viagem missionária.



Paulo escreveu uma carta perdida a Corinto, na qual ordenava que os cristãos se separassem de crentes profanos que vivessem na imoralidade.

Paulo escreveu I Coríntios em Éfeso, durante a sua terceira viagem missionária, a fim de abordar diversos problemas daquela igreja.

Paulo fez uma breve e "dolorosa" visita a Corinto, tendo partido de Éfeso e para ali voltado, afim de corrigir problemas em Corinto, mas não conseguiu realizar o seu propósito.

Paulo enviou outra carta perdida, chamada a "carta triste", na qual ordenava aos coríntios que disciplinassem seu principal oponente na igreja.

Paulo deixou Éfeso e ansiosamente aguardou Tito em Trôade, e então na Macedônia.

Tito finalmente chegou com as boas novas de que a igreja disciplinara ao oponente de Paulo, e que a maioria dos crentes coríntios se submetera à autoridade de Paulo.

Paulo escreveu II Coríntios estando na Macedônia (ainda durante a terceira viagem missionária), em resposta ao relatório favorável de Tito.

## **Integridade de II Coríntios**

Tem-se argumentado que o trecho de II Coríntios 10 - 13 é, pelo menos, uma porção da carta triste que se "perdeu", porquanto Paulo muda de tom, pois fala jubilosamente nos capítulos um a nove, mas passa para a defesa própria nos capítulos dez a treze. Porém, essa distinção não se verifica com toda a coerência, pois também há auto-defesa nos capítulos um a nove (vide 1:17 ss.: 2:6,17; 4:2-5 e 5:12,13). A diferença de ênfase se deve ao fato que Paulo dirigia a palavra primariamente à maioria penitente, nos capítulos primeiro e nono, e à minoria ainda recalcitrante, nos capítulos dez a treze. (Outros têm sugerido que novas notícias de uma reavivada oposição forçaram Paulo a mudar seu tom, do décimo capítulo em diante.) Certo número de considerações milita contra a divisão da segunda epístola aos Coríntios em duas epístolas originalmente separadas: (1) deveríamos esperar que os capítulos 10 - 13 teriam precedido os capítulos 1 - 9, se tivessem sido escritos antes, como a carta triste; (2) embora firme em seu tom, os capítulos 10 - 13 dificilmente exprimem tristeza; (3) os capítulos dez a treze nada contêm acerca de um insultuoso comportamento do cabeça da oposição a Paulo, e, no entanto, esse foi o tema da carta triste, conforme II Coríntios 2:1 ss.; (4) o trecho de II Coríntios 12:18 menciona uma visita anterior feita por Tito, a qual deve ter sido feita para entregar a carta triste, mas, de acordo com a teoria da divisão da epístola em duas, o trecho em apreço faz parte da epístola triste!

## **Repasso das relações passadas e presentes**

Paulo dá início à epístola com saudação e ações de graças pelo conforto dado por Deus em meio a perseguições e adversidades. Então começa a descrever seu ministério como caracterizado pela sinceridade e pela santidade. Defende-se contra a acusação de vacilação - por não ter cumprido a promessa ameaçadora de uma outra visita - afirmando que suas palavras eram justas e tão positivas quantas são as promessas divinas em Cristo e explicando que ele adiará um pouco a sua visita a fim de dar-lhes tempo de se arrependerem, pois isso lhe permitiria chegar em meio a circunstâncias mais felizes do que se tivesse partido imediatamente para Corinto. Satisfeito porque a igreja coríntia disciplinara seu principal oponente, Paulo aconselha que fosse restaurado à comunhão o tal indivíduo. Isso ficaria demonstrado especialmente através da permissão para ele participar novamente da Ceia do Senhor. A seção se encerra com uma metáfora de Cristo como um general vitorioso à testa de um cortejo triunfal, a entrar em Roma, além de uma outra metáfora na qual os crentes coríntios, convertidos de Paulo como eram, figuram como uma carta de recomendação em favor de Paulo, escrita pelo próprio Cristo, *Ler II Coríntios 1:1 - 3:3*.

## **O ministério do Evangelho**

Ato contínuo, Paulo descreve a superioridade do evangelho em relação à lei de Moisés. O fato que a glória de Deus, estampada no rosto de Moisés, já se ia dissipando quando ele descia do monte Sinai, representa a natureza temporária do pacto mosaico. Agora estamos desvinculados da lei e de sua condenação. Mas, tal e qual Moisés refletia a glória passageira da antiga aliança, nós deveríamos refletir a glória maior, crescente e permanente do novo pacto. Quão admirável é que Deus tenha

confiado a pregação de Seu glorioso evangelho do novo pacto a pobres e fracos seres humanos! Todavia, a despeito de sentirmos nossa própria debilidade, conforme escreve Paulo, não desesperamos. Pois a esperança da ressurreição faz-nos olvidar nossos atuais perigos físicos quando pregamos o evangelho. Sentindo profundamente a imensidade do privilégio e da responsabilidade que lhe cabia, como ministro da nova aliança, Paulo reivindica para si uma atitude consciente e íntegra, sem importar quão adversas ou quão favoráveis forem as condições de seu ministério. *Ler II Coríntios 3:4 - 7:16.*

### **Separação**

Na digressão existente em II Coríntios 6:11 - 7:1, Paulo retrata a vida separada do pecado como uma experiência que amplia nossos horizontes, ao invés de estreitá-los. Alguns estudiosos têm pensado que essa digressão faz parte da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, que se perdeu, a qual é aludida em I Coríntios 5:9: "Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros." Mas, por que um excerto daquela carta teria sido inserido aqui é difícil de entender; e a evidência fornecida pelos manuscritos em nada indica que o trecho de II Coríntios 6:11 - 7:1 não pertencia originalmente à segunda epístola de Paulo àqueles crentes.

### **A oferta**

Pleiteando em favor de uma oferta generosa em prol da igreja de Jerusalém, Paulo alude à liberalidade dos crentes macedônios como digna de imitação, e mais digno ainda de emulação é o auto-sacrifício de Cristo. Noutra oportunidade talvez vós é que estejais precisando de ajuda, argumenta Paulo. Outrossim, vós vos apegastes intensamente a essa idéia de uma oferta, quando eu a mencionei diante de vós pela primeira vez, há algum tempo atrás. Não queirais provar ser infundada a minha ufanía diante dos macedônios, por causa de vosso zelo. *Ler II Coríntios 8 e 9.*

### **Apologia**

Os oponentes de Paulo tinham-no acusado de ser ousado quando ausente, mas de ser covarde quando presente. Por esse motivo, relembra ele a seus leitores que a mansidão é virtude de Cristo; mas, à semelhança de Cristo, ele poderia ser ousado na presença deles, se assim o quisesse, e assim realmente faria, se necessário, embora no Senhor, e não por iniciativa própria. *Ler II Coríntios 10 -13.* Nesses capítulos, o apóstolo apresenta as credenciais de seu ministério apostólico a saber: sua sinceridade como pregador (nem mesmo aceitava salário da parte dos crentes de Corinto), seus variegados sofrimentos, as revelações especiais que recebera de Deus e os prodígios miraculosos que operava. Porém, Paulo procurou resguardar-se ciosamente do orgulho jactancioso, reiterando com insistência que os recalitrantes de Corinto é que o forçavam a escrever daquela maneira, e também mencionando suas debilidades, mormente seu "espinho na carne " (12:7-10). Entre as opiniões propostas acerca da identificação desse espinho, podemos mencionar a epilepsia, alguma doença dos olhos, a malária, a lepra, a enxaqueca, momentos de depressão, a gagueira, ou os falsos mestres. A epístola se fecha com um apelo para que sua visita vindoura não se tenha de tornar em ocasião para repreender novamente àqueles crentes. (Alguns identificam os oponentes de Paulo em Corinto, pelo menos em parte, com os gnósticos, por ter ele enfatizado o autêntico conhecimento espiritual na sua réplica; mas o fato de ter apelado para seu passado judaico (11:21,22) parece mostrar que esses oponentes eram os judaizantes.)

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE II CORÍNTIOS**

Tema: conceito paulino sobre seu próprio ministério, conforme se vê em seu relacionamento para com a igreja de Corinto

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. RELAÇÕES ENTRE PAULO E A IGREJA DE CORINTO COM ALUSÃO ESPECIAL A MAIORIA A ELE AGORA FAVORÁVEL (1:3 - 7:16)

A. Ação de graças pelo consolo e proteção divinos (1:3-11)

- B. Paulo explica por que não visitara ainda Corinto, não por vacilação temerosa, mas por não querer fazer outra visita dolorosa (1:12 - 2:4)
  - C. Instrução para restauração do opositor de Paulo, agora penitente, por haver sido disciplinado, e o perdão dado por Paulo (2:5-11)
  - D. Descrição interna do ministério de Paulo (2:12 - 6:10)
    - 1. Ansiedade por não ter vindo Tito a Trôade (2:12,13)
    - 2. Ação de graças pela confiança triunfante em Cristo (2:14-17)
    - 3. A carta viva de recomendação sobre o ministério de Paulo: os próprios convertidos de Corinto (3:1-3)
    - 4. Superioridade do novo pacto em relação ao antigo (3:4-18)
    - 5. A determinação de Paulo por cumprir o seu ministério (4:1 - 6:10)
  - E. Apelo em prol do afeto mútuo e para que os crentes de Corinto se separassem dos incrédulos (6:11 - 7:4)
  - F. Satisfação ante o relatório de Tito, trazido à Macedônia, de que a maioria da igreja de Corinto se arrependera de sua oposição a Paulo (7:5-16)
  - II. EXORTAÇÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO PARA A COLETA PARA A IGREJA DE JERUSALÉM (8:1 - 9:15)
    - A. O exemplo dos crentes da Macedônia (8:1-7)
    - B. O exemplo de Jesus (8:8,9)
    - C. O ideal de igualdade (8:10-15)
    - D. Chegada de Tito e outros, para receberem a coleta (8:16 - 9:5)
    - E. A recompensa divina pela liberalidade (9:6-15)
  - III. RELAÇÕES ENTRE PAULO E A IGREJA CORÍNTIA, MORMENTE A MINORIA AINDA RECALCITRANTE (10:1 - 13:10)
    - A. Defesa de Paulo contra as acusações de fraqueza e covardia (10:1-11)
    - B. A justa reivindicação de Paulo sobre os coríntios como seus convertidos (10:12-18)
    - C. Preocupação de Paulo quanto ao perigo dos falsos mestres em Corinto (11:1-6)
    - D. Paulo recusava-se a aceitar apoio financeiro dos coríntios (11:7-15)
    - E. Vantagens paulinas por seus antepassados judeus e por seus serviços cristãos, incluindo seus sofrimentos por motivo de perseguições (11:16-33)
    - F. As visões de Paulo e o espinho na carne (12:1-10)
    - G. Os milagres apostólicos de Paulo (12:11-13)
    - H. A futura visita de Paulo a Corinto, com a ameaça de mostrar-se severo e um apelo em prol do arrependimento (12:14 - 13:10)
- CONCLUSÃO: exortações e saudações de despedida, e uma bênção (13:11-14).

Para discussão posterior

- Por quais razões históricas e teológicas duas das cartas de Paulo à igreja de Corinto podem ter-se perdido? É possível que, se tivessem sido preservadas, teriam sido aceitas no "cânon" pela Igreja? Como deveriam elas ser acolhidas agora, no caso de virem a ser descobertas?

- Em que as observações paulinas sobre a mordomia cristã do dinheiro (vide II Coríntios 8 e 9) podem ser comparadas com a lei do dízimo do Antigo Testamento?

- Por que Paulo "não virou a outra face", ao invés de defender-se de ataques pessoais?

- Reconstitua o perfil da personalidade de Paulo com base na mais reveladora de suas epístolas, quanto ao seu próprio caráter.

Para investigação posterior:

Tasker, R. V.G. The Second Epistle of Paul to the Corinthians. Londres: Tyndale, 1958.

Hughes, P.E. Paul's Second Epistle to the Corinthians. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

Thrall, M. E. The First and Second Letters of Paul to the Corinthians. Cambridge University, Press, 1965.

## ROMANOS: O DOM DA RETIDÃO DIVINA POR MEIO DA FÉ EM CRISTO

### Perguntas Normativas:

- Qual foi a origem da igreja em Roma, e de que pessoas se compunha ela?
- O que levou Paulo a escrever à igreja de Roma, embora jamais a tivesse visitado?
- Qual é a progressão, passo a passo, dessa explanação mais sistemática de todas que Paulo escreveu do evangelho?

### Tema

O grande tema da epístola aos Romanos é a justificação pela graça divina, mediante a fé em Jesus Cristo. Jesus deixou implícita essa doutrina nas parábolas do filho pródigo, do fariseu e do publicano, dos trabalhadores da vinha que receberam igual salário, e da grande ceia. Subentendido idêntico jaz por detrás de Sua assertiva: "... não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (Marcos 2:17), como também por detrás do modo como tratou com Zaqueu (vide Lucas 19:1-10). Por conseguinte, Paulo não inovou a doutrina do perdão gratuito, apesar de havê-la desenvolvido segundo seu estilo todo pessoal. Essa doutrina recebe sua abordagem mais sistemática exatamente nesta epístola de Paulo à igreja de Roma.

### Fundação da Igreja de roma



*Ruínas de uma Sinagoga que se acreditam retroceder ao século I D.C., descobertas em Ostia, uma antiga cidade portuária romana a sudoeste de Roma.*

Clemente de Roma, pai da Igreja primitiva, sugeriu que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma. Pela época de Tertuliano (primórdios do século III D.C.), a Igreja de modo geral, já tinha aceitado essa tradição. Entretanto, a igreja local de Roma mui provavelmente não foi fundada por apóstolo nenhum, certamente não por Paulo e quase tão certamente nem por Pedro. Conforme já pudemos observar, o historiador romano Suetônio escreveu que o imperador Cláudio baniu de Roma aos judeus, em 49 ou 50 D.C., por motivo das agitações havidas por instigação de alguém chamado "Chrestus", provavelmente

uma errônea soletração de "Christus" (forma latina de Cristo). Se assim realmente sucedeu, então por esse tempo já chegara a Roma o cristianismo. No entanto, Pedro continuava em Jerusalém por ocasião do concílio de Jerusalém, que se desenrolou em cerca de 49 D.C. Outrossim, Paulo não faz alusão alguma a Pedro, e nem envia saudações ao apóstolo Pedro, em sua epístola aos Romanos. Quiçá alguns dos judeus e prosélitos residentes em Roma, que tinham estado em Jerusalém no dia

de Pentecoste e ali se tornaram cristãos, levaram de volta a Roma o evangelho, no alvorecer mesmo da história cristã (vide Atos 2:10).

### **Judeus ou gentios?**

Alguns eruditos sustentam que a igreja de Roma era composta, principalmente de cristãos judeus. Argumentam esses que a ênfase dada à nação judaica, nos capítulos nono a décimo primeiro, que o apelo ao exemplo dado por Abraão, que as citações extraídas do Antigo Testamento e que as passagens nas quais Paulo parece argumentar contra certas objeções tipicamente judaicas (vide Romanos 2:17 - 3:8; 21-31: 6:1 - 7:6 e 14:1 - 15:3) subentendem que se tratava de uma congregação judaica. No entanto, de conformidade com os capítulos nove a onze, Deus *pôs de lado*, temporariamente, à nação judaica, *por causa dos gentios*, e por essa razão tais capítulos podem, bem pelo contrário, indicar que os leitores originais desta epístola eram, principalmente, gentios. O uso que Paulo faz de Abraão e do Antigo Testamento, como ilustrações, pode refletir antes a sua própria formação intelectual, e não a de seus leitores. E suas réplicas a objeções tipicamente judaicas podem ter-se originado de seus freqüentes debates com judeus incrédulos ou com judaizantes, não sendo objeções feitas por seus leitores judeus.

Certo número de passagens demonstra que a igreja de Roma se compunha principalmente de elementos gentios. Escreve Paulo, em 1:5,6: "... entre todos os gentios, de cujo número sois também vós..." Em 1:13, registra o apóstolo: "...para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios". E as palavras "Dirijo-me a vós outros, que sois gentios!" (11:13) caracterizam a igreja romana de modo geral, e não como uma minoria no seio da congregação; pois em 11:28-31 é dito que os leitores de Paulo haviam sido alvos da misericórdia divina, devido à incredulidade dos judeus. Em 15:15,16, Paulo alude ao que escrevera aos romanos como algo vinculado a seu ministério "entre os gentios".

### **Tempo e lugar de escrita**

Paulo acabara de completar o recolhimento da coleta para os crentes de Jerusalém, durante sua terceira viagem missionária (vide 15:25,26). Paulo escreveu estando em Corinto, porquanto Gaio era de Corinto e, na ocasião, era o hospedeiro do apóstolo (vide 16:23 e I Coríntios 1:14). A menção de Erasto, o tesoureiro da cidade (vide 16:23), confirma que Corinto foi o lugar de onde Paulo escreveu esta epístola. Há uma inscrição, descoberta em Corinto e datada do primeiro século da era cristã, que diz: "Erasto, comissário. das obras públicas, lançou este pavimento às suas próprias custas". Estritamente falando, "comissário das obras públicas" não é a mesma coisa que "tesoureiro da cidade", mas é natural pensarmos que Erasto subiu do posto de comissário para o de tesoureiro, ou que foi rebaixado de tesoureiro a comissário, por causa de sua fé cristã. Também permanece como uma possibilidade a idéia que esses dois títulos sejam sinônimos virtuais. Outra confirmação de que Paulo escreveu em Corinto a epístola aos Romanos nos vem das suas recomendações acerca de Febe, a qual pertencia à igreja de Cencreia, perto de Corinto. Essa recomendação provavelmente indica que Febe foi a portadora da epístola, tendo-a levado de Corinto a Roma (vide 16:1,2).

### **Propósito**

Paulo escreveu a epístola aos Romanos como preparação para a sua primeira visita àquela cidade e à comunidade cristã dali. Desde há muito ele vinha tencionando visitar Roma, mas sempre havia algum empecilho (vide 1:13 e 15:22 - 24a). O propósito dessa visita era o de fortalecer na fé aos cristãos romanos (vide 1:11, 15), além de obter a ajuda financeira deles, para sua projetada missão à Espanha, depois de ter visitado Roma (vide 15:24,28). A epístola aos Romanos, por conseguinte, é um tratado a respeito do evangelho e cujo desígnio foi o de preparar os leitores de Paulo para seu futuro ministério oral entre eles.

### **Saudações pessoais**

Em face do fato que Paulo conhecia pessoalmente apenas certos dentre os cristãos de Roma - aqueles que para ali se tinham mudado depois que o apóstolo os conhecera - essa epístola é mais formal que qualquer outra das epístolas paulinas. Entretanto, as saudações pessoais que há no

décimo sexto capítulo e que Paulo enviou a determinadas pessoas, embora ele nunca antes houvesse visitado a cidade, têm levado alguns eruditos a pensar que esse décimo sexto capítulo da epístola constitua uma epístola ou parte de uma epístola que originalmente fora enviada a Éfeso. Tal capítulo, entretanto, dificilmente perfaz uma epístola inteira (pois consiste quase inteiramente de saudações), além do que não há qualquer evidência, entre os manuscritos, de que jamais tenha tal capítulo circulado independentemente, como epístola inteira ou como parte de alguma epístola. A única outra longa série de saudações nas epístolas paulinas ocorre em Colossenses, enviada para outra cidade que Paulo nunca antes visitara. O mais provável é que Paulo quisesse enfatizar assim seu conhecimento anterior, de outras cidades, com cristãos que se tinham mudado e se tornado membros de outras igrejas, as quais nunca haviam sido visitadas por Paulo, a fim de estabelecer relações amistosas com aquelas igrejas, além de querer omitir saudações individuais nas epístolas dirigidas a igrejas que ele visitara, a fim de evitar a idéia de favoritismo. Há motivo insuficiente, portanto, para alguém pensar que o capítulo décimo sexto tivesse sido parte, originalmente, de alguma outra epístola.

### **Confusão textual**

Os antigos manuscritos variam imensamente, todavia, quanto à posição ocupada pela doxologia de 16:25-27 (em nossa Bíblia portuguesa), bem como quanto à posição da bênção constante em 16:20. Tal confusão pode ter sido devida ao herege Márciom, o qual talvez tivesse omitido aos capítulos quinze e dezesseis, devido a referências ao Antigo Testamento e a questões judaicas, que pareciam desagradáveis para sua maneira de pensar antijudaica. Essa confusão também pode ter-se originado numa forma truncada da epístola, isto é, sem o décimo sexto capítulo, acerca do que há evidências textuais antigas. É provável que algumas edições tenham omitido o citado capítulo com suas saudações pessoais, a fim de adaptar a epístola à circulação geral por toda a Igreja.

## DESENVOLVIMENTO LÓGICO DO PENSAMENTO NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

### **Introdução e tema**

Na abertura da epístola, Paulo saúda a seus leitores e menciona a esperança que ele tinha de visitá-los, a fim de que pudesse pregar o evangelho em Roma, como já o fizera noutros lugares (vide 1:1-15). Em seguida, Paulo declara seu tema, em 1:16,17: as boas novas da libertação do pecado, através da dádiva divina da retidão, a todos quantos crêem em Jesus Cristo.

### **Necessidade: pecaminosidade**

A primeira seção maior delineia a necessidade da justificação, em face da pecaminosidade dos homens (vide 1:18 - 3:20). A metade final do primeiro capítulo descreve a iniquidade do mundo gentílico, o segundo capítulo fala sobre a atitude de justiça própria do mundo judaico, e a primeira metade do terceiro capítulo sumaria a culpa da humanidade em geral. Deve-se destacar que, para Paulo, os pecados (plural) são apenas sintomas do problema real, que é o pecado (singular), na forma de um princípio dominante na experiência humana.

### **O remédio: justificação**

A justificação é o remédio de Deus, de acordo com a segunda seção maior da epístola (vide 3:21 - 5:21). A última metade do capítulo terceiro apresenta a morte expiatória de Cristo como base de nossa justificação, bem como a fé como o meio pelo qual nos apropriarmos dos benefícios advindos de Sua morte. O quarto capítulo retrata Abraão como o grande exemplo de fé, em contraposição à doutrina rabínica do tesouro de merecimentos de Abraão, que seria tão superabundante que os judeus podiam valer-se do excesso. O quinto capítulo alista as multiformes bênçãos resultantes da justificação - paz, alegria, esperança, o dom do Espírito Santo, e outras - além de contrastar a posição dos incrédulos em Adão, onde há pecado e morte, com a posição dos crentes em Cristo, onde há justiça e vida eterna.

## **O resultado: santificação**

Na terceira porção principal, a discussão progride ao tema da santificação, ou santo viver cristão (vide os capítulos 6 - 8). Haveríamos de continuar pecando para que Deus pudesse exercer mais ainda a Sua graça, e assim pudesse obter maior louvor para Si mesmo? Não! O batismo ilustra a nossa morte para o pecado e o nosso reviver para a retidão (vide o capítulo 6). Contudo, a santificação nada tem a ver com a guarda da lei do Antigo Testamento, a qual era capaz tão-somente de conferir ao indivíduo um senso de derrota, sem transmitir qualquer capacidade de vencer ao demoníaco controle do pecado sobre a nossa conduta (vide o capítulo 7). Pelo contrário, o Espírito de Cristo é que nos outorga o poder para sermos vitoriosos, pelo que também o oitavo capítulo atinge o ponto culminante com uma grande explosão de louvor: "Quem nos separará do amor de Cristo?" Paulo alista as possibilidades e nega uma por uma.

## **O problema: incredulidade de Israel**

A discussão volta-se para o problema de Israel, na quarta seção maior da epístola aos Romanos (vide os capítulos 9 - 11). Por causa de seu próprio passado e formação judaicos, Paulo se mostrava agudamente preocupado diante da incredulidade da grande maioria de seus compatriotas judeus. No que tange a isso, Paulo enfrentava um problema de lógica. Ele sempre afirmava que o evangelho não é uma inovação, mas antes, deriva-se do Antigo Testamento e constitui o cumprimento de tudo quanto Abraão, Davi e os profetas esposavam. Mas, se assim são as coisas realmente, por qual razão os judeus, considerados como um povo, não reconheciam a veracidade dessas reivindicações? Porventura a rejeição geral do evangelho, da parte dos judeus, implicava em alguma falha no argumento do apóstolo? Em resposta, o nono capítulo frisa a doutrina da eleição, isto é, o direito que Deus tem de selecionar a quem quer que deseje. Isso é perfeitamente legítimo, argumenta Paulo: Deus fazer com o povo de Israel e com os gentios o que Ele bem quiser. E é prerrogativa de Deus escolher agora os gentios, tal como Lhe coubera o direito de escolher previamente aos judeus. Todavia, a atual rejeição de Israel por parte de Deus não se deve a algum capricho, pois Israel assim o merece, devido à sua justiça própria e sua recusa em crer no que tanto ouvira quanto entendera do evangelho (vide o capítulo 10). Outrossim, Israel foi posto para um lado de modo apenas parcial e temporário. Um judeu pode obter a salvação tão facilmente quanto um gentio, bastando-lhe confiar em Cristo; e Deus haverá de restaurar a nação de Israel inteira ao Seu favor, no futuro. Entrementes, os gentios usufruem de igualdade diante de Deus, em relação aos judeus (vide o capítulo 11).

## **A obrigação: preceito cristãos**

A quinta seção principal contém exortações práticas relacionadas à vida diária dos crentes, incluindo mandamentos atinentes à obediência às autoridades civis e a permissão de liberdade no que concerne às questões cerimoniais (vide capítulos 12 - 14).

## **Conclusão**

Paulo conclui essa epístola traçando os seus planos para o futuro e enviando diversas saudações (vide os capítulos 15 e 16).

## **AS PRINCIPAIS DOUTRINAS DA EPÍSTOLA AOS ROMANOS**

### **A culpa humana**

*Ler Romanos 1:1 - 3:20.* Paulo observa cuidadosamente, por meio da citação que faz de Habacuque 2:4, que o Antigo Testamento respalda a verdade fundamental de que a justiça nos vem por intermédio da fé (vide 1:17). E também afirma que a própria natureza revela o poder e a majestade de Deus, em razão do que os pagãos são indesculpáveis (vide 1:19,20). O restante do primeiro capítulo descreve a natureza retrógrada do pecado. A declaração: "... Deus os entregou..." vibra como sinos de morte por três vezes, por toda esta passagem (vide versículos 24,26 e 28).

No capítulo dois, Paulo descreve o judeu justo aos próprios olhos, que se deleitava em pôr em destaque os pecados do mundo pagão. Os judeus têm tanta culpa quanto aqueles, embora à sua

maneira, argumenta Paulo. Outrossim, para que alguém seja judeu genuíno, não basta que seja descendente físico de Abraão ou que tenha recebido o rito da circuncisão, porquanto para tanto é mister que goze da apropriada relação espiritual para com Deus. De fato, os gentios que seguem a lei de Deus, escrita em suas consciências, demonstram possuir aquela correta relação com Deus que falta a muitos judeus. O vocábulo "judeu" significa "louvor". O verdadeiro judeu, portanto, é aquele cuja vida é digna de louvor, segundo os critérios divinos (vide 2:17).

Em Romanos 3:1, Paulo antecipa certa objeção judaica: Se os judeus não são melhores que os gentios, por que Deus escolheu a nação judaica? Não deixa claro o Antigo Testamento que Deus favoreceu especialmente aos judeus? E no entanto, ó Paulo, afirmas que Deus trata judeus e gentios da mesma maneira! Paulo admite abertamente que os judeus têm a decisiva vantagem de estar mais próximos da divina revelação, através das Escrituras. Porém, um privilégio superior não implica em menor pecaminosidade. Com uma fieira de citações tiradas do Antigo Testamento, Paulo encerra essa seção acusando a raça humana inteira de estar culpada diante de Deus.

### **Propiciação**

O parágrafo seguinte forma o cerne mesmo do livro. As palavras "pela lei e pelos profetas" apontam para o Antigo Testamento. Paulo frisa que embora a justiça nos venha mediante a fé em Jesus Cristo, e não através da observância da lei, contudo, a lei e o restante do Antigo Testamento confirmam o fato que a justiça procede da fé. A "glória de Deus", da qual carecem todos os seres humanos (vide 3:23), é o esplendor do caráter de Deus. O termo "propiciação" (vide 3:25) alude à morte expiatória de Jesus, como aquilo que apaziguou a santa ira de Deus contra a iniquidade humana. "Expição" é palavra sinônima que, entretanto, não encarece o elemento da justa indignação de Deus. Mas, quer traduzido por "propiciação" quer por "expição", o vocábulo também pode referir-se ao propiciatório, a tampa de ouro posta sobre a arca da aliança e sobre a qual o sumo sacerdote dos judeus aspergia o sangue do holocausto, uma vez por ano, a fim de fazer expiação pelos pecados de Israel. Paulo indica que Deus perdoava aos pecados, durante o período do Antigo Testamento, somente em antecipação à morte de Cristo. Quando ele assevera que Deus é o "justo" e o "justificador daquele que tem fé em Jesus", quis dizer que a santidade de Deus ficou satisfeita porque Jesus pagou a penalidade pela culpa humana, e também que o amor de Deus foi satisfeito, porquanto a morte de Cristo provê o modo pelo qual o pecador pode agora exigir que a penalidade seja imposta àqueles que detêm a justiça, como igualmente é suficientemente elástica para permitir que o "justo" que é Deus atue em benefício dos injustos (nós mesmos), no exercício da misericórdia. *Ler Romanos 3.21-31*

### **Fé**

Uma vez mais Paulo antecipa determinada objeção judaica: se alguém obtém a justiça meramente pela fé em Cristo, não há vantagem alguma em ser alguém judeu ou em cumprir a lei como judeu. Paulo concorda essencialmente com essa conclusão, embora tenha argumentado que o próprio Antigo Testamento indica que a justiça vem pela fé, segundo se vê nos exemplos de Abraão e Davi. *Ler Romanos 4 e 5.*

### **Bênçãos**

Nos primeiros versículos do quinto capítulo, Paulo apresenta uma lista das bênçãos que acompanham a justificação: a paz com Deus por intermédio de Jesus Cristo; a introdução na esfera da graça divina; a alegria na esperança da glória de Deus ("esperança" significa expectativa confiante de que Jesus retornará, e "a glória de Deus", neste caso, significa o divino esplendor que será experimentado pelos crentes, quando da segunda vinda de Cristo); a alegria diante das perseguições da vida presente; a perseverança; o caráter comprovado; a esperança (reiteração da idéia); e o amor de Deus, derramado em nossos corações pelo dom do Espírito Santo. Os termos "reconciliar" e "reconciliação", nos versículos 10 e 11, referem-se à meia-volta dada pelo pecador, que era contrário a Deus, por sua ira, mas que agora se volve amorosamente para Deus.

### **Pecado original. Adão versus Cristo**



Nos versículos 12 - 14, Paulo argumenta que o reinado da morte, antes mesmo de Deus haver dado a lei por meio de Moisés, provava que a raça humana inteira está implicada no pecado original de Adão; pois antes da época de Moisés não havia qualquer lei escrita para ser quebrada. Segue-se o contraste entre o "um" e os "muitos": um homem (Adão) pecou no Éden - os muitos (expressão semítica que indica "todos") pecaram e morreram em Adão; por igual modo, um homem (Jesus Cristo) realizou um ato de justiça sobre a cruz - os muitos (todos quantos O recebem) são reputados justos e vivem eternamente.

### **União com Cristo**

A objeção primária a esse fácil caminho da salvação, isto é, o caminho da justificação exclusivamente pela fé, diz que, logicamente, tal raciocínio implica em uma conclusão patentemente falsa e ridícula: quanto mais pecamos, mais Deus exerce Sua graça e maior glória Ele adquire para Si mesmo - pelo que também deveríamos pecar o máximo possível, visando à glória de Deus! Paulo repudia horrorizado tal raciocínio, estribado na doutrina da união do crente com Cristo, o que se vê dramatizado no batismo cristão. No batismo, o crente confessa a sua morte para o pecado através da sua identificação com Jesus Cristo, em Sua morte, além de confessar que reviveu para a justiça, mediante a sua identificação com Cristo e a Sua ressurreição. Até onde Deus está envolvido, por conseguinte, o crente morreu quando Cristo morreu, e ressuscitou quando Cristo foi soerguido dentre os mortos. Esse fato coloca o crente debaixo da obrigação de viver para a retidão. Assim sendo, compete-lhe conformar sua auto-imagem de conformidade com a perspectiva divina. *Ler Romanos 6 - 8.*

### **A liberdade cristã**

Na porção final do sexto capítulo, Paulo esclarece que o estar livre da lei não significa estar livre para pecar, porquanto liberdade e servidão são termos relativos. Um incrédulo está livre das restrições próprias da vida de um crente, mas está escravizado ao controle exercido pelo pecado. Por outra parte, o crente está livre do controle do pecado, mas serve às restrições próprias da vida santa. Na realidade, o cativo à santidade é a mais autêntica forma de liberdade, a saber, a liberdade de não pecar, a liberdade de viver retamente.

No sétimo capítulo, o apóstolo ilustra o seu argumento com base na lei do matrimônio. Um cônjuge qualquer está livre para casar-se com outra pessoa, uma vez que seu primeiro cônjuge seja colhido pela morte, porquanto a morte cancela o vínculo matrimonial. Similarmente, a morte de Cristo anula o relacionamento entre o crente e a lei mosaica, liberando-o para pertencer a Cristo e para produzir fruto para Deus. Nesse caso, por que foi baixada a lei? Foi dada para impulsionar os homens a depender de Cristo quanto à retidão de que precisam, e isso por terem sido suas consciências despertadas para a realidade do pecado e de sua incapacidade moral. Paulo não nega que Deus tencionava que a lei mosaica fosse um caminho de vida, para os crentes do Antigo Testamento. Mas, no que concerne ao perdão dos pecados, jamais houve o propósito de fazer da lei um sistema de mérito humano, mas tão-somente para que servisse de meio que induzisse os homens a se entregarem à graça divina misericordiosa.

### **Da frustração ao triunfo**

A porção final do sétimo capítulo é uma descrição clássica que descreve as frustrações de um indivíduo que quer praticar o bem, mas não pode, em face do demoníaco poder do pecado, agravado pela lei. No caso de crentes, entretanto, tal frustração se transmuta em triunfo, porquanto eles possuem o Espírito de Cristo (vide o capítulo 8). Tal como o faz na epístola aos Gálatas, Paulo contrasta a carne com o Espírito. O Espírito de Cristo dá forças aos crentes, para que conquistem os impulsos pecaminosos, assegurando-lhes a salvação, glorificando-os futuramente e ajudando-os a orar. O capítulo oitavo atinge o ponto culminante da epístola, em meio a expressões de louvores e confiança. O único que tem o direito de acusar-nos - por ser Ele santo - é exatamente aquele que nos justifica. Deus não seria justo se nos *condenasse*, agora que estamos em Cristo!

### **A eleição e a rejeição de Israel**

*Ler Romanos 9 - 11.* Ao discutir sobre o problema de Israel, Paulo sustenta que Deus tem o direito de escolher ou rejeitar, segundo Ele quiser fazer. Os pecadores não têm direito a quaisquer méritos que Deus se veja forçado a reconhecer. Todavia, Deus não exerce arbitrariamente Suas prerrogativas. O Senhor rejeitou a Israel por causa da atitude de justiça própria dos judeus, e porque não buscavam a justiça divina. O convite para a salvação, pois, está franqueado a todos, judeus e gentios igualmente. Porém, a presente rejeição divina a Israel não se reveste de aspecto tão terrível como poderia parecer à primeira vista. Há diversos fatores que mitigam tal severidade: (1) um remanescente judaico continuaria crente; (2) a rejeição divina a Israel, como nação, proveria aos povos gentílicos uma melhor oportunidade do que a que tinham antes; (3) o ciúme sentido pelos judeus, devido a salvação generalizada dos gentios, haveria de compelir os judeus ao arrependimento; e (4) a nação de Israel haveria ainda de ser salva como um todo, por ocasião do retorno de Cristo, a saber, os judeus que continuarem vivos, quando de Sua volta, aceitá-Lo-ão como o Messias, e dessa maneira receberão a salvação.

### **A dedicação cristã**

Exortações práticas ocupam a próxima seção principal da epístola, pois a teologia paulina sempre afeta a vida diária, e, a fim de ser mantido um elevado nível de conduta cristã nas igrejas o apóstolo nunca permitiu que os seus leitores atinassem sozinhos com o corolário prático de seus ensinamentos doutrinários. Após ter feito um apelo aos crentes, para que se oferecessem como "sacrifício vivo" (em oposição a animais mortos para o sacrifício) a Deus, Paulo exorta seus leitores a não imitarem a conduta externa dos incrédulos, mas a viverem de modo agradável a Deus, em resultado da renovação de sua atitude mental (vide 12:1,2).

A consagração do indivíduo a Deus abre caminho para diversos ministérios, como a prédica, o doutrinamento, o serviço, a liberalidade e a liderança - tudo em harmonia com as habilidades particulares que Deus houver dado a cristãos individuais e tudo realizado como convém, isto é, modesta e harmonicamente (vide 12:3-8). A harmonia no seio de uma igreja local, entretanto, depende do amor cristão mútuo, o que inclui a sinceridade, o repúdio ao mal, a retenção de corretos padrões (a bondade), o afeto, o respeito, a industriiosidade, a devoção a Deus, a alegria na esperança, a paciência, as orações, a generosidade e a hospitalidade (vide 12:9-13).

Por semelhante modo, os crentes devem manter boas relações com os não-crentes, mediante a oração pelo bem estar dos mesmos, mediante a simpatia com suas alegrias e com suas tristezas e mediante atitudes respeitadas e perdoadoras para com eles. Se os incrédulos derem prosseguimento às suas perseguições, então o próprio Deus haverá de julgá-los, vindicando o Seu povo (vide 12:14-21). Paulo também ordenou a submissão ao estado através da obediência e do pagamento de impostos, embora tais recomendações não devam ser confundidas com um cego apoio ao totalitarismo. A pressuposição declarada é que as autoridades governamentais estão mantendo a justiça ao punirem os malfeitores e ao elogiarem os que se conduzem corretamente. Dessa forma, a resistência por razões puramente egoístas ou políticas merece a censura, embora não a resistência devido a motivos morais-religiosos (vide 13:1-7). Deus requer que amemos não só a nossos irmãos na fé, mas também aos nossos semelhantes humanos de maneira geral. Isso inclui o pagamento das nossas dívidas (Paulo não proíbe que incorramos em dívidas, mas determina que elas não sejam deixadas sem pagamento.) e a necessidade de evitar o adultério, o homicídio, o furto, e a cobiça (vide 13:8-10). A expectativa pelo retorno de Cristo aguça o fio de todos esses mandamentos éticos (vide 13:11-14). Finalmente, tal como na primeira epístola aos Coríntios, Paulo indica que os crentes devem permitir, uns aos outros, a liberdade de diferirem sobre questões cerimoniais, contando que os crentes mais fracos, desinformados, não sejam prejudicados (vide 14:1 - 15:3). *Ler Romanos 12:1 - 15:13.*

### **Observações concludentes**

Descortinando os seus planos com maiores pormenores do que no primeiro capítulo, Paulo agora revela a sua esperança de entregar uma oferta enviada à igreja de Jerusalém e de poder ir evangelizar a Espanha, depois de ter visitado Roma. As recomendações relativas a Febe, em Romanos 16:1,2, refletem a prática cristã segundo a qual uma igreja local qualquer recomendava a outra igreja, de outra localidade, que acolhesse a um dos membros da primeira, que se mudava para

a segunda ou lhe fazia uma visita. A saudação a Prisca (forma abreviada de Priscila) e Áqüila, em Romanos 16:3, subentende que aquele casal retornara a Roma. Por meio de fontes seculares também estamos informados de que o edito de Cláudio que expulsava da cidade de Roma aos judeus não entrou em vigor de maneira permanente. Saudações, advertências contra os falsos mestres, uma bênção, outras saudações e uma doxologia, completam a epístola. *Ler Romanos 15:14 - 16:27.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DE ROMANOS

Tema: o evangelho da justificação pela fé ou o dom da justiça divina a pecadores que confiem em Jesus Cristo.

### INTRODUÇÃO (1:1-17)

A. Saudação (1:1-17)

B. Planos de uma visita a Roma (1:8-15)

C. Declaração do tema (1:16,17)

1. A PECAMINOSIDADE DE TODOS OS HOMENS (1:18 - 3:20)

A. A pecaminosidade dos gentios (1:18-32)

B. A pecaminosidade dos judeus (2:1 - 3:8)

C. A pecaminosidade tanto dos judeus quanto dos gentios, igualmente (3:9-20)

II. JUSTIFICAÇÃO DOS PECADORES QUE CONFIEM EM JESUS CRISTO (3:21 - 5:21)

A. A morte expiatória de Jesus é a base da justificação (3:21-26)

B. A fé é o meio de obter-se a justificação (3:27 - 4:25)

1. Fica excluída a jactância humana devido às boas obras (3:27-31)

2. Seus exemplos vetero-testamentários em Abraão (especialmente) e Davi (4:1-25)

C. As muitas bênçãos da justificação (5:1-11)

D. Contraste entre Adão, em quem há pecado e morte, e Cristo, em quem há justiça e vida (5:12-21)

III. SANTIFICAÇÃO DOS PECADORES JUSTIFICADOS PELA FÉ EM JESUS (6:1 - 8:39)

A. O batismo como símbolo da união do crente com Cristo, em Sua morte, no tocante ao pecado, e a sua nova vida, no tocante à justiça (6:1-14)

B. Escravidão ao pecado e isenção quanto à justiça, versus a servidão à justiça e isenção quanto ao pecado (6:15-23)

C. Morte para a lei, mediante a união com Cristo, em Sua morte, ilustrada pelo anulamento do casamento através da morte de um dos cônjuges (7:1-6)

D. A lei não produz a justiça por causa da incapacidade dos seres humanos em vencer suas próprias tendências pecaminosas (7:7-25)

E. O viver reto por meio do Espírito, da parte dos justificados pela fé em Jesus Cristo com uma descrição da vida no Espírito (8:1-27)

F. Uma declaração de confiança e triunfo (8:28-39)

IV. A INCREDELIDADE DE ISRAEL (9:1 - 11:36)

A. A preocupação de Paulo com Israel (9:1-5)

B. A incredulidade de Israel pelo plano predeterminado de Deus (9:6-33)

C. A incredulidade de Israel devido à sua justiça própria (10.1-21)

D. O atual remanescente crente em Israel (11:1-10)

E. Restauração e salvação futuras de Israel (11:11-32)

F. Doxologia ante os sábios caminhos de Deus (11:33-36)

V. EXORTAÇÕES PRÁTICAS (12-1 - 15:13)

A. A consagração a Deus (12:1,2)

B. Os ministérios na Igreja (12:3-8)

C. O amor no seio da comunidade cristã, com virtudes acompanhantes (12:9-13)

D. Relacionamento com os não-cristãos (12:14-21)

E. Obediência ao estado (13:1-7)

F. O amor (13:8-10)

G. A vigilância escatológica (13:11-14)

H. A liberdade e a necessidade de não ofendermos a outros sobre questões cerimoniais, como a ingestão de certos alimentos e a observância de dias santificados (14:1 - 15:13)

CONCLUSÃO (15:14 - 16:27)

A. O plano de Paulo de visitar Roma, após levar uma oferta em dinheiro aos cristãos de Jerusalém (15:14-33)

B. Recomendações sobre Febe (16:1,2)

C. Saudações (16:3-16)

D. Avisos sobre os falsos mestres (16:17-20a)

E. A bênção final (16:20b)

F. Outras saudações (16:21-23)

G. Doxologia (16:25-27)

Para discussão posterior:

- A doutrina paulina da pecaminosidade humana degrada a dignidade e nobreza do homem?
- Porventura Paulo se contradiz ao apelar para as boas obras realizadas pelos gentios por motivo de consciência (vide 2:12-16), e ao contender pela depravação total de judeus e gentios igualmente (vide 3:9-20)?

- A transferência de uma penalidade, de uma pessoa culpada para uma pessoa inocente, é algo legalmente defensável?

- Como pode Deus, com justiça, culpar a raça humana inteira pelo pecado original de Adão?

- Como pode Deus, com justiça, atribuir a retidão de Cristo a todos os crentes?

- A justificação é possível sem a santificação?

- A luta íntima entre o certo e o errado, retratada em Romanos 7:7-25, caracteriza os crentes ou os incrédulos? Comparar com Romanos 8.

- Como é que Deus pode manter a Sua soberania, ao mesmo tempo que permite ao homem suficiente liberdade de ação para considerá-lo responsável?

- Os homens são salvos porque eles decidem crer em Cristo, ou porque Deus resolve levá-los a crer? Haverá alguma outra alternativa?

- Relacione as declarações de Paulo a respeito do futuro de Israel (vide Romanos 11) com os recentes acontecimentos do Oriente Médio.

- Qual deveria ser a atitude do crente para com o seu governo, em face dos atuais problemas sociais e da política internacional?

Para investigação posterior:

(Comentários sobre a epístola aos Romanos)

Bruce, F.F. *The Epistle of Paul to the Romans*. Londres: Tyndale, 1963.

Murray, J. *The Epistle to the Romans*. 2 vol. Grand Rapids: Eerdmans, 1959 - 65.

(Livros sobre tópicos que figuram na epístola aos Romanos)

Agostinho, *Confissões*. Sobretudo os primeiros diversos "livros" que falam sobre o problema da culpa.  
Lewis C.S. *The Case for Christianity*. Parte I. Nova Iorque: Macmillan, 1950. Ou *A Razão do Cristianismo*, Livro I. São Paulo, Edições Vida Nova, 1964. Sobre a consciência moral humana.

Lutero, M. *Commentary [ou Lectures] on Romans*. Sobre 3:21-31

Calvino, J., e J. Sadoletto *Reformation Debate: Sadoletto's Letter to the Genevans and Calvin's Reply*. Editado por J.C. Olin, Nova Iorque: Harper & Row, 1966. Acerca da justificação pela fé como ponto debatido durante a reforma.

Calvino, J. *Institutas da Religião Cristã*, livro I, capítulo 15; livro II, capítulos 1 - 5; livro III, capítulos 21 - 24. Quanto à posição calvinista sobre a soberania divina e o livre arbítrio humano.

Armínio, J. Declaração de Sentimentos, I-IV e Apologia Contra Trinta e um Artigos Difamatórios, artigos I, IV-VIII, XIII-XVII. Acerca da posição arminiana sobre a soberania divina e o livre arbítrio humano.

Chafer, L.S. He That Is Spiritual. Grand Rapids: Zondervan Dunham, 1918. Sobre a santificação.

Walvoord, J. F. Israel in Prophecy - Grand Rapids: Zondervan, 1962. Para comparar com a discussão paulina sobre Israel, em Romanos 9 - 11.

## Capítulo 16 - As Epístolas Paulinas da Prisão

Perguntas Normativas:

- Em qual de seus diversos períodos de encarceramento Paulo, provavelmente, escreveu suas chamadas epístolas da prisão?

- Quais são as relações existentes entre as epístolas da prisão?

- Quais circunstâncias levaram Paulo a pleitear junto a Filemom em favor de um escravo fugido?

- Por que Paulo escreveu para a igreja de Colossos, apesar de não estar familiarizado com ela? Qual era a natureza da "heresia colossense", segundo se pode inferir das medidas corretivas de Paulo?

- Qual seria o destino da epístola que provavelmente foi erroneamente atribuída aos "Efésios"? Como poderíamos comparar sua estrutura e sua distintiva ênfase teológica com a epístola aos Colossenses?

- O que impeliu Paulo a escrever a epístola aos Filipenses? Quais eram as atitudes e as expectativas de Paulo naquele tempo - e quais eram suas preocupações com a igreja de Filipos?

### Aprisionamento de Paulo

Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom compreendem as chamadas epístolas da prisão (ou do cativo), assim denominadas porque Paulo se achava encarcerado quando as escreveu. Há dois períodos conhecidos de aprisionamento de Paulo, um em Cesaréia, durante o período de governo de

Félix e de Festo (vide Atos 23 - 26), e outro em Roma, enquanto Paulo esperava ser julgado perante César (vide Atos 28). Com apoio de escassa tradição da Igreja antiga, alguns eruditos têm conjecturado um outro período de aprisionamento em Éfeso, durante o prolongado ministério de Paulo ali. Paulo menciona "freqüentes"

aprisionamentos em

II Coríntios 11:23, mas provavelmente ele aludia a encarceramentos de uma noite ou pouco mais, como se verificou em Filipos (vide Atos 16:19-40). A posição tradicional atribui todas as chamadas epístolas da prisão ao período de aprisionamento em Roma, mas a possibilidade que isso tenha



O Portão de São Paulo, em Roma, fica na porção sul da cidade.

ocorrido em Éfeso ou Cesaréia pelo menos não deve ser varrida da mente, no caso de cada uma das epístolas da prisão.

## **FILEMOM: APELO EM FAVOR DE UM ESCRAVO FUGIDO**

### **Tema**

Na epístola a Filemom, o apóstolo solicita a certo cristão, proprietário de escravos, que acolhesse gentilmente, e talvez até conferisse a liberdade, a um escravo fugido que apenas recentemente se convertera, e que agora retornava à presença de seu senhor. Dificilmente há um exemplo mais notável dos salutares efeitos sociológicos do evangelho, em todo o Novo Testamento.

### **Filemom, proprietário de escravos**

Filemom, residente de Colossos, tornara-se cristão por intermédio de Paulo ("tu me deves até a ti mesmo", versículo 19). Mui provavelmente isso sucedeu na cidade vizinha de Éfeso, durante o ministério efetuado ali por Paulo. Uma congregação costumava reunir-se na residência de Filemom (vide o segundo versículo). Os primitivos cristãos não contavam com templos, e, por isso mesmo, se reuniam nas residências de seus membros. (Se o número de crentes fosse grande demais para acomodá-los, usavam diversas residências.)

### **Onésimo, o escravo**

Um escravo de Filemom, de nome Onésimo, fugira levando consigo algum dinheiro de seu senhor e se refugiara em Roma, onde, de algum modo, entrou em contacto com Paulo. (Vide as discussões às págs. 340ss. acerca do lugar de origem das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, escritas ao mesmo tempo que a epístola a Filemom.) O apóstolo foi o agente da conversão de Onésimo, tendo-o convencido que, na qualidade de cristão, ele deveria retornar à companhia de seu senhor e viver à altura do significado de seu nome próprio, porquanto "Onésimo" significa "útil" (vide os versículos 10 - 12). Com grande tato e cortesia cristã, pois, Paulo escreveu a fim de persuadir a Filemom não somente a aceitar Onésimo de volta sem puni-lo ou tirar-lhe a vida (o usual tratamento conferido a escravos que fugissem), mas também a acolher a Onésimo como "irmão caríssimo... no Senhor" (vide o versículo 16). Paulo desejava reter Onésimo como um auxiliar (vide o versículo 13). Tem sido sugerido que as palavras que transandam a confiança. "farás mais do que estou pedindo" (vide o versículo 21), dão a entender que Filemom deveria mesmo dar a carta de alforria a Onésimo, mas talvez Paulo estivesse sugerindo apenas que Filemom permitisse que Onésimo se ocupasse do trabalho missionário. Paulo também se comprometeu a pagar a Filemom pela perda financeira causada pelo furto praticado por Onésimo; entretanto, a menção imediata da dívida espiritual maior ainda de Filemom ao apóstolo convida aquele a cancelar a dívida financeira que Paulo acabara de assumir (vide os versículos 18 - 20).

*Ler Filemom.*

### **Arquipo**

Os professores John Knox e E. J. Goodspeed têm sugerido que Filemom tornou-se superintendente das igrejas do vale do rio Lico, onde estavam localizadas as cidades de Colossos, Laodicéia e Hierápolis; que mui provavelmente ele fixara residência em Laodicéia, e não em Colossos; que Arquipo, e não Filemom, era o verdadeiro proprietário de Onésimo, pelo que teria sido o real endereçado da epístola; mas que Paulo enviara a Onésimo de volta com a carta, *via Filemom*, a fim de que este importante ministro do evangelho exercesse pressão sobre Arquipo, ao qual Paulo não conhecia, no sentido de que liberasse a Onésimo para servir como missionário em companhia de Paulo. A epístola "a Filemom", por conseguinte, torna-se a "epístola aos "de Laodicéia", mencionada em Colossenses 4.16, porquanto fora primeiramente ter nas mãos de Filemom, em Laodicéia, e em seguida foi encaminhada a Arquipo e à igreja que se reunia em sua residência. O "ministério" que Arquipo deveria cumprir, conforme a exortação constante em Colossenses 4:17, não é outra coisa além da anuência ao pedido do apóstolo para que Onésimo fosse liberado da servidão, para poder

tornar-se auxiliar de Paulo. (Goodspeed, *New Solutions of New Testament Problems*, University of Chicago, 1927; Knox, *Philemon among the Letters of Paul*, 2ª edição, Nashville: Abingdon, 1959.) Contrariamente a essa teoria, entretanto, parece que o "ministério" de Arquipo, que ele recebera "do Senhor" e deveria "cumprir", era algo mais ativo e oficial do que a soltura de um simples escravo. Outrossim, a menção de Filemom em primeiro lugar, e não de Arquipo, parece que faz de Filemom o endereçado primário da carta (vide os versículos 1,2: Filemom, sua esposa, Áfia, Arquipo, o líder da igreja e talvez filho de Filemom, e a congregação que costumava reunir-se na residência de Filemom). Paulo dirigiu-se a outros, incluindo a congregação, a fim de exercer sobre Filemom certa pressão pública.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE FILEMOM

Tema: misericórdia por em escravo fugido que se tornara cristão.

INTRODUÇÃO: Saudação (1-3)

I. Ação de Graças por Filemom (4-7)

II. Apelo em favor de Onésimo (8-22)

CONCLUSÃO: Saudações e bênção (23-25)

Para investigação posterior:

Blaiklock, E. M. *From Prison in Rome*. Grand Rapids: Zondervan, 1964.

Carson, H. M. *The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

Moule, C. F. D. *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*. Cambridge University Press, 1958

## COLOSSENSES: CRISTO, O CABEÇA DA IGREJA

### Tema

Em sua epístola aos Colossenses, Paulo enfoca a pessoa divina e a obra criadora e redimidora de Cristo, em contra-ataque à desvalorização de Cristo, conforme vinha sendo feita por certa variedade particular de heresia, que ameaçava a igreja de Colossos. Em seguida, Paulo extrai as implicações práticas dessa exaltada cristologia no tocante à vida e à conduta diárias dos crentes.

### Origem em Éfeso

O antigo prólogo marcionita (Uma introdução à epístola, escrita da perspectiva marcionita, uma variedade gnóstica.) anexado à epístola aos Colossenses, diz que Paulo escreveu a epístola em apreço quando se encontrava em Éfeso. Contudo, tal tradição é digna de dúvidas, porquanto também afirma que Paulo escreveu em Roma a epístola a Filemom. Não obstante, Colossenses e Filemom estão inseparavelmente ligadas entre si, pois ambas essas epístolas mencionam Timóteo, Aristarco, Marcos, Epafra, Lucas, Demas, Arquipo e Onésimo (vide Colossenses 1:1 e Filemom 1; Colossenses 4:10-14 e Filemom 23 e 24; Colossenses 4:17 e Filemom 2; Colossenses 4:9 e Filemom 10 ss.). A duplicação de tantos nomes sem dúvida indica que Paulo escreveu e enviou ambas as epístolas ao mesmo tempo e do mesmo lugar.

Acresça-se a isso que se Paulo escreveu as epístolas aos Colossenses e a Filemom, estando encarcerado em Éfeso, então o escravo Onésimo surripiara o dinheiro de seu senhor a apenas cento e sessenta quilômetros distantes



Local da Antiga Colossos, enfocando o cômodo da cidade e as montanhas do Taurus, ao fundo.

de Éfeso; no entanto, isso é improvável, pois Onésimo sem dúvida teria reconhecido que poderia ser facilmente recapturado, se ficasse em local tão próximo de casa. É muito mais provável, pois, que Onésimo tenha fugido para a imensa cidade de Roma, a fim de melhor ocultar-se entre as multidões de

habitantes da capital. Outrossim, Lucas achava-se em companhia de Paulo quando este último escreveu a epístola aos Colossenses (vide Colossenses 4:14); mas a descrição do ministério de Paulo em Éfeso não faz parte de uma das seções "nós" do livro de Atos. Por conseguinte, deveríamos rejeitar um período de aprisionamento em Éfeso como ocasião e lugar de origem da epístola aos Colossenses, a despeito do apoio parcial que essa idéia recebe da tradição marcionita.

### **Origem em Cesaréia**

Ainda é menos provável que a epístola aos Colossenses tenha sido escrita durante o aprisionamento de Paulo em Cesaréia. Cesaréia era, igualmente, uma cidade menor e menos provável que Roma, como localidade para onde um escravo fugido ter-se-ia dirigido, a fim de evitar ser apanhado. Dificilmente, além disso, Onésimo teria podido entrar em (contato com Paulo em Cesaréia, porque somente os amigos de Paulo receberam permissão de entrevistar-se com ele ali (vide Atos 24:23). Outrossim, a expectativa que Paulo tinha de ser solto em breve (pediu a Filemon que lhe preparasse hospedagem! - vide Filemom 22), não se coaduna com um aprisionamento em Cesaréia, onde Paulo pôde perceber que sua única esperança consistia de apelar ao tribunal de César.

### **Origem em Roma**

Diversas considerações favorecem o aprisionamento em Roma: (1) o mais provável é que para ocultar sua identidade, Onésimo tivesse fugido para Roma, a cidade mais populosa do império;(2) a presença de Lucas, que acompanhara a Paulo até Roma, segundo se vê no livro de Atos: (3) a diferença no que concerne à ênfase doutrinária entre a epístola aos Colossenses, onde Paulo não estava preocupado com a controvérsia judaizante, e as epístolas aos Gálatas, aos Romanos e aos Coríntios, nas quais ele ressaltou fortemente a nossa liberação da legislação mosaica, sugere que Paulo escreveu a epístola aos Colossenses durante o período posterior de aprisionamento em Roma, quando à controvérsia judaizante já não ocupava tanto de suas preocupações.

### **Fundação da igreja de Colossos**

A cidade de Colossos ficava no vale do rio Lico, em um distrito montanhoso a cerca de cento e sessenta quilômetros de Éfeso. Vide o mapa à pág. 252. As cidades vizinhas de Laodicéia e Hierápolis ultrapassavam a Colossos em escala de importância. A maneira distante com que Paulo diz que "ouvira" a respeito da fé cristã de seus leitores (vide 1:4), e a inclusão desses leitores entre aqueles que nunca o tinham visto face a face (vide 2:1) subentendem que Paulo nem fundara a igreja de Colossos e nem a visitara ainda. E visto que os crentes colossenses tinham aprendido sobre a graça de Deus por intermédio de Epafras (vide 1:6,7), este último é que deve ter sido fundador daquela igreja. Não obstante, Epafras estava em companhia de Paulo, quando o apóstolo escreveu esta epístola (vide 4:12,13). Podemos concluir disso que Epafras se tornara cristão através do ministério



de Paulo em Éfeso, que ele então se pôs a evangelizar a região circunvizinha de Colossos, Laodicéia e Hierápolis, e que depois visitara a Paulo na prisão, a fim de solicitar seus conselhos acerca de uma perigosa heresia que ameaçava tragar a igreja de Colossos (vide abaixo). Evidentemente Arquipo fora deixado encarregado da igreja local (vide 4:17). De conformidade com essa hipótese, podemos entender por qual razão Paulo assumira autoridade sobre a igreja de Colossos, embora nunca antes tivesse estado ali; ele era o "avô" da igreja, através de seu convertido, Epafras, e, como tal, seu juízo fora solicitado.

### **Uma igreja gentílica**

Os crentes de Colossos eram predominantemente gentios. Paulo os classifica entre os incircuncisos (vide 2:13). Em Colossenses 1:27, as palavras "entre os gentios" e "em vós" parecem expressar pensamentos paralelos e equívales. E a descrição dos colossenses como quem outrora foram "estranhos e inimigos no entendimento" (vide 1:21) faz-nos lembrar de fraseologia similar, em Efésios 2:11 ss., onde Paulo indubitavelmente se reporta a gentios.

### **A heresia colossense**

A epístola aos Colossenses gira em torno da chamada "heresia colossense". Podemos inferir certas características daquela falsa doutrina com base no contra-ataque de Paulo. De fato, provavelmente Paulo toma por empréstimo palavras e expressões utilizadas pelos falsos mestres, como "conhecimento" e "plenitude", fazendo-as voltar-se contra a heresia, ao preenchê-las com um conteúdo ortodoxo. Essa heresia detratava a pessoa de Cristo, razão pela qual o apóstolo frisa a proeminência de Cristo (vide 1:15-19); dava ênfase à filosofia humana, isto é, especulações vazias, à parte da revelação divina (vide 2:8); continha elementos próprios do judaísmo, como a circuncisão (vide 2:11 e 3:11), as tradições rabínicas (vide 2:8), regulamentos sobre alimentos e a observância do sábado e de festividades religiosas (vide 2:16); incluía a adoração aos anjos, como intermediários, a fim de que o Deus altíssimo (puro Espírito) fosse conservado incontaminado do contato com o universo físico (vide 2:18) - característica tipicamente pagã, pois apesar de terem os judeus desenvolvido uma hierarquia angelical, eles não os adoravam e nem consideravam má a natureza física do universo; e alardeavam um ar exclusivista de segredo e superioridade, contra o que Paulo ressaltou a natureza toda-inclusa e pública do evangelho (vide 1:20, 23, 28 e 3:11).

A heresia colossense, por conseguinte, era mescla do legalismo judaico, das especulações filosóficas dos gregos e do misticismo oriental. É possível que a localização de Colossos, na importante via comercial que ligava o Oriente ao Ocidente, tenha contribuído para o caráter misto da doutrina espúria em pauta. A maior parte de seus característicos aparece no posterior gnosticismo plenamente desenvolvido, bem como nas religiões misteriosas gregas e orientais. Todavia, a presença de características judaicas nos impede que simplesmente equiparemos a heresia colossense, com aquela que mais tarde veio a ser intitulada de gnosticismo, ou mesmo com as religiões misteriosas, todas as quais eram anti-judaicas ou inteiramente desvinculadas do judaísmo. A heresia de Colossos representou antes a tentativa de invasão do cristianismo por parte de um judaísmo gnóstico sincretista, ao qual faltava o motivo redentor de um posterior gnosticismo, calcado sobre conceitos anti-judaicos.

### **Doutrina, sobretudo Cristologia**

A epístola aos Colossenses conta com duas seções: (1) a seção de doutrinas (capítulos 1 e 2), e a seção de exortações (capítulos 3 e 4). Paulo acentua o aspecto doutrinário da cristologia. A epístola abre com uma saudação, ações de graças e oração. Então ele dá início à grande discussão cristológica (*Ler Colossenses 1 e 2*).

As declarações elogiosas de Paulo acerca de Cristo mencionam:

Seu reino (vide 1:13),

Sua obra remidora (vide 1:14),

O fato de ser Ele a representação externa ("imagem") de Deus, em forma humana (vide 1:15)

Sua supremacia sobre a criação, como seu Senhor e Herdeiro (porquanto os filhos primogênitos recebiam o dobro da herança de outros filhos, o termo "primogênito" veio a denotar

prioridade e supremacia, pelo que "primogênito da criação" (1:15) não precisa ser entendido como se quisesse afirmar ter sido Jesus o primeiro ser criado),

Sua posição de criador (vide 1:16),

Sua preexistência e coesão do universo (vide 1:17),

Sua preeminência sobre a nova criação, a Igreja, e

Seu primado por haver ressuscitado dentre os mortos para nunca mais morrer (vide 1:18).

Alguns eruditos tomam os versículos quinze a vinte como se fossem uma citação de um antigo hino de louvor a Cristo. A "plenitude de Deus", que em Cristo habita, é a totalidade da natureza divina. Quando Paulo assevera que seus próprios sofrimentos completavam "o que resta das aflições de Cristo" (vide 1:24), não quis dizer que Jesus não conseguiu consumir a obra da redenção. Mas seu intuito foi o de mostrar que os sofrimentos por que passamos para propagar o evangelho também são necessários se os homens tiverem de ser alvos, e também que Cristo continua a sofrer em companhia de Suas testemunhas perseguidas, por motivo de sua união e solidariedade com Ele. O termo "mistério" (em "glória deste mistério... Cristo em vós", vide 1:27) alude à verdade espiritual oculta dos incrédulos, mas revelada aos crentes.

Em sua polêmica contra a heresia colossense (vide 2:8-23), Paulo esclarece acusadoramente que aquele falso ensino obscurecia a preeminência de Cristo, que as suas observâncias rituais, extraídas do judaísmo, servem somente para prefigurar as realidades espirituais em Cristo, e que seu ascetismo e adoração a anjos fomentam o orgulho humano e diminuem a glória de Cristo.

## **Exortação**

A união do crente com Cristo, em Sua morte, ressurreição e ascensão, forma o alicerce das exortações práticas existentes na epístola. Aos cristãos convém adquirirem a perspectiva divina, reputando-se mortos para o pecado, em Cristo, e vivos para a justiça, também em Cristo. *Ler Colossenses 3 e 4.* Os "citas" (vide 3:11) eram considerados bárbaros especialmente indomáveis. Porquanto o sal retarda a corrupção dos alimentos, a linguagem "temperada com sal" (vide 4:6) provavelmente indica a linguagem impoluta e sem obscenidades.

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE COLOSSENSES**

Tema: a proeminência de Cristo

INTRODUÇÃO 1:1-12)

A. Saudação (1:1,2)

B. Ações de graças (1:3-8)

C. Oração (1:9-12)

I. A PREEMINÊNCIA DE CRISTO NA DOCTRINA CRISTÃ (1:13 - 2:23)

A. Sua obra criativa e redidora (1:13 -2:23)

B. Sua proclamação por Paulo (1:24 - 2:6)

C. Sua suficiência em contraste com a heresia colossense (2:8 - 23)

II. A PREEMINÊNCIA DE CRISTO NA CONDUTA CRISTA (3:1 - 4:6)

A. União com Cristo em Sua morte, ressurreição e exaltação (3:1-4)

B. Aplicação do fato de nossa morte com Cristo em relação a ações pecaminosas (3:5-11)

C. Aplicação do fato de nossa ressurreição com Cristo em relação a ações retas (3:12 - 4:6)

CONCLUSÃO (4:7-18)

A. A chegada de Tíquico e Onésimo (4:7-9)

B. Saudações e instruções finais (4:10-17)

C. Despedida e bênção (4:18).

Para investigação posterior:

Simpson, E.K., e F.F. Bruce. Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

Carson, H. M. The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

Moule, C.F.D. *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*. Cambridge University Press, 1958.

## **EFÉSIOS: A IGREJA - O CORPO DE CRISTO**

### **Tema**

A epístola aos Efésios não foi escrita em resposta a alguma circunstância específica ou controvérsia, conforme se verificou no caso da maioria das epístolas paulinas. Ela tem uma qualidade quase meditativa. No tema compartilhado com a igreja aos Colossenses - Cristo, o cabeça da Igreja, que é Seu corpo - a epístola aos Efésios encarece a Igreja como o Corpo de Cristo ao passo que Colossenses ressalta o fato que Cristo é o cabeça. Colossenses adverte contra falsas doutrinas que subestimam a Cristo, ao passo que Efésios expressa louvor por causa da unidade e das bem-aventuranças usufruídas por todos os crentes em Cristo.

### **Tíquico**

A indicação que Tíquico haveria de acrescentar pormenores a respeito das circunstâncias de Paulo, mediante suas próprias palavras, subentende que Tíquico foi o portador da epístola que veio a ser intitulada "aos Efésios" aos seus destinatários (vide Efésios 6:21,22). O fato que Paulo se identifica como "o prisioneiro do Senhor" demonstra tanto que ele se achava prisioneiro, quando escreveu a epístola, como o fato que ele tinha consciência do propósito do Senhor em seu encarceramento.

### **Relações com os Colossenses**

Paulo deve ter escrito as epístolas aos Efésios e aos Colossenses aproximadamente ao mesmo tempo, porque o tema das duas epístolas é extremamente similar (Cristo, o cabeça da Igreja, que é Seu corpo), e porque os versículos concernentes a Tíquico se repetem em forma quase idêntica em Colossenses 4:7,8. Por conseguinte, Tíquico deve ter levado consigo ambas as cartas numa mesma oportunidade. (Colossos ficava a cerca de cento e sessenta quilômetros a leste de Éfeso.)

### **Origem em Éfeso, em Roma ou em Cesaréia**

Apesar de que a epístola aos Efésios possa ter sido dirigida à região circunvizinha a Éfeso, e não à própria cidade de Éfeso (vide abaixo), há pouca probabilidade de que Paulo a tenha escrito em algum cárcere em Éfeso. No que tange ao aprisionamento em Cesaréia, a referência paulina ao fato que ele pregava ousadamente como "embaixador em cadeias" subentende que ele continuava a proclamar o evangelho a despeito de ser um prisioneiro (vide Efésios 6:20); todavia, em Cesaréia somente os seus amigos tinham permissão de visitá-lo (vide Atos 24:22,23). Em Roma, não obstante, Paulo pregava a um cortejo constante de visitantes que vinham entrevistar-se com ele em sua prisão domiciliar (vide Atos 28:30,31). A epístola aos Efésios, por conseguinte, foi escrita durante o período de aprisionamento em Roma, tal como as epístolas intimamente relacionadas aos Colossenses e a Filemon.

### **Teoria de Goodspeed**

O erudito norte-americano E.J. Goodspeed postulou a teoria que algum admirador de Paulo foi o autor da epístola aos Efésios, próximo do fim do primeiro século da era cristã. Goodspeed chegou ao extremo de sugerir que esse admirador foi Onésimo, o escravo convertido a respeito de quem Paulo escreveu a Filemon. (*The Key to Ephesians*, University of Chicago Press, 1956, e outras obras de Goodspeed ou seus continuadores.) Em harmonia com essa teoria, o autor planejou a epístola aos Efésios para servir de sumário da teologia de Paulo, como se a mesma fosse introdução de uma coletânea das epístolas genuínas de Paulo. A coletânea da correspondência paulina foi impulsionada pela proeminência de Paulo no livro recém-escrito de Atos. Entretanto, as evidências dos manuscritos em parte alguma confirmam que a epístola aos Efésios alguma vez houvesse encabeçado a coletânea das epístolas paulinas, conforme poderíamos esperar se a hipótese de Goodspeed estivesse com a

razão. Acresça-se que a tradição eclesíastica mais antiga atribui ao próprio Paulo a epístola aos Efésios.

### **Endereçada não a Éfeso**

As palavras, "em Éfeso", que se referem ao local da residência de seus leitores originais (vide 1:1), não se encontram na maioria dos mais antigos manuscritos. Assim sendo, Paulo omitiu inteiramente a localização geográfica dos destinatários dessa epístola. Outrossim, o tom distante com que o apóstolo fala sobre o ter "ouvido" acerca da fé de seus leitores (vide 1:15), e sobre o terem eles "ouvido" falar de seu ministério (vide 3:2), bem como a ausência dos termos usuais de carinho e afeto, eliminam Éfeso como o destino da epístola, pois Paulo labutara ali por mais de dois anos e conhecia intimamente aos cristãos efésios, e eles também o conheciam.

### **Os laodicenses?**

Certa tradição antiga identifica a igreja de Laodicéia como a destinatária dessa epístola. O erudito alemão Harnack sugeria que antigos copistas suprimiram o nome Laodicéia por causa da condenação da igreja de Laodicéia em Apocalipse 3:14-22, e que copistas posteriores acrescentaram o nome Éfeso por causa da íntima associação de Paulo com a igreja daquela cidade. De fato, Paulo menciona uma carta que escrevera a Laodicéia, em Colossenses 4:16. Porém visto que nenhum manuscrito menciona Laodicéia em Efésios 1:1, a alteração de "Éfeso" para "Laodicéia", na tradição antiga, mui provavelmente foi apenas a tentativa de identificar a epístola dirigida a Laodicéia, mencionada na epístola aos Colossenses.

### **Uma epístola circular**

Há maiores probabilidades que "Efésios" tenha sido redigida como uma epístola circular, dirigida a diversas igrejas locais da Ásia Menor, nas vizinhanças gerais de Éfeso. De acordo com esse ponto de vista, a menção de Paulo à epístola aos laodicenses, em Colossenses 4:16, quiçá aponte para a nossa epístola aos "Efésios", mas não deixa entendido que a epístola foi endereçada exclusivamente a Laodicéia. Pelo contrário, em sua circulação pelas igrejas espalhadas naquela área geral, essa epístola chegou a Laodicéia e mais tarde chegou a Colossos, como o passo seguinte. A natureza circular dessa epístola, portanto, aclara a omissão do nome de qualquer cidade, no endereço (vide 1:1). Bastaria uma única cópia da carta que circulara de Éfeso, e que voltasse a Éfeso, para fazer com que o nome daquela cidade ficasse facilmente vinculada à epístola.

### **Estrutura**

Tal como Colossenses, Efésios se divide em duas porções. Os capítulos 1 - 3 têm natureza doutrinária: os privilégios espirituais da Igreja. Os capítulos 4 - 6 são exortatórios: as responsabilidades espirituais dos crentes.

### **Bênçãos celestiais**

Após a saudação (vide 1:1,2), Paulo se lança a uma doxologia de louvor a Deus, por causa das nossas bênçãos espirituais em Cristo, "nas regiões celestiais" (vide 1:3-14). Em outras palavras, a união do crente com Cristo envolve a participação em Sua exaltação, tanto quanto em Sua morte, sepultamento e ressurreição. A doxologia delinea o papel desempenhado por todos os três membros da Trindade, na salvação: o Pai seleciona os crentes (a doutrina da eleição, versículo 4); o Filho os redime (versículo 7); e o Espírito Santo os "sela", ou seja, o dom do Espírito é a garantia ou penhor de que Ele completará a salvação dos remidos, quando da volta de Jesus Cristo (vide os versículos 13 e 14). Uma ação de graças com oração para que os cristãos possam compreender e apreciar a imensidade da graça e da sabedoria divinas, segue-se à doxologia (1:15-23). *Ler Efésios 1.*

### **A graça divina**

A fim de ajudar seus leitores a apreciarem a magnitude da graça divina, o apóstolo contrasta o domínio que o pecado exercia sobre eles, antes de se converterem, e sua libertação de tal tirania, após a sua conversão. Também ressalta o fato que a salvação é algo totalmente desmerecido; ela é

dada mediante a graça divina, através da fé, e à parte de boas obras meritórias. O ato divino da salvação produz boas obras, mas estas são conseqüências e não meio, de salvação. A graça divina manifesta-se sobretudo na redenção dos gentios, arrancando-os do paganismo, bem como na sua igualdade com os judeus, no seio da Igreja. A muralha divisória de hostilidade entre os dois grupos, simbolizada pelo muro existente nos átrios do templo, para além do qual os gentios não eram permitidos passar, não existe mais na Igreja. (Alternativamente, o muro divisório representa a antiga barreira entre Deus e o homem, agora derrubada em Cristo.) Porém, apesar de ser tão grandioso o plano de salvação, Paulo e os seus leitores estavam enfrentando a desagradável realidade das perseguições presentes. Não obstante, ele registra que sua consciência da graça de Deus e de seus privilégios pessoais na propagação das boas novas impediam-lhe o desânimo. Uma similar consciência, por parte de seus leitores, por igual modo haveria de obstar o esmorecimento deles. Portanto, a seção se encerra com uma outra doxologia e oração, no sentido que os leitores de Paulo fossem estabilizados através de um crescente conhecimento espiritual. *Ler Efésios 2 e 3.*

### **Unidade e diversidade**

As exortações práticas começam com um apelo em prol da unidade externa crescente, alicerçada sobre a unidade espiritual já existente na Igreja. No entanto, essa unidade inclui certa diversidade de funções que visam ao crescimento do corpo, a Igreja. Cada cristão recebe uma função ministerial, para a qual os líderes da Igreja precisam equipá-lo. *Ler Efésios 4:1-16.*

### **A conduta santa**

Seguem-se instruções miscelâneas sobre a santificação: Dizei sempre a verdade. Mostrai-vos indignados com justiça, quando isso se fizer necessário; mas não permitais o pecado, não controlando a ira. Não furteis. Evitai a linguagem obscena e o humor malicioso. A seção termina com um verso em tercilho e métrico, que pode ter-se originado em algum primitivo hino batismal, entoado no momento em que o candidato ao batismo emergia das águas:

"Desperta, ó tu que dormes,  
Levanta-te de entre os mortos,  
E Cristo te iluminará."

*Ler Efésios 4:17 - 5:14.*

### **O enchimento com o Espírito Santo**

A exortação paulina para que nos enchamos com o Espírito Santo indica que tal enchimento se manifestará por intermédio da abstenção de bebidas alcoólicas (tão diferentes do entusiasmo orgiaco dos cultos gregos), e na prática dos cânticos jubilosos e da submissão mútua entre os crentes. A submissão mútua envolve as obrigações sociais da subordinação de uma esposa ao seu esposo, moldada no exemplo da subordinação da Igreja e Jesus Cristo, o cabeça, envolve o amor de um marido para com a sua mulher, moldado no amor de Cristo pela Igreja, Seu corpo, envolve a obediência dos filhos a seus pais, envolve a paciência paterna para com os filhos, a obediência dos escravos a seus senhores e a gentileza dos senhores para com seus escravos.

Depois disso, Paulo vincula as metáforas da cabeça e do corpo com um quadro sobre a Igreja que a apresenta como a noiva de Cristo, o qual é o noivo e marido dela. Tal como marido e mulher se tornam "uma carne" (um corpo só), no relacionamento marital, assim também Cristo e a Igreja são espiritualmente um só. Os eruditos têm sugerido várias fontes para a metáfora paulina da Igreja como o corpo de Cristo; a noção estoica de que o universo é um corpo com muitos membros diversos, a idéia rabínica de que os homens são membros do corpo de Adão em um sentido extremamente literal, a união simbólica ou sacramental do crente com o corpo de Cristo, quando aquele ingere o pão, na Ceia do Senhor. Qualquer que tenha sido a fonte ou fontes originárias - se é que algo assim seria necessário para um homem de tanta originalidade quanto Paulo - o certo é que o conceito hebraico de uma personalidade combinada sublinha a metáfora e, na verdade, a doutrina paulina inteira da união entre o crente e Cristo.

## **A armadura de Deus**

Antes da despedida, Paulo exortou a seus leitores a que se aprestassem com a armadura espiritual provida por Deus e a que combatessem contra as forças satânicas que dominam o mundo. Talvez a visão do soldado a quem estava acorrentado, enquanto ditava a epístola aos Efésios, em sua prisão domiciliar, houvesse sugerido ao apóstolo a idéia de "toda a armadura de Deus". A palavra aqui traduzida por "escudo" denota aquela modalidade de escudo que encobria o corpo todo, e não o pequeno escudo circular dos gregos. "Dardos inflamados" aludem aos dardos e flechas, mergulhados em piche ou algum outro material combustível, o qual era então aceso, e lançado na direção do inimigo. *Ler Efésios 5:15 - 6:24.*

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE EFÉSIOS**

Tema: privilégios e responsabilidades espirituais da Igreja

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. PRIVILÉGIOS ESPIRITUAIS DA IGREJA (1:3 - 3:21)

A. Louvor pelas bênçãos espirituais originadas no plano de Deus Pai, na realização de Deus Filho e na aplicação de Deus Espírito (1:3 - 14)

B. Ação de graças e oração pela compreensão crescente acerca da graça divina (1:15-23)

C. Regeneração dos pecadores exclusivamente pela graça divina (2:1-10)

D. A reconciliação dos gentios com Deus e com os judeus na Igreja (2:11-22)

E. Paulo sentia seu privilégio por proclamar o evangelho (3:1-13)

F. Oração pedindo estabilidade através da compreensão crescente (3:14-19)

G. Doxologia (3:20,21)

II. RESPONSABILIDADES ESPIRITUAIS DA IGREJA (4:1 - 6:20)

A. Manutenção da unidade através da diversidade de ministérios edificadores (4:1-6)

B. A conduta moral (4:17 - 5:14)

C. O enchimento com o Espírito (5:15-20)

D. Submissão mútua entre os crentes (5:21 - 6:9)

1. Submissão das esposas a seus esposos, tal como a Igreja se submete a Cristo (5:22-24)

2. Amor dos esposos às suas esposas, como Cristo ama à Sua Igreja (5:25-33)

3. Obediência dos filhos a seus pais (6:1-3)

4. A autoridade paterna exercida com paciência (6:4)

5. Obediência dos escravos para com seus senhores (6:5-8)

6. Eqüidade dos senhores para com seus escravos (6:9)

E. A luta espiritual com a utilização de toda a armadura de Deus contra as forças satânicas (6:10-20)

CONCLUSÃO: a chegada de Tíquico, uma saudação final e bênção (6:21-24)

Para investigação posterior:

Foulkes, F. The Epistle of Paul to the Ephesians. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

Bruce, F.F. The Epistle to the Ephesians. Londres: Pickering and Inglis, 1961.

Simpson, E.K., e F.F. Bruce. Commentary on the Epistle to the Ephesians and the Colossians. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

## **FILIPENSES: AMIGÁVEL NOTA DE AGRADECIMENTO**



## Tema e motivos

Segundo as aparências, a igreja de Filipos era a favorita de Paulo. Ele recebia apoio financeiro regular da parte dela (vide Filipenses 4:15 ss.; II Coríntios 11:8 ss.) A epístola aos Filipenses, pois, é a mais pessoal de qualquer das epístolas que Paulo escreveu a uma igreja local. Na verdade, é uma nota de agradecimento pelo mais recente respaldo financeiro que aqueles

crentes tinham enviado ao apóstolo (vide 4:10,14), que fora enviado por meio de Epafrodito (vide 2:25). Durante a viagem, ou depois de sua chegada com a oferta, Epafrodito caíra doente de maneira quase fatal (vide 2:27). Os crentes de Filipos ouviram falar de sua enfermidade, e chegou recado de volta a Epafrodito de que aqueles irmãos muito se preocupavam com ele. Paulo sentiu que Epafrodito desejava retornar a Filipos, e por isso o enviou de volta como portador da epístola (vide 2:25-30).

## Propósitos secundários

O regresso de Epafrodito não somente capacitou Paulo a escrever aos filipenses acerca de sua gratidão pela ajuda financeira, mas também lhe deu a oportunidade de contra-atacar a tendência para o cisma, que se manifestara na igreja dos filipenses (vide 2:2 e 4:2), de adverti-los a respeito dos judaizantes (capítulo 3), e de preparar aqueles crentes para as visitas, em futuro próximo, de Timóteo, e, quem sabe, do próprio Paulo (vide 2:19-24). ("Epafrodito" é a forma completa de "Epafras, que aparece na epístola aos Colossenses. Porém, não dispomos de evidências suficientes para identificar Epafras, fundador da igreja de Colossos, com Epafrodito, mensageiro da igreja de Filipos.)

## Origem em Cesaréia

Paulo era prisioneiro quando escreveu a epístola ("... minhas algemas... minhas cadeias..." 1:7 e 13). Porém, a qual de seus períodos de aprisionamento Paulo se refere? Provavelmente não àquele de Cesaréia, porque ali Paulo não teria podido pregar tão abertamente como fica implícito em 1:12,13 (comparar com Atos 24:23). Além disso, Paulo teria reconhecido que se fosse solto em Cesaréia, disso resultaria quase instantâneo linchamento, por parte dos judeus da área, pelo que também sua única possibilidade de segurança consistia de apelar para César, e assim partir para Roma sob custódia. No entanto, lê-se em Filipenses 1:25: 2:24 (e também em Filemom 22) que Paulo esperava ser solto em breve.

## Origem em Éfeso

Éfeso representa melhores probabilidades, e isso por uma série de razões. Paulo escreveu que esperava enviar Timóteo a Filipos (vide 2:19,23): e Lucas escreveu que Paulo enviou Timóteo e Erasto a Filipos de Éfeso (vide Atos 19:22). (Todavia, se essas duas passagens são verdadeiramente

paralelas, por que Paulo omite a menção a Erasto, em Filipenses 2:19 ss.?) Um outro argumento que favorece a idéia de um aprisionamento em Éfeso é o que observa que a polêmica contra os judaizantes, no terceiro capítulo, é similar ao anterior padrão de pensamento de Paulo. (Permanece de pé a possibilidade, contudo, de que um posterior avanço dos judaizantes tinha revivado a anterior polêmica de Paulo contra os mesmos.)

Há inscrições que testificam do fato que um destacamento da Guarda Pretoriana esteve, de certa feita, postado em Éfeso, e Paulo menciona a Guarda Pretoriana em 1:13. Por semelhante modo, "os da casa de César" (4:22) são palavras que poderiam aludir aos servos civis imperiais que se encontravam em Éfeso.

Em consonância com o livro de Atos, Lucas acompanhou Paulo a Roma, mas não esteve em sua companhia em Éfeso. O fato que Paulo não menciona Lucas em Filipenses, conforme o faz em Colossenses 4:14 e Filemom 24, por conseguinte, sugere-nos que ele escreveu a epístola aos Filipenses estando aprisionado em Éfeso. (Mas, se Filipenses foi escrita perto do fim do período de seu aprisionamento em Roma [ver abaixo], então Lucas poderia ter deixado a companhia de Paulo naquela altura dos acontecimentos, pelo que esse argumento do silêncio não é decisivo).

Também tem sido argumentado, na defesa de um aprisionamento em Éfeso, de que se Paulo tivesse escrito a epístola aos Filipenses mais tarde, em Roma, dificilmente ele poderia ter afeiçoado que aos seus leitores, por algum tempo, "faltava oportunidade" para enviar-lhe assistência financeira (vide 4:10). Tanto tempo ter-se-ia escoado, pelo tempo em que foi aprisionado em Roma, que eles teriam tido uma mui prolongada oportunidade; todavia, uma anterior detenção em Éfeso teria dado margem a tal afirmativa. Entretanto, não conhecemos todas as circunstâncias financeiras de Paulo e dos crentes filipenses. A fim de evitar a acusação de extravio, talvez Paulo tivesse recusado receber sistematicamente quaisquer dádivas de ordem pessoal, durante o período em que estava coletando dinheiro para a igreja de Jerusalém. Essa pode ter sido a razão pela qual aos crentes filipenses "faltava oportunidade".

Geralmente tido como o mais incisivo argumento em favor de um aprisionamento em Éfeso, em contraposição a Roma, é que a epístola aos Filipenses pressupõe um grande número de viagens entre Roma e Filipos (que ficavam a cerca de um mês de viagem de distância entre si), ao passo que a curta distância entre Éfeso e Filipos permite conhecermos as numerosas viagens que houve entre as duas cidades, dentro de um breve período de tempo. As viagens pressupostas na epístola aos Filipenses são as seguintes:

- (1) a mensagem levada de Roma a Filipos, de que Paulo fora aprisionado lá;
- (2) o transporte da ajuda financeira por meio de Epafrodito;
- (3) as notícias dadas, chegadas a Filipos, de que Epafrodito havia caído doente; e
- (4) as notícias de volta de que os filipenses muito se preocupavam com Epafrodito.

Na realidade, porém, esse argumento em prol de Éfeso às expensas de Roma não é substancial. O tempo para as jornadas entre Roma e Filipos teria sido apenas de quatro a seis meses, no total. Se permitirmos algum intervalo entre essas viagens, mesmo assim ainda restará prazo suficiente para o mínimo de dois anos (ou mais) que Paulo, ao que sabemos, passou em Roma (vide Atos 28:30). Ora, Paulo escreveu a epístola aos Filipenses quase no fim do período de certo aprisionamento, pois declarou que esperava receber a liberdade em breve (vide 1:19-26) e que visitaria aos filipenses (vide 2:23,24). A sua transferência, da casa que ele mesmo alugara (vide Atos 28:16,23,30) para as barracas da Guarda Pretoriana, no Palatinado (vide Filipenses 1:13), indica que seu julgamento, afinal, estava em andamento e, na verdade, quase se concluíra.

Outrossim, os crentes Filipenses podem ter sabido de antemão que Paulo seguia aprisionado para Roma, pelo que Epafrodito já poderia ter partido para Roma. Ou então, visto que o naufrágio fez Paulo demorar-se em Malta, Epafrodito pode ter chegado em Roma antes de Paulo. Os cristãos de Roma sabiam da vinda de Paulo, desde antes de sua chegada, porquanto vieram encontrar-se com ele fora da cidade, tendo-o escoltado pelo resto do caminho (vide Atos 28:15,16). Teriam eles sido informados por Epafrodito? Dentro da lista acima, somente as jornadas de número dois e quatro são necessariamente pressupostas, e o fator temporal sob hipótese alguma serve de entrave ao ponto de vista de que Paulo escreveu a epístola aos Filipenses quando estava em Roma.



Militando contra a idéia de um aprisionamento em Éfeso há a consideração que Paulo não menciona a coleta para os crentes de Jerusalém (o que jamais saiu de sua mente no decurso de toda a sua terceira viagem missionária, e durante a qual ele ministrara em Éfeso), e ao aludir a questões financeiras, na epístola aos Filipenses, sem dúvida teria feito referência à citada coleta, se porventura tivesse escrito durante aquele período em Éfeso. Não nos devemos olvidar, por semelhante modo, que um período de aprisionamento de Paulo em Éfeso é algo inteiramente conjectural, não tendo sido mencionado no livro de Atos, a despeito de Lucas ter entrado em grandes detalhes no tocante ao ministério de Paulo em Éfeso (vide Atos 19).

Em apoio a Roma como lugar da escrita da epístola, a "Guarda Pretoriana" (vide 1:13) e a "casa de César" (vide 4:22) são declarações que mais provavelmente apontam para Roma. (Visto que a Guarda Pretoriana em Roma alcançava o número de cerca de nove mil homens, mas em Éfeso eram muito menos, o fato que "toda" a Guarda Pretoriana ouvira da detenção de Paulo por causa de Cristo (vide 1:13) tem sido aceito como elemento favorável a Éfeso, e não a Roma. Mas o bom êxito de Paulo por toda a parte sugere que a Guarda Pretoriana de Roma, em sua inteireza, ouvira as notícias, sobretudo se Paulo conseguiu levar à conversão a alguns deles. Ou então, a palavra "praetorium" pode referir-se ao palácio do imperador, e não a tão numeroso grupo de soldados, como os que compunham a Guarda Pretoriana.)

Segundo Filipenses 1:19 ss., a vida de Paulo correu perigo durante o julgamento. Por conseguinte, tal julgamento deve ter ocorrido na presença de César, em Roma, porquanto em qualquer outro lugar Paulo poderia ter sempre apelado para César, como era de seu direito. A antiga tradição constante no prólogo marcionita, por igual maneira, atribui essa epístola a Roma, como local onde foi escrita. Por todas essas razões, e devido à debilidade dos argumentos em contrário, o ponto de vista tradicional, que diz que Paulo escreveu de Roma a epístola aos Filipenses, continua sendo o melhor.

### **Alegria na adversidade**

A informalidade de sua nota de agradecimento dificulta o seu esboço. Do princípio ao fim a nota emocional dominante é a do júbilo. No primeiro capítulo, após a saudação habitual, às ações de graças e a uma oração, Paulo descreve o ministério que ele vinha efetuando, apesar de seu aprisionamento, e mesmo por causa dele. A guarda palaciana e o oficialato romano de modo geral, estava ouvindo o evangelho. Outrossim, a coragem demonstrada no testemunho dado por Paulo inspirava a outros cristãos, incluindo aqueles que não gostavam do apóstolo. Estes últimos, todavia, não eram mestres falsos, pois o apóstolo os chama "irmãos" (vide 1:14,15): *Ler Filipenses 1.*

### **O hino da "Kenosis"**

*Ler Filipenses 2.* Este capítulo é famoso por causa da passagem sobre o auto-esvaziamento de Jesus, ou Sua humilhação e posterior exaltação (vide 2:6-11). Muitos eruditos pensam que Paulo estava citando um antigo hino cristão. Tal ensinamento é incidental, entretanto, pois faz parte da exortação a respeito da unidade eclesiástica mediante a humildade, da qual atitude Jesus é o maior exemplo. O mundo antigo mofava da humildade; a doutrina cristã, porém, exaltava-a como uma virtude. O trecho subentende claramente a preexistência de Cristo antes de Sua encarnação. Porém, do que Cristo se esvaziara? De conformidade com a teoria da *Kenosis*, (Kenosis é o termo grego que significa esvaziamento,) Ele se esvaziou de atributos divinos metafísicos (mas não dos morais), como, por exemplo, a onipotência, a onisciência e a onipresença. Entretanto, visto que com frequência Jesus exibiu esses atributos, a crermos nas narrativas dos evangelhos sobre o Seu ministério, uma melhor resposta àquela indagação é que Jesus se esvaziou exclusivamente do exercício independente daqueles atributos (comparar com João 5:19), ou, simplesmente, da glória externa de Sua deidade. Ou talvez o auto-esvaziamento referido no sétimo versículo não faça alusão à encarnação, sob nenhuma hipótese, mas ao fato que Jesus expirou na cruz, em paralelismo sinônimo com a referência à morte de Jesus, no versículo a seguir. De acordo com esta última interpretação, Paulo estaria citando alusivamente o trecho de Isaías 53:12, que diz: "... porquanto derramou [esvaziou!] a sua alma [o que, com frequência equívale ao pronome reflexivo "se"] na morte ..."

### **Contra os judaizantes**

As palavras, "Quanto ao mais, irmãos meus...", em Filipenses 3:1, soam muito como a porção de encerramento de uma epístola - e, no entanto, seguem-se mais dois capítulos - e Paulo altera tão subitamente o seu tom que alguns eruditos têm postulado aqui uma longa interpolação, a começar por Filipenses 3:2, extraída de alguma outra epístola. Todavia, a tal opinião faltam evidências comprobatórias nos manuscritos. Melhor é supormos ter havido uma interrupção no ditado, talvez devido a notícias frescas chegadas de Filipos, acerca da ameaça representada por falsos mestres que tinham começado a atuar ali. Paulo tencionara fechar a epístola, mas então sentiu ser mister prolongar a epístola a fim de incluir avisos a respeito dos judaizantes.

O terceiro capítulo contém uma outra passagem famosa. Trata-se da nota auto-biográfica na qual Paulo repassa o seu passado formativo no judaísmo e a revolução que ocorreu, em sua escala de valores, quando Cristo se tornou o grande alvo da sua vida (vide 3:3-14). Não obstante, uma vez mais o ensino constante nessa passagem é incidental - dessa vez é parte de uma advertência acerca dos judaizantes, os quais, conforme a sarcástica afirmativa de Paulo, praticavam a "mutilação" (ou mesmo "emasculação"), ao invés da circuncisão (vide 3:2). Paulo também intitula os tais de "cães", que então eram tidos por criaturas irracionais desprezíveis, sendo o próprio termo pelo qual os judeus regularmente se referiam aos gentios. Uma outra designação é "maus obreiros", um contra-ataque irônico que alvejava a crença que os tais tinham de que a salvação vem por meio das boas obras. A verdadeira circuncisão, no entanto, consiste da fé íntima em Cristo Jesus, independentemente de qualquer mérito pessoal.

O passado formativo de Paulo, no judaísmo, fora impecável: (1) fora circuncidado ao oitavo dia, exatamente conforme fora prescrito pela legislação mosaica (vide Levítico 12:3); (2) seus antepassados eram israelitas; (3) era originário da tribo de Benjamim, do qual saíra o primeiro rei de Israel, Saul (o qual, com pouca variedade em português, também era o nome de Paulo); (4) era ele um hebreu não-helênico, de conformidade com a prática e a cultura herdada; (5) pertencera ao grupo dos fariseus; (6) fora tão zeloso pela sua religião que chegara a perseguir a Igreja; (7) mostrara-se impecável na observância formal da lei. No entanto, a entrada de Jesus Cristo em sua vida levou Paulo não meramente a desprezar, mas também a renunciar a todas as vantagens de seu judaísmo prévio, como se fossem desvantagens. E ele continuou a crescer nessa atitude, chegando a considerá-las mero "refugio" (vide 3:8), a fim de que pudesse experimentar uma crescente experiência de união com Cristo, nos sofrimentos, na morte e na ressurreição do Senhor.

Percebendo que os seus leitores haveriam de entendê-lo erroneamente, como se ele estivesse reivindicando para si mesmo a perfeição, Paulo a desmente no seu caso e exprime o seu ardor com que, esquecendo-se do passado, prosseguia em direitura ao alvo celeste (vide 3:12-16). "Esquecendo-me" não significa banir da memória (se isso fosse possível), mas desconsiderar algo como destituído de qualquer poder presente.

Uma vez mais a discussão gira em torno dos judaizantes, os quais se faziam contrários à cruz de Cristo ao requererem as obras da lei, adoravam a seu próprio ventre ao insistirem ser necessária a aderência às restrições dietéticas da lei, jactavam-se de sua vergonha ao se despirem para receber o rito de circuncisão e que fixavam a mente nas coisas terrenas ao se ocuparem de formalidades externas e cerimônias (vide 3:17-19). (Alguns estudiosos pensam que o alvo dessas observações seja o gnosticismo antinomiano e/ou perfeccionista: mas o apelo que Paulo faz a seu próprio passado judaico, e mesmo farisaico, favorece a identificação dos judaizantes através deste capítulo inteiro.) O terceiro capítulo termina com uma alusão à "comunidade" ou "cidadania" cristã, nos céus, uma figura de linguagem que se revestia de significação toda especial para os filipenses, cuja cidade era uma colônia populada principalmente com cidadãos romanos que vivam distantes de sua própria pátria, na Itália. *Ler Filipenses 3 e 4.*

## Exortações

As diversas exortações que encontramos no quarto capítulo incluem um apelo em defesa da unidade entre duas mulheres que eram membros da igreja local, Evódia e Síntique, que anteriormente haviam sido ajudadoras de Paulo. O irmão a quem competia ajudá-las nessa reconciliação era um "fiel companheiro de jugo", cujo nome nos é desconhecido, a menos que nessas palavras esteja oculto o seu nome, com um jogo de palavras, a saber: "*Sízigos* forma grega para "companheiro de jugo" ou "camarada", verdadeiramente assim chamado". Seja como for, Paulo

roga que ele vivesse à altura do significado de seu nome ou descrição, promovendo a reconciliação entre aquelas duas crentes. Seguem-se exortações atinentes à alegria, à paciência, à confiança, à oração, às ações de graças e à nobreza de pensamentos - juntamente com promessas de presença divina, da paz e do retorno de Jesus.

Finalmente, Paulo expressa sua gratidão pelo presente que bem recentemente lhe fora enviado pela igreja de Filipos, como também pelas contribuições anteriores. Por toda esta seção, Paulo conserva uma atitude indiferente para com as questões monetárias propriamente ditas ou no tocante a seus benefícios pessoais, mas indica seu interesse e confiança no que dizia respeito aos galardões que os crentes filipenses haveriam de receber, por lhe terem feito ofertas tão generosas. Finalmente, saudações e uma bênção concluem a epístola.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE FILIPENSES

Tema: agradecimento pela ajuda financeira, com notícias pessoais e exortações.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. QUESTÕES PESSOAIS (1:3-26)

A. A gratidão de Paulo, oração e expressão de afeto pela igreja em Filipos

B. Prédica de Paulo na prisão, a possibilidade de soltura e a prontidão em morrer (1:12-26)

II. EXORTAÇÕES (1:27 - 2:30)

A. A conduta digna 1:27-30)

B. A unidade através da humildade, com o exemplo do esvaziamento de Cristo, por ação espontânea (2:1-18)

III. ENVIO DE TIMÓTEO E EPAFRODITO A FILIPOS (2:19-30)

IV. ADVERTÊNCIA CONTRA OS JUDAIZANTES, COM FAMOSA PASSAGEM AUTOBIOGRÁFICA (3:1-21)

V. EXORTAÇÕES (4:1-9)

A. Unidade entre Evódia e Síntique (4:1-3)

B. Alegria e confiança (4:4-7)

C. Nobreza de pensamentos (4:8,9)

VI. GRATIDÃO PELA AJUDA FINANCEIRA (4:10-20)

CONCLUSÃO: Saudações e bênção (4:21-23)

Para discussão posterior:

- Paulo e os cristãos primitivos deveriam ter feito uma cruzada contra a escravatura? Por que não o fizeram? Qual deveria ser o envolvimento ou não-envolvimento da Igreja na cura dos males sociais - dentro da igreja, fora da Igreja, oficialmente e por iniciativa individual?

- Compare os atuais neo-misticismo e intelectualismo com a heresia colossense.

- Por que as pessoas tendem por reagir contra a ênfase sobre a salvação por meio da pura graça de Deus, que se lê na epístola aos Efésios, erigindo os seus próprios sistemas de salvação mediante obras meritórias?

- Qual era a chave para o júbilo de Paulo, em meio às dificuldades por que passava, segundo ele exprimiu na epístola aos Filipenses?

Para investigação posterior:

Blaiklock, E.M. From Prison in Roma. Grand Rapids: Zondervan, 1964.

Martin, R.P. The Epistle of Paul to the Philippians. Grand Rapids: Eerdmans. 1959.

## **CAPÍTULO 17 - As Epístolas Pastorais de Paulo**

Perguntas Normativas:

- Quais são os prós e os contras acerca da autoria paulina das epístolas pastorais?
- Em que ponto as epístolas pastorais se encaixam na cronologia da vida de Paulo?
- Quais foram as instruções de Paulo para a vida progressista da Igreja e para a manutenção das crenças cristãs?

I e II TIMÓTEO, E TITO:

CONSELHOS A PASTORES JOVENS

### **Tema**

I e II Timóteo, e Tito compreendem as chamadas epístolas pastorais, assim denominadas porque Paulo as escreveu para jovens pastores. Elas contêm instruções concernentes às responsabilidades administrativas de Timóteo e Tito nas igrejas locais.

### **Autenticidade**

Os eruditos da moderna alta crítica lançam maiores dúvidas sobre a autenticidade dessas epístolas do que sobre quaisquer outras obras que se declaram de autoria paulina. De consonância com essa opinião que nega a autoria paulina das epístolas pastorais, o seu autor pseudônimo teria lançado mão da autoridade do nome de Paulo a fim de combater o gnosticismo incipiente no segundo século de nossa era. Essa opinião afirma ou que as epístolas pastorais são obras inteiramente pseudônimas (mas, por quê, então, a presença de itens tão pessoais a respeito de Paulo, que trazem sinais de autenticidade?) ou, mais freqüentemente, que algum admirador de Paulo incorporou observações paulinas autênticas em epístolas que escreveu depois de Paulo já ter falecido.

### **Teoria dos fragmentos Paulinos**

Há certa variedade de opiniões sobre quais seções das epístolas pastorais contêm supostos fragmentos de material que, na realidade, foram escritos por Paulo. (Os fragmentos comumente tidos como tais são II Timóteo 1.16-18; 3:10,11; 4 1.2a.5b-22 e Tito 3:12-15.) Em adição, é improvável que meros fragmentos de genuínas epístolas paulinas houvessem sido preservados, sobretudo porque a maioria deles é de natureza pessoal, não se revestindo de atrativos teológicos. Ainda é mais improvável que tenham sido incorporados mais tarde em epístolas pseudepigráficas mais longas, de forma desordenada, ao acaso. E por que o suposto forjador teria concentrado quase todos esses fragmentos na segunda epístola a Timóteo, ao invés de distribuí-los de maneira regular pelas três epístolas pastorais? E, pensando nisso, por que ele teria escrito três epístolas pastorais? O conteúdo das mesmas não difere de modo suficiente para indicar por qual razão ele teria escrito três epístolas, em nome de Paulo, ao invés de apenas uma.

### **Pseudônimo**

Em apoio à autoria paulina há a declaração, constante no primeiro versículo de cada epístola pastoral, no sentido de que Paulo foi o seu autor. Contra tal reivindicação argumenta-se que escrever com a autoria oculta por um pseudônimo era uma prática literária bem aceita ("contrafação piedosa") nos tempos antigos e até na Igreja primitiva. Os fatos, todavia, demonstram que usar de um pseudônimo era prática apenas ocasional, a qual não era praticada pela Igreja primitiva. O apóstolo Paulo adverte contra as falsificações em seu nome (vide II Tessalonicenses 2:2 e 3:17). A Igreja antiga excluiu um ancião de seu ofício eclesiástico por haver escrito sob um pseudônimo (Vide Tertuliano, Sobre o Batismo xvii. Quanto a uma completa discussão sobre pseudônimos, vide D. Guthrie, *New Testament Introduction: Pauline Epistles* (Chicago: Inter-Varsity. 1961), apêndice C, "Epistolar, Pseudepigraphy", págs. 282-294.) e se mostrava intensamente preocupada com questões de autoria, segundo se depreende, por exemplo, do debate sobre a autoria da epístola aos Hebreus e da hesitação em adotar um livro de autoria desconhecida na coletânea do Novo Testamento.

Outrossim, é altamente improvável que um admirador do já falecido Paulo tivesse chamado o apóstolo de "o principal" dentre os pecadores. (Vide I Timóteo 1:15.) As epístolas pastorais são

muito mais semelhantes, em estilo e conteúdo, às demais epístolas de Paulo do que o são os livros não-canônicos e indubitavelmente pseudônimos, em relação aos escritos autênticos daqueles em cujos nomes foram forjados. Em acréscimo à reivindicação constante nas próprias epístolas pastorais de que elas foram escritas por Paulo e à preocupação da Igreja antiga com questões que envolvem a autoria, temos a fortíssima e antiga tradição que diz que o próprio Paulo escreveu as epístolas pastorais. Somente Romanos e I Coríntios contam com confirmações mais decisivas.

### **Vocabulário e estilo**

As dúvidas a respeito da autoria paulina se originam primariamente de diferenças de vocabulário e do estilo gramatical que figuram nas epístolas pastorais, quando postas em confronto com outras epístolas paulinas. O cotejo consiste de tabelas estatísticas, algumas vezes traçadas com o auxílio de computadores. No entanto, essa objeção "científica" à autoria paulina não leva em conta as diferenças de vocabulário e estilo causadas pelas diferenças de assuntos e de pessoas endereçadas, além das alterações causadas no estilo de um escritor por considerações como meio ambiente, mais idade, maior experiência e a mera passagem do tempo. Talvez ainda mais significativa seja a possibilidade que as divergências de estilo se tenham originado dos diferentes amanuenses, ou do fato que Paulo deu maior ou menor liberdade a seus amanuenses para usarem um fraseado de acordo com seus pensamentos, no que algumas vezes se mostrou mais exigente do que em outras. A explicação que leva em conta os amanuenses é, ocasionalmente, desprezada, porquanto supostamente seria explicação fácil demais. No entanto, é uma explicação realista, porque sabemos positivamente que Paulo costumava ditar as suas epístolas.

Além disso, as epístolas geralmente aceitas sem contestação como paulinas, ou passagens mais ou menos longas nelas existentes, exibem as mesmas formas de variedade estilística que servem, nas mãos de alguns, para disprovar a autoria paulina das epístolas pastorais. E a maioria dos vocábulos que ocorrem somente nas epístolas pastorais, entre aquelas que são de autoria paulina, também figuram na Setuaginta e na literatura grega extra-bíblica do primeiro século cristão, pelo que tais palavras sem dúvida faziam parte do vocabulário de Paulo e dos seus amanuenses.

### **A omissão de Márciom**

Aqueles que duvidam da autoria paulina também afirmam que o herege gnóstico Márciom também omitiu as epístolas paulinas de seu "cânion" do Novo Testamento porque elas não seriam da autoria de Paulo. Todavia, Márciom tinha a tendência de rejeitar porções do Novo Testamento aceitas pelos cristãos ortodoxos. Por exemplo, ele repelia os evangelhos de Mateus, Marcos e João, e retirava porções do evangelho de Lucas. A assertiva de que "a lei é boa" (1 Timóteo 1:8) deve ter ofendido a Márciom, que rejeitava radicalmente o Antigo Testamento, e a referência depreciativa àquilo que Paulo intitula de "as contradições do saber [no grego *gnosis*], como falsamente lhe chamam" (I Timóteo 6:20) deve ter antagonizado a Márciom, o qual chamava o seu próprio sistema doutrinário de *gnosis* - tudo o que serviria de amplas razões para Márciom haver omitido as epístolas pastorais de seu cânion, sem que isso desse a entender que elas são obras pseudônimas.

### **Gnosticismo**

Por igual modo, alguns asseveram que as epístolas pastorais atacam certa variedade de gnosticismo que só surgiu após o período da vida de Paulo. Para dizermos a verdade, o ascetismo criticado no trecho de 1 Timóteo 4:3 ("que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos") se parece bastante com o gnosticismo de período posterior. Não obstante, o proeminente elemento judaico que havia nas falsas doutrinas combatidas - "especialmente os da circuncisão", "fábulas judaicas" e "debates sobre a lei" (rito 1:10,14 e 3:9, respectivamente) - comprova que as epístolas pastorais não atacavam, necessariamente, o gnosticismo posterior; pois característicos judaicos, apesar de terem passado até ao segundo século, caracterizavam melhor a fase inicial do movimento. As epístolas pastorais, bem pelo contrário, atiram-se contra o tipo misto de heresia que já fora combatido antes na epístola aos Colossenses, o que, conforme se sabe hodiernamente, teve origem em um judaísmo sincretista da variedade gnóstica pré-cristã. Por conseguinte, é preferível pensarmos numa data mais antiga para as epístolas pastorais; e uma data

mais remota favorece a autoria paulina, porquanto um falsificador piedoso não teria ousado utilizar-se do nome do apóstolo numa época ainda bem próxima da vida de Paulo.

### **Estrutura eclesiástica**

Também se tem dito que as epístolas pastorais refletem uma estrutura eclesiástica mais bem organizada do que aquela que já se desenvolvera durante a vida de Paulo. Entretanto, as epístolas pastorais mencionam somente os anciãos (ou bispos), os diáconos e as viúvas, todas as quais classes já figuravam desde antes no Novo Testamento. Vide, por exemplo, os trechos de Atos 6:1; 9:39,41 ; I Coríntios 7:8 e Filipenses 1:1. Outrossim, os Papiros do Mar Morto, que pertencem a dias anteriores ao cristianismo, descrevem um oficial da comunidade de Qumran que se assemelha de forma notável aos bispos que são mencionados nas epístolas pastorais. As instruções dadas a Timóteo e a Tito (vide I Timóteo 5:22 e Tito 1:5), a respeito da nomeação de anciãos, não se devem a um governo eclesiástico hierarquicamente evoluído, mas ao fato que novas igrejas locais foram iniciadas sob condições missionárias, tal e qual Paulo e Barnabé, logo desde o início de sua missão fizeram nomear anciãos para as novas igrejas do sul da Galácia (vide Atos 14:23).

### **Ortodoxia**

Por igual modo, argumentam alguns, a ênfase posta sobre a ortodoxia doutrinária, nas epístolas pastorais, implica em um estágio pós-paulino do desenvolvimento teológico, quando a doutrina cristã já era considerada como completa, e, quando, por conseguinte, era mister defendê-la da corrupção, ao invés de ampliá-la em seu escopo. Entretanto, a defesa à tradicional ortodoxia cristã caracteriza as epístolas de Paulo desde os primórdios de suas atividades. Exemplos disso são a epístola aos Gálatas como um todo e o décimo quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

### **Informes conflitantes**

Finalmente, alguns afixam que as epístolas pastorais fornecem informes históricos e geográficos que não se coadunam com a carreira de Paulo, conforme ela ficou registrada no livro de Atos e nas suas outras epístolas. Supostamente, esse teria sido o erro crasso de algum falsificador piedoso. Os informes conflitantes são que Paulo deixara Timóteo em Éfeso, quando viajou para a Macedônia (vide I Timóteo 1:3 - contrastar com Atos 20:4-6), que Demas abandonara a Paulo (vide II Timóteo 4:10 - Demas continuava em companhia do apóstolo, em Filemom 24), e que Paulo deixara Tito em Creta (vide Tito 1:5) e fora para Nicópolis (vide Tito 3:12), ao mesmo tempo que Tito continuara jornada até a Dalmácia (vide II Timóteo 4:10 - ao passo que, no livro de Atos. Paulo não visitara nem Creta e nem Nicópolis).

### **Dois aprisionamentos em Roma**

A resposta a esse argumento é a hipótese que Paulo fora declarado inocente e fora solto de seu primeiro período de aprisionamento em Roma, que então ele usufruiu de certo período de liberdade, durante o qual se encaixam os informes dados pelas epístolas pastorais acerca de seus passos, e que, algum tempo depois, foi novamente detido e condenado à morte, como mártir da fé cristã, a qual, nesse ínterim, fora declarada religião ilícita. *Assim, pois, os informes históricos e geográficos das epístolas pastorais não entram em conflito com o livro de Atos, mas aludem a eventos que tiveram lugar após o encerramento do livro de Atos.* As próprias epístolas pastorais constituem uma evidência em favor da hipótese de dois períodos separados de aprisionamento em Roma. Outro tanto sucede no caso da expectativa de Paulo de que seria libertado, em Filipenses 1:19,25 e 2:24, epístola essa escrita durante seu primeiro aprisionamento em Roma, em contraste com o fato que Paulo não entretinha a menor esperança de ser solto, consoante se lê em II Timóteo 4:6-8 epístola essa escrita durante o seu suposto período de novo aprisionamento em Roma.

### **Ordem de escrita**

Concluimos que Paulo escreveu I Timóteo e Tito entre esses dois períodos de aprisionamento, ao passo que II Timóteo foi escrita durante seu segundo aprisionamento, pouco antes do seu martírio. Permanecerá para sempre desconhecido se Paulo jamais chegou à Espanha, conforme ele

planejara e registrara em Romanos 15:24 e 28. Clemente de Roma, pai da Igreja primitiva, escreveu que Paulo "atingiu os limites do Ocidente" (I Clemente 5:7), declaração essa que pode ser interpretada como alusão ou a Roma ou à Espanha, no extremo ocidental da bacia do Mediterrâneo.

## **Propósitos secundários**

Em acréscimo às instruções atinentes às responsabilidades administrativas de Timóteo e Tito nas igrejas, Paulo convocou a Tito para que viesse reunir-se a ele em Nicópolis, na costa ocidental da Grécia. Vide o mapa à pág. 252. E, em II Timóteo, Paulo, rememorando sua carreira passada e aguardando a sua execução para breve, solicita a Timóteo que viesse ter com ele em Roma, antes da chegada do inverno (vide 4:6-9,21 e 1:17). Paulo temia que, doutra sorte, jamais veria novamente a Timóteo, porquanto a navegação sofria solução de continuidade durante o inverno e a sua execução poderia ocorrer antes disso.

## **I TIMÓTEO**

### **Ortodoxia**

Após a saudação, a primeira epístola a Timóteo começa com uma advertência a respeito dos mestres falsos, que manipulavam erroneamente a lei. Em seguida Paulo relembra a sua própria experiência de conversão e a sua remissão ao apostolado e exorta a Timóteo para que se aherne tenazmente à fé cristã ortodoxa. Timóteo precisava usar de cautela no caso de dois mestres falsos, que Paulo excluía da Igreja, para que ficassem, no mundo, que é território de Satanás ("os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem", 1:20). *Ler I Timóteo 1.* A cláusula. "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação", que conduz à assertiva, "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores" (versículo 15), é uma fórmula que introduzia antigas confissões, motos e hinos cristãos (o que também se vê em I Timóteo 3:1; 4:9,10; II Timóteo 2:11-13 e Tito 3:5-8a).

### **Oração e modéstia**

O segundo capítulo começa com uma exortação a que se façam orações públicas em favor de todos os homens, mormente as autoridades governamentais. Seguem-se instruções que ensinam às mulheres cristãs a se vestirem com modéstia, sem extravagâncias, bem como a não ocuparem posições em que ensinem oficialmente a homens. A declaração, "será preservada através de sua missão de mãe" (2:15), provavelmente significa que, apesar das dores sofridas durante o parto, um resultado restante da maldição original contra o pecado humano (vide Gênesis 3:16), a mulher crente será salva do juízo eterno de Deus contra o pecado. Noutras palavras, o doloroso do parto não contradiz a salvação das mulheres cristãs. Segundo esse ponto de vista, "através de" significa "em meio à", e não "por meio de (sua missão de mãe)" (Outras interpretações são: (1) as mulheres crentes são salvas mediante o parto supremo, o de Cristo: (2) elas realizam sua própria salvação dando à luz e criando filhos piedosamente: e (3) Paulo não promete aqui salvação espiritual, mas isenção dos perigos físicos do parto (conforme aparentemente dá a entender a New American Standard Bible).)

### **Bispos e diáconos**

Em prosseguimento, Paulo alista as qualificações necessárias aos bispos e diáconos. "Bispo (*episcopos*)" significa "supervisor, superintendente", referindo-se ao ofício preenchido por homens também chamados "anciãos (*presbuteros*)". Portanto, embora "bispo" e "ancião" retrocedam a diferentes vocábulos gregos, são termos sinônimos. "Diácono", por sua parte, quer dizer "servo, ajudador", aludindo aos assessores dos bispos, os quais cuidavam das questões seculares da vida eclesiástica, particularmente a distribuição de caridades. A lista das qualificações para as "mulheres", em 3:11, pode simplesmente subentender a ordem feminina das diaconisas, ou então aludem às esposas dos diáconos, das quais se esperava que ajudassem a seus esposos na distribuição de caridades. A seção se encerra com a citação de um antigo hino ou credo cristão, o qual traça a carreira de Cristo desde a encarnação à ascensão ("Aquele que foi manifestado na carne... recebido na glória" 3:16) *Ler 1 Timóteo 2 e 3.*

## Propriedade

Um outro aviso concernente às doutrinas falsas (no quarto capítulo) é seguido, no capítulo cinco, por observações acerca do relacionamento apropriado entre Timóteo e diferentes faixas etárias na igreja, acerca da posição ocupada pelas viúvas e acerca do tratamento que se deve dar aos anciãos. Sendo ainda jovem, Timóteo deveria tratar com outros jovens como irmãos seus, com homens de mais idade como se fossem seus pais, com mulheres idosas como as mães, e com as donzelas como se fossem suas próprias irmãs.

## As viúvas

As viúvas deveriam ser sustentadas por seus próprios familiares. Porém, viúvas que vivessem piedosamente e tivessem sessenta anos de idade ou mais, se não contassem com a ajuda financeira de parentes, deveriam receber assistência econômica por parte da igreja. As viúvas mais jovens deveriam contrair novo matrimônio, para não caírem na tentação de apelar para uma vida imoral, como meio de sustento.

## Os anciãos

Os anciãos fiéis, em especial aqueles que pregam e ensinam, merecem sustento financeiro. Não devem ser impugnados os pastores, exceto se houver duas ou três testemunhas de acusação; mas aqueles cujos erros fossem comprovados deveriam ser publicamente repreendidos. Timóteo não deveria consagrar ("impor as mãos") a nenhum homem ao ofício ministerial apressadamente, mas antes deveria provar o caráter de tal homem, e isso por um período de certo tempo (a menos que a referência seja à restauração de membros disciplinados da igreja). Esta epístola se fecha no sexto capítulo, com instruções miscelâneas a respeito de escravos cristãos, de falsos mestres, de crentes abastados e das responsabilidades espirituais do próprio Timóteo. *Ler 1 Timóteo 4-6.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DE I TIMÓTEO

Tema: organização e administração de igrejas locais por parte de Timóteo.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. AVISO CONTRA A HERESIA, COM REMINISCÊNCIAS PESSOAIS (1:3-20)

II. ORGANIZAÇÃO DA IGREJA POR TIMÓTEO (2:1 - 3:13)

A. Orações públicas (2:1-8)

B. A modéstia e a subordinação das mulheres (2:9-15)

C. As qualificações dos bispos (3:1-7)

D. As qualificações dos diáconos (3:8-13)

III. ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA POR TIMÓTEO (3:14. 6:19)

A. Preservação da Igreja como baluarte da ortodoxia e contra a heterodoxia (3:14 - 4:16) (Assim como ortodoxia significa "crença correta", ortopraxia significa "conduta correta".)

B. Como pastorear os membros da igreja (5:1 - 6:26)

1. Homens e mulheres, jovens e velhos (5:1,2)

2. Viúvas (5:3-16)

3. Anciãos, com um reparo acerca do próprio Timóteo (5:17-25)

4. Escravos (6:1-2b)

C. Como ensinar e exortar os crentes ao dever (6:2c-10)

D. Como servir de exemplo (6:11-16)

E. Como advertir aos ricos (6:17-19)

CONCLUSÃO: incumbência final a Timóteo e bênção (6:2(1,21))

## TITO

Paulo escreveu esta epístola quando estava em Nicópolis, na costa ocidental da Grécia. Endereçou-a a Tito, a quem deixara na ilha de Creta, a fim de organizar a igreja local dali. Tal como



o faz em I Timóteo, o apóstolo adverte no tocante aos mestres falsos e baixa instruções acerca da conduta conveniente de várias classes de cristãos. A base doutrinária de tais instruções é a graça de Deus, a qual confere a salvação, conduz à vida piedosa e oferece a "bendita esperança" da volta de Jesus (vide 2:11-14). A base experimental dessas instruções é a regeneração operada pelo Espírito Santo (vide 3:3-7). *Ler Tito 1 - 3.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DE TITO

Tema: organização e administração das igrejas locais de Creta, por parte de Tito

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1-4)

I. NOMEAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DOS BISPOS (1:5-9)

II. SUPRESSÃO DOS FALSOS MESTRES (1:10-16)

III. ENSINANDO A BOA CONDUTA (2:1 - 3:8a)

CONCLUSÃO: (3:8b-15)

A. Sumário (3:8b-11)

B. Solicitação a Tito para vir a Nicópolis, e outras instruções (3:12-14)

C. Saudações e bênção (3:15)

## II TIMÓTEO

### Reminiscências e exortação

A última epístola de Paulo tem início com reminiscências da chamada divina de Timóteo e de Paulo, entremeadas com exortações e uma observação lateral acerca de alguns que haviam deixado Paulo desamparado na prisão, e acerca de outros, que se tinham colocado a seu lado. As demais instruções dadas a Timóteo extraem comparações com o trabalho árduo e a autodisciplina requeridos da parte de soldados, atletas e agricultores. Em contraposição ao ensino herético, Paulo frisa que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil..." (3:16). Uma incumbência final, a de pregar a Palavra de Deus, uma declaração sobre a disposição de ir até à morte, notícias pessoais e solicitações concluem a despedida constante nesta epístola de Paulo. *Ler II Timóteo 1 - 4.*

Janes e Jambres (vide 3:8) eram dois mágicos de Faraó, que se opuseram a Moisés, de conformidade com o Targum de Jônatan, sobre Êxodo 7:11, e primitiva literatura cristã fora do Novo Testamento. Os pergaminhos que Paulo rogou fossem trazidos por Timóteo (vide 4:13) por certo tinham um conteúdo importante, pois o pergaminho era material dispendioso. Talvez fossem os documentos legais de Paulo, como o seu certificado de cidadania romana, ou cópias de Escrituras do Antigo Testamento, ou registros da vida e dos ensinamentos de Jesus.

Provavelmente cumpre-nos compreender o livramento de Paulo "da boca do leão" de forma figurada, e não literal, pois usava-se a figura do leão como metáfora indicativa de extremo perigo (vide 4:17; comparar com Salmo 22:21). Mais especificamente, o leão tem sido empregado como símbolo do diabo, conforme se vê em I Pedro 5:8, ou do imperador Nero.

## ESBOÇO SUMÁRIO DE II TIMÓTEO

Tema: a comissão de Timóteo para levar avante a obra realizada por Paulo.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. EXORTAÇÃO À INTENSIDADE NO MINISTÉRIO, EM CONTRAPOSIÇÃO AO PENDOR À TIMIDEZ, QUE TIMÓTEO REVELAVA (1:3 - 2:7)

II. EXORTAÇÃO À ORTODOXIA, EM CONTRAPOSIÇÃO A ENSINOS E PRÁTICAS FALSOS (2:8 - 4:8)

CONCLUSÃO (4:9-22)

A. Pedido sobre a vinda imediata de Timóteo (4:9-13)

B. Notícias sobre o julgamento de Paulo (4:14-18)

C. Saudações, com outro apelo sobre a vinda de Timóteo e uma bênção (4:19-22)

Para discussão posterior:

- Quais diferenças se percebem entre a estrutura das modernas igrejas locais e a da Igreja primitiva, segundo se reflete nas epístolas pastorais? Como você justifica essas diferenças?

- Até que ponto a Igreja moderna está na obrigação de moldar-se segundo a estrutura eclesial e o estilo de funcionamento da Igreja primitiva? Por outro lado, as circunstâncias modificadas e a cultura diferente permitem à Igreja a liberdade de operação e de inovação? e, nesse caso, dentro de quais limites, se porventura há limites?

- Avalie o acerto da acusação de que a preocupação de Paulo com a ortodoxia, nas epístolas pastorais, soa mais como algo negativo e exageradamente defensivo.

Para investigação posterior:

Guthrie, D. *The Pastoral Epistles and the Mind of Paul*. Londres: Tyndale, 1956.

-- *The Pastoral Epistles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

Kelly, J.N.D. *I e II Timóteo e Tito*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983

## **EXCURSO: RESUMO DA TEOLOGIA PAULINA**

### **Origens**

Visto que a teologia de Paulo acha-se distribuída por certo número de epístolas, escritas sob circunstâncias tipicamente missionárias, a nós resta a tarefa de sumariar seu pensamento. Antigamente, alguns eruditos chegaram a pensar que Paulo tivesse feito profundos empréstimos dos conceitos gregos e das religiões misteriosas, quanto ao conteúdo e à forma de sua teologia. Atualmente, entretanto, o consenso geral assevera que a sua dívida ao Antigo Testamento e ao judaísmo rabínico em muito excede à sua dívida a fontes gregas e misteriosas. Aqueles mesmos eruditos igualmente criam que Paulo fora um notável inovador, que transformara Jesus daquilo que Ele realmente era, um rabino e mártir carismático, em um Salvador cósmico, revestido de atributos divinos. Porém, um estudo mais acurado da literatura paulina tem demonstrado que Paulo se estribou pesadamente sobre a primitiva tradição cristã - hinos, credos, confissões batismais e instruções catequéticas - sobre a conduta cristã, além de haver-se respaldado nas tradições orais e escritas acerca da vida e dos ensinamentos de Jesus, antes dos evangelhos terem sido registrados. O estudo dos evangelhos, do livro de Atos e das epístolas paulinas conduz à mesma conclusão: Paulo desenvolveu uma teologia cristã já existente, que se originara com Jesus e que crescera baseada sobre as Escrituras do Antigo Testamento, reputadas como plenamente autoritativas.

### **Deus e a criação**

Do judaísmo e do Antigo Testamento é que procede o conceito paulino de um só verdadeiro Deus, o qual é onipotente, santo e gracioso. Esse Deus é uma pessoa. Aqueles que chegam a conhecê-Lo por intermédio de Cristo, podem dirigir-se a Ele afetuosamente, tratando-o de Pai ("Aba"). Porém, há multiplicidade dentro da personalidade do Deus único: razão por que Paulo escreve nos termos trinitarianos de Pai, Filho e Espírito Santo. Deus Pai criou o universo e todos os seres nele existentes, através de Seu Filho e para Ele. Por conseguinte, o universo material é inerentemente bom; o pecado é que é um intruso. Todos os homens pecaram em Adão, e o pecado mantém um domínio de tal modo imperioso sobre os homens que a boa lei de Deus provoca-os à transgressão, e não à obediência. E disso resulta a morte, tanto a física quanto a espiritual. Fazendo parte da criação material, o corpo humano é inerentemente bom; mas, visto que o pecado se manifesta através do corpo, Paulo intitula o impulso pecaminoso de "a carne". ("Carne" nem sempre alude à propensão ao pecado. Outros sentidos incluem o corpo de carne, a humanidade, a descendência humana natural ou algum relacionamento humano natural, e a natureza humana como tal (fraca, pecaminosa ou não).)

Jesus, o eternamente preexistente Filho de Deus, veio dos céus a fim de redimir os homens da servidão ao pecado e de suas conseqüências. Para tanto, Ele se fez um ser humano e entregou-se

à morte, a fim de satisfazer tanto a ira divina contra o pecado como para satisfazer o amor divino pelos pecadores. Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos e O exaltou como Senhor (palavra essa que traduz "Javé" ou "Jeová"), nos céus, a fim de demonstrar a Sua plena satisfação. Agora, pois, o "chamamento" de Deus é feito àquelas pessoas que por Ele foram escolhidas previamente. Não obstante, a eleição divina de algumas pessoas não contradiz o convite sincero à salvação, estendido a todos os seres humanos. Os homens acatam esse convite através de uma sincera tristeza ante o pecado (arrependimento) e a fé em Jesus Cristo; e essa fé envolve assentimento mental ao que o cristianismo diz sobre a identidade de Jesus, confiança exclusiva em Sua morte e ressurreição com vistas à remissão (ou remoção) de pecados, e submissão moral ao tipo de vida que Ele requer daí por diante. O crente penitente imediatamente passa a estar "em Cristo", em razão do que o seu pecado é transferido a Cristo e a retidão de Cristo é transferida a ele. A solidariedade com Cristo, pois, substitui a solidariedade com Adão. Dessa maneira, Deus pode tratar amorosamente ao crente como pessoa reta (justificação), ao mesmo tempo que conserva Seu próprio padrão de justiça. Como Senhor, Jesus "redime" aos crentes, ou seja, Ele os libera da servidão ao pecado, mediante o pagamento de certo preço, tal e qual Javé redimiu a nação de Israel da servidão egípcia, por ocasião do êxodo. Deus e o crente são reconciliados entre si; a comunhão entre Deus e o homem é restaurada. Ora, tudo isso ocorre devido à graça divina, ao favor de Deus para com homens desmerecedores, sem qualquer boa obra meritória de sua parte.

### **O Espírito, os cristãos e a Igreja**

Deus confere o Seu Espírito ao crente, como garantia de uma glória futura e eterna, mas também para ser poderosa ajuda ao viver individual e coletivo dos crentes. O Espírito Santo capacita os crentes a dominarem o impulso pecaminoso ("a carne"), a viverem virtuosamente, a orarem e a ministrarem a outros. O corpo, antes dominado pela carne, torna-se santuário sagrado do divino Espírito, fica destinado à ressurreição para a vida eterna. Além disso, tal como o corpo do cristão individual é templo do Espírito Santo, assim também o é a Igreja como um todo. Na verdade, o corpo com suas diversas porções é a grande metáfora usada por Paulo para doutrinar sobre a Igreja em sua unidade orgânica, na diversidade de suas funções e na sua subordinação a Cristo, o seu cabeça. E as igrejas locais (palavra derivada do termo grego *ecclesia*) não são os templos de alvenaria, mas são as assembléias de remidos que se reúnem em um dado local, aqueles cuja cidadania superior pertence ao reino de Deus. Esses são também os "santos", os "irmãos", em cujos corações rebrilham os segredos revelados ("mistérios") do evangelho do reino. Esses confessam a sua unificação com Cristo, em Sua morte, sepultamento e ressurreição, através da Ceia do Senhor, a qual também lança vistas ao futuro banquete messiânico, que terá lugar quando da *parousia* ou segunda vinda de Cristo.

### **Escatologia**

As forças do mal - Satanás, espíritos demoníacos e seres humanos por eles dominados - controlam a era presente. Mas isso não prosseguirá nessas condições para sempre; aproxima-se célere a vinda do Senhor. E então Ele assumirá o controle de tudo. Quando o homem do pecado (o anticristo) tiver encabeçado uma grande revolta contra Deus, Cristo, o Senhor, haverá de retornar a fim de julgar aos ímpios, vindicar aos piedosos e restaurar a nação de Israel. Aos crentes cabe o dever de manterem-se vigilantes quanto a esse grande acontecimento. Trata-se de sua "esperança" confiante, uma possibilidade franqueada a cada geração de remidos. Após o dia do Senhor, terá começo a era vindoura, uma sucessão interminável de eras, chamadas de eternidade, na qual Deus se comprazera em Seu povo, e eles no seu Deus - para sempre. (Paulo tomou por empréstimo essas três expressões, "esta época (presente)", "o dia do Senhor" e "aquela era (ou era vindoura)", do Vocabulário rabínico, injetando nelas pensamentos cristãos.)

Para discussão posterior:

- Por que Paulo e outros primitivos autores cristãos não escreveram obras teológicas, em forma sistemática, ao invés de epístolas e tratados ocasionais?

- Quais aspectos particulares de sua teologia impediram a Paulo de tornar-se um teólogo de escriturinha, mas antes, compeliram-no a viajar por muitos lugares, em meio a grandes sacrifícios pessoais, por amor ao evangelismo?

Para investigação posterior:

Machen, J. G. *The Origin of Paul's Religion*. Grand Rapids: Eerdmans, 1925.

Bouttier, M. *Christianity According to Paul*. Traduzido por F. Clarke. Londres: SCM, 1966.

Scott, C. A. A. *Christianity According to St. Paul*. Cambridge University Press, 1961.

Barclay, W. *The Mind of St. Paul*. Nova Iorque: Harper & Row, 1958.

Hunter, A M. *Paul and His Predecessors*. Filadélfia: Westminster, 1961.

-----, *The Gospel According to St. Paul*. Filadélfia: Westminster, 1967.

Whiteley, D.E. H. *The Theology of St. Paul*. Filadélfia: Fortress, 1964.

Stewart, J. S. *A Man in Christ*. Nova Iorque: Harper & Row, n. d.

Longenecker, R. N. *Paul, Apostle of Liberty*. Nova Iorque: Harper & Row, 1964.

Davies, W. D. *Paul and Rabbinic Judaism*. Londres: S.P.C.K., 1962. Para um estudo mais avançado.

## **CAPÍTULO 18 Hebreus: Jesus, Nosso Grande Sumo Sacerdote**

Perguntas Normativas:

- Quais são os candidatos mais prováveis à autoria da epístola aos Hebreus?
- A quem foi escrita a epístola aos Hebreus, onde viviam eles e quais eram suas condições espirituais?
- Qual é a distintiva ênfase cristológica da epístola aos Hebreus, e como isso se relaciona ao esforço de dissuadir seus leitores de seguirem a apostasia?

### **Tema**

O autor da epístola aos Hebreus retrata distintivamente a Jesus Cristo como o grande Sumo Sacerdote que, tendo oferecido nada menos que a Si mesmo, como o sacrifício totalmente suficiente pelos pecados, agora ministra no santuário celestial. O propósito desse retrato, que exhibe a superioridade de Cristo sobre todo aspecto e sobre todo herói da religião revelada no Antigo Testamento, foi o de impedir que os leitores originais da epístola revertissem ao judaísmo.

### **Autoria. Paulo**

A tradição da Igreja primitiva manifesta-se em tons incertos quanto à autoria do livro anônimo dirigido aos Hebreus. Sem embargo, em data bastante recuada (cerca de 95 D. C.), a epístola aos Hebreus já era conhecida e usada, conforme se vê em I Clemente. Na porção oriental do império romano, Paulo era usualmente reputado seu autor. A teologia do tratado aos Hebreus realmente se assemelha à de Paulo, quando se coteja a preexistência e a posição de Cristo como criador, em Hebreus 1:1-4 e Colossenses 1:15-17; a humilhação de Cristo, em Hebreus 2:14-17 e Filipenses 2:5-8; a nova aliança, em Hebreus 8:6 e 11 Coríntios 3:4-11; e a distribuição de dons do Espírito Santo, em Hebreus 2:4 e I Coríntios 12:11. Não obstante, o segmento ocidental da Igreja duvidava da autoria paulina, tendo chegado mesmo a excluir o livro aos Hebreus do cânon, pelo menos a princípio, por causa de dúvidas quanto à autoria do mesmo. Esse fato mostra-nos que a Igreja primitiva não aceitava credulamente a quaisquer obras no cânon neotestamentário sem primeiramente examinar as credenciais comprobatórias no tocante à autoria, à natureza fidedigna e à pureza doutrinária.

A Igreja ocidental tinha bons motivos para duvidar da autoria paulina. Nenhuma das epístolas reconhecidamente pertencentes a Paulo é anônima como a epístola aos Hebreus. O polido estilo grego de Hebreus difere radicalmente do estilo rude desse apóstolo, muito mais do que pode ser explicado pelo emprego de um amanuense diferente. E, se por um lado Paulo apelava constante-

mente para sua própria autoridade apostólica, por outro lado o escritor da epístola aos Hebreus apela para autoridade daqueles que tinham sido testemunhas oculares do ministério de Jesus (vide Hebreus 2:3).

### **Barnabé**

Outros estudiosos têm sugerido Barnabé, cujo passado como levita (vide Atos 4:36) se harmoniza com o interesse pelas funções sacerdotais que se manifesta por todo o livro aos Hebreus, e cuja associação com Paulo poderia explicar as similaridades com a teologia paulina. No entanto, por ter sido residente em Jerusalém (vide Atos 4:36,37), provavelmente Barnabé chegara a ouvir e ver a Jesus, ao passo que o autor da epístola aos Hebreus inclui a si mesmo entre aqueles que dependiam de outros quanto ao testemunho ocular (vide Hebreus 2:3).

### **Lucas**

Lucas, um outro companheiro de Paulo, também é candidato à autoria da epístola aos Hebreus, devido à semelhança de estilo do livro aos Hebreus, em grego culto e polido, e o de Lucas-Atos. Todavia, Lucas-Atos se reveste de uma perspectiva tipicamente gentílica, ao mesmo tempo que o livro aos Hebreus manifesta-se altamente judaico.

### **Apolo**

Martinho Lutero sugeria a autoria de Apolo, cuja familiaridade com Paulo (vide 1 Coríntios 16:12), além de ter sido melhor instruído por Priscila e Áquila (vide Atos 18:26), pode ser justificativa para a semelhança com a teologia paulina que se vê em Hebreus. A eloquência de Apolo (vide Atos 18:24,27,28) poderia ter produzido o estilo elevadamente literário da epístola aos Hebreus. Outrossim, seu passado formativo alexandrino se adapta ao uso exclusivo da Setuaginta, na epístola em apreço, quando de citações extraídas do Antigo Testamento, porquanto a Setuaginta foi produzida em Alexandria, no Egito. (Alguns eruditos traçam o paralelo entre as interpretações alegóricas do Antigo Testamento, pelo filósofo judeu Filo, contemporâneo de Apolo e também nativo de Alexandria, e o manuseio das revelações do Velho Testamento em Hebreus. Todavia, Hebreus trata o Antigo Testamento como história simbólica, e não como alegoria.) Porém, a ausência de tradições antigas em favor de Apolo deixa-nos na dúvida a esse respeito.

### **Silvano**

A suposição de que Silvano (ou Silas), companheiro de Paulo, tenha sido o autor de Hebreus, também pode explicar as suas similaridades com a teologia paulina. Mas não muito mais do que isso pode ser dito em favor ou contra a autoria de Silvano.

### **Felipe**

Outro tanto se pode dizer no que tange à sugestão de que Filipe escreveu a epístola ao Hebreus.

### **Priscila**

Harnack sugeriu Priscila, devido às íntimas associações entre ela e Paulo, e engenhosamente argumentou que ela escrevera a obra no anonimato porque a autoria da parte de uma mulher não era aceitável pelo público.

### **Clemente de Roma**

As semelhanças entre Hebreus e I Clemente permitem a possibilidade que seu autor tenha sido Clemente de Roma. Entretanto, há muitas diferenças quanto à perspectiva, e o mais provável é que Clemente tenha feito empréstimos da epístola aos Hebreus, e nada mais. Juntamente com Orígenes, pai da antiga Igreja, concluímos que somente Deus sabe quem escreveu a epístola aos Hebreus.

## **Destinatários**

A despeito do tradicional apêndice do título "aos Hebreus", alguns têm pensado que esse livro foi originalmente endereçado a crentes gentílicos. Em apoio a essa opinião, apela-se ao estilo polido no grego e ao contínuo uso da Setuaginta, havendo apenas um desvio ocasional em relação à tradução grega do Antigo Testamento. Todos esses fenômenos, entretanto, nada deixam implícito quanto aos destinatários originais da epístola. Indicam tão-somente o passado formativo de seu autor. O uso freqüente do Antigo Testamento, o pressuposto conhecimento dos rituais judaicos, a advertência para seus leitores não reverterem ao judaísmo, além do título tradicional e antiquíssimo do livro, tudo aponta para o fato que o livro foi endereçado originalmente a judeus cristãos.

## **Destinação**

À primeira vista, poderia parecer mais verossímil que esses judeus cristãos viviam na Palestina. Mas, levando-se em conta o trecho de Hebreus 2:3, seus leitores não tinham visto nem ouvido a Jesus, pessoalmente, durante Seu ministério terreno, conforme muitos cristãos palestinos sem dúvida o tinham feito; e, em consonância com Hebreus 6:10, eles haviam ajudado financeira e materialmente a outros cristãos, ao passo que os cristãos palestinos eram pobres e tinham recebido ajuda externa (vide Atos 11:27-30; Romanos 15:26 e II Coríntios 8 e 9). Outrossim, o conhecimento que os seus leitores dispunham sobre os rituais judaicos ao que parece provinha do Antigo Testamento segundo a versão da Septuaginta, e não porque freqüentassem aos cultos no templo de Jerusalém. E a declaração, "Os da Itália vos saúdam(13:24), soa como se italianos distantes da Itália estivessem enviando saudações de volta à sua pátria. Nesse caso, Roma seria o destino provável da presente epístola. Consubstanciando essa conclusão, temos de considerar o fato que a evidência em prol do conhecimento da epístola aos Hebreus nos chega, antes de tudo, de Roma (vide I Clemente). (vide ainda W. Manson, *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Hodder & Stoughton, 1951).)

Recentemente, H. Montefiore propôs que Apolo escreveu a epístola aos Hebreus em Éfeso, à igreja de Corinto, especialmente a seus membros judeus cristãos. (A *Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Londres: Black, 1964).) em 52-54 D, C. Ele traçou numerosos paralelos entre Hebreus e a correspondência de Paulo com os crentes coríntios. De acordo com essa posição, as palavras "Os da Itália vos saúdam" (13:24) seriam Priscila e Áquila, os quais originalmente se tinham mudado de Roma para Corinto, mas depois acompanharam Paulo de Corinto a Éfeso. Poderíamos inquirir, entretanto, por qual motivo o autor da epístola aos Hebreus não mencionou por nome a Priscila e Áquila, mas preferiu usar uma expressão generalizadora, sobretudo diante do fato que acabara de mencionar a Timóteo por nome. Não obstante, os argumentos de Montefiore merecem séria consideração.

## **Propósito**

Onde quer que habitassem os destinatários da epístola, eram bem conhecidos do seu autor. Ele escreve a respeito da generosidade deles (vide 6:10), das perseguições que vinham sofrendo (vide 10:32-34 e 12:4), da imaturidade deles (vide 5:11 - 6:12) e de sua esperança de que em breve haveria de visitá-los novamente (vide 13:19,23). Dois detalhes adicionais podem ser muito significativos: (1) os leitores da epístola são exortados a saudar não somente os líderes e demais membros de sua própria congregação, mas também "a todos os santos" (13:24); (2) eles são repreendidos por não se reunirem com a necessária freqüência (vide 10:25). O mais provável, portanto, é que fossem um grupo de cristãos judeus que se reuniam em algum domicílio e que se tinham separado do corpo central de cristãos da localidade em que viviam, e que agora corriam o perigo de retornar ao judaísmo, a fim de evitarem as perseguições. (O desaparecimento tão repentino de uma tradição segura quanto à autoria do livro pode dever-se ao separatismo dos destinatários originais. Outras identificações quanto aos destinatários são que eles eram um grupo de sacerdotes judeus convertidos (vide Atos 6:7), ou um grupo de convertidos da seita de Qumram, a qual produziu os papiros do Mar Morto.) O propósito fundamental da epístola é justamente o de entrar tal apostasia, trazendo-os de volta ao caudal da comunhão cristã.

## **Data**

O uso da epístola aos Hebreus, em I Clemente, requer que tal epístola tenha sido escrita antes de 95 D. C., data de I Clemente. Também se tem argumentado que os verbos no tempo presente, que se vêem na epístola aos Hebreus, ao descrever a mesma os rituais expiatórios, subentendem uma data anterior ao ano 70 D. C., ano em que Tito destruiu o templo de Jerusalém e os sacrifícios deixaram de ser oferecidos ali pelos judeus. Todavia, outros escritos que por certo datam de após o ano 70 D. C., continuam a usar verbos no tempo presente ao aludirem aos rituais mosaicos (vide I Clemente, Josefo, Justino Mártir e o Talmude). Além disso, a epístola aos Hebreus não faz a descrição dos rituais efetuados no templo, e, sim, dos rituais do "tabernáculo" pré-salomônico, pelo que os verbos no tempo presente consistem tão só de um vívido estilo literário, não podendo subentender coisa alguma no tocante à data em que foi escrito o livro aos Hebreus. O que realmente favorece uma data anterior a 70 D. C., para a escrita do livro, é a ausência a qualquer alusão, nessa epístola, à destruição do templo de Jerusalém, como indicação divina de que o sistema de holocaustos do Antigo Testamento se tornara obsoleto. Não há que duvidar que o autor sagrado ter-se-ia valido de um argumento histórico dessa magnitude, se aquele acontecimento já houvesse ocorrido.

## **Forma literária**

Tal como no caso de outras epístolas, Hebreus termina com alusões pessoais, mas, divergentemente de outras epístolas, ela não conta com saudações introdutórias. O estilo de oratória e observações como "Certamente me faltará o tempo necessário para referir..." (11:32), parecem indicar mais um sermão. Porém, a assertiva: "...vos escrevi resumidamente" (13:22), requer que pensemos que o livro de Hebreus é uma epístola, afinal de contas, embora escrita segundo o estilo de um sermão.

## **A superioridade de Cristo**

A fim de impedir seus leitores de retornarem ao judaísmo, o autor de Hebreus ressalta a superioridade de Cristo em relação a tudo o mais, especialmente em relação a várias características do judaísmo originadas do Antigo Testamento. A expressão "melhor que" epitoma o tema predominante da superioridade de Cristo, um tema reiterado enfaticamente por toda a obra, mediante exortações para que seus leitores não apostatassem da fé cristã.

## **Superior aos profetas**

Cristo é superior aos profetas do Antigo Testamento porquanto é Ele o próprio Filho de Deus, o herdeiro do universo, o criador, o reflexo exato da natureza divina, o sustentador da vida no mundo, o purificador dos pecados, o Ser exaltado - e, por conseguinte, a última e mais excelente palavra de Deus ao homem (vide 1:13a).

## **Superior aos anjos**

Cristo é também superior aos anjos, a quem os contemporâneos judeus do autor sagrado reputavam mediadores da legislação mosaica, no Monte Sinai (vide Atos 7:53 e Galátas 3:19); porque Cristo é o Filho divino e criador eterno, mas os anjos são apenas servos e seres criados (vide 1:3b – 2:18). E mesmo o fato que Ele se tornou menor que os anjos, mediante a encarnação e a morte, foi uma ocorrência meramente temporária. Era mister que Ele se tivesse tornado um ser humano a fim de estar qualificado como aquele que, por Sua morte, pudesse elevar o homem decaído àquela dignidade que originalmente lhe fora propiciada por Deus, quando da criação. Por causa de Seu ato expiatório, Cristo foi revestido de imensa honra. Na metade dessa seção é que ocorre uma exortação que insta para que os leitores originais da epístola não declinassem da sua profissão cristã (vide 2:1-4). *Ler Hebreus 1 e 2.*

## **Superior a Moisés**

Na posição de divino *Filho sobre* a casa de Deus, Jesus Cristo é superior a Moisés, um *servo na casa de Deus* (vide 3:1-6). A exortação, pois, visa a evitarmos incorrer no juízo de Deus, em

resultado da incredulidade. A geração de israelitas que saiu do Egito sob a liderança de Moisés, mas morreu no deserto por causa da indignação divina contra a rebelião deles provê um terrível exemplo de advertência (vide 3:7-19).

### **Superior a Josué**

Cristo é melhor do que Josué; pois embora Josué tenha feito Israel entrar na terra de Canaã, Cristo conduzirá aos crentes ao lugar de repouso eterno, nos céus, onde Deus descansa de Sua obra criativa (vide 4:1-10). É óbvio que Josué não conseguiu fazer Israel entrar nesse repouso celestial; porquanto muito tempo depois de Josué ter vivido e morrido, Davi falou do lugar de repouso de Israel como lugar ainda não atingido (vide Salmo 95:7,8). (Outra interpretação é que o "descanso" ao qual Jesus conduz os crentes não é o futuro repouso celeste, após as boas obras do viver cristão, mas é o *presente* repouso espiritual, ou cessação da justiça própria mediante as obras da lei, ante a redenção já realizada por meio de Cristo. Todavia, o aviso intimamente relacionado acerca da apostasia, com suas temíveis conseqüências, e o paralelo entre o fato que Deus descansou de Sua (boa) obra da criação e nosso repouso do trabalho favorecem a interpretação acima. Ainda uma outra opinião diz que o descanso do crente não é a própria salvação (quer presente quer futura), mas um viver cristão bem sucedido, tipificado pela conquista de Canaã por Josué. Novamente, porém, essa interpretação tende por cortar a conexão entre a passagem e os avisos contra a apostasia.) A comparação entre Jesus e Josué é bem mais impressionante no Novo Testamento grego, pois o apelativo hebraico "Josué" assume a forma "Jesus", no grego. Noutras palavras, o texto grego desconhece a distinção entre o nome próprio Josué, do Antigo Testamento, e o nome próprio Jesus, do Novo Testamento.

Em prosseguimento, o autor exorta os seus leitores a entrarem no descanso celestial, através da fidelidade à sua profissão cristã (vide 4:11-16). Essa ênfase posterior sobre a total suficiência da obra expiatória de Jesus elimina qualquer implicação de que a continuação das boas obras, na vida do crente, merece a salvação. Entretanto, as boas obras e o desviar-se da apostasia são coisas necessárias para demonstração da genuinidade da profissão de fé cristã. O décimo segundo versículo contém a famosa comparação da Palavra de Deus com uma espada de dois gumes, que penetra e desnuda o ser mais interior do homem. Por conseguinte, os crentes devem provar que sua externa profissão de fé se origina de uma realidade interna. *Ler Hebreus 3 e 4.*

### **Superior Arão**

Cristo é superior a Arão e seus sucessores no ofício sumo sacerdotal (vide 5:1 - 12:29). O autor da epístola aos Hebreus primeiramente destaca dois pontos de semelhança entre os sacerdotes arônicos e Jesus Cristo: (1) à semelhança de Arão, Cristo foi divinamente nomeado ao sumo sacerdócio, e (2) ao compartilhar de nossa experiência humana, Cristo adquiriu por nós uma simpatia pelo menos igual àquela de Arão (vide 5:1-10). O mais proeminente exemplo desses sentimentos de Jesus foi que Ele instintivamente procurou furtar-se da morte, quando orava no jardim do Getsêmani (embora jamais do terror da morte, como se fosse culpado, e, obviamente, também não houve a recusa de aceitar a cruz).

Em seguida há uma longa exortação (vide 5:11 - 6:20) com vistas ao progresso que nos leva da infância à maturidade espirituais, se avançarmos para além das doutrinas elementares da fé judaica, que formam o alicerce da fé cristã e que adquirem uma nova significação no seu contexto cristão. Quando o crente não se desenvolve espiritualmente, isso aumenta o perigo de vir a apostatar. E se um cristão renunciar a Cristo de maneira pública, voluntária e final, deixará de existir para sempre toda e qualquer possibilidade de salvação. O autor sagrado descreveu os seus leitores como cristãos falando do ponto de vista de sua presente profissão de fé (não conhecendo os seus corações, de que outra maneira poderia tê-los descrito?), mas continua e salienta que a apostasia tanto haveria de demonstrar a ilegitimidade de sua profissão cristã como os levaria a incorrer em irrevogável julgamento, por motivo de falsa profissão. Deve-se notar que a apostasia envolve um sentido muito mais grave do que no caso de desobediência temporária. *Ler Hebreus 5 e 6.*

Os itens frisados da superioridade de Cristo sobre Arão são: (1) Cristo se tornou sacerdote em virtude de um juramento divino, mas não assim com os aronitas (Arão e seus descendentes sacerdotais); (2) Cristo é eterno, ao passo que os aronitas morriam e tinham de ser substituídos; (3) Cristo é impecável, ao passo que os aronitas não o eram; (4) as funções sacerdotais de Cristo envolvem as realidades celestiais, mas as dos aronitas dizem respeito somente a símbolos terrenos;



(5) Cristo ofereceu-se a Si mesmo voluntariamente como um sacrifício que jamais precisará ser repetido, ao passo que as repetitivas ofertas de animais desmascaram a sua ineficácia, pois animais inferiores não podem tirar os nossos pecados; e (6) o próprio Antigo Testamento, escrito durante o período do sacerdócio arônico, predizia que sobreviria uma nova aliança, que tornaria obsoleto ao antigo pacto, segundo o qual funcionava o sacerdócio arônico (vide Jeremias 31:31-34).

Muito se tem disputado sobre a interpretação correta da advertência que aparece em Hebreus 6:1-12, a saber:

(1) Aqueles que ensinam que a passagem fala de aterrorizante possibilidade de um verdadeiro crente reverter à condição de perdição, têm de ver-se a braços com a declarada impossibilidade de restauração (vide 6:4), e isso contrariamente àqueles trechos neotestamentários que asseguram a eterna segurança para os crentes, para os eleitos (vide João 6:39,40; 10:27-29; Romanos 11:29; Filipenses 1:6; 1 Pedro 1:5 e 1 João 2:1), e também em desacordo com a doutrina inteira da regeneração.

(2) Aqueles que sentem que o autor da epístola aos Hebreus postula aqui uma hipótese, e não uma possibilidade realista, descobrem que a reiteração dessa urgente advertência, aqui e alhures nesta epístola (vide especialmente 10:26-31), é algo muito embaraçador.

(3) Aqueles que diluem a severidade do juízo ameaçador, da perda da salvação para a perda de galardões (em que a salvação por um triz não se perdera - comparar com 1 Coríntios 3:12-15), descobrem-se antagonizando o que fica implícito em Hebreus 6:9, isto é, que o juízo aqui ameaçado é o oposto da salvação: "...estamos persuadidos das cousas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira." (Comparar isso com Hebreus 10:27: "... certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários".)

(4) Aqueles que encaram essa advertência como se ela houvesse sido dirigida a quase cristãos, e não a cristãos no mais alto sentido da palavra, são forçados a minimizar a força das expressões "... aqueles que uma vez foram iluminados (comparar com 10:32; II Coríntios 4:4,6; I Pedro 2:9; et passim), e provaram do dom celestial (comparar com o fato que Cristo 'provou' a morte a favor de todo homem (vide 2:9), certamente uma experiência plena), e se tornaram participantes do Espírito Santo (comparar com o fato que Cristo se tornou participante da natureza humana (vide 2:14), certamente não uma encarnação parcial), e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro (comparar com I Pedro 2:3)". Esses também sentem grande dificuldade ante o apelo em favor da maturidade, e não da conversão, ante a advertência a respeito da "apostasia" (vide 6:6), e não a respeito de não se haver confessado a Cristo no princípio, e ante o título conferido aos leitores da epístola, "amados", um termo distintivamente cristão (vide 6:9; comparar com 10:30: "O Senhor julgará o seu povo").

(5) A interpretação mais promissora é aquela que encara essa advertência como uma aviso dirigido a cristãos professos, ficando entendido que esses devem demonstrar a genuinidade de sua profissão resistindo à pressão tendente à apostasia. Se, por uma parte, as passagens que nos asseguram a eterna segurança do crente refletem a perspectiva divina (Deus, que conhece perfeitamente aos corações dos homens, resguardará para sempre aos que Lhe pertencem), por outra parte a presente advertência, juntamente com outras que Lhe são correlatas, reflete a perspectiva humana (os cristãos, que conhecem imperfeitamente aos seus corações, devem demonstrar a si mesmo e a outros, mediante exteriorizações na forma de correta conduta, que a sua profissão de fé é real, não mediante uma perfeição impecável, mas mediante a perseverança contra a oposição e a tentação). Dessa forma, o autor do livro aos Hebreus dirige-se a seus leitores como cristãos, como não poderia mesmo ser diferente, porquanto ao escrever-lhes todos se professavam crentes. Todavia, diferentemente de Deus, ele não poderia conhecer seu estado espiritual interno. Por isso, viu-se forçado a adverti-los contra o perigo da profissão falsa, contra a apostasia final que vem mediante a negação voluntária, e final da fé cristã anteriormente professada, e contra o julgamento irrevogável disso tudo resultante. Na *verdade*, não é possível alguém ser salvo e depois perder-se, mas isso é *aparentemente* possível, e essa "aparência" deve ser tratada com toda a gravidade, porquanto os seres humanos se movimentam principalmente no nível do que é aparente.

Quanto à distinção entre a perspectiva divina e a perspectiva humana, podemos consultar o trecho de I Samuel 16:7b ("O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração"), confrontando

com a doutrina paulina da justificação pela fé (à vista de Deus), e também com a doutrina de Tiago da justificação comprovada pelas obras (à vista dos homens). É importante reconhecermos a validade e a seriedade de ambas perspectivas. Finalmente, o propósito de advertências como essa não é perturbar os crentes conscienciosos, e, sim, acautelar os crentes negligentes, para que não terminem por nem ser cristãos, afinal de contas.

## **Melquisedeque**

Alicerçando-se sobre a sugestão da assertiva em Salmo 110:4, de que o rei messiânico seria sacerdote segundo o padrão de Melquisedeque, o autor da epístola aos Hebreus descobre diversos paralelos entre Cristo e aquela misteriosa personagem do Antigo Testamento, a quem Abraão deu uma décima parte dos despojos, depois da batalha na qual resgatou a Ló de seus captores (vide Gênesis 14). Ora, Melquisedeque era sacerdote de Deus; assim também o é Cristo. O nome "Melquisedeque" significa "Rei da Justiça" (ou, mais literalmente ainda, "meu rei é justo"); o homem que tinha esse nome era rei de "Salém" (provavelmente uma forma abreviada de "Jerusalém"), que significa "paz" (no sentido de completa bênção divina); e justiça e paz são características e resultados do ministério sacerdotal de Cristo. A ausência, nas páginas do Antigo Testamento, de qualquer genealogia *registrada* de Melquisedeque ou de narrativas sobre seu nascimento e morte (naturalmente, ele teve pais e antepassados, nasceu e morreu), tipifica a real eternidade de Cristo como Filho de Deus, em contraste com a morte que atingia a todos os sacerdotes da linhagem de Arão. A superioridade de Cristo sobre Arão é ainda retratada pelo fato que Abraão deu a Melquisedeque a décima parte dos despojos tomados em batalha, sendo que Arão era descendente de Abraão. A solidariedade de uma pessoa com seus ancestrais fica assim pressuposta. Idêntica superioridade aparece, novamente, no fato que Melquisedeque abençoou a Abraão, e não vice-versa, pois o maior é quem abençoa ao menor. *Ler Hebreus 7:1 - 10:18.*

## **Exortação**

A epístola aos Hebreus se encerra com longa seção exortatória e algumas saudações finais (vide 10:19 - 13:25). O autor dela exorta seus leitores a usarem o método superior de aproximação a Deus por intermédio de Cristo, e não através do método ultrapassado do Antigo Testamento, mormente na adoração coletiva, a qual estavam abandonando (vide 10:19-22). E adverte-os novamente, tal como no sexto capítulo, a respeito do terrível julgamento que sobrevém àqueles que, aberta e terminantemente, repudiam a sua profissão cristã, apesar do que, expressa a sua confiança, baseada na constância anterior de seus leitores, sob a perseguição, de que não haveriam de cair na apostasia (vide 10:23-31).

Em seguida, encoraja-os a uma contínua perseverança, citando, como exemplos, os heróis da fé do Antigo Testamento, (O capítulo 11 é, às vezes, considerado o grande capítulo da fé do Novo Testamento, assim como I Coríntios 13 é o capítulo do amor e I Coríntios 15 o capítulo da ressurreição.) vinculando a estes os seus leitores, e, finalmente, citando a pessoa de Jesus como o mais extraordinário exemplo de paciente perseverança sob os sofrimentos, após o que recebeu o seu galardão (vide 10:32 - 12:3). O sofrimento é uma excelente disciplina, além de ser um sinal de filiação (vide 12:4-13). Por outro lado, Esaú se torna um exemplo negativo, que adverte acerca do fim dos apóstatas infiéis (vide 12:14-17).

Em conclusão, o escritor sagrado novamente põe em relevo a superioridade do novo pacto, fundamentado como está sobre o sangue de Cristo (vide 12:18-29), e exorta os seus leitores ao amor mútuo, à hospitalidade (especialmente necessária naqueles dias, para os pregadores itinerantes), à simpatia, ao uso saudável e moral do sexo, dentro dos liames do matrimônio, à necessidade de evitar a avareza, à imitação do exemplo dado pelos líderes eclesiásticos piedosos, à necessidade de evitar os ensinamentos distorcidos, à aceitação conformada diante da perseguição, às ações de graças, à generosidade, à obediência aos líderes eclesiásticos e à oração. *Ler Hebreus 10:19 - 13,25.*

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE HEBREUS**

Tema: a superioridade de Cristo como impediendo da apostasia, ou seja, a reversão do cristianismo ao judaísmo

I. A SUPERIORIDADE DE CRISTO SOBRE OS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO (1:1-3a)

II. A SUPERIORIDADE DE CRISTO SOBRE OS ANJOS (1:3b - 2:18), E AVISO QUANTO À APOSTASIA (2:1-4)

III. A SUPERIORIDADE DE CRISTO SOBRE MOISÉS (3:1-6), E AVISO QUANTO À APOSTASIA (3:7-19)

IV. A SUPERIORIDADE DE CRISTO SOBRE JOSUÉ (4:1-10), E AVISO QUANTO À APOSTASIA (4:11-6)

V. A SUPERIORIDADE DE CRISTO SOBRE OS ARONITAS E AVISOS QUANTO À APOSTASIA (5:1 - 12:29)

A. A Simpatia humana de Cristo e Sua divina nomeação ao sumo sacerdócio (5:1-10)

B. Aviso quanto à apostasia com uma exortação acerca da busca pela maturidade (5:11 - 6:10)

C. Melquisedeque, modelo do sumo sacerdócio de Cristo (7:1-10)

D. Caráter transitório do sacerdócio arônico (7:11-28)

E. Realezas celestiais do sacerdócio de Cristo (8:1 - 10:18)

F. Advertência contra a apostasia (10:19-39)

G. Encorajamento derivado dos heróis da fé do Antigo Testamento (11:1-40)

H. Encorajamento derivado do exemplo dado por Cristo (12:1-11)

I. Advertência acerca da apostasia, com o mau exemplo de Esaú (12:12-29)

VI. EXORTAÇÕES PRÁTICAS (13:1-19)

CONCLUSÃO: Saudações, notícia da libertação de Timóteo, e bênção final (13:20-25)

Para discussão posterior.

- É importante determinar a autoria da epístola aos Hebreus, bem como sua data, destino geográfico e leitores originais da mesma?

- Qual teria sido a provável apologia do autor da epístola aos Hebreus, se defrontado pela moderna denúncia de que a salvação mediante o sangue sacrificial é um conceito religioso primitivo?

- Se Deus percebe com exatidão o estado espiritual íntimo de um crente professo, enquanto outras pessoas julgam-no apenas com uma relativa certeza, através das aparências externas, de que modos um crente pode informar-se sobre seu próprio estado espiritual, e com que grau de certeza?

Para investigação posterior:

Bruce, F.F. The Epistle to the Hebrews. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

Hewitt, T. The Epistle to the Hebrews. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

Manson, W. The Epistle to the Hebrews. Londres: Hodder & Stoughton, 1951.

Filson, F.V. 'Yesterday': A study of Hebrews in the Light of Chapter 13. Londres: SCM, 1967.

## **CAPÍTULO 19 - Epístolas Católicas ou Gerais**

Perguntas Normativas:

- Por que as epístolas gerais ou católicas são chamadas assim?

- Qual Tiago escreveu a epístola que tem esse nome? A quem ele a endereçou? Qual é o valor prático da epístola de Tiago? Como comparar a sua doutrina de obras da fé com o ponto de vista paulino da fé?

- Qual era a natureza da perseguição por que passavam os primeiros leitores de I Pedro? De que modo Pedro os encorajou? Onde ficava a "Babilônia" de onde ele escreveu essa epístola?

- De que maneira devemos avaliar as dúvidas modernas no que concerne à autoria petrina e à canonicidade de II Pedro? Qual tema comum e qual relação há entre essa epístola e a de Judas?
- Quem foi Judas? Por que ele mudou de idéia no tocante ao conteúdo de sua epístola? Como deveríamos compreender o fato que ele extraiu uma citação de fontes pseudepigráficas?
- A quem e contra quem João endereçou a sua primeira epístola?
- Quais são os critérios joaninos no que tange ao genuíno cristianismo?
- Quais eram "a senhora eleita e seus filhos", a quem João dirigiu a advertência de que não entretivessem falsos mestres?
- Quais papéis foram desempenhados por Gaio, Diótrefes e Demétrio, na disputa eclesiástica em torno da qual gira a terceira epístola de João?

O vocábulo "católico", cujo significado é "geral, universal", veio a ser aplicado pela Igreja primitiva às epístolas de Tiago, I e II Pedro, I - III João e Judas porque, excetuando II e III João, elas não contam com indicações de terem sido endereçadas a alguma única localidade. Deve-se observar que receberam nome de seus autores tradicionais, no que se parecem com os evangelhos, mas, diferentemente das epístolas paulinas e de Hebreus, que derivam seu nome dos seus destinatários tradicionalmente atribuídos.

## **TIAGO: SALVAÇÃO PELAS OBRAS**

A epístola de Tiago é a menos doutrinária e mais prática de todos os livros do Novo Testamento. (Esse fato, todavia, não nos deveria levar nem a subestimar e nem a superestimar o valor da obra, pois doutrina e prática são aspectos igualmente importantes.) Portanto, estamos manuseando um manual de conduta cristã, o qual pressupõe um alicerce de fé por parte de seus leitores.

### **O autor**

Esta epístola traz o nome de seu autor, Tiago (forma grega do apelativo hebraico "Jacó"), líder da primitiva igreja de Jerusalém (vide Atos 15:12 ss.; 21:18; Gálatas 2:9,12) e usualmente considerado meio-irmão de Jesus. (Tiago filho de Zebedeu e um dos doze, foi martirizado em 44 A.D. (vide Atos 12:2), talvez cedo demais para aceitarmos que ele escreveu a epístola. O tom autoritário da mesma elimina os menos conhecidos Tiagos do Novo Testamento, o filho de Alfeu o mais jovem e filho de Maria (não a mãe de Jesus) e o pai de Judas (não o Iscariotes). Vide uma concordância quanto às referências.) É possível, não obstante, que Tiago tivesse sido meio-irmão de Jesus através de um casamento (conjecturado) anterior de José, antes de ter este contraído matrimônio com Maria. Este último ponto de vista, que excluiria qualquer relacionamento de sangue com Jesus, talvez explique melhor por qual razão os irmãos de Jesus não creram Nele durante Seu período de vida terrena (vide Marcos 3:21 e João 7:28); e também explanaria melhor a falta de interesse deles por Maria, que seria apenas sua madrasta, além de também explicar melhor por que Jesus, estando na cruz, entregou Sua mãe aos cuidados do apóstolo João (vide João 19:25-27). Entretanto, a razão pode ter sido que o discipulado de Maria a alienara de seus outros filhos, que continuavam não crendo em Jesus.

A fim de manter a doutrina da perpétua virgindade de Maria, o ponto de vista tradicional da Igreja Católica Romana é que o termo "irmãos" significa "primos". Porém as associações que se depreendem ter havido entre Jesus e Seus irmãos, em trechos como Mateus 13:55; Marcos 6:3; João 2:12 e 7:2-10, subentendem que havia laços de sangue mais íntimos do que o de meros irmãos de criação. A opinião de que o Tiago que escreveu esta epístola era meio-irmão de Jesus, por conseguinte, permanece como a mais provável.

Embora não fosse crente em Jesus, durante o ministério público do Senhor, Tiago foi testemunha do Cristo ressurreto (vide 1 Coríntios 15:7) e se encontrava entre aqueles que esperavam pela descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes (vide Atos 1:14). Isso dá a entender que Tiago e os demais irmãos de Jesus tornaram-se crentes em algum tempo durante o último estágio da carreira terrena de Jesus. Embora o próprio Tiago fosse praticante zeloso da

legislação mosaica (vide Gálatas 2:12 e Atos 21:17-26), quando do concílio de Jerusalém ele apoiou a posição de Paulo, no sentido de que os convertidos dentre os gentios não deveriam ser forçados a guardar a lei mosaica (vide Atos 15:12-21).

O tema da epístola de Tiago tem tons fortemente judaicos, destacando-se a saliência dada à lei, o que se harmoniza com aquilo que sabemos sobre Tiago, irmão do Senhor, através dos livros de Atos e Gálatas, e outras fontes. Outrossim, há alguns significativos paralelos verbais entre a epístola de Tiago e as palavras proferidas por Tiago, no capítulo 15 do livro de Atos, como o termo "saudações" (no grego. *chairein*, usado no Novo Testamento somente em Tiago 1:1 e Atos 15:23, o decreto redigido sob a liderança de Tiago), o vocábulo "visitar", ou seja, "preocupar-se com" (vide Tiago 1:27 e Atos 15:14, dentro do discurso de Tiago perante o concílio de Jerusalém) e outros (comparar Tiago 2:5,7 com Atos 15:13,17). Aqueles que reputam a epístola como obra posterior pseudepigráfica, pertencente ao fim do primeiro ou aos primórdios do segundo século da era cristã, afixam que um galileu simples, como era Tiago, não poderia ter escrito no grego estilizado que se observa nessa epístola. Entretanto, a objeção superestima a qualidade literária do estilo grego e, o que ainda é mais importante, não leva em conta o fato que os judeus da Palestina, especialmente os galileus, que viviam em uma região ocupada predominantemente por gentios, conheciam e usavam o grego, paralelamente ao aramaico e hebraico. (Vide o artigo citado à pág. 23 e J. N. Sevenster. *Do You Know Greek?* Leiden: Brill, 1968.)

### **Canonicidade**

A epístola de Tiago encontrou algumas dificuldades para adquirir lugar no cânon do Novo Testamento. Diversos fatores ajudam-nos a explicar a hesitação da Igreja primitiva quanto a isso: (1) a brevidade da epístola, sua natureza proeminentemente prática, e não doutrinária e a limitação do seu endereço a cristãos judeus - tudo o que, sem dúvida, retardou uma mais ampla circulação da mesma; (2) o fato que Tiago não fora um dos doze apóstolos originais; e (3) a incerteza a respeito da identidade de Tiago, em Tiago 1:1, porquanto aparecem diversos homens com esse nome, nas páginas do Novo Testamento. A impressão equivocada (expressa por Martinho Lutero) de que a doutrina de obras, na epístola de Tiago, contradiz a doutrina paulina da fé não perturbou a Igreja primitiva, pelo menos até onde podemos averiguar. Quando se chegou a perceber que o autor quase certamente era Tiago, irmão do Senhor, o veredito final foi favorável para com a canonicidade da epístola de Tiago.

### **Destinatários judeus cristãos**

Tiago escreveu às "doze tribos que se encontram na Dispersão" (1 :1 ). Essa designação pode ser compreendida metaforicamente, tal como se vê em I Pedro 3, indicando a Igreja predominantemente gentílica, espalhada por todo o império romano. Na epístola de Tiago, sem embargo, a referência mais provável é aos cristãos judeus que viviam fora da Palestina, posição essa favorecida por certo número de itens existentes na epístola: a referência específica às "doze tribos", o emprego, em Tiago 2:2, do vocábulo grego que significa sinagoga, traduzido por sentido não-técnico de "assembléia", em algumas versões, mas mantido como "sinagoga" em nossa versão portuguesa; as cinco citações e as numerosas alusões ao Antigo Testamento, expressões idiomáticas hebraicas, como "Senhor dos Exércitos" (5:4); a ênfase posta sobre diversos princípios permanentes da lei judaica (2:8,13 e 4:11,12) e sobre o monoteísmo (2:19); e a omissão de qualquer alusão à escravatura e de qualquer polêmica contra a idolatria, ambas as quais coisas não caracterizavam aos judeus do primeiro século cristão, embora ambas fossem práticas comuns entre os gentios.

### **Data**

Josefo data o martírio de Tiago em 62 D. C. (Antiguidades XX, ix. l. Menos provável é a data de 68 D. C., de Hegesipo, conforme ficou registrado por Eusébio. História Eclesiástica II. xxiii. 18.), pelo que a sua epístola precisa ser datada antes desse prazo. Há eruditos que argumentam em prol de uma data tão recuada (45-50 D. C.) que a epístola de Tiago poderia ser considerada o primeiro livro do Novo Testamento a ser escrito. Por exemplo, a ausência de qualquer alusão à controvérsia judaizante é tomada como prova implícita de uma data antes do surgimento daquela controvérsia, imediatamente

antes do concílio de Jerusalém, que teve lugar em cerca de 49 D. C.; e o tom tipicamente judaico da epístola é tido como prova implícita de que, ao ser escrita a epístola, o cristianismo ainda não se expandira para fora da Palestina. No entanto, a limitação do endereço a cristãos judeus, e a perspectiva decisivamente judaica do próprio Tiago poderiam justificar ambos esses fenômenos, em razão do que só nos resta contentarmo-nos com uma data indeterminada para o martírio de Tiago.

### **Relação com o ensino de Jesus**

É notável que a epístola de Tiago contém numerosas alusões a afirmações de Jesus, também registradas nos evangelhos, sobretudo material associado ao Sermão da Montanha. Por exemplo, o contraste em Tiago 1:22, entre ouvintes e praticantes da palavra faz-nos lembrar a parábola do homem sábio, que edificou sua residência sobre um sólido alicerce, por ter ouvido e posto em prática as palavras de Jesus, e do homem insensato, que edificou sobre a areia, por ter ouvido mas não praticado as Suas palavras (vide Mateus 7:24-27 e Lucas 6:47-49).

### **Estrutura literária**

É bastante difícil traçar o esboço da epístola de Tiago. Pois ela compartilha do estilo desconexo e moralista do livro de Provérbios e de outra literatura de sabedoria; porém, os preceitos são proferidos aos moldes de um sermão profético esbraseado. Após a saudação inicial (1:1), pode-se tão somente alistar a série de exortações práticas que versam sobre diversos tópicos:

Regozijo ante as tribulações (1:2-4).

Petições confiantes a Deus, pedindo-Lhe sabedoria (1:5-8).

Necessidade de não desejar riquezas materiais (1:9-11).

Distinção entre os testes que procedem de Deus e as tentações, as quais procedem das paixões humanas, porque Deus só nos outorga boas dádivas (1:12-18).

Necessidade de pôr em prática a Palavra, no uso da língua e nas ações, para não sermos meros ouvintes (1:19-27).

Necessidade de não exibir parcialidade em prol dos ricos, mas amar igualmente a todos como a nós mesmos (2:1-13). Tal como no Antigo Testamento, a ênfase sobre "os ricos" recai muito mais sobre sua ímpia perseguição contra os piedosos do que mesmo sobre sua abastança, tal como "os pobres" freqüentemente indica "piedosos e perseguidos" mais que "necessitados".

### **As obras e a fé**

Demonstração da genuinidade da fé mediante as boas obras produzidas pela fé (2:14-26). Tiago escreve acerca da justificação pelas obras como evidência externa, *perante os homens*, daquela fé interna. Não contradizia a Paulo, o qual escreveu sobre a justificação mediante a fé, *perante Deus*. Conhecedor que é dos corações de todos os homens, Deus não precisa ver e evidência externa dada pelas obras. Alguns dos eruditos que pensam que Tiago escreveu sua epístola já nos últimos anos de sua vida argumentam que ele estava corrigindo a distorção antinomiana do ensino paulino da justificação pela fé. Outros estudiosos, não percebendo que Tiago e Paulo se complementam mutuamente (Paulo, por igual modo, salienta as boas obras como conseqüência da verdadeira fé!), asseveram que Tiago ou um falsificador posterior estava atacando não uma mera distorção da doutrina paulina, mas a formulação paulina propriamente dita. *Ler Tiago 1 e 2.*

### **Controlando a língua**

Produção das qualidades da sabedoria genuína, requeridas da parte dos mestres cristãos: o controle da língua, isto é, do linguajar: a mansidão, que evita a inclinação para a desavença; e a pureza, que evita o mundanismo (3:1 - 4:10).

Necessidade de não nos caluniarmos uns aos outros (4:11,12).

Necessidade de não traçar planos alicerçados sobre confiança própria excessiva, sem levar em conta a vontade de Deus e a possibilidade da morte (4:13-17).

Necessidade da paciência até o retorno de Jesus, pois então é que Deus punirá aos ricos e poderosos perseguidores (5:1-11).

Necessidade de ser adquirida a reputação de honestidade, para que ninguém tenha de reforçar suas palavras com juramentos (5:12).

### **Ungindo aos enfermos**

Necessidade de compartilhar com outros crentes de nossas preocupações e alegrias (5:13-18). Em particular, que os anciãos da igreja orem confiantemente pela cura dos enfermos, unguendo-os com óleo em nome do Senhor. Se a pessoa enferma cometeu algum pecado e o confessa, a cura demonstrará que Deus a perdoou. (O reverso - que a enfermidade sempre é uma punição direta por causa de pecado, e que o não recuperar-se subentende que Deus não perdoou - não é uma conclusão lógica.) Visto que o azeite de oliveira era um remédio caseiro comum, Tiago poderia ter tido em mente suas propriedades medicinais, como que a dizer: "Tratai com um medicamento e orai pela recuperação do doente". A ordem para a unção com óleo forma a base do sacramento católico-romano da extrema unção, segundo o qual o padre unge os olhos, as orelhas, as narinas, as mãos e os pés de uma pessoa moribunda, como meio de perdão se tal indivíduo está impossibilitado de confessar conscientemente os seus pecados a fim de receber a absolvição sacerdotal. Porém, Tiago fala sobre "anciãos", e não sobre padres. E também não alude a pessoa à beira da morte.

### **Confissão de pecados**

Similarmente, o mandamento: "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros..." (5:16), é um texto de prova utilizado pelos católicos-romanos em apoio à confissão auricular. Mas Tiago registra "uns aos outros" (um estranho nome para um padre, conforme o comentário de Martinho Lutero), e mui provavelmente ele se referia à solução de divergências entre os crentes, e não à prática de segredar alguém os seus próprios pecados aos ouvidos de um padre ou da igreja inteira.

### **Arrancando irmãos na fé da apostasia**

Necessidade de impedir que companheiros de profissão cristã venham a apostatar e incorrer no juízo eterno (5:19, 20). (Vide as observações sobre a apostasia, em conexão com a epístola aos Hebreus, às págs. 374) *Ler Tiago 3 - 5*. Aquele que "converte o pecador do seu caminho errado" salva da morte não a sua própria alma, e, sim, a alma do crente desviado (crente por profissão de fé), e cobre "multidão de pecados" da pessoa que tendia à apostasia, e não de si mesmo.

ESBOÇO SUMÁRIO DE TIAGO (Devido ao estilo de Tiago, é duvidoso se o esboço usual, que salienta apenas alguns poucos pontos principais, pode ser imposto à sua epístola sem violar a sua natureza.)

Tema: A conduta cristã na vida diária

INTRODUÇÃO: Saudação aos crentes judeus da dispersão (1:1)

I. ALEGRIA NAS TRIBULAÇÕES (1:2-4)

II. ORAÇÃO PEDINDO SABEDORIA (1:5-8)

III. DESINTERESSE PELAS RIQUEZAS MATERIAIS (1:9-11)

IV. DISTINÇÃO ENTRE PROVAS E TENTAÇÕES (1:12-18)

V. A OBEDIÊNCIA À PALAVRA (1:19-27)

VI. AMAR SEM SER PARCIAL PARA COM OS RICOS (2:1-13)

VII. AS OBRAS COMO PROVA DE FÉ (2:14-26)

VIII. A SABEDORIA (3:1 - 4:10)

A. Sabedoria no controle da língua (3:1-12)

B. Sabedoria na mansidão e na ausência da atitude mundana (3:13 - 4:10)

IX. EVITANDO A CALÚNIA (4:11,12)

X. A CONFIANÇA SEM BASE (4:13-17)

XI. A PACIÊNCIA (5:1-II)

XII. A HONESTIDADE (5:12)

XIII. A ATITUDE DE COLETIVIDADE, INCLUINDO A ORAÇÃO PELOS DOENTES E A MÚTUA CONFISSÃO DE PECADOS (5:13-18)

XIV. RECUPERAÇÃO DE CRENTES QUE ERRAREM (5:19,20)

Para investigação posterior:

Tasker, R. V. G. A Commentary on the General Epistle of James. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

Robertson, A. T. Studies in the Epistle of James. Nova Iorque: Doran, 1915.

Ross, A. The Epistles of James and John. Grand Rapids. Eerdmans, 1954.

Mitton, C. L. The Epistle of James. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.

Romanos 4, em comparação com Tiago 2:14-16, acerca da fé e das obras produzidas pela fé.

## **I PEDRO: A SALVAÇÃO E OS SOFRIMENTOS**

### **Tema**

Os leitores a quem esta epístola foi endereçada originalmente estavam sendo perseguidos. Portanto, ela se concentra no tema da conduta cristã apropriada em face de hostilidades anticristãs, bem como no tema do dom compensador da salvação, o qual atingirá seu estágio culminante no futuro.

### **Autoria**

O autor da epístola identifica-se como Pedro (1:1). Essa identificação concorda de modo notável com dois fenômenos: (1) certo número de expressões em 1 Pedro faz-nos lembrar da fraseologia do sermão de Pedro, registrado no livro de Atos, (Comparar, por exemplo, com Atos 2:23 e I Pedro 1:20, acerca de ter sido preordenada a morte de Cristo; comparar Atos 10:42 e I Pedro 4:5 sobre o julgamento dos "vivos e mortos"; e o uso distintivo do termo grego *xylon* (literalmente, "madeira"), para indicar a cruz, em Atos 5:30, 10:39 e I Pedro 2:24.) e (2) as alusões às declarações e aos feitos de Jesus, conforme eles se acham registrados nos evangelhos, procedem de situações nas quais Pedro desempenhou papel especial, ou nas quais ele tinha um interesse especial. (Por exemplo, a exortação, em 2:13-17, para vivermos como libertos, mas ao mesmo tempo vivermos em sujeição às autoridades civis, para não causarmos ofensa, recua ao incidente registrado em Mateus 17:24-27, onde Jesus disse que Ele e Seus discípulos estavam isentos realmente da autoridade humana; mas que, para evitar escandalizá-las, Ele pagava a taxa do templo, com a "moeda" achada por Pedro na boca de um peixe. Quanto a outros exemplos, vide R. H. Gundry, Verba Christi" in I Peter: Their Implications Concerning the Authorship of I Peter and the Authenticity of the Gospel Tradition, "New Testament Studies, 13 (1967), págs. 336-350.) Portanto, embora alguns eruditos modernos tenham postulado a teoria de que originalmente I Pedro fora um sermão ou liturgia batismal (vide 1:3 - 4:11), que foi transformado em uma epístola mediante a adição dos trechos de 1:1,2 e 4:12 - 5:14, e, assim sendo, provavelmente não sendo de origem petrina, é melhor aceitarmos a declaração constante na própria epístola, a qual assegura ter sido escrita pelo apóstolo Pedro, reivindicando essa respaldada na tradição da Igreja antiga.

### **Data**

O tema da perseguição aos cristãos, que percorre essa epístola toda, sugere que Pedro a escreveu por volta de 63 D. C., pouco antes de seu martírio em Roma, por ordens de Nero, o que sucedeu em 64 D. C.

### **Perseguição**

A perseguição pressuposta em I Pedro parece não ter-se originado de uma proscrição do cristianismo, por decreto imperial, porquanto Pedro continuava falando do governo como um protetor (vide 3:13 e 2:13-17). Essa proscrição que se estendeu por todo o império, só teve lugar mais tarde. Tal perseguição, pelo contrário, assumira a forma de acusações caluniosas, ostracismo social, levantes populares e ações policiais locais. Os eruditos que negam a autoria petrina da epístola usualmente datam a epístola como pertencente ao período de perseguições movidas por Domiciano (81-96 D. C.) ou as movidas por Trajano (98-117 D. C.). Não obstante, durante esses citados períodos de perseguição a questão dominante era a recusa dos cristãos em oferecer



sacrifícios em honra ao imperador. Mas, visto não figurar esse tópico em I Pedro, torna-se preferível a data mais antiga, juntamente com a aceitação da autoria petrina.

### **Silvano, o amanuense**

Silvano atuou como amanuense de Pedro nesta epístola ("Por meio de Silvano... vos escrevo...", 5:12), e ele pode ter sido o responsável pelo estilo bastante aceitável do grego em que foi vazada a epístola, embora não devamos imaginar que judeus palestinos, como era Pedro, fossem incapazes de usar bem o idioma grego. "Silvano" talvez seja outra forma (quicá latina) de "Silas", alusiva ao Silas que acompanhara ao apóstolo Paulo quando de sua segunda viagem missionária, pois Paulo menciona um certo "Silvano" como seu companheiro, por ocasião da segunda jornada missionária (vide I Tessalonicenses 1:1; II Tessalonicenses 1:1 e II Coríntios 1:19), ao passo que na narrativa lucana sobre a segunda viagem missionária, o nome que ali figura é "Silas" (por nove vezes no trecho de Atos 15:40 - 18:5). A similaridade entre as exortações éticas de Pedro e aquelas que figuram na literatura paulina sugere que Pedro foi influenciado pelos escritos de Paulo, os quais talvez tivessem chegado a seu conhecimento por intermédio de Silvano; ou então ambos os apóstolos se fundamentaram sobre um tesouro comum de instruções catequéticas mais ou menos estereotipadas - orais ou escritas, para antes ou para depois de conferido o rito do batismo.

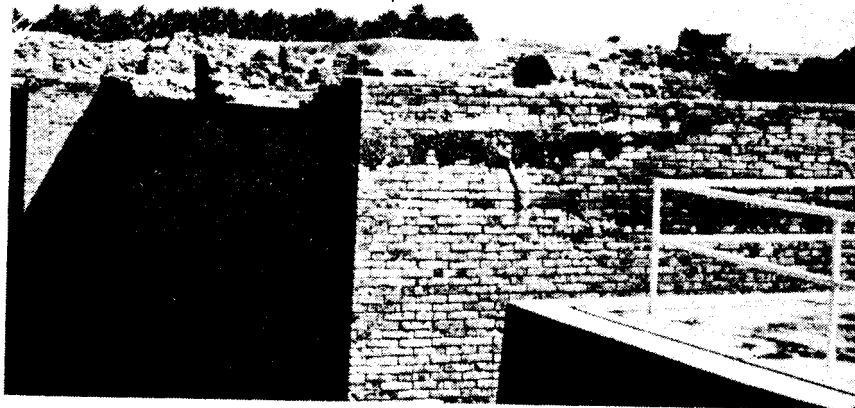
### **Origem em Roma**

Pedro escreveu de "Babilônia" (vide 5:13), provavelmente não a cidade desse nome na Mesopotâmia, mas Roma. (A Babilônia da Mesopotâmia estava quase deserta de habitantes nos primórdios da era cristã.) "Babilônia" ocorre como nome simbólico para Roma, em Apocalipse 17:4-6,9,18, como é óbvio, porquanto Roma era a cidade dominante no período do Novo Testamento (vide o versículo 18), a cidade de sete colinas (vide o versículo 9 - a Babilônia da Mesopotâmia ficava em uma planície, e suas ruínas são visíveis até hoje) que perseguia à Igreja (versículo 6). Roma foi chamada "Babilônia" por ser a capital mundial da idolatria, posição essa em tempos remotos ocupada pela cidade da Mesopotâmia. (Comparar o título dado a Jerusalém, "Sodoma e Gomorra". por causa de sua iniquidade (vide Apocalipse 11.8).) As referências extra-bíblicas a Roma como "Babilônia" também sugerem que Pedro se valeu de uma designação bem conhecida da capital do império. Outrossim, os primeiros pais da Igreja entenderam que "Babilônia", nesse caso, era uma referência a Roma.

A tradição desconhece a existência de qualquer igreja em Babilônia da Mesopotâmia e nada sabe de alguma visita ali feita por Pedro; todavia, a tradição indica que Pedro morreu em Roma. Quando o fato que João Marcos estava em Roma ao tempo do aprisionamento de Paulo ali (vide Colossenses 4:10) é conectado à sua presença com Pedro, ao ser escrita a primeira epístola de Pedro (vide I Pedro 5:13), então aparece um outro formidável argumento em favor da origem romana dessa epístola. Finalmente, a ordem em que as províncias são citadas no endereço (vide 1:1) sugere que o portador da epístola partira de [Roma, no](#) Ocidente, fizera um circuito por certas províncias da Ásia Menor com a epístola, e retornou para Roma, voltando para o oeste. Isso pode ser averiguado se acompanharmos as províncias de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia no mapa. Vide as págs. 256 e 257.

### **Destinatários**

As frases "eleitos que são forasteiros da Dispersão" (vide 1:1), "no meio dos gentios" (vide 2:12) e "gentios" (como um terceiro grupo, vide 4:3) à primeira vista parecem implicar em que os destinatários originais da epístola eram cristãos *judeus*. Porém, as alusões ao seu pecado de idolatria, anterior à sua conversão (vide 4:3 - os judeus dos dias do Novo Testamento não praticavam a idolatria) e as expressões "paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância" e "vosso fútil procedimento" (vide 1:14,18;



A antiga Babilônia, a gloriosa capital caldeia do tempo do Antigo Testamento, achava-se em ruínas e quase desabitada nos dias de Pedro e Paulo.

figuradamente, para indicar não-cristãos, e igualmente "forasteiros da Dispersão" para indicar os cristãos espalhados por todo o



O Forum romano visto do alto da colina Palatina. O Arco de Tito (vide à pág. 286) e o Coliseu são visíveis no fundo.

suportável a presente perseguição. Cristo também teve de sofrer antes de Sua glorificação, algo que os profetas do Antigo Testamento não puderam entender, porquanto não discerniam a distinção que há entre o primeiro advento de Jesus, a fim de provar a morte, e o Seu segundo advento, para impor o Seu domínio universal. *Ler I Pedro 1:1-12.*

### Conduta

Em face da glória futura, é imperativo que os crentes tenham uma conduta santa. Eles foram liberados ("remidos") pelo sangue de Jesus da servidão ao pecado, redenção essa que evidencia que Ele sacrificou a Sua vida em favor dos pecadores. Também é imperativo que os crentes se amem mutuamente, com base no fato que todos eles nasceram na família de Deus através de Sua Palavra, a fim de crescerem como infantes recém-nascidos e de serem edificados qual templo, tendo a Cristo como pedra angular ou pedra de arremate. Acresça-se que os crentes estão na obrigação de impor ao mundo uma impressão favorável ao evangelho, mediante seu ordeiro comportamento. Isso envolve uma cidadania exemplar, a obediência dos escravos para com seus senhores, sem desrespeito nas palavras, o adorno das esposas cristãs com a obediência a seus esposos, ao invés de seguirem modas espalhafatosas, o respeito das mulheres para com seus maridos, e, uma vez mais, o amor mútuo dentro da comunidade cristã. *Ler I Pedro 1:13 - 3:22.*

**A descida ao hades** A pregação de Cristo aos espíritos aprisionados (vide 3: 18 ss.) mui provavelmente significa que durante o intervalo entre a Sua morte e a Sua ressurreição Cristo desceu em Seu espírito ao hades, (Leve variação é a idéia que a prisão não seria o hades mas a atmosfera terrestre, à qual

comparar com Efésios 4:17, onde uma fraseologia similar é aplicada a gentios) indicam claramente o fundo predominantemente gentílico dos leitores em mira. Essa conclusão é confirmada por I Pedro 2:10, que diz: "vós, sim, que antes não éreis povo (dificilmente isso poderia ter sido dito a respeito de judeus, a nação em relação de pacto com Deus], mas agora sois povo de Deus". Tal como Pedro utiliza-se do termo "Babilônia" para representar a cidade de Roma, também usa o vocábulo "gentios",

mundo. Visto que a Igreja tem substituído a Israel (pelo menos pelo presente), as designações atribuídas antes aos judeus podem agora ser aplicadas à Igreja, que se compõe predominantemente de gentios.

### Os sofrimentos e os galardões

Após a saudação, Pedro exalça o nome de Deus ante a expectativa da gloriosa herança celestial, a qual torna

os espíritos demoníacos estão agora confinados. Comparar com Efésios 2:2; 6:12; mas, quanto à idéia acima, vide II Pedro 2:4 e Judas 6.) a fim de proclamar o Seu triunfo sobre os espíritos demoníacos que ali haviam sido acorrentados por Deus, por causa da sua influência corruptora entre os homens, na época de Noé, imediatamente antes do dilúvio. Não é necessário pensarmos que essa prédica era oferta de salvação. Quando o vocábulo não é qualificado, "espíritos", na Bíblia refere-se a seres sobrenaturais, e não a espíritos humanos daqui saídos. O ponto frisado pela passagem é que assim como o Senhor Deus vindicou a Cristo perante os espíritos mesmos que tinham procurado distorcer o propósito divino na história, assim também Deus, algum dia, vindicará os crentes na presença de seus perseguidores.

Interpretação alternativa é aquela que afiança que o Cristo preencarnado ofereceu a salvação por meio da prédica de Noé à geração ante-diluviana, a qual estaria agora confinada ao hades por terem rejeitado aquela mensagem. Segundo essa interpretação fica salientado nesta passagem o paralelo entre a vindicação divina de Noé (e não de Cristo) e a vindicação divina dos cristãos. Porém, a sucessão de frases verbais que aludem principalmente a Cristo - "Cristo morreu", "vivificado no espírito", "foi", "pregou", "ressurreição de Jesus Cristo", "depois de ir para o céu" e "está à destra de Deus" - torna extremamente estranha uma possível referência às atividades de Cristo nos milênios antes de Sua encarnação.,

## **Batismo**

Ao comparar o batismo com o dilúvio, Pedro indica cuidadosamente que o contato do batizando com a água não remove o pecado ("não sendo a remoção da imundícia da carne"); antes, a atitude interna de arrependimento e fé, que se exhibe mediante a submissão ao rito batismal ("a indagação de uma boa consciência para com Deus", vide 3:21), é que conduz à remissão de pecados.

## **Exortações**

A seção próxima começa com uma exortação sumariada para não pecarmos, mas para nos amarmos uns aos outros. A assertiva que estipula, "aquele que sofreu [= morreu (Vide 2:21 e, segundo muitos manuscritos antigos, 3:18, onde sofrimento e morte são idéias equivalentes.)] na carne deixou o pecado" (4:1), lança mão do duplo sentido da palavra "carne", a saber: (1) o corpo e (2) o impulso pecaminoso. Quando Jesus morreu no Seu corpo, a natureza pecaminosa dos crentes também morreu, até onde Deus está envolvido. Todo crente, portanto já morreu para o pecado, mediante a união com Jesus Cristo em Sua morte. Resta ainda, porém, traduzir o ponto de vista divino para a realidade da conduta diária. Comparar com Romanos 6:1-14. Os "mortos", aos quais o evangelho fora anunciado (vide 4:6), não seriam "os espíritos em prisão", referidos em 3:18 ss. Mas seriam os crentes que tinham sido martirizados ("julgados na carne [por seus perseguidores]"), os quais, como resultado, agora desfrutam da vida nos céus ("vivam no espírito"). As exortações finais conclamam-nos ao regozijo quando sofrermos por amor a Cristo, a termos a certeza de sofrermos somente por causa do testemunho cristão, e não devido à má conduta, a sermos humildes e a resistirmos corajosamente ante as perseguições inspiradas por Satanás. *Ler I Pedro 4:1 - 5:14.*

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE I PEDRO**

Tema: a salvação e a conduta dos crentes que sofrem

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. LOUVOR PELA HERANÇA CELESTE DOS CRENTES PERSEGUIDOS (1:3-12)

II. EXORTAÇÃO QUANTO À SANTIDADE PESSOAL (1:13-21)

III. EXORTAÇÃO QUANTO AO AMOR MÚTUO (1:22-25)

IV. EXORTAÇÃO AO AVANÇO QUANTO À SALVAÇÃO (2:1-10)

V. EXORTAÇÃO QUANTO À CONDUTA CRISTÃ, NUMA SOCIEDADE NÃO CRISTÃ (2:11 - 4:19)

A. Ações corretas (2:11,12)

B. Boa cidadania (2:13-17)

C. Submissão dos escravos, com o exemplo dado por Cristo (2:18-25)

D. Submissão das esposas (3:1-6)

- E. Consideração dos esposos para com suas esposas (3:7)
- F. Unidade caracterizada pela simpatia e pelo amor (3:8-12)
- G. Os crentes sofrem inocentemente com o exemplo de Cristo e Sua vindicação no hades (3:13 -4:6)
- H. Sofrendo com alegria (4:12-19)
- VI. EXORTAÇÃO À HUMILDADE NO SEIO DA IGREJA E À RESISTÊNCIA ANTE A PERSEGUIÇÃO (5:1-11)
- CONCLUSÃO: A função de Silvano como amanuense, saudações e bênção final (5:12-14)

Para investigação posterior:

Stibbs, A.M., e A.F. Walls. *The First Epistle General of Peter*. Grand Rapids, Eerdmans, 1959.

Thomas à Kempis. *The Imitation of Christ*. Para comparar com o mesmo tema em I Pedro.

Foxe, John. *Book of Martyrs*

Lewis, C.S. *The Problem of Pain*. Nova Iorque: Macmillan, 1962.

I Enoque 6-21, 67-69; Jubileus 10, na edição de R.H. Charles de *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Para comparar com a pregação de Cristo aos espíritos em prisão, segundo I Pedro 3:19.

## II PEDRO: DEFENDENDO A ORTODOXIA

### Tema

Mestres heréticos, que mascateavam com doutrinas falsas e praticavam uma moralidade frouxa, começavam a lançar sérias investidas contra a Igreja, penetrando nela. A segunda epístola de Pedro é uma polêmica contra os tais, e, particularmente contra o ensino deles, no qual negavam a realidade da volta de Jesus. Pedro assevera o verdadeiro conhecimento da fé cristã a fim de fazer frente aquela doutrinação herética.

### Autenticidade e canonicidade

Entre os eruditos modernos há uma dúvida generalizada de que o apóstolo Pedro foi o autor desta epístola. A Igreja primitiva demonstrou alguma vacilação por aceitá-la no cânon do Novo Testamento. Entretanto, isso poderia ser explicado mediante a comparativa brevidade da carta, e, quiçá, por uma limitada distribuição da mesma, que assim ficou relativamente desconhecida. Não nos devemos esquecer, contudo, que a Igreja primitiva finalmente a *aceitou* como genuína e como escrito canônico saído da pena de Pedro. Também é digno de nota que dois livros apócrifos do Novo Testamento, a saber, o Evangelho da Verdade e o Apócrifom de João, contêm prováveis citações ou alusões extraídas da segunda epístola de Pedro, comprovando-se desse modo que desde os primórdios II Pedro era aceita como obra autoritativa, isto é, já no segundo século da era cristã. (Vide A. Helmbold, *The Nag Hammadi Gnostic Texts and the Bible* (Grand Rapids: Baker, 1967), págs. 90 e 91.) Por igual modo, o antiquíssimo (século III D. C.) papiro Bodmer, designado P<sup>72</sup>, mostra que II Pedro era livro aceito como canônico; pois naquele manuscrito, II Pedro compartilha, com I Pedro e com Judas, de uma bênção invocada sobre os leitores desses livros sagrados, e chega mesmo a receber um apoio mais elaborado que as duas outras epístolas citadas. O estilo de II Pedro é diferente do de I Pedro; mas o trabalho de dois amanuenses diversos pode explicar isso. Todavia, destacadas similaridades na fraseologia, entre II Pedro, I Pedro e os sermões de Pedro no livro de Atos, apontam para uma origem comum, o apóstolo Pedro. (Vide E. M. B. Green, *2 Peter Reconsidered* (Londres: Tyndale, 1961), págs. 12-14, e o monógrafo interior quanto a uma plena discussão sobre todos os aspectos do problema. Vide também D. Guthrie, *Nem Testament Introduction. Hebrews to Revelation* (Chicago: Inter-Varsity, 1962), págs. 137-185; e quanto a similaridades de conceito com os Papiros do Mar Morto, anteriores à era cristã, vide W. F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*, 2ª edição (Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1957), págs. 22 e 23.)

## Relação com Judas

Tem-se igualmente argumentado que II Pedro fez alguns empréstimos da epístola de Judas, mormente na descrição acerca dos falsos mestres, e que um homem da estatura apostólica de Pedro não teria buscado subsídios de um escritor comparativamente insignificante como foi Judas. Todavia, poderíamos submeter à apreciação crítica a última porção desse argumento. A história literária está prenhe de exemplos de escritores proeminentes que se valeram de fontes obscuras (Shakespeare é um desses). Outrossim, certo número de estudiosos tem argumentado, mui abalizados em fatos, que Judas escreveu sua epístola mais tarde, e que foi ele quem se escudou na segunda epístola de Pedro. Por exemplo, o fato que II Pedro fala do aparecimento de falsos mestres predominantemente com verbo no tempo futuro, mas Judas o faz com verbos no passado, parece servir de indicação que II Pedro foi escrita antes da heresia ter-se propalado, e que Judas escreveu sua epístola depois de tal propagação. E também é possível que sua fraseologia similar se tenha derivado de alguma fonte informativa comum, que não chegou até nós.

## Alusão às epístolas de Paulo

Uma outra objeção à autoria petrina é que a referência feita às epístolas de Paulo, em II Pedro 3:15, dá a entender que todas elas já haviam sido escritas, coligidas e publicadas; e que isso só poderia ter sucedido depois do martírio de Pedro e Paulo, porquanto Paulo continuou escrevendo até o fim de sua vida terrena. Porém, a alusão às epístolas paulinas precisam implicar na existência somente daquelas epístolas escritas por Paulo até ao tempo em que Pedro escreveu sua segunda epístola. O conhecimento que Pedro teve delas provavelmente se deve às suas viagens, à circulação das epístolas paulinas e a Silvano (ou Silas), que foi tanto companheiro missionário de Paulo quanto amanuense de Pedro (vide 1 Pedro: 5:12). A descrição petrina de Paulo como "o nosso amado irmão Paulo" (II Pedro 3:15) reflete o que um igual e contemporâneo apostólico teria escrito, e não o que um autor pseudônimo teria escrito sobre um grande herói eclesiástico de uma geração anterior. A despeito das dúvidas modernas, portanto, podemos acatar o veredicto final da Igreja primitiva, que afiança que pouco depois do apóstolo Pedro ter escrito a sua primeira epístola, e pouco antes do seu martírio, que teve lugar em 64 D.C., ele escreveu esta segunda epístola que estampa o seu nome.

## A ortodoxia é fidedigna

A segunda epístola de Pedro afirma o verdadeiro conhecimento da crença cristã em oposição aos ensinamentos falsos. Terminada a saudação, Pedro se ufana da magnitude das promessas de Deus aos crentes, por meio das quais eles chegam a participar da natureza divina, e ressalta a necessidade, daí resultante, de desenvolverem os crentes as virtudes cristãs. Relembra então a seus leitores de quão digna de crédito é a fé cristã, apoiada como está sobre o testemunho de testemunhas oculares dos eventos da vida de Jesus (Pedro singulariza o fato que ele mesmo contemplara a transfiguração, vide 1:16-18), tudo comprovado pelo cumprimento de profecias divinamente inspiradas. *Ler II Pedro 1.* "...nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação" (1:20), mui provavelmente é afirmativa que significa que as predições veterotestamentárias sobre os eventos messiânicos não se originaram da interpretação dada pelos próprios profetas acerca do futuro, e, sim, da influência do Espírito Santo. Comparar com II Pedro 1:21: "porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo". (Outras interpretações são: (1) as predições proféticas não devem ser interpretadas isoladamente de outras. Escrituras: (2) as predições proféticas não eram endereçadas somente à geração contemporânea dos profetas: (3) o Espírito de Deus é o interprete real das profecias, bem como o seu inspirador; e (4) o crente individual não tem a capacidade de interpretar corretamente as escrituras sozinho, mas precisa do norteamento eclesiástico.)

## Juízo contra a heterodoxia

A menção à profecia autêntica, no final do primeiro capítulo, leva o apóstolo a condenar as profecias fictícias. Os mestres falsos, presentes e futuros, encontram-se na mesma posição de condenação em que eram tidos os profetas falsos do Antigo Testamento, e terão de sofrer o mesmo juízo divino condenatório que aqueles. Sua vida licenciosa demonstra a sua depravação e escravidão

às concupiscências, embora eles mesmos prometam liberdade a seus ouvintes. Os crentes autênticos, todavia, deveriam lembrar as predições de juízo, quando da segunda vinda de Cristo, segundo os moldes do dilúvio, embora através do fogo, e não da água. A demora aparente do retorno de Jesus não deve ser erroneamente interpretada como um cancelamento. Antes, essa postergação se deve à paciência de Deus, que deseja dar a cada geração mais tempo para arrependimento. Pois, em última análise, o que representa mil anos para a Deus eterno? Mas, visto que o presente esquema das coisas será destruído, os crentes deveriam viver retamente, à luz dos valores eternos, em antecipação à volta de Jesus. A classificação das epístolas de Paulo entre "as demais Escrituras" (3:15,16) mostra-nos que elas já eram então consideradas Escrituras inspiradas. *Ler II Pedro 2 e 3.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DE II PEDRO

Tema: o verdadeiro conhecimento da fé cristã contra os falsos mestres e a sua negação da *Parousia*.

INTRODUÇÃO: Saudação (1:1,2)

I. O VERDADEIRO CONHECIMENTO DA FÉ CRISTÃ (1:3-21)

A. O fundamento moral da fé cristã em relação à conduta certa (1:3-11)

B. A fidedignidade histórica da fé cristã, sustentada pelo testemunho ocular (particularmente da transfiguração) e a profecia cumprida (1:12-21)

II. MESTRES FALSOS (2:1-22)

A. O seu futuro aparecimento na Igreja (2:1-3)

B. O seu futuro julgamento (2:4-10a)

C. Os seus costumes imorais (2:10b-22)

III. A *PAROUSIA* E A DISSOLUÇÃO FINAL (3:1-18a)

A. A certeza destes acontecimentos a despeito da demora e as negações dos falsos mestres (3:1-10)

B. A chamada destes acontecimentos a uma vida santa (3:11-18a)

CONCLUSÃO: doxologia (3:18b)

Para investigação posterior:

McNab, A. "II Pedro", em O Novo Comentário da Bíblia. Editado por F. Davidson, A. M. Stibbs, e E. F. Kevan. Edições Vida Nova, São Paulo, 1976. Pp. 1418-1427.

Paine, S. W. "The Second Epistle of Peter", em The Wycliffe Bible Commentary. Editado por C. F. Pfeiffer e E. F. Harrison. Chicago: Moody, 1963. Pp. 1453-1462.

## JUDAS: PERIGO! FALSOS MESTRES !

### Tema

Da mesma forma que II Pedro, a epístola de Judas polemiza contra os falsos mestres que se haviam intrometido na Igreja - em maior número, ao que parece, que na época em que fora escrita a segunda epístola de Pedro. (O ponto é disputado; vide a pág. 396.) Suas heresias particulares não merecem uma descrição detalhada ou refutação na epístola, mas os próprios hereges são veementemente assediados.

### O autor

O autor da epístola identifica-se como Judas "irmão de Tiago" (vide o versículo primeiro). O mais certo é que ele não estivesse aludindo ao apóstolo Tiago do bem conhecido trio, Pedro, Tiago e João. Herodes Agripa I havia martirizado ao apóstolo Tiago quase no começo do movimento cristão (vide Atos 12:1,2). O escritor sagrado refere-se antes a Tiago, líder da igreja de Jerusalém (vide Atos 15 e Gálatas 1 e 2), meio-irmão de Jesus. Dessa maneira, Judas também era meio-irmão de Jesus, mas, por modéstia, descreveu a si mesmo como um "servo de Jesus Cristo" (vide 1:1) . A data em

que a epístola foi escrita está cercada de incertezas, mas é suficientemente tardia para pertencer a um tempo em que os hereges já tinham invadido seriamente a Igreja.

### **Os falsos mestres**

Judas tinha tencionado escrever um tratado doutrinário, mas a infiltração da Igreja por parte de falsos mestres o compeliu a alterar a natureza de sua epístola para uma exortação a que os cristãos contendessem vigorosamente em defesa da verdade do Evangelho. Ele descreve em termos vívidos tanto a iniquidade dos mestres falsos quanto a condenação deles, ao citar exemplos de juízo divino no passado: a geração de israelenses que perecera no deserto, por causa de sua infidelidade; os anjos caídos (provavelmente os espíritos demoníacos que tinham corrompido a raça humana imediatamente antes do dilúvio (vide Gênesis 6:1 ss. e I Pedro 3:18 ss. 1; e Sodoma e Gomorra). Os falsos mestres eram destituídos de reverência pelas realidades espirituais e por seres sobre-humanos, o que contrasta com a cautela com que o arcanjo Miguel disputara com Satanás em torno do cadáver de Moisés. A epístola termina com uma doxologia. *Ler Judas.*

### **Referências a obras pseudepígrafas**

Nos versículos 14 e 15, Judas cita o livro apocalíptico pseudepígrafo de I Enoque ("... profetizou Enoque... Eis que veio o senhor entre suas santas miríades", trecho extraído de I Enoque 1:9). Na alusão à disputa havida entre Miguel e Satanás (verso 9) ele parece referir-se a outro pseudepígrafo, Assunção de Moisés. Embora o texto completo da Assunção de Moisés não tenha sobrevivido até nós e os fragmentos existentes não contenham tal relato, parece provável que Judas tenha citado tal fonte. Não nos deveríamos surpreender que um escritor canônico tivesse citado escritos não-canônicos. Paulo se refere a uma certa *midrash* (exposição) rabínica sobre a rocha da qual manava água e que "seguia" a Israel no deserto (vide I Coríntios 10:4), cita a poetas pagãos no sermão que pregou em Atenas (vide Atos 17:28 e aparentemente tomou por empréstimo, de alguma fonte informativa não-canônica os nomes dos mágicos de Faraó que se opuseram a Moisés (Janes e Jambres, vide II Timóteo 3:8). As citações extraídas de tal material não implicam, necessariamente, na crença de que fosse divinamente inspirado; e também não precisa subentender na historicidade desse material, porquanto os escritores do Novo Testamento poderiam estar simplesmente ilustrando um ponto qualquer, da mesma forma que João Milton (somente para citarmos um dentre tão numerosos exemplos) se utilizou de mitos gregos, sem que isso quisesse dar a entender que cria nos mesmos como história literal.

### **ESBOÇO SUMÁRIO DE JUDAS**

Tema: Advertência sobre os falsos mestres na Igreja.

INTRODUÇÃO: Saudação (1,2)

I. PENETRAÇÃO DE FALSOS MESTRES NA IGREJA (3,4)

II. CARÁTER ÍMPIO E JULGAMENTO FUTURO DOS FALSOS MESTRES (5-16)

III. RESISTÊNCIA CONTRA OS FALSOS MESTRES (17-23)

CONCLUSÃO: Bênção final (24,25)

Para investigação posterior.

Robertson, R. "A Epístola Geral de Judas", em O Novo Comentário da Bíblia, editado por F. Davidson, A.M. Stibbs e E.F. Kevan. São Paulo; Edições Vida Nova, 1976, Pp. 1441 - 1447.

Wallace, D.H. "Jude", em The Wycliffe Bible Commentary. Editado por C.F. Pfeiffer e E. F. Harrison. Chicago: Moody, 1963, pp 1487 - 1490.

Henry, C. F. H. *Frontiers in Modern Theology*. Chicago: Moody, 1966.

Para correntes teológicas que se enquadrem nas advertências de II Pedro e Judas.

## I JOÃO: INSTRUÇÕES PATERNAS AOS "FILHINHOS"

### Tema

Para os cristãos primitivos, as heresias na Igreja postulavam o problema de distinguir a ortodoxia da heterodoxia, os legítimos mestres da Palavra dos mestres falsos. A primeira epístola de João formula diversos critérios primários - retidão, amor e uma correta cristologia - pelos quais os crentes pudessem testar a profissão cristã dos mestres e de si mesmos.

### Forma literária e endereço

Tendo sido mui provavelmente escrita nos fins do século primeiro da era cristã, pelo apóstolo João, a primeira epístola de João não inclui introdução, saudações da parte do autor e nem saudações concludentes. Contudo, as declarações: "...vos escrevo..." e "Isto que vos acabo de escrever..." (vide 2:1 e 26), demonstram que, originalmente, I João não fora um sermão oral, mas uma composição escrita. Talvez fosse um panfleto geral para uso da Igreja inteira. Entretanto, o tratamento afetoso, "filhinhos meus", mediante o qual o escritor reiteradamente se dirige a seus leitores, subentende um círculo limitado de cristãos com os quais o autor sagrado estava intimamente vinculado. De acordo com uma tradição da Igreja antiga, João viveu em Éfeso nos últimos anos de sua vida. Por conseguinte, I João mui provavelmente foi uma epístola geral, escrito em estilo homilético, para cristãos que ele conhecera na Ásia Menor, na área que cercava Éfeso (comparar com a epístola circular de Paulo aos "Efésios", e com o estilo homilético da epístola aos Hebreus). (Também é possível que I João seja uma nota asiática ocidental, à qual não se adicionava endereço nem saudações.) João assevera claramente qual o seu propósito ao escrever: fortalecer a seus leitores no conhecimento, na alegria e na certeza da fé cristã (vide 1:3,4 e 5:13), em contraposição ao falso doutrinamento (vide 2:1 ss. e 4:1 ss.).

### Polêmica anti-gnóstica

A heresia gnóstica sem dúvida se desenvolvia no seio da cristandade ao tempo em que João escreveu. De fato, consoante a uma antiquíssima tradição, João teria deixado precipitadamente a um banho público, em Éfeso, ao inteirar-se de que Cerinto, o líder gnóstico, acabara de entrar. (Irineu, *Contra Heresias* III.3.4: "Também há quem ouviu dele (Policarpo) que João, discípulo do Senhor, indo banhar-se em Éfeso, e notando que Cerinto ali estava, saiu de imediato das termas sem banhar-se, exclamando: "Fujamos. para que não caiam as termas, porque Cerinto, o inimigo da verdade, esta lá dentro" (tradução da edição de Roberts e Donaldson).) Fundamentando-se sobre a noção errônea que a matéria é inerentemente má, Cerinto distinguia entre um Cristo-espírito divino e imaterial e um Jesus humano, dotado de corpo físico, asseverando que o Cristo-espírito descera sobre o Jesus humano por ocasião de Seu batismo, tendo-O abandonado por ocasião de Sua crucificação.

Contra essa doutrina de Cerinto é que João ressalta que foi a pessoa única, "Jesus Cristo", que deu início à Sua manifestação pública ao ser batizado e que a encerrou com Sua crucificação: "Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas com a água e com o sangue..." (vide 5:6). Em outras palavras, Jesus Cristo realmente morreu, tal como dera início a Seu ministério através do batismo na água. A água referida também aponta para a água e o sangue que fluíram do lado traspassado de Jesus, como comprovação da realidade de Sua morte. Partindo da mesma errada pressuposição de que tudo quanto é material e físico deve ser, forçosamente, mau, outros gnósticos também tentaram evitar a encarnação e a morte física de Jesus Cristo afirmando que Ele era humano apenas na *aparência* (posição essa intitulada docetismo, proveniente do verbo grego *dokeo*, parecer). Daí é que João encareceu a realidade da encarnação: "... o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam... e nós a temos visto..." (vide 1:1 e 2). Ironicamente, a primeira grande heresia do cristianismo atacou a humanidade, e não a deidade de Jesus Cristo.



## **Crítérios da experiência cristã**

No intuito de cumprir o seu propósito de fortalecer a seus leitores, combatendo a heresia por meio da verdade, João discute três critérios pelos quais se pode determinar a genuína profissão de fé cristã: (1) a vida reta; (2) o amor por outros crentes; e (3) a fé em Jesus como o Cristo que veio em carne. Da mesma forma que o critério da fé em Jesus como o Cristo que veio em carne visa ao gnosticismo, assim também o critério da conduta reta tem por alvo a lassidão moral dos gnósticos e o critério do amor para com outros crentes alveja o exclusivismo altivo do gnosticismo.

Após ter-se declarado possuidor de conhecimento em primeira mão sobre a vida de Jesus (vide 1:1-4), João insiste em que os verdadeiros crentes, apesar de não serem impecáveis, vivem retamente (vide 1:5 - 2:6), amam-se mutuamente, ao invés de amar ao mundo (2:7-17) e confiam na verdade atinente a Cristo. Portanto, rejeitam aos falsos mestres, aqui intitulados "anticristos". por serem es precursores do *verdadeiro* Anticristo (vide 2:18-28), o qual entrará no palco da história durante o período da tribulação, pouco antes do fim da presente dispensação. Em seguida, João discorre novamente sobre os critérios que apresentara: a retidão (vide 2:29-110a); o amor (vide 3:10b-24a); a verdade (vide 3:24b - 4:6); o amor (uma vez mais, vide 4:7 - 5:3); e a retidão (uma vez mais, vide 5:4-21). *Ler I João 1 - 5.*

## **Impecabilidade**

No terceiro capítulo, a vigorosa linguagem acerca do fato que os crentes não vivem no pecado, não pode denotar impecabilidade, segundo se verifica em confronto com I João 1:8: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (comparar com I João 1:10 e 2:1). Os verbos no tempo presente, no terceiro capítulo, no original grego, sem dúvida indicam que a conduta dos crentes autênticos não é *predominantemente* pecaminosa. E talvez João também quisesse dar a entender que o crente não pode pecar como um crente. Quando ele peca, nega temporariamente a sua nova natureza. Isso não significa que ele tenha deixado de ser um crente, mas que ele deixou de agir *como um crente* que é. Ora, os gnósticos se jactavam de sua "liberdade cristã", pela qual podiam praticar qualquer coisa que desejassem, incluindo a liberdade de pecar.

## **O pecado para a morte**

A menção enigmática de certo pecado que conduz à morte, um pecado que desmerece toda oração intercessória (vide 5:16,17), provavelmente alude à apostasia definitiva, sobre o que somos advertidos na epístola aos Hebreus e na qual vinham caindo os mestres gnósticos, com o resultado de uma irrevogável condenação. Alternativamente, João se refere à morte física (e não eterna) como castigo aplicado a crentes desobedientes (comparar com I Coríntios 5:5 e 11:27-34).

## **ESBOÇO SUMÁRIO DE I JOÃO**

Tema: critérios da verdadeira crença e prática cristã, em contraste com o gnosticismo

PRÓLOGO: A encarnação de Cristo, a Palavra da vida, confirmada por testemunho ocular, que serve de base da comunhão entre os cristãos

I. O CRITÉRIO DA CONDUTA RETA (1:5 - 2:6)

II. O CRITÉRIO DO MÚTUO AMOR CRISTÃO (2:7-17)

III. O CRITÉRIO DO CRISTO MANIFESTADO EM CARNE (2:18-28)

IV. O CRITÉRIO DA CONDUTA RETA (2:29 - 3:10a)

V. O CRITÉRIO DO MÚTUO AMOR CRISTÃO (3:10b - 24a)

VI. O CRITÉRIO DO CRISTO MANIFESTADO EM CARNE (3:24b - 4:6)

VII. O CRITÉRIO DO MÚTUO AMOR CRISTÃO (4:7 - 5.3)

VIII: O CRITÉRIO DA CONDUTA RETA (5:4-21)

## II e III JOÃO: INSTRUÇÃO PATERNAL AO POVO CRISTÃO

### Canonicidade e autoria de II e III João

A confirmação da segunda e da terceira epístolas de João, nos escritos patrísticos é um tanto débil, sem dúvida por causa da brevidade das mesmas. Os mais antigos pais da Igreja, todavia, não exibiram qualquer dúvida sobre a autoria joanina dessas epístolas. Em ambas João se identifica como "o ancião", não no sentido de ser um oficial eclesiástico de alguma igreja local, mas no sentido de ser um idoso estadista da Igreja, isto é, um apóstolo (comparar com I Pedro 5:1). Esse vocábulo faz contraste com a designação favorita de João para designar os seus leitores, "filhinhos" ou "filhinhos meus".

### Temas, propósitos e destinatários de II João

A segunda epístola de João é dominada pelos temas do amor e da verdade cristãos. Seu propósito é advertir acerca da hospitalidade outorgada a qualquer mestre falso ("não o recebeis em casa, nem lhe deis as boas-vindas", versículo 10). Os destinatários da epístola são "à senhora eleita [ou escolhida] e aos seus filhos" (primeiro versículo). Alguns intérpretes consideram que essas pessoas eram bem conhecidas pelo apóstolo. Porém, é bem mais provável que a "senhora eleita" seja aqui a personificação de uma igreja local, ao passo que os "seus filhos" sejam os membros individuais de dita igreja; e assim pensamos porque a senhora eleita e seus filhos são amados por "todos os que conhecem a verdade" (primeiro versículo). É altamente improvável que uma única família desfrutasse de tão ampla reputação por toda a cristandade, mas é perfeitamente concebível que assim acontecesse com alguma igreja local proeminente. Acresça-se também que nem os filhos daquela senhora e nem os seus sobrinhos (vide o décimo terceiro versículo) são mencionados por nomes próprios, (Alguns têm aceito as palavras "eleita" e "senhora" como se fossem nomes próprios de uma mulher, a saber, "Electa", "Kina", ou ambos. Mas "eleita" dificilmente pode ser aqui um nome próprio, porque a irmã dessa senhora também era "eleita" (vide o versículo treze). Duas irmãs dificilmente teriam o mesmo nome, "Electa"! Além disso, as considerações feitas no texto acima militam contra tomar-se a palavra "senhora" como nome próprio ou como descrição de uma mulher cristã individual.) e o pronome "vós", usado nos versículos oito, dez e doze, está obviamente no plural. Ora, todos esses informes, junto à advertência concernente aos falsos mestres e ao mandamento para nos amarmos uns aos outros, são mais apropriados a uma igreja do que se tivessem em mira uma família (comparar com I João). Não sabemos, contudo, onde estava localizada essa igreja local. *Ler II João.*

### ESBOÇO SUMÁRIO DE II JOÃO

Temas: o amor cristão e a verdade cristã

INTRODUÇÃO: Saudação (I-3)

I. EXORTAÇÃO AO AMOR CRISTÃO (4-6)

II. ADVERTÊNCIA CONTRA AS DOCTRINAS FALSAS E CONTRA O ACOLHIMENTO DADO A FALSOS MESTRES (7-11)

CONCLUSÃO: esperança de uma futura visita, e outra saudação (12 e 13).

### Tema, endereço e propósitos e II João

O enfoque da atenção, na terceira epístola de João, é sobre certa disputa eclesiástica. O lugar da residência dos destinatários é desconhecido, mas o mais provável é que fosse na região em torno de Éfeso. João enviou a epístola a Gaio a fim de: (1) elogiar a hospitalidade de Gaio pelos "irmãos" (provavelmente mestres itinerantes enviados por João); (2) exprobrar a Diótrefes, um mestre da igreja local que se impunha qual superior, por sua falta de hospitalidade para com os "irmãos", por seus métodos ditatoriais e por sua oposição à autoridade apostólica de João; e (3) elogiar a Demétrio, provável portador da epístola. Demétrio pode ter tido necessidade dessa recomendação, porquanto estava de mudança da igreja de Éfeso, com a qual o apóstolo João estava associado, para a igreja onde Gaio era membro (comparar com a recomendação proporcionada a Febe, em Romanos

16:1,2), ou então por ser Demétrio um dos pregadores itinerantes a quem Diótrefes costumava recusar hospitalidade. Na verdade, Diótrefes expulsara da igreja local os membros que ousassem oferecer alimentos e abrigo àqueles pregadores itinerantes. João também indica que havia escrito uma outra epístola à igreja inteira da qual Gaius fazia parte (vide o nono versículo). Essa outra epístola pode ser a segunda epístola de João, ou a epístola circular de I João, ou então uma epístola que não chegou até nós. O décimo versículo contém a ameaça de uma visita pessoal de João, para efeito de uma confrontação direta com Diótrefes. *Ler III João.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DE III JOÃO

Lema: uma disputa eclesiástica

INTRODUÇÃO: Saudação (1)

I. ELOGIO A GAIO POR SUA HOSPITALIDADE PARA COM PREGADORES CRISTÃOS ITINERANTES (2-8)

II. CONDENAÇÃO DA REBELDIA DE DIÓTREFES CONTRA A AUTORIDADE APOSTÓLICA DE JOÃO E A SUA RECUSA DE ACOLHER PREGADORES CRISTÃOS ITINERANTES (9-11)

III. ELOGIO A DEMÉTRIO, PROVÁVEL PORTADOR DA EPÍSTOLA E ENVIADO DE JOÃO (12)

CONCLUSÃO: expectativa de uma visita futura e saudações finais (13-15)

Para discussão posterior:

- Existe algo de especificamente cristão (e não meramente judaico) na epístola de Tiago? Se há, por que tão pouco?
- Que relevância pode ter para a Igreja moderna, que vive em uma sociedade livre, uma epístola que se originou da perseguição, como I Pedro?
- Como devem ser tratados na Igreja os falso mestres? E quão sério é mister que seja um desvio doutrinário para merecer o epíteto ignominioso de "mestre falso" ou "herege"?
- Quais são as conexões lógicas entre a retidão, o amor e a ortodoxia em I João?

Para investigação posterior:

Ross, A. *The Epistles of James and John*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

Law, R. *The Tests of Life*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1909.

## **CAPÍTULO 20 Apocalipse: Ele Vem Vindo!**

Perguntas Normativas:

- Por qual motivo o estilo do livro de Apocalipse difere do estilo do evangelho de João e das epístolas de João, se João foi o autor de todas essas obras?
- Qual circunstância histórica provocou a escrita do Apocalipse?
- Quais são as principais abordagens interpretativas do Apocalipse, e quais são seus pontos fortes e suas deficiências?
- Qual é o pano-de-fundo local que aviva nossa compreensão das sete mensagens às igrejas da Ásia?
- Quais são os significados dos símbolos apocalípticos do Apocalipse?
- Quais serão as fontes originárias das pragas descritas no Apocalipse?
- Quem são os cento e quarenta e quatro mil, as duas testemunhas, a mulher com dores de parto, o menino, a besta e o falso profeta?
- Com quais acontecimentos a história presente chegará ao seu ponto final e terá começo o estado eterno?

### **Tema**

O Apocalipse (termo grego que significa "desvendamento") contém profecias mais extensas sobre o futuro do que qualquer outra porção do Novo Testamento. Essas profecias projetam luz

sobre o triunfo escatológico de Cristo sobre as forças do Anticristo deste mundo - a começar pela tribulação e atingindo seu clímax na *parousia* e chegando ao término com a plena concretização do reino de Deus - tudo para decisivo encorajamento dos crentes que enfrentem o antagonismo de uma sociedade incrédula.

### **Canonicidade e autoria**

O Apocalipse é fortemente atestado como obra canônica e apostólica desde o mais antigo período pós-neotestamentário da história da Igreja, a começar por Hermas, no início do século II D.C., até Orígenes, na primeira metade do século III D.C. As dúvidas surgiram somente mais tarde, mormente por causa do argumento de Dionísio, no sentido que as diferenças existentes entre



*Ilha de Patmos, com uma vista para o mar aberto, de quem olha do mosteiro ali existente.*

o Apocalipse e o Evangelho e as epístolas de João excluem uma autoria comum: o apóstolo João, assim sendo, não poderia ter escrito o livro de Apocalipse. É verdade que do ângulo gramatical e literário, o estilo grego do Apocalipse é inferior ao do evangelho joanino e ao das três epístolas de João. Sem embargo, R.H. Charles, quiçá o maior perito sobre literatura apocalíptica, considerava a "gramática deficiente" como algo deliberado, com propósitos enfáticos e para aludir a trechos veterotestamentários em estilo hebraico, e não por motivo de ignorância ou descuido. (R H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John. The International Critical Commentary* (Edimburgo T & T Clark, 1920), vol. I, págs. cxvii-clix.) Outros estudiosos têm pensado que a "gramática deficiente" resultou de um estado emocional de êxtase por parte de João, quando recebeu suas profecias na forma de visões. A solução mais simples consiste de dizermos que, na qualidade de prisioneiro na ilha de Patmos, no mar Egeu, o apóstolo João não contava com o assessoramento de um amanuense que suavizasse o seu estilo impolido, conforme, aparentemente, sucedeu com o seu evangelho e com as suas epístolas. Não é mesmo impossível que todos os três fatores, acima citados, tenham contribuído para o estilo diferente que se nota no livro de Apocalipse.

### **Data**

No que diz respeito à data em que o livro foi escrito, há um ponto de vista que afirma que a perseguição promovida por Nero contra os cristãos, após o incêndio de Roma, em 64 D.C., evocou a produção do Apocalipse como um encorajamento dos perseguidos cristãos. Em apoio a essa idéia temos a observação de que o valor numérico das letras hebraicas com que se escreve o nome Nero César totaliza seiscentos e sessenta e seis, o número exato que aparece em apocalipse 13:8 como

cifra simbólica da "besta". Não obstante, certos problemas técnicos lançam sombras de dúvida sobre o valor numérico do título de Nero.

Tem sido igualmente argumentado, em favor de uma data anterior (da época de Nero), que o estilo literário mais suave do Evangelho e das epístolas de João exibe o aprimoramento do seu domínio do idioma grego, ficando assim implícito que o livro de Apocalipse pertence a uma data mais antiga, do tempo em que ele ainda lutava por dominar o grego, por ser-lhe um idioma ainda pouco familiar. Todavia, há outras explicações para o estilo áspero do Apocalipse (vide a seção anterior); e as descobertas arqueológicas e os estudos literários têm demonstrado, ainda recentemente, que, paralelamente ao aramaico e ao hebraico, o grego era comumente falado entre os palestinos do primeiro século cristão. Assim, pois, João sem dúvida conhecia e usava o grego desde a sua juventude.

A data tradicional e mais provável do livro Apocalipse é o reinado de Domiciano (81-96 D.C.). A despeito do fato que Domiciano não perseguiu aos cristãos em larga escala, a sua tentativa de pôr em vigor a adoração ao imperador foi um presságio das violentas perseguições que se seguiriam. O Apocalipse teve por desígnio, portanto, preparar os crentes para a resistência. Irineu, um dos primeiros pais da Igreja, datou explicitamente a redação do Apocalipse como pertencente à época do reinado de Domiciano. (Irineu. *Contra Heresias* V. xxx.3.) O testemunho de Irineu é deveras impressionante, porquanto ele era um dos protegidos de Policarpo (60-155 D.C.), o bispo de Esmirna que aprendera a doutrina cristã sob a tutela do apóstolo João.

## **O estilo apocalíptico**

O estilo típico da literatura apocalíptica empregado no Apocalipse exibe uma linguagem exaltadamente simbólica na descrição de suas visões. Essas visões retratam o final da história, quando o mal houver atingido seu limite máximo e Deus tiver feito intervenção para dar início ao Seu reino, para submeter os ímpios ao julgamento e para galardoar os justos. E tudo isso é exposto não a fim de satisfazer mera curiosidade quanto ao futuro, mas a fim de encorajar o povo de Deus e não fraquejar diante de um mundo dominado pela iniquidade. Mui freqüentemente, João se utiliza da fraseologia típica do Antigo Testamento, especialmente dos livros de Daniel, Ezequiel e Isaías.

As estravagantes figuras de linguagem usadas por todo o Apocalipse poderão parecer estranhas aos nossos ouvidos modernos, mas elas transmitem aos leitores as proporções cósmicas dos eventos descritos de maneira muito mais eficaz do que jamais poderia tê-lo feito a linguagem prosaica. Deveras interessante é o fato que essas estranhas figuras de linguagem podem ser comparadas, quanto ao estilo, às criações de nossos caricaturistas contemporâneos, as quais prontamente aceitamos e entendemos.

## **Interpretações**

Os intérpretes usualmente seguem alguma dentre as quatro principais abordagens do Apocalipse:

### **(1) Idealista**

O ponto de vista idealista despe a linguagem simbólica de qualquer valor como predição de acontecimentos futuros, pois reduz a profecia a um quadro simbólico sobre o conflito contínuo entre o bem e o mal, entre a Igreja e o paganismo, com o triunfo eventual do cristianismo. Essa interpretação encerra certo âmago de verdade, porém, origina-se principalmente da pressuposição de que é impossível a profecia genuinamente preditiva, bem como do embaraço ante a extravagância da linguagem apocalíptica.

### **(2) Preterista**

O ponto de vista preterista, que compartilha da mesma pressuposição que a posição idealista, limita o Apocalipse à mera descrição das perseguições contra o cristianismo movidas pela antiga Roma e ao que se poderia esperar que acontecesse, mediante a destruição do império romano e a vindicação dos cristãos quando da volta de Cristo, supostamente iminente. Naturalmente, segundo esse prisma interpretativo, o Apocalipse estaria equivocado - Jesus não retornou prontamente,

apesar da derrocada do império romano e de haver continuado o cristianismo. Em conseqüência, os preteristas procuram redimir o resíduo de significação da obra para os tempos modernos apelando, igualmente, para o ponto de vista idealista. Os preteristas tendem por inferir que houve a utilização da mitologia pagã por todo o Apocalipse.

### **(3) Historicista**

O ponto de vista histórico interpreta o Apocalipse como uma simbólica narrativa prévia da história da Igreja, a contar da era apostólica até ao retorno de Cristo e ao juízo final. Assim, pois, o quebrar dos selos representaria a queda do império romano, os gafanhotos saídos do abismo simbolizariam as invasões muçulmanas, a besta apontaria para o papado (de acordo com os reformadores Protestantes), e assim por diante. Porém, as explicações sobre os símbolos individuais variam de tal maneira, entre os intérpretes pertencentes a essa escola que a dúvida acaba maculando esse próprio método de interpretação. Porque embora a linguagem profética possa ser um tanto opaca, antes de sucederem os eventos preditos, o cumprimento dessas profecias deveria aclarar suficientemente a linguagem usada de forma a ficar impedida a gama de variações interpretativas que se vê entre os historicistas. (Por exemplo, os historicistas têm identificado variegadamente os gafanhotos saídos do abismo, em 9:1 ss.. como os vândalos, os godos, os persas, os islamitas, os hereges. etc.) Geralmente falando, os historicistas aferram-se ao pós-milenismo, isto é, a idéia utópica de que Cristo voltará *após* um prolongado período áureo (o milênio), resultante da conversão do mundo ao cristianismo - conceito esse muito popular no século XIX; ou então esposam o amilenismo (posição mais usual desses intérpretes em nossos dias), o qual nega que haverá um reinado literal de Cristo durante mil anos, sobre a restaurada nação de Israel e sobre os gentios, transmutando o reinado milenar de Cristo em Seu presente domínio espiritual, estando assentado à mão direita de Deus Pai.

### **(4) Futurista**

O ponto de vista futurista reconhece que o Apocalipse teve começo motivado pela pressão exercida por Roma sobre a Igreja, durante o primeiro século cristão, e que o livro falava diretamente àquela situação; mas também assegura que o volume maior da obra descreve um período futuro angustioso e caótico, que recebe o título de "tribulação", seguido de perto pelo retorno de Cristo, pela inauguração do reino de Deus, pelo julgamento final e pelo estado eterno. Os futuristas normalmente calculam que a tribulação, ou septuagésima semana de Daniel (vide Daniel 9:24-27), terá a duração de sete anos, e que talvez somente os últimos três anos e meio desse período é que sejam realmente angustiosos. Outrossim, usualmente também afiançam ser veraz o ponto de vista pré-milenial, o qual afirma que, quando de Sua volta, Cristo reestabelecerá o reinado davídico sobre Israel e governará o mundo por mil anos paradisíacos (o milênio), esmigalhará a rebelião inspirada por Satanás que terá lugar perto do fim do milênio, e presidirá sobre o julgamento final, antes de ter início o estado eterno.

### **A questão do arrebatamento**

Não há consenso geral entre os futuristas (ou pré-milenistas) os quais opinam ou que a Igreja continuará na terra durante todo o período de tribulação (pós-tribulacionismo), ou que ela será evacuada da terra mediante uma vinda preliminar de Cristo, antes da tribulação (pré-tribulacionismo), ou que ela será evacuada quando a tribulação estiver pela metade (mid-tribulacionismo), ou que ela será evacuada somente quanto à sua porção piedosa, antes da tribulação (arrebatamento parcial). (Quanto ao termo arrebatamento. vide a Pág. 301) As posições do pré-tribulacionismo e do pós-tribulacionismo são as perspectivas mais largamente advogadas entre os futuristas. Falando em termos amplos, quanto mais estritamente um intérprete separa as relações divinas com a Igreja das relações divinas com Israel, mais inclinado se sente ele por pensar que a Igreja será removida àntes da tribulação, pois nesse período Israel figuraria com proeminência. Os pós-tribulacionistas, por sua parte, encaram a tribulação como um período durante o qual Deus, paralelamente, estará dando os retoques finais de Suas relações com a Igreja e estará tratando novamente com a nação de Israel, a fim de prepará-la para o reino milenar. (Nota do Tradutor: Sendo

judeu pelo lado paterno, tenho examinado a questão. À guisa de contribuição, sugiro estes pontos: (1) Quando um judeu se volve para Cristo, não é mais contado como judeu, mas como parte da Igreja (vide Romanos 10:12,13). (2) Deus reservou um remanescente seletivo na última geração judaica (vide Romanos 11:25-29 e Apocalipse 7:4-8). (3) O restabelecimento da nação judaica, mediante a conversão em massa a Cristo, será o prenúncio da glória (vide Romanos 11: 12 e 15). Portanto, no fim da dispensação os judeus serão parte integrante da Igreja. Não há necessidade de se interpretar as profecias escatológicas como se suas ameaças dissessem respeito a Israel e suas bênçãos à Igreja. Se agora há distinção entre judeus e cristãos, devido ao abismo da [incredulidade](#), no fim essa distinção desaparecerá em virtude da fé dos judeus em Jesus Cristo, o Senhor. Vide Romanos 11:32.) O olvido da distinção (ou quase) entre a Igreja e Israel usualmente resulta no historicismo, ou seja, a negação que haverá um período futuro de sete anos de tribulação, tornando descabida a indagação se o arrebatamento ocorrerá antes, durante ou após a tribulação. Alguns historicistas, não obstante, acreditam em um milênio literal após a volta de Jesus.

## **Perspectiva**

O ponto de vista aqui adotado é primariamente o futurista, mas sem esquecer que João estava escrevendo não somente para o fim desta era, mas também para os cristãos a ele contemporâneos e, de fato, para os crentes de cada geração. Em particular, o conflito entre o cristianismo e os césores corresponde à peleja entre o povo de Deus durante a tribulação (quer a Igreja ou outra porção desse povo) e o Anticristo, o qual governará sobre o redivivo império romano. O Apocalipse retém sua relevância de modo perene por causa da possibilidade que tem cada geração sucessiva de ver o cumprimento do livro em suas predições.

Após o endereço, o primeiro capítulo contém a narrativa da visão que João teve de Cristo em certo dia ("dia do Senhor", 1:10), quando se achava exilado na ilha de Patmos devido a seu testemunho cristão. A tradição da Igreja antiga parece subentender que João mais tarde pôde deixar o exílio e passou em Éfeso seus últimos anos de vida. Os capítulos dois e três encerram sete mensagens ditadas a João pelo próprio Jesus, endereçadas a sete igrejas da Ásia Menor, em Éfeso e cercanias. (Essas mensagens são incorretamente intituladas "cartas", porque tal epíteto implicaria em comunicações distintas para cada igreja local, ao passo que a João competia escrever e enviar o conteúdo inteiro do Apocalipse, no qual as sete mensagens estão inclusas (vide 1: 11 ).) "Ásia" refere-se à província romana daquele nome, na Ásia Menor, parte da atual Turquia. Segue-se uma visão sobre a majestade de Deus, Sua corte celestial e o aparecimento de Cristo como um cordeiro, trazendo ainda as cicatrizes da morte expiatória (capítulos quatro e cinco). Os capítulos 6 a 19 descrevem, principalmente, as pragas da época da tribulação, com o conseqüente retorno de Cristo. Finalmente, João revela que se instaurará o reinado de Cristo na terra, com Seus santos, pelo espaço de mil anos, terá lugar o julgamento final e descerá dos céus a Nova Jerusalém (capítulos 20 a 22).

## **Introdução e visão inicial**

*Ler Apocalipse 1 - 3.* Os sete espíritos de Deus, mencionados nas observações iniciais (vide 1:4; conf. 4:5), provavelmente não são sete espíritos diversos, mas o único Espírito Santo, em conformidade com Sua sétupla relação para com as sete igrejas endereçadas, ou de acordo com a sétupla caracterização de Isaías concernente ao Espírito (1) do Senhor, (2) da sabedoria, (3) do entendimento, (4) de conselho, (5) de poder, (6) de conhecimento, e (7) de temor ao Senhor (vide Isaías 11:2). João não tencionava que sua descrição de Cristo fosse tomada rigidamente literal, o que, neste caso, seria uma descrição grotesca. As figuras de linguagem devem antes ser traduzidas nas várias características e funções de Cristo. Suas vestes representam Seu sacerdócio real, Seus cabelos alvos simbolizam a Sua eternidade, Seus olhos chamejantes a visão penetrante da onisciência, Seus pés semelhantes a bronze a atividade julgadora que a tudo subjuga, a Sua voz trovejante a autoridade divina, a espada de dois fios a Sua Palavra, e o Seu rosto resplendente a glória de Sua deidade.

Os sete candeleros de ouro simbolizam as sete igrejas locais endereçadas no livro, das quais Jesus cuida. E as sete estrelas em Sua mão representam os "anjos" dessas sete igrejas, os quais podem ser ou anjos guardiães de cada assembléia local, ou "mensageiros humanos" (outra tradução possível) que tivessem sido enviados pelas igrejas para visitarem a João, na ilha de Patmos. A tradução "mensageiros" adquire ainda maior plausibilidade pelo fato que por todos os capítulos dois

e três a palavra lhes é dirigida e eles são exortados - pois como João poderia escrever a anjos e exortá-los?

A ordem dada a João: "Escreve, pois, as cousas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas" (1:19), algumas vezes é aceita como um tríplice e embutido esboço do livro: (1) As coisas passadas, ou a visão que João teve sobre o Cristo (capítulo 1); (2) as coisas presentes, ou seja, as mensagens às sete igrejas, que representariam a dispensação inteira da Igreja (capítulos 2, 3); e (3) as coisas futuras, ou a volta de Cristo, juntamente com acontecimentos precedentes e posteriores (capítulos 4 - 22). Porém, quando Jesus proferiu as palavras citadas, registradas em Apocalipse 1:19, as coisas "que são" estavam vinculadas à visão de Cristo, pois não tivera ainda começo o ditado das mensagens. Os capítulos 1 - 3 descrevem uma única visão. Por conseguinte, a declaração de Apocalipse 1:19 não deveria ser tomada como um esboço formal do livro, mas como simples assertiva de que João deveria fazer o registro das coisas que acabava de ver, que estava vendo e que ainda viria a ver.

## **As sete mensagens**

Cada uma das sete mensagens contém um endereço, uma auto designação de Cristo, uma análise (com elogio e/ou reprimenda), uma exortação e uma promessa. Cristo selecionou criteriosamente os títulos com que designou a Si mesmo, em harmonia com a situação reinante em cada uma das igrejas. Por exemplo, à igreja de Esmirna, que passava por um período de sofrimento, Ele é o que "esteve morto e tornou a viver" (2:8).

## **Éfeso**

Os nicolaítas, aos quais a igreja em Éfeso oferecia resistência, supostamente seriam os seguidores heréticos de Nicolau de Antioquia (suposição essa alicerçada sobre a similaridade de nomes), um dos sete homens escolhidos para servirem às mesas na primitiva igreja de Jerusalém (vide Atos 6:5). Se essa opinião está correta, então ele se tornou um apóstata. Podemos deduzir de afirmações dispersas pelos capítulos dois e três do Apocalipse que os nicolaítas participavam da adoração e da imoralidade dos pagãos. É possível que a elogiosa oposição que lhes fazia a igreja de Éfeso tenha produzido alguma luta intestina naquela comunidade cristã, o que levou os cristãos ortodoxos dali a perderem seu amor ("primeiro amor") uns pelos outros.

## **Esmirna**

A perseguição de "dez dias" que sobreviria à igreja de Esmirna (vide 2:10) refere-se a um breve período de perseguição, ou então a dez ondas sucessivas de perseguição.

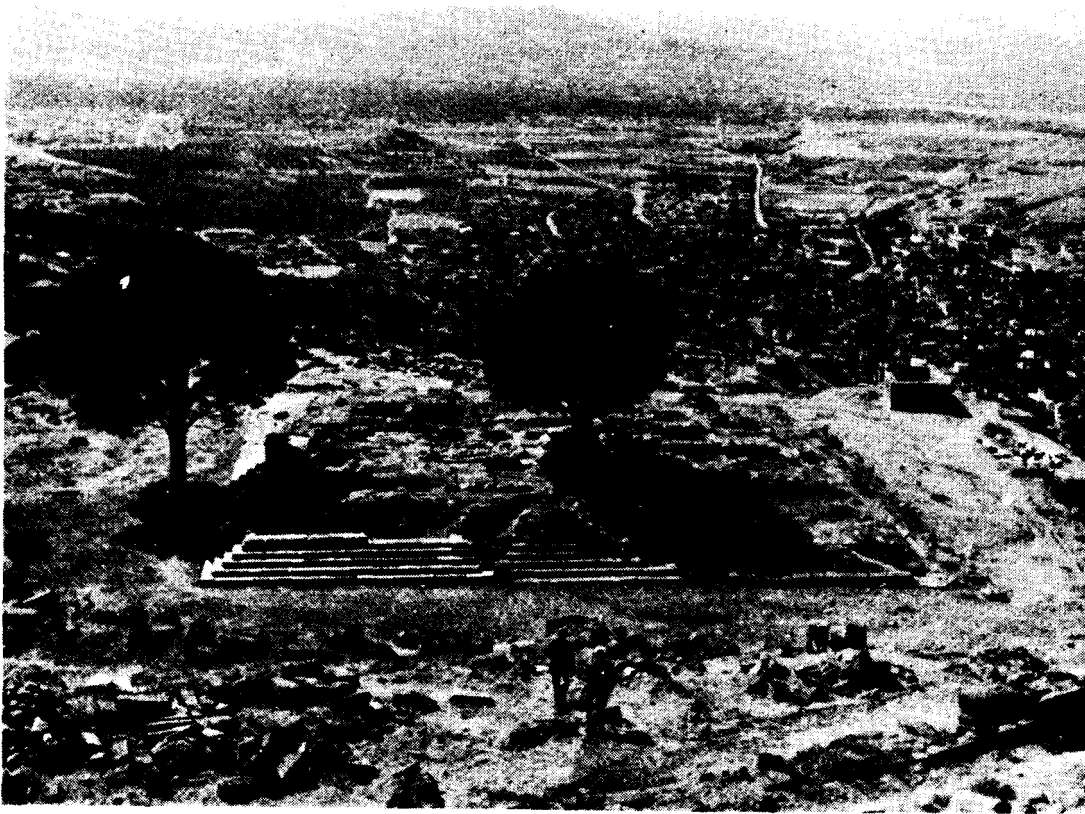
## **Pérgamo**

O "trono de Satanás", em Pérgamo (vide 2:13) alude aos fatos que aquela cidade era o centro do culto ao imperador na província da Ásia, e que a cidade era dominada por um gigantesco altar dedicado a Zeus na colina próxima. O "maná" prometido aos vencedores simboliza a vida eterna (vide 2:17). Compare-se com isso a autodesignação de Jesus como "o pão da vida", em cumprimento tipológico do maná historiado no Antigo Testamento (vide João 6). O simbolismo da "pedra branca", inscrita com um novo nome e conferido aos vencedores (vide igualmente 2:17) significa o direito que eles têm de entrar na vida eterna, embora o pano-de-fundo específico seja difícil de determinar (vide os comentários a esse respeito).

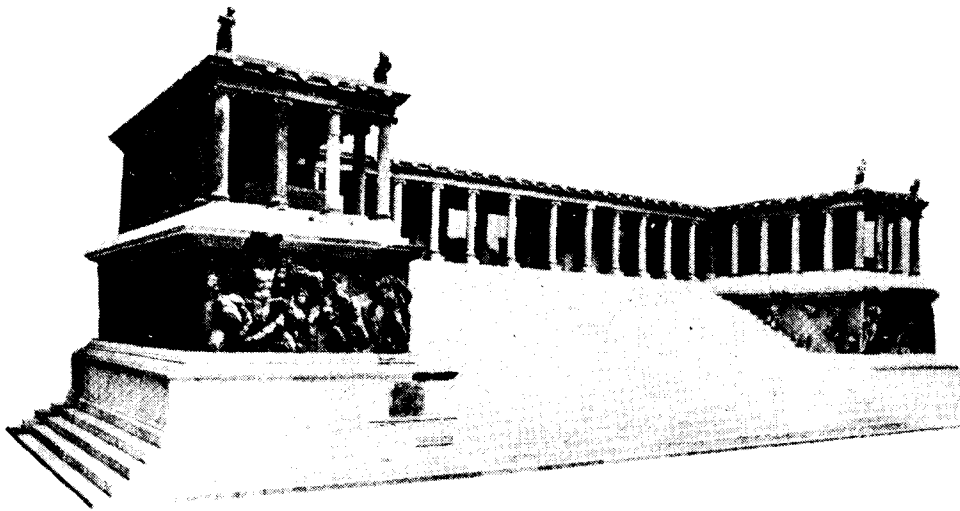
## **Tiatira**

As numerosas guildas comerciais da cidade industrial de Tiatira levaram os muitos cristãos que eram membros de tais corporações a participar dos festejos pagãos que anteriormente faziam parte das atividades das mesmas. Parece que havia uma profetisa falsa, sarcasticamente apelidada de "Jezabel", conforme o nome da iníqua esposa tória do rei Acabe, de Israel, a qual encorajava essa forma licenciosa de "liberdade" (vide 2:20).

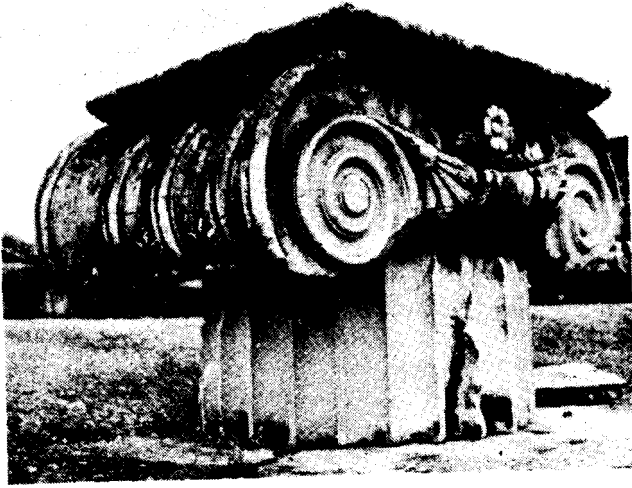




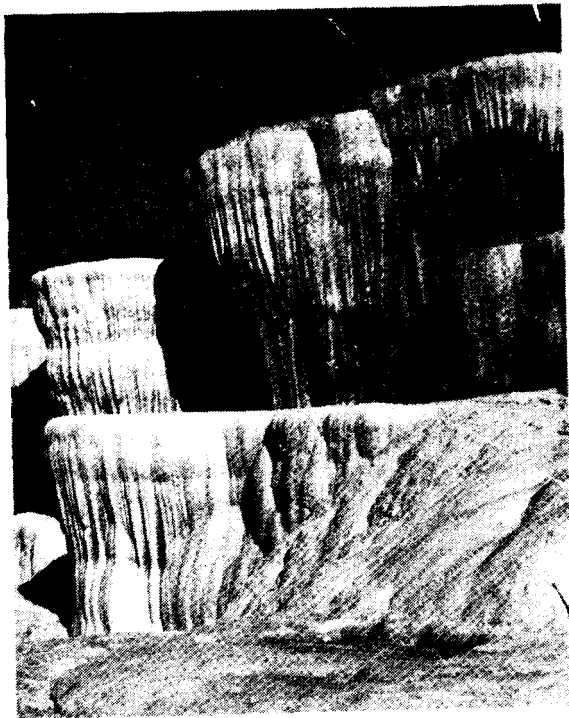
Ruínas do Altar de Zeus, em posição dominante acima da cidade de Pérgamo.  
O altar foi descrito como "Trono de Satanás" pelos primitivos cristãos



Altar de Zeus, em Pérgamo, conforme foi reconstituído e exibido em um museu  
em Berlim Oriental.



Em Sardes, um capitel jônico, pertencente a uma coluna do templo de Artemis. Essa secção tem aproximadamente 1,80 m de altura.



Em Hierópolis, essas formações foram formadas por óxido de cálcio proveniente de fontes termais. A fonte de água é célebre, desde tempos antigos, por sua propriedade de curar doenças de olhos. Essas termais também proviam água morna potável para a cidade próxima de Laodicéia.

Davi", vide 3:7), o Senhor promete admissão aos crentes filadelfianos, contra os quais não dirige nenhuma crítica. Os prétribulacionistas tomam a promessa feita à igreja de Filadélfia, "também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro" (vide 3:10), como uma indicação de que os crentes autênticos serão removidos deste mundo antes da tribulação. Mas os pós-tribulacionistas, comparando isso com a fraseologia de João 17:15 ("Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal"), reputam haver neste passo bíblico uma promessa de proteção contra a ira divina, ainda na face da terra.

## Laodicéia

Laodicéia era um próspero centro banqueiro, localidade onde se manufacturavam vestes com a lã negra como um corvo dos rebanhos de carneiros que ali eram criados; e também era um centro de estudos de medicina. Em particular, um famoso pó frígio, usado para a cura de enfermidades oftalmológicas, provinha daquela região. Tão auto-suficiente era Laodicéia que, após um destrutivo sismo, ocorrido em 60 D. C., a cidade não precisou da ajuda financeira dada por Roma a cidades do império para a sua reconstrução. Em clara alusão a esses fatos, Cristo increpa os cristãos laodicenses

## Sardes

Sardes era cidade notável por sua imoralidade; e o efeito disso sobre a igreja cristã dali era que somente "... umas poucas pessoas ... não contaminaram as suas vestiduras" (vide 3:4). A cidade também era famosa pela sua indústria de tinturaria de lãs; por conseguinte, Cristo prometeu aos vencedores que andariam em Sua companhia, fazendo contraste com os vencidos, ou seja, vestidos "de vestiduras brancas" (vide 3:4,5).

## Filadélfia

A população da cidade de Filadélfia era pequena devido a terremotos freqüentes. Por isso mesmo, a igreja cristã dali era correspondentemente pouco numerosa ("tens pouca força", vide 3:8). Na qualidade de Quem tem a autoridade de admitir ou negar entrada no reino messiânico ("aquele que tem a chave de

por causa de sua pobreza e nudez espirituais em meio à abundância, aconselhando-os a adquirir os tesouros espirituais. e se vestirem de vestiduras brancas (da justiça), e a tratarem de sua visão espiritual deficiente, ou seja, um distorcido senso de valores, com medicamento espiritual (vide 3:18). Água fria é refrigerante; água quente é útil. Mas os crentes laodicenses se assemelhavam à água que manava das fontes termas das proximidades, a qual, fluindo através de um aqueduto, tornava-se tépida - portanto, um vomitório.

### **As sete igrejas e a história eclesiástica**

As igrejas às quais foram dirigidas as sete mensagens existiam como assembléias locais na Ásia Menor, durante o primeiro século de nossa era. Mas também representam tipos de igrejas que tem existido por toda a história da Igreja. E tem sido mesmo sugerido - embora nem todos concordem com isso - que os característicos dominantes das sete igrejas, na ordem em que elas são mencionadas, simbolizam os característicos distintivos e desenvolvimentos históricos dentro da cristandade, durante as sucessivas eras da história eclesiástica, a saber:

- Éfeso, a igreja apostólica que trabalhava arduamente;
- Esmirna, a igreja pós-apostólica que foi duramente perseguida;
- Pérgamo, a igreja crescentemente mundana de depois do imperador Constantino, que virtualmente fez do cristianismo a religião oficial de Roma;
- Tiatira, a igreja corrupta da Idade Média;
- Sardes, a igreja da Reforma, com sua reputação de ortodoxia, mas ausência de vitalidade espiritual;
- Filadélfia, a igreja dos reavivamentos modernos e dos empreendimentos missionários globais; e
- Laodicéia, a igreja contemporânea que tem ficado morna por causa da apostasia e da abundância.

No entanto, essa interpretação se ressentia da crítica que Tiatira, na carta à igreja existente ali, recebe maiores encômios do que geralmente seriam atribuídos à Idade Média; que a igreja da Reforma dificilmente merece uma mensagem de quase total repreensão, como a que foi dirigida a Sardes; que a porta aberta, mencionada na carta à igreja de Filadélfia mais provavelmente alude à entrada do crente no reino messiânico, e não ao empreendimento missionário; e que o prolongamento da história eclesiástica vai exigindo reiterados ajustamentos nos detalhes dessa interpretação. Não obstante, algumas das similaridades continuam mostrando-se mui atrativas.

### **O transporte de João**

Existe certa diferença de opinião a respeito do fato que João foi chamado para subir ao céu, em Apocalipse 4:1. Os pós-tribulacionistas encaram esse informe como uma experiência puramente pessoal de João, em preparação para o recebimento de outras visões. Mas muitos pré-tribulacionistas julgam haver aqui um símbolo do arrebatamento da Igreja toda, antes da tribulação. Outrossim, os pré-tribulacionistas usualmente reputam os vinte e quatro "anciãos", no salão do trono celeste como representantes da Igreja recém-arrebatada. Para os pós-tribulacionistas, entretanto, essas personagens não passam de líderes humanos ou angelicais da adoração celestial a Deus, na pessoa de Cristo. *Ler Apocalipse 4 e 5.*

### **O rolo**

O livro ou rolo com sete selos contém as profecias que se seguem, no Apocalipse, profecias essas que só poderão concretizar-se através de atos voluntários de Cristo. O fato que Cristo tomou o rolo entre as mãos, rompeu os seus selos e o desenrolou representa, por conseguinte, que Ele começará a arrebatá-lo do controle deste mundo das mãos das forças satânicas da perseguição e da iniquidade, ao cumprir essas profecias. Essa atividade atingirá seu zênite quando da *parousia* e do estabelecimento do reino de Deus na terra.

### **Selos, trombetas e taças**

Os capítulos seguintes (6 - 16) apresentam três séries de sete pragas em cada série: selos, trombetas e taças. Alguns intérpretes opinam que o cumprimento das mesmas será consecutivo. Assim, as pragas das trombetas sucederão depois de terem ocorrido as pragas dos selos, e as pragas das taças depois das pragas das trombetas. A segunda vinda de Cristo e a batalha de Armagedom formariam o ponto culminante. Segundo esse esquema, as trombetas constituem o sétimo selo; e as taças constituem a sétima trombeta; e a *parousia* (segunda vinda de Cristo) e a batalha do Armagedom constituem a sétima taça:

Selos 1 2 3 4 5 6 7

Trombetas 1 2 3 4 5 6 7

Taças 1 2 3 4 5 6 7

"Parousia"

Porém, o fato que o conteúdo da sétima ocorrência de cada uma dessas séries é praticamente idêntico em todos os casos parece indicar um ponto final - trovões, relâmpagos, um terremoto e várias indicações sobre a chegada do fim - sugere que os selos, as trombetas e as taças são paralelos, pelo menos em parte, quanto ao seu cumprimento. Assim, as pragas dos selos seriam espalhadas por todo o período da tribulação, as pragas das trombetas se concentrariam na parte final desse período, e as pragas das taças se acumulariam no fim mesmo do período, e, dessa forma, a sétima ocorrência de cada uma das três séries seria idêntica, conduzindo diretamente à "parousia":

						"Parousia"	
Selos	1	2	3	4	5	6	7
Trombetas	1	2	3	4	5	6	7
Taças	1	2	3	4	5	6	7

Em sua maior parte, o conteúdo dos selos parece originar-se da depravação dos homens:

- Selo 1: militarismo, talvez por parte do ímpio Anticristo, que dominará durante o período da tribulação;

- Selo 2: guerra, resultante do militarismo;

- Selo 3: fome, resultante da guerra;

- Selo 4: morte, resultante da fome e de outras devastações da guerra (os quatro primeiros selos retratam os famosos "Quatro Cavaleiros do Apocalipse").

- Selo 5: perseguição aos santos e seu martírio (temos aqui a última geração da Igreja, conforme postulam os pós-tribulacionistas; mas haveria aqui a menção a outros que se voltaram para Deus, após o arrebatamento da Igreja, segundo os pré-tribulacionistas);

- Selo 6: os fenômenos celestiais, que Jesus predisse para imediatamente antes de Sua volta (vide Marcos 13:24-26; Mateus 24:29,30 e Lucas 21:25-27);

- Selo 7: silêncio nos céus, trovões, relâmpagos e um terremoto.

*Ler Apocalipse 6:1 - 8:5.*

## Os 144 mil

Alguns intérpretes consideram que os 144 mil israelitas, que serão assinalados a fim de serem protegidos durante o período da tribulação seriam símbolos representativos da Igreja. Contra esse parecer, todavia, precisamos levar em conta a enumeração explícita das doze tribos, em contraste com o caráter internacional declarado da inumerável multidão de santos que procede vitoriosamente da tribulação, na visão imediatamente seguinte. Os pré-tribulacionistas usualmente atribuem aos 144 mil o papel de evangelistas judeus que espalhariam o evangelho por todo o mundo na ausência da Igreja, com o resultado que uma vasta multidão de gentios crê e é salva. Há aqueles que reputam os 144 mil como judeus ortodoxos a quem o Senhor protegerá durante a tribulação, sobretudo quando estiverem sendo perseguidos por não aceitarem a adoração à imagem do Anticristo, a qual será exibida no templo reconstruído em Jerusalém. Em resultado da proteção divina, esse remanescente judaico sobreviverá para tornar-se o núcleo do reestabelecido reinado davídico, durante o milênio.

## **Trombetas**

As trombetas parecem anunciar primariamente a atividade satânica e demoníaca:

- Trombeta 1: saraiva, fogo (ou relâmpagos) e sangue, o que resultará na consumição de uma terça parte da terra;

- Trombeta 2: lançamento de um vulcão em erupção ("grande montanha ardendo em chamas") no mar, com o resultado que a terça parte do mar se transformou em sangue ao mesmo tempo que pereceram uma terça parte da vida marinha e dos navios que navegavam nos oceanos;

- Trombeta 3: a queda de um meteorito, descrito como uma estrela ardente chamada "Absinto", em uma terça parte do suprimento de água potável (rios e fontes de água), tornando-a amargosa e venenosa, em razão do que muitas vidas se perderam;

- Trombeta 4: escurecimento do Sol, da lua e das estrelas em um terço de seu resplendor;

- Trombeta 5: abertura do abismo por parte de uma estrela (provavelmente Satanás) caída dos céus à terra, do que resultou o tormento demoníaco imposto a seres humanos, esses demônios se assemelhavam a gafanhotos e eram dotados de caudas como os escorpiões;

- Trombeta 6: uma outra praga, na qual cavaleiros demoníacos fazem sucumbir uma terça parte da humanidade;

- Trombeta 7: os reinos deste mundo tornam-se o reino de Cristo, com relâmpagos, trovões, um terremoto e a chegada do tempo para impor o julgamento e doar os galardões. É evidente que muito da linguagem usada nessas descrições tem por escopo ser entendido simbolicamente. Não obstante, a linguagem simbólica transmite verdades literais, pelo que o intérprete deve evitar a exagerada espiritualização. A montanha ardendo em chamas, ou vulcão, e a estrela ardente, ou meteorito, mui provavelmente aludem a anjos caídos, quiçá o próprio Satanás, tal como se dá também no caso da estrela caída dos céus à terra, quando da sexta trombeta. Satanás e as suas hostes demoníacas estravasam a sua ira sobre a terra de maneiras que nos são impossíveis antecipar com certeza. *Ler Apocalipse 8:6 - 11:19.*

## **As duas testemunhas**

As duas testemunhas, na primeira parte do décimo primeiro capítulo, provavelmente ministrarão durante os últimos três anos e meio (1.260 dias ou quarenta e dois meses) da tribulação, porquanto, durante o tempo em que estiverem profetizando, os gentios "calçarão aos pés a cidade santa" (vide 11:2). Não há que duvidar que isso se refere à perseguição contra a nação judaica, o que ocorrerá na segunda metade do período da tribulação, depois que o Anticristo houver rompido a sua aliança com Israel (vide Daniel 9:27).

Os futuristas geralmente identificam as duas testemunhas como Moisés e Elias, os quais reaparecerão na cena terrestre como representantes da lei e dos profetas. O retorno de Elias para ministrar a Israel foi predito por Malaquias 4:5, o que foi confirmado por Jesus (vide Mateus 17:11 e Marcos 9:12a). Moisés e Elias apareceram juntos no monte da Transfiguração, durante o primeiro advento de Jesus; e os milagres operados pelas duas testemunhas, em Apocalipse 11:6, correspondem aos milagres registrados no Antigo Testamento a respeito de Moisés (transformação da água em sangue e invocação de pragas contra a terra - comparar com Êxodo 7 - 12) e de Elias (o qual feriu seus inimigos com relâmpago ou "fogo" - comparar com II Reis 1:9-12 - e determinou a seca - comparar com I Reis 17:1). Outros estudiosos identificam as duas testemunhas como Enoque e Elias, as únicas personagens bíblicas que evitaram a morte física (por terem sido arrebatados aos céus) e que, por esse motivo, serão reenviados à terra, durante a tribulação, a fim de testificarem até tombarem como mártires. Entretanto, a última geração da igreja não experimenta a morte física, em razão do que não precisamos supor que Enoque e Elias terão fatalmente de vir morrer, a fim de manterem a regra geral da morte física, como parte integrante da maldição imposta ao pecado. Interpretadas de modo ainda diferente de tudo isso, talvez em moldes por demais simbólicos, as duas testemunhas representariam o testemunho coletivo do povo de Deus sobre a terra durante o período da tribulação.

## **A mulher e o menino**

No décimo segundo capítulo, a mulher representa Israel (ou, alternativamente, a Igreja), as doze estrelas de sua coroa seriam as doze tribos de Israel (alternativamente, os doze apóstolos da Igreja), e o nascimento de seu filho representa o nascimento do Messias Jesus, o qual procedeu da nação de Israel. O dragão retrata a Satanás. A terça parte das estrelas significa os anjos caídos, os quais, por haverem seguido a Satanás, transformaram-se em seres demoníacos. O arrebatamento do menino nascido aos céus representa a ascensão de Jesus ao término de Sua carreira terrena. E a proteção outorgada à mulher, defendendo-a dos ataques do dragão durante os 1.260 dias que ela passará no deserto, representa a proteção dada ao remanescente judaico (os 144 mil?), o que os livrará da perseguição satanicamente inspirada e encabeçada pelo Anticristo, durante a última metade da tribulação. *Ler Apocalipse 12.*

## A besta e o falso profeta

No décimo terceiro capítulo, a besta e o falso profeta têm sido

*A Planície de Esdrelom, vista das colinas de Nazaré. Encruzilhada comercial histórica e local de importantes batalhas na história de Israel, essa planície é apontada como a cena de vastos conflitos, retratados em Apocalipse 16.*



interpretados como representações do reavivado império romano e do Anticristo, respectivamente.

Mais provavelmente, contudo, a besta representa o reavivado império romano personificado em sua cabeça, o Anticristo, ao passo que o falso profeta seria o sumo-sacerdote judeu do culto ao Anticristo, o qual mandará

colocar a imagem do Anticristo (uma "imagem" do império romano restaurado é difícil de conceber) no templo reedificado pelos judeus em Jerusalém e tentará forçar os israelitas a adorá-la (comparar com II Tessalonicenses 2:3,4,9; Marcos 13:14; Mateus 24:15 e Daniel 9:27). Em Apocalipse 19:20, tanto a besta quanto o falso profeta parecem ser indivíduos, porquanto ambos terminam sendo lançados no lago de fogo: "Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta... Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre". *Ler Apocalipse 13 e 14.*

## Os 144 mil

Os 144 mil aparecem de novo no décimo quarto capítulo, dessa vez sobre o monte Sião, em companhia de Cristo, o Cordeiro, celebrando sua passagem triunfal pela tribulação. Isso subentende um ponto de tempo perto do final da tribulação, após a descida de Cristo, e também constitui uma indicação (entre outras) de que as visões de João saltavam para frente e para trás cronologicamente.

## Colheitas

As duas colheitas, referidas em 14:14 ss. podem simbolizar ambas o juízo divino, por ocasião da segunda vinda de Cristo. Ou então, de conformidade com os pós-tribulacionistas, a primeira colheita, a "ceifa", recolhida por alguém "semelhante a filho de homem", que estava assentado sobre uma nuvem branca, representa o arrebatamento da Igreja, quando da volta de Jesus, terminada a

tribulação; e, por causa da expressão "cólera de Deus", a segunda colheita, a "vindima", representa a explosão que se seguirá imediatamente depois da ceifa, na forma do julgamento da batalha de Armagedom.

## **Taças**

João afirma explicitamente que as taças representam pragas originadas na cólera de Deus, provavelmente concentradas todas nos momentos finais da tribulação ("os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus", 15:1):

- Taça 1: úlceras malignas;
  - Taça 2: transformação do mar em sangue, resultando na morte de toda a vida marinha (uma intensificação da praga anunciada pela segunda trombeta);
  - Taça 3: todos os rios e fontes de água são transformados em sangue (intensificação da terceira trombeta);
  - Taça 4: calor escaldante;
  - Taça 5: trevas e dores;
  - Taça 6: convocação das hordas provenientes do Oriente para a batalha de Armagedom, com a convergência das nações gentílicas na direção da Palestina, ou para combaterem unidas contra Israel ou para se digladiarem entre si, visando a Palestina como a sua presa - mas Cristo voltará a fim de livrar Israel no último instante;
  - Taça 7: "Está feito", um terremoto, trovões, relâmpagos e a derrocada das potências pagãs.
- Ler Apocalipse 15 e 16.*

## **A queda de Babilônia**

O colapso do reavivado império romano é celebrado a seguir. "Babilônia" simboliza a cidade de Roma, porquanto Roma tomara o lugar daquela cidade mesopotâmica como o centro idólatra, imoral e perseguidor do povo de Deus no mundo. (Vide a discussão às págs. 391s, acerca da aplicação do termo "Babilônia" a Roma, em I Pedro.) O capítulo dezessete frisa a religião falsa de Roma pagã; o capítulo dezoito, destaca o comercialismo e o materialismo de Roma. Grande parte de fraseologia desses capítulos se deriva das profecias contra Babilônia, em Isaías 13, 14, 46 - 48 e (especialmente), Jeremias 50 e 51, como também da profecia contra Tiro, em Ezequiel 26 - 28. *Ler Apocalipse 17 e 18.*

## **As bodas**

O banquete das bodas do Cordeiro figura a união dos santos com seu Salvador, por ocasião do banquete messiânico, milenarmente esperado. Os pré-tribulacionistas pensam que esse acontecimento terá lugar nos céus, durante a tribulação, porque toda a Igreja já teria sido recolhida aos céus por aquela altura. Os pós-tribulacionistas, por seu turno, encaram essas coisas como à beira do seu cumprimento, o que se dará por ocasião da volta de Cristo, terminada a tribulação, visto que a última geração da Igreja continuará viva à face da terra até então.

## **A "parousia"**

Na oportunidade de Seu regresso, Cristo destruirá os exércitos concentrados das nações ímpias. A besta e o falso profeta serão lançados vivos no lago de fogo. Satanás será confinado à prisão pelo espaço de mil anos. Os mortos justos haverão de ressuscitar e compartilharão do reinado milenar de Cristo sobre a terra. João põe em evidência os mártires, mencionando-os de maneira especial, a fim de encorajar a boa disposição do povo de Deus para arrostarem o martírio, se necessário, conservando-se fiéis a Cristo. Satanás, liberado após os mil anos de prisão, instigará à revolta contra o governo de Cristo os muitos seres humanos que terão sido forçados a se submeterem ao domínio político de Jesus, sem que se tivessem submetido ao Seu senhorio espiritual. Porém, tal levante é esmagado, e então terá lugar o juízo final. *Ler Apocalipse 19 e 20.* (Os amilenistas atribuem a prisão de Satanás à obra de Cristo em Seu primeiro advento, a primeira ressurreição ao reavivamento espiritual daqueles que crêem em Cristo, o reinado de mil anos com Cristo ao domínio espiritual presente de Cristo e os santos (mil anos por ser número redondo e indicativo de muito tempo), a derrota da revolta à Segunda Vinda, e a segunda ressurreição à ressurreição física geral, dos justos e injustos igualmente, quando da segunda vinda de Cristo.)

## A nova Jerusalém

A nova Jerusalém, a imaculada noiva e esposa do Cordeiro, faz nítido contraste com a meretriz, Babilônia (Roma), retratada nos capítulos precedentes. O fato que as "nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória" (21:24) pode indicar que a nova Jerusalém descerá dos céus à terra no começo do reino milenar de Cristo. Porém, a abolição da morte, da tristeza, do luto, da dor e de todas "as primeiras coisas", associadas ao mundo no qual reside o mal (vide 21:4) aponta para o estado eterno, o qual será inaugurado depois do milênio, com a eliminação final do pecado e seus resultados maléficos.

E assim se encerra o Novo Testamento, mencionando a visão beatífica ("contemplarão a sua face", vide 22:4), apresentando um convite à vida-eterna (vide 22:17), uma maldição contra todo aquele que adicionar ou subtrair qualquer coisa das profecias do Apocalipse (vide 22:18,19), uma promessa sobre o retorno de Jesus e uma oração a esse respeito (vide 22:20) e, finalmente, uma bênção (vide 22:21). *Ler Apocalipse 21 e 22.*

## ESBOÇO SUMÁRIO DO APOCALIPSE

Tema: visões sobre o triunfo escatológico de Cristo sobre as forças anti-cristãs deste mundo.

### INTRODUÇÃO (1:1-8)

A. Título e meios de revelação (1:1,2)

B. Bênção conferida à leitura pública do livro (1:3)

C. Saudação (1:4,5a)

D. Doxologia (1:5b,6)

E. Declaração do tema (1:7,8)

I. CRISTO O SACERDOTE REAL, COM OS SETE CANDEEIROS (IGREJAS) E AS SETE ESTRELAS (ANJOS OU MENSAGEIROS DAS IGREJAS) (1:9-20)

II. AS SETE MENSAGENS ÀS IGREJAS DA ÁSIA (2:1 - 3:22)

A. Mensagem à igreja em Éfeso (2:1-7)

B. Mensagem à igreja em Esmirna (2:8-11)

C. Mensagem à igreja em Pérgamo (2:12-17)

D. Mensagem à igreja em Tiatira (2:18-29)

E. Mensagem à igreja em Sardes (3:1-6)

F. Mensagem à igreja em Filadélfia (3:7-13)

G. Mensagem à igreja em Laodicéia (3:14-22)

III. O TRIBUNAL CELESTE (4:1 - 5:14)

A. Adoração a Deus pelas quatro criaturas viventes e pelos vinte e quatro anciãos (4:1-11)

B. Aparecimento de Cristo como o Cordeiro, para tomar nas mãos o rolo com sete selos, e novos louvores (5:1-14)

IV. AS PRAGAS DA TRIBULAÇÃO (6:1 - 16:21)

A. Os primeiros seis selos, derivados da depravação humana (6:1-17)

1. Primeiro selo: militarismo (6:1,2) Os quatro

2. Segundo selo: guerra (6:3,4) Cavaleiros

3. Terceiro selo: fome (6:5,6) do

4. Quarto selo: morte (6:7,8) Apocalipse

5. Quinto selo: perseguição e martírio (6:9-11)

6. Sexto selo: fenômenos celestes (6:12-17)

B. Selagem protetora dos 144 mil (7:1-8)

C. A multidão de branco dos santos vindos da tribulação (7:9-17)

D. Sétimo selo: silêncio nos céus, trovões relâmpagos e um terremoto (8:1-5)

E. As primeiras seis trombetas derivadas das atividades de Satanás e seus demônios (8:6 - 9:21)

1. Primeira trombeta: saraiva, fogo (ou relâmpago), sangue e queima da terça parte da verdura da terra (8:7)



2. Segunda trombeta: queda do vulcão em erupção no mar, transformação em sangue de uma terça parte do mar, com destruição da terça parte da vida marinha e dos navios (8:8,9)
3. Terceira trombeta: queda de um meteorito sobre a terça parte do suprimento de água potável da terra, tornando-a venenosa e causando enorme número de mortes (8:10,11)
4. Quarta trombeta: escurecimento de um terço do Sol, da lua e das estrelas (8:12)
5. O anúncio das três últimas trombetas, que constituirão os três "ais" (8: 13)
6. Quinta trombeta: os gafanhotos saídos do abismo (9:1-12)
7. Sexta trombeta: matança de um terço da humanidade pelos cavaleiros demoníacos (9:13-21)
- F. Cancelamentos dos sete trovões, para evitar maior demora (10:1-7)
- G. João ingere um rolo de profecias sobre as nações (10:8-II)
- H. As duas testemunhas (11:1-13)
- I. Sétima trombeta: transferência do governo mundial para Cristo, relâmpagos, trovões, um terremoto, julgamento e galardões (11: 14-19)
- J. Proteção dada à mulher (Israel) que deu à luz a um menino (Cristo), para ela escapar do dragão (Satanás) (12:1-17)
- L. As duas bestas (13:1-18)
  1. A besta saída do mar, com sete cabeças e dez diademas (o revivido império romano e seu líder, o Anticristo) (13:1-10)
  2. A besta saída da terra (da Palestina), com dois chifres (um colaborador sumo-sacerdotal judaico do Anticristo) (13:11-18)
- M. Os 144 mil com Cristo no monte Sião, entoando cânticos (14:1-5)
- N. Três mensagens angelicais (14:6-12)
  1. O evangelho eterno (14:6-12)
  2. A queda de Babilônia (Roma) (14:8)
  3. A advertência para não se adorar a besta (14:9-12)
- O. As duas colheitas (14:14-20)
  1. Por alguém "semelhante a filho de homem" (14:14-16)
  2. Por um anjo em meio a muito derramamento de sangue (14:17-20)
- As sete taças, derivadas da cólera divina (15:1 - 16:21)
  1. Preparação (15:1 - 16:1)
  2. Primeira taça: úlceras malignas (16:2)
  3. Segunda taça: transformação do mar em sangue e morte de toda a vida marinha (16:3)
  4. Terceira taça: transformação de todos os rios e fontes de água em sangue (16:4-7)
  5. Quarta taça: calor escaldante (16:8,9)
  6. Quinta taça: trevas e dores (16:10,11)
  7. Sexta taça: convocação das hordas do Oriente para a batalha do Armagedom (16:12-16)
  8. Sétima taça: "Está feito", um terremoto, trovões, relâmpagos e a queda das potências pagãs (16:17-21)
- V. QUEDA DA BABILÔNIA (ROMA) E VOLTA DE CRISTO (17:1 - 19:21)
  - A. Descrição da Meretriz, Babilônia, com ênfase sobre seu paganismo, e predição de sua queda (17:1-18).
  - B. Destruição de Babilônia, com ênfase sobre o seu comercialismo (18:1 - 19:5)
  - C. O banquete das bodas do Cordeiro (19:6-10)
  - D. A descida de Cristo (19:11-16)
  - E. A derrota das hordas ímpias e o lançamento da besta e do falso profeta no lago de fogo (19:17-21)
- VI. O REINO DE CRISTO E DE DEUS (20:1 -22:5)
  - A. Satanás é amarrado por mil anos (20:1-3).
  - B. O reinado milenar de Cristo e de Seus santos (20:4-6)
  - C. A soltura de Satanás, e a rebeldia geral e abafamento da mesma (20:7-10)
  - D. O julgamento do grande trono branco (20:11 -15)
  - E. Nová Jerusalém, novos céus e nova terra (21:1 - 22:5)
- CONCLUSÃO (22:6-21)

- A. O Apocalipse é uma revelação fidedigna, com advertências e um convite (22:6-20)  
B. Bênção final (22:21).

Para discussão posterior:

- Como deveríamos entender as frases "as coisas que em breve devem acontecer" e "o tempo está próximo" (1:1,3), em face da passagem de quase dois mil anos de história da Igreja?
- Por qual razão as profecias preditivas são opacas, quanto ao seu significado, pelo menos até depois de seu cumprimento?
- Distribua os diversos ramos da cristandade, incluindo as denominações evangélicas, entre as categorias representadas pelas sete igrejas da Ásia.
- Quais diretrizes poderiam ajudar-nos a encontrar solução para a questão da interpretação literal versus interpretação figurada do Apocalipse?
- Quais acontecimentos, na história recente e atual, podem ser aduzidos como uma armação do palco para os eventos preditos no Apocalipse - ou deveríamos ao menos tentar engajar-nos em especulações dessa ordem?
- Por que existem tão poucos detalhes claramente compreensíveis a respeito dos céus e da terra nas Escrituras ? Tal suposição é falsa?

Para investigação posterior:

Tenney, M. C. Interpreting Revelation. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

Beasley-Murray, G.R. "O Apocalipse", em O Novo Comentário da Bíblia. Editado por F. Davidson, A. M. Stibbs, e E. F. Kevan. 1ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1976. Págs. 1449-1487.

Walvoord, John G. The Revelation of Jesus Christ. Chicago: Moody, 1966.

Pentecost, J. D. Things to Come. Grand Rapids: Zondervan, 1958. Quanto a uma ampla pesquisa sobre a escatologia bíblica do ponto de vista pré-milenar e dispensacional.

Allis, O. T. Prophecy and the Church. Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1945. Quanto a um ponto de vista amilenar e anti-dispensacional.

Ludwigson, R. Bible Prophecy Notes. 3ª edição. Grand Rapids: Zondervan, 1951. Quanto aos prós e contras de vários esquemas de interpretação profética.

Morris, Leon, The Biblical Doctrine of Judgment. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

Smith, Wilbur M. The Biblical Doctrine of Heaven. Chicago: Moody, 1968.

Lewis, C. S. The Great Divorce, A Dream. Londres: Bles, 1945. Quanto a uma moderna alegoria atinente ao céu e ao inferno.

## **CAPÍTULO 21 - Em retrospecto**

Jesus Cristo veio a este mundo em uma época de enfermidade religiosa e filosófica. O Seu próprio povo pátrio, os judeus, estava sob o tacão do domínio romano e aguardava o aparecimento de um Messias político. Quando Jesus pôs-se a repelir em termos gerais o vocábulo "Messias", carregado de nuances políticas, e apresentou-se como um Redentor espiritual (o Filho do Homem que deveria sofrer e morrer como Servo do Senhor, antes de ser exaltado à Sua posição de hegemonia), nem os Seus próprios discípulos puderam compreendê-Lo. Os judeus de maneira geral e os membros do Sinédrio em particular, rejeitaram-No, trocando-O por Barrabás, que era um político revolucionário. Dessa forma, Jesus morreu mediante a crucificação aos moldes romanos.

Mas a ressurreição vindicou a Jesus perante os Seus discípulos. Após a Sua ascensão e o derramamento do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, começaram a proclamar-No Senhor e Salvador. Sem embargo, aparentemente esperavam que Ele retornasse à terra no espaço de pouco tempo, e em um espírito contínuo (mas compreensível) de nacionalismo judaico, puseram-se a evangelizar a sua própria nação, em preparação para um reino que estaria prestes a ser estabelecido, segundo o qual Israel seria o cabeça das nações gentílicas. Todavia, a "*parousia*" foi adiada, e judeus helenistas convertidos (mormente em Antioquia da Síria), imbuídos de menor

preconceito anti-gentílico que a maioria dos judeus cristãos da Palestina, enviaram a Barnabé e Paulo para o primeiro esforço conjunto para a conquista dos gentios para a cruz. O sucesso inspirou outras missões entre os gentios, e eventualmente o evangelho se propagou por todo o império romano.

O sucesso evangelístico exigia organização de grupos locais de convertidos, para fins de instrução e adoração. A estrutura da igreja institucional começou a tomar forma. A instrução doutrinária e ética foi ampliada por meio daqueles elementos do Antigo Testamento que não tinham ficado obsoletos através do cumprimento neotestamentário, como também por meio da memorização, aplicação e extensão dos ensinamentos e exemplos de Jesus. Isso abriu caminho, sob a orientação norteadora do Espírito Santo, a uma mais profunda reflexão sobre a natureza da pessoa e da obra de Cristo, sobre a significação da Igreja e sobre o futuro escatológico.

Excetuando alguns poucos dispersos e atualmente perdidos escritos, a primitiva comunicação da doutrina e da ética cristã se fazia pela via oral. A propagação geográfica do evangelho criou a necessidade de serem instruídos os cristãos à distância. Foi assim que teve início a redação da literatura epistolar do Novo Testamento. Algo mais tarde, teve começo a escrita dos evangelhos (O livro de Atos deveria ser considerado, na realidade, como a segunda parte do evangelho de Lucas.) como um meio literário de evangelizar os incrédulos, de confirmar a fé dos crentes e de prover um registro escrito autoritativo acerca da vida e do ministério de Jesus, porquanto já decrescia o número das testemunhas oculares desses fatos, por causa da morte física e da simples passagem do tempo. Finalmente, já próximo ao fim do primeiro século cristão, o último apóstolo sobrevivente, João, contribuiu com os escritos finais do Novo Testamento, tendo-se utilizado das formas literárias de evangelho e epístola, acrescentando um livro sem par, no concernente à sua forma, em todo o Novo Testamento - o visionário e prospectivo livro de Apocalipse. Depois disso começou o processo da coleção e canonização dessas obras escritas. Quanto a um sumário final da literatura neotestamentária, vide o quadro às págs. 430, 431.

GRÁFICO		DOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO			
Livro	Autor	Data (A. D.) 1	Local de Escrita	Endereçados	Temas e Ênfases Distintivos
Gálatas	Paulo	49, logo depois da 1ª viagem missionária de Paulo	Antioquia Síria	Cristãos de Antioquia da Síria, Icônio, Listra e Derbe, da Galácia.	Justificação pela graça divina mediante a fé em Cristo contra a doutrina judaizante das obras meritórias da lei.
I Tessalonicenses	Paulo	50-51, durante a 2ª viagem missionária	Corinto	Cristãos de Tessalônica	Congratulação ante a conversão e o crescimento cristão e exortação a maior progresso, com ênfase sobre o consolo e a expectativa pela "parousia".
II Tessalonicenses	Paulo	50-51, durante a 2ª viagem missionária	Corinto	Cristãos de Tessalônica	Eliminação de uma crença fanática (em gendrada pela perseguição), ante a iminência da "Parousia"
I Coríntios	Paulo	54, durante a 3ª viagem missionária	Éfeso	Cristãos de Corinto	Problemas de maneiras, moral e crenças no seio da igreja.
II Coríntios	Paulo	55, durante a 3ª viagem missionária	Macedônia	Cristãos de Corinto	Sentimentos íntimos de Paulo sobre seu ministério apostólico; oferta à igreja de Jerusalém.
Romanos	Paulo	55, durante a 3ª viagem missionária	Corinto	Cristãos de Roma	Justificação pela graça divina mediante a fé em Cristo.
Tiago	Tiago, meio-irmão de Jesus	40s ou 50s começo dos 60s	Jerusalém	Cristãos judeus da Dispersão	Exortações sobre a conduta cristã na vida diária.
Marcos	João Marcos	fim dos 50s ou	Roma	Romanos não-cristãos	Atividade remidora de Jesus.
Filemom	Paulo	60	Roma	Filemom, sua família e a igreja de sua casa - tudo em Colossos	Piedade por um escravo fugido, Onésimo, que se tornara cristão
Colossenses	Paulo	60	Roma	Cristãos de Colossos	A preeminência de Cristo.
Eféssios	Paulo	60	Roma	Cristãos da região em torno de Éfeso	Privilégios espirituais e responsabilidades da Igreja.
Lucas	Lucas	60	Roma	Gentios não-cristãos, com alguma cultura e interesse pelo guma cultura e interesse pelo cristianismo	A certeza histórica do evangelho.
Atos	Lucas	61	Roma	Gentios não-cristãos, com alguma cultura e interesse pelo guma cultura e interesse pelo cristianismo	O avanço irresistível do evangelho, de Jerusalém a Roma
Filipenses	Paulo	61	Roma	Cristãos de Filipos	Gratidão pela ajuda financeira, com notícias pessoais e exortações
I Timóteo	Paulo	62	Macedônia	Timóteo, em Éfeso	Organização e administração de igrejas por parte de Timóteo.
Tito	Paulo	62	Nicópoli	Tito, em Creta	Administração das Igrejas de Creta, por Tito.
II Timóteo	Paulo	63	Roma	Timóteo, em Éfeso	Comissão dada a Timóteo para levar avante a obra de Paulo.
I Pedro	Pedro	63	Roma	Cristãos da Ásia Menor	A salvação e a conduta dos cristãos que sofrem.

II Pedro	Pedro	63-64	Roma	Cristãos da Ásia Menor	Verdadeiro conhecimento da crença cristã versus os mestres falsos e sua negação da "parousia".
Mateus	Mateus	60s	Antioquia da Síria	Judeus na Síria	O Messias e o novo povo de Deus.
Hebreus	desconhecido (Apolo?)	60s	Desconhecido	Cristãos judeus em Roma	A superioridade de Cristo como impediente contra a apostasia do cristianismo para o judaísmo.
Judas	Judas, meio-irmão de Jesus	60s ou 70s	Desconhecido	Cristãos em toda a parte	Aviso contra os falsos mestres no seio da Igreja.
João	João	fim dos 80s ou começo dos 90s	Éfeso	Cristãos e/ou não-cristãos na região ao redor de Éfeso.	A fé em Jesus como o Cristo e o Filho de Deus, visando à vida eterna.
I João	João	fim dos 80s ou começo dos 90s	Éfeso	Cristãos na região em redor de Éfeso	Críticos da verdadeira crença e prática cristã, em contraste com o gnosticismo.
II João	João	fim dos 80s ou começo dos 90s	Éfeso	Uma igreja local próxima de Éfeso.	O amor cristão e a verdade cristã.
III João	João	fim dos 80s ou começo dos 90s	Éfeso	Gaio, um cristão da região ao redor de Éfeso	Disputa eclesiástica que envolvia a Gaio, Diótrefes, Demétrio e o próprio João.
Apocalipse	João	fim dos 80s ou começo dos 90s	Patmos	Sete igrejas da parte ocidental da Ásia Menor	Visões do triunfo escatológico de Cristo sobre as forças anticristãs no mundo.

